NOSTRADAMUS
historiador e profeta

Jean-Charles
de Fontbrune

Jean-Charles de Fontbrune

Nostradamus

Profecias de 1555 ao ano 2000

Círculo do Livro

I. O método

"O homem sábio dominará, daqui da Terra, as influências dos planetas, os quais não reproduzem, necessariamente, suas virtudes nos corpos terrestres, mas apenas suas tendências, e por isso convém ter grande prudência e discernimento."

Ptolomeu

Entre todos os homens ilustres do século XVI, Michel de Nostredame, conhecido como Nostradamus, é incontestavelmente o que, depois de sua morte, deu origem ao maior número de obras literárias, com incidência no século XX, objeto essencial de sua visão profética.

Esse interesse manifestado por esta personagem enigmática faz supor que a mesma tenha deixado uma "grande obra", fora do comum, dotada de um poder excepcional de fascinação.

Se excluirmos os textos apócrifos e os que aparecem na edição de 1568, a obra de Nostradamus estrutura-se da seguinte forma:

1. A *"Carta ao seu filho, César":* texto em prosa, na realidade uma advertência ao seu futuro tradutor. Esse texto reveste-se de importância capital para a compreensão da obra.

2. *Doze centúrias,* divididas da seguinte maneira:

— As centúrias I, II, III, IV, V, VI, IX, X, com cem quadras cada uma.

— A centúria VII, composta de quarenta e seis quadras.

— A centúria VIII, composta de cem quadras, aumentada de mais oito.

— A centúria XI, composta de duas quadras.

— A centúria XII, composta de onze quadras.

Portanto, um total de novecentas e sessenta e sete quadras.

3. *Uma quadra em latim*, colocada entre a centúria VI e a centúria VII, representando uma advertência complementar.

4. *Os presságios*, em número de cento e quarenta e um.

5. *As sextilhas*, em número de cinqüenta e oito.

6. A *"Carta a Henrique, Rei de França, segundo"*: texto em prosa, colocado no fim da centúria VII, uma espécie de quadro sinótico das visões de Nostradamus.

É importante chamar a atenção para o fato de que é possível mudar o conteúdo de um texto, quase que imperceptivelmente, modificando-lhe a forma.

A carta ao rei da França é apresentada com "cabeçalho" idêntico ao de todas as edições antigas, inclusive a de Chevillot, de Troyes (1611): "Ao Invencível, Todo-Poderoso e Mui Cristão Henrique, Rei de França, segundo, Michel Nostradamus, seu muito humilde e obediente servidor e súdito, vitória e felicidade".

Em várias edições posteriores à de 1611, aparece a seguinte modificação: "Ao Invencível, Todo-Poderoso e Mui Cristão Henrique II, Rei de França, Michel Nostradamus..."

A transformação de "Henrique, Rei de França, segundo", para "Henrique II, Rei de França" altera a identidade do destinatário e o sentido da carta. Na realidade, se se tratasse de Henrique II, os qualificativos de "invencível" e "todo-poderoso" não se aplicariam, pois esse rei teve um reinado efêmero e, ao que parece, morreu tragicamente num torneio, em 11 de julho de 1559. Porém, se for respeitada a forma das edições anteriores, a palavra "segundo", colocada não logo depois do nome "Henrique", mas depois de "Rei de França", é, na verdade, um epíteto da palavra "rei", e devemos procurar seu significado no sentido latino do termo. *"Secundus"*, em sentido figurado, significa "favorável", "propício", "feliz". A carta, portanto, não foi dirigida a Henrique II, mas a um rei da França, que apareceria na história desse país num momento crítico. Alguns autores

aventaram a hipótese de que se tratasse de Henrique IV. Mas não há como provar tal teoria, uma vez que, em várias quadras, Nostradamus indica claramente tratar-se de um rei cujo nome é Henrique, mas, em outras, é indicado pelo número V. Portanto, a carta é dirigida a uma personagem de valor excepcional, que não cumpriu ainda seu destino na história.

Fechando esse parêntese, se somarmos os versos escritos por Nostradamus, teremos um total de quatro mil setecentos e setenta e dois versos, escritos em francês arcaico, uma língua intimamente ligada às suas origens greco-latinas, o que explica as dificuldades encontradas pelos exegetas que não têm, em primeiro lugar, a formação literária indispensável para *traduzir* a obra para o francês do século XX, e, em segundo, para reconstituir o gigantesco quebra-cabeça cujas peças são as quadras. Assim, os livros sobre Nostradamus estão repletos de inúmeros erros filológicos, o que levou muitos a acreditarem na tese segundo a qual a obra de Nostradamus não passa de um texto obscuro e incompreensível, sendo a crítica mais freqüente a de que as quadras podem ser interpretadas de acordo com o ponto de vista de cada um! Isso seria o mesmo que afirmar que a linguagem usada pelo profeta não tinha nenhum sentido, o que para mim é inaceitável.

Existem vários ensaios de interpretação das centúrias, elaborados antes do século XX, mas seu número é extremamente reduzido comparado à quantidade dos que surgiram, especialmente a partir de 1938, data em que meu pai, o Dr. Max de Fontbrune, começou, pela primeira vez, um estudo quase exaustivo da obra.

Anteriormente, a primeira tentativa fora feita por um amigo de Nostradamus, em 1594, Jean Aimé de Chavigny [1]. Em seguida, Guynaud [2], em 1693, e Bareste [3], em 1840, que se inspirou nos dois primeiros; depois, Le Pelletier [4], em 1867, que, por sua vez, se inspirou nos três primeiros exegetas; e o Abade Torné-Chavigny [5], em 1870, que repetiu a

[1] *La première face du Janus français extraite et colligée des centuries de Michel Nostradamus, les héritiers de Pierre Roussin,* Lyon, 1594.
[2] *Concordance des prophéties depuis Henri II jusqu'à Louis Le Grand,* Jacques Morel, Paris, 1693.
[3] Publicação das centúrias, Maillet, Paris, 1840.
[4] *Les oracles de Nostradamus, astrologue, médecin et conseiller ordinaire des rois Henry II, François II et Charles IX,* Le Pelletier, Paris, 1867, dois volumes.
[5] Várias obras editadas por conta do autor, entre 1860 e 1878.

interpretação dos precedentes. Vem, em seguida, P. V. Piobb, em 1929 [1], que, desprezando completamente as advertências de Nostradamus, procurou encontrar a solução do problema no ocultismo.

Todos os autores acima citados traduziram apenas algumas quadras. E se tomarmos o mais importante, ou seja, Le Pelletier, constataremos que traduziu somente cento e noventa e quatro quadras das novecentas e sessenta e sete, quatro presságios dos cento e quarenta e um, e cinco sextetos dos cinqüenta e oito. Portanto, está bem longe de ser um estudo completo. Há ainda um fato que poderia surpreender uma mente mais histórica do que técnica: a "mensagem" de Nostradamus foi escrita para o século XX, e, portanto, os textos que se referem aos séculos anteriores servem apenas de testemunho da autenticidade da profecia.

Em 1934, meu pai, que recebera em Sarlat, em condições misteriosas, uma edição de 1605, cópia integral da edição de 1568 de Benoît Rigaud, de Lyon, começou a fazer uma tradução minuciosa das quadras do texto de Nostradamus, para publicar o primeiro estudo em 1938, no qual anunciava, além da invasão da França através da Bélgica, pelos exércitos alemães, a derrota dos alemães nessa guerra, e o fim trágico de Hitler. Essas previsões sombrias provocaram a perseguição da Gestapo e a retirada da obra de todas as livrarias da França; e para concluir essa obra destruidora da mensagem profética, a composição da mesma foi feita na gráfica de Cahors. O artigo de 24 de setembro de 1944, do jornal *Sud-Ouest,* e a ordem da censura datada de 13 de novembro de 1940 vão abaixo transcritos:

1. Jornal *Sud-Ouest:* "LAVAL PROIBIU AS PROFECIAS DE NOSTRADAMUS porque elas falam de um velho 'ridicularizado por todos' e de um 'general que retorna triunfante'.

Há alguns meses, por iniciativa pessoal, Pierre Laval mandou retirar das livrarias e proibiu as *Profecias de Nostradamus,* do Dr. de Fontbrune. Até que ponto vai a prudência!

O Dr. de Fontbrune vive tranqüilamente em Sarlat. Esse homem da ciência, que nos deu a melhor tradução dos comentários do grande iniciado, tem hoje a fama de adivinho. Durante a guerra, fez parte da Resistência ativa, como médico, salvando, com incrível generosidade, muitos dos nossos companheiros.

[1] *Le secret de Nostradamus,* Adyar, Paris, 1929.

No seu livro sobre Nostradamus, o Dr. de Fontbrune prevê: um ataque da África, a entrada na Itália dos futuros vencedores, os grandes combates aéreos; em seguida, os combates terrestres em solo francês, então 'sob o comando de um velho, que será, depois, desprezado' e, diz o texto antigo, 'ridicularizado por todos'; a libertação gloriosa feita por um general que 'se afastara momentaneamente e que voltaria triunfante'.

Esta última profecia provocou a interdição do livro cujo capítulo final anuncia a derrocada da Alemanha e sua divisão. Temos de reconhecer que acertou em cheio. O Dr. de Fontbrune e seu amigo Nostradamus foram vingados... e nós também!"

2. Ordem da censura:

"Controle da informação
imprensa cinema
censura-radiodifusão
seção principal
de Cahors

Cahors, 13-11-1940

Do Sr. Nismes, chefe da censura de Cahors, aos senhores diretores da Gráfica Coueslant, de Cahors.

Pela presente confirmo que, por decisão da vice-presidência do Conselho, a obra impressa em suas oficinas intitulada *As profecias do Mestre Michel Nostradamus,* do Dr. de Fontbrune, Michelet, editor em Sarlat, foi objeto de suspensão de publicação. Por conseguinte, fica interditada a sua venda, e se são os senhores que fornecem os exemplares às livrarias da região, deverão tomar todas as providências necessárias para que os mesmos sejam devolvidos à editora, uma vez que serão mesmo apreendidos, tanto na impressora como na editora de Sarlat. O número da edição (sexta, sétima ou oitava) da obra é irrelevante, uma vez que em todas elas os comentários do Dr. de Fontbrune são de molde a provocar fortes reações da parte das autoridades de ocupação.

Ch. Nismes
(P.C.C.)"

Nascido a 19 de outubro de 1935, num contexto nostradâmico, posso dizer que fui iniciado, formado e criado dentro das profecias de Nostradamus, uma vez que vivi com meu pai até a sua morte, em Montpellier, no dia 6 de junho

de 1959. Depois de um interregno de vinte e oito meses, durante os quais prestei o serviço militar, retornei, em 1963, à obra do meu pai, que continha ainda pequenos erros ou imprecisões. E, partindo da sua extraordinária visão sintética da obra completa, retomei a análise detalhada do texto. Isso me permitiu recolocar no passado alguns textos que meu pai atribuíra ao futuro, e, também, traduzir e explicar, pela primeira vez, textos jamais traduzidos ou compreendidos por qualquer exegeta.

A partir de 1938, apareceram vários livros sobre Nostradamus, muitos deles inspirados na obra do Dr. de Fontbrune, às vezes verdadeiros plágios pretensiosos. Citaremos, entre outros, o livro de um astrólogo famoso, Maurice Privat, que publicou um ensaio sobre Nostradamus cujo título era, por si só, um programa: *1940, o ano glorioso francês*[1]. Esta obra surgiu no momento em que meu pai anunciava a catástrofe que seria para a França a Segunda Guerra Mundial.

Alguns autores prestaram ao meu pai a homenagem devida: "Antes da Segunda Guerra Mundial, o Dr. de Fontbrune publicou um estudo minucioso das profecias"[2].

"O método do Dr. de Fontbrune parece ter sido o mais adotado, desde que Bareste apresentou, em 1840, os primeiros ensaios de decodificação."[3]

"Em memória do Dr. de Fontbrune, em cuja obra aprendi a conhecer Nostradamus."[4]

"Um dos trabalhos mais sérios é, indiscutivelmente, o do Dr. de Fontbrune."[5]

Citamos, a seguir, alguns trechos da correspondência entre Henry Miller e o Dr. de Fontbrune, que se conheceram em 1953, na Dordogne:

"Mais uma vez, quero acentuar o dom que o senhor possui de elucidar as questões com poucas palavras. Um dom raro, acredite. Sente-se em sua pessoa uma integridade inquebrantável, que torna lúcido tudo o que diz".

"Como vê, sem querer, o senhor se tornou para mim uma espécie de 'confessor'. O que eu jamais diria a um homem da Igreja, digo ao senhor espontaneamente. Gosto muito dos homens que chegaram a uma visão do mundo e da vida eterna."

"Quanto mais penso no seu trabalho, na sua criação como intérprete, mais o admiro e estimo. O modo pelo qual o senhor se dedica à profecia é para mim uma fonte de constante admiração, embora sabendo que é o único e inevitável modo de se iniciar nesse trabalho. Compete ao gênio descobri-lo."

"Labor ommia vincit improbus"
Virgílio, *As geórgicas*.

Assim, neste livro apresento os primeiros resultados de quarenta e quatro anos de estudo de pai e filho.

O leitor encontrará neste volume todos os textos já confirmados pela história, apresentados como uma demonstração dificilmente refutável do caráter autenticamente profético que devemos atribuir a Nostradamus, embora ele próprio, modestamente, se recusasse a atribuir-se o título de profeta.

Para compreender o caráter hermético da obra é necessário conhecer a "Carta a César", que apresentamos aqui acompanhada de sua tradução integral. As advertências de Nostradamus ao seu futuro tradutor são da maior importância para penetrarmos a mensagem profética. A magia e o ocultismo estão completamente fora de cogitação.

---

[1] Éditions Médicis, Paris, 1938.
[2] Michel Touchard, *Nostradamus*, Grasset, 1972.
[3] Eric Muraise, *Saint-Rémy de Provence et les secrets de Nostradamus*, Julliard, 1969.
[4] Jean Monterey, *Nostradamus, prophète du XX.e siècle*, La Nef de Paris, 1961.
[5] Camille Rouvier, *Nostradamus*, La Savoisienne, Marselha, 1964.

Préface de M. Nostradamus à ses prophéties

Ad Caesarem Nostradamus filium vie et félicité

Ton tard advènement Cesar Nostredame, mon filz, m'a faict mettre mon long temps par continuelles vigilations nocturnes reférer par escript, toy délaisser mémoire, après la corporelle extinction de ton progéniteur, au commun profit des humains de ce que la divine essence par Astronomiques révolutions m'ont donné cognoissance. Et depuis qu'il a pleu au Dieu immortel que tu ne sois venu en naturelle lumière dans ceste terriene plaige, et ne veulx dire les ans qui ne sont encores accompaignés, mais tes moys Martiaux incapables à recevoir dans ton débile entendement ce que je seray contrainct après mes jours desiner (1): vu qu'il n'est possible te laisser par escript ce que seroit par l'injure du temps oblitéré; car la parolle héréditaire de l'occulte prédiction sera dans mon estomac incluse; consydérant aussi les adventures de l'humain désinement estre incertaines, et que tout est régi et guberné par la puissance de Dieu inextimable, nous inspirant non par bacchante fureur ne par lymphatique mouvement mais par astronomiques assertions, *Soli numine divino afflati praesagiunt et spiritu prophetico particularia.* Combien que de long temps par plusieurs foys j'aye predict long temps auparavant ce que depuis est advenu et en particulières régions, attribuant le tout estre faict par la vertu et inspiration divine et autres félices et sinistres adventures de accélerée promptitude prononcées que depuis sont advenues par les climats du monde — ayant voulu taire et délaisser pour cause de l'injure du temps présent, mais aussi de la plus grande part du futur, de mettre par escript pour ce que les regnes, sectes et religions feront changes si opposites, voyre au respect du present diamétralement, que si je venais à referer ce qu'à l'advenir sera, ceux de règne, secte, religion et foy trouveroient si mal accordant à leur fantaisie auriculaire qu'ils viendroient à dammer ce que par les siècles advenir on cognoistra estre veu et apperceu. Consydérant aussi la sen-

tance du vray Sauveur, *Nolite sanctum dare canibus, nec mittatis margaritas ante porcos ne conculcent pedibus et conversi dirumpant vos,* qui a esté cause de faire retirer ma langue au populaire et la plume au papier: puis me suis voulu estendre déclarant pour le commun advènement par obstruses et perplexes sentences les causes futures, mesme les plus urgentes et celles que j'ay apperceu, quelque humaine mutation que advienne ne scandalisez l'auriculaire fragilité, et le tout escript sous figure nubileuse, plus que du tout prophétique: — combien que, *Abscondisti haec a sapientibus et prudentibus, id est potentibus et regibus et ennucleasti ea exiguis et tenuibus,* et aux Prophètes — par le moyen de Dieu immortel et des bons anges ont receu l'esprit de vaticination par lequel ils voyent les causes loingtaines et viennent à prévoyr les futurs advènements car rien ne se peult parachever sans luy — auxquels si grande est la puissance et la bonté aux subjects que pendant qu'ils demeurent en eulx, toutesfois aux aultres effects subjects pour la similitude et la cause du bon Genius, celle chaleur et puissance vaticinatrice s'approche de nous: comme il nous advient des rayons du soleil, qui se viennent jettans leurs influences aux corps elementeres et non elementeres. — Quant à nous qui sommes humains ne pouvons rien de nostre naturelle cognoissance et inclination d'engin, cognoistre des secretz obtruses de Dieu le créateur, *Quia non est nostrum noscere tempora nec momenta,* etc. Combien que de présent peuvent advenir et estre personnaiges que Dieu le créateur aye voulu reveler par imaginatives impressions, quelques secretz de l'advenir accordés à l'astrologie judicielle comme du passé, que certaine puissance et volontaire faculté venoit par eulx" comme flambe de feu apparoir, que luy inspirant on venoit à juger les divines et humaines inspirations. — Car les oeuvres divines, que totalement sont absolues, Dieu les vient parachever: la moyenne qui est au milieu, les anges; la troisième, les mauvais. — Mais, mon filz, je te parle icy un peu trop obstrusement; mais quant aux occultes vaticinations que l'on vient à recevoyr par le subtil esprit du feu qui quelque foys par l'entendement agité contemplant le plus hault des astres, comme estant vigilant, mesme que aux prononciations estant surprins escripts prononceant sans crainte moins attainct d'inverecunde loquacité: mais à quoy? tout procedoit de la puissance divine du grand Dieu éternel, de qui toute bonté procède. — Encores, mon filz, que j'aye inséré le nom de prophète,

je ne me veulx attribuer tiltre de si haulte sublimité pour le temps présent: car qui *Propheta dicitur hodie, olim vocabatur videns;* car prophète proprement, mon filz, est celuy qui voit choses loingtaines de la cognoissance naturelle de toute créature. — Et cas advenant que le prophète moyennant la parfaicte lumière de la prophètie lui apaire manifestement des choses divines, comme humaines: que ne ce peult fayre, veu les effects de la futur prédiction s'estendant au loing. — Car les secretz de Dieu sont incompréhensibles et la vertu effectrice, contingent de longue estendue de la cognoissance naturelle, prenant son plus prochain origine du libéral arbitre, fait apparoir les causes qui d'elles mesmes ne peuvent acquérir celle notice [1] pour estre cogniies ne par les humains augures, ne par aultre cognoissance ou vertu occulte comprinse soubz la concavité du ciel, mesme du faict présent de la totale éternité que vient en soy embrasser tout le temps. — Mais moyennant quelque indivisible éternité par comitiale agitation Hiraclienne,[2] les causes par le celeste mouvement sont cognuës. — Je ne dis pas, mon fils afin que bien l'entendes, que la cognoissance de ceste matière ne se peult encores imprimer dans ton debile cerveau, que les causes futures bien loingtaines ne soient à la cognoissance de la créature raisonnable: si sont nonobstant bonement la créature de l'âme intellectuelle, des causes presentes loingtaines ne luy sont du tout ne trop occultes ne trop referées: — Mais la parfaicte des causes notice ne se peult aquérir sans celle divine inspiration: veu que toute inspiration prophetique reçoit prenant son principal principe mouvant de Dieu le créateur, puis de l'heur et de nature. — Par quoy estant les causes indifférantes, indifferentement produictes et non produictes, le présage partie advient ou a esté prédict. — Car l'entendement créé intellectuellement ne peult voyr occultement, sinon par la voix faicte au lymbe [3] moyennant la exiguë flamme en quelle partie les causes futures se viendront à incliner. — Et aussi, mon filz, je te supplie que jamais tu ne veuilles emploier ton entendement à telles resveries et vanités qui seichent le corps et mettent à perdition l'âme, donnant trouble au foyble sens: mesme la vanité de la plus qu'exécrable magie

---

[1] Latim, *"notitia":* "conhecimento". D.L.L.B.

[2] Nostradamus compara sua obra, que compreende doze centúrias, aos doze trabalhos de Hércules, para demonstrar a importância de seus escritos.

[3] Latim, *"limbus":* "círculo zodiacal". D.L.L.B.

reprouvée jadis par les sacrées escriptures et par les divins canons: — au chef duquel est excepté le jugement de l'astrologie judicielle: par laquelle et moyennant inspiration et révélation divine, par continuelles veilles et supputations, avons nos prophéties redigées par escript. — Et combien que cette occulte Philosophie ne fusse reprouvée, n'ay onques voulu présenter leurs effrenées persuasions: — Combien que plusieurs volumes qui ont esté cachés par longs siècles me sont esté manifestés. Mais doutant ce qui adviendroit en ay faict, après lecture, présent à Vulcan, que pendant qu'il les venoit à dévorer, la flamme leschant l'air rendoit une clarté insolite, plus claire que naturelle flamme, comme lumière de feu de clystre fulgurant, illuminant subit la maison, comme si elle fust esté en subite conflagration. — Parquoy affin que à l'advenir ni feusses abusé perscrutant la parfaicte transformation tant selme que solaire, et soubz terre metaux incorruptibles, et aux undes occultes, les ay en cendres convertis. — Mais quant au jugement qui se vient parachever moyennant le jugement celeste cela te veux-je manifester: parquoy avoir cognoissance des causes futures, rejectant long les fantastiques imaginations qui adviendront, limitant la particularité des lieux par divine inspiration supernaturelle, accordant aux celeste figures, les lieux et une partie du temps de propriété occulte par vertu, puissance et faculté divine: en présence de laquelle les trois temps sont comprins par éternité, révolution tenant à la cause passée, présente et future: *quia omnia sunt nuda et aperta,* etc. Parquoy, mon filz, tu peulx facilement nonobstant ton tendre cerveau, comprendre que les choses qui doivent advenir se peuvent prophetizer par les nocturnes et celestes lumières que sont naturelles et par l'esprit de prophétie: non que je me veuille attribuer nomination ni effect prophétique, mais par révélée inspiration, comme homme mortel, esloigné non moins de sens au ciel que des pieds en terre, *Possum non errare, falli, decipi:* suis pecheur plus grand que nul de ce monde, subject à toutes humaines afflictions. — Mais estant surprins par foy la sepmaine lymphatiquant, et par longue calculation rendant les estudes nocturnes de souesve odeur, j'ay composé Livres de prophéties, contenant chacun cent quatrains astronomiques de prophéties, lesquelles j'ay un peu voulu raboter obscurément: et sont perpétuelles vaticinations, pour d'yci à l'année 3797. Que possible fera retirer le front à quelques-uns en voyant si longue extension; et par souz toute la concavité de la lune aura lieu et intelligence: et ce entendant universellement les causes, mon fils — que si tu vis l'aage naturel et humain, tu verras devers ton climat, au propre ciel de ta nativité, les futures adventures prévoir. — Combien que le seul Dieu éternel, soit celuy qui cognoit l'éternité de sa lumière, procédant de luy mesme: et je dis franchement qu'à ceulx à qui sa magnitude immense, qui est sans mesure et incompréhensible, a voulu révéler par longue inspiration melancholique, que moyennant icelle cause occulte manifestée divinement, principalement de deux causes principales qui sont comprinses à l'entendement de celui inspiré qui prophétise: l'une est que vient à infuser, esclarcissant la lumière supernaturelle au personnaige qui predit par la doctrine des astres et prophétise par inspirée revélation: — laquelle est une certaine participation de la divine éternité: moyennant le prophète vient à juger de cela que son divin esprit luy a donné par le moyen de Dieu le créateur et par une naturelle instigation: c'est assavoir que ce que predict est vray, et a prins son origine ethereément; et telle lumière et flambe exiguë est de tout efficace et de telle altitude: non moins que la naturelle clarté et naturelle lumière rend les philosophes si asseurés que moyennant les principes de la première cause ont attainct à plus profonds abysmes de plus haute doctrine. — Mais à celle fin, mon fils, que je ne vague trop profondément pour la capacité de ton sens, et aussi que je trouve que les lettres feront si grand et incomparable jacture, que je treuve le monde avant l'universelle conflagration advenir tant de déluges et si hautes inundations, qu'il ne sera gueres terroir qui ne soit couvert d'eau: — Et sera par si long temps que hors mis enographies et topographies, que le tout soit péri; — aussi avant telles et après inundations, en plusieurs contrées les pluies seront si exiguës et tombera du ciel si grande abondance de feu et de pierres candantes, que n'y demourra rien qui ne soit consummé: et ce ci advenir, et en brief et avant la dernière conflagration. — Car encores que la planète Mars parachève son siècle et à la fin de son dernier periode, si le reprendra-t-il; mais assemblés les uns en Aquarius par plusieurs années, les autres en Cancer par plus longues et continues. — Et maintenant que sommes conduicts par la lune, moyennant la totale puissance du Dieu eternel, que autant qu'elle aye parachevé son total circuit, le Soleil viendra et puis Saturne. — Car selon les signes celestes le regne de Saturne sera de retour, que le tout cal-

culé, le monde s'approche d'une anaragonique[1] révolution: — et que de présent que ceci j'escriptz avant cent septante sept ans troys moys unze jours, par pestilence, longue famine et guerres, et plus par les inundations le monde entre cy et ce terme préfix, avant et après par plusieurs foys sera si diminué, et si peu de monde sera que l'on ne trouvera qui veuille prendre les champs qui deviendront libres aussi longuement qu'ils ont été en servitude; — et ce, quant au visible jugement celeste, que encores que nous soyons au septiesme nombre de mille qui parachève le tout, nous approchant du huictiesme, où est le firmament de la huictiesme sphère, que est en dimension latitudinaire, où le grand Dieu eternel viendra parachever la révolution: où les images celestes retourneront à se mouvoir, et le mouvement supérieur qui nous rend la terre stable et ferme, *non inclinabitur in saeculum saeculi:* — hors mis que, quand son vouloir sera accompli, ce sera, mais non poinct aultrement: — Combien que par ambiguës opinions excédans toutes raisons naturelles par songes Mahométiques —, aussi aucunes foys Dieu le créateur par les ministres de ses messagiers de feu en flamme missive vient à proposer aux sens extérieurs mesmement à nos yeulx, les causes de future prédiction significatrices du cas futur, qui se doit à celui qui presaige manifester. — Car le presaige qui se faict de la lumière extérieure vient infailliblement à juger partie avecques et moyennant le lume extérieur: — combien vrayment que la partie qui semble avoir par l'oeil de l'entendement, ce que n'est par la lésion du sens imaginatif: la raison est par trop évidente, le tout estre predict par afflation de divinité et par le moyen de l'esprit angélique inspiré à l'homme prophétisant, rendant oinctes de vàticinations, le venant à illuminer, lui esmouvant le devant de la phantasie par diverses nocturnes apparitions, qui par diurne certitude prophétise par administration astronomique, conjoincte de la sanctissime future prédiction, ne consistant d'ailleurs que au courage libre. Vient à ceste heure entendre, mon filz, que je trouve par mes révolutions que sont accordantes à révellée inspiration, que le mortel glaive s'approche de nous par peste, guerre plus horrible qu'a vie de trois hommes n'a esté, et famine, lequel tombera en terre et y retournera souvent —, car les astres s'accordent à la révolution: et

[1] Palavra fabricada a partir do futuro do verbo "ἀναῤῥηγνυμι": "fazer explodir". D.G.F.

aussi a dict: *Visitabo in virga ferrea iniquitates eorum, et in verberibus percutiam eos.* Car la misericorde du Seigneur ne sera point dispergée un temps, mon filz, que la plupart de mes prophéties seront accomplies et viendront estre par accompliement revoluës. — Alors, par plusieurs foys durant les sinistres tempestes, *Conteram ergo,* dira le Seigneur, *et confringam et non miserebor;* et mille aultres adventures qui adviendront par eaux et continuelles pluys, comme plus à plain j'ay rédigé par escript aux miennes aultres prophéties qui sont composées tout au long, *in soluta oratione,* limitant les lieux temps et le terme préfix que les humains après venus verront cognoissant les aventures avenues infailliblement, comme avons noté par les autres, parlans plus clairement: non obstant que sous nuée seront comprinses les intelligences: *Sed quando submovenda erit ignorantia,* le cas sera plus esclairci. — Faisant fin, mon filz, prens donc ce don de ton père M. Nostradamus, esperant toy déclarer une chascune prophétie des quatrains icy mis. Priant le Dieu immortel qu'il te veuille prester vie longue en bonne et prospère félicité.

De Salon ce 1. de mars 1555.

Prefácio de Michel Nostradamus às suas profecias

A César Nostradamus vida e felicidade

Tradução

Tua chegada tardia, Cesar Nostredame, meu filho, me fez passar longas e contínuas noites de vigília para deixar-te por escrito estas memórias, depois da morte do teu progenitor,[1] para que os homens (especialmente os franceses) se beneficiem com o que a essência divina me permitiu conhecer, com a ajuda do movimento dos astros. Uma vez que prouve ao Deus imortal que não nascesses nesta região[2] (a Provença), e como não quero falar aqui dos anos que estão por vir[3], mas dos teus anos de guerra, durante os quais não serás capaz, com tua mente muito jovem, de compreender, depois da minha morte, os motivos que me levaram a te deixar este legado[4]; como não me é possível deixar escrito aquilo que será destruído[5] pela injustiça[6] da época (1555), a palavra da predição oculta que te será legada estará guardada[7] no meu coração[8]. Considerando também que as ocorrências futuras aqui definidas não são determinadas, e que tudo é regido pelo poder incomensurável de Deus, que nos inspira, não pela embriaguez dos sentidos, nem por momentos de delírio[9], mas através de afirmações astronômicas, as predições são animadas pela vontade divina e, especialmente, pelo espírito da profecia. Durante muito tempo, várias

---

[1] Latim, *"progenitor":* "antepassado", "avô", "ancestral". D.L.L.B.
[2] Latim, *"plaga":* "extensão de terra", "zona", "região", "condado". D.L.L.B.
[3] Sinônimo: "acompanhar", "escoltar", "seguir". D.L.7V.
[4] Latim, *"desino":* "abandono", "deixo". D.L.L.B.
[5] Latim, *"oblittero":* "estrago", "destruo". D.L.L.B.
[6] Latim, *"injuria":* "injustiça". D.L.L.B.
[7] Latim, *"interclusus":* "fechado", "incluso". D.L.L.B.
[8] Estômago: "o ventrículo de dois orifícios, a saber — um superior, chamado estômago, e, vulgarmente, coração; e outro inferior, chamado piloro". A. Paré D.L.
[9] Latim, *"lymphaticus":* "delirante", "louco". D.L.L.B. Pode ser uma alusão às mesas giratórias e à telecinésia (movimentação à distância).

vezes profetizei, com antecedência, fatos que vieram a ocorrer nos locais indicados; atribuo esse dom à ação da virtude e da inspiração divina. Previ também outras ocorrências, felizes ou infelizes, com antecedência inesperada, e que se confirmaram, em várias partes do mundo. Mas preferi me calar e tirar a pena do papel, devido à injustiça, não só do tempo presente (a Inquisição) mas também do futuro; resolvi não escrever minhas predições porque os governos, as seitas e os países sofrerão mudanças tão diversas, mudanças tão diametralmente opostas às condições presentes, que, se eu revelar o que será o futuro (em linguagem clara, bem entendido), os homens dos governos, das seitas, das religiões e os homens de convicção vão considerar essas profecias tão contrárias ao que desejam seus ouvidos fantasistas, que serão levados a condenar aquilo que será presenciado e reconhecido nos séculos futuros (o século XX). Considerando ainda as palavras do verdadeiro Salvador: "Não deis aos cães o que é sagrado nem jogueis pérolas aos porcos, pois eles destruirão tudo sob os pés e se voltarão contra vós". Por tudo isso, deixei de me expressar em linguagem popular e retirei minha pena do papel; depois, resolvi estender minha declaração sobre o advento do comum (comunismo), por meio de frases crípticas[1] e enigmáticas[2], sobre as ocorrências futuras, mesmo as mais próximas, e as que eu intuí. Assim, quaisquer mudanças que se operem na humanidade não escandalizarão os ouvidos frágeis, uma vez que tudo é escrito de forma obscura, especialmente a profecia; para que "permaneça obscura para sábios e estudiosos, poderosos e reis, e se revele aos pequenos e humildes" e, pela vontade de Deus imortal, aos profetas, que receberam o dom do vaticínio, pelo qual vêem as coisas distantes e prevêem os acontecimentos futuros. Pois nada pode acontecer sem esse dom. Tão grande é Seu poder e Sua bondade para com os que o recebem que, embora possam pensar por si mesmos, estão sujeitos a outros efeitos, que se originam no mesmo Espírito de Bondade; esse calor e esse poder do vaticínio aproximam-se de nós como os raios do Sol, que exercem sua influência sobre os corpos simples e compostos. Quanto a nós, que somos humanos, não podemos, por meio do nosso conhecimento natural e de nossa inclinação espiritual[3], co-

[1] Latim, *"obtrusus":* "fechado", "encerrado", "escondido". D.L.L.B.
[2] Latim, *"perplexus":* "difícil", "complicado", "enigmático". D.L.L.B.
[3] Latim, *"ingenium":* "espírito", "inteligência". D.L.L.B.

nhecer os segredos misteriosos do Deus criador. "Porque não nos compete conhecer o tempo, nem os momentos", etc. Assim, as personagens do futuro podem ser vistas no presente, porque o Deus criador quis revelar, por meio de imagens, alguns segredos do futuro, de acordo com a astrologia permitida por lei; e alguns do passado, transmitindo certo poder e faculdade que, como a chama do fogo, as inspira e as leva a julgar as inspirações divinas e humanas. Pois Deus virá concluir a obra divina, que é sempre absoluta. Tanto a do meio, que pertence aos anjos, quanto a terceira, que pertence aos malvados.

Mas, meu filho, falo aqui de modo misterioso. Porém, quanto aos vaticínios ocultos, que excitam a compreensão, quando se contemplam os astros mais distantes, como em estado de vigília, são recebidos do sutil espírito do fogo, assim como as publicações[1]. Ficamos surpresos por publicarem seus escritos sem temerem chegar a uma impudente[2] loquacidade; mas tudo vem do poder divino do grande Deus eterno, do qual toda a bondade procede. Além disso, meu filho, não cito aqui[3] o nome de profeta, não quero me atribuir um título tão sublime neste momento, pois "os que são chamados de profetas, atualmente, já foram chamados de videntes". Profeta, propriamente falando, meu filho, é aquele que vê as coisas distantes, através do conhecimento natural de todas as criaturas. E pode acontecer que o profeta, usando a luz perfeita da profecia, faça aparecer, de modo manifesto, coisas divinas e humanas, porque não pode ser de outro modo, uma vez que os efeitos da predição do futuro se estendem através dos tempos. Os segredos de Deus são incompreensíveis e a virtude causal[4] toca[5] a longa extensão do conhecimento natural, tendo sua origem mais imediata no livre-arbítrio, e fazendo aparecer as causas que, por si sós, não podem ser reveladas, nem por interpretação[6] dos homens, nem por outra forma de conhecimento, ou de ciência oculta sob a abóbada celeste, do fato presente até a eternidade total, que abrange o tempo global. Mas, por meio dessa eternidade indivisível, por uma poderosa agitação epileptiforme, as causas são conhecidas pelo movimento

[1] Latim, *"pronuntio":* "publico", "edito".
[2] Latim, *"inverecundus":* "impudente".
[3] Latim, *"insero":* "coloco em".
[4] Latim, *"effectrix":* "causa".
[5] Latim, *"contingo":* "toco em".
[6] Latim, *"augurium":* "profecia", "predição", "interpretação".

do céu. Não digo, meu filho, para que compreendas bem, que o conhecimento dessa matéria não possa se imprimir no teu cérebro ainda não formado, ou que os acontecimentos futuros bem distantes não estejam ao alcance do raciocínio humano; para a criatura inteligente, as coisas presentes e longínquas não são nem muito secretas, nem muito reveladas; porém, o perfeito conhecimento desses fatos não pode ser adquirido sem a inspiração divina, uma vez que toda inspiração profética origina-se, em primeiro lugar, na vontade do Deus criador, e depois, na permissão e na natureza. Porque as causas imutáveis são produzidas e não produzidas indistintamente, mas o presságio se realiza, em parte, do modo como foi previsto. Pois a compreensão da inteligência não pode ver o oculto, a não ser pela voz do zodíaco[1], por meio da pequenina chama da qual evolui uma parte dos tempos futuros. Além disso, eu te peço, meu filho, não empregues jamais a tua inteligência nesses sonhos e devaneios que dissecam o corpo e levam a alma à perdição, perturbando nossos fracos sentidos, e sobretudo não te entregues à magia execrável, reprovada, outrora, pelas Escrituras Sagradas e pelos cânones divinos — com exceção da astrologia, por meio da qual, com a ajuda da inspiração e da revelação divinas, em contínuas vigílias e cálculos, redigi minhas profecias. E para que esta filosofia oculta não seja condenada, não quis apresentar sua terrível verdade, temendo também que vários livros ocultos durante longos séculos viessem a ser conhecidos, e prevendo o que aconteceria se fossem lidos, eu os dei de presente a Vulcão (eu os queimei); e enquanto o fogo os devorava, a chama que deles subia adquiriu uma claridade estranha, maior do que a de uma simples chama, como se fosse a claridade de um fogo resultante de um grande cataclisma fulgurante, que iluminou, de súbito, a casa, como se ela estivesse em chamas. Por isso, para que no futuro não caias em erro, dedicando-te ao estudo atento[2] da perfeita transmutação, tanto republicana[3] quanto monárquica[4], que lançará por terra as coisas mais puras, por meio de perturbações ocultas, eu os reduzi a cinzas. Mas quero deixar-te o julgamento obtido por meio da inspiração celestial. Rejeitando as fantasias da

[1] Latim, *"limbus":* "círculo zodiacal".
[2] Latim, *"perscruto":* "estudo com atenção".
[3] Grego: "Ζελήύη": "lua", tomada por Nostradamus como símbolo da República.
[4] "Monarquia" vem do grego "μονος": "solitário".

imaginação, podemos por meio desse julgamento conhecer os acontecimentos futuros limitando as particularidades aos nomes dos lugares, por inspiração sobrenatural, de acordo com as figuras celestes. Os lugares e uma parte do tempo, naturalmente ocultos, são revelados pelo poder das faculdades divinas, em presença das quais os três tempos (passado, presente e futuro) estão contidos na eternidade, cujo desenrolar está ligado ao fato passado, presente e futuro. "Porque tudo é simples e claro", etc. Por isso, meu filho, podes facilmente, apesar da tua juventude, compreender que as coisas que devem acontecer podem ser profetizadas pelas luzes noturnas e celestes, que são naturais, e pelo espírito da profecia; não que pretenda me atribuir a denominação e a ação de profeta, mas recebi uma inspiração revelada, na qualidade de homem mortal, cuja percepção está menos distante do céu do que meus pés da terra. "Não posso enganar, abusar ou ludibriar", pois sou tão pecador quanto os outros e estou sujeito a todas as aflições humanas. Mas, muitas vezes, durante a semana, surpreendi-me, como que num delírio, e, através de um longo estudo, que empresta ao trabalho noturno um agradável perfume, compus os livros de profecias, cada um com cem quadras astronômicas, e procurei fazer a descrição de modo obscuro. Essas quadras constituem os vaticínios perpétuos de hoje até 3797. É possível que essa extensa abrangência do tempo confunda a mente de alguns, e isso ocorrerá durante toda a República, e os fatos serão conhecidos universalmente, no mundo todo, meu filho. Pois, se chegares a viver o que em média os homens vivem, reconhecerás no teu próprio país, no céu da tua terra natal, os acontecimentos profetizados. Pois só o Deus eterno conhece a eternidade dessa luz, que procede d'Ele mesmo, e digo francamente àqueles a quem Ele, em sua grandeza imensa e incompreensível, houve por bem fazer as revelações, por meio de uma longa e melancólica inspiração, que nessas causas secretas manifestadas por Deus existem dois fatores principais, que estão contidos na inteligência daquele que faz as profecias. O primeiro, contido no espírito daquele que, iluminado por uma luz sobrenatural, faz suas predições por meio da ciência dos astros, e o segundo, que permite profetizar por meio da revelação inspirada, que é parte da eternidade divina; desse modo, o profeta pode julgá-la, graças ao espírito divino que lhe foi dado pelo Deus criador, e por um dom natural; e saber se a predição

é verdade e tem sua origem no céu [1]. Essa luz e a pequenina chama são mais eficazes do que tudo, e essa elevação é apenas a claridade da natureza, pois a luz natural (humana) torna os filósofos tão seguros de si que, com os princípios da causa primeira (natural), chegam às mais elevadas doutrinas e aos abismos mais profundos. Porém, meu filho, não quero me tornar profundo demais para a futura capacidade da tua percepção. Saiba que os homens de letras farão referências abundantes sobre o modo pelo qual vi o mundo, antes da conflagração mundial, que provocará tantos bombardeios, e revoluções tão intensas, que raro será o país não atingido por seus efeitos, e durará até que tudo esteja morto, exceto a história [2] e os lugares. Antes e depois dessas revoluções em vários países, diminuirá a quantidade de chuvas e tombará do céu uma tal abundância de fogo e projéteis incendiários, que nada escapará a esse incêndio. E isso ocorrerá antes da última conflagração (1999). Pois, antes que a guerra feche o seu século (XX), e no fim do seu último período (1975-1999), ela reinará sobre esse século. Uns serão atingidos pela revolução [3] durante muitos anos, e outros, pela ruína, durante um número maior de anos mais longos. E agora, que somos conduzidos pela República, com o auxílio de Deus todo-poderoso e eterno, antes que ela complete seu ciclo, a monarquia voltará, depois da Idade de Ouro [4] (a Era de Aquário, depois de 1999). Pois, segundo os signos celestes, a Idade de Ouro voltará, depois de tudo preparado, quando o mundo estiver próximo de uma revolução, que modificará tudo, de cima a baixo. E depois do momento em que escrevo, deverão se passar cento e setenta e sete anos, três meses e onze dias [5]; virão a peste, um longo período de fome e de guerras, e mais inundações entre esse momento e o final predeterminado; antes e depois, a humanidade

---

[1] "Éter": divindade alegórica que personifica a região superior da atmosfera, as profundezas do céu. Mais tarde, foi confundida com Zeus. D.L.7.V.

[2] Grego: "'Ευος": "dos anos passados", "antigo". "Enografia": "a história".

[3] Latim, *"aquarius":* "relativo à água". D.L.L.B.

[4] O reinado de Saturno foi a Idade de Ouro. Os súditos pacíficos eram governados com doçura. Para recordar essa era feliz, os romanos celebravam as saturnais. M.G.R.

[5] 1555 + 177 = 1732. "Saindo do hospital dos catecúmenos em Turim, J.-J. Rousseau começa a ensinar música em Lausanne, vai a Paris em *1732...*" D.H.B. Nostradamus considera J.-J. Rousseau o pai das idéias revolucionárias.

diminuirá em número e os homens serão tão poucos que serão insuficientes para povoar os campos, que ficarão livres por tanto tempo quanto foram ocupados. E isto, depois do julgamento visível do céu; antes que cheguemos ao sétimo milênio, que será o fim de tudo. Estaremos, então, nos aproximando do oitavo milênio, onde se encontrará o firmamento da oitava esfera, cuja dimensão é conhecida, onde o grande Deus eterno virá pôr fim à revolução, e as constelações retomarão seus movimentos; voltará o movimento superior, que tornará a Terra estável e firme, e seu curso não durará pelos séculos dos séculos, se Sua vontade não for cumprida. Apesar das opiniões ambíguas sobre os sonhos de Maomé, que ultrapassam todas as explicações naturais; porque o Deus criador, por meio dos seus enviados do fogo, com sua chama, mostra à nossa percepção e aos nossos olhos as causas das predições futuras, os símbolos dos acontecimentos futuros que devem se manifestar àquele que tem o dom do presságio. Pois o presságio que emana da luz exterior é julgado, em parte, por essa luz, e por meio dela. Embora aqueles que pareçam possuir o dom da compreensão não o tenham devido a uma imaginação doentia. A razão deve ser posta em evidência. Tudo é previsto por um sopro [1] divino, e graças ao espírito angélico que inspira o homem que profetiza, mostrando-lhe os vaticínios consagrados pela unção da iluminação, eliminando toda a fantasia, por meio de várias aparições noturnas e por uma certeza diurna; e ele profetiza pela ciência da astronomia, com a ajuda da mui santa predição futura, que consiste apenas na sua coragem livre. Compreenda neste momento, meu filho, que, segundo meus cálculos, segundo a inspiração revelada, a espada da morte se aproxima de nós neste momento, sob a forma de epidemia, e da guerra mais horrível que já se viu, provocada por três homens, e pela fome; e essa espada golpeará a Terra e voltará freqüentemente, pois os astros indicam, com seu movimento, como disse o Senhor: "Eu os afligirei [2] com uma lâmina de ferro por suas inqüidades e os castigarei por suas palavras". Pois a misericórdia de Deus não se estenderá [3] sobre os homens, meu filho, até que a maior parte das minhas profecias sejam cumpridas e que esse cumprimento seja total. Então, mui-

---

[1] Latim, *"afflatus":* "tocado por um sopro ou por uma chama". D.L.L.B.

[2] Latim, *"visito":* "castigo", "aflijo". D.L.L.B.

[3] Latim, *"dispergo":* "estendo", "distribuo". D.L.L.B.

tas vezes, durante as sinistras tempestades, "eu os golpearei", dirá o Senhor, "e serão feridos por mim sem piedade"; e mil outros fatos que se produzirão por meio de inundações e chuvas contínuas (ou instabilidade e revoluções) [1], como já escrevi detalhadamente nas minhas outras profecias, compostas num discurso desordenado, limitando-se aos lugares, aos tempos e ao final predeterminado, ocorrências que os homens do futuro verão e reconhecerão, pois esses acontecimentos serão infalíveis, como já escrevi em outras profecias, em linguagem mais clara, pois, apesar desta forma velada, estas coisas se tornarão inteligíveis. Quando a ignorância for dissipada, tudo se esclarecerá. Para terminar, meu filho, recebe esta dádiva do teu pai, Michel Nostradamus, que espera que faças conhecida cada profecia contida nestas quadras. Rogando ao Deus imortal que te dê uma longa vida, feliz e próspera.

De Salon, 1.º de março de 1555.

A seriedade dessa personagem e sua posição como "homem de ciência" são acentuadas pelo fato de ter sido obrigada a se esconder atrás de um hermetismo codificado para que seus conterrâneos não queimassem sua efígie na porta de sua casa, e por ter procurado a proteção da Rainha Catarina de Médicis, que não só o protegeu como o visitou em Salon, o que fez calar as más línguas da pequena cidade burguesa. "Ninguém é profeta em sua terra!"

Nostradamus descobriu o modo de transmissão da peste, e inventou, quase quatro séculos antes de Pasteur, um "método de assepsia". Na verdade, ao ler as crônicas do século XVI, que descrevem os meios utilizados por Nostradamus para diminuir a incidência das epidemias de peste em Aix-en-Provence, Marselha e Lyon, descobrimos que o nosso médico provençal empregava uma assepsia muito poderosa, usando um pó de sua fabricação, para disfarçar a descoberta científica, pois se esta fosse conhecida poderia levá-lo à pena capital, sob a acusação de "bruxaria". A Igreja considerava as doenças e as epidemias como punição infligida por Deus ao homem para castigá-lo por seus pecados, e que estes deviam aceitá-las como um fenômeno natural.

[1] Símbolo bíblico que aparece com freqüência nas obras de Nostradamus.

Não devemos nos esquecer de que a Inquisição impunha seu reino de terror na época, e que Galileu, nascido em 1564, dois anos antes da morte de Nostradamus, seria, ele também, vítima dessa corrente anticientífica, por ter afirmado que a Terra gira.

Uma aplicação surpreendente da sua descoberta do "método de assepsia" está no *Tratado dos doces* [1]. O processo de cozinhar frutas não exige nenhum conhecimento de gênio; porém, conservar o preparado é outro problema. Toda dona-de-casa que faz suas próprias compotas já encontrou um pote mal-esterilizado coberto de bolor. Os detratores de Nostradamus, ignorando o homem de ciência, procuraram, com suas críticas, uma maneira de enriquecer.

Compreende-se, portanto, que Nostradamus tenha, voluntariamente, envolto suas profecias num manto filológico, e mesmo astrológico, porque, se as descrevesse claramente, sua visão do futuro não teria chegado à posteridade. Teria sido destruída pelas autoridades religiosas da época.

A perseguição movida ao meu pai e ao seu livro, em 1940, é um exemplo do que pode acontecer quando uma "mensagem" profética é expressa de modo claro e evidente. O que nos leva a admitir que a Inquisição não está limitada a uma época. Que bela utilização das Sagradas Escrituras na carta de Nostradamus ao seu filho: "Não deis aos cães (os nazistas, para o Dr. de Fontbrune) o que é sagrado, nem jogueis pérolas aos porcos, pois eles destruirão tudo sob os pés e se voltarão contra vós. . ."

A profecia de Nostradamus foi escrita no século XVI e se refere quase totalmente — dois terços da obra — ao século XX, porque o autor sabia que o texto só seria compreendido e revelado nesse século, objeto de sua visão. Diz, em sua "Carta a César": "Se eu revelar o que será o futuro, os homens do governo, os partidos, as religiões e as crenças acharão essas profecias incompreensíveis para seus ouvidos, e, sem dúvida, condenarão tudo aquilo que será visto e reconhecido nos séculos futuros. . ."

Quanto ao final da profecia de Nostradamus, os autores o identificaram, ou inventaram, seja por meio de cálculos astrológicos, seja por meio de "chaves" mais ou menos matemáticas, pela cabala, etc.

[1] *Traité des fardements et confitures,* Antoine Voland, Lyon, 1555. *Excellent et très utile opuscule de plusieurs exquises receptes,* Benoist Rigaud, Lyon, 1572.

Na realidade, a profecia de Nostradamus termina no fim do sétimo milênio, segundo a cronologia da Bíblia, ou seja, no fim da Era de Peixes, mais ou menos no ano 2000 da era cristã. Esse dado também foi disfarçado por Nostradamus por um cálculo astucioso, que só pode ser reconstituído a partir da cronologia bíblica, e que é indicado na "Carta a Henrique, Rei de França, segundo", e que é o seguinte:

"O primeiro homem, Adão, existiu antes
de Noé" .... 1242 anos
"Depois de Noé, veio Abraão" .... 1080 anos
"Depois, veio Moisés" .... 515 anos
"Entre o tempo de Davi e Moisés" ..... 570 anos
"Entre o tempo de Davi e Nosso Salvador
Jesus Cristo" .... 1350 anos

Temos assim um total, de Adão a Jesus
Cristo, de .... 4757 anos

Ora, na "Carta a César", Nostradamus escreve: "Escrevi os livros de profecias e eles contêm os vaticínios perpétuos desde agora (quando escrevo) até o ano 3797".

Do tempo em que escreveu (a "Carta a César" datada de 1555) até 3797 há uma diferença de 2242 anos.

Se juntarmos esse espaço de tempo à cronologia bíblica, já citada, teremos: 4757 + 2242 = 6999, na citada cronologia, ou seja, 1999 na cronologia cristã, data indicada claramente por Nostradamus como a do início das guerras do Anticristo:

X-72

"L'an mil neuf cent nonante neuf sept mois
Du ciel viendra un grand Roy d'effrayeur
Ressusciter le grand Roy d'Angoulmois [1]
Avant après Mars regner par bonheur".

Tradução: "No ano 1999, sete meses (julho de 1999), virá pelos ares um grande chefe apavorante — que fará reviver o grande conquistador de Angoumois —, antes e depois, a guerra reinará pela felicidade".

[1] Angoumois foi conquistado pelos visigodos, e, logo depois, ameaçado pelos hunos, raça mongólica, sob o comando de Átila, o "Flagelo de Deus". Notamos a perfeição da analogia no fato de terem os hunos ocupado, antes, a Pannonie, para saquear a França e a Itália.

Nostradamus cita poucas datas claramente. Além de 1999, escreve, na "Carta a Henrique, Rei de França, segundo": "e durará (a monarquia) até o ano 1792, que será considerado como uma renovação do século. . ."

A projeção escrita que o profeta faz da sua visão nos leva a considerar essas datas como menos importantes, a não ser como ponto de partida e ponto de chegada: 1792 [1] representa o começo do fim da era cristã (Era de Peixes), e 1999, o fim propriamente dito, iniciando-se assim a Era de Aquário, com as dores do parto apocalítico, necessário para que o homem deixe, finalmente, de orientar suas atividades para os instrumentos de destruição cada vez mais aterradores. Por isso, Nostradamus termina a quadra com este verso surpreendente: "Antes e depois, a guerra reinará pela *felicidade*".

"Nostradamus: historiador e profeta." Por que este título?

Uma profecia que se realiza transforma-se em história. Ilustraremos essa afirmativa com um exemplo.

Nostradamus escreveu sobre Napoleão I:

CENTÚRIA VII — QUADRA 13

"De la cité marine et tributaire
la tête rase prendra la Satrapie [2]
Chassez sordide qui puis sera contraire
Par quatorze ans tiendra sa tyrannie".

Tradução: "Do porto sob domínio estrangeiro — o pequeno homem de cabelos curtos tomará o poder. Ele perseguirá os sórdidos revolucionários, o vento da história mudará de direção. E exercerá sua tirania durante catorze anos".

Comentário: De Alexandria, que era tributária da França, "Bonaparte organiza o Egito numa espécie de pro-

[1] Proclamação da Primeira República.
[2] "Sátrapas": eram chamados assim, no império medo-persa, os governadores de províncias encarregados da administração e do recolhimento de impostos. (Napoleão reformou a administração do país e é considerado o pai do Código Civil.)

tetorado, e depois embarca para a França, cuja revolução política o preocupa"[1]. Ajuda a destruição do Diretório e, com o golpe de Estado de 18 de brumário, toma o poder, que exerce com despotismo, até o dia da entrada dos aliados em Paris, 31 de março de 1814, ou seja, catorze anos, quatro meses e onze dias de reinado.

Escolhi essa quadra porque, como muitas outras, situa-se no tempo. Com efeito, o 18 de Brumário de 1799 — a primeira parte da quadra — aconteceu, faz parte da história; mas a segunda parte só deixa de ser profecia para se tornar realidade no dia 31 de março de 1814.

Esse "passeio" pelo tempo e pelo espaço, que é habitual no profeta, nos impede de tentar uma classificação cronológica racional.

Assim, uma quadra que evoca a retirada da Rússia (centúria II, quadra 99) deverá ser classificada antes ou depois da quadra que utilizamos como exemplo? A retirada da Rússia é posterior ao golpe de 18 de brumário, mas anterior à rendição de Fontainebleau, em 6 de abril de 1814.

Portanto, a profecia de Nostradamus constitui uma visão da história que nada tem em comum com aquela que aprendemos na escola, nos livros, dos quais o menos que se pode dizer é que não nos transmitiram o gosto por essa matéria.

Essa quadra sobre Napoleão I dá ensejo à citação de um princípio muito importante e útil para os que se interessam por profecias como as de Nostradamus, um princípio que os obrigará a pôr de lado muitos dos conceitos adquiridos. Os acontecimentos, em particular, e a história em geral não acontecem segundo as previsões cartesianas dos homens.

Darei apenas um exemplo: a previsão dos nossos eminentes economistas do Clube de Roma, em 1972, afirmava, com muita segurança, que a França seria a terceira potência mundial, em 1980. A previsão era o resultado de uma visão prospectiva. Inesperadamente, em setembro de 1973, começou a guerra árabe-israelense, que desencadeou a crise econômica mundial e abalou o Ocidente, reduzindo a zero as belas promessas otimistas dos nossos racionalistas da economia política.

Para ilustrar este aparente ilogismo da história, voltemos ao caso de Napoleão I, e imaginemos que no dia 2 de dezembro de 1805, que viu brilhar o sol de Austerlitz,

[1] L.C.H.3.

quando o imperador tinha o mundo aos seus pés, uma profecia anunciasse o trágico fim do imperador, prisioneiro dos ingleses, numa ilha perdida no meio do Atlântico. Naturalmente o oráculo teria sido atirado à prisão, executado ou internado num asilo de loucos!

Assim também meu pai foi vítima de zombarias, quando, em 1946, e durante os anos seguintes, afirmou que o General de Gaulle, que abandonara a vida política em favor do que se chamou, na época, "travessia do deserto", voltaria ao poder através de um golpe de Estado. Os amigos que acharam graça então delicadamente lhe escreveram depois do dia 13 de maio de 1958, assombrados com os acontecimentos que doze anos atrás haviam julgado impossíveis.

A história futura, os acontecimentos que estão por vir, são quase sempre contraditórios, seja quanto ao conteúdo, seja quanto à forma, em relação ao momento em que vivemos. Alfred Sauvy reconheceu essa verdade, quando disse: "A humanidade jamais progrediu de modo racional"[1]. E na mesma obra, escreve: "Em matéria de desgraça, o futuro se deixa explorar com maior facilidade, por mais inéditas que sejam as situações".

Por isso, poucas pessoas se conformam com a percepção que o profeta tenta transmitir à posteridade. O obstáculo à compreensão do espírito profético está, essencialmente, no antagonismo entre a visão e o racionalismo, no qual não se pode fugir à lógica para penetrar em outra forma de raciocínio. A faculdade mais importante exigida para abordar a profecia é, portanto, uma grande flexibilidade de pensamento, que só o estudo humanístico nos pode dar.

Continuando o trabalho fundamental elaborado por meu pai, fiz, durante cinco anos, um estudo completo do vocabulário de Nostradamus. Esse estudo me permitiu precisar com detalhes a linguagem do profeta, bem como corrigir os erros de tradução cometidos por outros autores. Assim, encontrei pequenos erros de tradução nos livros de Le Pelletier, copiados na íntegra por outros autores.

Tomemos como exemplo a quadra mais célebre, que anuncia a morte do Rei Henrique II, em um torneio:

[1] Alfred Sauvy, *Croissance zéro,* Ed. Calmann-Levy, Paris, 1973.

CENTÚRIA I, QUADRA 35

"Le lyon jeune le vieux surmontera
En champs bellique par singulier duelle,
Dans cage d'or les yeux lui crèvera
Deux classes une, puis mourir mort cruelle".

Tradução: "O jovem leão derrotará o velho num torneio (duelo singular). Ele lhe cravará os olhos numa gaiola de ouro, num dos combates [1], e depois morrerá de maneira cruel".

O conde de Montgomery, tenente da Guarda Escocesa, cujo escudo de armas era "dourado, com o leão da Escócia e listras vermelhas", enfrentou Henrique II num torneio, depois de este último ter disputado com o duque de Guise. A lança de Montgomery partiu e varou o capacete dourado do rei.

Le Pelletier e os exegetas que copiaram a sua tradução atribuem a origem da palavra "classe" à palavra grega "χλασις", que significa "quebra", "divisão", e traduzem: "Eis a primeira das duas divisões". O que os discípulos de Le Pelletier não notaram foi que ele traduziu a palavra "classe" corretamente, na quadra 99 da Centúria II [2], atribuindo sua origem ao latim, *"classis"*, que significa "frota", "combate armado"; essa palavra é sempre usada por Nostradamus com esse sentido.

Não compreendendo que o rei seria ferido num dos dois combates que deveria disputar, Le Pelletier, por conveniência, fez com que a palavra "classe" se originasse do grego, escamoteando um dos dois *ss* da palavra.

Para citar apenas mais um exemplo de erros filológicos nas várias obras sobre Nostradamus (os erros custam a morrer!), vejamos a palavra *"oruche"* (centúria VI, quadra 99), que os exegetas atribuíram ao grego " 'ορος": "montanha", quando, na verdade, vem da palavra grega " 'ορνχή", que quer dizer "escavação", "pesquisa".

Por isso é que muitos afirmam que Nostradamus pode ser interpretado de qualquer maneira!

Tentei demonstrar, com meus estudos, que o profeta compôs um texto preciso, no qual não podemos encontrar vários sentidos sem enganarmos a nós mesmos.

[1] Observar a construção latina: duas classes, uma por uma das duas classes.
[2] *Les oracles de Michel de Nostredame,* volume I, pág. 203.

O leitor descobrirá, pela tradução de cada quadra, como procedi para "fechar" o texto ao máximo, considerando que a única "chave" possível é a filologia; isso me obrigou a um trabalho de pesquisa semelhante ao de Sherlock Holmes, que não deixa nenhum detalhe de lado para decifrar um enigma policial. Tornou-se, assim, evidente que Nostradamus, jogando com o anagrama, o jogo de palavras, e com a etimologia, realizou uma obra de verdadeira alquimia da língua latina "afrancesada", para velar sua mensagem profética, combinando essa brincadeira intelectual com uma imensa cultura humanista, que tem desafiado muitos dos que acreditam ter vocação para interpretar as centúrias.

Depois da obra de Jean Aimé de Chavigny e Guynaud sobre o texto de Nostradamus, um dos primeiros livros a aparecer foi o do vigário de Louvicamp: *La clé de Nostradamus, isagoge ou introduction du véritable sens des phophéties de ce fameux auteur* [1]. Esse autor é raramente citado, embora tenha sido o primeiro a compreender o método de Nostradamus para a redação das profecias. Le Pelletier inspirou-se muito em sua obra. "Quero dizer, para concluir", escreve o padre, "que quando o grande oráculo da França fez as suas profecias gaulesas, quer em prefácios, quadras ou sextilhas, não se afastou da linguagem dos povos latinos, usando, muitas vezes, o latim a pretexto de escrever em francês, não apenas na etimologia das palavras, como quando diz que um príncipe *'flagrand d'ardent libide',* o que é o mesmo que *'flagrans ardenti libidine',* que significa queimando-se 'com um horrível fogo de concupiscência'; mas também, muitas vezes, utilizou o latim como se fosse francês, chamando a atenção e aludindo à frase latina, no arranjo e na ordem das palavras, ou seja, no que chamamos de sintaxe... Os poetas latinos, muitas vezes, recorreram ao metaplasma, isto é, à mudança ou transformação das palavras, tirando, juntando, alterando, transpondo letras ou sílabas, para embelezar os seus versos; Nostradamus também, às vezes, altera ou transforma as palavras comuns dos seus versos, tanto para conseguir o ritmo e a métrica, quanto para ocultar das pessoas que não conhecem o uso das belas-letras o sentido verdadeiro de suas profecias. Faz uso da aférese, síncope, apócope, prótese, epêntese, antítese, metátese, anástrofe, etc., como os poetas latinos. Apenas não

[1] Pierre Giffart, Paris, 1710.

faz uso da paragoge, que é a adição de uma letra ou uma sílaba no fim da palavra."

Vamos, portanto, definir, com o vigário de Louvicamp, essas figuras de sintaxe:

1. Aférese: é uma figura em que se omite uma letra ou uma sílaba no começo da palavra: "stamos", por "estamos".

2. Síncope: é a supressão de sons no meio da palavra: "esp'rança", por "esperança".

3. Apócope: é a supressão de sons no fim da palavra. Exemplo: o "mármor" de Carrara por o "mármore" de Carrara.

4. Prótese, epêntese e paragoge: em lugar de se suprimir uma letra ou uma sílaba, ela é acrescentada, no começo, no meio ou no fim das palavras. "Tymbre" por "Tyberis" (o rio Tibre). Nostradamus usa, muitas vezes, a palavra "Tymbre" em lugar de "Tibre".

Por outro lado, Nostradamus, como ele próprio diz na "Carta a César", "aplaina" as suas profecias, seja pela necessidade de tornar o texto obscuro, seja para conservar os pés dos versos, já que suas centúrias são em decassílabos.

Apenas com um estudo extremamente minucioso das palavras, das frases e da sua construção, pode-se chegar a traduzir para o francês atual as frases proféticas do nosso médico de Salon.

Entre as construções latinas, uma forma de estilo muito usada por Nostradamus é o "ablativo absoluto", tortura de muitos estudantes. Muitas vezes, também omite as preposições, como se a língua francesa tivesse, à semelhança do latim, declinações, com os casos genitivo, dativo ou ablativo, o que nos obriga a reconsiderar as palavras no seu contexto, para descobrir o caso que lhes é atribuído; assim, "la voye auxelle" equivalerá à expressão latina "medium auxillio": "o meio pelo qual" (VIII, 27).

Portanto, no século XVI, Nostradamus escreveu em francês, pensando em latim, donde a aparente obscuridade dos seus escritos e as dificuldades encontradas pela maioria dos exegetas.

Enfim, para complicar e confundir os "profanos vulgares", induzindo-os ao erro, ele afrancesou as palavras gregas. O que nos permite supor que pretendia eliminar a possibilidade de compreensão aos exegetas que não tivessem feito estudos humanísticos, ou seja, que não tivessem uma cultura greco-latina, absolutamente indispensável.

Por exemplo, criou as palavras *"oruche"* e *"genest"*. A primeira vem, como já vimos, da palavra grega " 'ορνχή", que significa "escavação", "pesquisa", e a segunda vem de "γενέσθαι", infinitivo aoristo do verbo "γίγνομαι", que quer dizer "nascer".

O leitor compreenderá que quem não souber ler grego não poderá entender o sentido das quadras em que essas palavras são empregadas, porque não se encontram em nenhum dicionário francês ou latino.

Os textos de Nostradamus que cito aqui foram tirados da segunda edição de 1605, de Benoist Rigaud, Lyon, e enviados ao meu pai em 1934, cópia integral da edição de 1568, considerada a melhor de todas, com menor número de erros tipográficos. Nas várias obras modernas nota-se, à primeira vista, que a maior parte das edições apresenta textos cheios de erros em relação à edição de referência. Tomemos, por exemplo, o quarto verso da quadra 61 da centúria VIII:

"Portant au coq don du TAG armifère".

Várias edições posteriores à de Chevillot de Troyes, de 1610, mencionam "Portant au coq don du TAO armifère", o que permitiu aos exegetas envolvidos pelo esoterismo introduzir o taoísmo no texto de Nostradamus!

Por isso, parece-me importante informar o leitor sobre os textos em que se baseia o meu trabalho.

Procurei realizar, pela primeira vez, um grande confronto entre o texto de Nostradamus e a própria história, em virtude das numerosas críticas feitas à maioria dos "comentadores", freqüentemente acusados de utilizar a obra de Nostradamus para fins ideológicos pessoais.

Para tanto, utilizei não apenas um livro de história, mas diversas obras, de diferentes autores, de convicções políticas, filosóficas ou religiosas opostas. Consultei até mesmo os manuais escolares. O leitor verá que a profecia de Nostradamus, na realidade, não passa de pura história, muito além da visão estreita dos historiadores. Alguns dos juízos de valor de Nostradamus poderão, vez por outra, surpreender, e mesmo chocar o leitor, como por exemplo: "A República miserável e infeliz" [1]; ou: "que se revelará menos príncipe do que açougueiro" [2], referindo-se a Napoleão I.

Fui obrigado a consultar vários livros de história porque nenhum deles é suficientemente completo para cobrir a visão de Nostradamus. Por isso, uma quadra é sempre comparada aos textos de diversas obras. Além disso, muitas vezes foi necessário reunir dois historiadores, como Victor Duruy, republicano, ateu e anticlerical convicto, e Pierre Gaxotte, conservador; desse modo, demonstro que existe uma transcendência da história, que ultrapassa os conceitos limitados, parciais, efêmeros e, sobretudo, orgulhosos dos homens, especialmente os do século XX, invadido, em todos os campos do pensamento, pelo maniqueísmo, onde filhos são lançados contra os pais, um país contra o outro, um partido político contra outro, e finalmente, o que é mais grave, um povo contra si mesmo, sob o manto de movimentos de libertação, realizando, assim, a profecia de Cristo: "Ouvireis falar de guerras e de rumores de guerra; preparai-vos para essas perturbações, pois é preciso que as coisas aconteçam. Mas esse não será ainda o fim. Uma nação se erguerá contra uma nação, e um reino contra um reino, e em várias partes haverá fome e tremores de terra. Tudo isso será apenas o começo do sofrimento". Mateus, capítulo 24.

No que se refere à escolha de uma definição num ou noutro dicionário, devo explicar que essa escolha sempre foi determinada pelo sentido do verso, dentro do contexto da quadra. Na verdade, se tomarmos algumas palavras, seja quanto ao seu significado moderno, seja quanto ao seu primeiro significado concreto, o texto fica incompreensível. É preciso, portanto, procurar a explicação da palavra no seu sentido etimológico ou no sentido figurado. Tomemos, por exemplo, a quadra 34 da centúria IX:

"Par cinq cens un trahyr sera titré"...

Se admitirmos que o verbo "trair" é usado como substantivo, uma vez que vem precedido de artigo indefinido, não podemos lhe dar o sentido atual. Na verdade "uma traição será nomeada" não significa coisa alguma. Se procurarmos num dicionário, vamos encontrar o verbo "titrer"

[1] I.61 (centúria I, quadra 61).
[2] I.60 (centúria I, quadra 60).

em francês, com o sentido de "maquinar", "tramar". O texto ganha, então, um sentido mais preciso: uma traição será tramada por quinhentas pessoas. É um belo exemplo das armadilhas filológicas que Nostradamus legou a seus futuros tradutores.

Mesmo meu pai caiu em algumas dessas armadilhas, confiando demais no seu conhecimento e não dominando suficientemente as palavras, expressões e galicismos abundantemente usados por Nostradamus.

Por outro lado, no livro de meu pai [1] há apenas setenta e três quadras para cobrir o período da história compreendido entre 1555 a 1945, o que me parece pouco, dadas a importância da obra de Nostradamus e a profusão de detalhes com que descreve alguns acontecimentos. Foi, portanto, necessário retomar a obra de Nostradamus de *a* a *z,* estudando os menores detalhes, para reconstruir, passo a passo, o quebra-cabeça, eliminando certas peças (quadras) que não contêm profecias, ou que têm múltiplo sentido, colocadas por Nostradamus para confundir ainda mais os que vêem no seu texto apenas um instrumento para enriquecer ilicitamente, usando e abusando da fama dessa ilustre personagem para fins puramente comerciais.

A comparação com a história exige muita pesquisa. Na verdade, Nostradamus, como declara na "Carta a César", deu ao seu tradutor pontos de referência geográfica muito precisos. No que se refere à pequena cidade de Varennes (IX, 20), é muito fácil situar a quadra, pois é célebre o episódio da prisão de Luís XVI nesse local. Por isso, essa quadra é comentada, com maiores ou menores erros, em todos os livros aparecidos depois de 1792. Por outro lado, se uma quadra menciona a cidade de Vitry-le-François, e não soubermos que foi lá que Kellermann reuniu seu exército para desfechar a Batalha de Valmy, não poderemos situar essa quadra. Outro exemplo significativo: Nostradamus cita, numa das quadras, a pequena cidade italiana de Buffalora (VIII, 12). Poucas pessoas sabem que nessa cidade o General Mac-Mahon acampou com seus exércitos para empreender a campanha da Itália, que lhe deu as vitórias de Magenta e Solferino, dois nomes bem mais célebres.

[1] *Ce que Nostradamus a vraiment dit.* Edições Stock, 1976.

Portanto, Nostradamus deixou de citar os nomes das cidades que se tornaram célebres por acontecimentos importantes, substituindo-os pelos nomes das pequenas cidades vizinhas. Assim, Aquin, na Itália, significa Nápoles, da qual é vizinha; o vilarejo de Apameste significa a Calábria, à qual pertence; o eixo Rimini—Prato, o lugar do nascimento de Mussolini, que é eqüidistante dessas duas cidades. Para obrigar a uma pesquisa mais detalhada, Nostradamus banalizou os nomes das cidades, ocultando-os sob substantivos comuns, escritos com letra minúscula. Assim, o vilarejo de Apameste, na Calábria, é designado da seguinte forma: *"apamé"*, tendo sido omitida a última sílaba, por apócope (IX, 95). Porém, o exemplo mais significativo para ilustrar esse método é a palavra *"herbipolique"*, que Nostradamus criou a partir de "Herbipolis", nome latino da cidade de Würzburg, na Alemanha (X, 13).

Finalmente, afrancesou os nomes geográficos dos países estrangeiros, respeitando as regras da fonética ou da correspondência de letras de uma língua para a outra. Desse modo, Ballenstedt, cidade da Alemanha Oriental, é citada como Ballenes, por afrancesamento e por apócope; a cidade de Lunegiane tornou-se Lunage, por uma combinação de apócope e anagrama, e Llanes, pequeno porto das Astúrias, na Espanha, transforma-se em Laigne, por afrancesamento.

Alguns erros de impressão, felizmente raros, complicam ainda mais a decodificação. Uns podem ser corrigidos facilmente, como Madric por Madrid; outros, porém, são de identificação mais difícil, e só podem ser percebidos através do contexto e de outras quadras que se referem à mesma personagem ou à mesma ocorrência. Assim, a quadra 49 da centúria VI cita a palavra "Mammer", que devemos aproximar de "Mammel", na quadra 44 da centúria X, ambas designando o rio Niemen, que, até 1772, ano do desmembramento do reino da Polônia, passava pelo centro desse país. E mais, os tipógrafos do século XVI utilizavam constantemente a letra *y* para substituir o *i;* o *u* pelo *v,* a exemplo da escrita latina; o *z* pelo *s,* ou, vice-versa, o *s* pelo *z.* Algumas vezes a letra *h* era também omitida ou acrescentada a uma palavra, como "Ebreu" por "Hebreu".

Os inúmeros erros, às vezes grosseiros, cometidos pelos exegetas devem-se à falta de pesquisa e de estudo minucioso, e, especialmente, a um evidente excesso de subjetividade ou de consciência política, filosófica ou religiosa.

Devido às exigências da poética em geral, e do ritmo, em particular, Nostradamus foi obrigado a reduzir as palavras, utilizando uma, e às vezes duas figuras de sintaxe, como na palavra "D'mour", por "Dumouriez" (X, 46), modificada por síncope e apócope.

A exemplo dos autores latinos, Nostradamus omite, em várias quadras, os auxiliares do verbo ser, que devem ser colocados para estabelecer a construção moderna. Parodiando Tácito, em alguns casos subtrai os substantivos, como nomes de personagens, ou verbos de movimento, como "ir", "chegar", "atacar", etc., que só podem ser recuperados pelo contexto:

É realmente um trabalho monumental decifrar as quadras que o profeta codificou totalmente, ou quase, com a ajuda de construções latinas, sentido etimológico das palavras, figuras de sintaxe e lugares geográficos pouco conhecidos e, finalmente, com anagramas, muitas vezes aliados a figuras de sintaxe.

Os exegetas especularam longamente sobre a seguinte passagem da "Carta ao seu filho, César": "Temendo também que vários livros ocultos durante séculos longos viessem a ser conhecidos, e prevendo o que aconteceria se fossem lidos, eu os dei de presente a Vulcão (isto é, eu os queimei)". Essa frase fez supor que Nostradamus tivesse livros secretos nos quais toda a sua profecia se baseasse, uma suposição que lhe tira todo o mérito, para atribuí-lo aos ocultistas, aos magos, aos astrólogos e aos cabalistas anteriores a ele. O estudo muito "positivista" que realizei levou-me a uma conclusão bem menos esotérica ou misteriosa, que, sem dúvida, desapontará os adeptos do ocultismo.

Na verdade, à medida em que procedia ao estudo filológico e histórico do texto de Nostradamus, uma idéia ia se formando em minha mente. Todos nós conhecemos a imensa cultura dos humanistas do século XVI, especialmente no que diz respeito às línguas e à história antigas. Quanto mais me aprofundava no estudo, mais me parecia impossível que um cérebro humano pudesse armazenar tantos conhecimentos. E isso me fez pensar. Imaginei Nostradamus, no seu gabinete de trabalho, consultando inúmeras obras de literatura, história e geografia, para codificar a visão que tivera. Essa idéia transformou-se em certeza ao verificar a enorme documentação que precisei consultar para compreender, primeiro, o sentido das quadras, e, depois, para compará-las com os fatos históricos a que se referiam.

Os livros utilizados por Nostradamus constituem, portanto, a chave das centúrias; e sabendo o que aconteceria à sua mensagem, se fosse logo decifrada, ele destruiu os livros utilizados, atirando-os ao fogo, queimando com eles a chave do segredo do cofre-forte que é a sua obra. E para arrombar esse cofre foi preciso preparar um instrumental completo, que inclui diversas disciplinas.

Finalmente, procurei afastar toda a fantasia e toda a subjetividade, esquecer a imaginação, "essa mestra do erro e da falsidade, mais pérfida por não ser sempre uma mentira", como dizia, com tanto acerto, Blaise Pascal, nos seus *Pensamentos*. O próprio Nostradamus dá esse conselho, que praticamente nunca foi seguido. Na "Carta a César", ele escreve: "Afastando a imaginação fantástica, por meio do discernimento, podemos conhecer os acontecimentos futuros, limitando-os à particularidade dos nomes dos lugares. . ." Essa advertência é um verdadeiro apelo ao racionalismo e à objetividade.

Incluí neste livro toda a referência utilizada, poupando ao leitor um trabalho exaustivo de pesquisa: definições, citações, trechos extraídos de livros de história. Essas referências permitem, aos que desejarem, fazer um estudo mais profundo dos fatos históricos citados numa quadra ou numa sextilha. E, repito, também, as definições das palavras usadas com freqüência estão indicadas a fim de que o leitor, à medida que proceda à leitura, possa memorizar, aos poucos, um certo número delas. Isso facilitará o trabalho, uma vez que este livro não pode ser lido como um romance.

Quer nas quadras já comprovadas pela história, quer nas que estão ainda por ser confirmadas, abstive-me de comentários mais ou menos fantasistas, procurando, ao contrário de outros "comentadores", respeitar a advertência do médico e profeta provençal: "Porém, meu filho, não quero me tornar profundo demais para a futura capacidade da tua percepção. Saiba que os homens de letras farão afirmações absurdas sobre o modo pelo qual vi o mundo. . ." Portanto, Nostradamus previa, sem o auxílio da profecia, que grande número de livros sobre a sua obra não passariam, no fim de contas, de um "grande e incomparável alarde". A prova está na bibliografia que o leitor encontrará no fim deste livro.

Peço ao leitor que me perdoe a ausência de muitas observações — muita logorréia já obscureceu demais a obra

de Nostradamus e lhe tirou a seriedade — e a minha recusa em participar da verborragia que justifica a afirmação dos detratores de que a obra de Nostradamus pode ser interpretada de qualquer maneira; recuso juntar-me aos "palhaços" da literatura, que transformaram essa obra maravilhosa num vulgar "albergue espanhol".

Meu trabalho de decodificação das quadras mais precisas quanto aos nomes de lugares mencionados levou-me a verificar que a maioria dos exegetas os havia ignorado sistematicamente, conservando, apenas, os que podia alterar à vontade, lançando sobre eles o peso das próprias convicções, ou melhor, inventando ou deformando fatos históricos de acordo com a necessidade e o objetivo de cada um. E essas traições não foram cometidas apenas contra a história, quando comparada ao texto de Nostradamus. Descobri, em vários livros, definições de palavras ou traduções de palavras latinas que não se encontram em nenhum dicionário, o que nos obriga a concluir que foram inventadas pelos tradutores.

Por outro lado, Nostradamus escreveu na "Carta a César" que redigiu as quadras sem obedecer a nenhuma ordem. Pergunto a mim mesmo como foi possível a certos exegetas, acreditando sem dúvida estarem no caminho certo, escreverem livros para demonstrar que haviam descoberto um código secreto ou cálculo inteligente que os levava a um beco sem saída.

Quanto à astrologia, é preciso indagar por que nenhum astrólogo até hoje anunciou, com antecedência, qualquer fato. Se a posição dos astros no céu determinasse a história do homem, há muito tempo tudo teria sido programado, dia após dia, mês após mês, ano após ano. Assim, no dia 1.º de setembro de 1939, teríamos sabido, pela posição dos astros, que a Segunda Guerra Mundial seria deflagrada, ou, no dia 13 de maio de 1958, que a Argélia iniciaria a luta que a levou à independência. Compreendemos, portanto, a advertência de Nostradamus aos astrólogos: "Que os astrólogos, os tolos e os bárbaros se afastem da minha obra".

Essa pressuposição tiraria ao homem seu livre-arbítrio, transformando-nos numa espécie de robôs, programados para uma série ininterrupta de catástrofes, um grupo de irresponsáveis cuja vida não teria nenhum sentido. Portanto, o profeta apenas prevê o comportamento dos homens, que

escrevem sua própria história usando sua vontade, sua opção, e, sobretudo, sua responsabilidade, total, onerosa e inalienável.

O estudo do texto de Nostradamus tem sido e continua a ser, para mim, um maravilhoso instrumento de enriquecimento pessoal e cultural, graças a seu espírito enciclopédico e ao conteúdo das centúrias; além de abrir nossa inteligência para inúmeras disciplinas, reconcilia o adulto com as matérias consideradas "rebarbativas" nos tempos de colégio.

Chegamos agora à profecia de Nostradamus propriamente dita. A respeito de que reino, de que país, que mudanças na história, Nostradamus "recebeu" uma visão detalhada?

Esse é um dos assuntos mais explorados pelos exegetas; os autores anglo-saxões e americanos, especialmente, tentaram encontrar na profecia o maior número possível de fatos relativos aos Estados Unidos e à América.

Devemos nos lembrar de que Nostradamus era francês e bom católico, e que a Igreja à qual pertencia é a única referência usada em sua obra para fatos e lugares.

Portanto, sua mensagem centraliza-se na França e na história da Igreja Católica, vista através do papado, verdadeira coluna vertebral da civilização cristã ocidental, pois representa a única continuidade histórica dessa civilização. E quando dizemos, graças a Nostradamus, e também a Malaquias [1], que o fim da civilização ocidental corresponde ao fim da Igreja Católica, com a destruição de Roma, compreende-se perfeitamente por que os países mais citados por Nostradamus são a França, a Itália e a Espanha, nessa ordem, as três irmãs latinas defensoras do catolicismo.

Por isso, a maioria dos autores, animada por um anticlericalismo visceral e primário, incapaz de superar suas intolerâncias sectárias, não conseguiu compreender o sentido profundo da mensagem de Michel de Nostredame. Por isso, também, o profeta pouco se interessou pelos Estados Unidos, pois esse país representa, dentro da civilização ocidental, um poder material e tecnológico, e não espiritual; além disso, trata-se de um país protestante, relativamente

[1] Primeiro bispo de Armagh, na Irlanda; escreveu a célebre profecia dos papas.

pouco ligado, no plano metafísico, à destruição de Paris, capital da França, primogênita da Igreja, e à de Roma, berço do catolicismo.

Talvez esse fato seja o responsável pela cegueira constante e reincidente dos dirigentes americanos em face dos perigos que ameaçam a Igreja Católica. Excetuando-se, neste caso, a lucidez de John Kennedy, primeiro presidente católico dos Estados Unidos.

Nostradamus lançou um longo olhar sobre o período que vai de 1792, ano do começo do fim da civilização ocidental, a 1999, que é o ano do seu fim propriamente dito.

Compreende-se que o profeta tenha dedicado a Napoleão I um grande número de quadras, criticando-o severamente devido à sua luta contra a Igreja Católica; o anticlericalismo dos filósofos do século XVIII, utilizado pelos revolucionários da "prairial", foi adotado pelo filho da Revolução, o "general vendemiário". Por esse motivo também, Napoleão III e Garibaldi, cuja luta contra o papado viria a destruir o poder temporal do papa, são citados com detalhes. Para Nostradamus, a história da civilização cristã está estruturalmente ligada à do povo de Israel, pois é preciso não esquecer que o cristianismo começou na Palestina. Assim, tudo o que diz respeito ao mundo muçulmano, especialmente na última metade do século XX, interessou a Nostradamus, a ponto de o profeta lhe ter reservado um grande número de textos, designando-os por meio de várias palavras: "bárbaros", devido à costa barbárica, "árabes", "nascente", "ismaelitas", "mouros", "lunares", "Pérsia", "Tunísia", "Argélia", "Bizâncio", "Turquia", "Marrocos", "Fez", "Maomé", "Aníbal" e "púnico", referindo-se ao ódio que os cartagineses tinham de Roma, "Síria", "Judéia", "Palestina", "Hebréia", "Solimão", "Mesopotâmia" (o Iraque). Todas essas palavras aparecem em mais ou menos cento e dez quadras. Esse dado estatístico demonstra um grande esforço profético, pois Nostradamus viu, simultaneamente, a parada da expansão do Império Otomano em Lepanto, em 1571, e a volta do poder muçulmano, na segunda metade do século XX.

Se Nostradamus inseriu em sua obra uma grande quantidade de quadras especialmente detalhadas, como as que falam de Varennes (IX, 20), Buffalora (VIII, 12), Magnavacca (IX, 3), etc., foi para que, no dia em que tais profecias se realizassem, fosse reconhecido o valor do seu tra-

balho. É o que prevê na "Carta a César": "e as causas serão cumpridas universalmente sobre toda a Terra... Pois a misericórdia de Deus não se estenderá sobre os homens, meu filho, até que a maior parte das minhas profecias sejam cumpridas e que esse cumprimento seja total... apesar dessa forma velada, estas coisas se tornarão inteligíveis. Quando a ignorância for dissipada, tudo se esclarecerá".

Aix-en-Provence, 1.º de junho de 1980.

Abreviaturas

A.E.	*Alpha Encyclopédie.* Dezessete volumes.
A.V.L.	*Atlas Vidal-Lablache.*
A.U.	*Atlas universalis.*
C.U.C.D.	*Chronologie universelle.* Ch. Dreyss. Hachette, 1873.
D.A.F.L.	*Dictionnaire d'ancien français.* Larousse.
D.D.P.	*Dictionnaire des papes.* Hans Kuhner. Buchet-Castel, 1958.
D.E.N.F.	*Dictionnaire étymologique des noms de famille.* Albert Dauzat. Librairie Larousse, 1951.
D.G.F.	*Dictionnaire Grec-Français.* A. Chassang.
D.H.3	*Documents d'histoire,* 3^{e}. Cours Chaulanges.
D.H.4	*Documents d'histoire,* 4^{e}. Cours Chaulanges.
D.H.B.	*Dictionnaire d'histoire.* N. M. Bouillet. Hachette, 1880.
D.H.C.D.	*Dictionnaire d'histoire.* Ch. Dezobry. Dois volumes.
D.L.	*Dictionnaire Littré.* Quatro volumes.
D.L.L.B.	*Dictionnaire Latin.* Le Bègue.
D.L.7V.	*Dictionnaire Larousse.* Sete volumes.
D.P.	*Dictionnaire de la Provence et du Comté Venaissin.* Jean Mossy. Marselha, 1785.
D.S.G.M.	*Dictionnaire de la Seconde Guerre Mondiale.* Jean Dumont. Historama, 1971.
D.S.H.	*Dossiers secrets de l'histoire.* A. Decaux. Librairie Académique Perrin, 1966.
E.U.	*Encyclopaedia universalis.* Vinte volumes.
G.P. & M.R.	*Garibaldi.* Paolo e Monika Romani. "Les géants de l'histoire". Fayolle, 1978.

H.A.B.	*Hitler. Allan Bullock.* Marabout Université, 1963.
H.C.4	*Histoire, classe de 4e.* Fernand Nathan.
H.D.A.	*Histoire de l'Allemagne.* André Maurois. Hachette, 1965.
H.D.C.A.E.	*Histoire de Chypre.* Achille Emilianides. PUF, Que sais-je?, n.° 1009.
H.D.G.M.	*Histoire de la Grèce moderne.* Nicolas Svoronos. Que sais-je?, n.° 578.
H.D.M.J.G.	*Histoire de Malte.* Jacques Grodechot. Que sais-je?, n.° 509.
H.D.V.F.T.	*Histoire de Venise.* Freddy Thiriet. Que sais-je?, n.° 522.
H.E.F.D.P.	*Histoire d'Espagne.* Fernando Díaz Plaja. France-Loisirs.
H.F.A.	*Histoire de France.* Anquetil. Paris, 1829.
H.F.A.C.A.D.	*Histoire de France et des Français.* André Castelot e Alain Decaux. Treze volumes. Plon e Librairie Académique Perrin, 1972.
H.F.A.M.	*Histoire de France.* Albert Malet.
H.F.J.B.	*Histoire de France.* Jacques Bainville.
H.F.P.G.	*Histoire des Français.* Pierre Gaxotte.
H.F.V.D.	*Histoire de France.* Victor Duruy.
H.R.U.	*Histoire du Royaume-Uni.* Col. Armand Colin, 1967.
H.I.S.R.	*Histoire de l'Italie, du Risorgimento à nos jours.* Sergio Romano. Col. Point. Le Seuil, 1977.
H.L.F.R.A.	*Histoire de la libération de la France.* R. Aron. Fayard.
H.S.F.	*Histoire de la société française.* L. Alphan e R. Doucet.
L.C.H.3 e 4	*La classe d'histoire en 3e, en 4e.*
L.C.I.	*La campagne d'Italie.* Maréchal Juin. Ed. Guy Victor, 1962.
L.D.G.	*La Dernière Guerre.* Éd. Alphée. Mônaco.
L.D.R.	*Le dossier Romanov.* Anthony Summers. Tom Mangold, Albin Michel, 1980.
L.F.L. XIV	*La France de Louis XIV.* Culture, Art, Loisirs.
L.G.E.S.G.M.	*Les grands énigmes de la Seconde Guerre Mondiale.* Ed. St-Clair. Paris.

L.G.R.	*Les guerres de religion.* Pierre Miquel. Fayard, 1980.
L.G.T.	*La grande terreur.* Robert Conquest. Stock, 1970.
L.M.C.	*Le monde contemporain.* Hatier.
L.M.S.H.	*Le mémorial de Sainte-Helène.* Las Cases.
L.R.F.P.G.	*La Révolution Française.* Pierre Gaxotte. Fayard.
L.S.E.O.A.	*Le Second Empire.* Octave Aubry. Fayard.
L.T.R.	*Le temps des révolutions.* Louis Girard.
L. XIV.J.R.	*Louis XIV.* Jacques Roujon. Ed. du livre moderne, 1943.
M.A.B.	*Mussolini, le fascisme.* A. Brissaud. Cercle Européen du livre. Robert Langeac, 1976.
M.C.H.	*Mussolini.* Christopher Hibbert. R. Laffont, 1963.
M.G.R.	*Mythologie grecque et romaine.* Classiques Garnier.
N.E.E.	*Napoléon et l'Empire.* Hachette, 1968.
N.E.L.G.I.	*Napoléon et la Garde Impériale.* Comandante Henry Lachouque. Éd. Bloud et Gay.
N.L.M.	*Napoléon.* Louis Madelin. Hachette.
P.C.H.F.	*Précis chronologique d'histoire de France.* G. Dujarric. Albin Michel, 1977.
P.G.B.	*Pétain.* Georges Blond. Presses de la Cité, 1966.
V.C.A.H.U.	*Vingt-cinq ans d'histoire universelle.* Michel Mourre. Éd. Universitaires, 1971.

II. Nostradamus historiador

As quadras de advertência

I.1

Estant assis de nuict secret[1] estude,
Seul, reposé sur la selle[2] d'aerain?
Flambe[3] exiguë sortant de sollitude.
Fait prospérer[4] qui n'est à croire vain.

Tradução:

Sentado, à noite, estudando sozinho em um lugar retirado, numa cadeira de bronze, uma pequena chama sai da solidão e faz surgir coisas (predições) das quais não se pode duvidar.

A história:

Muitos exegetas procuraram apresentar Nostradamus como um "grande iniciado", que trabalhava em grupo, seita, loja, laboratório, etc. Ora, ele desmente essa afirmativa na primeira quadra de sua primeira centúria, repetindo duas vezes, em dois versos, que trabalhava sozinho e que recebeu a inspiração *sozinho,* no seu gabinete de trabalho, em Salon.

Essa cadeira de bronze foi objeto de inúmeras interpretações esotéricas mais ou menos fantasiosas. Sem precisar recorrer a grandes vôos da imaginação, podemos simplesmente recorrer ao simbolismo cristão, interpretando-a como uma forma de mortificação corporal. Trabalhando à noite, a cadeira pouco confortável ajudava-o a lutar contra o sono e a conservar o espírito alerta.

Quanto à pequena chama, é a mesma que baixou sobre as cabeças dos apóstolos em Pentecostes. Simboliza o ESPÍRITO e, portanto, a inspiração divina.

[1] Latim, *"secretum":* "lugar retirado", "refúgio". D.L.L.B.
[2] Latim, *"sella":* "assento", "cadeira". D.L.L.B.
[3] Do francês arcaico, *"flamme":* "chama". D.A.F.L.
[4] Latim, *"prospero":* "faço surgir", "favoreço". D.L.L.B.

I.2

La verge[1] en mains mise au milieu de Branches[2]
De l'onde[3] il moulle[4] et le limbe[5] et le pied,
Un peur[6] et voix fremissent par les manches[7],
Splendeur divine le divin près s'assied.

Tradução:
O bastão mágico, ou o símbolo da medicina, o caduceu de Mercúrio, colocado na mão daquele que tem o dom da profecia, da torrente (de palavras), ao modelar a forma e o pé (dos seus versos); e faz tremer de medo os fracos: esplendor divino, o divino senta-se ao seu lado.

Esta quadra também deu origem a interpretações mágicas e esotéricas, porém, na seqüência da primeira quadra, ele continua a explicação sobre a profecia que virá a seguir. E para que o leitor não se perca em hipóteses escabrosas sobre a inspiração que o faz escrever, Nostradamus, como na quadra anterior, repete duas vezes o que é mais importante, ou seja, a palavra "divino"; retoma, assim, o tema principal, que já afirmara na "Carta a César": "...com a ajuda da inspiração e da revelação divinas, em vigílias contínuas e meditações, redigi minhas profecias".

LEGIS CAUTIO CONTRA INEPTOS CRITICOS[8]

Qui legent hosce versus nature censunto:
Prophanum vulgus et inscium ne attrectato:
Omnesque Astrologi, Blenni. Barbari procul sunto,
Qui alieter, is, rite sacer esto.

[1] Latim, *"virga"*: "pequeno ramo", "bastão mágico", mas também "caduceu de Mercúrio". D.L.L.B.
[2] "Branchus", sacerdote de Apolo, que recebera desse Deus o dom da profecia. D.L.L.B.
[3] Latim, *"unda"*: água em movimento", "torrente". D.L.L.B.
[4] Latim, *"mollire"*, de onde vem o verbo "modelar" ("modler", em francês arcaico). D.A.F.L.
[5] Latim, *"limbus"*: "orla", "contorno", "ourela". D.L.L.B.
[6] Latim, *"pavor"* (substantivo masculino): "medo", "terror". D.L.L.B.
[7] Francês arcaico: "desastrado", "fraco". D.A.F.L.
[8] Esta é a única quadra que Nostradamus escreveu em latim. Não é numerada e se encontra entre a quadra 100 da centúria VI e a quadra 1 da VII, ou seja, exatamente no meio das doze centúrias.

Tradução:
Regras de precaução contra os parvos críticos.
Que os que lerem estes versos os julguem naturalmente; Que a turba profana e ignorante não se aproxime deles; E que todos os astrólogos, os parvos e os bárbaros se afastem. Quem fizer o contrário será justamente amaldiçoado.

Trata-se de uma série de advertências aos astrólogos, colocados no mesmo nível que os parvos e os bárbaros. Poderia parecer contraditório ao que Nostradamus escreveu na sua "Carta a César", quando diz que se baseou na astrologia permitida por lei.

Mas não há contradição. No século XVI, a astrologia não passava do estudo dos astros, sinônimo, portanto, de astronomia. No século XX, as duas palavras adquiriram sentidos diferentes. É evidente que Nostradamus se refere aos astrólogos modernos. Para justificar a advertência, vou citar o livro de um "eminente" astrólogo, Maurice Privat, que aplica sua "ciência" às profecias de Nostradamus. O livro se intitula *1940, prédictions mondiales, année de grandeur française*[1]. Foi editado alguns meses depois do livro de meu pai, em que se previa a guerra franco-alemã!

A REVOLTA DO DUQUE DE ALBA CONTRA O PAPA PAULO IV (1557).
GUERRA ENTRE O DUQUE DE ALBA E O DUQUE DE GUISE (1557).

VII.29

Le grand Duc d'Albe se viendra rebeller[2],
A ses grands pères fera le tradiment[3]:
Le grand de Guise le viendra debeller[4],
Captif mené et dressé monnument[5].

Tradução:
O grande duque de Alba se rebelará e trairá seus pais

[1] Ed. Médicis, Paris, 1938.
[2] Latim, *"rebello"*: "recomeço a guerra", "me revolto". D.L.L.B.
[3] Latim, *"trado"*: "traio". D.L.L.B.
[4] Latim, *"debello"*: "termino a guerra vitorioso". D.L.L.B.
[5] Latim, *"monumentum"*: tudo o que conserva a lembrança de alguma coisa. D.L.L.B.

(da Igreja), a guerra terminará por uma vitória contra o duque de Guise, os prisioneiros serão trocados, e ele será recordado.

A história:

"Paulo IV havia interceptado as cartas do ministro da Espanha em sua corte, que informavam o *duque de Alba* do levante das tropas de alguns barões romanos e de sua disposição para *a revolta,* se tivessem o seu apoio. Tomando conhecimento desse fato, ele, além de depor uns e excomungar outros, manda prender um dos delegados espanhóis. Em vão o duque pede, propõe acordos, mas o papa não dá atenção às suas propostas. *Então, o duque faz com que suas tropas entrem nas terras da Igreja* e toma posse de várias cidades em nome da Santa Sé e do futuro papa... o papa precisava urgentemente do apoio da França. A decisão do Conselho da França lhe devolve todas as honras, e declara Filipe, rei da Espanha, *rebelde* contra seu suserano, e, como tal, destituído do seu reino de Nápoles. Filipe, por seu lado, faz tudo para provocar uma guerra com a França. *A troca de prisioneiros ("captif mené"),* que fora motivo da trégua, é constantemente adiada... Subitamente, o *duque de Guise,* à frente de um exército, atravessa as montanhas e avança até Milão, dirigindo-se imediatamente para Nápoles. O duque de Alba, vice-rei, sem homens suficientes para enfrentar um exército tão poderoso, fica, a princípio, em situação de inferioridade... O duque de Guise, mal aconselhado, não conseguiu avançar; as tropas terrestres se desgastaram em marchas e contramarchas, para provocar uma batalha com o duque de Alba; mas este sabia que permanecer na defensiva contra um inimigo invasor significava uma vitória. Não conseguiram fazer com que agisse conforme o planejado, e todas as *honras ('dressé monument')* da campanha lhe foram atribuídas"[1].

1 H.F.A.

MORTE DE HENRIQUE II
(10 de julho de 1559)

I.35

Le Lyon jeune le vieux surmontera,
En champ bellique[1] par singulier duelle,
Dans cage d'or les yeux lui crèvera,
deux classes[2] une puis mourir mort cruelle.

Tradução:

O jovem leão vencerá o velho num torneio na liça. Ele lhe perfurará o olho na armadura dourada, em um dos dois combates, depois morrerá de morte cruel.

A história:

"O terceiro combate vai começar. O rei monta um cavalo que pertence a Emmanuel-Philibert. Está entusiasmado com a montaria, e comenta isso com seu cunhado, que lhe pede, em nome da rainha, para 'não combater', porque 'já era tarde e fazia muito calor'. Na verdade, era meio-dia, mas Henrique responde que é o *desafiador* e que esse título, segundo o costume, o obriga a participar de três combates. Seu adversário já está montado. É o comandante da guarda escocesa, Gabriel de Lorges, conde de Montgomery. Trombetas e clarins soam em fanfarra ensurdecedora. Os dois homens colocam-se em seus lugares, e depois partem para o ataque. O choque é terrível, as duas lanças se quebram, mas nenhum dos dois vai ao chão. O rei poderia ter parado. Mas quer quebrar mais uma lança *('deux classes une').* 'Senhor', suplica Vieilleville, 'juro por Deus que há três noites sonho que alguma desgraça vai vos acontecer, e que este mês de julho vos será fatal. Vós podeis fazer como quiserdes.' Montgomery também insiste para que se interrompa o combate, mas o rei insiste em prosseguir. O desafiador e o atacante precipitam-se um contra o outro. De novo, um choque terrível, as duas lanças se quebram, cavalos e cavaleiros mal conseguem manter o equilíbrio. Chegados ao fim do corredor, ambos fazem meia-volta. Henrique II apanha uma nova lança, mas Montgomery se esquece de

1 "Campo bélico": "liça", paliçada que encerra o espaço destinado aos torneios. D.A.F.L.
2 Latim, *"classis":* "exército", "frota", "combate"; *"classe depugnare":* "lutar", "combater". D.L.L.B.

desfazer-se do que restou da sua. Contrário ao costume, e sem que se saiba por quê, as trombetas tocam. Os cavaleiros de armadura partem a galope, e ouve-se apenas o ruído do aço contra o aço e dos cascos dos cavalos na areia. Os espectadores prendem a respiração, todos podem ver que o comandante da guarda escocesa se esqueceu de se desfazer da lança quebrada, e a empunha em riste. Os dois homens se chocam mais uma vez, o pedaço de lança de Montgomery escorrega pela couraça do rei, levanta *a viseira do capacete* e penetra na cabeça de Henrique II... O rei é levado para Tournelles. O ferimento é gravíssimo. A lança entrou no *olho* direito e saiu pela orelha... Enquanto o rei *agonizava ('mort cruelle'),* Diana estava enclausurada em seu quarto... No dia 10 de julho de manhã, o rei morre"[1].

A CONJURAÇÃO DE AMBOISE
(março de 1560)

IV.62

Un coronel[2] machine[3] ambition[4]
Se saisira de la plus grande armée:
Contre son prince feinte invention
Et descouvert sera sous la ramée[5].

Tradução:

Atos provocados por intriga, para se apossar da coroa, levarão à tomada das principais forças militares do país. Contra o seu rei, será tramado um levante, que será descoberto entre as árvores.

A história:

"Os protestantes armam um complô para raptar o rei e prendê-lo no Castelo de Amboise, para subtraí-lo à influência dos Guise. Um nobre desconhecido, La Renaudie, foi o chefe nominal do complô, mas o verdadeiro cabeça era o Príncipe de Condé. Porém, a conjuração de Amboise

1 H.F.A.C.A.D.
2 Latim, *"coronalis":* "de coroa". D.L.L.B.
3 Latim, *"machina"* (figurado): "ardil", "artifício", "intriga". D.L.L.B.
4 Latim, *"ambitio":* "manobra", "disputa". D.L.L.B.
5 Latim, *"raim":* "ramagem". D.A.F.L.

foi descoberta: *surpreendidos nas florestas próximas ('sous la ramée'),* os conjurados foram afogados, decapitados e pendurados nas ameias do castelo"[1].

"Passado o primeiro momento de violência, procurou-se dar um aspecto de justiça às execuções, condenando juridicamente os chefes da conjuração. Um dos *mais importantes* foi Castelnau. Ele conseguiu se livrar com a ajuda de Jacques de Savóia, Duque de Nemours. Este o havia sitiado, com forças de segurança, no Castelo de Noizai, *arsenal* dos conjurados, e iniciou negociações com ele... Nemours prometeu levá-lo em segurança. Castelnau o acompanhou, mas quando chegaram a Amboise foi preso e colocado a ferros."[2]

O TUMULTO E A GUERRA DOS GUISE (1560). A GUERRA DE CONDÉ (1562).

XII.52

Guerres, débats[3], à Blois guerre et tumulte,
Divers aguets[4], adveux inopinables[5]:
Entrer dedans Chasteau Trompette[6], insulte[7],
Chasteau du Ha[8], qui en seront coupables.

Tradução:

Haverá guerras e debates (os estados-gerais) em Blois, bem como tumultos, diversas emboscadas e acordos incríveis. O Castelo Trompette será atacado, mas os culpados serão presos.

1 H.F.A.M.
2 H.F.A.
3 Os Estados de Blois, em 1576, foram um triunfo para a Liga. Os deputados reivindicaram os direitos da nação à administração dos negócios públicos, e votaram a continuação da *luta* contra os protestantes. Os segundos Estados de Blois, de 1588, foram também um triunfo para os membros da Liga, que chegaram *mais violentos* ainda do que em 1576. D.L.7 V.
4 *"Guet",* "emboscada". D.A.F.L.
5 Latim, *"inopinabilis":* "inconcebível", "incrível". D.L.L.B.
6 Fortaleza famosa, em Bordeaux, às margens do rio Garona, demolida em 1785. D.L.7 V.
7 Latim, *"insulto":* "ataco", "desafio". D.L.L.B.
8 Ham: capital do cantão do Somme, célebre fortaleza construída em 1470, e que serviu de *prisão estadual.* D.H.B. *(Exemplo de apócope.)*

A história:

"Para conseguir a absolvição de Calvino, era preciso desafiar os nobres. Eles não tomavam partido, contentando-se em encorajar, às escondidas, os oponentes, que, assim, passavam por *conspiradores*. Condé, que tinha pouco a perder, era o mais ousado. Bourbon não se manifestava. Encontraram, afinal, um fidalgo sem fortuna, La Renaudie, para ser o testa-de-ferro de um *complô* que tinha por fim acusar os Guise de crime de apropriação indébita e de lesa-majestade! Condé aceita comandar o complô. Quando La Renaudie envia mensageiros às províncias para incitar as pessoas fiéis ao rei a se revoltarem contra a política nefasta dos Guise, milhares de homens se põem a caminho. Em fevereiro de 1560, um *imenso tumulto* se delineava nas margens do Loire. A corte, que estava em *Blois,* achou mais prudente refugiar-se imediatamente no Castelo de Amboise.

"Condé, no entanto, tinha o campo livre; Bourbon era refém de Catarina. Os huguenotes se mobilizavam em todas as regiões, todos os homens estavam armados. Mas, em Paris, Condé hesita. É tomado de surpresa por Guise, que ataca o Castelo de Fontainebleau e leva à força o rei e a rainha para Paris. Condé acredita que eles estão presos. Mas Catarina faz declarações favoráveis aos Guise e denuncia os huguenotes que tomaram parte no complô. Os Guise têm de ceder; ela toma a direção do seu partido... Saindo de Meaux, Condé toma Orléans, e a 'liberta' com um grupo de cavaleiros. Todo o vale do Loire é ocupado por ele. As cidades se entregam, em meio ao entusiasmo das *assembléias* ('debates'), pró-Reforma, muito numerosas em Tours, *Blois* e Angers. É a revanche do *tumulto* malogrado. No começo de abril, o movimento armado ganha a província como um rastro de pólvora... Duras tinha fracassado, em 1562, na sua *tentativa de sublevar,* sob as ordens de Condé, o *Castelo Trompette.* Montluc o expulsara da cidade. Depois da sua intervenção, os magistrados, ou *jurados,* haviam prometido ajudar, com seus bens e seu sangue, o rei e a boa e antiga religião católica romana. A perseguição eliminou fisicamente os calvinistas mais notáveis. Os outros permaneceram escondidos ou voltaram ao catolicismo..."[1]

[1] L.G.R.

O REI DE NAVARRA, ANTÔNIO DE BOURBON, LUTA CONTRA O TRIUNVIRATO DE 1561. MORTE DE ANTÔNIO DE BOURBON NO CERCO DE ROUEN, EM 1562.

IV.88

Le grand Antoine[1] du nom de faict sordide,
De Phtyriase[2] à son dernier rongé:
Un qui de plomb[3] voudra estre cupide,
Passant le port d'esleu sera plongé.

Tradução:

O grande Antônio, de nome (Bourbon) (se entregará) a um ato sórdido; no seu último (dia) será destruído pelos vermes, por ser um dos que se mostraram ávidos pelo chumbo; ao passar pelo porto, será atirado (na tumba) por aqueles que o haviam escolhido.

A história:

"Para manter o rei de Navarra no triunvirato, o rei da Espanha, em troca da parte de Navarra que estava em seu poder, promete o reino da *Sardenha.* Começa-se a fazer grande alarde dessa ilha, de sua fertilidade, seus *portos,* suas cidades, com descrições pomposas. Dizem também ao fraco *Antônio* que é o único meio de se obter da Espanha o equivalente das terras que essa monarquia possuía, e que, ligando-se aos simpatizantes da Reforma, ele estaria fechando para sempre as portas da fortuna. Essas considerações levaram o rei de Navarra a uma decisão: liga-se abertamente aos Guise, declarando-se, sem reservas, favorável aos católicos... Rompe também com os calvinistas..."

"O cerco de Rouen[4] é famoso pela morte do rei de Navarra. Ele foi ferido, e a princípio os médicos não pensaram que fosse grave, mas, em poucos dias, morreu. *Des-*

[1] Antônio de Bourbon, rei de Navarra, duque de Vendôme, nascido em 1518, tornou-se rei de Navarra em 1548, em virtude do seu casamento com Jeanne d'Albret. À frente do exército católico, *lutou contra seu próprio irmão,* Condé, que comandava os protestantes. Nascido no seio da Reforma, ele odiava os protestantes e abandonou essa religião; foi *pouco lastimado pelos católicos.* D.H.B.

[2] Doença pedicular, vermes. D.L.7 V.

[3] Sardenha: As riquezas minerais são abundantes; as minas, já exploradas pelos romanos, contêm *chumbo,* prata, zinco e ferro. D.L.7 V.

[4] Rouen: *porto* no Sena, a 120 quilômetros do mar. D.L.7 V.

ceu ao túmulo, levando consigo as esperanças que o rei da Espanha lhe dera de possuir a Sardenha, e o sonho de uma vida agradável na ilha."[1]

MORTE DE NOSTRADAMUS
(2 de julho de 1566)

Presságio 141

De retour d'Ambassade, don de Roy mis au lieu
Plus n'en fera: sera allé à eu
Parans plus proches, amis, frères du sang,
Trouvé tout mort près du lict et du banc.

Tradução:
Voltando de uma visita, e guardando o presente do rei em lugar seguro, ele não poderá mais agir, e morrerá. Os parentes próximos, amigos e consangüíneos o encontrarão morto ao lado do leito e da cadeira.

A história:
Essa célebre quadra, na qual Nostradamus prevê a própria morte, encontra-se em todos os trabalhos sobre o profeta.

Em 1564, Nostradamus visitou Carlos IX, que lhe ofereceu trezentos escudos de ouro. Sua família e seus amigos o encontraram morto, ao lado do leito e ao pé da cadeira onde costumava sentar-se.

Sua obra estava terminada.

Essa quadra é a última da obra de Nostradamus, pois é seguida das cinqüenta e oito sextilhas que encerram o texto. Deve-se notar que na "Carta a César", no início da profecia, Nostradamus fala ao filho da "extinção corporal de teu progenitor".

[1] H.F.A.

O CERCO DE MALTA PELOS TURCOS (1565). PARTICIPAÇÃO DOS MALTESES NA BATALHA DE LEPANTO (1571). REUNIÃO DA FROTA CRISTÃ EM MESSINA (24 de agosto de 1571).

IX.61

La pille faite à la coste marine,
Incita[1] nova[2] et parens amenez:
Plusieurs de Malte par le fait de Messine,
Estoit serrez seront mel[3] guerdonnez[4].

Tradução:
A pilhagem nas costas marítimas, novas incursões e o rapto de parentes levarão muitos homens a Malta, para participar da ação em Messina. Aqueles que forem sitiados serão recompensados com doçura.

A história:
"Em 1565, não havia dúvida de que, em Constantinopla, o velho Solimão II preparava grandes quantidades de armamentos. O objetivo era um mistério. Mas *Malta* parecia o mais provável... Na madrugada de 18 de maio, as sentinelas avistaram trinta e oito galeras turcas no horizonte. Comandadas por Piali Paxá, transportavam uma expedição de mais de trinta e oito mil homens, com cinqüenta canhões, sob as ordens de Mustafá Paxá... Enfim, no dia 26 de agosto, a expedição de socorro sai de Siracusa. Os turcos, prevenidos, começam a se retirar. A 12 de setembro, as últimas forças muçulmanas haviam deixado Malta. O grande *cerco ('serrez')* estava terminado. Aparentemente, todo o Ocidente dependia da sorte de Malta... A vitória de Malta marca o início do declínio marítimo da Turquia. Esse declínio não foi percebido por algum tempo, e durante os anos seguintes temia-se ainda uma ofensiva dos muçulmanos. Mas, seis anos depois do cerco de Malta, a grande vitória de Lepanto, no golfo de Corinto, no dia 7 de outubro de 1571, pela Santa Aliança (com a qual colaboraram quatro galeras da

[1] Latim, *"incitus":* "arrojado", "impetuoso". D.L.L.B.
[2] Latim, *"novus":* "novo". D.L.L.B.
[3] Latim, *"mel":* "mel", "coisa doce". D.L.L.B.
[4] "Recompensar." D.F.F.L.

Ordem de Malta), provou, claramente, que os turcos haviam perdido o domínio do Mediterrâneo.

"Duzentos e trinta navios turcos foram capturados ou destruídos, trinta mil homens foram mortos ou feridos, três mil prisioneiros, quinze mil escravos cristãos libertados *('parens amenez').* Decidem, então, construir uma nova cidade fortificada. Todos os soberanos católicos enviaram seus *donativos,* o rei da França enviou a maior soma, 140 000 libras *('mel guerdonnez')."*[1]

"A Batalha de Lepanto: a nobreza italiana e a espanhola uniram-se sob a bandeira de Dom João da Áustria. O encontro foi marcado em *Messina.* Vinte e cinco galeras levantam âncora de Gênova, comandadas pelos cidadãos mais ilustres... No dia 24 de agosto, com noventa galeras espanholas, Dom João chega, e se retira no dia 16 de setembro. Escreve ao rei, dizendo que resolvera partir à procura da armada turca..."[2]

A TOMADA DE CHIPRE PELOS TURCOS (1571). O SAQUE DA ILHA.

XII.36

Assault farouche en Cypre se prépare,
La larme à l'oeil[3], de ta ruine proche;
Bysance classe, Morisque si grand tare;
Deux différents le grand vast par la roche.

Tradução:

Um ataque cruel se arma contra Chipre, que se prepara para chorar porque sua ruína pela frota turca está próxima; o Islã fará grandes estragos e duas (armadas) diferentes devastarão estas regiões rochosas.

A história:

"O poder turco ascendente alarma a República de Veneza, que, para conservar suas possessões, procura manter-se na mais completa neutralidade. Mas não consegue. Em 1566, os turcos ocupam a ilha de Quio. Em 1567, tomam

1 H.D.M.J.G.
2 "Lepanto, uma batalha de gigantes para salvar o Ocidente." André Thévenet, em *Historama.*
3 *"Avoir la larme à l'oeil":* estar a ponto de chorar. D.L.7 V.

Naxos. O Sultão Selim II torna-se cada vez mais arrogante com os venezianos, *e não esconde sua intenção de ocupar Chipre.* Em 1570, ele envia a Veneza um embaixador, que exige a entrega da ilha, por motivos de segurança e de vizinhança geográfica. Mas o Senado da República rejeita, com desprezo, essa exigência, e informa ao embaixador que Veneza pretende conservar Chipre a qualquer preço. A partir desse momento, começa o *conflito armado.* O sultão, ofendido com a resposta negativa dos venezianos, ordena a Lala Mustafá, chefe do seu exército, que *prepare uma expedição contra Chipre;* alguns meses mais tarde, no dia 1.° de julho de 1570, a *frota turca* desembarca no porto de Larnaca, ocupando-o sem resistência. Mas os venezianos haviam reservado suas forças para a defesa de Nicósia, a capital, e de Famagusta, seu porto principal.

"Os turcos, apesar de sucessivas incursões, não conseguem vencer os venezianos, e propõem aos seus adversários a rendição voluntária da cidade, o que é logo rejeitado. Então, os atacantes, reforçados pelo exército de Piali Paxá, que acabara de desembarcar, recomeçam a luta. Nos primeiros dias de setembro, a posição dos venezianos começa a se tornar cada vez mais difícil, e a 9 de setembro Nicósia capitula. A bandeira do Sol Nascente é içada nas ameias. Durante três dias, *tudo é pilhado, o massacre dos cristãos é geral,* a Catedral de Santa Sofia é transformada em mesquita.

"Em abril de 1571, Mustafá, cujo exército fora reforçado pelas tropas da Síria e da Ásia Menor *('deux différents'),* começa o cerco do último bastião veneziano em Chipre. Na cidade sitiada, Marco Antônio Bragadino, seu valente comandante, luta até o fim, com seus sete mil homens.

"No começo do mês de agosto, resolvem propor a Mustafá a rendição de Famagusta em condições honrosas, e Mustafá aceita.

"Mas, quando Bragadino chega ao seu quartel-general, Mustafá não cumpre sua palavra. Manda prender Bragadino, coloca-o a ferros e o obriga a assistir ao suplício dos seus companheiros, que foram esfolados vivos."[1]

1 H.D.C.A.E.

A BATALHA DE LEPANTO
(7 de outubro de 1571)

III.64

Le chef[1] de Perse remplira grands Olchades[2]
Classe trirème[3] contre gent mahométique
De Parthe et Mede[4], et piller les Cyclades[5]
Repos longtemps au grand port Ionique[6].

Tradução:

O xá da Pérsia armará grandes navios, quando uma frota romana irá contra os muçulmanos, por causa daquele que será como um parto e um medo, e da pilhagem das Cíclades; o que garantirá a tranqüilidade, por muito tempo, na Jônia.

A história:

"Nas águas do golfo de Lepanto, teve lugar, em 1571, uma grande batalha naval, quando as frotas combinadas de Veneza, da Espanha e do papa, comandadas por Dom João da Áustria, derrotam os turcos, que perdem cerca de duzentas galeras e trinta mil homens, e, por essa derrota, *são reprimidos em suas invasões*".

"Selim II, tido como bêbado, sultão otomano (1566-1574) que sucede a seu pai, Solimão II, toma a ilha de Chipre aos venezianos. Perde, nesse mesmo ano, a Batalha de Lepanto, e morre de *alcoolismo*. Ele iniciou a série de sultões afeminados e sem reputação."[7]

"O orgulho, a crueldade, a má fé dos partos eram proverbiais. O rei e os grandes da corte haviam adotado os

---

1 *"Schah"* (do persa): "rei", "soberano". D.L.7V.
2 "'Ολκας,αδος": "navio de transporte"; por extensão, qualquer navio.
3 *"Trirème"* ou *"trière"*: navio de guerra com três fileiras superpostas de remos. Foi adotado por todas as marinhas gregas. O trirreme tornou-se o tipo comum de navio de guerra. Os romanos o adotaram, dando-lhe o nome de *"trirreme"*. D.L.7 V.
4 A Pátria, a Média e a Pérsia eram províncias do Império Persa, que se estendia para oeste até a Turquia.
5 Grupo de ilhas do mar Egeu.
6 Jônia: região da Ásia Menor, compreendendo, de um modo geral, o litoral do mar Egeu, entre os golfos de Esmirna, ao norte, e de Mendélia, ao sul. D.L.7 V.
7 D.H.C.D.

hábitos faustosos, os *vícios e a corrupção* dos monarcas orientais."[1]

"*A fraqueza* dos príncipes medos encoraja as insurreições."[2]

DOM JOÃO DA ÁUSTRIA COMANDA A FROTA CRISTÃ EM LEPANTO (1571). COMBATE OS REBELDES NOS PAÍSES BAIXOS (1578).

VI.75

Le grand Pilot sera par Roy mandé,
Laisser la classe pour plus haut lieu attaindre.
Sept ans après sera contrebandé,
Barbare armée viendra Venise craindre.

Tradução:

O grande chefe da frota será nomeado pelo rei. Deixará a frota para ocupar um lugar mais ao norte. Sete anos mais tarde, ele combaterá os bandos *(rebelles)*. O exército muçulmano temerá Veneza.

A história:

"A Santa Aliança, formada por iniciativa do Papa Pio V, com *Veneza* e Espanha, procura um meio de vingar o desastre de Chipre, tomada pelos turcos em 1.º de agosto de 1571. Dom João da Áustria e Sebastião Venier conseguem fechar completamente a rota dos navios turcos para o Ocidente, vencendo a frota turca em Lepanto (7 de outubro de 1571)"[3].

"Em 1570, *Filipe II,* filho e sucessor de Carlos V na Espanha, encarrega Dom João da Áustria, filho natural de Carlos V *('sera par Roy mandé'),* de reprimir um levante dos mouros em Granada. Escolhido, em 1571, pelos príncipes cristãos, para comandar a *frota ('le grand Pilot')* enviada contra os turcos, ele vence a célebre Batalha de Lepanto, onde os turcos perderam trinta mil homens e quase duzentas embarcações. Em 1573, ele toma Túnis, mas perde-a

---

1 D.H.C.D.
2 D.H.C.D.
3 H.D.V.F.T.

novamente no ano seguinte. Em 1576, é enviado, por Filipe II, aos Países Baixos, que estavam revoltados *('plus haut lieu'),* e combate os rebeldes *('contrebandé')* na planície de Gembloux (janeiro de 1578)[1]. Morreu alguns meses mais tarde, perto de Namur, de febre maligna."[2]

O MASSACRE DE SÃO BARTOLOMEU
(24 de agosto de 1572)

Sextilha 52

La grand Cité qui n'a pain qu'à demy
Encore un coup la Sainct Barthelemy
Engravera au profond de son âme
Nismes, Rochelle, Genève et Montpellier
Castres, Lyon; Mars[3] entrant au Bélier[4],
S'entrebatront le tout pour une dame.

Tradução:

Paris, que sofre de penúria, ao segundo soar (do sino), gravará em seus anais São Bartolomeu. Nîmes, La Rochelle, Genebra, Montpellier, Castres e Lyon serão o teatro de combates por causa de uma mulher, e a guerra (religiosa) começará (ao som do) sino.

A história:

"A guerra civil só é vantajosa para os estrangeiros. Carlos IX e sua mãe, sem dinheiro, já haviam pedido empréstimos ao rei da Espanha e ao duque de Savóia"[5].

"A reconciliação parecia eminente entre as duas partes. Os nobres protestantes voltaram à corte em grande número. Carlos IX havia chamado para fazer parte do seu conselho o Almirante Coligny... Esse favor seria fatal aos protestantes. *Catarina de Médicis,* cuja influência estava abalada, temia que o poder lhe fugisse das mãos. Ela assinara um edito análogo ao Edito de Amboise, que concedia aos protestantes *quatro locais de segurança,* onde podiam

[1] 1571-1578: *sete anos.*
[2] D.H.B.
[3] Deus da guerra; símbolo dos combates, das lutas e dos massacres.
[4] *"Bélier":* "sineta", porque o carneiro, chefe do rebanho, leva ao pescoço uma sineta, que serve para *reunir* os animais. D.L.7 V.
[5] H.F.P.G.

manter exércitos (1570). Catarina combina com o Duque Henrique de Guise o assassinato de Coligny... Planeja, com Guise, um massacre geral dos chefes protestantes."[1]

"O sino de Saint-Germain-l'Auxerrois deveria dar o sinal, às três horas, na noite de 24 de agosto. Não esperaram. *Às duas horas ('encore un coup') o sino* tocou, e um pouco mais tarde todos os campanários responderam."[2]

"O exemplo de Paris foi seguido em *grande número de cidades.* O total de vítimas foi cerca de *oito mil.*"[3]

SÃO BARTOLOMEU. O ASSASSINATO DE COLIGNY
(24 de agosto de 1572).
O DEFENSOR DE SAINT-QUENTIN (1557).

IV.8

La grand Cité d'assaut prompt et repentin[4]
Surprins de nuict, gardes interrompus[5]:
Les excubies[6] et veilles Sainct Quintin
Trucidez[7] gardes et les portails rompus.

Tradução:

Paris será surpreendida durante a noite por um assalto súbito e imprevisto, sendo os guardas dominados. Os guardas e vigilantes de Saint-Quentin serão massacrados e as portas da cidade destruídas.

A história:

"Duas coisas celebrizaram seu nome (do Almirante Coligny) para sempre: sua primeira ação de guerra — *a defesa de Saint-Quentin...*"[8]

"São Bartolomeu: a municipalidade de Paris estava preparada. O comandante da Força Pública, enviado ao Louvre, recebe ordem do rei para *fechar os portões...* O sino de Saint-Germain-l'Auxerrois devia dar o sinal às três horas, *na noite* de 24 de agosto, festa de São Bartolomeu...

[1] H.F.A.M.
[2] H.F.A.M.
[3] H.F.V.D.
[4] Latim, *"repentinus":* "súbito", "inesperado". D.L.L.B.
[5] Latim, *"interrumpere":* "interceptar". D.L.L.B.
[6] Latim, *"excubiae":* "guardas", "facções". D.L.L.B.
[7] Latim, *"trucidare":* "massacrar", "degolar". D.L.L.B.
[8] H.F.V.D.

Um alemão, Besme, entra na sala em primeiro lugar. Coligny estava de pé... Besme enterra sua espada no peito do almirante."[1]

"Filiberto Emanuel, duque de Savóia, parte imediatamente para *Saint-Quentin,* onde estavam reunidos sete mil ingleses. O Almirante Coligny ataca com setecentos homens... Filiberto Emanuel o ataca e derrota completamente... Houve mais de *dez mil mortos* ou feridos (10 de agosto de 1557)."[2]

"Coligny encerra-se em Saint-Quentin, sitiada pelos espanhóis, e sua valorosa defesa dá tempo ao país para se armar."[3]

ASSASSINATO DO ALMIRANTE COLIGNY
(24 de agosto de 1572)

III.30

Celui qu'en luitte et fer au fait bellique
Aura porté plus grand que lui le pris:
De nuict dans lict six lui feront la picque,
Nud sans harnois[4] subit sera surpris.

Tradução:

Aquele que lutou com armas na guerra e enfrentou um maior do que ele será apanhado; de noite, transpassá-lo-ão, na cama, e subitamente ele será surpreendido nu, sem suas roupas.

A história:

"Gaspard de Châtillon, senhor de Coligny, almirante da França, depois de se distinguir em *várias campanhas,* foi nomeado, em 1552, por Henrique II, coronel e almirante; contribuiu para a vitória da *Batalha* de Renty e defendeu Saint-Quentin contra os espanhóis. Depois do Tratado de Paz de Saint-Germain, em 1570, voltou à corte e foi muito

---

1 H.F.V.D.
2 H.F.V.D.
3 D.L.7 V.
4 Arte militar: armadura de ferro usada pelos homens do exército, do século XV ao século XVII. Era ainda usada durante o reinado de Carlos IX e, no de Henrique III, como no caso dos huguenotes, na Batalha de Coutras.

bem recebido, como todos os seus companheiros. Mas o Massacre de São Bartolomeu estava sendo preparado, e o almirante foi uma de suas primeiras vítimas".[1]

"O vingativo Guise mal esperou pelo sinal para ir à casa do almirante. Três coronéis do exército francês, acompanhados de Petrucci, de Siena, e Besme, o alemão, subiram as escadas precipitadamente... Besme enterrou a lâmina de sua espada no corpo do almirante; *mil golpes* se seguiram ao primeiro, e o almirante tombou esvaindo-se em sangue. Entre gritos, alarido e algazarra, ouvidos em toda parte, assim que o sino do palácio deu o sinal, os calvinistas saíram de suas casas *seminus,* estremunhados e *desarmados."*[2]

AS GUERRAS POLÍTICAS (1574-1575) ENTRE HENRIQUE III E O DUQUE DE ALENÇON

VI.11

Des sept rameaux à trois seront réduicts,
Les plus aisnez seront surprins par morts,
Fratricider les deux seront séduicts,
Les conjurez en dormant[3] seront morts.

Tradução:

Das sete crianças, só restarão três. Mortos os primogênitos, dois (dos três) se lançarão num combate fratricida; os conjurados morrerão sem resistência.

A história:

A morte dos quatro primeiros filhos de Henrique II:
Francisco II, morto em 1560;
Elisabeth, morta em 1568;
Cláudia, morta em 1573;
Carlos IX, morto em 1574.

Portanto, em 1574, estavam vivos, apenas, três filhos de Henrique II:
Henrique III;
Margarida (a Rainha Margô);
O duque de Alençon.

---

1 D.H.B.
2 H.F.A.
3 Latim (sentido figurado): "estar inativo", "ocioso". D.L.L.B.

"Entre os católicos exaltados e os protestantes fanáticos, havia se formado um novo partido, o dos POLÍTICOS... O irmão do rei, o duque de Alençon, era o dirigente... O novo rei irrita-se com as intrigas do *irmão* e *planeja desfazer-se dele.*"[1]

"*No momento decisivo,* o duque de Alençon descobre tudo."[2]

"La Mole, favorito do duque de Alençon, o conde piemontês, Coconasso, e outro partidário do duque foram *condenados à morte* e executados."[3]

QUINTA GUERRA RELIGIOSA (1574-1576)

III.98

Deux Royals frères si fort guerroyeront,
Qu'entre eux sera la guerre si mortelle,
Qu'un chacun places fortes occuperont,
De règne[4] et vie sera leur grand querelle.

Tradução:

Dois irmãos de sangue real lutarão entre si com tal intensidade que os dois acabarão mortos. Ambos ocuparão fortalezas e lutarão pelo poder e pela vida.

A história:

"A coroa passa ao último filho de Henrique II, Henrique, duque de Anjou... Sob seu cetro, o reino logo se transforma na maior anarquia. Os huguenotes recomeçam *a guerra* em 1574; tinham por aliados, desta vez, um grupo de nobres católicos, partidários da paz religiosa, reunidos sob o comando do último *irmão* de Henrique II, o duque de Alençon; eram chamados de "políticos" ou "descontentes". Com trinta mil homens, os protestantes e descontentes marcharam sobre Paris e obrigaram Henrique III a assinar o Edito de Beaulieu (1576)"[5].

"O duque de Anjou, no comando do exército do Loire,

---
[1] H.F.V.D.
[2] H.F.V.D.
[3] D.L.7 V.
[4] Latim, *"regnum":* "governo monárquico", "poder absoluto". D.L.L.B.
[5] H.F.A.M.

repousava, depois da tomada de La Charité e de Issoire, e Henrique III aproveita esse medíocre sucesso para fazer a Paz de Bergerac com os huguenotes, que conferia aos protestantes oito *locais de segurança.*"[1]

A ORIGEM DA LIGA. O ASSASSINATO DO DUQUE DE GUISE (23 de dezembro de 1588).

III.51

Paris conjure[1] un grand meurtre commettre
Blois le fera sortir en plein effect:
Ceux d'Orléans[2] voudront leur chef remettre,
Angiers, Troyes, Langres, leur feront grande forfait.

Tradução:

Em Paris, arma-se um complô para um grande assassinato, que terá muita repercussão em Blois; os que seguem Orléans (os protestantes) querem colocar seu chefe no trono, (os da Liga) de Angers, Troyes e Langres lhes farão um grande mal.

A história:

"A Liga era uma associação católica formada na França pelo Duque Henrique de Guise, em 1568. Tinha como objetivo defender a religião católica contra os huguenotes. A luta já tinha começado, com as alianças locais de defesa contra o movimento da Reforma; 1563, em Toulouse, 1565, em *Angers,* 1567, em Dijon, 1568, em Troyes e Bourges. No entanto, pode-se considerar a Liga como a origem da confederação iniciada pelo Marechal d'Humières, na Picardia, no dia seguinte ao Edito de Beaulieu (1567)... Henrique III, desde o início, foi proclamado o chefe da Liga, mas foi o Duque Henrique de Guise, chamado "o Cicatriz", quem, na verdade, passou a dirigi-la, orientando-a para servir aos

---
[1] H.F.V.D.
[2] "Conspirar", "planejar um complô". D.L.7 V.
[3] "Henrique I, de Lorena, duque de Guise, *o Cicatriz,* filho mais velho de Francisco de Guise, nascido em 1550, foi testemunha do assassinato de seu pai nos muros de *Orléans,* e a partir de então devotou um ódio implacável aos protestantes... Foi ele quem começou o *Massacre de São Bartolomeu,* ordenando a morte do almirante (1572)."

seus *propósitos* de derrubar o rei para ocupar o trono, especialmente depois que o herdeiro presuntivo da coroa, o duque de Anjou, passou *a promessa dessa sucessão real ao rei de Navarra* (o futuro Henrique IV)... A Jornada das Barricadas não chegou a realizar a mudança da dinastia. O golpe fracassou devido à falta de determinação do duque de Guise; mas o rei, expulso da capital, só encontrou remédio para o desafeto criado *mandando assassinar,* nos Estados-gerais de Blois, o conhecido *rebelde* e seu irmão (1588)".

HENRIQUE III E HENRIQUE DE GUISE
(assassinado a 23 de dezembro de 1588)

III.55

En l'an qu'un oeil[1] en France régnera,
La Cour sera en un bien fascheux trouble,
Le Grand de Bloys son amy tuera,
Le regne mis en mal et doubte double.

Tradução:
No ano em que o poder, na França, for repartido em dois, a corte se encontrará num estado bem desagradável; o rei matará seu amigo em Blois e o poder será mal visto, por causa de uma dupla indecisão.

A história:
"O chefe da Liga, Henrique de Guise, tinha *planos* mais ambiciosos. A Liga deveria ser para ele o degrau para o trono... Mas a conduta do rei era corrupta, e panfletos implacáveis revelavam a corrupção dessa *corte licenciosa e cruel,* na qual a morte se alternava ao prazer... Os Estados-gerais, reunidos na cidade de *Blois,* em 6 de dezembro de 1576, alertaram Henrique III do perigo... Caso curioso, nesses tempos deploráveis, fizeram-se importantes reformas legislativas. O Decreto de Blois (1579) reafirma as disposições liberais para o direito civil".

"A morte do duque de Anjou, irmão e herdeiro de Henrique III, reacendera todas as paixões religiosas e políticas. Até então, nunca se tinha pensado, a não ser muito vagamente, na possibilidade de um Bourbon, um herético

1 Poder: com o sentido de *olho do dono.*

relapso, vir a ser o herdeiro dos Valois; agora, existia esse perigo, pois Henrique III, o último sobrevivente dos filhos de Henrique II, não *tinha nenhum herdeiro direto.*"

"Matar o duque de Guise não significava matar a Liga. A notícia de sua morte provocou, em Paris, uma reação de espanto, mas, depois, a *fúria eclodiu.* A Sorbonne decretou o povo francês livre do juramento de fidelidade prestado a Henrique III. Era difícil destruir a *fidelidade do Parlamento à monarquia; então, houve um expurgo.*"

"Henrique III não se salvou da cilada de *Blois,* mas conseguiu salvar a fortuna do rei de Navarra, nos braços de quem foi obrigado a se lançar. Antes da última tragédia, o Bearnês havia estado numa situação bastante *difícil.*"[1]

ASSASSINATO DE HENRIQUE III
(2 de agosto de 1589)
E DOS GUISE (23 e 24 de dezembro de 1588)

IV.60

Les sept enfants[2] en hostage laissez
Le tiers[3] viendra son enfant trucider,
Deux par son fils seront d'estoc[4] percez,
Gennes, Florence viendra enconder[5].

Tradução:
Os sete filhos deixados como reféns (por Henrique II), o da Terceira (Ordem) matará seu filho (Henrique III). Duas (personagens) serão feridas a golpes de espada por seu filho (de Henrique II), as cidades próximas de Gênova e Florença não serão poupadas.

1 H.F.V.D.
2 Do casamento com Catarina de Médicis nasceram dez filhos, dois natimortos, e um menino que morreu prematuramente. Os outros são: o mais velho, o futuro marido de Maria Stuart, Francisco II, nascido em 1544; Elisabeth, esposa de Filipe II, nascida em 1545; Cláudia, duquesa de Lorena, nascida em 1547; Carlos IX, nascido em 1549; Alexandre, futuro Henrique III, nascido em 1551; Margarida, a Rainha Margô, esposa de Henrique IV, nascida em 1553; Hércules Francisco, duque de Alençon, nascido em 1555. E.U.
3 "Ordem terceira": nome dado aos seculares, mesmo casados, que faziam parte de algumas ordens religiosas (franciscanos, agostinianos, *dominicanos).* Eram também chamados de "terciários". D.H.C.D.
4 *"Estoc":* espada longa e reta. D.A.F.L.
5 Latim, *"inconditus":* "não criado", "não posto de reserva". D.L.L.B.

A história:

"Quando Maria Stuart apareceu nas festas de sagração do seu marido, Francisco II, com as jóias roubadas de Diana, todos compreenderam que, por muito tempo, a verdadeira soberana seria Catarina de Médicis".[1]

"Na véspera, pela manhã, um jovem irmão do Convento dos *dominicanos,* Jacques Clément, saiu de Paris e dirigiu-se para Saint-Cloud... Levado à presença do rei, o assassino tirou uma adaga da manga e o golpeou no baixo-ventre."[2]

"Os primeiros atos de Henrique III demonstraram o que se podia esperar dele. Em Turim, pagou com pródiga magnificência a hospitalidade do duque de Savóia, dando-lhe *Pignerol e Savigliano* (perto de Gênova), e *Perusa* (perto de Florença)."[3]

"Henrique distribuiu os punhais... Um dos quarenta e cinco o agarrou pelo braço, e enfiou o *punhal* no seu peito... Todos os punhais se levantaram ao mesmo tempo... 'Ah', exclamou o cardeal, ao ouvir o barulho, 'estão matando meu irmão.' O marechal d'Aumont mandou buscá-lo e, no dia seguinte, mandou matá-lo a golpes de *alabarda...*"[4]

HENRIQUE IV, REI (1589). ABSOLVIÇÃO DO PAPA CLEMENTE VIII (1595).

X.18

Le grand Lorrain fera place à Vendosme[5],
Le haut mis bas et le bas mis en haut,
Le fils d'Hamon[6] sera esleu dans Rome
Et les deux grands seront mis en défaut.

1 E.U.
2 H.F.V.D.
3 H.F.V.D.
4 H.F.V.D.
5 Condado elevado a ducado, em 1515, por Francisco I, em favor de Carlos de Bourbon, avô de Henrique IV. Este conferiu o título de duque de *Vendôme* a um dos filhos que tivera com Gabriela d'Estrée. D.H.B.
6 Amon: rei de Judá, filho de Manassé, imitou as crueldades do pai e foi assassinado por seus próprios servos. D.L.7 V.

Tradução:

Carlos de Lorena cederá o lugar ao (Henrique IV) duque de Vendôme. O que estava no lugar mais alto será súdito, o que estava no lugar mais baixo será rei. O filho do huguenote será eleito em Roma, e os dois grandes (de sangue real) não reinarão.

A história:

"Carlos de *Lorena,* duque de Guise, foi preso depois da morte do seu pai, embora tivesse apenas dezessete anos, e detido em Tours. Consegue escapar em 1591, e combate Henrique IV, mas logo se *submete* e recebe o governo da Provença"[1].

"Clemente VIII envia, da Espanha, um cardeal para convencer Filipe a aceitar a reconciliação com o rei (Henrique IV)... O Santo Padre declara que o assunto é muito importante e que deve ser discutido com calma. Precisava escutar a opinião de cada cardeal separadamente. Dessa forma, o papa se tornou o orientador dos *sufrágios...* Durante essas deliberações, em *Roma* orava-se publicamente pelo papa... Foi lido o pedido do rei e as condições da absolvição, as quais Perron e Ossat, em nome do príncipe, prometeram cumprir. A seguir, abjuraram, segundo a fórmula prescrita, os erros contrários à fé católica."[2]

"Mayenne (primo de Henrique IV) esperava a absolvição do papa para se entregar... Seu sobrinho, o *duque de Guise,* fez melhor: reconquistou a Provença e Marselha vencendo o duque de Savóia, as tropas de Filipe II e os traidores."[3]

1 D.H.B.
2 H.F.A.
3 H.F.V.D.

O CERCO DE PARIS POR HENRIQUE IV (1589-1594). SUA SAGRAÇÃO EM CHARTRES (27 de fevereiro de 1594). SUA ENTRADA EM PARIS (22 de março de 1594).

IX.86

Du bourg Lareyne parviendront droit à Chartres
Et feront près du pont Anthoni[1] pause:
Sept pour la paix cauteleux[2] comme martres[3]
Feront entrée d'armée à Paris clause[4].

Tradução:

De Bourg-la-Reine (Henrique IV e os seus) chegarão a Chartres e farão uma pausa perto de Anthony (em Étampes) e, graças a sete (pessoas) padres que serão mártires e que contribuirão para a paz, entrarão em Paris, que estivera fechada.

A história:

"A 1.° de novembro de 1589, Henrique IV estava em *Montrouge,* Issy e Vaugirard. Ele tenta conquistar a margem esquerda... Saint-Germain resiste. O rei resolve não insistir. Depois, abandona novamente o cerco, marchando, desta vez, para o sul. A tomada de *Étampes* lhe permite completar o cerco da capital. O próprio rei tinha ocupado *('pause')* a Beauce; os parisienses não tinham trigo...

"Em 1593, Henrique IV, da colina de *Montmartre,* pôde ver a cidade; os privilegiados do reino, impacientes para voltar ao seu conforto, já lhe haviam entregue a cidade...

"Orléans e Bourges se unem. As cidades da Picardia são muradas. Para precipitar as adesões, Henrique IV diz que precisa impressionar a imaginação do povo, mostrar-se como um verdadeiro rei, com todos os ornamentos da sagração. Reims está sob o domínio dos Guise; ele se faz sagrar em *Chartres,* onde sua família possui uma capela...

---

[1] Bourg-la-Reine e Anthony encontram-se no eixo Montrouge-Étampes.
[2] *"Cauteler":* "tramar", "maquinar". D.A.F.L.
[3] Forma popular de *"martyrem".* Ficou em Montmartre, "monte dos mártires". D.A.F.L.
[4] Latim, *"clausum",* particípio passado de *"claudo":* "eu fecho". D.L.L.B.

No dia 27 de fevereiro de 1594, começa a tradicional cerimônia... As condições estranhas do ritual não o perturbam; desse dia em diante, o rei de Navarra é o verdadeiro rei da França. Os espanhóis nada podem fazer contra ele. E Paris se rende. No dia 22 de março de 1594, menos de um mês após a sagração, o rei *faz a sua entrada.* Um *complô* tinha libertado a cidade. Os conspiradores? *Carlos de Cossé,* conde de Brissac, governador. *Jean L'Huillier,* chefe de polícia. *Martin Langlois,* advogado do Parlamento, e o Primeiro-Presidente *Le Maistre. A duquesa de Neumours,* mãe de Neumours, de Lyon, e de Mayenne, foi informada. Parecia evidente, diz Cazaux, que *Mayenne* havia concordado com a rendição da capital. Na noite de 21 para 22, Brissac e L'Huillier vão à Porte Neuve para obrigar os soldados a abri-la; os portões estavam bloqueados *('clause').* Mandam abrir também os portões de Saint-Denis. Um destacamento de mil homens, conduzidos por *Saint-Luc ('sept'),* entra na cidade."[1]

O PODER DE HENRIQUE IV É CONTESTADO. SUA LEGITIMAÇÃO POR HENRIQUE III (1.° de agosto de 1589). CAMBRAI, TOMADA POR HENRIQUE III E PERDIDA POR HENRIQUE IV (1581 e 1595).

X.45

L'ombre[2] du règne de Navarre non vray,
Fera la vie de fort illégitime,
La veu promis incertain de Cambrai,
Roy Orléans[3] donra mur[4] légitime.

Tradução:

A aparência do reino (de Henrique) de Navarra não será real, e tornará ilegítima a atividade desse bravo. O que

---

[1] L.G.R.
[2] Latim, *"umbra":* "sombra", "simulacro", "aparência". D.L.L.B.
[3] Henrique III foi duque de *Orléans* (1560), e, depois, duque de Anjou (1566), antes de suceder ao irmão, Carlos IX, morto em 31 de maio de 1574. E.U.
[4] Em sentido figurado: "defesa", "apoio", "sustentáculo". D.L.7 V.

fora prometido em Cambrai torna-se incerto (Henrique III); o duque de Orléans o legitimará com o seu apoio.

A história:

"A princípio, acreditou-se que o ferimento de Henrique III não seria mortal; mas logo uma febre violenta atacou o doente e anunciou o fim próximo. Henrique *de Navarra* ficou ao seu lado. 'Meu irmão', disse o rei, 'você pode ver como seus inimigos e os meus me traíram; esteja certo de que nunca será rei, se não se tornar católico.' Depois, voltou-se para os que o rodeavam: 'eu vos peço, como meus amigos, e vos ordeno, como rei, que depois da minha morte reconheçais meu irmão, que está aqui; prestai juramento a ele em minha presença' *('donra mur légitime').* Todos obedeceram.

"'Vós sois o rei dos *bravos' ('fort'),* disse a Henrique um dos fidalgos católicos. Apesar dessas palavras leais, muitos católicos se afastaram; para conservar os outros do seu lado, Henrique comprometeu-se solenemente, em uma assembléia dos principais fidalgos, a manter no seu reino a religião católica... Em Paris, todos estavam de acordo quanto à religião, mas não quanto às pessoas." [1]

"Cateau-Cambrésis. Em 1559, foi assinado um tratado entre Henrique II, rei da França, e Filipe II, rei da Espanha; a França recobraria Saint-Quentin e Ham; a possessão de Calais e a dos três bispados (Metz, Toul e Verdun) lhe foram garantidas. Em 1581, os franceses tomaram *Cambrésis;* os espanhóis a retomaram em 1595 *('incertain').* Retomada em 1677, foi definitivamente anexada à França, em 1678, pelo Tratado de Nimègue." [2]

[1] H.F.V.D.
[2] D.H.B.

A CONVERSÃO DE HENRIQUE IV (23 de julho de 1593). A BATALHA DE IVRY (14 de março de 1590). OCUPAÇÃO DO CONDADO DE SAVÓIA (1596). TENTATIVA DE ASSASSINATO CONTRA HENRIQUE IV POR CHÂTEL (1595).

VI.62

Trop tard tous deux les fleurs [1] seront perdues
Contre la loi serpent [2] ne voudra faire,
Des ligueurs forces par gallots [3] confondus [4]
Savone, Albingue [5], par monech [6] grand martyre.

Tradução:

Muito tarde, os dois perderão a monarquia, o protestante recusando-se a agir contra a lei (católica); as forças da Liga serão desbaratadas pelos ataques dos cavaleiros do duque de Savóia, depois que o monge (da Liga) for martirizado.

A história:

Henrique III e Henrique IV, os dois últimos reis com o nome de Henrique, foram assassinados.

"Embora custasse muito ao filho de Jeanne d'Albret o rompimento com os huguenotes, que o haviam carregado nos ombros na travessia do Loire, ele segue o conselho dos mais sábios, e no dia 23 de julho de 1593, depois de um debate de algumas horas com os doutores católicos reunidos em Nantes, declara-se convencido... *'Juro',* diz ele, 'diante de Deus todo-poderoso, *viver e morrer na religião*

[1] As três flores-de-lis, símbolo da monarquia francesa.
[2] Os protestantes foram acusados pelos católicos de executar uma obra diabólica.
[3] Outra grafia de *"galop",* "galope".
[4] Latim, *"confundere":* "desarrumar", "confundir". D.L.L.B.
[5] Os Estados da Savóia compreendiam Bresse e o Bugey, a bacia do Léman, o condado de Nice e os *diversos territórios piemonteses* cuja capital era Turim. No século XVI, a casa de Savóia sofre com a Reforma, que lhe tira suas possessões suíças, além das *pretensões francesas sobre a Itália.* Já tinha perdido Bresse e o Bugey, cedidas a Henrique IV, em 1601, e seu território fora várias vezes ocupado pelos exércitos franceses, que utilizavam o *Piemonte* como quartel-general. D.H.C.D.
[6] Latim, *"monachus":* "monge", "religioso", "eremita". D.L.L.B.

católica, protegê-la e defendê-la contra todos e contra tudo, *renunciando a todas as heresias contrárias a ela.'* "

"O rei (Henrique IV) sitia Dreux. Mayenne, para salvar a cidade, luta na planície de Saint-André, próximo a Ivry (14 de março de 1590). As forças da Liga tinham entre quinze mil a dezesseis mil homens, dos quais *quatro mil cavaleiros,* de modo que sua vanguarda parecia uma espessa floresta de lanças; os monarquistas tinham oito mil infantes e *três mil cavaleiros... Todas as unidades* atacaram ao mesmo tempo. O rei atacou os lanceiros franceses e valões... Ao fim de duas horas, todo o exército da Liga *pôs-se em fuga."*

"A Espanha talvez não ignorasse completamente a tentativa de assassinato contra o rei. Jean Châtel[1] atingiu-o na garganta com um golpe de cutelo. Henrique, abaixando-se para abraçar um fidalgo, escapou do golpe, e recebeu apenas um arranhão no lábio. Châtel tinha estudado com os *jesuítas,* e esses *padres* eram, entre os que faziam parte da Liga, os mais ardentes defensores das pretensões dos espanhóis. *Um deles foi executado com Châtel."*

"Mayenne, aparentemente, salvou o exército real, em Amiens. Seu sobrinho, o duque de Guise, fez ainda melhor, reconquistou a Provença e Marselha, que estavam sob o controle do *duque de Savóia"*[2], estendendo, assim, as fronteiras até Albingue e Savona.

PERSEGUIÇÕES AOS ASTRÔNOMOS NOS SÉCULOS XVI E XVII. COPÉRNICO E GALILEU.

IV.18

Des plus lettrez dessus les faits celestes
Seront par princes ignorans reprouvez[3]
Punis d'Édit, chassez, comme scelestes[4],
Et mis à mort la où seront trouvez.

[1] Jean Châtel: os *jesuítas,* acusados de tê-lo levado a esse crime, foram expulsos do reino. O famoso Jean Boucher escreveu uma apologia para Jean Châtel e os partidários da Liga a incorporaram no seu martirológio. D.H.C.D.
[2] H.F.V.D.
[3] Latim, *"reprobo":* "reprovo", "condeno". D.L.L.B.
[4] Latim, *"scelestus":* "celerado", "criminoso". D.L.L.B.

Tradução:
Alguns dos mais instruídos em astronomia serão condenados, punidos por editos, perseguidos como criminosos e mortos onde forem encontrados.

VIII.71

Croistra le nombre si grand des Astronomes
Chassez, bannis et livres censurez;
L'an mil six cens et sept par sacre glomes[1]
Que nul aux sacres ne seront assurés.

Tradução:
O número de astrônomos aumentará bastante em 1607, apesar das perseguições, banimentos e censura dos seus livros, por bulas, de tal sorte que não terão segurança diante do Santo Ofício.

A história:
"Galileu ficará célebre entre os astrônomos, por dois motivos: como arauto e mártir da luta do espírito científico contra as forças do obscurantismo, que, na época, estavam muito vivas, pelo menos numa parte da Igreja Católica, e como introdutor, em 1610, do uso da luneta para a observação dos astros..."

"Se Galileu se limitou a afirmar, com muita cautela, as semelhanças entre a Terra e a Lua, e as relações recíprocas do intercâmbio luminoso que as aproxima numa mesma situação, distante em relação ao Sol, foi porque o ponto principal das suas teses — a saber a concepção, paradoxal para a Terra, de ter o privilégio de ser o centro do mundo e a propriedade de ser o reino da corrupção e da morte — constituía um grande obstáculo para uma solução razoável. A afirmação da homogeneidade dos astros, incluindo a Terra, era uma parte da acusação, que *condenou* Giordano Bruno à fogueira, em 1604."

"No final de 1615, Galileu foi a Roma para tentar

[1] Latim, *"glomus",* de *"globus":* "globo", "esfera". D.L.L.B. Desde o Baixo Império, os atos importantes da administração civil eram autenticados por meio de um selo anexado ao pergaminho. Esse selo era redondo e se chamava *bulla* (bula); daí, por extensão, chamavam-se bulas às leis seladas dessa forma. D.L.7 V.

alterar essa decisão absurda, e falou abertamente a favor dos instrumentos que permitiam suas observações, mas, apesar do seu talento, não conseguiu convencer um número suficiente de pessoas. No dia 3 de março de 1616, a *obra* de Copérnico foi *colocada no index*... *Condenado pelo Santo Ofício* no dia 22 de junho de 1633, Galileu, até o dia de sua morte, viveu sempre sob vigilância."

DA PAZ DE CATEAU-CAMBRÉSIS (1559) À PAZ DE VERVINS (1598). AS EXECUÇÕES SOB O PONTIFICADO DE CLEMENTE VIII.

IX.29

Lors que celuy qu'à nul ne donne lieu,
Abandonner viendra lieu prins non prins:
Feu Nef par saignes [1], Regiment [2] à Charlieu [3],
Seront Guines, [4], Calais, Oye [5] reprins.

Tradução:
Quando aquele (Filipe II, da Espanha) ao qual não foi cedido nenhum território abandonar um território tomado e retomado, a Igreja fará correr sangue pelo fogo, o Charolais será ocupado, e Guines, Calais e Oye serão retomados (aos espanhóis).

A história:
"A Paz de Cateau-Cambrésis: Henrique II foi obrigado a restituir *Calais, Guines* e o condado de *Oye*... Henrique II, em troca das regiões que Filipe II tinha ocupado, na Picardia, devolveu o Luxemburgo e o *Charolais*" [6].

"Henrique IV termina a guerra religiosa com o Edito

---

[1] De *"saignier"*: "ensangüentar". D.A.F.L.
[2] Latim, *"regimentum"*: "ato de reger". D.L.L.B.
[3] Cidade do Charolais, quarenta e cinco quilômetros ao sul de Charolles. D.H.B. e A.V.L.
[4] Centro principal do cantão do Pas-de-Calais. D.H.B.
[5] País de Oye: pequeno país da antiga França (Baixa Picardia); fazia parte do país *reconquistado*. Hoje faz parte do departamento do Pas-de-Calais. D.H.B.
[6] H.F.A.

de Nantes (13 de abril de 1598)... Era a ruptura definitiva com a Idade Média. Dezenove dias mais tarde, os representantes do rei assinaram, em Vervins (2 de maio de 1598), o tratado de paz com a Espanha. Filipe II, vencido pelos ingleses, pelas Províncias Unidas da Holanda e por aquele a quem chamavam o 'Príncipe de Béarn', via todas as suas ambições caírem por terra *(nul lieu)* e sua monarquia, como ele próprio, enfraquecida. Queria, pelo menos, acabar em paz. O Tratado de Vervins estabelecia entre os dois Estados as fronteiras traçadas há quarenta anos pelo Tratado de Cateau-Cambrésis. *A Espanha e a França pareciam voltar ao ponto de partida ('pris, non pris')."* [1]

"O Tratado de Vervins: a Espanha devolveu Calais, Ardres, La Capelle, Doullens e o Catelet, ou seja, todo o Vermandois e uma parte da Picardia. A França cedeu Cambrai e o *Charolais."* [2]

"Duas tragédias que continuaram a preocupar a posteridade tiveram lugar durante o pontificado de Clemente VIII: a execução do conhecido heresiarca, Giordano Bruno, e a da parricida Beatrice Cenci. Nos dois anos, o papa foi chamado para dar a sentença." [3]

"Giordano Bruno: foi preso em Veneza pela Inquisição, levado a Roma e *queimado vivo,* em 1600, como heresiarca e violador dos seus votos."

"Francesco Cenci tinha quatro filhos e uma filha, Beatrice Cenci. Ele os maltratava cruelmente e os obrigava a servir a seus prazeres obscenos. Revoltada com tanto sofrimento, sua filha, Beatrice, de cumplicidade com os dois irmãos e a mãe, Lucrezia, mandou assassinar Francesco Cenci. Acusados de parricídio, morreram os quatro na forca, por sentença de Clemente VIII." [4]

---

[1] H.F.A.M.
[2] D.L.7 V. e D.H.B.
[3] D.D.P.
[4] D.H.B.

A TRAIÇÃO DE BIRON E A ESPANHA (1599). SUA EXECUÇÃO (1602).

Sextilha 6

Quand de Robin[1] la traistreuse entreprise
Mettra Seigneurs et en peine[2] un grand Prince,
Sceu par La Fin, Chef on lui trenchera:
La plume au vent[3], amye dans Espagne.
Poste attrapé estant dans la campagne
Et l'escrivain dans l'eau se jettera[4].

Tradução:

Quando a traição de Biron perturbar os senhores e um grande príncipe, será descoberta por La Fin, e ele será decapitado, devido à sua amizade com a Espanha; as cartas serão confiscadas e os que as escreveram, para evitar o mal, farão coisa pior.

A história:

"Carlos de Gontaut, duque de Biron, conhecido pela amizade com Henrique IV e por sua *traição*... Henrique tinha salvado a sua vida no combate de Fontaine-Française (1595). Apesar dos benefícios recebidos, Biron, *levado* pelo orgulho, a ambição e a avidez, *conspira* contra o seu rei, passa para o lado da *Espanha* e da Savóia, e pega em armas contra o seu país. *La Fin,* que tinha sido o instigador de tudo, denunciou o *complô*. Biron procurou *negar tudo ('se jetter à l'eau'),* mas foi acusado por seus *escritos*. Henrique IV tentou, várias vezes, fazer com que confessasse o crime e se arrependesse, para perdoá-lo, mas tudo foi em vão. Foi *decapitado* em 1602"[5].

"Ignora-se o grau de cumplicidade do conde de Auvergne e do duque de Bouillon com o marechal. Se acreditarmos no que diz Siri, esses dois *senhores* não foram os únicos a fazer parte da conspiração."[6]

---

1 Anagrama de Biron.
2 "Tormento", "dificuldade", "embaraço". D.L.7 V.
3 *"Mettre la plume au vent"*: "flutuar ao sabor do vento". D.L.7V.
4 *"Se jetter, se mettre dans l'eau"*: para evitar um mal, cometer um mal pior. D.L.7 V.
5 D.H.B.
6 H.F.A.

HENRIQUE IV, O EDITO DE NANTES, A BRETANHA (1589-1598-1610).

X.26

Le successeur vengera son beau-frère,
Occuper règne sous[1] ombre de vengeance:
Occis ostacle son sang mort vitupère[2],
Longtemps Bretagne tiendra avec la France.

Tradução:

O sucessor vingará o seu cunhado e tomará o poder, sem a menor idéia de vingança. Aquele que era um obstáculo (ao poder) será morto, mau presságio para o seu sangue; a Bretanha ficará unida à França por longo tempo.

A história:

Henrique IV, cunhado de Henrique III, sucede a este último, que representava um obstáculo para a reconciliação entre protestantes e católicos.

"O *assassinato de Henrique III,* por Jacques Clément, foi o término de um projeto concebido por Mayenne. Henrique de Navarra foi para perto dele. 'Meu irmão', disse o rei, 'veja como os seus e os meus inimigos nos traíram; esteja certo de que nunca será rei se não se tornar católico.'"

"Vencida a batalha de Ivry, o Bearnês se lembra de que era rei; *'Dêem quartel aos franceses!',* ordenou."

"Mercoeur, príncipe loreno, que fizera da *Bretanha uma espécie de reinado,* há quatro anos havia entrado em acordo para sua rendição. Vendo o exército real que o atacava, julga prudente fazer a paz, antes que ele entrasse na sua província. Ofereceu a mão de sua filha *com sua herança* a César de Vendôme, filho do rei e de Gabrielle d'Estrées. Mercoeur abdica em favor do genro, entregando-lhe *o governo.* Era o último dos grandes dirigentes da Liga. A guerra civil estava terminada."

---

1 *"Sous", por "sans"*: provavelmente um erro tipográfico. "Sem sombra de" era uma expressão corrente.
2 Latim, *"Cur omen mihi vituperat?"*: "Por que é feito para mim um presságio tão triste?" (Plauto). D.L.L.B. Observar a construção latina do terceiro verso.

"Pouco tempo depois, Henrique termina a *guerra religiosa,* com o Edito de Nantes, em 13 de abril de 1598."

"Henrique beija Mayenne, e os dois passeiam no jardim a passos largos. Mayenne, muito gordo, suava e arfava. Henrique pára, afinal, e lhe estende a mão: 'Este é o único mal que receberá de mim'. Na verdade, foi sua única *vingança* contra o dirigente da Liga."[1]

O CERCO DE LA ROCHELLE (1625-1628). O PRÍNCIPE DE ROHAN EM BLAVET, ROYAN E LA ROCHELLE.

VI.60

Le Prince hors de son terroir Celtique,
Sera trahy, deceu[2] par interprete[3]:
Roüan[4], Rochelle par ceux de l'Armorique
Au port de blave deceus par moyne et prestre.

Tradução:

O príncipe (de Rohan) deixará a França depois de ser traído e roubado por um negociante (Walter Montague). Royan e La Rochelle serão atacadas pelas tropas da Bretanha (do duque de Vendôme). Depois da expedição de Blavet, serão enganados por um eclesiástico.

A história:

"Em *La Rochelle,* o regime de força inquietava a população: o rei tinha construído o Forte Luís, na frente da cidade. O duque de Guise estava com sua frota na ilha de Ré, de onde podia vigiar os corsários de La Rochelle; assim, os navios mercantes não tinham nenhuma segurança. Em plena paz, La Rochelle sofria com essa ameaça. Chamaram Rohan e Soubise. Para libertar a cidade, Soubise engendra uma expedição de rara ousadia; com alguns navios pouco armados, um grupo de soldados do Poitou, reunidos em segredo, ataca e toma de surpresa a ilha de Ré, em janeiro de 1625. Na desembocadura do *Blavet* (no porto de Blave),

[1] H.F.V.D.
[2] *"Décevoir":* "iludir". D.A.F.L.
[3] Latim, *"interpres pacis":* "negociador da paz". D.L.L.B.
[4] Observar o *ü* em lugar do *y.*

toma sete grandes navios da frota real. Escapa às tropas do duque de Vendôme, governador da *Bretanha* (da Armórica), e toma a ilha de Oléron. Richelieu irrita-se por não poder mobilizar um exército contra ele; suas forças estão na Itália, lutando contra os espanhóis. Soubise lança os navios contra *Royan,* chega à Gironda, ameaça Bordeaux...

"Na ilha de Ré, a resistência dos homens do rei detém as forças inglesas, impedindo-as de desembarcar. O povo de La Rochelle declara guerra, finalmente, depois de dois meses de hesitação. Imediatamente Richelieu manda bloquear os acessos por terra... A frota é confiada a um homem da Igreja (monge e padre), Sourdis, bispo de Maillezais, líder extraordinário e de grandes recursos... Graças aos seus esforços, uma esquadra de trinta e cinco caravelas aporta na ilha, no dia 16 de outubro... De outubro de 1627 a janeiro de 1628, um exército de pedreiros limosinos trabalha na construção de um dique... Buckingham, que preparava uma expedição, é assassinado no começo de setembro. A frota inglesa, assim mesmo, levanta ferros, comandada por Lindsey. No dia 18 de setembro, ele está com Soubise e cinco mil soldados em frente a Saint-Martin-de-Ré. Atacados pelos canhões e pela fuzilaria da defesa do porto, não se aventuram a desembarcar. Lindsey envia um embaixador *(interprete),* Walter Montague, para propor a mediação dos ingleses. La Rochelle capitula, mediante promessa de vida e de liberdade religiosa para seus habitantes. A maior parte dos sobreviventes foram exilados e as muralhas arrasadas (rompidas)."[1]

"Henrique, duque de Rohan, *príncipe* de Léon, nascido em 1579, dentro da religião da Reforma, depois da morte de Henrique IV, intitula-se o dirigente dos calvinistas na França, e faz três guerras contra o governo de Luís XIII (1620-1622, 1625-1626, 1627-1629); a última lhe foi fatal. La Rochelle, que estava defendendo, foi tomada por Richelieu, e ele *teve de deixar a França ('hors de son terroir celtique')."*[2]

[1] L.G.R.
[2] D.H.B.

A REVOLTA DE GASTÃO DE ORLÉANS E DO DUQUE DE MONTMORENCY CONTRA RICHELIEU (1632). O CERCO DE BEAUCAIRE. SUA DEFESA FEITA POR MONSIEUR, IRMÃO DO REI.

S.43

Le petit coing[1], Provinces mutinées,
Par forts Chasteaux se verront dominées,
Encore un coup par la gent militaire,
Dans bref seront fortement assiegez,
Mais ils seront d'un tres-grand soulagez,
Qui aura fait entrée dans Beaucaire.

Tradução:

Uma pequena parte da Provença será objeto de revolta, mas será dominada pelos poderosos castelos; mais um golpe de força do exército. Serão sitiados por pouco tempo, mas serão libertados por uma grande personagem, que fará sua entrada em Beaucaire.

A história:

"O Duque Gastão de Orléans faz uma parada no ducado de Montpensier, onde ele contava encontrar vários nobres dispostos a marchar sob seu estandarte. Mas ninguém se apresenta. Essa demora permite que as tropas do rei, que os seguiam, se aproximassem mais; ele compreende que está para ser atacado e, apesar dos conselhos do duque de Montmorency, Gastão se lança contra o Languedoc. Já o esperavam dois exércitos, que, sob as ordens do marechal de la Force e de Shomberg, haviam penetrado na *província,* assim que a corte soube da fuga do governador. Os recursos com que Gastão contava na província não existiam mais, porque os membros suspeitos de serem contra o governo ou haviam sido presos ou estavam sob vigilância, e não podiam ajudá-lo. Os espanhóis, apesar das promessas, não lhe enviaram nem homens, nem dinheiro. Enfim, na primeira tentativa de ataque às tropas de Monsieur (irmão do rei: um dos grandes), contra *o Castelo de Beaucaire,* Gastão percebeu, quando teve de levantar *o cerco,* que não podia contar com o heroísmo dos seus soldados, nem com a habilidade dos seus capitães. Os *exércitos do rei,* pelo contrário, estavam em ótima forma; à medida que avançavam, todas as pessoas encontradas empunhando armas pagavam com a cabeça *a rebelião,* um presságio terrível para Montmorency. Sua posição era crítica. Embora muito querido pelo governo, não podia contar com nenhuma *cidade,* porque todas estavam *sob controle ('dominées')* das tropas do rei, que invadiam *a província"*[1].

[1] Pequeno trecho, desconhecido, de um lugar qualquer. D.L.7 V.

O CERCO DE LA ROCHELLE (1627). A EXECUÇÃO DO DUQUE DE MONTMORENCY (1632). OCUPAÇÃO DA LORENA (1634). GUERRA CONTRA A CASA DA ÁUSTRIA (1636).

IX.18

Le Lys Dauffois[2] portera[3] dans Nansi
Jusques en Flandre Electeur de l'Empire[4].
Neufve obturée[5] au grand Montmorency[6],
Hors lieux[7] prouvez[8] délivre[9] a clere[10] peine.

Tradução:

O delfim (que havia se tornado) rei levará (a guerra)

[1] H.F.A.

[2] Delfins da França: Luís XII subiu ao trono sem ter sido delfim. Teve dois filhos, mortos ainda pequenos, que tinham o título. Depois, deram-no ao filho de Francisco I. Vêm depois, sucessivamente, Henrique II, Francisco II; Henrique IV não foi delfim. No seu reinado, só encontramos Luís XIII. D.L.7 V.

[3] "Levar", "introduzir", "levar a guerra a um país". D.L.7 V.

[4] *Enciclop. Hist.:* Eleitores do Império Germânico: príncipe ou bispo chamado a concorrer às eleições para imperador da Alemanha. D.L.7 V.

[5] Latim, *"obturo":* "eu selo", "fecho". D.L.L.B.

[6] Henrique II, duque de Montmorency, nascido em Chantilly, em 1595. Morreu em Toulouse, em setembro de 1632.

[7] No plural, lugar exato onde ocorreu um fato. D.L.7 V.

[8] "Provar", "convencer de culpabilidade". D.A.F.L.

[9] "Entregar", "remeter", "entregar algo nas mãos de outra pessoa". D.L.7 V.

[10] Latim, *"clarus"; "clara exempla":* "exemplos célebres". D.L.L.B.

à Lorena, e até Flandres e a Alemanha. O grande (almirante) de Montmorency estará diante da nova fortaleza (o dique de La Rochelle). Em outro lugar (Castelnaudary), ele será considerado culpado e sofrerá castigo exemplar.

A história:

"O duque de *Lorena* paga as despesas da guerra. Luís XIII foi a Bar-Le-Duc e *ocupou militarmente o ducado* (1634), que ficou sob o domínio da França até o fim do século".

"Os numerosos tratados assinados por Richelieu anunciam *a extensão da guerra.* Richelieu *a leva* a todas as fronteiras da França: aos *Países Baixos,* para dividi-los com a Holanda; ao Reno, para cobrir a Champagne e a *Lorena;* à *Alemanha,* para estender a mão aos suecos e enfraquecer a onipotência da Áustria..."[1]

"Henrique de Montmorency, nomeado almirante por Luís XIII, em 1612, conquista, em 1625, as ilhas de Ré e Oléron. Quando *La Rochelle* foi atacada por Richelieu, ele lhe vendeu por um milhão a patente de almirante. Aborrecido com a corte, que lhe recusava o título de 'condestável', ele se rebela, junto com Gastão de Orléans, irmão do rei; mas foi vencido por Schomberg em Castelnaudary, *preso,* julgado e *decapitado* em Toulouse."[2]

"Este terrível exemplo valeu a Richelieu dez anos de paz."[3]

"Richelieu cerca a cidade por terra, num raio de doze quilômetros. Por mar, para *fechar o porto* e impedir qualquer auxílio dos ingleses, mandou construir, em *seis meses,* um dique de pedra, com mil e quinhentos metros de comprimento e oito metros de largura na parte alta."[4]

[1] H.F.V.D.
[2] D.H.C.D.
[3] H.F.A.M.
[4] H.F.A.M.

AS TROPAS DE LUÍS XIII SITIAM BARCELONA (1640). OCUPAÇÃO DO DUCADO DE MONTFERRAT PELAS TROPAS DE LUÍS XIII (1640). O TÍTULO DE "REI DE FRANÇA E DE NAVARRA".

VIII.26

De Catones[1] trouvez en Barcelonne,
Mys descouvers lieu terrouers[2] et ruyne:
Le grand qui tient ne tient voudra Pamplonne[3],
Par l'abbage de Montferrat[4] bruyne.

Tradução:

Os homens licenciosos que se encontram em Barcelona serão descobertos, e as pessoas serão tomadas pelo medo e arruinadas. O rei não ocupará Navarra, mas usará o título de "rei de Navarra", e no outono ocupará o ducado de Montferrat.

A história:

"O marquês de Leganez sitiava *Casal,* onde ainda havia uma guarnição francesa, que tinha protegido Milão. O conde d'Harcourt, embora com uma força bem mais fraca, marchou em socorro da cidade. O marquês, em vez de ir ao encontro do conde, perdeu vantagem ao deixar que atacassem sua linha de combate. O visconde de Turenne distinguiu-se, especialmente. Os espanhóis perderam grande parte de sua artilharia, e um quarto de suas tropas, sendo obrigados a levantar o cerco..."

"A imensa quantia necessária para sustentar uma guerra tão dispendiosa provocou rebeliões na Espanha e na França. O projeto do Duque de Olivares de fazer com que a Cata-

[1] Latim, *"Cato, catonis":* Catão. D.L.L.B. No século XVI, chamava-se comumente, a título de zombaria, "catões" às pessoas que pregavam moral mas levavam uma vida desajustada e cheia de vícios. Amyot. D.L.
[2] Latim, *"terreo":* "assusto", "apavoro". D.L.L.B.
[3] Capital de Navarra. Henrique III de Bourbon, filho de Antônio, rei de Navarra, subiu ao trono da França em 1589, com o nome de Henrique IV. Seus sucessores acrescentaram o título de *rei de Navarra* ao de *rei de França.* D.H.B.
[4] Antigo ducado da Itália, limitado ao norte e a oeste pelo Piemonte, ao sul, pela República de Gênova, e a leste por Milão, e que tinha por capital *Casal.* D.H.B.

lunha contribuísse para a defesa comum foi considerado pelos catalões como uma violação dos seus privilégios. Seu descontentamento estendeu-se aos auxiliares contratados para o serviço do exército castelhano, enviado para a defesa do Roussillon, especialmente devido aos excessos dessa milícia indisciplinada. Alguns soldados que se haviam *entregado à licenciosidade ('catones')* foram *reconhecidos ('descouvers'),* em *Barcelona,* quando uma multidão de camponeses estava nessa cidade; provocando indignação, tornaram-se objeto da fúria geral. O tumulto aumentou com a resistência que o governador opôs aos camponeses. A morte do governador provocou a *revolução ('ruyne')* nessa cidade, e seus habitantes pediram a ajuda dos franceses... O envio de considerável auxílio à Catalunha — fruto da decisão dos catalões de renunciar ao seu projeto de república e de se entregarem a Luís XIII — reanimou sua coragem. Aliados aos franceses, desafiaram os espanhóis sob o fogo do canhão de Montjuich, cidadela de *Barcelona."* [1]

A GUERRA DOS TRINTA ANOS. A FROTA FRANCESA NAUFRAGA AO LARGO DA CÓRSEGA (1646). A FRONDA DOS PRÍNCIPES.

III.87

Classe Gauloise n'approche de Corseigne,
Moins de Sardaigne tu t'en repentiras:
Trestous mourrez frustrez de l'aide grogne [2].
Sang nagera, captif ne me croiras.

Tradução:

A frota francesa não se aproximará da Córsega, nem da Sardenha, tu te arrependerás disso; todos morrerão, por falta de auxílio, devido à Fronda; o mar será ensangüentado e o prisioneiro não acreditará em mim.

A história:

"Em 1646 a Itália foi o principal teatro da guerra. Mazarino e Lionne pensam em fazer rei de Nápoles o Príncipe Tomás de Savóia-Carignan. O Papa Inocêncio X declara-se abertamente hostil a esse projeto. *Uma frota francesa* é organizada em Toulon sob o comando do duque de Brezé, grande almirante da França; navega pela costa da Toscana e desembarca as tropas francesas e piemontesas, que sitiam Orbitello (situado em frente à Córsega e à Sardenha). O cerco se prolonga. O Príncipe Tomás demonstra pouco entusiasmo e o duque de Brezé é *morto* num combate naval, que comandava, com vantagem, contra os espanhóis. Sua morte leva a frota e o exército à indisciplina. O efeito dessa campanha infeliz foi considerável, em Paris. O príncipe de Condé aproveita-se da situação para requerer o almirantado a favor do duque de Enghien, casado com a irmã do duque de Brezé [1]. Mazarino recusa; imediatamente, os Condé aproximam-se de Gastão de Orléans" [2].

"Condé reúne todos os *descontentes* e se prepara para a guerra; é a Fronda dos príncipes. Mazarino resolve impedir a ação do conde *('captif'),* bem como do irmão Conti e de seu cunhado, o duque de Longueville (18 de janeiro de 1650)... Como prefeito de Paris, Condé instala um reinado de terror e manda massacrar os partidários de Mazarino." [3]

O SÉCULO DE LUÍS XIV

X.89

De brique en marbre seront les murs réduicts,
Sept et cinquante années pacifiques,
Joye aux humains, renoué l'aqueduict,
Santé, grands fruits, joye et temps melifique [4].

Tradução:

Os muros de tijolos serão reconstruídos em mármore, cinqüenta e sete anos conhecerão a paz, alegria para os homens; o aqueduto será renovado, saúde, grandes frutos, época de alegria e doçura.

A história:

"O Castelo de Versalhes é um estilo arquitetônico... existiram pelo menos três Versalhes. O 'Castelo de Cartes',

---

[1] H.F.A.
[2] Descontentamento demonstrado por resmungos. D.L.7V.

[1] Compreende-se a relação que Nostradamus estabelece entre o duque de Brezé e a Fronda dos príncipes.
[2] L. XIV. J.R.
[3] D.L.7 V.
[4] O mel é sempre símbolo de doçura, nos escritos de Nostradamus.

mandado construir por Luís XIII, em 1631, foi o primeiro... Atualmente, forma a parte principal do *'pátio de mármore'*. Quando Luís XIV resolveu usá-lo, em 1661, começou a *embelezá-lo*... Nos jardins originais, foi construída a parte central do jardim atual... um andar e o ático aparecem de repente; cavidade profunda e sombria, deixando, abaixo do rés-do-chão, um terraço lajeado de *mármore*, com um chafariz..."

"Em 14 de novembro de 1658, ante a indecisão da Espanha sobre o casamento da infanta com Luís XIV, Mazarino simula, em Lyon, um projeto de negociações matrimoniais com a Princesa Margarida de Savóia. Imediatamente, Filipe IV, temendo que a paz lhe escapasse das mãos, envia um mensageiro secreto a Lyon, oferecendo o *casamento e a paz*, o que é imediatamente aceito pelo rei... Em 7 de novembro de 1659, a França e a Espanha assinam o Tratado dos Pireneus."[1]

De 1659 a 1715, ano da morte de Luís XIV, passam-se cinqüenta e sete anos.

"Se Luís XIV não fundou o Estado, sem sombra de dúvida o deixou muito mais forte... Durante *cinqüenta anos*, o Parlamento não rejeitou os editos, nem combateu os ministros ou o poder. Havia só uma autoridade na França. Os contemporâneos souberam reconhecer perfeitamente que a força da *nação francesa*, que lhe permitira resistir aos ataques da Europa, emanava desse poder... Versalhes simboliza uma civilização que foi *durante muitos anos* a civilização européia, um *avanço* considerável sobre os outros países, e cujo prestígio político contribuiu para expandir sua língua e suas artes."[2]

EXECUÇÃO DE CARLOS I DA INGLATERRA (1649). OCUPAÇÃO DA BÉLGICA PELA FRANÇA (1658-1714). AS DIFICULDADES DA INGLATERRA.

IX.49

Gand e Bruceles marcheront contre Anvers,
Senat[3] de Londres mettront à mort leur Roy.

[1] L.F.L. XIV.
[2] H.F.J.B.
[3] Latim, *"senatus"*: "reunião", "assembléia deliberativa". D.L.L.B.

Le sel et vin luy seront à l'envers,
Pour eux avoir le règne en désarroy.

Tradução:

(Os franceses), depois de Gand e Bruxelas, marcharão contra a Antuérpia. O Parlamento inglês condenará seu rei à morte. Conhecerá reveses econômicos por ter desmantelado o poder.

A história:

"Em agosto de 1658, Turenne se apodera de Gravelines, que pertencia à França. Depois, toma Audenarde e Yperen. Ameaça *Gand* e *Bruxelas*. Flandres já foi quase toda conquistada. Os ingleses pretendem conquistar Calais, e Filipe IV da Espanha espera que haja discórdia entre o protetor (Cromwell) e Mazarino. Mas Cromwell morre na Inglaterra e o país passa por um novo período de *agitação ('désarroy')*..."

"Em fevereiro de 1677, Luís XIV pretende dar um grande golpe, a fim de negociar as posições de poder. À frente de um exército de cento e vinte mil homens, dirige-se à Lorena, para enganar o adversário, depois muda de direção e vai para Flandres, chegando às portas de *Gand*. Ataca a cidade, que se rende, depois de cinco dias de resistência (9-12 de março). A fortaleza se rende três dias depois. Agora, *Antuérpia* é que está ameaçada..."

"No dia 22 de março de 1701, a Inglaterra e a Holanda enviam ao embaixador da França, em Haia, a lista das suas condições. Exigem a evacuação da *Bélgica* pelos franceses, a promessa de que nenhuma possessão espanhola será cedida à França, a ocupação de dez cidades 'fronteiriças' pelos holandeses, e as de Ostende e Nieuport, pelos ingleses. A esse memorando, Luís XIV responde propondo apenas a confirmação da Paz de Ryswick — o que não o impede de fortificar *Antuérpia* e as principais cidades belgas ocupadas pela França."[1]

Começada em 1642, a revolução terminou em 30 de janeiro de 1649, com a execução de Carlos I e com a votação de uma lei que proibia a nomeação do seu sucessor, uma semana depois da abolição do senado e da realeza *('règne en désarroy')*... Com a morte do protetor (Cromwell), seu filho Richard o sucedeu, mas não conseguiu manter o

[1] H.F.A.C.A.D.

equilíbrio entre um exército politizado e um Parlamento cujos membros queriam o respeito à legalidade. Um novo Parlamento, reunido em janeiro de 1659, foi dissolvido em abril, e Richard, desanimado, pede demissão do cargo. Presa da *anarquia,* a Inglaterra passa, durante alguns meses, por tendências as mais contraditórias."[1]

A REVOLUÇÃO DE 1688. A CONSPIRAÇÃO CONTRA JAIME II. O DESEMBARQUE DE GUILHERME DE ORANGE (7 de novembro de 1688). A "BILL OF RIGHTS". GUILHERME E MARIA, REIS DA INGLATERRA (1689).

IV.89

Trente de Londres secret conjureront,
Contre leur Roy, sur le pont[2] l'entreprise:
Luy fatalites la mort desgouteront
Un Roy esleu blonde, natif, de Frize[3].

Tradução:

Trinta personagens de Londres conspirarão contra o rei, e o ataque será feito por mar; as fatalidades da morte (de seu pai) o deixarão desgostoso, depois serão escolhidos um rei nativo da Holanda e uma loura (Maria).

A história:

"Em 1685, quando subiu ao trono, Jaime II conhece os perigos que o ameaçam e sabe que sua fé lhe acarretará inimigos mais numerosos do que suas convicções políticas... A emoção atinge o auge no dia 20 de junho de 1688, quando nasce um herdeiro católico, Jaime Eduardo. Esse acontecimento tira toda a esperança de o rei — que já tinha cinqüenta e cinco anos — ser sucedido por um soberano protestante. Dez dias depois do nascimento, Arthur Herbert, antigo vice-almirante da Inglaterra, leva a Guilherme de Orange *('natif de Frize')* um abaixo-assinado dos grandes senhores *('trente de Londres')* bem conhecidos e influentes. O genro de Jaime II, marido de Maria, há alguns meses em *negociações com os adversários do soberano inglês,* é convidado para chefiar a segunda revolução inglesa... A revolução de 1688 foi curta. No dia 7 de novembro de 1688, Guilherme desembarca em Torbay, no Devon *('sur le pont l'entreprise').* No dia 25 de dezembro, Jaime II, a quem ajudaram a fugir, desembarca em solo francês. Em 23 de fevereiro de 1689, a questão do trono é resolvida legalmente... Jaime II, inepto, não consegue fazer rapidamente as concessões indispensáveis, uma vez que a questão da legalidade do trono estava sendo apresentada teoricamente por Guilherme, cuja popularidade pessoal era duvidosa. *A lembrança da execução do seu pai* pesa na decisão do rei e o faz abandonar a questão *('la mort dégoûtera')...* Em 13 de fevereiro de 1689, a Convenção aprova uma lei para a declaração dos direitos e liberdades individuais e para *regulamentar a sucessão ao trono ('Roi élu'),* mais conhecida pelo nome de *Bill of Rights...* A *lei atribui* a Guilherme e a Maria a coroa da Inglaterra, da França e da Irlanda e dos territórios que lhes pertencem; resolve sua sucessão e exclui qualquer futuro príncipe católico. A 23 de fevereiro, os dois novos soberanos são proclamados, sob a condição de concordarem com a *Bill of Rights."*[1]

[1] H.R.U.
[2] Grego: "πόνιος": "o mar". D.G.F.
[3] Uma das províncias do reino da Holanda. D.H.B.

VILLARS E A GUERRA DA LIGA DE AUGSBURGO. LIBERTAÇÃO DA PROVENÇA OCUPADA PELO DUQUE DE SAVÓIA (1707). VILLARS E A REVOLTA DOS "CAMISARDS" (1702-1705).

Presságio 2

La mer Tyrrhene l'Occean par la garde,
Du grand Neptune[2] et ses tridens soldats:
Provence seure par la main du grand Tende[3],
Plus Mars Narbon l'héroiq de Vilars.

[1] H.R.U.
[2] Deus romano do mar. D.L.7 V. Tomado por Nostradamus como o símbolo do poder marítimo da Inglaterra.
[3] Título de um conde que pertencia aos Lascaris de Vintimille e que, por casamento, passou a pertencer à casa de Savóia. D.H.B.

Tradução:
O mar Tirreno e o oceano serão guardados pela Inglaterra e por seus marinheiros, a Provença será libertada do duque de Savóia, e o heróico duque de Villars porá fim à guerra no Languedoc.

A história:
"O maior desastre ocorreu no *oceano.* O rei não havia ainda perdido a esperança de recolocar Jaime no trono; o desembarque de vinte mil homens deveria ser protegido por uma frota de sessenta e cinco navios, quando todas as esquadras estivessem reunidas. Uma parte estava *no Mediterrâneo* e os ventos e as tempestades a impediram de chegar a tempo... O sucesso obtido por *Villars* amplia seus planos... Fica privado de diversos destacamentos que deveria conduzir à *Provença,* invadida pelo *duque de Savóia...* A invasão da *Provença* não foi feita com as medidas de prudência que tinham sido combinadas. *Uma frota inglesa* apoiou o exército de terra e transportou a artilharia pesada, que não podia passar pelas montanhas. O inimigo, que não tinha sido detido nos locais fortificados, penetrou facilmente no centro da Provença e se aproximou de Toulon, no fim de julho (1707)... Os aliados (os ingleses e o duque de Savóia) tiveram mais sorte em Nápoles *('mer Tyrrhene'),* tomando-a de Filipe II de Espanha. Essa última expedição foi a *salvação da Provença,* que poderia ter sucumbido às forças reunidas, mas que, nesse caso, foram usadas separadamente... O eleitor da Baviera, que não podia agir como representante do príncipe, seu sobrinho, foi enviado para o Reno, a fim de combater o Príncipe Eugênio, que não teve dificuldade para se opor a *Villars;* e este último foi enviado para o Delfinado e para a *Provença,* que ainda ameaçava o duque de Savóia *('grand de Tende')...*"[1]

"A revolta dos *camisards* foi um dos contragolpes da revolução do Edito de Nantes... Durante dois anos, Luís XIV enviou, contra os rebeldes, exércitos que totalizaram vinte mil homens, sob o comando dos marechais da França; primeiro, o Conde Victor-Maurice de Broglie, depois o Marechal de Montrevel, em seguida, Villars; Villars demonstrou ser um homem de guerra *('Mars')* e um diplomata. Com a ajuda de Nicolas Lamoignon de Basville, intendente do *Languedoc,* Villars negociou com Cavalier, que resolveu

[1] H.F.A.

abandonar a causa da insurreição; privados do seu chefe principal, os insurgentes logo foram vencidos."[1]

A REGÊNCIA (1715)

III.15

Coeur, vigueur, glorie, le règne changera,
De tous points, contre ayant son adversaire.
Lors France enfance par mort subjuguera,
Le Grand Régent sera lors plus contraire.

Tradução:
Apesar da coragem, da força e da glória, o poder mudará, tendo-o seu adversário combatido em todos os domínios; a infância (do rei) colocará a França sob um jugo mortal; o Grande Regente lhe será ainda mais nocivo.

A história:
"O trono da França voltou a Luís XV, que era filho do duque de Borgonha, e conseqüentemente bisneto de Luís XIV. Mas esse príncipe tinha apenas *cinco anos.* Luís XIV tinha determinado, em seu testamento, a composição do Conselho da Regência, que deveria governar até a maioridade de Luís XV. Mas o sobrinho de Luís XIV, Filipe, duque de Orléans, interveio; fez com que o Parlamento anulasse o testamento de Luís XIV, dando-lhe, ao mesmo tempo, a regência, incondicionalmente. Em geral, essa personagem é citada por 'o Regente'; assim também, o período do seu governo é o único da história da França chamado Regência, sem qualquer outra designação.

"O duque de Orléans tinha uma inteligência superior e era conhecido por sua coragem; mas sua leviandade, seu amor ao prazer e sua fraqueza de caráter foram a causa de *muita infelicidade* para a França."[2]

A PESTE DE MARSELHA (1720)

II.53

La grande peste de cité maritime
Ne cessera que mort ne soit vengée;

[1] D.L.7 V.
[2] P.C.H.F.

Du juste sang par pris damné sans crime[1],
De la grand dame par feinte n'outragée.

Tradução:

A grande peste de Marselha não cessará antes que a morte seja vingada, o sangue do justo derramado pelo condenado sem ser acusado, por temer que a monarquia fosse ultrajada por esse logro.

A história:

"O *luto* que cobrira a França por ocasião da *morte* do Grande Delfim foi renovado no começo de 1712, e de um modo bem mais sombrio, pela morte do duque de Borgonha, que tomara o título de delfim; da amada princesa de Savóia, sua mulher, e, finalmente, do duque da Bretanha, o mais velho dos dois filhos do casal; os três morreram em menos de um mês. *Um tal acúmulo de perdas* na família real não foi *considerado como natural;* e a opinião pública acusa, indignada, o duque de Orléans, que, infelizmente, com seu desprezo por qualquer auxílio ao povo e pela ostentação afrontosa do vício, provocava em todos o ódio e o desgosto".

"Em 1720, Marselha foi vítima de um terrível flagelo, devido à falta de cuidado dos funcionários da Saúde que trabalhavam no isolamento. No fim de maio, essa imprudência facilitou o acesso da tripulação de um navio vindo da Síria e infectado pela *peste*... No fim de setembro, o vento norte começou a dissipar os miasmas pútridos que envolviam a cidade, e que haviam reduzido quase à metade uma população de cem mil pessoas. O grande flagelo cessou nessa época, mas os últimos sintomas só desapareceram depois da primeira invasão."[2]

A REPÚBLICA DAS LETRAS (1720). OS FILÓSOFOS DO SÉCULO XVIII.

IV.28

Lors que Venus[3] du Sol sera couvert
Soubs l'esplendeur sera forme occulte:

[1] Latim, *"crimen":* "acusação".
[2] H.F.A.
[3] Latim, *"venus, veneris":* desejo sexual personificado por Vênus, deusa do amor. D.L.7 V.

Mercure[1] au feu les aura descouvert,
Par bruit bellique sera mis à l'insulte[2].

Tradução:

Quando a palavra de Vênus estiver sob o manto da monarquia, sob seu esplendor se esconderá a idéia verdadeira, o fogo da eloqüência a trará à luz, (a monarquia) será atacada por um rumor belicoso.

A história:

"Em princípio, os escritores estão *sob a vigilância* da autoridade, guardiã da religião, dos bons costumes e da ordem social. Na verdade, eles fazem, *dizem* e publicam o que bem entendem... De um modo geral, a literatura do século XVIII, a que importa e a que atua, é anticristã. É uma literatura *militante,* ambiciosa e *agressiva.* Os escritores tornam-se filósofos. A literatura deixa de ser um divertimento nobre, em que o espírito se entretém em liberdade, para reivindicar, contra a Igreja... *contra a autoridade* e contra a tradição, o papel de líder do pensamento...

"Durante trinta anos, Voltaire, mais audacioso, mais forte e *impertinente,* exerce uma ditadura, sem precedentes, sobre o pensamento do século...

"A República das Letras é, em 1720, uma alegoria; meio século mais tarde, é uma realidade."[3]

A LITERATURA DO SÉCULO XVIII PREPARA A REVOLUÇÃO. A REVOLUÇÃO, CAUSA DAS GRANDES GUERRAS DOS SÉCULOS XIX E XX.

I.62

La grande perte, las que feront les lettres,
Avant le cicle de Latona[4] parfait,

[1] Filho de Júpiter, mensageiro dos deuses e deus da eloqüência. D.L.7 V.
[2] Latim, *"insulto":* "ataco", "desafio". D.L.L.B.
[3] H.F.P.G.
[4] Mãe de Apolo. Alusão à Primeira República, que vai ver crescer Napoleão, o novo Apolo. Cf. I, 76.

Feu grand déluge plus par ignares sceptres
Que de long siècle ne se verra refait.

Tradução:

A literatura fará grande mal antes que a República complete o seu ciclo; depois, os poderes incompetentes darão origem a grandes guerras, que se perpetuarão por longos séculos (XIX e XX).

A história:

"Os filósofos e os economistas exerceram enorme influência, não tanto sobre o povo, muito ignorante e geralmente analfabeto, mas sobre as classes instruídas, especialmente a burguesia. Para difundir as novas idéias, como não existiam ainda os grandes jornais políticos, serviam-se do teatro, dos livros e panfletos anônimos, com tanto sucesso, que o Parlamento os perseguia e a polícia os apreendia. Na mesma época, a publicação da *Enciclopédia* foi um poderoso instrumento de propaganda dos filósofos e dos economistas. A publicação completou-se em 1772; tinha vinte e oito volumes. Era uma pesada mas poderosa máquina de guerra, destinada a *solapar pela base ('grande perte')* todo o antigo regime e a retomar, sob o ponto de vista não-religioso, todas as idéias básicas da nova filosofia.

"Da França, as novas idéias espalharam-se pela Europa inteira."[1]

"A guerra contra a Europa: a partir de 1792, a vitória tinha criado uma série de problemas. Deviam negociar ou *continuar a guerra?* Sublevar os territórios conquistados ou respeitar nos mesmos a antiga ordem das coisas? Transformar os Estados em protetorados ou anexá-los? O pacifismo de 1789, o cosmopolitismo girondino, os planos da revolução universal, o antigo sonho das fronteiras naturais, o temor de se empenhar numa *guerra sem fim,* todas essas questões surgiam ao mesmo tempo. A solução radical prevaleceu. Um movimento a princípio humanitário, a Revolução tornava-se, agora, *belicosa... a Revolução se enterra na guerra* continental; *seu herdeiro,* o Imperador Napoleão, sucumbe, e a *França paga o ônus da guerra."*[2]

[1] H.F.A.M.
[2] H.F.P.G.

A FRANÇA ÀS VÉSPERAS DA REVOLUÇÃO (1789). EXECUÇÃO DE LUÍS XVI. MARIA ANTONIETA.

X.43

Le trop bon temps, trop de bonté royale
Faicts et déffaicts prompt, subit, négligence,
Léger croira faux d'espouse loyale.
Luy mis à mort par sa bénévolence[1].

Tradução:

A época muito boa e o rei muito bom serão aniquilados pronta e subitamente pela negligência. Farão mau juízo da leviandade da esposa do rei que será morto devido à sua benevolência.

A história:

"A França, no fim do século XVIII, era o mais extenso Estado europeu (quinhentos mil quilômetros quadrados) e *um dos mais ricos* e mais adiantados. Porém, uma doença grave pesava sobre o país *('le trop bon temps')"*[2].

"A miséria pode provocar tumulto. Mas não provoca revoluções. Estas têm causas mais profundas e, em 1789, os franceses não eram infelizes. Documentos dignos de fé provam que o estado material de todas as classes da sociedade, com exceção da nobreza rural, tinha melhorado sensivelmente."[3]

"Durante séculos, era comum os reis pedirem empréstimos; mas uma parte da receita fiscal era destinada ao pagamento dos juros ('pela negligência')."[4]

"A Rainha Maria Antonieta tornou-se impopular por sua *futilidade*[5] *('léger croira faux d'espouse loyale')."*

"Luís XVI, *cheio de boa vontade,* recorreu a ministros capazes de efetuar reformas: Turgot, e depois Necker *('par sa bénévolence')."*[6]

[1] Latim, *"benevolentia":* "boa vontade", "benevolência". D.L.L.B.
[2] L.C.H.3.
[3] L.R.F.P.G.
[4] L.C.H.3.
[5] Latim, *"leger":* "futilidade".
[6] L.C.H.3.

O PAPEL-MOEDA E A INSOLVÊNCIA DO ESTADO (1789-1796). PERSEGUIÇÃO E EXECUÇÃO DOS ESCRITORES. OS EMIGRADOS.

VI.8

Ceux qui estoient en regne pour scavoir,
Au Royal change [1] deviendront appovris:
Uns exilez sans appuy, or n'avoir,
Lettrez et lettres ne seront a grand pris.

Tradução:

Os que estavam no poder, devido à sua sabedoria (os nobres), serão empobrecidos pelas dívidas. Alguns serão exilados sem sustento e sem fortuna. Os literatos e suas obras serão pouco considerados.

A história:

"Os *assignats,* papel-moeda cujo valor era baseado nos bens ditos 'nacionais' *('royal change')*... O papel dos *assignats* torna-se importante desde o início da Revolução de 1789... As emissões se sucediam sem que tivessem lastro ou limite. A desvalorização foi rápida, quase fulminante. Foi contida, imediatamente, por meio da conversão de quinhentos e cinqüenta e oito milhões de papel em cédulas ao portador, com a supressão da Caixa de Descontos e o reembolso das ações em *assignats,* e, por fim, pelo empréstimo forçado de um bilhão feito *pelos ricos,* decretado pela Convenção...

"As leis de 29 de messidor, 5 de termidor, ano IV, e 16 de pluvioso, ano V, aboliram o curso legal dos *assignats* entre particulares e os mandatos territoriais. *O Estado ('ceux qui estoient en regne'),* depois de ter provocado a própria *insolvência* ('empobrecidos'), organizou uma espécie de falência em concordata, entre particulares. A experiência do *papel-moeda ('royal change')* estava terminada. Como jogo financeiro, foi um fracasso, provocando a ruína de milhares de famílias." [2]

[1] *"Lettre de change":* nome dado, antigamente, ao papel-moeda, aos valores de crédito emitidos pelo Estado que davam ao detentor dos mesmos o direito de reclamar, quando quisesse, o seu reembolso. D.L.7 V.
[2] D.L.7 V.

"A história da *emigração francesa* começa logo depois do 14 de Julho de 1789, e só termina em 1825, com a Lei do Bilhão de Emigrados. A semana seguinte à tomada da Bastilha foi marcada pelo primeiro êxodo de príncipes de sangue real (conde de Artois, duque de Angoulême e de Berry, príncipe de Broglie, Vandreuil, Lambesc-Conti *('ceux qui étaient au règne')*... Mais tarde, a Convenção decretou o banimento perpétuo para os emigrados (23 de outubro de 1792)." [1]

"Madame Roland, o grande químico Lavoisier, Malesherbes e muitos outros foram degolados." [2]

"André Chénier, revoltado com os excessos da Revolução, ousa expor sua opinião abertamente nas *"Cartas"* que publicou no *Journal de Paris.* Levado ao tribunal revolucionário, foi condenado à morte em 1794." [3]

A QUEDA DA BASTILHA (14 de julho de 1789). A GUERRA (20 de abril de 1792).

II.57

Avant conflit le grand mur tombera,
Le Grand à mort, mort trop subite et plainte.
Nef imparfait [4] la plus part nagera [5],
Auprès du fleuve de sang la terre teinte.

Tradução:

Antes da guerra, o grande muro cairá, o rei será executado, sua morte será súbita e triste, antes que ele termine seu reinado. A maior parte (dos guardas) nadarão no sangue; ao lado do Sena, o solo será coberto de sangue.

A história:

"Marat escreveu no *Ami du Peuple* de 14 de abril de 1791: 'Quando, por um conjunto espantoso de circunstâncias, *tombaram os muros* mal defendidos da Bastilha, os pa-

[1] D.L.7 V.
[2] H.V.D.
[3] D.H.B.
[4] Que não está terminado. D.L.7V.
[5] Locuções diversas: "nadar no sangue"; "estar coberto de sangue". D.L.7 V.

risienses se aglomeraram em frente à fortaleza; eram levados apenas pela curiosidade'."[1]

"De Launay, governador da Bastilha, e *toda* a sua guarnição, exceto o lugar-tenente do rei, Puget, foram *massacrados* pelo povo, bem como os inválidos Ferrand e Bécarel."[2]

"Desde *junho de 1791* que se fala de *guerra*. O espírito belicoso aumenta também fora da França. Foi preciso que chegasse o filho do Imperador Leopoldo, o impetuoso Francisco II, para que a *guerra* fosse deflagrada. Ante a imposição de entregar Avignon ao papa, o rei, de acordo com seus ministros, e com a maioria do Legislativo, responde com uma *declaração de guerra* (20 de abril de 1792).[3]

"A execução de Luís XVI provoca a indignação dos monarquistas e a *reprovação escandalizada* dos reis estrangeiros *('mort trop subite et plainte')*; resolvem, então, se unir contra a França republicana e belicosa, que acaba de declarar *guerra* à Inglaterra (1.° de fevereiro de 1793)."[4]

1792: O FIM DA MONARQUIA.

CARTA A HENRIQUE, REI DA FRANÇA, SEGUNDO.

"... Et durera ceste cy jusqu'a l'an mil sept cens nonante deux que l'on cuidra estre une rénovation de siècle..."

Tradução:

E esta (a monarquia) durará até o ano de 1792, que será tido como uma renovação do século.

A história:

Nostradamus indicou 1792 e não 1789. Na verdade, o fim do Antigo Regime situa-se em 21 de setembro de 1792, data em que começou o primeiro ano da República.

Nostradamus apresenta um julgamento, que pode parecer surpreendente, quando diz que acontecerá, nessa data,

[1] D.L.7 V.
[2] D.L.7 V.
[3] L.C.H.3.
[4] L.C.H.3.

a renovação dos séculos. Na verdade, sobrevoando o tempo e o espaço, ele sabe que a monarquia, em 1792, a partir da sagração de Clóvis, em Reims, em 496, terá durado treze séculos, mas sabe também que nenhuma das cinco repúblicas chegará a um século:

Primeira República: de 21 de setembro de 1792 a 15 de dezembro de 1799;

Segunda República: de fevereiro de 1848 a 2 de dezembro de 1851;

Terceira República: de 4 de setembro de 1870 a 22 de junho de 1940 — sessenta e nove anos e nove meses;

Quarta República: de outubro de 1946 a setembro de 1958 — onze anos e onze meses;

Quinta República: de setembro de 1958 a... em diante!

Daí, a expressão "renovação dos séculos"!

O FIM DO ANTIGO REGIME (1792)

II.2

Le teste bleue[1] fera la teste blanche[2],
Autant de mal que France a faict leur bien,
Mort à l'Anthene[3], grand pendu sus la branche[4],
Quand pris des siens le roi dira combien.

Tradução:

O poder republicano fará tanto mal ao poder monárquico quanto este fez (bem) à França. Morte da flor-de-lis; o rei demonstra uma grande hesitação quando verifica quantos dos seus foram presos.

A história:

"Se Napoleão não salvou a República, salvou a Revolução, com tudo o que dela podia ser salvo: a mística, o pessoal, a política estrangeira, o cosmopolitismo, a organização social. A tal ponto que a França não concebia outra maneira de voltar à ordem a não ser a *restauração da mo-*

[1] Nome que os vendeanos davam aos soldados da *República,* devido à cor do seu uniforme. D.L.7 V.
[2] No Antigo Regime, o branco foi quase sempre a cor nacional e real da França. D.L.7 V. cf. X. 20: "a pedra branca".
[3] Grego: "ἀνθίυσς": "flor". D.G.F. Observar o *A* maiúsculo.
[4] Cf. X. 20: *"deux pars voltorte".*

narquia. Em dez anos, a Revolução havia errado em todos os seus cálculos e destruído todas as esperanças. Esperavam um governo regulamentado e estável, boa situação financeira, leis justas, paz com os outros países e tranqüilidade para o povo. *O que tinham era a anarquia, a guerra, o terror, a falência, a fome e duas ou três bancarrotas*. . . Os teóricos de 1789 queriam regenerar a humanidade e reconstruir o mundo. Para escapar aos Bourbon, os teóricos de 1789 se viram na contingência de pegar em armas".

"Luís XVI e Maria Antonieta, a princípio, tomaram uma atitude enérgica. Mas foram, finalmente, conquistados pelo pânico. No último momento, o rei *ainda hesitou*. . .

"Em dez dias, tudo estava pronto: as listas de *banidos* impressas, os carrascos escolhidos e reunidos. . . Matava-se na Carmes, na Abbaye, na Force, na Salpêtrière, no Châtelet, em Bicêtre. . . Em quatro dias foram cometidos mais de cento e dez assassinatos. Entre os mortos, estavam o *Ministro* Montmorin, o arcebispo de Arles, os bispos de Saintes e de Beauvais, os *suíços,* que tinham escapado do massacre de 10 de agosto."[1]

"A comuna insurrecional exigiu a reclusão da família real na prisão do Temple, e a *prisão de numerosos suspeitos.*"[2]

OS SETE ANOS DA PRIMEIRA REPÚBLICA
(21 de setembro de 1792 a 15 de dezembro de 1799)

VI.63

La Dame seule[3] au règne[4] demeurée,
L'unic[5] éteint premier au lict d'honneur,
Sept ans sera de douleur explorée,
Plus longue vie au règne par grand heur.

Tradução:

A República, tendo conquistado o poder, o rei, morto, entre os primeiros condenados, conhecerá a dor durante sete anos, mas não terá muito tempo de vida na felicidade.

---

[1] L.R.F.P.G.
[2] L.C.H.3.
[3] Mariana, a mulher sem marido, símbolo da República francesa.
[4] Latim, *"regnum"*: "reino", "poder". D.L.L.B.
[5] O rei é único no exercício do poder monárquico.

A história:

"A Convenção se reuniu no dia 20 de setembro de 1792. Aboliu a monarquia. No dia seguinte, decreta que os atos oficiais sejam datados, a partir de então, do ano I da República"[1].

"O governo, por seus atos de opressão e de ameaças, aplicando a pena de morte indiscriminadamente, foi chamado de TERROR. A lei sobre os suspeitos, de 17 de setembro de 1793, elimina toda a possibilidade de oposição. . . Em Paris, o Tribunal Revolucionário manda para a forca os acusados, depois de um *julgamento sumário* (Maria Antonieta, os girondinos, etc.). Robespierre consegue a condenação dos hebertistas, em março, e a dos dantonistas, em abril de 1794. . .

"Depois dessa espécie de apoteose, Robespierre adota uma medida das mais impiedosas: a Lei de Prairial (10 de junho de 1794), que não dá praticamente nenhuma oportunidade ao acusado de escapar à guilhotina. Durante esse GRANDE TERROR, houve mais de mil execuções em Paris, em quarenta e cinco dias."

No dia 20 de maio de 1795, os parisienses se revoltam — *o levante da miséria* — aos gritos de "pão e Constituição de 1793!" Os termidorianos ordenam que as tropas marchem contra o povo. . . Das agitações de rua, os monarquistas passam ao massacre organizado, em várias regiões. O TERROR BRANCO faz várias vítimas no sudeste. . . Os insurgentes facilitam o desembarque dos ingleses em Quiberon, rapidamente tornado sem efeito pelas tropas do General Hoche. . . Os monarquistas tentam provocar uma insurreição em Paris, no dia 5 de outubro de 1795. Os membros da Convenção encarregam de sua defesa um jovem general — Bonaparte —, que dizima os revoltosos.

"Nos degraus da Igreja de Saint-Roch. . . O Diretório encontra os mesmos adversários novamente: monarquistas e jacobinos. Põe em prática, então, a política do pêndulo, atacando ora à direita (execução, na primavera de 1796, dos dirigentes monarquistas Stofflet e Charette), ora à esquerda (dissolução da Conspiração dos Iguais, chefiada por Gracchus Babeuf). . ."[2]

De 1792 a 1799, a França passou por uma série de perturbações e massacres sem precedentes na sua história,

---

[1] L.C.H.3.
[2] L.C.H.3.

nem mesmo nos dias sombrios da Inquisição! (*"Sept ans sera de douleur explorée!"*)

"Os homens de negócios, os burgueses, seguros e satisfeitos, são a favor de Bonaparte, que acalma os ânimos. Ele autoriza a volta dos emigrados e dá a muitos deles um posto na administração. Dá anistia aos revoltosos."

"A Constituição do *Ano VIII* (15 de dezembro de 1799) atribui o Poder Executivo a três cônsules, eleitos por dez anos; mas o primeiro-cônsul, Bonaparte, é o *único com poder de decisão;* além disso, Bonaparte tem a iniciativa das leis!"[1] A Primeira República durou sete anos e pouco mais de dois meses. *"Plus longue vie au règne par grand heur!"*

AS TULHERIAS
(20 de junho e 10 de agosto de 1792)

IX.34

Le part[2] soluz[3] Mary sera mittré[4]
Retour conflict passera sur le thuille[5]
Pas cinq cens un trahyr[6] sera tiltré[7]
Narbon et Saulce par contaux[8] avons d'huille[9].

Tradução:

Tendo tomado partido, o rei usará o barrete frígio; depois da sua volta (de Varennes), o conflito chegará até as Tulherias, uma traição será combinada entre quinhentas pessoas. Sem força por causa do conde de Narbonne e de Sauce.

---

[1] L.C.H.3.
[2] Substantivo masculino: "partido" (D.A.F.L.); "determinação", "resolução". D.L.7 V. "Sob o regime da Revolução, foi deferido a Luís XVI o poder do veto." D.L.7 V.
[3] Latim, *"solus"*: "sozinho", "solitário". D.L.L.B.
[4] "Mitra": "entre os autores gregos e latinos, o termo *mitra* indica um chapéu usado por homens e mulheres da Índia e da Frígia." D.L.7 V.
[5] "Tulherias": "lugar onde se fabricam telhas". D.L.7 V.
[6] Verbo usado como substantivo, como, por exemplo, o comer ou o beber.
[7] *"Titrer"* (sentido figurado): "combinar", "maquinar". D.L.7 V.
[8] *"Comtal", "comtaux"*: "que pertence aos condes ou a um conde". D.L.7 V.
[9] Popular: "força". D.L.7 V.

A história:

"A população de Paris, alertada pelos clubes, se insurge contra a má vontade do rei; no dia 20 de junho, um grupo de manifestantes armados invade as *Tulherias,* encosta o rei numa parede e exige a *retirada do veto;* o rei coloca na cabeça o *barrete vermelho,* mas *não cede*... No dia 10 de agosto, os federados marselheses e o povo das vizinhanças invadem as Tulherias e massacram os guardas suíços..."[1]

"Narbonne: em 1791, promovido a marechal-de-campo, depois de sua volta a Paris, assume no dia 6 de dezembro o Ministério da Guerra. Mas logo se torna *suspeito* tanto para o partido progressista quanto para o partido monarquista; demite-se de suas funções no dia 10 de março de 1792, e se entrega ao exército do norte. Volta a Paris, três dias antes de 10 de agosto, e *tenta salvar a monarquia."*[2]

"Afinal, no dia 30 de junho, os marselheses chegam. Eram quinhentos..."[3]

"Quando o coche apareceu, foi imediatamente cercado pelos guardas nacionais armados, comandados pelo procurador da Comuna, *Sauce*... Em situação cada vez mais precária, Sauce tem tempo de enviar um mensageiro a Paris... Vinte horas mais tarde, Luís XVI recebe, no quarto de dormir de Sauce, a ordem de prisão, e exclama: 'Não há mais rei na França'."[4]

O ANO DE 1792:
REVOLTAS NA PROVÍNCIA.
A FAMÍLIA REAL NA PRISÃO DO TEMPLE.

Sextilha 9

Deux estendars[5] du costé de l'Auvergne.
Senestre[6] pris, pour un temps prison regne,
Et une Dame enfans voudra mener,

---

[1] L.C.H.3.
[2] D.L.7 V.
[3] *Histoire de la Révolution Française.* A. Thiers.
[4] L.R.F.P.G.
[5] "Erguer o estandarte da revolta": "revoltar-se". D.L.7V.
[6] Latim, *"senester"*: "esquerda".

Au[1] Censuart[2] mais descouvert l'affaire,
Danger de mort murmure[3] sur la terre,
Germain[4], Bastille[5] frère et soeur prisionnier.

Tradução:

Enquanto surgirem as revoltas na região de Auvergne, a esquerda tomará o poder, as prisões continuarão durante certo tempo, e a rainha procurará enviar seus filhos para fora do país, mas o plano será descoberto por Sauce; o descontentamento popular constituirá perigo de morte; o irmão e a irmã dos mesmos pais serão aprisionados em um castelo cercado de torres (o Temple).

A história:

"Em fevereiro de 1792, não se passa um dia sem a notícia alarmante de uma revolta... Saques, massacres no Yonne e na Nièvre, onde quem ataca agora são os *morvandeses*. Em março e em abril de 1792, *o Cantal* é o palco de uma revolta que espalha o terror por umas vinte comunas: castelos incendiados, proprietários submetidos a certas imposições, autoridades passivas ou cúmplices"[6].

"Na verdade, em meio à agitação que começou em 10 de agosto, os poderes regulares, Assembléia e Conselho Executivo, procuram uma combinação com o poder insurgente, para formar a *Comuna de Paris ('senestre')*. Com o apoio das associações e das representações populares, a Comuna exerce uma verdadeira ditadura. Embora a Assembléia houvesse decretado a reclusão de Luís XVI e da *família real* no Palácio de Luxemburgo, a Comuna mandou aprisioná-los na *torre* do Temple. Logo foram *presos* milhares de 'suspeitos'."[7]

---

[1] Pela preposição latina *a* ou *ab:* "por".
[2] Anagrama de "Sauce"; as letras *n, r* e *t* foram adicionadas por epêntese e paragoge.
[3] "Ação de se queixar"; "as queixas das pessoas descontentes"; "os murmúrios do povo". D.L.7 V.
[4] "Filho do mesmo pai e da mesma mãe": *"frères germains", "soeurs germaines"*. D.L.7 .V.
[5] "Castelo flanqueado por torres"; por extensão, "qualquer prisão". D.L.7 V.
[6] L.R.F.P.G.
[7] H.F.A.M.

No que se refere à fuga para Varennes e ao papel de Sauce, ver IX. 34.

A BATALHA DE VALMY (20 de setembro de 1792). O TRIUNVIRATO (1790). ROBESPIERRE E MIRABEAU. MIRABEAU NO PANTHÉON.

IX.58

Au costé gauche[1] à l'endroit de Vitri,
Seront guettez les trois rouges de France:
Tous assoumez rouge[2], noir[3] non meurdry[4]
Par les Bretons remis en asseurance.

Tradução:

Por causa da esquerda (haverá luta) perto de Vitry. Os três vermelhos de França serão controlados e dominados pelo vermelho; o aristocrata (Mirabeau) não será morto, e será posto em segurança pelos jacobinos.

A história:

"A 17 de setembro de 1792, Kellermann volta de Vitry-le-François, indo para o nordeste. Todas as tropas aliadas, bem como todas as tropas francesas, estão agora face a face. Em 20 de setembro dá-se a vitória de Valmy".

"Descobrem-se, na *esquerda,* muitos homens da lei, como Tronchet e o advogado Le Chapelier, fundador do Clube *Bretão,* que será o futuro Clube dos Jacobinos... Logo a esquerda se divide em facções e sociedades. A mais famosa: o *triunvirato,* com Adrien Duport, Carlos de Lameth e Barnave. Opõem-se a La Fayette e a Mirabeau... Os irmãos Lameth *emigram.* Porém, o homem importante é Barnave. Quando Mirabeau se aproxima da corte, Barnave

---

[1] Política, a direita e a esquerda: em uma assembléia deliberativa, séries de bancos colocados à direita ou à esquerda; membros que ocupam esses bancos. D.L.7 V.
[2] Latim, *"rubeus"*. Diz-se dos republicanos progressistas. D.L.7V.
[3] "Negros": nome dado aos deputados da Assembléia Constituinte, que se sentavam à direita. O nome de negros foi dado aos aristocratas, tanto por analogia quanto devido ao fato de muitos deles usarem roupas eclesiásticas. D.L.7 V.
[4] *"Meurtrir":* significava "matar", "assassinar". D.L.7 V.

faz-lhe oposição cerrada. Em 1791, ele defenderá o Clube dos Jacobinos contra o Clube dos Monarquistas. Depois de Varennes, ele se aproxima do rei novamente, e se torna partidário da monarquia constitucional. É preso, condenado e *executado*."[1]

"Segue-se o decreto da lei marcial. Fica estabelecido que, em caso de agrupamento considerado perigoso, deverá ser disparado um tiro de canhão como alarme; que uma bandeira *vermelha* será hasteada em uma das janelas da câmara municipal, como sinal, e será dada ordem ao povo para se dispersar... O decreto foi apoiado por Mirabeau e atacado por Robespierre[2], cuja *demagogia,* mais de uma vez demonstrada, começa agora a se manifestar mais claramente.

"As discussões, as prisões dos *jacobinos* procediam-se em grande número... Uma sessão quase inteira discutiu o destino da Igreja de Sainte-Geneviève, ainda não consagrada ao culto católico. O decreto foi pronunciado com grande pompa, nos seguintes termos: passará a se chamar Panthéon... O *Conde* Mirabeau foi o *primeiro* a receber, no Panthéon, as honras fúnebres."[3]

O PROCESSO DE LUÍS XVI (17 de janeiro de 1793). O CASO DO ARMÁRIO DE FERRO.

VIII.23

Lettres trouvées de la Royne les coffres[4],
Point de subscrit[5] sans aucun nom d'autheur:
Par la police seront cachez les offres[6],
Qu'on ne sçaura qui sera l'amateur.

Tradução:

As cartas dos armários da rainha serão descobertas sem assinatura e sem o nome do autor. A polícia dissimulará tão bem os autos de defesa, que não se ficará sabendo quem foi o beneficiário (dos fundos).

A história:

"Uma carta de Laporte, que dizem ter sido datada com sua letra, é enviada a Luís. Ele declara não reconhecer nem a carta, nem a data. Aparecem mais duas, ambas com anotações feitas com a letra de Luís, de 3 de março e de 3 de abril de 1791. Ele declara não reconhecê-las... Um documento *sem assinatura,* contendo um ato de defesa; antes de interpelar Luís sobre esse documento, o presidente lhe pergunta o seguinte: 'mandou fazer, numa das muralhas do Palácio das Tulherias, *um armário* com uma porta de ferro, no qual guardou certos papéis?' Luís: 'não tenho conhecimento disso, e nem do documento *sem assinatura...*'"[1]

"Observei que, pela aparência dos selos que a Justiça mandava colocar nos documentos de todos os acusados, jamais fora feito o inventário dos documentos que estavam selados, a não ser na presença do acusado. Acrescento, ainda, que por outro lado nada seria mais fácil aos maldosos ou aos inimigos do que introduzir entre os documentos selados outros, capazes de comprometer o acusado e de *retirar os que o pudessem justificar*... A residência de Luís XVI foi invadida; seus *armários,* arrombados... No tumulto da invasão podiam ter sido *retirados* ou *adicionados* documentos, especialmente os que podiam ajudar seus inimigos... Septeuil, em uma declaração pública, explicou essa forma de especulação, confessando que não apenas dizia respeito somente a ele, mas que existia também um registro particular para os *fundos* de Luís, *sobre o qual não recebemos comunicação,* e que indica a utilização desses fundos."[2]

"Luís XVI, no seu depoimento, porém, tenta negar que tivesse conhecimento desses documentos e do famoso *armário* e dos papéis que o mesmo continha. Quanto ao resto, as peças mais importantes tinham sido retiradas em uma grande pasta e confiadas à criada de quarto de Maria Antonieta, Madame Campan."[3]

---

[1] H.F.A.C.A.D.
[2] Cf. VIII. 19 e 80. Robespierre: "a pedra vermelha".
[3] H.F.A.
[4] A importância dos cofres diminui, na metade do século XVI, substituídos por escritórios e *armários.* D.L.7V.
[5] Latim, *"subscriptio":* assinatura em um documento. D.L.L.B.
[6] Ato pelo qual a pessoa se propõe a pagar o que deve ou a cumprir uma obrigação, a fim de prevenir ou interromper uma ação judiciária. D.L.7 V.

---

[1] Interrogatório de Luís XVI. H.F.A.
[2] Defesa de Luís pelo cidadão de Sèze. H.F.A.
[3] D.L.7 V.

A FUGA PARA VARENNES (20 de junho de 1792). O VOTO PELA MORTE DO REI. A GUERRA (1.º de fevereiro de 1793).

IX.20

De nuict viendra par la forêt de Reines[1],
Deux pars voltorte[2] Herne[3] la pierre blanche[4]
Le moine[5] noir[6] en gris dedans Varennes
Esleu cap[7] cause tempeste, feu, sang, tranche.

Tradução:

Ele chegará de noite pela floresta de Reims, torturado entre dois partidos na sua vontade de fanático da monarquia; o monge nobre (de libré) disfarçado em Varennes. A cabeça de Capeto provoca a tempestade, a guerra, derramamento de sangue, a guilhotina.

A história:

"Na França reina um rei absoluto (que governa *sozinho)* de *direito divino ('hernute')*... O rei foi muito fraco para impor *sua vontade ('voltorte')*... Luís XVI, apesar

[1] Todas as edições antigas mencionam "Reines". Podemos, portanto, pensar que se trata de um erro de impressão ou de uma modificação introduzida por Nostradamus, para facilitar a rima. A floresta de Reims fica além de Varennes e foi atravessada pelo coche real.
[2] Palavra formada por dois vocábulos latinos: *"voluntas":* "vontade", "sentimentos", e *"tortus":* "torturado". Os primeiros exegetas traduziram como "cruzamento da estrada" ou "desvio", e todos os outros (Hutin, Guerin, Monterey, Colin de Larmor, etc.). Ora, Propércio usa a expressão *"torta via"*, que significa: "desvio do labirinto". As edições posteriores a 1610 trazem a palavra *"vaultorte"*, em lugar de *"voltorte"*.
[3] Abreviação de "Hernute": nome dado a uma seita cristã que se distinguia por grande pureza de costumes. D.L.7 V.
[4] A pedra branca: pedra que simboliza a edificação de alguma coisa: "tu és pedra, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja", Jesus Cristo. O branco é a cor da monarquia. Comparar com II. 2: "A cabeça azul fará a cabeça branca".
[5] Do grego "μόνος": "único", "só". D.G.F. Comparar com VI.63: "O único apagado...", mas, também, repetição da idéia de rei-monge.
[6] "Negros": o nome de "negros" foi dado aos aristocratas, tanto por analogia quanto pelo fato de muitos deles usarem roupas eclesiásticas. D.L.7 V.
[7] "Cap": Magnífico jogo de palavras por meio do qual Nostradamus nos deixa a escolha entre *"caput"*, "cabeça", em latim, e a abreviação de Capeto.

de suas *qualidades pessoais ('hernute')*, não reúne as condições exigidas para um soberano"[1].

"Luís XVI era profundamente *piedoso*... Com *a cabeça perturbada,* toma a decisão de fugir..."[2]

"O rei é *guilhotinado* em 21 de janeiro de 1793. Essa execução exalta os ânimos dos monarquistas e provoca a indignação dos reis estrangeiros; resolvem, então, se unir contra a França republicana e belicosa, que acabava de declarar guerra à Inglaterra (1.º de fevereiro de 1793)."[3]

"Por seiscentas e oitenta e três *vozes,* Luís *Capeto* foi declarado culpado de conspirar contra a segurança do Estado."[4]

EXECUÇÃO DE LUÍS XVI (21 de janeiro de 1793)

I.57

Par grand discord la trombe[5] tremblera
Accord rompu dressant la tête du Ciel
Bouche sanglante dans le sang nagera
Au sol la face oincte de laict et de miel.

Tradução:

Em meio a uma grande discórdia, a trompa de caça (do halali) soará; tendo sido rompido o acordo, (o carrasco) ergue a cabeça (do rei) ao céu, a boca sangrando nadará no sangue, sua face ungida de leite e de mel (sagrada) ficará no solo.

A história:

"O rei foi preso depois da viagem de 10 de agosto de 1792 (tomada das Tulherias e massacre dos guardas suíços). Os montanheses reclamam seu julgamento. Os girondinos procuram impedir o processo *('par grand discord')*"[6].

"Execução de Luís XVI: o carrasco *mostra a cabeça*

[1] L.C.H.3.
[2] H.F.A.M.
[3] L.C.H.3.
[4] H.F.D.G.
[5] Forma de "trompa": "trompa de caça". D.A.F.L.
[6] L.C.H.3.

do rei para o povo *('dressant la tête au Ciel')."*[1] A cabeça do rei que fora sagrado em Reims, em 1774, tombará dentro do cesto da guilhotina.

A EXECUÇÃO DE LUÍS XVI. SUA DESCENDÊNCIA.

IV.49

Devant le peuple sang sera respandu,
Que du haut ciel ne viendra eslonger[2];
Mais d'un long temps ne sera entendu,
L'esprit d'un seul le viendra témoigner.

Tradução:

O sangue será derramado ante o povo, e ele não estará longe do céu. Durante um longo espaço de tempo, não será ouvido, até que o espírito de um só venha testemunhar.

A história:

"O rei desceu lentamente do carro, deixou que lhe amarrassem as mãos, subiu os degraus, e do alto da plataforma pronunciou em voz bem alta: 'Povo! Eu morro inocente'.

"No seu testamento, escrito em 25 de dezembro de 1792, depois de perdoar os seus inimigos e aconselhar seu filho a esquecer, como ele, todo ódio e ressentimento... termina, declarando perante Deus, diante do qual *está prestes a se apresentar,* que não era culpado de nenhum dos crimes de que o acusavam."[3]

"O Abade Edgeworth procura acalmar a fraca resistência do rei com palavras que a lenda tornou famosas: 'Filho de São Luís, *sobe aos céus!*' "[4]

Os dois últimos versos dão a entender que Luís XVII não morrerá no Temple, e que um dos seus descendentes virá, mais tarde, testemunhar isso.

---

[1] L.C.H.3.
[2] Cf. I. 57: *"dressant la tête au Ciel".*
[3] D.H.C.D.
[4] H.F.A.M.

A EXECUÇÃO DE LUÍS XVI. O TERROR (21 de janeiro de 1793).

IX.11

Le just à tort à mort l'on viendra mettre
Publiquement et du milieu estaint[1].
Si grande peste[2] en ce lieu viendra naistre
Que les jugeans fouyr seront contraints.

Tradução:

Será malfeito condenar o justo à morte e executá-lo na frente do povo. Isso trará para esse lugar (Paris) uma calamidade tão grande (o Terror), que aqueles que haviam votado ou não (a favor da morte do rei) serão obrigados a fugir.

A história:

"Luís não é um réu, vós não sois *juízes*... Vós não tendes de dar uma sentença a favor ou contra um homem, mas de tomar uma medida de salvação pública... A vitória e o povo decidiram que ele era o único rebelde. Luís não pode, portanto, ser *julgado,* ele já foi condenado"[3].

"Os montanheses tomam o poder e enfrentam os da Vendéia, armados pelos girondinos, contra a ditadura de Paris. Constituem um governo revolucionário. É o regime do *Terror*... Em 9 de termidor (27 de julho de 1794), Robespierre é acusado. *Foge,* é recapturado e executado sem julgamento."[4]

"Robespierre jaz aos meus pés e me dizem, então, que Henriot *fugiu* por meio de uma escada secreta. Surpreendo *um fugitivo* nessa escada; era a Couthon que davam fuga."[5]

---

[1] Latim, *"exstinguo":* "faço morrer", "executo". D.L.L.B.
[2] Latim, *"pestis":* "infelicidade", "desastre", "calamidade", "flagelo". D.L.L.B. Cf. VI. 63 *('Sept ans sera de douleur explorée').*
[3] Discurso de Robespierre na Convenção Nacional (3 de dezembro de 1792).
[4] D.H.C.
[5] Relatório do policial encarregado de prender Robespierre, declarado "fora-da-lei" pela Convenção.

MARIA ANTONIETA E A DUQUESA DE ANGOULÊME NA PRISÃO DO TEMPLE (1793)

X.17

La Royne Ergaste[1] voyant sa fille blesme[2]
Par un regret dans l'estomach[3] enclos:
Crys lamentables seront lors d'Angoulesme,
Et au germain mariage forclos[4].

Tradução:

A rainha detida como uma escrava, vendo sua filha fenecer, arrepende-se, no seu íntimo, de ter tido os filhos, ante as lamentações da duquesa de Angoulême, casada com seu primo germano, um casamento forçado.

A história:

"Maria Antonieta da Áustria, rainha da França... Prisioneira no Temple até o dia 1.º de agosto de 1793, sofreu todos os ultrajes, todos os tormentos, como rainha, como esposa, *como mãe,* e seu cativeiro foi um verdadeiro martírio".

"Maria Teresa Carlota da França, duquesa de Angoulême, filha de Luís XVI e Maria Antonieta, entra no Temple para compartilhar do cativeiro de sua família... Ela era casada com seu primo, o duque de Angoulême, filho do conde de Artois (futuro Carlos X), terceiro irmão de Luís XVI."[5]

A SOBREVIVÊNCIA DOS BOURBON DEPOIS DE TRINTA GERAÇÕES

VI.51

Peuple assemblé voir nouveau expectacle
Princes et Roys par plusieurs assistans,

[1] Latim, *"ergastulus":* "escravo", "prisioneiro". D.L.L.B.
[2] *"Blesmer",* "murchar". D.A.F.L.
[3] "Seio de mulher." D.L.7 V.
[4] Termo de direito: "inaceitável". D.A.F.L.
[5] D.H.C.D.

Pilliers faillir, murs, mais comme miracle
Le Roy sauvé et trente des instans[1].

Tradução:

O povo se reunirá para um espetáculo jamais visto (a execução de um rei em praça pública), na presença de vários príncipes e chefes de sangue real; os pilares e os muros (da Bastilha) serão derrubados, mas, miraculosamente, o sangue real será salvo, depois das trinta seguintes.

A história:

Depois da demolição da Bastilha, a execução de Luís XVI foi realizada em praça pública. Mas não devemos nos esquecer de que a sua morte fora votada pelo príncipe de sangue real, Filipe Égalité.

Eis aqui as trinta gerações, que vão de Robert le Fort, pai do Rei Eudes, até Luís XVII: Robert le Fort, duque de França; Roberto, o rei (irmão de Eudes); Hugo, o duque; Hugo Capeto, o rei; Roberto II; Henrique I; Filipe I; Luís VI; Luís VII; Filipe II; Luís VIII; Luís IX; Roberto de França; Conde de Clermont; Luís, duque de Bourbon; Jacques, conde de la Marche; João I, conde de Vendôme; Luís, conde de Vendôme; Carlos, duque de Vendôme; Antônio de Bourbon; Henrique IV; Luís XIII; Luís XIV; Luís Delfim; Luís, duque de Borgonha; Luís XV; Luís Delfim; Luís XVI; Luís XVII.

Todos os historiadores estão de acordo com a tese da evasão do Delfim da prisão do Temple. Se acreditarmos em Nostradamus, essa hipótese será um dia uma realidade histórica.

FUGA DE LUÍS XVII DA PRISÃO DO TEMPLE

II.58

Sans pied ne main[2] dent aiguë et forte
Par globe[3] au fort du port[4] et l'aisne nay[5],

[1] Latim, *"insto":* "eu sou". D.L.L.B.
[2] Latim, *"manus":* "mão"; "força". D.L.L.B.
[3] Latim, *"globus":* "grupo de homens", "turba", "multidão". D.L.L.B.
[4] "Ação de levar." D.L.7V.
[5] Luís XVII, nascido em 27 de março de 1785, teve, a princípio,

Près du portail desloyal se transporte,
Silène[1] luit, petit grand emmené.

Tradução:

Sem auxílio e sem força, aquele que tem o maxilar pontudo e forte, levado ao poder pelas massas, e o mais velho tendo morrido logo depois do seu nascimento, se transportará deslealmente para perto do portal (do Temple). A República reinará, o pequeno (em idade) grande (por nascimento) será levado.

A história:

"O nome de Robespierre saiu da *urna* nas eleições abertas em Paris, para a Convenção... No processo de Luís XVI, ele desempenhara um papel *odioso,* e prosseguiu obstinadamente até a sua morte, em 21 de janeiro de 1793, para a qual muito contribuiu. A partir desse momento, seu poder foi imenso. Fazia parte do Comitê de Salvação Pública, onde impôs o jugo da *força* e do terror, sacrificando, sem piedade, as vidas dos homens aos cálculos frios de sua política... Preso na grande sala da Câmara Municipal, a 10 de termidor, morreu na forca"[2].

"O Temple era, na realidade, um palácio: tinha imensas e luxuosas acomodações... A disposição era bastante similar à do Palácio Soubise: um longo pátio rodeado de arcadas, que terminavam em hemiciclo no lado do *portal*... O cortejo que levava os prisioneiros atrasou-se consideravelmente..."[3]

o título de duque da Normandia, e, com a morte de seu irmão mais velho, Luís José (4 de junho de 1789), passou a ter o título de delfim.
[1] Deus frígio. D.L.7V. O barrete frígio foi adotado como símbolo da República.
[2] D.H.C.D.
[3] *Louis XVII et l'énigme du Temple.* G. Lenôtre, Flammarion, 1920.

A FUGA DE LUÍS XVII DA PRISÃO DO TEMPLE GRAÇAS AO CASAL SIMON

IX.24

Sur le palais[1] au rocher[2] des fenestres
Seront ravis les deux petits royaux,
Passer aurelle[3] Luthèce, Denis Cloistres[4]
Nonnain[5], mollods[6] avaller verts noyaux.

Tradução:

Para o palácio de janelas escarpadas, as duas crianças reais serão levadas, atravessarão Paris como uma brisa, escapando aos claustros de Saint-Denis, graças a um religioso[7]; os infelizes malvados comerão frutas verdes.

A história:

"Se Paris viveu o terror do dia sombrio de 21 de janeiro de 1793, *no terceiro andar* da torre do Temple, esta jornada escoou-se na angústia e no desespero"[8].

"Antoine Simon: guardião de Luís XVII no Temple. Mestre sapateiro em Paris, tornou-se membro do distrito, e pertencia ao Clube dos Jacobinos."[9]

"Outro enigma junta-se a este mistério: Simon deixou o Temple em 19 de janeiro, muito chocado e reclamando da ingratidão de Chaumette e da Comuna. Ora, na manhã seguinte ele vai à casa onde viviam em retiro duas velhas damas nobres, ambas ex-*religiosas,* e que recebem *um padre,* que tinha escapado com elas dos policiais do Terror. Celebravam a missa na mansarda, quando ouviram bater à

[1] A torre do Temple, edifício quadrado formado por espessas muralhas e flanqueado por torres, nos quatro ângulos. O Palácio do Grande Priorado foi construído em 1767. D.L.7 V.
[2] Grande massa de pedra resistente, escarpada. D.L.7 V.
[3] Do latim *"aura":* "vento", diminutivo de "brisa".
[4] "Dagoberto quis ser enterrado em Saint-Denis, mas somente sob os reis da terceira geração a Abadia de Saint-Denis passou a ter o privilégio das sepulturas reais." D.L.7 V.
[5] "Monja", "freirinha", monjas em geral. D.L.7V.
[6] Palavra formada por *"mol":* "mal", "mau", e *"lods":* "miserável". D.A.F.L.
[7] Jacobinos: monge ou religioso da ordem de São Domingos, membro do Clube dos Jacobinos, constituído em 1789. D.L.7 V.
[8] *Louis XVII et l'énigme du Temple.* G. Lenôtre, Flammarion, 1920.
[9] D.L.7 V.

porta, e foram tomados de grande pânico. Mas vão atender, e encontram um desconhecido. 'Não tenham medo', diz ele, 'eu sei que recebem aqui um padre. Sou Simon, mas não vou traí-las. . . ' Muitos dos mais entusiastas e sinceros partidários da República conservavam a antiga crença e respeitavam as tradições. Basta lembrar que, em 1792, pelo menos, a imensa maioria dos membros da Convenção, *os jacobinos,* e os membros da Comuna haviam freqüentado igrejas, assistiam aos ofícios divinos e cumpriam seus deveres *religiosos.* Esse fato, por mais surpreendente que seja, indica que Simon devia ser um deles. . . Os comissários descobriram também que, entre outras pessoas, a Sra. Simon, que morava, como já vimos, perto do Temple, conhecia também a passagem. O que ia fazer a mulher do sapateiro no Temple?"[1]

A EXECUÇÃO DE MARIA ANTONIETA (16 de outubro de 1793). A ESPOSA REAL NO TEMPLE.

Sextilha 55

Un peu devant ou après très grand Dame[2]
Son âme au Ciel[3] et son corps sous la lame,
De plusieurs gens regrettée sera,
Tous ses parents seront en grand'tristesse:
Pleurs et soupirs d'une Dame[4] en jeunesse
Et a deux grands[5] le deuil délaissera.

Tradução:

Ante (o povo) pouco depois (da execução de Luís XVI), a rainha será guilhotinada e sua alma subirá ao céu. Será lamentada por muitos. Seus parentes ficarão muito

[1] *Louis XVII et l'énigme du Temple.* G. Lenôtre. Flammarion, 1920.
[2] Superlativo para a rainha.
[3] Comparar com IV. 49: *"Que du haut ciel ne viendra éloigner".*
[4] Maria Teresa Carlota da França, duquesa de Angoulême, filha de Luís XVI e de Maria Antonieta, recebeu ao nascer o título de Senhora Real. Depois de 10 de agosto de 1792, ela entrou no Temple para compartilhar o cativeiro da família. D.H.C.D.
[5] Luís, delfim da França, filho de Luís XV e de Maria Leczinska, deixou três filhos: Luís XVI, *Luís XVIII* e *Carlos X,* e duas filhas: Clotilde, rainha da Sardenha, e Elizabeth. D.L.7 V.

aflitos: as lágrimas e os suspiros de sua filha. Deixará de luto seus dois (cunhados).

A história:

"Maria Antonieta, encarcerada no Temple até 1.º de agosto de 1793, sofreu todos os ultrajes, todos os tormentos, como rainha, *como esposa,* como *mãe,* e seu cativeiro foi um verdadeiro martírio. Levada diante do Tribunal Revolucionário, foi *condenada à morte. . .* Essa infeliz princesa tinha todas as qualidades importantes para ser *amada por todos,* e em circunstâncias normais isso seria reconhecido, e teria sido julgada sem paixões. . . Conduzida ao suplício em uma carroça, ela subiu os degraus do patíbulo com bastante firmeza e, como seu marido, morreu *perdoando seus inimigos"*[1].

O PROCESSO DE MARIA ANTONIETA (14 de outubro de 1793). SUA EXECUÇÃO (16 de outubro de 1793).

I.86

La grande Royne quand se verra vaincue,
Fera excez de masculin courage:
Sur cheval, fleuve passera toute nuë[2],
Suite par fer, a foy fera outrage.

Tradução:

Quando a grande rainha (Maria Antonieta) souber que está perdida, demonstrará um excesso de coragem masculina. Passará sobre o rio (o Sena), puxada por um cavalo, malvestida. Depois, morrerá pelo ferro (a guilhotina), e a fé será ultrajada.

A história:

"O processo da rainha, exigido desde o mês de agosto pelas representações, clubes, deputados das assembléias primárias e sociedades populares, começou no dia 14 de outubro, perante o Tribunal Revolucionário, presidido por Herman; Fouquier-Tinville ocupava a cadeira do promotor

[1] D.H.C.D.
[2] Por exagero, "malvestida". D.L.7 V.

público. Fizeram-lhe as mais insidiosas perguntas. Retomam as acusações já engendradas contra ela no tempo da monarquia pelos panfletários hostis à austríaca. Digna em sua simplicidade, a rainha responde que não tinha feito mais do que obedecer ao seu marido. Para reabrir o debate, Hébert lança contra ela a mais *ultrajante* acusação. Essa mulher abatida encontra ainda força e emoção para responder à imputação infame... Apesar da defesa de Tanson-Ducoudray e Chauveau-Lagarde, a rainha é condenada à morte... Na manhã de 16 de outubro, sobe numa carroça velha e se senta de costas para o *cavalo: vestida com um blusão de camponesa,* com uma touca branca, as mãos atadas nas costas, os olhos semifechados, *impassível e ereta ('excès de masculin courage'),* essa mulher, que tinha sido a mais festejada das rainhas, ouve a massa ululante que a *ofende.* Maria Antonieta sobe rapidamente os degraus do patíbulo. Alguns momentos mais tarde, seu corpo *supliciado ('suite par fer')* vai juntar-se aos restos mortais de Luís XVI, no cemitério da Madeleine".

"No dia 14 de outubro de 1793, Maria Antonieta havia comparecido diante do Tribunal Revolucionário, com um vestido preto *usado ('nuë')* e com uma touca de cambraia com 'tiras de crepe'."[1]

"Acabo de ser condenada não a uma morte odiosa, reservada aos piores criminosos, mas a juntar-me ao vosso irmão; como ele, sou inocente, e espero mostrar a *mesma firmeza que ele* demonstrou em seus últimos momentos *('masculin courage')."*[2]

A ALIANÇA DE FILIPE DE ORLÉANS COM A REVOLUÇÃO. SUA MORTE
(6 de novembro de 1793).

II.98

Celui du sang resperse[3] le visage,
De la victime proche sacrifice,

[1] H.F.A.C.A.D.
[2] Testamento de Maria Antonieta, em forma de carta, à sua cunhada Elisabeth. H.F.A.
[3] Latim, *"respergo":* "inundo", "rego". D.L.L.B.

Venant en Leo[1] augure[2] par présage,
Mis estre à mort lors pour la fiancée.

Tradução:

Aquele cujo rosto está inundado pelo sangue da vítima, seu próximo (parente) sacrificado; a adoção do barrete frígio será para ele um mau presságio, e ele será condenado à morte por causa de sua aliança.

A história:

"Luís Filipe de Orléans, chamado de Filipe Égalité... *uniu-se,* a princípio, a Mirabeau e foi um dos primeiros a *se reunir* ao terceiro estado. Seus seguidores, e ele próprio, não ficaram alheios aos acontecimentos que culminaram com a tomada da Bastilha... Ele apoiava secretamente os republicanos do Champs de Mars (julho, 1791), e tornou-se membro do Clube dos Jacobinos... Ligou-se *mais intimamente* aos franciscanos, aos jacobinos e à Comuna de Paris... Dominado pelos montanheses, ligou-se aos dirigentes, os quais, vendo que ele pretendia omitir-se de tomar parte no processo de Luís XVI, o obrigaram, com ameaças, a votar com eles; *portanto, ele votou a favor da morte do rei, sem sursis,* sem apelo ao povo, e *tornou-se o maior suspeito,* desde o início, do projeto de Dumouriez para restabelecer a Constituição de 1791 e levar ao trono um príncipe de Orléans. Foi preso em 7 de abril de 1793, levado a Paris, julgado como girondino pelo Tribunal Revolucionário, condenado e *executado"*[3].

EXECUÇÃO DE FILIPE ÉGALITÉ
(6 de novembro de 1793)

III.66

Le Grand Baillif[4] d'Orléans mis à mort,
Sera par un de sang vindicatif:

[1] Latim, *"Leo":* sacerdote de Mitras, adorado pelos persas sob a forma de um leão. D.L.L.B. Mitras: é representado sob a figura de um jovem com um barrete *frígio.* D.H.C.D.
[2] Latim, *"auguro":* "predigo". D.L.L.B.
[3] D.H.C.D.
[4] Forma antiga de *"bailli":* governadores que foram substituídos por deputados. D.A.F.L.

De mort merite ne mourra ne par fort,
Des pieds et mains mal le faisoit captif.

Tradução:

O grande deputado de Orléans será condenado à morte por uma personagem sanguinária e vingativa; não morrerá de morte justa, mas forçada, pois o mal lhe tolhia as mãos e os pés.

A história:

"Defensor dos direitos do terceiro estado na *Assembléia* dos Notáveis de 1787, e na dos Estados-gerais de 1789, protetor do povo... Inimigo declarado da família real, abertamente revolucionário, membro da Convenção, sentava-se na extrema esquerda... Embora tivesse votado a morte do rei, seu parente, e tivesse sempre o apoio dos montanheses, tornou-se suspeito aos olhos de seus velhos amigos... No mesmo dia em que compareceu perante o Tribunal Revolucionário, morreu na forca, com dignidade"[1].

A COMISSÃO DOS DOZE (maio de 1793). A PRISÃO DOS DOZE (2 de junho de 1793).

IV.11

Celuy qu'aura couvert de[2] la grand cappe,
Sera induict à quelques cas[3] patrer[4]:
Les Douze rouges viendront fouiller[5] la nappe[6],
Soubz meurtre, meurtre se viendra perpetrer.

Tradução:

Este último (Robespierre), que cobria de infâmia o grande Capeto (Luís XVI), será chamado para provocar outras quedas: os doze vermelhos estudarão com atenção os planos, e, encoberto pela morte, ele perpetrará suas mortes.

---

[1] D.L.7 V.
[2] "Encher", de bem ou de mal; cobrir de ódio, infâmia, glória. D.L.7 V.
[3] Latim, *"casus"*: "queda", "fim", "declínio", "morte". D.L.L.B.
[4] Latim, *"patro"*: "faço", "executo", "realizo". D.L.L.B.
[5] Em sentido figurado, "perscrutar", "procurar", "estudar com atenção": "estudar as pragas da sociedade". D.L.7 V.
[6] Por analogia, "leito plano". D.L.7 V.

A história:

"Investida de grandes poderes e composta por deputados cujos nomes ofereciam uma garantia a todos os homens honestos, a *Comissão dos Doze* conseguia frustrar todas as tentativas dirigidas contra a Convenção ou contra qualquer um dos seus membros. Estavam, assim, desfeitos todos os planos dos jacobinos e dos montanheses. Dessa forma, *os Doze* foram alvo da sanha dos *assassinos,* desde o momento em que tomaram posse, e a guerra que lhes fizeram foi uma guerra *mortal.* As informações que chegavam em grande quantidade à Comissão demonstravam, claramente, que se tramava um golpe contra a vida dos vinte e dois deputados... As provas de que se armava um complô contra um partido de representação nacional fizeram com que fosse expedido um mandado de prisão contra Hébert... A Comissão chegou à conclusão de que esse escritor era cúmplice da trama, e que, com boa ou má intenção, o que escrevia incitava à *eliminação* dos representantes do povo... Couthon subiu à tribuna e disse, com ironia e arrogância: 'Cidadãos, todos os membros da Convenção devem ter assegurada a sua liberdade'. E exigiu que a Convenção decretasse a prisão domiciliar dos vinte e dois deputados, bem como dos membros da Comissão dos Doze"[1].

"O golpe de 2 de junho provocou insurreições em várias partes do país. A Convenção, sem se deixar amedrontar pelo perigo, resolveu dar luta sem trégua a todos os seus inimigos. Confiou o poder aos montanheses mais intransigentes: Robespierre e seus amigos, Couthon e Saint-Just... Em fins de 1794, *duas mil quinhentas e noventa e seis pessoas foram executadas* em Paris."[2]

OS MASSACRES DE NANTES (16 e 17 de novembro; 9 para 10 de dezembro de 1793)

V.33

Des principaux de cité rebellée
Qui tiendront fort pour liberté ravoir:
Destrencher[3] masles infelice[4] meslée
Cris, hurlemens à Nantes; piteux voir.

---

[1] H.F.A.
[2] H.F.A.M.
[3] "Destrinchar"; "cortar em pedaços"; "trinchar". D.A.F.L.
[4] Latim, *"infelix"*: "infeliz". D.L.L.B.

Tradução:
Os principais rebeldes da cidade, que combaterão até o fim para conservar sua liberdade; os homens serão guilhotinados, os infelizes ficarão confusos; os gritos e os lamentos, em Nantes, serão um espetáculo lastimoso.

A história:
"*Em Nantes,* reinava o membro da Convenção, Carrier. Era um procurador da Auvergne, com trinta e sete anos. . .
"Estava em Cholet, mas fugiu, aos primeiros rumores da batalha, e depois, levado pelo medo, tinha uma única idéia: *matar,* para não ser morto, obsessão sombria que, ajudada pela bebida, pode levar à loucura. . .
"Nos barcos-prisões *de Nantes,* havia uma centena de padres idosos ou doentes que não puderam ser deportados para a Guiana, e que eram levados de prisão em prisão. Na noite de 16 para 17 de novembro, sob o pretexto de transportá-los novamente para a terra, fizeram com que embarcassem num velho barco que tinha servido, no passado, à rota de navegação do baixo Loire, e que a interrupção do comércio tornara inútil. *Atados dois a dois,* eles obedeceram sem desconfiar, embora os tivessem despojado previamente do seu dinheiro e seus relógios. Subitamente, um dos prisioneiros, Hervé, vigário de Machecoul, notou que o barco tinha diversos furos, um pouco abaixo da linha-d'água, e que por essas aberturas a água infiltrava-se lentamente. Foi a revelação do suplício: os padres caíram de joelhos e apressadamente absolveram-se *entre si.* Quinze minutos depois, a chalupa naufragou com todos os seus passageiros, menos quatro. Desses quatro, três foram recapturados e mortos. Apenas um, recolhido por pescadores, conseguiu se esconder, e o pouco que se sabe dos últimos momentos das vítimas foi contado por ele. . .
"O dia 5 de dezembro: chega uma nova leva de dissidentes do regime, cinqüenta e oito padres indefesos. 'É preciso jogar na água todos esses trastes', ordena Carrier. Na noite de 9 para 10, são afogados na ponta de Indret. O procônsul anuncia imediatamente, na Convenção, o novo "naufrágio", e termina seu discurso com uma brincadeira cínica: 'O Loire é, sem dúvida, um rio revolucionário!' *Seguiram-se outros afogamentos,* uns de noite, outros de dia; *pelo menos onze, com quatro mil e oitocentas vítimas.* Ao que se devem acrescentar os que foram *guilhotinados,* depois de serem julgados: três comissões funcionavam no local, e o Tribunal de Paris não rejeitava o que lhe era enviado da Bretanha. Um historiador nos garante ser verdade que Carrier não fez mais vítimas do que o tifo e as outras doenças que grassavam nas prisões de Nantes. Não deixa de ser um consolo." [1]

O ABADE VAUGEOIS, PRESIDENTE DO COMITÊ DE INSURREIÇÃO
(agosto de 1792).

A TOMADA DE CHALONNES-SUR-LOIRE PELA VENDÉIA
(22 de março de 1793).

MASSACRES DE PADRES NO LOIRE
(17 de novembro e 5 de dezembro de 1793).

IX.21

Au temple[2] hault de Bloys Sacre[3] Salonne
Nuict pont de Loyre, Prelat, Roy pernicant[4]:
Cuiseur victoire aux marests de la Lone[5],
D'ou prélature de blancs[6] abormeant[7].

Tradução:
Uma alta personagem da Igreja de Blois será amaldiçoada em Chalonnes-sur-Loire; um padre se encontrará, à noite, nas pontes do Loire; o rei destronado; os homens de Olonne obterão grandes vitórias nos pântanos; os padres monarquistas serão atacados.

A história:
"Concentração dos federados, agitação nas representações: esses foram os dois elementos que prepararam o 10 de

1 L.R.F.P.G.
2 Poético: "a Igreja Católica". D.L.7 V.
3 Latim, *"sacro":* "orar aos deuses vingativos", "amaldiçoar". D.L.L.B.
4 Latim, *"pernix":* "leve". D.L.L.B.
5 Planície de *Olonne:* comuna da Vendéia, a cinco quilômetros de Sables-d'Olonne; Castelo de la Pierre Levée, um dos quartéis-generais da Vendéia, em 1793. D.L.7 V.
6 No Antigo Regime, o branco foi quase sempre a cor da monarquia na França. D.L.7 V.
7 De *"ormeger":* "ato", "prendo". D.A.F.L.

Agosto de 1792. Tudo foi conduzido por um comitê de insurreição, presidido pelo Cura Vaugeois, vigário-geral do *bispado de Blois*... As petições apresentadas aos federados para *derrubar o rei* eram escritas por Robespierre"[1].

"No dia 22 de março de 1793, o exército da Vendéia toma *Chalonnes*."[2]

"Nos *barcos-prisões* de Nantes, havia uma centena de padres idosos ou doentes. *Na noite* de 16 para 17 de novembro, fizeram-nos embarcar num velho barco de carga. *Atados* dois a dois, obedeceram sem desconfiar. Subitamente, um dos prisioneiros, *o vigário* de Machecoul, notou que o barco estava furado em diversos lugares... Era a revelação do suplício. Quinze minutos mais tarde, o barco naufragou com todos os seus passageiros... 5 de dezembro: Chega nova leva de dissidentes do regime, cinqüenta e oito padres indefesos. *Na noite* de 9 para 10 de agosto, são afogados na ponta de Indret. O Procônsul Carrier termina seu discurso com uma brincadeira cínica: '*O Loire* é, sem dúvida, um rio revolucionário!'

"Carrier foi retirado do seu posto em fevereiro de 1794. Sua partida pôs fim aos afogamentos, mas o General Turreau, sucessor de Marceau na Vendéia, recomeçou, a seu modo, a obra terrorista. Quase todos os dirigentes da Vendéia tinham sido mortos. Os dois sobreviventes, Charette e Stofflet, foram forçados a pegar nas armas: um em *Marais,* o outro em *Bocage.* Foi outra guerra horrível e inútil. Pode-se dizer que, no começo de 1794, a Revolução estava completamente vitoriosa, no que se referia aos seus inimigos internos."[3]

PITT, O MOÇO, CONTRA A REVOLUÇÃO (1793-1796). AJUDA DOS INGLESES À VENDÉIA (1795). A VOLTA AO PODER DE PITT, O FILHO.

X.40

Le jeune nay au regne Britannique,
Qu'aura le père mourant recommandé:

[1] L.R.F.P.G.
[2] H.F.A.C.A.D.
[3] L.R.F.P.G.

Iceluy mort LONOLE[1] donra topique[2]
Et à son fils le regne demandé.

Tradução:

(Pitt), o Moço[3], subirá ao poder na Inglaterra e receberá do pai moribundo recomendações; depois da morte do pai, dará auxílio à Vendéia (os de Olonne) e pedirá ao filho que retome o poder.

A história:

"De 1793 a 1802, o esforço de guerra britânico não cessa de crescer, estimulado em 1801 por PITT, *o Moço,* que *tinha herdado do pai* uma enorme desconfiança do povo francês"[4].

"Nos departamentos do oeste, o partido monarquista erguia-se com uma incrível audácia, alimentada pelas intrigas da *Inglaterra.* Charette e Laroche Jacquelin reapareciam como líderes da *Vendéia* ('os de Olonne'). Depois de garantir aos ingleses um levante geral nesse país, se fosse permitido o desembarque de emigrados e de munições, o marquês de Puisaye entendeu-se com os *chouans,* rebeldes da Vendéia, e estava certo de poder desfechar um golpe funesto contra a República. O *ministro inglês,* desolado com o fracasso da coalizão contra os exércitos franceses, procurou ajudar a realização desse projeto com todas as suas forças, e comprometeu-se a enviar *sessenta mil fuzis,* bem como o *equipamento completo ('topiques')* para um exército de quarenta mil homens."[5]

"Para enfrentar as despesas da guerra, Pitt submeteu a Inglaterra a um regime de exceção, sem, contudo, evitar as vitórias da França e a ruína do comércio britânico. Demitiu-se do cargo em 1801. Addington, seu sucessor, concluiu a Paz de Amiens (1802). A guerra recomeçou. *Pitt aceitou novamente o cargo que tinha deixado* (1804)."[6]

[1] Anagrama de "Olllone" ou "Olonne": comuna da Vendéia. Castelo de la Pierre Levée, um dos quartéis-generais da Vendéia, em 1793. D.L.7 V.
[2] Diz-se dos medicamentos que agem sobre determinados pontos no exterior e no interior do corpo. D.L.7 V.
[3] Homem de Estado, inglês, filho de William Pitt (1708-1778).
[4] H.R.U.
[5] H.F.A.
[6] D.L.7 V.

VIII.19

A[1] soustenir la Grand Cappe troublée
Pour l'esclaircir les rouges marcheront
De mort famille sera presque accablée,
Les rouges rouges le rouge assomeront.

Tradução:

Sem apoio, a grande família dos Capeto será perturbada. Os vermelhos se porão em marcha para os dizimar. A família real será quase exterminada pela morte. Os vermelhos destruirão os vermelhos (Robespierre) e os outros vermelhos.

A história:

"Com a execução de Luís XVI, de Maria Antonieta e da irmã de Luís XVI, Elisabeth, e a suposta morte de Luís XVII na prisão do Temple, a família dos Capeto está extremamente 'desfalcada' ".

"Quanto a Robespierre, suas virtudes incontestáveis são eclipsadas aos olhos dos colegas, por seu orgulho, seu fanatismo, sua intransigência; ele os atemoriza. Seus *adversários* se unem para se *livrarem dele.*"[2]

"Os partidários de Robespierre, declarados fora-da-lei pela Convenção, são todos presos; Robespierre tem o maxilar destroçado por um tiro de pistola. Na noite de 10 de termidor, é *guilhotinado com vinte e dois dos seus partidários;* nos dois dias subseqüentes, *mais oitenta e três* são executados. Assim, o Grande Terror termina com outra carnificina."[3]

ROBESPIERRE, O VERMELHO SANGUINÁRIO. A QUEDA DA MONARQUIA (1792).

VI.57

Celuy qu'estoit bien avant dans le regne,
Ayant chef rouge proche à la hierarchie,

1 Do grego, no sentido de "privação", "falta": "sem".
2 L.C.H.3.
3 L.T.R.

Aspre[1] et cruel et se fera tant craindre,
Succedera à sacrée[2] monarchie.

Tradução:

Aquele que há muito fazia parte do poder, com a cabeça vermelha, se aproximará dos píncaros da hierarquia; intratável e cruel, ele será extremamente temido e sucederá à monarquia consagrada.

A história:

"Maximilien de Robespierre, nascido em 1759, em Arras, era filho de um advogado do *conselho superior* de Artois, e tomou o *lugar* do pai em 1798. Deputado por Arras, nos Estados-gerais, ali chegou imbuído das idéias democráticas do *Contrato social,* de J.-J. Rousseau: colocou-se na extrema esquerda *('chef rouge'),* e manifestou sempre *o seu ódio contra a monarquia.* Nomeado, em junho de 1791, promotor público no Tribunal Criminal do Sena, torna-se membro dos jacobinos e da Comuna, e em 1792[3] foi eleito membro da Convenção. Com Danton, ele dirigiu o processo contra Luís XVI, defendeu com violência a condenação à morte, inutilizando os esforços dos girondinos para salvar o rei. Depois da execução, Robespierre decretou a formação do Tribunal Revolucionário e estabeleceu, em toda a França, o sistema do Terror. Como dirigente do Comitê de Salvação Pública, durante quase todo o tempo em que esteve no poder sancionou as medidas mais sanguinárias que se conhece... Fez cair sobre a França a mais odiosa tirania, e não poupou nem mesmo seus colegas; os sobreviventes, irritados com o seu orgulho, ou temerosos das suas ameaças, uniram-se, afinal, para destruí-lo..."[4]

1 Latim, *"asper":* "duro", "intratável", "mal-humorado". D.L.L.B.
2 Alusão à sagração dos reis.
3 A República francesa foi proclamada no dia 21 de setembro de 1792. A Convenção sucedeu à Assembléia Legislativa, e durou de 21 de setembro de 1792 a 26 de outubro de 1795. Foi convocada depois do levante de 10 de agosto de 1792, e da queda da monarquia, para fazer uma nova Constituição. Na primeira sessão, foi proclamada a República. D.H.B.
4 D.H.B.

1793 — MORTE DE LUÍS XVI. ROBESPIERRE NO PODER.

III.34

Quand le deffaut du Soleil lors sera,
Sur le plein jour le monstre sera veu:
Tout autrement on l'interprétera,
Cherté n'a garde, nul n'y aura pourveu.

Tradução:

Quando a monarquia cair, será visto um monstro (Robespierre) em pleno dia. Será julgado erroneamente. Não se poderá impedir a carestia porque não fora prevista.

A história:

"Entre a execução do rei (21 de janeiro de 1793) e a expulsão dos girondinos (2 de junho) não se passaram cinco meses. Um plano de ação, preparado por Robespierre, entre 16 e 19 de maio, revelava o segredo do mecanismo pelo qual foram expurgados, por sua vez... O Comitê de Salvação Pública, instituído em 5 de abril de 1793, esteve, a princípio, sob a influência de Danton; a partir de 10 de julho, passou às mãos de Maximilien de Robespierre. Foi chamado de Incorruptível *('tout autrement on l'interprétera!')*. Alia-se aos jacobinos. Como o próprio Robespierre, são sombrios e tristes. Ainda como Robespierre, o jacobinismo tem o delírio de perseguição *('monstre')*. Sempre dentro da linha do partido, soube, com uma segurança *fanática*, destruir as facções acusadas de desvios...

"As vitórias de 1793 e de 1794 não provocaram um relaxamento na ditadura jacobina. Ao contrário, o *terror* redobrou. A agitação partiu de um pequeno grupo de comunistas, inspirados pelo velho Padre Jacques Roux. Aproveitando-se das dificuldades da entressafra de 1792 e 1793, conservavam os partidos em grande agitação, incitando-os contra a Convenção, à qual acusavam de fazer o povo passar *fome*... Depois de diversas manifestações, a Convenção adota uma política que coloca sob a direção absoluta do Estado todos os departamentos essenciais à atividade econômica... Surgiu, então, a verdadeira dificuldade: aplicar essas leis impossíveis. Quando foi promulgado o preço tabelado, os artigos desapareceram das lojas num instante, todos procuravam comprar por um preço supostamente baixo o

que na véspera *custava duas ou três vezes mais*... A escassez se instalava nas cidades. Do dia para a noite, desaparecem da cidade de Paris o açúcar, o carvão, as velas. O pão é da pior qualidade. O mercado negro se expande."[1]

ROBESPIERRE. O TERROR E A FESTA DO ENTE SUPREMO (8 de junho de 1794).

VIII.80

Des innocents le sang de veufve et vierge,
Tant de maux faicts par moyen ce grand Roge,
Saints simulachres trempez[2] en ardent cierge
De frayeur crainte ne vera nul que boge.

Tradução:

O sangue dos inocentes, das viúvas e das virgens correrá; quanta infelicidade trazida por esse grande vermelho. Um culto simulado, arranjado com círios ardentes. Por medo, pânico, ninguém reclamará.

A história:

"O povo da Vendéia luta em Mans, onde foi surpreendido, no dia 12 de dezembro, ao cair da noite; depois de uma batalha selvagem de catorze horas são vencidos e *massacrados*. Viam-se apenas cadáveres, conta um recruta, e entre os cadáveres *muitas mulheres* nuas, que os soldados haviam despojado, e que tinham sido mortas depois de violentadas. Os que conseguiram escapar foram caçados por seis milhas e fuzilados em Savenay"[3].

"Robespierre[4] decreta *uma nova religião* de caráter austero e cívico, e a impõe a todos. Preside à primeira grande cerimônia, a Festa do Ente Supremo, no dia 8 de junho de 1794. Depois dessa espécie de apoteose, toma uma das medidas mais impiedosas: a Lei de Prairial (10 de junho de 1794), que não dá ao acusado, praticamente, nenhuma

---

1 H.F.P.G.
2 Forma antiga de *"tremper"*: "arranjar". D.A.F.L.
3 L.R.F.P.G.
4 Do latim *"robeus"*: "vermelho". D.L.L.B. Portanto, Robespierre significa "pedra vermelha". Comparar com IX. 20: Luís XVI: "a pedra branca".

oportunidade de escapar à guilhotina. Durante esse *grande terror,* mais de mil execuções tiveram lugar em Paris, em quarenta e cinco dias."

"O governo revolucionário: depois do golpe que abateu os girondinos, *nenhuma oposição ousa se manifestar* na Convenção, onde os montanheses são, agora, os líderes." [1]

OS MONTANHESES. O TERROR BRANCO (1794).

IV.63

L'armée Celtique [2] contre les montaignars
Qui seront sceus et prins à la pipée [3]:
Paysans fresz [4] pulseront tost faugnars [5]
Précipitez tous au fil de l'espée.

Tradução:

O exército dos *chouans* (se revoltará) contra os *montanheses,* que, avisados, os envolverão em uma armadilha; eles repelirão rapidamente os camponeses e os exterminarão nos pântanos; matarão a todos.

A história:

"O Terror Branco fez numerosas vítimas. *Na Bretanha,* os *chouans* facilitam o desembarque dos ingleses em Quiberon, *rapidamente cercados e dizimados* pelas tropas do General Hoche" [6].

"Ante o avanço vitorioso dos rebeldes *chouans,* foi necessário enviar o exército regular republicano, comandado por Kleber e Marceau. *Repelidos* nas proximidades de Granville e derrotados em Mans, os homens da Vendéia sofreram, na segunda travessia do Loire, uma derrota fragorosa. Continuaram a resistir nos *pântanos* e nos bosques, até 1795. O exército de emigrados, que tinha desembarcado sob a proteção dos ingleses, foi vencido em Quiberon. *A Convenção mandou fuzilar todos os prisioneiros."* [7]

---

[1] L.C.H.3.
[2] Os *chouans,* rebeldes da Vendéia, na Bretanha; país celta.
[3] Diz-se *"dés pipés":* "cair em armadilha".
[4] Do latim *"fressus",* de *"frendo":* "esmago", "quebro". D.L.L.B.
[5] "Lamacento." D.A.F.L.
[6] L.C.H.3.
[7] H.F.A.M.

NASCIMENTO DE BONAPARTE
(15 de agosto de 1769)

I.60

Un Empereur naistra près d'Italie
Qui à l'empire sera vendu bien cher,
Diront [1] avec aquels [2] gens il se ralie
Qu'on trouvera moins Prince que boucher.

Tradução:

Um imperador nascerá perto da Itália; custará caro ao império. Veremos com quantos ele faz aliança; será julgado menos príncipe do que carniceiro.

A história:

Quando Bonaparte nasceu, em 15 de agosto de 1769, a Córsega tinha sido comprada por Luís XV há dois anos. Não era, portanto, italiana, mas não era ainda francesa; daí a expressão de Nostradamus, "perto da Itália".

"O Congresso de Viena (setembro de 1814-junho de 1815) pretende eliminar do mapa da Europa as modificações provocadas pela Revolução e pelo Império... A França, limitada por Estados-barreiras, não tem possibilidade de chegar às fronteiras naturais." [3] Napoleão custara muito à França em mortes, derrotas e ruínas de todo tipo.

"Napoleão reerguera o Grande Exército: setecentos mil homens *de todas as nações."* [4]

A Batalha de Eylau, chamada *"a carnificina* sob a neve", foi uma das mais mortíferas levada a cabo por Napoleão. Observemos que Nostradamus atribui ao imperador um qualificativo que a história conservará!

"Pelo Tratado de Paris (1815), a França perdia todas as suas conquistas e tornava-se *menor* do que antes das guerras e da Revolução." [5] O que custaria um alto preço ao Império!

---

[1] "Dirão", por "será dito": latinismo.
[2] *"Quels",* no sentido de "quantos".
[3] L.C.H.3.
[4] L.C.H.3.
[5] D.H.C.

O NOME PREDESTINADO DE NAPOLEÃO

I.76

D'un nom farouche tel proféré sera
Que des trois seurs[1] aura fato[2] le nom,
Puis grand peuple par langue et faicts dira[3]
Plus que nul autre aura bruict et renom.

Tradução:

Será conhecido por um nome tão feroz que esse nome será, de modo predestinado, parecido com os das Três Parcas, pois, com seus discursos e ações, ele destruirá muita gente, e, mais do que ninguém, será famoso pelo barulho que fará.

A história:

O nome de Napoleão deriva, etimologicamente, de duas palavras gregas: "νεος": "novo", e "'απολλύων", particípio presente de "'απόλλυμι": "exterminador", tomado como substantivo. Portanto, "Napoleão" quer dizer: "o novo exterminador".

Logo, o sentido do verso seguinte concorda perfeitamente com o significado etimológico do nome do imperador. Lembremos os massacres de Eylau, "a carnificina sob a neve"; a retirada da Rússia; Waterloo; e este relato terrível das atrocidades cometidas na Guerra da Espanha: "A partir de então, nossos doentes, os da retaguarda, os oficiais, os ordenanças, foram surpreendidos e cercados, e os mais felizes foram degolados no campo de batalha; muitos outros, atirados em caldeiras de água fervente; outros, ainda, serrados com lâminas, ou cozidos em fogo brando. . ."[4]

"A Guerra da Espanha toma um caráter de fanatismo feroz: as emboscadas incessantes dizimam ('destroem'!) o exército francês. . ."[5]

---

[1] As três Parcas: irmãs, segundo a mitologia, encarregadas de cortar o fio da vida dos homens. Divindades destruidoras.
[2] Latim, ablativo de *"fatum":* "pelo destino".
[3] Latim, *"dirare":* tornar menos espesso (uma árvore, podando-a). D.L.L.B. Todos os exegetas, a começar por Le Pelletier, transformaram a palavra *"dira"* em *"duira"*, traduzindo por "conduzirá".
[4] *Memoires d'un aide de camp.* General de Ségur.
[5] L.C.H.3.

O EXÉRCITO SARDO ENTREGA-SE A BONAPARTE, EM CHERASCO (29 de abril de 1796). OS EXÉRCITOS AUSTRÍACOS VENCIDOS EM TRÊS MESES — LEOBEN (18 de abril de 1797).

III.39

Les sept en trois mois en concorde,
Pour subjuguer les Alpes Apennines[1],
Mais la tempeste[2] et Ligure[3] couarde,
Les profligent[4] en subites ruyne.

Tradução:

Os sete (exércitos) serão aliados durante três meses, para dominar os Apeninos. Mas a ação impetuosa (dos exércitos de Bonaparte) e a covardia do exército sardo farão com que sejam vencidos e arruinados subitamente.

A história:

"Nessa época, a situação dos franceses na Itália tornou-se perigosa devido aos grandes preparativos que os austríacos faziam *para reconquistar* esse país".

"Os exércitos aliados não tinham muitas esperanças. Havia muita agitação no Piemonte; os franceses estavam a menos de dez léguas de Turim e os austríacos pensavam apenas em defender Milão. Nesse estado de coisas, a corte da Sardenha não sabia que partido tomar. . . O rei, embora prevenido contra os franceses, não queria consentir em entregar seus três pontos estratégicos ao seu ambicioso vizinho da Lombardia; preferiu *se lançar nos braços do vencedor* ('covardia'), que não podia oferecer uma longa resistência. . . O armistício foi assinado no dia 9 de floreal, ano IV (29 de abril de 1796), em Cherasco. As condições foram

---

[1] Apeninos: longa cadeia de montanhas que atravessa a Itália em toda a sua extensão, a partir dos Alpes, em Cassino, ao norte de Gênova; traça um semicírculo ao redor do golfo de Gênova e termina na Sicília. D.H.B.
[2] Em sentido figurado: "ação impetuosa". D.L.7 V.
[3] Região da antiga Itália. Formava o sudoeste da Gália cisalpina, estendendo-se, a princípio, desde o lado norte até o Pó. Mas logo ficou restrita aos países situados entre o mar e os Apeninos. D.H.B. Parte dos Estados da Sardenha.
[4] Latim, *"profligo":* "derrubo", "venço completamente", "arruíno" D.L.L.B.

as seguintes: o rei da Sardenha deixaria a coalizão; as tropas sardas seriam dispersas pelos quartéis; as estradas do Piemonte permaneceriam abertas ao exército francês; e, finalmente, Ceva, Coni, Tortone ou, pelo menos, Alexandria, seriam entregues imediatamente, com todo o seu arsenal e toda a sua artilharia." [1]

"Com essas condições, Napoleão visava reunir no planalto de Rivoli, a partir das primeiras horas do dia *14 de janeiro* (de 1797), mais de vinte mil homens, entre os quais mil e quinhentos cavaleiros, e trinta canhões... Hoche e Moreau iniciam a ação, e os austríacos terminam por assinar, em *18 de abril de 1797* [2], em Leoben, as preliminares que Napoleão lhes havia proposto dois dias antes. Termina, assim, a campanha na qual Bonaparte venceu *sete exércitos* e derrotou os quatro grandes generais que Viena tinha enviado sucessivamente, desde veteranos da Guerra dos Sete Anos, até o jovem Arquiduque Carlos, irmão do imperador da Áustria." [3]

"Bonaparte avançou rapidamente, atravessou as montanhas da Caríntia e atacou a retaguarda inimiga... Os soldados do Reno atacaram os austríacos com tanta *impetuosidade,* que não lhes deram oportunidade para defesa. Foram rechaçados na ponta das baionetas." [4]

AS CAMPANHAS DA ITÁLIA E A TRAVESSIA DOS ALPES (1796-1800). A ANEXAÇÃO DA TOSCANA POR NAPOLEÃO (1801). EXPULSÃO DO ARQUIDUQUE DA TOSCANA, FERDINANDO III.

V.20

Dela les Alpes grand'armée passera,
Un peu devant naistra monstre vapin [5]

[1] Estados sardos: compunham-se de duas partes distintas — a ilha da Sardenha e os Estados do continente. Estes situavam-se ao norte da Itália, a leste e oeste dos Alpes, entre a Suíça ao norte, a França a oeste, a Lombardia a leste e o Mediterrâneo, ao sul. D.H.B.
[2] H.F.A.
[3] De 14 de janeiro a 18 de abril: três meses e três dias.
[4] N.E.E.
[5] *"Vapincuum":* hoje Gap. D.H.B. Alusão aos Cem Dias: "Napoleão tinha acabado de passar por Sisteron para *instalar-se em Gap,* em 5 de março de 1815".

Prodigieux et subit tournera [1],
Le grand Toscan à son lieu plus propin [2].

Tradução:
O Grande Exército atravessará os Alpes. Um pouco adiante, nascerá o monstro de Gap, que, de um modo prodigioso e súbito, obrigará o arquiduque da Toscana a ir para um local vizinho.

A história:
"A primeira campanha da Itália: nos *Alpes, o exército alpino,* sob as ordens de Kellermann, subiu além do Monte Branco, até a garganta de Largentière, e o exército da Itália, comandado por Scherer, se estendia da garganta de Tende ao Mediterrâneo.

"A campanha da Itália é considerada 'a *obra-prima* de Bonaparte', e aparentemente ele também a julgou assim, pois disse, referindo-se a ela: 'A guerra é uma arte singular; eu vos garanto que lutei em sessenta batalhas, porém nada aprendi que já não soubesse na primeira'.

"Apesar das grandes dificuldades, os planos de Bonaparte se realizaram, pois quarenta mil homens do exército de reserva haviam transposto o São Bernardo com toda a sua artilharia, cinco mil homens desciam do Pequeno São Bernardo, quatro mil avançavam vindos do monte Cenis, e as tropas de Moncey desciam do São Gotardo, para Milão (maio de 1800)." [3]

"Ferdinando III, *arquiduque da Toscana,* nasceu e morreu em Florença (1769-1824) [4]. Durante as primeiras guerras da Revolução, ele se esforçou, apesar das ameaças da Inglaterra, por conservar-se neutro, o que lhe valeu ser poupado por Bonaparte, em 1796. Mas, entrando muito tarde na segunda coalizão contra a França, foi *expulso dos seus Estados pelos franceses* (1799), para onde voltou alguns meses mais tarde, para ser novamente deposto após Marengo, pelo Tratado de Luneville. Retirou-se para Viena

[1] "Dirigir", "governar", em se tratando de uma pessoa. D.L.7 V.
[2] Latim, *"propinquus":* "próximo", "vizinho", "aproximado". D.L.L.B. Observar a semelhança da apócope em *"vapincuum"* e *"propinquum".*
[3] N.E.E.
[4] Nostradamus estabelece uma relação entre Bonaparte e Ferdinando III, ambos nascidos no mesmo ano, 1769.

('local vizinho'), e Luís de Parma e Elisa Bonaparte ocuparam o seu lugar."[1]

O EXÉRCITO DE BONAPARTE, DE VERONA A VENEZA, POR VICENZA (1797). DERROTA DO GENERAL LUSIGNAN PERTO DE BELLUNE (10 de março de 1797). A SUBMISSÃO DAS OLIGARQUIAS DE VENEZA A BONAPARTE (14 de maio de 1797).

VIII.11

Peuple infiny[2] paroistre à Vicence,
Sans force feu bruler la basilique[3],
Près de Lunage[4] deffait grand de Valence[5],
Lorsque Vinise par morte prendra pique.

Tradução:

Os franceses chegarão a Vicenza, e, sem usar a força do fogo, destruirão a aristocracia. O General Lusignan será derrotado perto de Bellune, enquanto Veneza apanhará a lança para matar.

A história:

"No dia 20 de ventoso, ano V (10 de março de 1797), o *general-em-chefe* do exército da Itália movimenta a sua tropa. O audacioso Masséna ataca as tropas do centro, expulsa-as para Feltre, *Bellune,* Cadore, e avança até a garganta da Ponteba, próxima do desfiladeiro de Tarwis. Nessa marcha rápida, faz milhares de prisioneiros, entre os quais se encontrava o *General Lusignan".*

"Na alta Itália tudo era movimento e agitação. Os regimentos da Eslavônia, desembarcados nas *Lagunas,* avançam sobre as cidades revoltadas; os camponeses fazem um

---

1 D.L.7 V.
2 A expressão "povo infinito" é sempre usada por Nostradamus para designar os franceses, com o sentido de "povo eterno" e também "povo numeroso". A França, no tempo de Napoleão, era o mais populoso país da Europa. Cf. I.98.
3 Grego: "βασιλικός": "real". D.G.F.
4 Afrancesamento de "Lunegiane", região onde se encontra Bellune.
5 "Lusignan": fora do ramo chamado "de além-mar", é da família de Lusignan que descendem as casas nobres De Lezé, D'Eu, De Pembroke, De la Rochefoucauld, De Die, *De Valence,* De Marais, etc. D.L.7V.

saque completo. *Degolam* e *assassinam* todos os que encontram, patriotas ou franceses."

"Como todos os governos desgastados, a aristocracia de *Veneza* estava dividida. Os principais membros do governo não se entendiam. Estavam apavorados com a idéia dos horrores de um cerco. Os velhos *oligarcas* viram-se ante a dura necessidade de oferecer a Bonaparte as modificações em sua Constituição que ele havia exigido há algum tempo. Satisfeito por ter criado o pânico em Veneza, Bonaparte, considerando que era melhor *convencê-los à submissão do que vencê-los,* concede-lhes alguns dias para decidirem, e volta a Milão, onde os *plenipotenciários* não demoram a se juntar a ele."[1]

"No dia 25 de floreal, ano V, o *doge de Veneza* é deposto e os franceses entram na cidade."[2]

OS QUATRO ANOS DE PONTIFICADO DE PIO VI (1795-1799). RESISTÊNCIAS DOS ESTADOS PONTIFÍCIOS CONTRA BONAPARTE. O RAPTO DE PIO VI (1798).

VI.26

Quatre ans le siège[3] quelque peu bien tiendra,
Un surviendra libidineux[4] de vie:
Ravenne et Pyse Veronne soustiendront[5]
Pour eslever[6] la croix de Pape envie[7].

Tradução:

Ele se manterá na Santa Sé nem bem e nem mal, durante quatro anos. Surgirá, então, uma personagem licenciosa. Ravena, Pisa, Verona resistirão contra aquele que deseja roubar ao papa a sua cruz (seu poder).

---

1 H.F.A
2 H.F.A.C.A.D.
3 Sempre usado por Nostradamus no sentido de *Santa Sé.*
4 Latim, *"libidinosus":* "licencioso", "devasso". D.L.L.B.
5 Latim, *"sustineo":* "resisto". D.L.L.B.
6 Latim, *"elevo":* "arrebato", "tiro". D.L.L.B.
7 Desejar para si. D.L.7 V.

A história:

"Pio VI: eleito e consagrado em 1795, morreu na França, em Valença, em 1799. O Diretório mandou *invadir o território pontifício,* e o papa foi obrigado a assinar, com Napoleão, o desastroso Tratado de Tolentino (1797). Depois da morte do representante do governo francês, General Duphot, nas ruas de Roma (1798), o Diretório *se apossa* da pessoa do papa e proclama a República, em Roma. Preso pelo General Berthier, Pio VI foi conduzido sucessivamente a Siena, à Cartuxa de Florença, a Turim, e, finalmente, foi *enviado* (em abril de 1799) para a França — para Grenoble, depois para Valence, onde morre"[1].

"No dia 8 de janeiro de 1797, Bonaparte, que, de Bolonha, onde fora para *ameaçar* o papa, não desviava os olhos do Ádige, soube que fora realizada uma *reunião* de todos os seus postos avançados. Imediatamente atravessa o Pó com dois mil homens, e chega a *Verona* para conhecer os projetos do Marechal Alvinzi."

"O Tratado de Tolentino foi assinado no dia 19 de fevereiro de 1797. O papa cedia as províncias de Bolonha e Ferrara, bem como a bela província da *Romanha*[2]."[3] Cf.: I.12, IX.5, VIII.33.

OS MASSACRES DE VERONA E DE VENEZA (1797). ANEXAÇÃO DA VENÉCIA E A VINGANÇA FRANCESA. A CAPTURA DE NAPOLEÃO PELO CAPITÃO MAITLAND (15 de julho de 1815).

VIII.33

Le grand naistra[4] de Véronne et Vicence[5],
Qui portera un surnom[6] bien indigne,

[1] D.L.7 V.
[2] Antiga província do Estado eclesiástico; tinha como centro *Ravena.* D.H.B.
[3] H.F.A.
[4] "Nascido de": "proveniente", "resultante". D.L.7 V.
[5] Napoleão I criou o ducado de Vicenza para o General Caulaincourt. D.L.7 V.
[6] Alusão à etimologia da palavra "Napoleão": "novo exterminador". Cf I.76.

Qui à Venise voudra faire vengeance,
Lui-même pris homme du guet[1] et signe[2].

Tradução:

A grandeza daquele que terá um sobrenome desprezível resultará (nas campanhas) de Verona e Vicenza. Ele desejará vingar-se em Veneza, e será feito prisioneiro por um homem da ronda, e de bandeira vermelha.

A história:

"No dia 23 de nivoso, ano V (1797), o General Alvinzi ataca Joubert e o cerca em Rivoli. No mesmo dia, Provera lança duas frentes de ataque, uma sobre Verona, outra sobre Legnago. Masséna, que estava em Verona, o enfrenta, derrota as duas frentes e faz novecentos prisioneiros... *Bonaparte chega a Verona* no momento em que Masséna tinha acabado de repelir os austríacos".

"Enquanto a França se regozijava, na alta Itália continuava a mais intensa agitação. As cidades *venezianas* do continente estavam em permanente conflito com a população do campo. Em *Verona,* especialmente, delineavam-se grandes acontecimentos. No dia 28 de germinal, ano V, grupos de camponeses entram em *Verona* aos brados de 'morte aos jacobinos'. Balland ordenou a retirada de suas tropas para o forte, mas todos os franceses encontrados nas ruas foram degolados e atirados no rio Ádige... Mas a hora da *vingança* não estava longe. Acorreram tropas de toda parte em auxílio a *Verona.* Depois de um sangrento combate contra as tropas *venezianas,* o General Chabran cerca Verona, que se rende incondicionalmente. Alguns líderes da insurreição foram fuzilados. Esse acontecimento, chamado de *Páscoa Veronesa,* não foi o único que os franceses quiseram *vingar.* Um lúgar francês que se refugiara sob as baterias do Lido, em *Veneza,* foi recebido a tiros de canhão, e a tripulação foi massacrada pelos marinheiros da Eslavônia. Quando Bonaparte soube dos massacres de Verona e da carnificina do Lido, não quis dar ouvidos aos dois mensageiros de *Veneza.* Imediatamente, publicou um longo manifesto onde recapitulava todas as mágoas dos franceses *contra os*

[1] Vigilância noturna em uma praça de guerra. D.L.7 V.
[2] Latim, *"signum":* bandeira vermelha hasteada no momento do ataque. D.L.L.B. O pavilhão de guerra da marinha inglesa é formado por uma cruz vermelha sobre fundo branco. D.L.7 V.

venezianos, e declara que as hostilidades tinham recomeçado. O Leão de São Marcos foi derrotado em todas as províncias. Foi declarada a *abolição do governo de Veneza*... Assim, sem se comprometer, Bonaparte derruba a monarquia absurda que o tinha traído e colocado Veneza nas mesmas condições da Lombardia, Bolonha, Módena e Ferrara. A revolução fazia *progressos* dia a dia, em todas as partes da Itália."

"Nesse meio tempo, o navio de guerra inglês *Bellerophon,* capitaneado por Maitland, fazia um reconhecimento da baía; uma fragata inglesa aproximou-se também, para *vigiar* os movimentos de outras fragatas, e logo, estas tiveram dificuldades em sua missão..."

"Um outro navio, o *Northumberland,* recebeu o *grande prisioneiro.*"[1]

A ANEXAÇÃO DE VENEZA. OCUPAÇÃO DE VENEZA POR BONAPARTE (1797). VENEZA E A ÁUSTRIA (1797-1805-1849).

V.29

La liberté ne sera recouvrée,
L'occupera noir[2], fier, vilain, inique,
Quand la matière du pont[3] sera ouvrée,
D'Hister[4], Venise faschée la république.

Tradução:

A liberdade (de Veneza) não será reconquistada. Uma personagem (Bonaparte), (com chapéu) negro, orgulhoso, a ocupará odiosa e injustamente, quando o material marítimo (a frota) for posto a trabalhar. Depois, a República de Veneza ficará irritada com os do Danúbio (os austríacos).

A história:

"Em 1797, Veneza, embora aparentemente neutra, foi *ocupada* por Bonaparte, o qual, com o Tratado de Campoformio, entrega todo o seu território à *Áustria* (com exceção das ilhas a sudeste), em troca da cessão do ducado de Milão e da fronteira com o Reno. Em 1805, a Paz de Presburgo incorpora Veneza e seu território ao reino da Itália, mas tudo isso passa para o domínio da *Áustria* em 1814, o que, unido à Lombardia, vem a constituir o reino Lombardo-Veneziano. Sob o domínio austríaco, Veneza começa a declinar. Em 1848, proclama a *República,* mas é *dominada* em 1849, depois de um cerco longo e glorioso, e viu sua situação piorar. Foi anexada ao reino da Itália em 1866"[1].

"Legislador, árbitro, conselheiro dos povos da Itália, Bonaparte ocupava-se também de assuntos mais importantes. Apoderou-se da *marinha de Veneza* e chamou para o Adriático o Almirante Brueys, com quatro mil marujos franceses, para se apossar das ilhas venezianas da Grécia. Malta foi também objeto da cobiça de Bonaparte.

"Desses diferentes postos, ele escrevia ao Diretório: 'Nós dominaremos o Mediterrâneo'."[2]

CARLOS MANUEL, REI DA SARDENHA (1798-1802).

VIII.88

Dans la Sardaigne un noble Roy viendra,
Qui ne tiendra que trois ans le royaume,
Plusieurs couleurs[3] avec soy conjoindra,
Luy mesme après soin sommeil marrit[4] scome[5].

Tradução:

Na Sardenha, surgirá um rei de raça nobre que ficará no poder por apenas três anos. Reunirá ao seu reino vários Estados, depois de haver cuidado de si mesmo (da sua sucessão), morrerá na Companhia (de Jesus).

A história:

"Carlos Manuel II, companheiro de infortúnio dos

---

1 H.F.A.
2 Alusão ao chapéu de Bonaparte. Cf. "o chapéu de pêlo negro", I. 74.
3 Grego: "πόντος": "mar". D.G.F.
4 Antigo nome do Danúbio. D.H.B.

1 D.H.B.
2 H.F.A.
3 *"Couleurs":* "bandeiras" = "Estados".
4 Latim, *"maritus":* "unido". D.L.L.B.
5 Anagrama da palavra latina *"comes":* "companheiro".

Bourbon — dos quais era aliado —, teve de ceder à França seus *Estados continentais,* tomados por Napoleão, e *retirou-se para a Sardenha,* em dezembro de 1798. Após *três anos* de esforços inúteis para conter os fermentos da revolução, ele abdicou em favor de *seu irmão* Vítor Emanuel, e foi viver em Roma, onde morreu com o hábito de *jesuíta*"[1].

O FIM DA PRIMEIRA REPÚBLICA (9 de novembro de 1799). NAPOLEÃO E O CÓDIGO CIVIL.

I.61

La république, misérable infélice,
Sera vastée[2] du nouveau Magistrat,
Leur grand amas de l'exil malefice,
Fera Suève[3] ravir leur grand contract.

Tradução:

A República miserável e infeliz será devastada por um novo magistrado; o grande número de exilados, que traz infelicidade, fará com que os alemães retirem seu tratado de aliança.

A história:

"No dia seguinte ao golpe de Estado de brumário, Bonaparte apresenta uma nova Constituição, segundo a qual volta para ele o *poder absoluto.* O primeiro-cônsul, Bonaparte, tem *poder absoluto* de decisão; além disso, Bonaparte *responde pelas leis*".

"Coube a ele a glória de publicar o *Código Civil* (1804), que estava sendo elaborado desde a Constituinte."[4]

"O *Grande Império* domina a Europa, pelo menos até 1812. Vários Estados adotam um código de leis e de administração baseados nos da França."[5]

"A Prússia, aliada hesitante em 1812, em 1813 estava ao lado dos russos... A própria Áustria colocou-se contra

---

[1] H.F.A.M.
[2] Latim, *"vastus":* "deserto", "desolado". D.L.L.B.
[3] "Suevos": grande povo da antiga Germânia. D.H.C.D.
[4] L.C.H.3.
[5] L.C.H.3.

Napoleão, e esse exemplo foi seguido por outros países, apesar da vitória de Dresden. Assim, declararam-se contra o imperador a Baviera, Württemberg e os saxões, embora seu velho rei tentasse, em vão, conservar a *aliança com os franceses.*"[1]

"A descoberta de um novo complô monarquista permitiu a Bonaparte restaurar a monarquia em seu benefício; fingiu acreditar que pretendiam assassiná-lo para recolocar no poder um príncipe de sangue real, o jovem duque de Enghien. Napoleão manda raptá-lo em *território alemão,* e fuzila-o nos fossos do Castelo de Vincennes. Março de 1804."[2]

A GUERRA PROVOCA A QUEDA DA MONARQUIA (1792). A RUÍNA DOS ESTADOS PONTIFÍCIOS. AS DESGRAÇAS DE PIO VI. O GOLPE DE ESTADO DE 18 DE BRUMÁRIO (1799).

VI.25

Par Mars contraire sera la Monarchie,
Du grand pescheur[3] en trouble ruyneux:
Jeune noir[4] rouge prendra la hiérarchie,
Les proditeurs[5] iront jour bruyneux.

Tradução:

A guerra será desfavorável à monarquia. A revolução será prejudicial ao papa. Um jovem negro tomará a hierarquia aos vermelhos e os conspiradores tomarão o poder num dia "brumoso".

---

[1] D.H.C.D.
[2] L.C.H.3.
[3] O anel do pescador. Quando Napoleão I obrigou Pio VII, prisioneiro em Savona, a lhe mandar o anel do pescador, o papa só o consentiu depois de quebrar o anel. Pio VII o substitui por um selo de ferro, representando São Pedro com as chaves... O anel do pescador, desde o século XV, servia para selar as ordens pontifícias. D.L.7 V.
[4] Alusão ao chapéu preto de feltro que Napoleão usava; também um qualificativo pejorativo. Cf. V.29, I.74, III.43.
[5] Latim, *"proditor":* "revelador", "traidor", "violador das leis". D.L.L.B.

A história:

"Em 20 de abril de 1792, Dumouriez consegue que o rei declare uma *guerra* que fez correr sangue durante dez anos, e cujos resultados a Europa estava longe de prever. A Assembléia não demonstrou nenhuma boa vontade pela complacência do rei e, cada vez mais desconfiada e exigente, retira a guarda constitucional do monarca e envia o seu chefe, Brissac, à corte de Orléans, reduzindo, assim, o infeliz príncipe à condição de um rei indefeso que não tinha como se opor aos golpes que contra ele eram preparados"[1].

"A Revolução Francesa ecoa no céu romano como trovões de uma tempestade. O levante revolucionário dos Estados pontifícios franceses, seguido da constituição civil do clero, revelam a Roma a extensão do perigo. O movimento revolucionário francês tinha muitos admiradores em Roma... Em 1796, os romanos percebem claramente o perigo, quando o exército francês entra na Itália, comandado por Bonaparte. O papa conferencia com o general, e este exige a entrega das contribuições arrecadadas nos Estados pontifícios, quinhentos manuscritos antigos e cem obras de arte *('ruyneux'!)*... De acordo com o Tratado de Tolentino (19 de fevereiro de 1797), o papa devia renunciar definitivamente a Avignon e ao condado de Venaissin, e pagar quarenta e seis milhões de escudos... No dia 20 de fevereiro, o papa foi feito prisioneiro e levado de Roma. Bonaparte se apoderou de inestimáveis obras de arte como despojos de guerra, com as quais carregou quinhentas viaturas de transporte..."[2]

"O 18 de *brumário ('jour bruyneux')* foi o dia escolhido para a transferência dos conselheiros, e o dia 19 para a sessão definitiva... Embora o segredo da *conspiração* fosse bem guardado, esperava-se um grande acontecimento."[3]

---

1 H.F.A.
2 D.D.P.
3 H.F.A.

BONAPARTE CONTRA OS REVOLUCIONÁRIOS (1799). A OCUPAÇÃO DA ITÁLIA (1797).

VI.38

Aux profligez[1] de paix les ennemis,
Après avoir l'Italie suppérée[2]:
Noir sanguinaire, rouge sera commis[3]
Feu, sang verser, eau de sang colorée[4].

Tradução:

Os inimigos da paz (os revolucionários) serão vencidos (por Bonaparte) depois de ele ter derrotado a Itália. Essa personagem negra e sanguinária comprometerá os vermelhos. Depois, com a guerra, ele fará correr tanto sangue que a água ficará vermelha.

A história:

"As diligências dos emigrados junto às cortes estrangeiras para se imiscuir nos negócios da França haviam espicaçado o orgulho nacional contra as pretensões dos outros países, dando origem a um *brado de guerra,* que as vozes dos Brissot, dos Vergnaud, dos Danton e de outros fanáticos tingiram de sangue, em nome dos franciscanos e dos girondinos ('os inimigos da paz')".

"As eleições do ano V não provaram definitivamente que o povo francês confiava em seus senhores, ou estava satisfeito com eles. Apenas uns vinte deputados que se apresentaram mereceram a boa vontade dos eleitores. O povo enviou às assembléias não personalidades escolhidas no interior do regime, mas republicanos mais moderados, e até mesmo monarquistas. Os presidentes das assembléias são dois inimigos da Revolução *('rouge sera commis').* No momento em que se conhecia o resultado dessa eleição vergonhosa, chega a Paris, para a tranqüilidade dos membros do Diretório, o texto das preliminares de Leoben. O que fazer? Esse Bonaparte se distingue pelos atos de indisciplina, pelo

---

1 Latim, *"profligo":* "venço completamente", "aniquilo", "arruíno". D.L.L.B.
2 Latim, *"supero":* "venço", "arrebato". D.L.L.B.
3 "Comprometer", "expor". D.L.7V.
4 Alusão à passagem do Berezino.

desprezo à legalidade e às prerrogativas do poder civil, e realiza tratados em nome da França sem ter sido autorizado. As preliminares de Leoben são aprovadas. Em seguida, o Diretório é obrigado a permitir que Bonaparte aja à vontade e que *reine na Itália ('l'Italie suppérée')*."[1]

O GOLPE DE ESTADO DE 18 DE BRUMÁRIO (novembro de 1799). OS CATORZE ANOS DE REINADO: de 9 de novembro de 1799 a 6 de abril de 1814.

VII.13

De la cité marine et tributaire,
La teste raze prendra la Satrapie[2]:
Chassez sordide qui puis sera contraire,
Par quatorze ans tiendra la tyranie.

Tradução:
Do porto que lhe paga um tributo (de guerra) "o pequeno tosquiado" tomará o poder (civil). Perseguirá os homens sórdidos, contra os quais se revoltará; exercerá a tirania durante catorze anos.

A história:
"Desenvolvendo uma atividade imensa, Bonaparte transforma o Egito em uma espécie de *protetorado*... Mas está ansioso para voltar à França, onde a revolução política o preocupa; desembarca secretamente em Alexandria"[3].

"Bonaparte derruba o regime do Diretório e se impõe como cônsul. Esse último golpe de Estado *põe fim ao período revolucionário*."[4]

"A reorganização do país: Bonaparte utiliza os imensos poderes de que se investiu para reorganizar a França:

— Centralização administrativa: cria os prefeitos, representantes do governo nos departamentos.

— Reorganização das finanças: cria uma nova administração fiscal. Cria também novas funções: os controladores e os *cobradores ('les satrapes')*."[1]

De 19 de novembro de 1799 a 6 de abril de 1814, Napoleão ocupa o poder. Catorze anos, três meses e vinte e sete dias!

"...Passei a cavalo uma hora atrás, e meus olhos foram atraídos por uma inscrição em grandes letras negras, na primeira pilastra da ponte: *'Abaixo o tirano!'* Mandei que a apagassem imediatamente."[2]

ANEXAÇÃO DE VERONA (1805). MORTE DE NAPOLEÃO (1821). CONGRESSO DE VERONA (1822).

I.12

Dans peu dira[3] faulce[4] brute[5] fragile[6]
De bas en hault eslevé promptement:
Puis en istant[7] desloyale et labile[8]
Qui de Veronne aura gouvernement.

Tradução:
Em pouco tempo, a foice (da morte) ceifará a personagem insensata e perecível, aquela que foi rapidamente elevada de baixo para o alto[9]. Depois, aquele que tem o poder sobre Verona será derrubado por sua deslealdade.

A história:
"Em 1796, Bonaparte manobra ao redor da praça (Verona) para proteger as entradas de Mântua contra as tentativas de invasão dos austríacos. Mas, a 17 de abril de 1797, ocorreu na cidade um massacre geral dos franceses, instigado pelos austríacos. Em 1805, o Tratado de Presburgo *entrega Verona à França,* que a eleva a *centro principal* do departamento do Ádige. A cidade volta para o domínio dos

---

[1] H.F.A.
[2] "Sátrapas": governadores do império medo-persa; governadores das províncias (prefeitos), encarregados da administração e da arrecadação de impostos (cobradores). D.L.7V.
[3] D.H.C.
[4] L.C.H.3.

---

[1] L.C.H.3.
[2] "L'impopularité de l'Empereur en 1814", *Memórias,* de Pasquier, Plon.
[3] Latim, *"dirare":* "ceifar". D.L.L.B.
[4] Latim, *"falcem":* "foice": D.A.F.L.
[5] Latim, *"brutus":* "estúpido", "insensível". D.L.L.B.
[6] Latim, *"fragilis":* "frágil, "fraco", "perecível". D.L.L.B.
[7] *"Istre",* forma de *"estre":* "ser". D.A.F.L.
[8] Latim, *"caduc".* D.L.L.B. Diz-se de um homem alquebrado. D.L.7 V.
[9] Cf. VIII.57, V.26, e IX-5.

austríacos, em 1815, os quais, em 1822, realizam em Verona o célebre congresso cuja história Chateaubriand relatou"[1].

Nostradamus observa que terá lugar em Verona uma reunião da Santa Aliança, logo depois da morte de Napoleão!

"A República levava a liberdade aos homens, libertava-os de todos os pequenos tiranos; o Império, ao contrário, fazia desaparecer os homens livres, tornando-os súditos de novos soberanos. Muitos dos homens da Revolução e a própria Revolução haviam-se *degenerado* depois do atentado de 18 de brumário... O Senado não demonstrava muito entusiasmo por Napoleão, mas os bispos se encarregaram da aproximação, por meio de bajulação. Não é de admirar, portanto, que Bonaparte se considerasse o *maior dos mortais* e o predestinado por Deus."[2]

O DUQUE DE BRUNSWICK E AS DIVISÕES DE ORANGE. AUERSTEDT (1805). SEU ACORDO SECRETO COM DUMOURIEZ (1792).

X.46

Vie fort mort de l'OR[3] vilaine indigne,
Sera de Saxe non nouveau électeur[4]
De Brunsvic mandra d'mour[5] signe
Faux le rendant au peuple séducteur.

Tradução:

Ele perderá a vida por morte violenta, apesar das ações indignas e da má fé (das divisões) de Orange; não será o novo eleitor de Saxe, Brunswick, ao qual Dumouriez pedira uma assinatura; seu espírito falso seduzirá o povo.

---

[1] D.L.7 V.
[2] H.F.A.
[3] "Orange", por apócope.
[4] Auerstedt, cidade dos Estados prussianos ("Saxe"). Vitória de Davout sobre os prussianos (14 de outubro de 1805). Essa vitória valeu a Davout o título de duque de Auerstedt. D.H.B. Substituindo o duque de Brunswick, morto nessa batalha.
[5] Abreviação de Dumouriez.

A história:

"No dia 8 de outubro de 1805, o primeiro boletim apresenta a situação política, a entrada em Saxe das tropas prussianas e a marcha do Grande Exército. A Prússia não se aproveitou da iniciativa diplomática que tinha tomado. Suas forças são dispersadas; cento e quarenta mil homens, comandados por Rüchel, *Brunswick* e Hohenlohe, confusos com as ordens e contra-ordens, defendem o acesso à Turíngia"[1].

"Auerstedt: à esquerda, a situação é bastante crítica; *Brunswick* envia os reforços das divisões de *Orange* e de Wartensleben, bem como uma parte da infantaria de Schmettau. As tropas francesas são obrigadas a abandonar Hassenhausen, que é imediatamente retomada pelo General Morand. Mas o Príncipe Guilherme da Prússia ataca violentamente a divisão de Morand, disposta em quadrados... O duque de Brunswick e o General Schmettau são gravemente feridos *('vie fort mort')."*[2]

"Brunswick-Lüneburg (Carlos Guilherme Ferdinando, duque de), general a serviço da Prússia, há muito tempo nomeado o *príncipe herdeiro,* foi escolhido para ser o general-em-chefe dos exércitos aliados contra a França, em 1792. Após publicar um manifesto ameaçador *('vilaine indigne')* (25 de julho de 1792), entra na Champagne com um exército considerável, mas, vencido em Valmy, faz um tratado com Dumouriez *('d'mour signe')*. Retoma seu comando em 1805, é derrotado em Iena e *mortalmente ferido* por um tiro, próximo de Auerstedt."[3]

O PRIMEIRO CASAMENTO DE NAPOLEÃO (1796). A SAGRAÇÃO (1804). O DIVÓRCIO E O SEGUNDO CASAMENTO (1809).

Sextilha 57

Peu après l'aliance faicte,
Avant solemniser la feste,
L'Empereur le tout troublera,
Et la nouvelle mariée,
Au franc pays par fort liée,
Dans peu de temps après mourra.

---

[1] N.E.L.G.I.
[2] L.E.E.
[3] D.H.B.

Tradução:

Pouco depois de se casar antes de fazer uma festa solene, o Imperador se divorciará, e a nova recém-casada, fortemente ligada à França por casamento; pouco tempo depois, ele morrerá.

A história:

"Em 8 de ventoso (8 de março de 1796), Bonaparte foi nomeado general-em-chefe do exército da Itália; no dia 16, casa-se com a 'bela *créole*' (Josefina de Beauharnais)... A *sagração,* muitas vezes adiada devido a contratempos, e ao fato de Sua Santidade Pio VII ter marcado para muito tarde sua viagem à França, só teve lugar no dia *2 de dezembro de 1804.* Na *véspera ('avant'),* Napoleão e Josefina casam-se no *religioso.* No dia 2 de dezembro de 1804 será a sua sagração em Notre-Dame. Antes de partir para a igreja, o imperador recebe Talleyrand, que deixou um resumo dessa entrevista nos seguintes termos: 'Sem a *solenidade* do momento, mal teria conseguido conservar meu sangue-frio...' "

"Em outubro de 1809, Napoleão resolve se *divorciar* e *voltar a se casar* em poucas semanas. Porém, com pena da pobre Josefina, só a põe a par dessa decisão no dia 30 de novembro. Com muito sofrimento, ela acaba por se conformar, e só no dia 16 de dezembro o divórcio se consuma... Enquanto isso, a Áustria oferece a Napoleão uma de suas arquiduquesas, *Maria Luísa.* Ele concorda com a oferta e, no dia 2 de abril, na capela do Louvre, o Cardeal Fesch, tio do imperador, abençoa o *casamento* de Napoleão com Maria Luísa."

"Na noite de 4 para 5 de maio de 1821, todos os seus servidores estão ao seu lado. Napoleão balbucia; de repente, distinguem-se algumas palavras: 'França...' 'Meu filho...' 'Exército...' 'Chefe do exército...' *'Josefina...'* Foram suas últimas palavras. Era um resumo da sua vida... Desaparecia, assim, aos cinqüenta e um anos, o homem que tinha vivido dois séculos."[1]

[1] N.L.M.

A CAMPANHA DO EGITO (1799). A PROCLAMAÇÃO DO IMPÉRIO (2 de dezembro de 1804).

I.74

Après séjourné vogueront en Epire[1]
Le grand secours viendra vers Antioche[2],
Le noir poil[3] crespé[4] tendra fort à l'Empire
Barbe d'airain[5] le rostira en broche.

Tradução:

Depois de uma estadia (no Egito), os soldados passarão a um outro continente, irão procurar auxílio em Antioquia; aquele que usa um feltro negro desejará o Império e assará a República no espeto.

A história:

"Preparada em grande segredo, a expedição ao Egito começou com muito sucesso, escapando às esquadras do inglês Nelson que cruzavam o Mediterrâneo... Mas, em 1.º de agosto de 1798, Nelson destrói a frota francesa num ataque de surpresa, em Abuquir. A expedição francesa torna-se *prisioneira* da sua conquista... Napoleão repele os ataques turcos na *Síria* e no Egito; mas está *impaciente* para voltar à França..."[6]

[1] Do grego "Ἤπειρος": "continente", "terra firme". D.G.F.
[2] Latim, *"Antiochia":* "Antioquia", capital da Síria. D.L.L.B.
[3] "Pêlo negro": o feltro é feito de pêlo crespo. D.L.7V.
[4] "Crespo." D.A.F.L.
[5] Aenobarba (latim, *"Aeneus":* "bronze"). Marido de Agripina, símbolo da República para Nostradamus, por razões de paralelismo histórico. Tiveram um filho, Nero, que mandou assassinar a mãe; assim também Napoleão executará a República que o tinha levado ao poder!
[6] L.C.H.3.

A PRIMEIRA CAMPANHA DA ITÁLIA (1796-1797). A ASCENSÃO DE NAPOLEÃO (1796-1800). A NOBREZA DO IMPÉRIO.

IX.5

Tiers, doigt du pied, au premier semblera
A un nouveau monarque de bas en haut
Qui Pyse et Luques[1] Tyran[2] occupera,
Du précédent corriger le deffault.

Tradução:
O terceiro estado, que não passa de um dedo do pé, começa a se parecer com a primeira (classe), graças a um novo chefe vindo de baixo até o lugar mais alto (da hierarquia), e que ocupará com tirania Pisa e Luca; assim, ele corrigirá os defeitos (do poder) do monarca precedente (Luís XVI).

A história:
"A sociedade, no fim do século XVIII, compreendia oficialmente três classes: a nobreza, o clero e o terceiro estado"[3].

"É no terceiro estado que se notam as maiores diferenças: os ricos burgueses, que fizeram fortuna com o comércio marítimo, a indústria ou operações financeiras, são os mais respeitados... Os comerciantes enriquecidos recebem cargos que os *enobrecem."*[4]

"Embora de hábitos simples, Napoleão julga oportuno realçar seu prestígio rodeando-se de uma *corte* numerosa, brilhante, regida por uma etiqueta minuciosa, imitando a corte de Versalhes."[5]

"A guerra e a *ascensão* de Bonaparte: Bonaparte, general aos vinte e sete anos, é o General Vendemiário."[6]

"As contribuições de guerra que cobrou dos vencidos permitem a Bonaparte sustentar o seu exército e enviar ao Diretório os fundos indispensáveis. Assim, ele resolve os pontos principais das condições da paz assinada com os austríacos em Campoformio (outubro de 1797); cria, no norte da Itália, uma *República Cisalpina,* aliada da França."[1]

[1] Cidades da Toscana.
[2] Comparar com VII.13: "Por catorze anos exercerá sua tirania".
[3] L.C.H.3.
[4] L.C.H.3.
[5] L.C.H.3.
[6] L.C.H.3.

O limite dessa República é constituído ao sul pela Toscana, com as cidades de Pisa e Luca.

"A República Francesa, que tinha jurado ódio aos *tiranos,* tinha também jurado fraternidade aos povos!"[2]

O PLEBISCITO. A MEGALOMANIA DESTRUTIVA DE NAPOLEÃO I.

V.60

Par teste rase viendra bien mal eslire
Plus que sa charge ne porte passera
Si grand fureur et rage fera dire,
Qu'à feu et sang tout sexe tranchera.

Tradução:
"O pequeno tosquiado" será eleito por infelicidade, fará muitas coisas que seu poder não alcança, dirão que está cheio de furor (guerreiro) e de raiva; ele dominará todos a ferro e sangue, sem diferença de sexo.

A história:
"Na prática, Bonaparte *indica os* membros da Assembléia; tudo parte dele, tudo volta para ele. O *plebiscito organizado* lhe dá um evidente testemunho da confiança popular, mais de três milhões de 'sim', contra mil e seiscentos 'não' "[3].

Carta de um oficial francês: Moscou, 30 de setembro de 1812:

"...A ocupação de Moscou e, *infelizmente,* o incêndio quase total dessa rica e soberba cidade... Vivemos de *pilhagem* e de saque... Dizem que foi o governo russo quem mandou incendiar essa bela capital, para nos privar das riquezas que poderíamos encontrar. Não sei se é verdade, mas posso afirmar que nossos soldados ajudaram muito; se imaginarmos soldados bêbados saqueando casas de madeira com velas acesas, tochas, tições, teremos o espetáculo de

[1] L.C.H.3.
[2] Napoleão, *Correspondência,* volume I.
[3] L.C.H.3.

Moscou no dia seguinte à nossa chegada. O *incêndio* durou três dias. Jamais houve um espetáculo mais terrível e mais pungente!... Tenho ante os meus olhos *a pior catástrofe* deste século, tão fértil em acontecimentos desastrosos..."[1]

GUERRAS CONTRA A ITÁLIA, A ESPANHA E A INGLATERRA. CASAMENTO COM MARIA LUÍSA DA ÁUSTRIA.

IV.54

Du nom qui oncques ne fut au Roy Gaulois[2],
Jamais ne fut un fouldre[3] si craintif:
Tremblant l'Itale, l'Espagne et les Anglois
De femme estrange[4] grandement attentif.

Tradução:

Com um nome jamais usado pelo rei de França (Napoleão), jamais se viu uma faísca tão fulgurante (de guerra); ele fará tremer a Itália, a Espanha e a Inglaterra, muito atencioso para com uma mulher estrangeira.

A história:

"Pelos decretos de Berlim e de *Milão* (dezembro de 1807), Napoleão interditou o comércio com a *Inglaterra* na maioria dos portos europeus. Para que o bloqueio fosse eficiente, era preciso que fosse aplicado por todos. Ora, o *papa* e o rei de Portugal recusavam-se a aplicar o bloqueio. Napoleão anexa os *Estados Pontifícios,* aprisiona o papa e resolve ocupar Portugal. O exército francês atravessa a *Espanha* para chegar a Portugal..."[5]

Nostradamus, como a história, une esses três países, confrontados pelo mesmo problema!

---

[1] Coleção M. Chaulanges, *Textes historiques.*
[2] Anúncio da nova dinastia.
[3] "'Raio', 'faísca': no sentido figurado, pertence ao gênero masculino ou feminino, dependendo de a metáfora se referir, no pensamento, ao sentido físico ou ao sentido mitológico; mas, geralmente, o sentido mitológico prevalece, para designar um guerreiro ou um orador impetuoso: 'Napoleão foi um raio faiscante de guerra'." D.L.7 V.
[4] *"Étrange"* é usado por Nostradamus, geralmente, com o sentido de "estrangeiro".
[5] L.C.H.3.

Divorciando-se de Josefina, casa-se com uma estrangeira: Maria Luísa da Áustria.

TRAFALGAR[1] (21 de outubro de 1805). OS DIVERSOS CERCOS DE PAMPLONA. NAVARRA E ESPANHA.

S.41

Vaisseaux, gallères avec leur estendar,
S'entrebatteront près du mont Gibraltar
Et lors sera fort faict à Pampelonne[2],
Qui pour son bien souffrira mille maux,
Par plusieurs fois soustiendra[3] les assaux,
Mais à la fin unie à la Couronne.

Tradução:

As frotas com seus estandartes se confrontarão perto de Gibraltar, depois virá a queda de Pamplona, que sofrerá mil males por seu bem. Várias vezes resistirá aos ataques, mas será, por fim, unida à coroa (da Espanha).

A história:

"Trafalgar: *batalha naval* vencida em 21 de outubro de 1805, pela *frota* inglesa de Nelson, derrotando as *frotas* combinadas da França e da Espanha, comandadas pelo Almirante Villeneuve... A frota francesa desempenhou um papel insignificante nas guerras do Primeiro Império"[4].

"Os franceses entraram em Pamplona em 1808 e em 1829. A cidade foi várias vezes tomada e retomada durante as guerras civis da Espanha (1831-1842)."[5]

"Navarra, província da Espanha setentrional, cidade principal de Pamplona. A história da Navarra espanhola se confunde, até 1512, com a história do reino de Navarra. Desde então, Navarra se destaca por seu apego aos antigos privilégios, por *sua resistência,* de 1808 a 1814, às tropas francesas e, no século XIX, por sua devoção ao carlismo *(unie à la Couronne).*"[6]

---

[1] Cabo da Espanha, na entrada do estreito de Gibraltar. D.H.B.
[2] Pamplona em espanhol, cidade de Navarra.
[3] Latim, *"sustineo"*: "resistir". D.L.L.B.
[4] D.L.7 V.
[5] D.H.B.
[6] D.L.7 V.

A BATALHA DE TRAFALGAR (24 de outubro de 1805).
OS SETE "TRÊS-PONTES" DA FROTA INGLESA.
OS FERIMENTOS DO ALMIRANTE GRAVINA.
OS NAVIOS FRANCESES QUE SE SALVARAM.

VII.26

Fustes[1] et gallères autour de sept navires,
Sera livrée une mortelle guerre:
Chef de Madric recevra coup de vires[2],
Deus escchapez et cinq menés à terre.

Tradução:

Com as corvetas e as fragatas ao redor de sete navios, será travada uma batalha mortal. O chefe espanhol será ferido. Dois navios que conseguirão escapar serão levados à terra por cinco outros.

A história:

"A 21 de outubro, às sete horas da manhã, ao largo do cabo de Trafalgar, foi avistado o inimigo, que, antecedido por suas fragatas, vinha do noroeste. A frota aliada contava com trinta e três navios de guerra (dezoito franceses e quinze espanhóis) e cinco fragatas, trazendo dois mil oitocentos e cinqüenta e seis canhões. A esquadra de Nelson tinha apenas vinte e sete navios (dos quais, *sete de três pontes,* na verdade, contra quatro) e seis fragatas ou corvetas, com três mil duzentos e catorze canhões... O combate parou antes das seis horas da tarde, mas, durante a noite, uma violenta tempestade destroçou vários navios, a saber: quatro navios de guerra da esquadra aliada, que haviam sido capturados, naufragaram ou encalharam na costa; os ingleses os afundaram e queimaram mais quatro. Como desforra, no dia 22 de outubro, o Capitão Cosmao sai do porto com cinco *navios de guerra* e consegue *capturar dois* que haviam sido tomados *('deux escchapez et cinq menés à terre').* As perdas dos franco-espanhóis elevam-se a catorze mil homens, dos quais quatro mil quatrocentos e oito foram *mortos e afogados;* dois mil quinhentos e quarenta e nove feridos, e mais de sete mil feitos prisioneiros *('mortelle guerre').* O Contra-Almirante Magon foi morto, e *Gravina mortalmente ferido*"[1].

"Gravina: almirante espanhol, ele era, segundo se dizia, filho natural de Carlos III... Feita a paz com a França, *ele comandou a frota espanhola ('chef de Madrid'),* reunida na costa de Cádiz à frota francesa, sob as ordens do Almirante Villeneuve (1805); *foi ferido ('recevra coup de vires')* na Batalha de Trafalgar, e morreu pouco depois, devido aos ferimentos (1806)."[2]

[1] Tipo de embarcação longa e de borda baixa, movida a vela e a remo. D.L.7 V.
[2] Golpe de balestra com as penas em hélice, o que lhe imprimia um movimento de rotação. D.A.F.L.

WÜRZBURG, PONTO DE PARTIDA DAS
CONQUISTAS NAPOLEÔNICAS (1806).
A VOLTA DA ILHA DE ELBA.
DESEMBARQUE PERTO DE ANTIBES.

X.13

Soulz la pasture d'animaux ruminants,
Par eux conduicts au ventre herbipolique[3]:
Soldats cachez, les armes bruits menants,
Non loing temptez de cité Antipolique[4].

Tradução:

Depois de fazer os cavalos pastarem e de conduzi-los até Würzburg, (Napoleão) com os soldados disfarçados, que conduzirá com o ruído das armas, fará uma tentativa (de desembarque) não longe de Antibes.

A história:

"Todas as notícias que Napoleão recebia demonstravam que a guerra estava próxima. No dia 21 de setembro de 1806, comunicou a Duroc e a Caulaincourt sua intenção de ir a Mogúncia no dia 29... O imperador deixou Paris no dia 25 de setembro e chegou a Mogúncia na tarde do dia 28. Chegando às margens do Reno, Napoleão podia contar com duzentos mil soldados... Napoleão deixa Mogúncia no dia 1.º de outubro, à noite, atravessa Frankfurt e chega na noite seguinte a *Würzburg,* dirigindo-se para o Palácio do

[1] N.E.E.
[2] D.H.B.
[3] *"Herbipolis":* Würzburg, cidade da Baviera. D.H.B. A palavra *"ventre"* é usada por Nostradamus para designar a importância dessa cidade nos acontecimentos relatados.
[4] *"Antipolis":* Antibes. D.H.B.

Arquiduque, antiga residência episcopal. Foi recebido por um grande número de príncipes alemães, com os quais conversou, demonstrando um espírito encantador. Enquanto isso, em Erfurt, reunia-se um conselho de guerra prussiano, formado pelo rei, o duque de Brunswick, o príncipe Hohenlohe, o Marechal Mollendorf, e vários ministros e generais. Prepararam uma nota para Napoleão: a França era acusada de mau procedimento para com a Prússia, e suas tropas deviam evacuar a Alemanha a partir do dia 8 de outubro"[1].

"Würzburg foi ocupada pelos franceses em 1806. Foi devolvida à Baviera em 1814."[2]

"Em 26 de fevereiro de 1815, à noite, o imperador embarca no *Inconstant* com seu estado-maior e um grupo de *mil e cem homens.* Os outros amontoam-se em seis navios diferentes. No dia 1.º de março, de manhã, a frota passa ao largo de Antibes e, pouco depois do meio-dia, aporta no golfo Juan. O acampamento foi armado num parreiral *('soldats cachés')* entre o mar e a estrada de *Cannes a Antibes."*[3]

ANEXAÇÃO DE NÁPOLES E DA SICÍLIA (1806). AS TROPAS FRANCESAS NA ESPANHA (1807-1808).

III.25

Qui au Royaume Navarrois[4] parviendra
Quand la Sicile et Naples seront joincts,
Bigores[5] et Landes par Foix Loron[6] tiendra,
D'un qui d'Espagne sera par trop conjoinct.

Tradução:

Aquele que virá ao reinado de Navarra, quando Nápoles e a Sicília serão reunidas, ocupará a Bigorre e as terras por Foix e Oloron, por causa de um rei de Espanha aliado a ele.

[1] N.E.E.
[2] D.H.B.
[3] N.E.E.
[4] A história da Navarra espanhola confunde-se, até 1512, com a do reino de Navarra. Depois, Navarra se distingue por seu apego aos antigos privilégios, pela resistência, de 1808 a 1814, às tropas francesas. D.L.7 V.
[5] Em 1284, o casamento de Joana de Navarra com Filipe, o Belo, valeu à França a aquisição do condado, mas ele passou, em seguida, às mãos das casas de *Foix* e d'Albret, e foi definitivamente unido com o advento de Henrique IV. D.L.7 V.
[6] Cidade da Bigorre.

A história:

"Em 1805, o infante Dom Carlos, em troca de Parma e Piacenza, obtém do imperador *Nápoles e a Sicília,* bem como os portos da Toscana, para si e para seus descendentes".

"Em 1806, *o rei* da Espanha convoca os espanhóis às armas. Napoleão não pode duvidar que essa provocação fosse dirigida à França. Naturalmente, fica encantado com o pretexto para atacar os *Bourbon da Espanha,* mas é obrigado a dissimular o momento de preocupação que lhe provoca um *aliado* tão tímido... a partir desse instante, ele jura derrubar aquela monarquia, e se sente lisonjeado ante a idéia de arrebatar a coroa de Espanha dos Bourbon de Madri, como já tinha arrebatado a das duas *Sicílias* aos Bourbon de *Nápoles."*

"Napoleão ordena ao General Junot que assuma o comando do exército regular da *Gironda* e que marche sobre Lisboa. Junot chega a *Bayonne ('à travers les Landes')* em 5 de setembro e atravessa os Pireneus alguns dias mais tarde."

"Enquanto as tropas do General Junot se instalavam nas principais províncias de Portugal, formava-se um novo exército francês próximo a *Bayonne,* e outro em *Roussillon...* A Espanha não se opôs à passagem dessas tropas e, em poucos dias, os franceses invadiram a Catalunha e *Navarra."*[1]

NEGOCIAÇÃO DOS ESTADOS PONTIFÍCIOS (1807). RETIRADA DA RÚSSIA (1812).

II.99

Terroir Romain qu'interprétait[2] augure[3],
Par gent gauloise par trop sera vexée
Mais nation Celtique craindra l'heure
Boréas[4], classe[5] trop loin l'avoir poussée.

[1] H.F.A.
[2] Latim, *"interpres pacis":* "o que negocia a paz". Tito Lívio. D.L.L.B.
[3] Latim, *"augur"* que deu *"augustus":* título dos imperadores romanos. D.L.L.B.
[4] Latim, *"Boréas":* "bóreas" ou "aquilão", vento do norte. D.L.L.B.
[5] Latim, *"classis":* "armada", "frota". D.L.L.B.

Tradução:

O território romano, que negociava com o imperador, será muito perturbado pelos franceses, mas a França terá motivos para temer quando soar a hora do frio, porque seu exército terá ido muito longe.

A história:

"A exemplo de *Augusto,* Napoleão queria eternizar sua lembrança..."[1]

"As dificuldades religiosas são provocadas pelo fato de Napoleão manter o papa prisioneiro (em Savona, depois em Fontainebleau, desde 1812); o papa tinha se recusado a aplicar o bloqueio nos seus Estados; Napoleão os ocupa."[2]

"A 14 de setembro de 1812, Napoleão entra em Moscou, contando instalar nessa cidade seu quartel de inverno. Durante a noite, um incêndio destrói a cidade e todos os seus recursos. Napoleão espera que o czar peça a paz, mas o soberano da Rússia não pensa nisso, pois recebeu reforços. Compreendendo que se enganou, Napoleão ordena a retirada. A marcha de volta foi penosa. O país devastado não oferece recursos, os cossacos atacam constantemente, a fome e um *inverno rigoroso e precoce dizimam* os soldados."[3]

"Perguntei a Napoleão a que ele atribuía o fracasso da expedição. 'Ao *frio* prematuro e ao incêndio de Moscou', disse ele, 'eu estava atrasado alguns dias; havia calculado o frio que fazia durante os últimos cinqüenta anos, e que nunca começava antes do dia 20 de dezembro, vinte dias depois do seu começo nesse ano.' "[4]

O EMBARGO IMPOSTO POR NAPOLEÃO À IGREJA

II.36

Du grand prophète[5] les lettres seront prinses
Entre les mains du tyran deviendront,
Frauder[6], son Roy seront les entreprises
Mais ses rapines bien tost le troubleront.

---

[1] L.C.H.3.
[2] L.C.H.3.
[3] L.C.H.3.
[4] L.M.S.H.
[5] Latim, *"propheta"*: "padre". O grande padre. O papa. D.L.L.B.
[6] Latim, *"fraudare"*: "despojar por fraude", "frustrar". D.L.L.B.

Tradução:

Do papa as bulas serão tiradas e passarão às mãos do tirano; ele procurará despojar por fraude seu chefe (espiritual), mas suas rapinas não tardarão a prejudicá-lo.

A história:

"Nenhuma embarcação sueca, inglesa ou russa deverá entrar nos Estados do papa; do contrário serão *confiscadas.* Não creio que a corte de Roma deva se imiscuir na política. Protegerei seus Estados contra o mundo inteiro. É inútil ter tanto cuidado com os inimigos da religião. Façam *expedir as bulas* para meus bispos"[1].

"Se eu não tivesse posto a mão sobre os Estados Pontifícios", disse Napoleão, "e tentado reduzir um poder espiritual por meio da força, todas essas desgraças não me teriam atingido *('mais ses rapines bientôt le troubleront'!)*"[2]

A ASCENSÃO DE BONAPARTE. NAPOLEÃO E A IGREJA.

VIII.57

De soldat simple parviendra en empire,
De robe courte[3] parviendra à la longue
Vaillant aux armes en église ou plus pyre,
Vexer les prêtres comme l'eau faict l'esponge.

Tradução:

De simples soldado, ele se tornará imperador, de militar, passará a magistrado, tão valente na guerra quanto nocivo à Igreja, e perseguirá os padres como uma esponja absorve a água.

A história:

"O relacionamento com a *Igreja,* aparentemente, é bom até 1808. Mas, quando sua política o leva a ocupar os Esta-

---

[1] Carta de Napoleão ao Cardeal Fesch, seu parente, datada de 13 de fevereiro de 1806. L.C.H.3.
[2] L.M.S.H.
[3] *"Cotte d'armes": saia curta* plissada na cintura, usada pelos arautos de armas na Idade Média, conservada até a Revolução. D.L.7 V.

dos Pontifícios e a encarcerar o papa, que protesta e o declara excomungado, o *clero* e os católicos tomam o partido do chefe da Igreja; perde, assim, o apoio dos católicos".

"Vós vos deixais levar pelos *padres* e pelos nobres que querem restabelecer o dízimo e os direitos fiscais. Eu farei justiça. *Eu os importunarei!*" Napoleão falou ao povo, em 1815.

"O conflito com a Espanha cada dia se torna mais exacerbado e desvia a atenção do imperador do seu objetivo, que consistia, simplesmente, em se tornar o chefe dos Estados romanos. Começa a demonstrar *hostilidade* a certa categoria de *padres,* o que faz com que os outros se afastem."[1]

"Os historiadores se admiram de que Pio VII tenha escolhido, para tornar a ruptura definitiva, um incidente político. Em 1810, Pio VII disse a Chabrol: 'Fui provocado ao máximo; quando comecei a gritar *já estava com a água na altura do queixo*'."[2]

NAPOLEÃO E AS PERSEGUIÇÕES RELIGIOSAS NA ITÁLIA (1809). A EFÍGIE DE NAPOLEÃO NAS MOEDAS: O NAPOLEÃO. SEU FIM EM TERRA ESTRANHA (1821).

VI.9

Aux temples saincts[3] seront faits grands scandales,
Comptez seront pour honneur et louanges
D'un que l'on grave d'argent, d'or les medales[4]
La fin sera en tourmens bien estranges[5].

Tradução:

Grandes escândalos serão feitos contra as personagens santas da Igreja Católica, às quais serão prestadas honras e louvores, por um que gravará sua efígie em peças de ouro e de prata, mas que terminará atormentado pelos estrangeiros (os ingleses).

A história:

"No dia 10 de junho de 1809, um manifesto assinado por Miollis, Salicetti e altos funcionários civis informava aos romanos a anexação da sua cidade e do resto dos domínios da Igreja ao Grande Império... A oposição, até a prisão do *papa* — em 6 de julho de 1809, no seu palácio, cujas portas foram arrombadas pelo General Radet — e sua transferência para Savona, permaneceu passiva... O papa foi feito prisioneiro, e os sete *cardeais* que, em dezembro de 1809, permaneciam ainda em Roma foram expulsos... O primeiro passo agora era a secularização dos *monges.* Dominicanos, franciscanos, agostinianos e três maronitas foram expulsos dos seus conventos: seiscentos em Roma, setecentos e trinta e um nos dois departamentos do Tibre e do Trasimeno... Mais graves foram as questões com os padres seculares, e sobretudo com o episcopado, ao qual foi exigido um juramento de submissão ao imperador, que Pio VII, em Savona, proibira secretamente... Segue-se a resistência dos *cônegos* e *curas,* que deviam também prestar juramento, e para os quais a recusa significava sua expulsão para Piacenza, onde foram criados verdadeiros acampamentos penitenciários para eles: quatrocentos e vinte e quatro foram para lá no dia 6 de junho de 1810, e trezentos e setenta no dia 14 de agosto. Essas medidas revoltaram de tal modo a população que o Conselho resolveu não deportar os padres com mais de sessenta anos. Estes voltaram de Piacenza, e os romanos os acolheram com manifestações tocantes de *veneração ('honneur et louanges')*"[1].

[1] L.C.H.3.
[2] N.E.E.
[3] Padres, bispos, monges, papas. Observar a construção latina.
[4] Antiga moeda dos gregos ou dos romanos. No Primeiro Império, as moedas francesas tinham a efígie de Napoleão com a legenda: "Napoleão, Imperador", de um lado, e, do outro, "República Francesa". D.L.7 V.
[5] Cf. IV.35 e VIII.85.

[1] N.E.E.

AS PILHAGENS E AS GUERRAS NAPOLEÔNICAS. NAPOLEÃO CONTRA A IGREJA CATÓLICA. PRISÃO DOS PADRES (1809). A RECLUSÃO DE PIO VII EM FONTAINEBLEAU (1810).

VII.73

Renfort de sièges manubis [1] et maniples [2]
Changez le sacre [3] et passe sur [4] le prosne [5],
Prins et captifs n'arreste les preztriples [6],
Plus par fonds [7] mis eslevé, mis au trosne.

Tradução:

Haverá mais pilhagens e exércitos. As santas leis serão mudadas e não se praticará mais a religião. Os padres serão presos. E mais ainda! Aquele que fôra posto no trono (de São Pedro) será levado para Fontaine(bleau).

A história:

"Jamais tivemos *tropas tão numerosas* e tão grandiosas", escreveu Napoleão em 7 de frutidor, ano XIII (25 de agosto de 1805), a Duroc, o grande marechal... Estima-se em um milhão e seiscentos mil o número de franceses que prestaram o serviço militar, de 1802 a 1815".

Sobre a prisão dos padres, cf. VI.9.

"A aplicação ao Estado romano da *legislação eclesiástica elaborada pela Revolução ('changez le sacré')* provocou uma resistência bem mais acentuada no vale do Pó e na Toscana. Os membros do Conselho Extraordinário tinham procurado alterar ou amenizar a prática. Mas Napoleão insistia na uniformização das *leis* do seu império. Era, portanto, necessário dispersar e secularizar os monges.

"O *embargo imperial sobre a Igreja* atingiu seu ponto culminante com o *Catecismo imperial,* publicado em 1806.

1 Latim, *"manubiae":* dinheiro do saque feito contra o inimigo. D.L.L.B.
2 Latim, *"maniples":* "síncope de *"manipulis":* "tropa". D.L.L.B.
3 Latim, *"sacer":* "sagrado". D.L.L.B.
4 "Passar por cima"; "não se importar". D.L.7 V.
5 *"Prône":* preleção que o padre faz, aos domingos, na missa paroquial, homilia. D.L.7 V.
6 *"Presterie": "prêtrise",* "vida monástica". D.A.F.L. Exemplo de paragoge, imposta pela rima.
7 Latim, *"fons"* (de fundo): "origem", "fonte" *("fontaine").* D.L.L.B.

"A Igreja Católica, por mais privilegiada que seja, deve contar apenas com suas próprias forças para combater as hostilidades declaradas ou ocultas, e para *convencer os indiferentes à prática.* A *descrença* se alimenta — com uma vaga coloração deísta — de sarcasmos e objeções, das quais Voltaire é o exemplo mais marcante.

"Na manhã de 6 de julho de 1810, Pio VII é preso no Quirinal; é o início de um cativeiro que duraria mais de quatro anos: Savona, e depois *Fontainebleau."* [1]

O CERCO DE SARAGOÇA (1808-1809). DEPOIS DA ITÁLIA, A GUERRA DA ESPANHA.

III.75

Pau, Vérone, Vincence, Saragosse,
De glaives [2] loings, terroirs de sang humides:
Peste si grand viendra a [3] la grande gousse [4],
Proches secours, et bien loin les remèdes.

Tradução:

O exército dos Pireneus, depois de Verona e Vicenza, levará a guerra a lugares distantes, até Saragoça, e inundará de sangue esses territórios. Uma grande calamidade será provocada por um grande cerco, e, apesar dos socorros próximos, os remédios estarão muito longe.

A história:

"Em 1808, ante a possibilidade de precisar ir rapidamente à fronteira dos *Pireneus* ou mesmo à *Espanha,* Napoleão ordena que sejam colocados no caminho postos *('Pau')* de elementos de infantaria e de cavalaria com reforço de alguns pontos... Murat, tenente do imperador, corre para *Bayonne*... Esses homens não são mercenários que renunciaram à sua nacionalidade, mas a juventude gloriosa, que, por sua própria vontade, acompanhou a juven-

1 N.E.E.
2 Em sentido figurado: símbolo da guerra, dos combates. D.L.7 V.
3 Latim, *"a"* ou *"ab":* "por". D.L.L.B.
4 Envoltório das sementes. D.L.7 V. Imagem para designar o cerco que envolve uma cidade.

tude de *Rivoli* e de *Novi* (Campanha da Itália) para defender a liberdade dos povos e da civilização"[1].

"Dom José de Palafox, governador de *Saragoça,* organiza nessa cidade uma forte resistência: depois de *um cerco* de sessenta e um dias, obriga os franceses a se afastarem (14 de agosto de 1808). Mas eles voltam à carga, com um novo *cerco ('grand gousse')* de dois meses (20 de dezembro de 1808 a 20 de fevereiro de 1809), mais *violento* que o primeiro, onde cada rua, cada casa foi atingida: *privado de todos os meios de defesa ('bien loin les remèdes'),* foi obrigado a se render."[2]

"O exército inglês, que, em janeiro de 1809, tinha avançado *até o centro da Espanha ('proche secours'),* está enfraquecido pela Batalha de Tudela. Napoleão tinha ordenado que os ingleses fossem impedidos de alcançar o mar; Moore, temendo ficar cercado sem ter por onde sair, foi obrigado a se dirigir para a Galiza... Enquanto isso, Saint-Cyr se estabelece na Catalunha; o Marechal Launes ocupava Aragon e tentava dominar *Saragoça."*[3]

A GUERRA DA ESPANHA EM 1808. DESEMBARQUE DE WELLINGTON (1808). SUA MARCHA ATÉ OS PIRENEUS (1813). A FAMÍLIA REAL ESPANHOLA NA FRANÇA (1808).

IV.2

Par mort la France prendra voyage à faire,
Classe par mer, marcher monts Pyrénées,
Espagne en trouble, marcher gent militaire:
De plus grand Dames en France emmenées.

Tradução:

A França empreenderá uma viagem de morte; um exército chegado por mar marchará até os Pireneus. A Espanha se revoltará; os exércitos marcharão sobre ela, e o maior e suas damas (esposa e filha) serão enviados para a França.

A história:

"Em 24 de março de 1808, o novo rei, Ferdinando

[1] N.E.L.G.I.
[2] D.H.B.
[3] H.F.A.

VII, entra na capital sob a aclamação do povo cheio de alegria. Esse foi o primeiro ato do grande drama, que viria dar aos espanhóis a oportunidade de saírem da lânguida ociosidade na qual tinham sido lançados *('trouble'),* e de se mostrarem heróicos e cruéis ao mesmo tempo, na longa e sangrenta guerra que mantiveram para defender a sua independência; guerra *desastrosa para a França,* e que lhe custou os mais bravos soldados *('viagem de morte').*

"A primeira insurreição portuguesa ocorreu no dia 16 de junho, no Porto, e se estendeu rapidamente às províncias do norte, obrigando os franceses a se retirarem. Nessa época teve lugar, em Leiria, o *desembarque de catorze mil ingleses,* comandados por Wellington *('classe par mer'),* e de cinco mil outros, comandados pelo General Spencer...

"Em 1813, Wellington, depois de ter tomado San Sebastián, atravessa o Bidassoa *('marcher monts Pyrénées')* e se estabelece, com forças consideráveis, em território francês."[1]

"Em 10 de abril de 1808, Ferdinando se põe a caminho; em cada atalho encontram um destacamento francês; o soberano amado dos espanhóis é, virtualmente, um *prisioneiro.* A 20 de abril, chega a Bayonne *('en France emmenés')*... Carlos IV, seu pai, e *Maria Luísa ('Dame')* não protestaram para subir numa carreta, que, escoltada pelo General Exelmans, *se dirige para a França.* A 30 de abril, em Bayonne, são acolhidos com honrarias reais, e Napoleão os recebe de braços abertos... A 6 de maio, Carlos e Maria Luísa são levados ao Castelo de Compiègne. Ferdinando é colocado em uma prisão dourada: o Castelo de Valençay, pertencente a Talleyrand. 'Conduzi muito mal esse caso', declarou Napoleão em Santa Helena. 'A imoralidade era por demais evidente, a injustiça muito cínica e todo o ato desonesto, pois *fui derrotado* ('viagem de morte')."[2]

[1] H.F.A.
[2] N.E.E.

A INVENÇÃO DOS FOGUETES (1806).
NAPOLEÃO E A IGREJA (1809).
OS MASSACRES NA ESPANHA (1809-1810).

IV.43

Seront ouys au Ciel les armes batre[1]:
Celui an mesme les divins ennemis,
Voudront loix sainctes injustement debatre
Par foudre[2] et guerre bien croyants a mort mis.

Tradução:
Será ouvido o ruído das armas aéreas; no mesmo ano em que serão debatidas as leis da Igreja, os católicos se tornarão inimigos (de Napoleão); os fiéis serão condenados à morte por Napoleão e pela guerra.

A história:
"Napoleão não parecia muito interessado no aperfeiçoamento das suas armas. Pauly, o armador, ao que parece, tinha fornecido à infantaria um fuzil que era carregado pela culatra. Na verdade, foi a Prússia que se beneficiou, mais tarde, das pesquisas desse inventor e dos seus discípulos. Vários engenheiros e oficiais franceses ofereceram os *foguetes* ao imperador; não foram encorajados na sua oferta; finalmente, na Inglaterra, as pesquisas de Congreve levaram à criação do Corpo de Foguetes, e esses engenhos de guerra foram usados em Leipzig e em Waterloo pelos aliados... Os foguetes inventados por William Congreve foram usados pela primeira vez em 1806, contra a Bolonha, pela marinha inglesa.

"Não foi a ocupação integral do território pontifício, em 1808, que produziu a ruptura entre os dois poderes (Napoleão e Pio VII). Não foram também questões econômicas, insignificantes no que se referia ao Estado romano, e sim as *considerações religiosas ('loix sainctes')* do papa e as necessidades políticas e militares que pressionavam o imperador. Estas são as verdadeiras causas do rompimento entre os dois soberanos no final de *1809,* e *da revolta de toda a Igreja Católica ('divins ennemis').*

"A guerra da Espanha: apareceram os chefes, a maioria deles se revelou durante os anos de *1809 ('no mesmo ano')* e 1810... Alguns eram nobres. Mas a maioria era membro da Igreja *('bien croyants')*... Os franceses, irritados, recorrem à violência. O sargento de uma unidade estacionada em Navarra relata a ordem recebida pelo seu destacamento: 'A primeira cidade que atirar em nós, *destruam tudo a fogo e sangue ('à mort mis')* sem poupar nem os recém-nascidos'."[1]

[1] "Bater o ferro": "fazer armas".
[2] Cf. IV.54.

O "APOGEU" DO IMPÉRIO (1807).
O EMBARQUE PARA SANTA HELENA (1815).

I.77

Entre deux mers[2] dressera promontoire[3]
Que puis, mourra par le mors du cheval,
Le sien Neptune[4] pliera voile noire
Par Calpte[5] et classe[6] auprès de Rocheval[7].

Tradução:
Entre dois mares, ele atingirá seu ponto culminante, depois morrerá mordendo o freio; o Deus do mar o envolverá em seu sudário (Santa Helena) depois da volta de L. Capeto e da frota (inglesa) perto de Rochefort.

A história:
"Consagrado pela Paz de Tilsit, o *'Grande Império'* surge como uma verdadeira *potência.* Todas as potências européias gravitam em volta de Napoleão, aliadas ou dominadas à força ('o ponto culminante')".

Nesse momento, *"Napoleão anexa os Estados Pontifícios* e prende o papa".[8]

"A Câmara exige a abdicação de Napoleão. Ele pretendia ir para os Estados Unidos, mas a *frota inglesa* blo-

[1] N.E.E.
[2] Os Estados Pontifícios situam-se entre o Adriático e o Tirreno.
[3] Latim, *"promontorium":* "ponto culminante". D.L.L.B.
[4] "Albion": nome dado pelos gregos à Inglaterra, devido à brancura dos seus rochedos, ou por causa de Albion, filho de Netuno. D.L.7 V.
[5] Anagrama de Luís Capeto (Luís XVIII).
[6] Latim, *"classis":* "frota", "exército". D.L.L.B.
[7] Roche-val. Latim, *"vallo":* "forte", "fortaleza"; Rochefort.
[8] L.C.H.3.

queia a costa. Finalmente, *ele se entrega aos ingleses,* que o tratam como prisioneiro de guerra e o deportam para a pequena ilha de Santa Helena." [1]

Ele embarca perto de *Rochefort,* no *Bellerophon,* que deverá conduzi-lo da ilha de Aix [2] a Santa Helena. "Se eu não tivesse posto a mão nos Estados Pontifícios", disse Napoleão, "e acreditado que pudesse dominar uma potência espiritual pela força, todas as minhas desgraças não teriam acontecido." [3]

A ANEXAÇÃO DOS ESTADOS PONTIFÍCIOS (1807). O BLOQUEIO CONTINENTAL (dezembro de 1806-1807).

I.75

Le tyran Sienne [4] occupera Savone [5],
Le fort gaigné tiendra classe [6] marine [7],
Les deux armées par la marque d'Ancone [8],
Par effrayeur le chef s'en examine.

Tradução:

O tirano ocupará Siena e Savona, tendo ganho (as batalhas), porque o mais forte; ele lutará com a frota inglesa, os dois exércitos (derrotados); (ele ocupará igualmente) a fronteira de Ancona; o chefe fará seu exame de consciência sobre esse ato espantoso.

A história:

"Sem esperar a chegada das tropas russas aliadas, o rei da Prússia inicia a batalha; no mesmo dia, seu *exército* é derrotado em Iena por Napoleão, e em Auerstedt, por Davout (14 de outubro de 1806). Resta vencer o *exército russo ('les deux armées');* a indecisa e sangrenta Batalha de Eylau (fevereiro de 1807) não traz nenhuma solução, mas Friedland (14 de junho) é para Napoleão um sucesso evidente; iniciam-se as conversações de paz; é a Paz de Tilsit (9 de julho de 1807). Napoleão pretende, então, acabar com a Inglaterra, isolada em sua ilha, mas *senhora do mar*... É o bloqueio continental. Napoleão anexa os *Estados Pontifícios* e prende o papa em Savona" [1].

[1] L.C.H.3.
[2] Aix, a fortaleza que defende a entrada de Charente, em frente à qual está a baía da ilha de Aix, um vasto porto avançado de Rochefort. D.L.7 V.
[3] L.M.S.H.
[4] Cidade da Toscana.
[5] Savona: cidade da Ligúria.
[6] Latim, *"classis":* "frota", "exército". D.L.L.B.
[7] Comparar com I.98. "A marinha Grange."
[8] Ancona: em 1532, foi integrada aos Estados Pontifícios. Os franceses a tomaram em 1797. Em 1809, tornou-se o centro principal do departamento de Metauro. D.H.C.D.

NAPOLEÃO E OS ESTADOS PONTIFÍCIOS. O CÓDIGO CIVIL. A LUTA CONTRA OS MONARQUISTAS INSURRECTOS.

V.79

Par sacrée pompe [2] viendra baisser les aisles.
Par la venüe du grand Législateur:
Humble haussera, vexera les rebelles
Naistra sur terre aucun aemulateur.

Tradução:

A vinda do grande Legislador abaterá o poder da Igreja Católica. Ele enobrecerá os humildes e envergonhará os rebeldes. Não terá igual sobre a Terra.

A história:

"O consulado não limita as reformas ao direito público. Pretende unificar, por meio do Código Civil, o conjunto de leis do direito privado... Nessa obra coletiva, para cuja elaboração Cambacérès, Tronchet, Portalis e Treilhard desempenharam um papel importante, Bonaparte, que presidiu cinqüenta e cinco reuniões das cento e sete realizadas pelo Conselho, fez várias intervenções *('le grand Législateur'),* na maioria muito válidas" [3].

"A recusa de Pio VII de se submeter ao bloqueio tinha servido de pretexto ao imperador para *confiscar as Províncias Pontifícias* e ocupar Roma, onde, a 3 de fevereiro,

[1] L.C.H.3.
[2] Aparato solene e suntuoso; as pompas do catolicismo. D.L.7 V.
[3] N.E.E.

o General De Miollis tinha entrado, à frente da sua divisão. Pio VII, encerrado no Quirinal, ameaçava excomungar os violadores da Santa Sé e, naquele momento, Napoleão, cometendo um grave erro, enfrentou o descontentamento espanhol e, erro maior ainda, iniciou uma guerra declarada contra o papa."[1]

"Para que o seu trono, nascido da Revolução, fosse rodeado de 'instituições monárquicas', o imperador cria uma *nobreza do Império,* agregando, ao lado dos seus colaboradores civis e militares de *origem obscura ('humble'),* um grande número de ex-nobres do Antigo Regime que, monarquistas até há algum tempo, aos poucos haviam se aliado ao regime."

"No dia 11 de vendemiário (3 de outubro de 1795), os eleitores de Paris foram convocados ilegalmente pelos *líderes monarquistas ('rebelles'),* que preparavam uma rebelião armada... Foi organizada uma operação militar contra Le Pelletier, a Bolsa e os monarquistas. Os rebeldes dispunham de cerca de vinte e cinco mil guardas nacionais. A Convenção não podia dispor de mais de cinco mil homens. Confiou o comando a Barras. O novo chefe tinha capacidade de decisão e energia; fez-se acompanhar de oficiais de sua confiança, que iniciaram, assim, uma carreira deslumbrante: Brune, o futuro marechal; Murat, o futuro príncipe e rei, e, *sobretudo, Bonaparte."*

OS MONUMENTOS EDIFICADOS POR NAPOLEÃO

III.43

Gens d'alentour de Tarn, Loth et Garonne
Gardez les monts Appennines passer
Votre tombeau près de Rome et d'Anconne
Le noir poil crespe[2] fera trophée[3] dresser.

Tradução:
Homens de diversas regiões (Tarn, Lot e Garonne), não atravessem os Alpes Apeninos; vossa tumba será perto de Roma e de Ancona; aquele que usa um chapéu de feltro negro fará erguer um monumento de vitória.

A história:
"A exemplo de *Augusto,* Napoleão queria eternizar sua lembrança embelezando as cidades e, especialmente, Paris. Mandou *erguer* monumentos grandiosos (o Arco do Triunfo do Carrousel, a Coluna Vendôme, o Temple de la Gloire — que se tornou a Igreja da Madeleine —, a Bolsa, o projeto de um arco do triunfo gigantesco no começo da Avenue des Champs-Élysées), que lembram suas campanhas vitoriosas"[1].

A EXPANSÃO TERRITORIAL DO DIRETÓRIO. A PRISÃO DE PIO VI (1798) E A DE PIO VII (1808). ANEXAÇÃO DOS ESTADOS PONTIFÍCIOS. A GUERRA DA ESPANHA (1808).

IV.36

Les ieux nouveaux en Gaule redressez,
Après victoire de l'Insubre[2] campaigne:
Monts d'esperie[3], les grands liez, troussez[4],
De peur trembler la Romaigne[5] et l'Espaigne.

Tradução:
Os novos poderes serão estabelecidos na França, depois das vitórias da campanha da Itália. Nas montanhas da Itália, os grandes serão aprisionados e raptados; os Estados da Igreja e a Espanha tremerão de medo.

A história:
"Chegando a Tolentino, de onde pretendia invadir Roma, se fosse necessário, Bonaparte faz uma parada para esperar o efeito que produziria essa marcha rápida... O

---
[1] N.L.M.
[2] Cf. I.74: "o pêlo negro e crespo desejará o Império".
[3] Latim, *"tropaeum":* troféu, monumento de vitória. D.L.L.B.

[1] L.C.H.3.
[2] Povo da Gália Cisalpina, que habitava o norte do Pó, entre o Adda, o Ticino e os Alpes, na região que corresponde ao Milanês atual, e que tinha como centro principal Mediolanum (Milão). D.H.B.
[3] "Hespéria": nome dado à Itália, a princípio, pelos gregos. D.H.B.
[4] "Colocar alguém na mala"; "raptar". D.L.7 V.
[5] Romanha: antiga província do Estado eclesiástico, cujo centro principal era Ravena. D.H.B.

papa envia seu sobrinho, o duque de Braschi, e três outros plenipotenciários, a Tolentino, para as conversações de paz com o vencedor. O tratado foi assinado em 1.º de ventoso (19 de fevereiro de 1797). O papa renunciava às suas pretensões em Avignon e o condado Venaissin; cedia as jurisdições de Bolonha e Ferrara, bem como a bela província da *Romanha*"[1].

"O Diretório invade o Estado papal, e Pio VI é obrigado a assinar com Bonaparte o Tratado — *desastroso* para ele — de Tolentino. Depois do assassinato, nas ruas de Roma, do General Duphot, representante do governo francês, o Diretório *se apodera* da pessoa do papa e proclama a República em Roma. *Preso* pelo General Berthier (1798), Pio VI foi levado sucessivamente para Siena, para a Cartuxa de Florença, e, finalmente, para Grenoble, na França (abril de 1799), e depois para Valence, onde morreu."[2]

"Pio VII recusou-se a aderir ao bloqueio continental. Napoleão invade Roma (1808) e confisca os Estados Pontifícios. Pio VII excomungou todos os que haviam participado da espoliação da Santa Sé. Imediatamente *é preso* pelo General Radet, junto com o Cardeal Pacca, e levado para Gênova, depois para Savona, e, finalmente, para Fontainebleau."[3]

"O fanatismo religioso, aliado, na *Espanha,* ao fervor nacional, foi alimentado, entre outras coisas, pela *espoliação sofrida pelo papa.* Pio VII, encerrado no Quirinal, ameaçava excomungar os violadores da Santa Sé e, naquele momento, Napoleão, cometendo um grave erro, enfrentou o descontentamento do povo espanhol e, erro maior ainda, iniciou uma guerra declarada contra o papa."[4]

---

[1] H.F.A.
[2] D.L.7 V.
[3] D.L.7 V.
[4] N.L.M.

VITÓRIA SOBRE OS INGLESES EM ANTUÉRPIA (24 de dezembro de 1809). DIVÓRCIO DE NAPOLEÃO (12 de janeiro de 1810). O MEDITERRÂNEO, CENTRO DO CONTRABANDO, EM OPOSIÇÃO AO BLOQUEIO CONTINENTAL (1811). MORTE DO ARCEBISPO DE PARIS E PRISÃO DE PIO VII.

Presságio. Junho.

Victor naval à Houche[1], Anvers divorce,
Né grand[2], du ciel feu, tremblement haut brule:
Sardaigne bois, Malte, Palerme, Corse,
Prélat mourir, l'un frappe sur la Mule[3].

Tradução:

Depois da vitória naval de Houke, perto de Antuérpia, ele se divorciará. Aquele que será grande por nascimento desencadeará as fúrias do céu, e se inflamará por causa do abalo provocado pela alta personagem (Napoleão). Sardenha, Malta, Sicília e Córsega (resistirão ao bloqueio). Um prelado morrerá, e ele (Napoleão) atacará o papa.

A história:

"Enquanto os plenipotenciários de Napoleão e os do Imperador Francisco se ocupavam da elaboração dos termos da paz, os ingleses, que há muito tempo vinham preparando uma expedição, se apresentam com um grande exército na embocadura do Escalda. Seu plano consistia na tomada da cidade de *Antuérpia* e da frota francesa ancorada no Escalda. Os ingleses, senhores da ilha de Walcheren, ameaçavam, ao mesmo tempo, a Bélgica e a Holanda; a esquadra de Antuérpia corria o maior perigo... O Marechal Bernadotte partiu para Antuérpia e não demorou a reunir mais de doze mil homens. Estava, assim, assegurada a defesa de Antuérpia. A esquadra foi levada para mais perto da cidade, onde ficou protegida. A 30 de setembro, a invencível esquadra de Lorde Chatam abandonou todos os seus postos e voltou à Inglaterra. A 24 de dezembro, os ingleses destruíram os arse-

---

[1] Subúrbio de Antuérpia.
[2] Pio VII, conde Chiaramonti. H.D.P. *('né grand').*
[3] Talvez uma alusão ao caráter intransigente de Pio VII.

nais de Flissingue e voltaram aos seus navios ('vitória naval')".

"A dissolução do casamento de Napoleão com Josefina foi anunciada em 12 de janeiro de 1810."[1]

"A partir do início de 1810, as vias pelas quais o comércio inglês penetrava no continente foram fechadas, uma depois da outra, e o contrabando começou a imperar... Em 1811, o comércio inglês com o norte e o ocidente da Europa estava muito fraco... Em compensação, o contrabando prosperava *no Mediterrâneo,* partindo de *Malta,* através dos Bálcãs, e na direção da Áustria."[2]

"O fim do ano de 1810 foi marcado pela chegada à *Sicília* das tropas francesas, o que teve como único resultado, para o rei de Nápoles, uma despesa de oito milhões e a perda de mil e duzentos homens abandonados nas costas da ilha."[3]

"A *9 de junho* de 1808, morre o Cardeal de Belloy *('prélat mourir'),* arcebispo de Paris. Napoleão indica seu sucessor, o Cardeal Fesch, a quem o cabido nomeia administrador, em 1.º de fevereiro de 1908. Porém, depois de refletir, Fesch recusa, e Napoleão nomeia Maury arcebispo de Paris, em 15 de outubro de 1810..."

"Na manhã de 6 de julho de 1810, Pio VII é aprisionado no Quirinal, início de um cativeiro que deverá durar mais de quatro anos: Savona, e depois Fontainebleau *('l'un frappe sur la Mule')."*[4]

A GUERRA DA ESPANHA E A QUEDA DA ÁGUIA. WELLINGTON NOS BASSES-PYRÉNÉES (1812).

IV.70

Bien contigue des grands monts Pyrénées,
Un contre l'Aigle grand copie[5] addresser:
Ouvertes veines[6], forces exterminées,
Que jusqu'à Pau[7] le chef viendra chasser.

[1] N.E.E.
[2] N.E.E.
[3] H.F.A.
[4] N.E.E.
[5] Latim, *"copia":* "corpo de armas", "tropa", "forças militares". D.L.L.B.
[6] "Abrir uma veia"; "praticar uma sangria". D.L.7 V.
[7] Centro principal dos Basses-Pyrénées, atualmente Pyrénées-Atlantiques.

Tradução:

Perto dos maciços dos Pireneus, um (país) colocará uma grande tropa contra a Águia (Napoleão); as trincheiras serão abertas e as forças exterminadas; ele as perseguirá até os Basses-Pyrénées.

A história:

"Termina o ano de 1811. Não tinha sido um ano decisivo. Os franceses foram *expulsos* de Portugal... Decidido a atacar a Rússia, Napoleão é informado de que as comunicações entre a França e a Espanha estão perfeitamente garantidas. Ordena a Marmont que parta para Salamanca, e de lá proteja a grande estrada de Madri a *Bayonne.* Esse movimento deixa mais campo para o *comandante-em-chefe* britânico. Ele aproveita para levar a *maior parte de suas tropas* para as portas de Badajoz. Depois de quinze dias de *trincheiras abertas,* atacam a cidade no dia 6 de abril. Os franceses, após uma defesa heróica, são finalmente forçados a capitular. *Os excessos* aos quais se entrega a soldadesca anglo-portuguesa chegam ao *auge do horror* e provocam lágrimas no pouco emotivo Wellington... A 21 de junho de 1812, a Batalha de Vitoria liberta quase toda a Espanha; através das províncias bascas e de Navarra, os franceses se retiram para a fronteira, conservando, na *região dos Pireneus,* apenas Pamplona e San Sebastián... Sempre metódico, Wellington queria *expulsar* as forças francesas da Espanha. Mas Londres o pressiona para entrar na França... Soult chega no dia 13 de julho em *Bayonne,* e passa à ofensiva. No fim de agosto, seu exército começa a descer a encosta meridional dos *Pireneus,* na direção de Pamplona, quando Wellington, depois de um duro combate, consegue repeli-lo. Soult tenta chegar a San Sebastián. Os ingleses voltam atrás e o impedem de atravessar a fronteira. A 8 de setembro, San Sebastián se rende e é *saqueada.* A 8 de outubro, Wellington atravessa o Bidassoa. Dez dias depois, Napoleão, com menos homens, perde, às portas de Leipzig, a "Batalha das Nações". Quando os aliados atravessam o Reno, Soult se vê forçado a abandonar a linha da Nivelle, depois a de Nive, e se refugia no campo fortificado de *Bayonne.* Quanto a Wellington, estabelece seu quartel-general em *Saint-Jean-de-Luz"*[1].

[1] N.E.E.

SOULT EM BAYONNE — WELLINGTON EM SAINT-JEAN-DE-LUZ. A RÚSSIA IMPÕE A ABDICAÇÃO (1814). MORTE DE NAPOLEÃO EM SANTA HELENA (1821).

VIII.85

Entre Bayonne et à Saint Jean de Lux,
Sera posé de Mars le promontoire [1]:
Aux Hanix [2] d'Aquilon [3] Nanar [4] hostera lux [5],
Puis suffoqué au lict [6] sans adjutoire [7].

Tradução:
Entre Bayonne e Saint-Jean-de-Luz, a guerra chegará ao auge. Os esforços da Rússia roubarão a glória de Napoleão, que sufocará no seu leito, sem socorro nenhum.

A história:
No que se refere a "Bayonne e Saint-Jean-de-Luz", consultar a quadra precedente (IV. 70).

"Alguns dias mais tarde, avistaram Mogúncia. Ouviu-se, então, um soldado da guarda dizer, ao avistar a cidade: 'Por Deus! Fizemos um belo trabalho. Fomos buscar os *russos* em Moscou e os trouxemos para a França!'. As guarnições do Vístula, do Oder e do Elba se rendem, uma depois da outra. O fracasso foi total." [8]

"O Czar Alexandre, não temendo mais uma reação de Napoleão, exige a abdicação pura e simples, que Caulaincourt e seus companheiros se encarregam de conseguir." [9]

"Os sofrimentos dos últimos dias foram atrozes: lutando contra a dor, esgotado devido aos remédios de um charlatão, importunado por moscas e mosquitos, enfraquecido pelas lavagens, ele se debate contra o *aniquilamento."*

O fim da Guerra da Espanha e a Batalha de Leipzig, chamada a "Batalha das Nações", foram o ponto culminante das guerras napoleônicas.

---

1 Latim, *"promontorium":* "ponto culminante". D.L.L.B.
2 Latim, *"annixus":* "esforço". D.L.L.B.
3 Significa sempre a Rússia, o império do norte.
4 Abreviação de Napoleão Bonaparte.
5 Latim (em sentido figurado): "luz", "brilho", "glória". D.L.L.B.
6 Morrer em seu leito; morrer de morte natural. D.L.7 V.
7 Latim, *"adjutorium":* "ajuda", "socorro". D.L.L.B.
8 N.E.E.
9 N.L.M.

A DERROTA DO GRANDE EXÉRCITO (1812-1813). AS TRAIÇÕES — A ABDICAÇÃO DO IMPERADOR.

IV.22

La grand copie [1] qui sera déchassée
Dans un moment fera besoin au Roy [2],
La foy promise de loing sera faulsée,
Nud se verra en piteux désarroy.

Tradução:
O grande exército, que será perseguido, em um certo momento faltará ao imperador; a palavra dada será traída de longe e ele se verá despojado, e numa confusão deplorável.

A história:
"O destacamento de Davout viria a ser o centro do novo *Grande Exército.* Exército misto, porque, além das tropas vindas dos cento e trinta departamentos do império, contaria com contingentes de todos os países europeus aliados ou antigos amigos".

"A 3 de junho de 1812, Napoleão reúne seu quartel-general em Thorn, às margens do Vístula. Ele está no comando do seu exército. Tem cerca de quatrocentos mil homens, divididos em três grupos principais."

"A 6 de novembro", escreveu Caulaincourt, "chegaram as notícias desagradáveis. O imperador, já bastante preocupado com as notícias do recuo de suas tropas nas margens do Dvina, no momento em que mais precisava da vitória foi duramente atingido pelas notícias sobre a *Conspiração Malet.* Seu desejo de voltar a Paris aumenta." O Grande Exército está reduzido a vinte e quatro mil homens, seguido de vinte e cinco mil retardatários.

"Na sua volta, na noite de 6 para 7 de abril, Caulaincourt ouve o czar agradecer ao príncipe de Moscou o zelo que demonstrara para conseguir a abdicação de Napoleão. Enquanto correm boatos em Paris, onde os *grupinhos e as intrigas* se multiplicam, o duque de Vicenza defende ponto por ponto os itens do tratado. É emocionante o que escreve ao imperador no dia 8 de abril: 'Os poloneses, cujos interesses Vossa Majestade tanto recomendou, serão bem trata-

---

1 "Tropas", "forças militares". D.L.L.B.
2 A palavra "rei" é geralmente usada por Nostradamus para designar os chefes de Estado, seja qual for o seu título.

dos'. Últimos aliados fiéis, percorreram as ruas de Fontainebleau durante a noite de 6 para 7 de abril, com um grupo da Velha Guarda, gritando: "Viva o imperador! Morte aos traidores!'

"Ney tinha ficado em Paris, e aderiu à nova ordem estabelecida. O imperador, que o conhecia bem, disse a Caulaincourt: 'Ele estava contra mim ontem e amanhã morrerá por mim'. Disse ainda: 'A vida para mim é *insuportável!*' E, na noite de 12 para 13 de abril, Napoleão tenta, em vão, cometer suicídio, tomando um veneno que levava consigo desde a retirada da Rússia." [1]

A QUEDA DE NAPOLEÃO — WATERLOO (1815).
M. DE SAINT-AGNAN, ENVIADO POR NAPOLEÃO A FRANKFURT (1813).
A BATALHA DE REIMS (13 de março de 1814).

I.26

Le grand du fouldre tombe d'heure diurne,
Mal et prédict par porteur postulaire [2]:
Suivant présage, tombe d'heure nocturne,
Conflict Reims, Londres, Étrusques [3] pestifère.

Tradução:

A grandeza do raio faiscante da guerra começará a cair naquele dia; essa desgraça lhe será anunciada por um portador de petição. Depois deste presságio, cairá a noite; depois do combate de Reims, o Etrusco que trouxe a desolação será vencido pelos ingleses.

A história:

"No dia 2 de novembro de 1813, o exército francês, reduzido a sessenta mil homens, atravessou o Reno. Aí terminou a *sangrenta* campanha, chamada de Saxe... Só restava negociar com os aliados ou combater até o fim. As propostas de paz foram renovadas: M. de Saint-Agnan foi chamado a Frankfurt por Metternich, e a 9 de novembro, na presença dos ministros da Rússia e da *Inglaterra,* definem-se os pontos básicos da paz. As potências *exigem* que Napoleão abandone a Espanha, a Itália, a Alemanha e a Holanda. M. de Saint-Agnan foi encarregado de *levar* essas condições a Napoleão, e as potências declaravam que, se fossem aceitas, iniciariam as conversações numa cidade às margens do Reno; porém, ao mesmo tempo, declaravam que essa negociação não significava a suspensão das operações militares... Era preciso preparar-se para o combate".

"A 13 de março de 1814, Napoleão chega às alturas de Moulin-à-Vent, na região de *Reims,* que as tropas do general russo, Saint Priest, tinham acabado de tomar. Essas tropas dominavam as colinas antes de *Reims*... O General Krasinki, tendo cortado o acesso a *Reims* em Berry-au-Bac, faz com que os aliados abandonem a cidade, retirando-se em desordem. Os franceses fizeram seis mil prisioneiros nessa batalha. O Exército Imperial acampa em 16 de março nas redondezas de *Reims.* Nesse dia, Napoleão recebe as notícias da situação geral do Império."

"Na *manhã* de 18 de junho de 1815, Napoleão faz o reconhecimento da posição *inglesa* e dá a seus diversos comandantes ordens para que comecem a luta. Todos se põem em movimento... Napoleão se dirige para Planchenoit, comandando uma segunda posição, e novamente envida esforços para organizar sua tropa; mas, *à noite,* isso ficou difícil, e todo aquele belo exército tornou-se uma massa confusa, no meio da qual se ouvia gritar: 'salve-se quem puder'. As *perdas* dos franceses em Waterloo foram *imensas.* Só ficaram dezenove mil homens no campo de batalha. Os aliados perderam ainda mais. Porém, a sua vitória não foi menor por isso." [1]

A VOLTA DA ILHA DE ELBA
(1.º de março de 1815)

X.24

Le Captif Prince aux Itales [2] vaincu,
Passera Gennes par mer jusqu'à Marseille,

---

[1] N.E.E.
[2] Latim, *"postulo":* "exijo", "reclamo", "requeiro". D.L.L.B.
[3] A família Bonaparte se dividia em dois ramos: um extinguiu-se em Treviso, em 1447, o outro se estabeleceu em Florença (capital da Toscana, ou seja, a Etrúria) e dele nasceram os Bonaparte de Sarzane, dos quais descendia Napoleão I. D.L.7 V.

[1] H.F.A.
[2] Latim, *"Aethalis":* antigo nome da ilha de Elba. D.L.L.B.

Par grand effort des forens[1] survaincu[2],
Sauf coup de feu, barril liqueur d'abeille[3].

Tradução:

O príncipe vencido, prisioneiro na Itália, passará pelo golfo de Gênova, a caminho de Marselha. Fazendo grandes esforços (de guerra), os (exércitos) estrangeiros o vencerão por sua superioridade. São e salvo dos tiros, ele terá os barris (de pólvora) em vez do mel.

A história:

"Na ilha de Elba, Napoleão é informado de que os sentimentos dos franceses evoluem a seu favor. *Desembarca* no golfo Juan em 1.º de março... Os *aliados* ainda estão reunidos no Congresso de Viena, e seus exércitos acampados nas proximidades da fronteira francesa. Declaram Napoleão "banido da Europa". Obrigado a recomeçar a guerra, Napoleão se dirige para o norte com cento e vinte e cinco mil homens contra cem mil ingleses e duzentos e cinqüenta mil prussianos *('sur vaincu')*... Na noite de 18 de junho, o pânico e a desordem dominam o exército francês. Quanto a Napoleão, que *tinha procurado fazer-se matar na batalha ('sauf coup de feu'),* ele se rende aos ingleses"[4].

[1] "Exterior", "estrangeiro". Em inglês, *"foreign"*. D.A.F.L.
[2] *"Sur"*: ação de ultrapassar, de onde a idéia de superioridade.
[3] O mel simboliza a doçura. Cf. X. 89: "alegria e tempos melífluos".
[4] L.C.H.3.

A VOLTA DA ILHA DE ELBA. O MARECHAL NEY JUNTA-SE A NAPOLEÃO, NA BORGONHA (17 de março de 1815). AS DECLARAÇÕES DE LYON. A CARTA DE 1815.

II.76

Foudre[1] en Bourgogne[2] fera cas portenteux[3]
Que par engin[4] homme ne pourrait faire,
De leur Sénat[5] sacriste[6] fait boiteux
Fera scavoir aux ennemis l'affaire.

Tradução:

Napoleão, na Borgonha, fará um presságio funesto que o homem não pode fazer com sua inteligência. Devido aos fatos deturpados editados pelo Senado muito sagrado, ele dará a conhecer suas intenções aos seus inimigos.

A história:

" 'Será muito melhor', pensou Napoleão, 'canalizar esse espírito revolucionário renovado do que combatê-lo abertamente.' Essa tática se reflete na série de decretos baixados por Napoleão em *Lyon,* falando como um senhor absoluto. As *Câmaras* são dissolvidas... Contava-se com a audácia e a determinação do Marechal Ney. Ele tinha sido encarregado do comando das tropas reunidas no Franco-Condado; uma ação enérgica poderia lançar a confusão no avanço do exército napoleônico, que marchava na estrada de *Lyon a Auxerre,* passando por *Chalon e Autun.* 'Eu me encarrego de Bonaparte', berrava Ney. 'Vamos atacar o animal feroz.'

[1] Cf. I. 26 e III. 13. "Napoleão": "o raio de guerra". D.L.7 V.
[2] A Borgonha era dividida nas seguintes regiões: o Auxois, o Dijonnais, o Châlonnais, o Charolais, o Mâconnais, o Auxerrois, o Autunois, a região da Montagne, o Bugey, o Volromey, a região de Dombes e a região de Gex. D.L.7 V.
[3] Latim, *"portentum"*: "presságio" (geralmente, mau presságio). D.L.L.B.
[4] Latim, *"ingenium"*: "espírito", "inteligência". D.L.L.B.
[5] Nome dado em certos Estados que tinham duas assembléias legislativas àquela que era considerada a primeira, e que provinha menos diretamente, ou de modo nenhum, do voto popular. (Neste sentido, é escrito com maiúscula.) D.L.7 V.
[6] Latim, superlativo de *"sacer"*: "muito sagrado".

Os emissários de Lyon o alcançaram em Lons-le-Saunier, na noite de 13 para 14 de março. Traziam, além do seu testemunho ocular, uma longa carta de Bertrand e uma palavra do próprio imperador... 'Venha encontrar-se comigo em *Chalon,* eu o receberei como depois da Batalha de Moskova.' Na manhã do dia 14, Ney toma uma decisão. Ia encontrar Napoleão em *Auxerre,* no dia 17 de março"[1].

"Alguns dias depois da assinatura desse famoso tratado (20 de maio de 1814), o governo de Luís XVIII reuniu alguns *senadores* e convocou os mesmos representantes do corpo legislativo que Napoleão havia demitido no dia 31 de dezembro. Esses dois arremedos *('fait boiteux')* da legislatura se reuniram no Palácio Bourbon, onde teve lugar a reunião real na qual Luís XVIII comunicou os termos do tratado e apresentou a Constituição que ele outorgava."

"A reunião real ocorreu no dia 16 de março. Luís XVIII leu um discurso, que terminava com as seguintes palavras: 'Aquele que vem acender entre nós as tochas de guerra civil, e que traz também o flagelo da guerra com os estrangeiros *('cas portenteux');* ele destruiu, afinal, esta Carta Constitucional que eu lhes dei; esta Carta que todos os franceses *amam ('sacriste')* e que eu juro manter'."[2]

OS CEM DIAS.
WATERLOO (18 de junho de 1815).
SANTA HELENA.

I.23

Au mois troisième[3] se levant du Soleil[4]
Sanglier[5], liépard[6] au champs Mars[7] pour combattre.

[1] N.E.E.
[2] H.F.A.
[3] Março: o terceiro mês do ano.
[4] "Sol": emblema dos Capeto. Luís XIV, "o Rei Sol".
[5] "Javali": "o Javali das Ardennes", nome dado ao Conde Guilherme de la Marck (1446-1485). D.L.7 V.
[6] "Leopardo" (heráldica): o leopardo é um leão que, em vez de rastejar, anda... O Leão de Waterloo, a vitória do *Leão* sobre a *Águia,* composição meio alegórica, meio realista do pintor belga Wiertz. Os aliados erigiram em Waterloo, no cume de uma pirâmide de cinqüenta metros de altura, um leão colossal de ferro fundido. D.L.7 V.
[7] "Marte": deus da guerra.

Liépard lassé au ciel[1] estend son œil[2],
Un aigle autour du Soleil voit s'esbatre.

Tradução:

Em março, tendo se revoltado contra a monarquia, perto das Ardennes, a Inglaterra combaterá nos campos de batalha; a Inglaterra esgotada (por Napoleão) estenderá sua vigilância sobre ele em uma célula, depois de ter visto o imperador cortejar os monarquistas.

A história:

"Napoleão desembarca no golfo Juan a *1.º de março; evitando* o vale do Reno, *monárquico,* toma a direção dos Alpes e chega a Paris a *20 de março.* Sua aventura se transforma numa entrada triunfal... As tropas *enviadas pelo rei contra ele* o aclamam... Trava-se *um combate violento* no planalto de Mont-Saint-Jean, perto de *Waterloo,* contra os *ingleses* de Wellington... Ele pretendia ir para os Estados Unidos, mas a frota *inglesa* bloqueia a costa. Finalmente, rende-se aos *ingleses,* que o tratam como prisioneiro de guerra e o deportam para a pequena ilha de Santa Helena"[3].

"Viveu seis anos fortemente *vigiado* na *vila-prisão* de Longwood."[4]

A BATALHA DE WATERLOO
(18 de junho de 1815)

IV.75

Prest à combattre fera défection,
Chef adversaire obtiendra la victoire:
L'arrière-garde fera défension[5],
Les défaillans[6] mort au blanc territoire.

[1] *"Ciel",* do latim *"cella":* "célula". D.A.F.L.
[2] "Olho": "olhar", e, por extensão, "vigilância". D.L.7 V.
[3] L.C.H.3.
[4] H.F.A.M.
[5] Ação de se defender, "defesa". D.A.F.L.
[6] "Falhar", "faltar". D.A.F.L.

Tradução:

(O exército) prestes a combater falhará, o chefe inimigo obterá a vitória, a retaguarda se defenderá, os que forem mortos, no território cheio de neve, farão falta.

A história:

O exército comandado por Grouchy tinha sido encarregado por Napoleão de perseguir o exército de Blücher. Não apenas deixou escapar este último, como se omitiu na Batalha de Waterloo.

"Napoleão se dirige para o norte com cento e vinte e cinco mil homens, contra cem mil ingleses e duzentos e cinqüenta mil prussianos... Depois da vitória em Ligny (16 de junho) trava-se um combate violento, no planalto de Mont-Saint-Jean, perto de Waterloo, contra os ingleses de Wellington, logo auxiliados pelos prussianos de Blücher (18 de junho). À noite, o pânico e confusão dominam o exército francês: sozinha, a *guarda 'morre mas não se rende'.*"[1]

Napoleão tinha perdido grande parte do seu exército na campanha da Rússia: "Napoleão tinha formado o Grande Exército: setecentos mil homens... A fome e um *inverno precoce e rigoroso* dizimaram os soldados. O Grande Exército reduzido a *trinta mil homens* atravessa penosamente o Berezina *('mort au blanc territoire!').*"[2]

NAPOLEÃO NO "BELLEROPHON". FOUCHÉ CONTRA NAPOLEÃO. A SEGUNDA ABDICAÇÃO (23 de junho de 1815).

III.13

Par foudre[3] en l'arche[4] or et argent fondu[5],
De deux captifs l'un l'autre mangera[6]:

[1] L.C.H.3.

[2] L.C.H.3.

[3] Napoleão era um grande soldado. D.L.7 V. Cf. IV.54.

[4] Espécie de grande barco fechado que, segundo a Bíblia, Noé construiu por ordem de Deus. D.L.7 V.

[5] "Desaparecer rapidamente": "o dinheiro evapora entre as mãos". D.L.7 V.

[6] "Lançar-se contra". D.L.7 V.

De la cité le plus grand estendu,
Quand submergé la classe[1] nagera.

Tradução:

Por causa do raio (Napoleão) em um barco, a riqueza desaparecerá. Os dois prisioneiros se voltam um contra o outro. O maior da cidade (Paris) ficará perturbado quando o exército francês for submerso e a frota (inglesa) continuará navegando.

A história:

"A 18 de junho de 1815, os prussianos foram repelidos e o imperador tenta um ataque desesperado com sua guarda. Mas, nesse momento decisivo, entra no combate um segundo corpo de prussianos. O exército francês foi subitamente presa de pânico e *bate em retirada, perseguido e dizimado* pelos prussianos, até mais ou menos duas horas da manhã"[2].

"O exército inimigo era mais numeroso do que o nosso; mas o presidente do governo provisório, Fouché[3], queria levar ao trono o ramo mais novo dos Bourbon, ou, se não o conseguisse, o ramo mais antigo. Quando Napoleão se ofereceu para comandar as tropas, Fouché recusou, e *obrigou* o imperador a deixar Malmaison, onde estava morando."[4]

"Depois de sua abdicação, ele chega ao porto de Rochefort pensando em embarcar para os Estados Unidos. Mas um cruzador inglês bloqueava a costa. Então, Napoleão resolveu pedir asilo ao governo inglês. Embarcou no *navio* inglês *Bellerophon*. Os ingleses o trataram como um *prisioneiro* de guerra e o transportaram para Santa Helena...

A Inglaterra, *senhora dos mares,* defendia Malta e as ilhas Jônias."[5]

"A segunda Restauração *custou caro* à França. Teve de pagar *cem milhões* aos aliados, depois, outra indenização de

[1] Latim, *"classis"*: "armada", "frota". D.L.L.B. Nostradamus usa, aqui, por elisão, a palavra com estes dois sentidos, evitando, assim, a repetição.

[2] H.F.A.M.

[3] Joseph Fouché: "De volta a Paris, eleito presidente dos jacobinos, indispôs-se com Robespierre e contribuiu para a sua queda. Foi preso por ocasião do movimento..." D.L.7 V.

[4] H.F.V.D.

[5] H.F.A.M.

setecentos milhões, e ainda *trezentos milhões* em reclamações particulares. E não foi tudo: cento e cinqüenta mil soldados estrangeiros permaneceram em solo francês durante três anos, vivendo à custa do povo. A França não se *enfraqueceu* somente com suas perdas, mas por tudo o que seus inimigos haviam ganho." [1]

A SEGUNDA ABDICAÇÃO (21 de junho de 1815)

II.11

Le prochain fils de l'aisnier [2] parviendra
Tant élevé jusqu'au règne des fors
Son aspre [3] gloire un chacun la craindra
Mais ses enfans du règne gettez hors.

Tradução:

O filho que seguirá o mais velho será elevado ao reino dos poderosos; todos temerão sua glória extraordinária; mas seus próximos o tirarão do poder.

A história:

"Napoleão chega a Lyon e de lá se dirige para Paris, onde esperava organizar a defesa do território. Não conseguiu. À notícia da derrota, os deputados foram unânimes em sua opinião: o imperador alegaria sua própria derrota e a invasão que ameaçava o país como motivos para dissolver a Câmara e justificar uma ditadura de salvação pública. Para prevenir esses acontecimentos, *era preciso obrigá-lo a abdicar*... Ele recebeu Davout enquanto tomava banho, e este o aconselhou a proteger as Câmaras, pois, com *sua hostilidade apaixonada,* a Câmara dos Representantes bloquearia qualquer apoio... E mais: os deputados estavam *contra ele*... Ele confia ao próprio Fouché — *a quem havia rasgado a máscara* — o encargo de apresentar à Câmara a sua abdicação" [1].

---

[1] H.F.V.D.

[2] Carlos Maria Bonaparte: em 1767, casou-se com Letícia Ramolino e tiveram cinco filhos e três filhas: José, *Napoleão,* Maria Ana Elisa, Luciano, Luís, Maria Paulina, Maria Anunciação Carolina e Jerônimo. D.H.C.D.

[3] Latim, *"asper"* (tratando-se de seres animados): "duro", "feroz", "intratável", "terrível". D.L.L.B. Comparar com I.76: *"D'un nom farouche tel proféré sera".*

NAPOLEÃO TRAÍDO PELAS MULHERES. NAPOLEÃO PRISIONEIRO DOS INGLESES. SUA AGONIA NA NOITE DE 4 PARA 5 DE MAIO DE 1821.

IV.35

Le feu estaint, les vierges [2] trahiront,
La plus grand part de la bande nouvelle:
Fouldre [3] a fer, lance les seuls Roys garderont
Étrusque et Corse, de nuict gorge allumelle.

Tradução:

Quando cessar a guerra, as mulheres trairão (Napoleão), assim como a maior parte do novo movimento (monarquista). Napoleão será feito prisioneiro, os ministros desejarão guardar a espada daquele que era originário da Toscana e da Córsega, depois ele terá, à noite, o fogo na garganta.

A história:

"O General Belliard leva a Napoleão a notícia da rendição de Paris, assinada durante a noite, e segundo a qual as tropas inimigas deveriam ocupar a capital... Ele chega às seis horas da manhã em Fontainebleau, onde sua guarda e o resto do seu exército o esperam. Aí começa uma série de intrigas de salão, que levam à Restauração dos Bourbon. Alguns diplomatas, um punhado de monarquistas e de emigrados se agitam em todos os sentidos: *suas mulheres, seus parentes se encarregaram* de agitar os lenços brancos *('trahison').*

"O modo pelo qual os *ministros* queriam que Napoleão fosse tratado era bem pouco generoso: tinham dado ordem para que tirassem a sua espada *('garderont lance')."* [4]

"O dia seguinte foi terrível. Na *noite* de 4 para 5 de

---

[1] N.L.M.

[2] Latim, *"virgo":* "mulher jovem". D.L.L.B.

[3] Cf. IV.54, I.26, II.76, III.13.

[4] H.F.A.

maio de 1821, todos os servidores ficaram ao lado dele. Sua alma se debatia. Os *soluços* de agonia eram terríveis."[1]

NAPOLEÃO EM SANTA HELENA — LONGWOOD HOUSE (1815-1821)

I.98

Le chef qu'aura conduict peuple infiny
Loing de son Ciel, de meurs et langue estrange,
Cinq mil en Crète[2], et Tessalie[3] finy,
Le chef fuyant sauvé[4] en la marine grange.

Tradução:
O chefe que conduziu o povo imortal, longe do seu céu, acabará sua vida no meio do mar, sobre uma ilha rochosa de cinco mil habitantes, de língua e costumes estranhos; o chefe que queria fugir será guardado num celeiro no meio do mar.

A história:
"Quando Napoleão volta a Paris, a Câmara exige a sua abdicação. *Ele queria ir para os Estados Unidos,* mas a frota inglesa bloqueava a costa. Finalmente, rende-se aos ingleses, que o tratam como prisioneiro de guerra e o deportam para a pequena ilha de Santa Helena"[5].
"Santa Helena não é mais do que um *rochedo* africano situado no Atlântico a mil e novecentos quilômetros da costa... *Longwood House,* onde os ingleses instalam o imperador e seus fiéis acompanhantes, tinha sido construída para servir de *celeiro* para a chácara da companhia."[6]

---

1 N.L.M.
2 Latim, *"creta"*: "rochedo". D.L.L.B. Santa Helena: ilha rochosa da África, no oceano Atlântico. População: cinco mil habitantes. D.H.C.D.
3 Grego: "θέσσαλη" por "θάλασσα": "o mar". D.G.F.
4 Latim, *"salvo"*: "conservar". D.L.L.B.
5 L.C.H.3.
6 N.L.M.

A QUEDA DO IMPÉRIO

I.88

Le divin mal surprendra le Grand Prince,
Un peu devant aura femme espousée;
Son appuy et crédit à un coup viendra mince,
Conseil[1] mourra pour la teste rasée.

Tradução:
A maldição divina surpreenderá o Grande Príncipe, pouco tempo depois de seu casamento; de súbito, todo o apoio e o crédito desaparecerão, o bom senso do pequeno corso se apagará.

A história:
"Desde o momento em que se casa com a Arquiduquesa Maria Luísa da Áustria, forçando Josefina de Beauharnais a conceder-lhe o divórcio, Fouché, Bernadotte e muitos outros procuram isolar Napoleão; o Papa Pio VII, que Napoleão despojara dos seus Estados, o excomunga, e as violências das quais se torna objeto suscitam novas dificuldades. Apesar disso, Napoleão não hesita em iniciar uma incrível guerra contra a Rússia"[2].

A PRIMEIRA CAMPANHA DA ITÁLIA (1796-1797). A VOLTA DOS BOURBON: LUÍS XVIII E CARLOS X (1815-1830).

I.58

Tranché le ventre[3] naistra avec deux testes[4],
Et quatre bras: quelques ans entiers vivra
Jour qui Alquiloye[5] célebrera ses fetes
Fossen, Turin, chef Ferrare suivra.

---

1 Latim, *"consillium"*: "bom senso". D.L.L.B.
2 D.H.C.B.
3 A parte pelo todo: "a geradora". Comparar com X.17: *"Dans l'estomac enclos"*.
4 "Cabeça": *"caput"* = "capeto". Comparar com IX.20: *"Élu cap"*.
5 Latim, *"aquila"*: "águia". D.L.L.B.

Tradução:

Quando a mãe for decapitada, (a monarquia) renascerá com dois reis e quatro príncipes, e ela viverá ainda alguns anos inteiros; (nesse ínterim), a Águia imperial celebrará suas festas (na França), depois virão Fossan, Turim, o papa.

A história:

Apesar da execução da rainha mãe, os Bourbon voltam ao trono com duas coroas: a de Luís XVIII e a de Carlos X. Os quatro príncipes que não reinaram foram: Luís Delfim (Luís XVII), Carlos Ferdinando, duque de Berry, Luís Antônio, duque de Angoulême, Henrique Carlos Ferdinando, duque de Bordeaux e conde de Chambord.

"*Fossano:* praça de guerra com arsenal tomada de assalto pelos franceses em 1796 (primeira campanha da Itália)."[1]

"Napoleão é, agora, dono do acesso a *Turim.* Mas não pára aí; lança seu exército contra a retaguarda do exército da Sardenha, derrota-o em Mondovi, obriga-o a depor as armas para o Armistício de Cherasco, que ele assina a dez léguas[2] de *Turim* (18 de abril de 1796), e que, transformado em 3 de junho num tratado de paz, dá à França a Savóia e os condados de Nice e Tende..."

"Pio VI assina a Paz de Tolentino com mãos trêmulas; ela lhe custará trinta milhões. A Romanha (Ravena, Rímini), que foi reunida com as jurisdições de *Ferrara* e Bolonha, à República Cispadana e a Ancona."[3]

SEGUNDA RESTAURAÇÃO DE LUÍS XVIII (julho de 1815). O EXÍLIO.

II.67

Le blonds au nez forche[4] viendra commettre[5]
Par le duelle[6] et chassera dehors,

[1] D.H.C.B.
[2] Quarenta quilômetros.
[3] H.F.V.D.
[4] O perfil dos Bourbon é famoso.
[5] "Propor", "dar a idéia". D.L.7 V.
[6] "De luto". D.A.F.L.

Les exilés dedans fera remettre.
Aux lieux marins commettant les plus forts.

Tradução:

O louro de nariz aquilino (Luís XVIII) virá à cabeça (do país), devido ao luto (de Luís XVI); afastará (os bonapartistas) e fará voltar os exilados (monarquistas) às suas funções. Enviará os mais fortes (os generais) para além-mar.

A história:

"Assim que o governo teve certeza da rendição do exército do Loire, começaram as deportações. Dezenove generais ou oficiais, acusados de terem abandonado o rei, antes de 23 de março, e de terem se apossado do poder, foram imediatamente relacionados numa lista ditada pela vingança, para serem presos e levados diante do Conselho de Guerra. Outros trinta e oito *generais ou funcionários do Império ('les plus forts')* foram *tirados de suas casas*... O ministro acreditava satisfazer as *exigências do partido ultramonarquista*... Quando foram citadas as categorias fatais, um longo arrepio percorreu a Assembléia e os tribunos. Os *monarquistas* cerraram fileiras e pareciam certos de poder forçar a mão do rei... Chegam, afinal, à questão de como deviam ser castigados os regicidas. O *banimento,* proposto pela comissão, é aprovado. Artigo 7: os regicidas que, desprezando os mais elementares sentimentos de clemência, votaram a favor do ato adicional, ou aceitaram as funções ou empregos dados pelo usurpador, declarando-se, com isso, inimigos irreconciliáveis da França, *são banidos* para sempre do *Reino,* e deverão *deixar* a França em um mês. Não poderão gozar de nenhum direito civil, possuir bens, títulos ou pensões, concedidos a título gratuito... A França não foi *ignorada* também *pelos monarquistas*... Enquanto o partido monarquista prosseguia com os expurgos, e as cortes eliminavam os *mais bravos generais,* os ministros se ocupavam da discussão do orçamento... Os deputados, todos *aristocratas,* não hesitaram em dobrar o direito das patentes, num momento em que o comércio do país atravessava uma fase muito difícil"[1].

[1] H.F.A.

CARLOS FERDINANDO DE BOURBON, DUQUE DE BERRY. CASAMENTO-ALIANÇA COM O PRÍNCIPE DE CONDÉ E ASSASSINATO (1820).

IX.35

Et Ferdinand blonde[1] sera descorte[2],
Quitter la fleur, suyvre le Macédon[3];
Au grand besoin[4] défaillira sa routte,
Et marchera contre le Myrmiden[5].

Tradução:

Ferdinando não concordará (por causa de uma mulher), diferente de uma loura (uma morena); ele abandonará a monarquia para seguir o Ma(rechal) Condé; ele morrerá no caminho, (fazendo) uma grande privação e marchará contra o pequeno (caporal).

A história:

"Tendo *emigrado,* com seus pais, *em 1789,* serviu no *exército do Condé,* de 1792 a 1797, e, depois, em 1801 estabeleceu-se na Inglaterra e casou-se com uma inglesa, Ana *Brown*... Em 1814, Luís XVIII o escolheu, depois de voltar da ilha de Elba, para general-em-chefe do exército que *deveria disputar com Napoleão* as portas de Paris. *Sua família, que não quisera reconhecer seu primeiro casamento,* o fez desposar, em 1816, Maria Carolina Ferdinanda Luísa, de Nápoles"[6].

"A 13 de fevereiro de 1829, foi assassinado *na saída* da ópera por Louvel, que queria *extinguir,* com esse ato, *a família dos Bourbon."*[7]

---

1 Inglês, *"brown":* "marrom". Jogo de palavras.
2 Latim, *"discors":* "que está em desacordo", "diferente". D.L.L.B. Aqui Nostradamus usa um recurso que conhece muito bem, o de usar uma palavra nos seus dois sentidos.
3 *"Macédon",* anagrama de Ma(rechal) Condé.
4 "Necessidade", "privação". D.L.7 V.
5 *"Myrmidon":* "homem muito baixo". D.L.7 V.
6 D.L.7 V.
7 D.H.C.D.

ASSASSINATO DO DUQUE DE BERRY POR LOUVEL (13 de fevereiro de 1820)

VI.32

Par trahison de verges[1] à mort battu,
Puis surmonté sera par son désordre[2]:
Conseil frivole au grand captif sentu,
Nez par fureur quand Berich viendra mordre[3].

Tradução:

Acusado de traição, ele (Louvel) será executado sobre (o lugar) de Grèves, depois de ser dominado por sua desordem mental. Será acusado de ter dado um conselho fútil ao grande cativo (Napoleão), quando ele embebe (sua espada) no corpo do duque de Berry por ódio aos que foram nascidos (Bourbon).

A história:

"Depois de mais de três meses gastos em pesquisas e interrogatórios, e apesar do imenso zelo do Ministério Público e de alguns monarquistas para descobrir no crime de Louvel qualquer traço de *cumplicidade ('thahison'),* M. Bellart, o procurador-geral, foi obrigado a declarar em seu ato de acusação que não se haviam encontrado cúmplices. Os monarquistas ficaram decepcionados com esse resultado, porque queriam, a qualquer preço, comprometer o partido liberal; mas era evidente que Louvel tinha agido sozinho e sem outro cúmplice a não ser o seu profundo *ódio ('par fureur')* pelos Bourbon ('nascidos'). Assumiu o ato, reconheceu o punhal que tinha usado e respondeu novamente às perguntas que lhe foram feitas: declarou que premeditou esse atentado durante seis anos, e que o príncipe não lhe tinha feito nenhum mal; mas que todos os Bourbon haviam feito muito mal à França; que ele detestava a família real; que seu objetivo era matar o próprio rei; e que tinha começado pelo príncipe porque ele era a esperança dos Bourbon. Admitiu que, preocupado pela presença de estrangeiros na França, tinha viajado para a ilha de Elba, em 1814; mas que voltara *sem ter falado com Napoleão* e *sem ter confi-*

---

1 Anagrama de *Grèves.*
2 Por analogia, "perturbação do espírito". D.L.7 V.
3 "Penetrar", "entrar", "enfiar-se em". D.L.7 V.

denciado a ninguém seus projetos (*'conseil frivole au grand captif sentu'*). A corte dos pares nomeou para defender o acusado um conhecido advogado do foro de Paris, M. Bonnet. Este não pôde fazer mais do que apresentar Louvel como monomaníaco[1] (*'désordre'*)... Foi condenado e, no dia seguinte, levado à Praça de *Grève,* diante da multidão silenciosa"[2].

O BISPO CIPRIANO EM CHIPRE (1810). O MASSACRE DOS PRELADOS E DOS GREGOS ILUSTRES (1821).

III.89

En ce temps-là sera frustrée Cyprie[3],
De son secours de ceux de mer Égée:
Vieux trucidez, mais par mesles[4] et Lypres[5]
Seduict leur Roy, Royne plus outragée.

Tradução:

Nesse momento, Cipriano será privado em Chipre do socorro dos gregos; os velhos (prelados) serão massacrados por uma manobra sombria e miserável; seu chefe seduzido, a mãe (a Igreja) será ainda mais ultrajada.

A história:

"A partir de 1810, Chipre teve o privilégio de ter como arcebispo um prelado jovem e ativo, chamado *Cipriano,* que demonstrava um vivo interesse... pelos negócios da Igreja...

"A guerra de independência da Grécia encontra a ilha tranqüila. Mas Kutchuk Mehmed, o governador, temendo que os gregos de Chipre pegassem em armas contra os turcos, como os gregos das ilhas do *mar Egeu,* exige de Cipriano garantias de lealdade, que o arcebispo dá, voluntariamente. Porém, Kutchuk Mehmed estava ainda desconfiado. Exigiu, por razões de segurança, o envio à ilha de dois mil soldados turcos. Ordenou o desarmamento de todos os gregos da ilha e, como se isso não fosse suficiente, mandou prender os *gregos ilustres* e *executar o dragomano.* A distribuição de alguns panfletos revolucionários deixou-o de novo desconfiado. Não acreditava nas garantias do arcebispo. Escreveu à Sublime Porta acusando os prelados e os notáveis da Grécia de manterem contato secreto com os revoltosos. Exigiu a sua punição, que, a princípio, o sultão recusou ordenar. Mas Kutchuk Mehmed insiste até obter o consentimento do sultão. Finalmente, com a ordem de execução, o governador *convida os prelados ao seu palácio em Nicósia sob o pretexto* de fazê-los assinar uma 'declaração de lealdade' (*'mesles et Lypres'*). O convite era para a manhã de 9 de julho de 1821; quando o arcebispo e os bispos entraram no palácio, acompanhados por outros dignitários da *Igreja,* o governador mandou fechar as portas e pô-los a ferros. Em lugar de lhes apresentar um texto para que dessem sua aprovação, leu sua *condenação* à morte, sentença que foi executada sem demora na grande praça de Nicósia. Depois da execução, Kutchuk ordenou também o *confisco dos bens da Igreja e o massacre dos gregos ilustres* em todas as cidades da ilha. Mais de quatrocentos e cinqüenta pessoas morreram; salvaram-se apenas os que conseguiram se refugiar nos consulados da França, da Inglaterra ou da Rússia, para, em seguida, partir secretamente para o estrangeiro"[1].

A INDEPENDÊNCIA DA GRÉCIA (1825-1833). A BATALHA DE NAVARINO (1827).

IX.75

De l'Ambraxie[2] et du pays de Thrace[3],
Peuple par mer, mal et secours Gaulois,
Perpétuelle en Provence la trace,
Avec vestiges de leurs coutumes et loix.

---

1 A monomania se caracteriza, essencialmente, por um delírio parcial, variável, e que se manifesta por obsessões, impulsos e temores irresistíveis. D.L.7 V.
2 H.F.A.
3 Nostradamus deixa o sentido duplo de *"Chipre"* e de *"Cipriano"*.
4 Grego: "μέλας": "negro", "sombrio". D.G.F.
5 Grego: "λυπρός": "miserável". D.G.F.

---

1 H.D.C.A.E.
2 Ambrácia: atualmente Arta, cidade do Epiro, na costa setentrional de um pequeno golfo ao qual dá o nome. D.H.B.
3 Trácia: região do Império Otomano em 1827.

Tradução:

Desde a Arta até a Trácia, o povo grego será atingido pela infelicidade, por mar, pela França. Na Provença, sua memória será perpetuada, com os restos dos seus costumes e de suas leis.

A história:

"Em 1825, Ibraim Paxá, filho de Mohamed Ali, tendo reprimido a revolução em Cassos e em Creta, desembarca tropas regulares e numerosas no Peloponeso. Durante dois anos, de 1825 a 1827, Ibraim devastou o país. Com a tomada de Missolôngui (1826), cujo êxodo *lendário* lembra o *filelenismo europeu,* e a tomada da acrópole de Atenas, os turcos tornaram-se os senhores da Grécia continental, e a revolução parecia prestes a se alastrar".

"A Rússia, a Inglaterra e a *França* concluem, em julho de 1827, a Tríplice Aliança, que se colocou como mediadora entre a Grécia revoltada e a Sublime Porta, com base na autonomia da Grécia sob a soberania do sultão, exigindo dos dois beligerantes a cessação imediata das hostilidades. A recusa formal da Porta de se submeter à vontade da Tríplice Aliança teve como resultado a *batalha naval de Navarino* (20 de outubro de 1827), na qual a frota turco-egípcia foi aniquilada."

"Organização do Estado: a revolução nacional e liberal dos gregos terminou pela criação de um Estado monárquico, cuja organização foi confiada a um príncipe e a um governo estrangeiro. O Rei Óton, ainda menor de idade, desembarcou, a 15 de janeiro (no calendário ortodoxo; 6 de fevereiro, no calendário gregoriano) de 1833 em Náuplia, capital provisória do novo reino, que compreendia o Peloponeso, as Cíclades e a Grécia continental, até a *linha de demarcação do golfo de Arta* ao golfo de Volo, ao norte. Fazia-se acompanhar por um Conselho de Regência, sob a presidência do conde Armansperg"[1].

"Efetuou-se, sem dificuldade, uma intervenção militar na Moréia (nome dado ao Peloponeso antes da conquista latina), pois fora feito um acordo com Mohamed Ali (novembro de 1828). Finalmente, Londres fixou os limites da Grécia... A Rússia reconheceu os Acordos de Londres pelo Tratado de Andrinopla (cidade da *Trácia),* a 14 de setembro de 1829. Em fevereiro de 1830, na Conferência de Londres, a Grécia foi proclamada independente."[1]

[1] H.D.G.M.

O FIM DO IMPÉRIO OTOMANO (1686 a 1829). A TOMADA DE BUDA PELO DUQUE DE LORENA (1686).

X.62

Près de Sorbin[2] pour assaillir Ongrie,
L'héraut[3] de Brudes[4] les viendra advertir[5]
Chef Bizantin, Sallon[6] de Slavonie[7]
A loy d'Arabes les viendra convertir.

Tradução:

Perto da Sérvia, para atacar a Hungria, o chefe militar virá servir contra (os turcos) em Buda; o chefe turco, tendo convertido à lei árabe (os territórios) desde Salonica até a Rússia.

A história:

"Os imperadores da Áustria-Hungria tiveram de combater as sucessivas revoltas de Bethlem-Gabor, de Tekeli e dos Ragotsky. Durante essas dissensões, os *turcos* invadiram a maior parte do país. Foram definitivamente *expulsos ('advertis')* somente em 1699, pela Paz de Karlowitz, e depois pelas campanhas do Príncipe Eugênio, que levaram à Paz de Passarowitz, em 1718. Os húngaros permaneceram fiéis à casa da Áustria".

"Maomé II tomou Constantinopla (1453) e com essa importante conquista eliminou o império grego *('Salonica')...* A Turquia cresceu sob o governo de Selim I e de Solimão II. Este último conquistou, na Europa, parte da

[1] H.D.T.
[2] Sérvios, povo eslavo que deu seu nome à Sérvia. D.H.B.
[3] Oficial público que, antigamente, era encarregado de declarar a guerra, e cuja pessoa era sagrada. D.H.B.
[4] Exemplo de epêntese e paragoge: Brudes por Buda, capital húngara.
[5] Latim, *"adverso":* "eu uso de rigor contra", "eu puno". D.L.L.B.
[6] Exemplo de epêntese e apócope: Sallon por Salonica, porto da Turquia européia (Romélia). D.H.B.
[7] A Eslavônia deve seu nome aos sarmatas. A Sarmácia européia, entre o Vístula e o Tânais (antigo nome do rio Don), compreendia todos os países que formam hoje a Rússia e a Polônia. D.H.B.

Hungria, a Transilvânia, a *Eslavônia,* a Moldávia... A grande guerra de 1682 a 1699, que terminou com a Paz de Karlowitz, tirou quase toda a Hungria dos turcos... Os *russos,* com os quais estavam em luta desde 1672, começaram a ganhar terreno... A guerra de 1790 a 1792 tirou da Porta diversos cantões do Cáucaso. De 1809 a 1812, nova guerra e perda das províncias do Dniepr e do Danúbio, entregues à *Rússia* pela Paz de Bucareste. Em 1819, perda das ilhas Jônias; de 1820 a 1830, perda da *Grécia,* definitivamente libertada pela vitória de Navarino (1827); perda de parte da Armênia turca, cedida à Rússia em 1829; a Valáquia, a Moldávia e a Sérvia são libertadas pelo Tratado de Andrinopla (1829) e colocadas sob *proteção russa."*

"Buda: grande cidade dos Estados austríacos, capital da *Hungria. Foi ocupada pelos turcos de 1530 a 1686. Retomada em 1686 pelo duque de Lorena ('héraut de Bude'), permaneceu, desde então, sob dependência da Áustria."*

"Depois do Congresso de Berlim (1878), surgiu um novo problema nos Bálcãs: a Áustria, que se tornara uma potência balcânica, vai exercer influência sobre os cristãos dessa região, e, ao mesmo tempo, garantir a posse de Salonica, o que provoca os futuros conflitos com a Rússia, cujas conseqüências serão a origem da Primeira Guerra Mundial."[1]

A QUESTÃO DO ORIENTE DE 1821 a 1855. A INDEPENDÊNCIA DA GRÉCIA. OS MASSACRES DE QUIO. A GUERRA DA CRIMÉIA (1854-1856).

V.90

Dans les cyclades[2], en perinthe[3] et larisse[4],
Dedans Sparte[5], tout le Peloponnesse[6],

[1] D.H.B.
[2] Arquipélago do mar Egeu ao qual pertence a ilha de Quio. A.V.L.
[3] Cidade da Trácia, no mar de Mármara. A.V.L.
[4] Cidade da Tessália. D.H.B.
[5] Cidade da Moréia. D.H.B.
[6] Hoje, Moréia, semi-ilha que limita a Grécia ao sul. D.H.B.

Si grand famine, peste par faux coninsse[1]
Neuf mois tiendra et tout le cherronesse[2].

Tradução:

Nas Cíclades, na Grécia e em toda a Moréia, haverá uma grande fome e uma calamidade por causa das falsas alianças, e a Criméia será ocupada durante nove meses (10 de setembro de 1855 a junho de 1856).

A história:

"Na *Moréia,* o arcebispo de Patras, Germanos, declara a guerra da libertação (25 de março de 1821); os massacres dos gregos ocorrem em Constantinopla, os dos turcos, na Grécia. A 12 de janeiro de 1822, a assembléia dos deputados gregos proclama a independência do país. Em abril, ocorrem os famosos massacres de *Quio,* e em maio Jânina cai nas mãos dos turcos. Os gregos esperam, em vão, o auxílio do czar *('faux coninsse'),* sempre fiéis aos príncipes da *Santa Aliança*... O sultão, por sua vez, não fica inativo; encarrega Mohamed Ali de intervir na Moréia (fevereiro de 1824); as tropas egípcias já haviam conquistado a ilha de Creta (1822). Em 1825, Ibraim, filho de Mohamed Ali, retoma *as principais cidades da Moréia,* mas sua política de deportação no Egito lhe rouba a simpatia dos franceses. A morte de Alexandre I e sua substituição no poder por Nicolau I (dezembro de 1825), partidário dos métodos fortes e diretos, preocupam a Inglaterra. Em março de 1826, Nicolau envia um ultimato à Porta, cuja conseqüência foi o Tratado de Akkerman: a Rússia, por este tratado, obtinha o direito de comércio em todos os mares do Império Otomano. Não havia nenhuma referência à Grécia. A Inglaterra, descontente com esse tratado, intervém mais uma vez, e os Acordos de Londres prevêem a mediação de três grandes potências (Inglaterra, França, Rússia). O sultão recusa a oferta de mediação; as frotas dos aliados encontram-se com as frotas turcas e egípcias em Navarino[3], onde um incidente provoca a destruição das primeiras. Finalmente, Londres (novembro de 1828 e março de 1829) fixa os limites da Grécia... Em fevereiro de 1830, na Conferência de Londres, a Grécia é proclamada independente..."

[1] Latim, *"connexus":* "união", "aliança". D.L.L.B.
[2] A Criméia. D.H.B.
[3] Cidade da Moréia.

"As novas negociações com a Rússia prosseguiram durante o inverno, e, em 12 de março de 1854, a França, a Inglaterra e a Turquia assinam um tratado-aliança; em junho, é concluído um acordo entre a Áustria e a Turquia cujo objetivo era a cooperação das tropas austríacas para expulsar os russos dos principados do Danúbio. A partir de fins de março de 1854, as tropas inglesas e francesas desembarcam em Galípoli (cidade da Trácia na entrada do mar de Mármara), e se encaminham para o Danúbio. Mas, devido à evacuação das tropas russas, resolvem levar a guerra até a *Criméia*... Sebastopol é tomada em 10 de setembro de 1855, sendo evacuada pelas tropas anglo-francesas em junho de 1856 *('neuf mois')*."[1]

A AUSÊNCIA DE PODER NA ESPANHA E NA ITÁLIA EM 1855. A CILADA DE SEBASTOPOL (1854-1855).

III.68

Peuple sans chef d'Espagne d'Italie,
Morts profligez dedans la Cheronese[2],
Leur dict trahy par légère folie,
De sang nagez partout à la traverse[3].

Tradução:

O povo espanhol e o italiano serão privados do seu chefe de Estado, no momento em que Sebastopol for dizimada pela morte. As palavras (dos franceses) trairão uma ligeira loucura e o sangue correrá em todos os lugares, nas fortificações.

A história:

"Nos anos decorridos entre 1840 e 1875, na Espanha só se ouvem os nomes de generais que disputam o poder... Durante todos aqueles anos, os generais agiram à sombra ou à luz de uma rainha, Isabel II, a respeito da qual os mais benevolentes historiadores se limitam a citar a sua bondade

[1] H.D.T.
[2] Sebastopol: porto militar da Criméia. Fundado em 1786 pela Imperatriz Catarina II ao lado das ruínas do antigo *Cherson*. D.H.B.
[3] "Fortificações": maciços retangulares de terra colocados sobre o chão de uma obra, perpendicularmente ao parapeito. D.L.7 V.

natural aliada a uma educação tão falha que não era de admirar que *ela não tivesse nenhuma capacidade para governar*"[1].

"Em 1848, a Sicília se revoltou contra o rei de Nápoles e proclamou sua independência; Nápoles, Florença e Turim tiveram, respectivamente, sua Constituição; Roma se erige em República; Parma e Módena *expulsam seus duques;* o rei da Sardenha, Carlos Alberto, coloca-se à frente do movimento e durante algum tempo contém os austríacos; porém, enfraquecido pela discórdia entre os seus, é derrotado em Novara (23 de março de 1849), e resolve *abdicar*."[2]

"A imprensa de Londres, o gabinete, o Príncipe Alberto exigem a ocupação da Criméia e o ataque a Sebastopol... É uma façanha audaciosa. O Conde Benedetti, encarregado de negócios em Constantinopla, escrevia a 30 de agosto de 1854 para Thouvenel: 'Lançar oitenta mil homens e duzentos canhões numa costa desabrigada, a setecentas léguas de distância, aos pés de uma cidadela formidável! Vamos para o desconhecido. Não conhecemos o terreno e nem a força do inimigo... Tudo depende do *acaso* e dos acidentes' *('légère folie')*."

"A velha *Chersonèse Táurica* não passa de uma estepe coberta de mato... Há poucas cidades. Apenas Sebastopol possui um grande porto, mal protegido do lado do continente, mas com grandes defesas no mar Negro."

"A Batalha de Inkermann custou três mil homens aos ingleses, oitocentos aos franceses, mais de dez mil aos russos *('de sang nager partout')*. Uma vitória estéril, realmente, que provou aos aliados como a campanha seria cheia de *perigos*... A 18 de junho de 1855, os ingleses marcham sobre o Grande Redan (fortificação), os franceses sobre o Pequeno Redan e Malakov. O ataque, com pouco tempo de preparação, fracassa, apesar da incrível bravura dos soldados. Os russos conservaram suas posições. Pélissier manda tocar a retirada. Há *tantos mortos* que se combina um armistício de um dia para enterrá-los."[3]

[1] H.E.F.D.P.
[2] D.H.B.
[3] L.S.E.O.A.

QUEDA DOS BOURBON (29 de julho de 1830). LUÍS FILIPE, REI. A BANDEIRA TRICOLOR.

II.69

Le Roy Gaulois par la Celtique Dextre[1]
Voyant discorde de la Grande Monarchie
Sur les trois pars fera florir son sceptre,
Contre la cappe[2] de la Grande Hierarchie.

Tradução:

O rei francês, por causa da direita francesa, vendo a grande monarquia em desordem, fará florir seu cetro sobre os três partidos (da bandeira) contra a hierarquia dos Capeto.

A história:

"O soberano deveria reinar dali em diante pela vontade nacional; o título de rei da França foi substituído por "rei dos *franceses*..."

"Contudo, só a burguesia tinha se beneficiado com a Revolução de 1830. É nela que Luís Filipe se apóia, preso entre a hostilidade das massas populares, enganadas em suas esperanças, a a hostilidade da *nobreza,* quase toda fiel à família dos *Bourbon*..."

"Até 1835, o governo se preocupou, principalmente, em lutar contra os partidos *insurretos, legitimistas* e republicanos. Os legitimistas eram partidários dos *Bourbon.* Reconheciam como rei *legítimo* o duque de Bordeaux, em favor do qual abdicara seu avô Carlos X. Organizaram algumas conspirações ridículas, que foram facilmente reprimidas."[3]

"Habitantes de Paris, os deputados da França, neste momento aqui reunidos, exprimiram o desejo de que eu

[1] Latim, *"dexter":* "que está à direita". D.L.L.B.
[2] Hugo Capeto: o sobrenome de Capeto, dado ao rei da França, é traduzido para o latim, nas antigas crônicas, pela palavra *"capatus",* o que demonstra que Hugo foi chamado "Capeto" devido a um boné que usava sempre. Com o tempo, o nome passou a ser usado como patronímico, para designar todos os príncipes da terceira geração de reis da França... Não é fora de propósito acentuar que aos escritores *ultramonarquistas* é que se deve a ressurreição do velho nome de Capeto. D.L.7 V.
[3] H.F.A.M.

viesse a esta capital para exercer as funções de tenente-geral do reino... Ao voltar à cidade de Paris, *trago, com orgulho, as cores gloriosas* que vós retomastes, e que eu, há muito tempo, trago comigo. As Câmaras vão se reunir, e decidirão sobre os meios para garantir as leis do reino e a manutenção dos direitos da nação."[1]

"O príncipe foi recebido na Câmara Municipal pelo General Dubourg com as seguintes palavras: 'Príncipe, a nação vos vê com o amor *ornado de suas cores...*'"[2]

O ASSASSINATO DO ÚLTIMO DOS CONDÉ (26 de agosto de 1830). O SEGUNDO IMPÉRIO SUBSTITUÍDO PELA TERCEIRA REPÚBLICA. O CASTELO DE SAINT-LEU.

I.39

De nuict dans lict supresme[3] estranglé,
Pour trop avoir seiourné blond esleu,
Par trois l'Empire subroge[4] exancle[5],
A mort mettra carte, et paquet[6] ne leu.

Tradução:

De noite, em seu leito, o último (Condé) será estrangulado, por ter vivido com uma louca ilusão (de seu coração). O Império, esgotado, será substituído pela Terceira (República). Será condenado à morte, devido ao seu testamento, e com as roupas em (Saint)-Leu.

A história:

"Luís Henrique José, duque de Bourbon, príncipe de Condé, o *último* dos Condé, nascido em 1756, morto em 1830. Confinado em sua pequena corte de Saint-*Leu,* tinha como única ocupação a caça. Por ocasião da Revolução de 1830, não teve dúvidas em reconhecer o sobrinho como rei

[1] Proclamação do duque de Orléans, a 1.º de agosto de 1830. H.F.A.
[2] H.F.A.
[3] "Último". D.L.7 V.
[4] Latim, *"subrogo":* "substituo". D.L.L.B.
[5] Latim, *"exantlo":* "esgoto". D.L.L.B.
[6] Reunião de várias coisas ligadas ou embrulhadas juntas. D.L.7 V.

dos franceses. O débil ancião estava completamente dominado *por uma inglesa,* Sofia Dawes, nascida Clarke, de passado duvidoso, e que se casara com um fidalgo da sua casa, o barão de Feuchères, soldado leal, cuja boa fé serviu para encobrir durante algum tempo o escândalo do adultério. Sob sua influência, o príncipe decidiu redigir um *testamento,* instituindo o duque d'Aumale seu legatário universal e garantindo à baronesa, em terras e em dinheiro, um legado de cerca de dez milhões. No dia 26 de agosto de 1830, o príncipe foi se *deitar,* como de costume, no Castelo de Saint-*Leu.* Foi encontrado pendurado, ou melhor, enganchado no trinco da janela, por meio de *dois lenços entrelaçados.* Essa circunstância descartava totalmente a hipótese de *suicídio*"[1].

"Foi encontrado enforcado em seu apartamento. Supôs-se, então, porém sem provas, que tivesse sido *estrangulado* por sua amante, a Sra. de Feuchères. Com ele se extinguiu a família dos Condé."[2]

A REVOLTA DA RUE SAINT-MERRI (5 e 6 de junho de 1832). OS BOURBON EXPULSOS PELO DUQUE DE ORLÉANS.

VIII.42

Par avarice[3], par force et violence
Viendra vexer[4] les siens chef[5] d'Orléans
Près Saint-Memire[6] assault et résistance,
Mort dans sa tente[7] diront qu'il dort léans.

Tradução:

Por avareza, por força e por violência, o duque de Orléans lesará os seus. Depois, haverá um assalto e resistência na Rue Saint-Merri; tendo abandonado um partido (do poder), dirão que o rei dorme.

---

[1] D.L.7 V.
[2] D.H.B.
[3] Latim, *"avaritia":* "desejo vivo", "avareza", "cobiça". D.L.L.B.
[4] Latim, *"vexare":* "abalar", "sacudir", "lesar". D.L.L.B.
[5] Latim, *"dux":* "chefe" (deu origem à palavra "duque"). D.L.L.B.
[6] Provavelmente um erro tipográfico; a palavra *"memire"* não existe.
[7] "Pôr-se de lado", "abandonar uma companhia por despeito", "abandonar uma causa". D.L.7 V.

A história:

"No interior, o presidente do Conselho seguia com a mesma *energia* a linha de conduta que tinha traçado para si mesmo. Os legitimistas agitavam os departamentos do oeste; os colonos fermentavam a *revolta* nesses departamentos. Depois de uma *luta* pavorosa, os trabalhadores de Lyon foram desarmados. Grenoble, por seu lado, foi *ensangüentada.* Em Paris, surgiram os complôs chamados de *Tours Notre-Dame* e da *Rue des Prouvaires.* O ministério de Casimir Perier foi assim: uma luta enérgica, na qual sua firmeza não recuou, protegendo a ordem, superando todos os obstáculos. Seus colegas, as Câmaras, o próprio rei, ele a todos dominava"[1].

"A Rue *Saint-Merri* ficou célebre na história das revoluções parisienses pelo *combate* que ali se travou, nos dias 5 e 6 de junho de 1832, depois dos funerais do General Lamarque. O chefe dos revoltosos se chamava Jeanne; era um condecorado de Julho. A *resistência* durou dois dias, com barricadas improvisadas, e fez muitas vítimas."[2]

"Um mês depois (22 de julho de 1832), a morte do filho de Napoleão, o duque de Reichstadt, livrou a dinastia de *Orléans* de um rival importante. Outro pretendente, neste caso uma mulher, a *duquesa de Berry*[3], perdeu também a sua causa; iniciou, no oeste, a guerra civil, em nome do *seu filho Henrique V.* A região, cheia de tropas do exército, foi imediatamente pacificada, e a duquesa, descoberta em Nantes, em 7 de novembro, foi presa em Blaye."[4]

AS REVOLUÇÕES DE 1830 E DE 1848. ABDICAÇÃO DE CARLOS X E DE LUÍS FILIPE.

I.54

Deux révolts faits du malin falcigère[5]
De règne et siècles fait permutation[6]

---

[1] H.F.V.D.
[2] D.L.7 V.
[3] Mulher de Carlos X, mãe do duque de Bordeaux.
[4] H.F.V.D.
[5] Latim, *"falciger":* "que leva uma foice". D.L.L.B. Símbolo da morte.
[6] Latim, *"permutatio":* "mudança completa", "vicissitude", "revolução". D.L.L.B.

Le mobil[1] signé[2] à son endroit s'ingère
Aux deux esgaux et d'inclination[3].

Tradução:

Duas revoluções dirigidas pelo espírito do mal, que traz a morte, mudarão completamente o poder e as leis seculares; o vermelho móvel da bandeira se instalará à direita (da bandeira) e provocará o enfraquecimento dos dois (reis) do mesmo modo.

A história:

"As palavras de Robert Owen, na Inglaterra, e de Fourier, na França, deram origem a perigosas utopias que, depois de terem fermentado entre a sociedade oficial, explodiram (1830-1848) numa pavorosa *guerra civil*... Assim, apareceram os homens que, fazendo do processo da sociedade um todo, com suas leis, com sua religião, se propunham a *modificar tudo*..."

1) Carlos X e a Revolução de 1830:

"A 26 de julho de 1830 surgiram os regulamentos que suprimiam a liberdade de imprensa, anulavam as últimas eleições e criavam um novo sistema eleitoral. Era um golpe de Estado contra as liberdades públicas e contra a Constituição que tinha sido a condição do retorno dos Bourbon ao trono dos *seus pais*. Paris respondeu à provocação da corte com os *três dias*, 27, 28 e 29 de julho de 1830... Carlos X foi vencido. Enquanto ele *abdicava em favor de seu neto*, o duque de Bordeaux, davam-lhe como resposta o lema das *revoluções*: é muito tarde... Seis mil homens tombaram, *mortos* ou feridos... Retomando *a bandeira de 1789*, a França parecia retomar as liberdades que a Revolução havia prometido sem lhe ter dado, até então"[4].

2) Luís Filipe e a Revolução de 1848:

"Acesa discussão na Câmara dos Deputados a respeito do direito de reunião. Organização do banquete do 12.º Distrito por noventa e dois membros da oposição, para o dia 22 de fevereiro de 1848. Os deputados desistem no

[1] Latim, *"mobilis"*: "que pode ser deslocado", "móvel".
[2] Latim, *"signum"*: bandeira vermelha hasteada no momento do ataque. D.L.L.B.
[3] Latim, *"inclino"*: "abaixo", "dobro", "enfraqueço". D.L.L.B.
[4] H.F.V.D.

dia 21. O voto de acusação ao ministério apresentado pela oposição (terça-feira, 22 de fevereiro) dá início às desordens; *nova revolução de três dias. Abdicação do rei em favor do seu neto.* A proposta de regência da duquesa de Orléans, feita durante uma seção tempestuosa da Câmara dos Deputados, não impede a *queda da dinastia,* no dia 24. *Combate sangrento* na porta do Palais-Royal"[1].

O RAMO MAIS NOVO NO PODER (1830). OS MOTINS DE 23 DE FEVEREIRO E A QUEDA DE LUÍS FILIPE (24 de fevereiro de 1848).

IV.64

Le deffaillant[2] en habit de bourgeois,
Viendra tenter[3] le Roy de son offense:
Quinze soldats la plupart Ustagois[4],
Vie dernière et chef de sa chevance[5].

Tradução:

O representante do ramo mais novo vestido de burguês virá ocupar o reino por sua ofensa; quinze soldados, a maior parte da Guarda Nacional, farão que ele viva, pela última vez, como chefe burguês.

A história:

"La Fayette tinha dito, mostrando o duque de Orléans ao povo, na Câmara Municipal: 'Esta é a melhor das Repúblicas'. As virtudes pessoais do príncipe, sua bela família, suas antigas relações com os líderes do partido liberal, as lembranças cuidadosamente guardadas de Jemmapes e Valmy, seus *hábitos burgueses,* tudo alimentava as esperanças... Luís Filipe de Orléans, chefe do *ramo mais novo* da casa dos Bourbon, foi proclamado rei no dia 9 de agosto... Supressão do artigo que reconhecia a religião católica como

[1] C.U.C.D.
[2] "Que falta", "que cessou": em lugar do ramo mais velho *que falta,* o ramo mais novo ocupa o trono. D.L.7 V.
[3] Latim, *"teneo"*: "tenho", "possuo", "ocupo", "domino". D.L.L.B.
[4] Direito senhorial pago pela moradia. D.L.7 V.
[5] "Bens", "fortuna", o que se possui ou o que se adquire. D.L.7 V.

religião oficial do Estado e de todos os pariatos criados por *Carlos X*"[1].

"Uma lei instituía a Guarda Nacional, encarregada de 'defender a monarquia constitucional'. Como impunham à Guarda Nacional a obrigação de se *equipar por sua própria conta,* era composta apenas de *burgueses* ociosos. Esse regime só favorecia *a burguesia.*"

"Na noite de 22 para 23 de fevereiro de 1848, começaram a erguer as barricadas. No dia seguinte, 23, a atitude da *Guarda Nacional,* que, na Place des Victoires, impediu que os couraceiros atacassem os manifestantes, assustou Luís Filipe, que resolveu se separar de Guizot. Mas, na noite do dia 23 de fevereiro, um incidente sangrento provocou a retomada da luta: quando um bando de manifestantes chegava ao Boulevard des Capucines, dispararam um tiro sobre a tropa. Esta respondeu com uma rajada violenta, que fez *quinze* mortos e uns cinqüenta feridos. Na manhã de quarta-feira, dia 24, Paris estava cheia de barricadas e por todo canto se ouvia gritar: 'Viva a República!'"

MORTE ACIDENTAL DO FILHO MAIS VELHO DE LUÍS FILIPE (13 de julho de 1842)

VII.38

L'aisné Royal sur coursier[2] voltigeant,
Picquer[3] viendra si rudement courir:
Gueule lipée[4], pied dans l'estrein pleignant[5]
Trainé tiré, horriblement mourir.

Tradução:

O filho mais velho do rei, correndo a cavalo, cairá bruscamente de cabeça, o cavalo com a goela ferida no lábio, o pé preso, gemendo, arrastado, ele morrerá horrivelmente.

[1] H.F.V.D.
[2] Nome poético de cavalo de luxo, de batalha ou de torneio. D.L.7 V.
[3] "Cair de cabeça". D.L.7 V.
[4] "Lábio." D.A.F.L.
[5] "Queixar-se", "soltar gemidos". D.L.7 V.

A história:

"Ferdinando Filipe Luís Carlos Henrique Rosa de Orléans, filho *mais velho* de Luís Filipe e de Maria Aurélia de Bourbon-Sicília, nasceu em Palermo em 3 de setembro de 1810; em julho de 1842, quando se preparava para partir a fim de inspecionar os regimentos de Saint-Omer, foi primeiro a Neuilly despedir-se do pai; *seus cavalos empinaram* no caminho da Révolte, ele pulou da carruagem e, *caindo no chão, quebrou a cabeça*"[1].

OS SETE ANOS DE CONQUISTA DA ARGÉLIA (1840-1847). A REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO DE 1848.

IX.89

Sept ans sera PHILIP fortune[2] prospère.
Rabaissera des BARBARES[3] l'effort:
Puis son midy perplex, rebours[4] affaire,
Jeune ogmion[5] abysmera son fort.

Tradução:

A sorte sorrirá a Luís Filipe durante sete anos, ele dominará as forças dos berberes (Argélia), depois ficará perplexo no sul, por causa de um caso de (cavalo) empacamento, um jovem eloqüente provocará sua decadência.

A história:

"A população da Argélia era formada por árabes e *berberes*... Desde o século XVI, os piratas argelinos eram o terror dos navios mercantes do Mediterrâneo. A queda de Carlos X custou à França a perda da Argélia. Luís Filipe se preocupava tão pouco com a conquista, que retirou todas as tropas francesas da Argélia, menos uma divisão de oito mil homens. Pretendia limitar-se a uma ocupação restrita...

[1] D.H.C.D.
[2] Latim, *"fortuna":* "sorte", "destino", "oportunidade". D.L.L.B.
[3] Barbaria, região da África setentrional que compreende os Estados de Trípoli, Túnis, Argel, Marrocos... D.H.B.
[4] *"Cheval rebours":* cavalo empacador, que pára, que recua a despeito de ameaças e pancada. D.L.7 V.
[5] Deus da *eloqüência* e da poesia para os gauleses. D.H.B.

Foram os nativos da região que impuseram à França a conquista. Com seus ataques incessantes, obrigaram os franceses a passar de uma ocupação restrita à ocupação de fato, e, a *partir de 1840,* depois de dez anos de hesitação, à conquista total... No fim de 1847, acossado por dezoito colunas móveis, expulso do Marrocos, onde pela segunda vez buscara asilo, Abd-El-Kader se rendeu (23 de dezembro de 1847). Sua rendição marcava o fim da grande guerra e da conquista... Embora a iniciativa pertencesse a Carlos X, a conquista é a principal *vitória* da monarquia de julho".

"A campanha dos banquetes levou, surpreendentemente, à revolução de fevereiro de 1848... Luís Filipe, *confuso* e hesitante, decidiu retirar as tropas. Ao *meio-dia* o rei resolveu abdicar. Seu filho mais velho, o duque de Orléans, príncipe muito popular, tinha morrido em Neuilly, ao *saltar da carruagem.* Portanto, Luís Filipe abdica em favor de seu neto, o conde de Paris, um menino de dez anos... Os insurrectos invadiram a Câmara, aos gritos de 'Fora!'. De acordo com a proposta de Ledru-Rollin e *Lamartine,* foi constituído um governo provisório por aclamação... A República democrática sucedeu à monarquia burguesa de Luís Filipe... Na frente da escadaria da Câmara Municipal, *Lamartine,* de pé numa cadeira, pronunciou o discurso no qual propunha, *com veemência,* a adoção da bandeira tricolor, que tinha dado a volta ao mundo, em substituição à bandeira vermelha, que não fizera mais do que a volta do Champ de Mars." [1]

A ASCENSÃO DE NAPOLEÃO III AO PODER. O IMPÉRIO SUBSTITUÍDO PELA TERCEIRA REPÚBLICA.

III.28

De terre faible et pauvre parentele [2]
Par bout et paix parviendra dans l'Empire
Longtemps regner une jeune femelle [3]
Qu'oncques en regne n'en survint un si pire.

[1] H.F.A.M.
[2] Conjunto de todos os parentes; "parentesco". D.L.7 V.
[3] Alusão a Marianne, símbolo da República.

Tradução:

Originário de uma terra fraca (a Córsega) e de família pobre, (o país) exausto e desejando a paz, ele chegará ao Império. Em seguida, fará reinar uma jovem República. Jamais esteve no poder uma personagem tão desastrosa.

A história:

"Um senatus-consulto propõe ao povo o restabelecimento da dignidade imperial na pessoa de Luís Napoleão Bonaparte, com *hereditariedade* para seus descendentes diretos, legítimos ou adotivos... Napoleão III, antes de ser coroado, disse: 'O Império é *a paz!*' Uma frase feliz se ele a tivesse posto em prática" [1].

"Os camponeses, assim como os burgueses, queriam um governo que garantisse o respeito da propriedade e a tranqüilidade interna. O Segundo Império devia se originar desse estado de espírito."

"Em virtude dos poderes que lhe foram concedidos pelo plebiscito, Luís Napoleão redigiu uma Constituição, baseada na *Constituição do ano VIII.* Foi promulgada em 14 de janeiro de 1852." [2]

"Pela primeira vez, em quatro séculos, a *França recuou.* Em 1815, guardava ainda as fronteiras que a velha monarquia lhe havia dado. Pelo Tratado de Frankfurt, de 10 de maio de 1871, perdia a Alsácia-Lorena." [3]

O ATENTADO DE ORSINI (14 de janeiro de 1858)

V.10

Un chef Celtique dans le conflict blessé
Auprès de cave [4] voyant siens mort abbattre:
De sang et playes et d'ennemis pressé,
Et secourus par incogneux de quatre.

Tradução:

Um chefe francês ferido no conflito, vendo a morte dizimar os seus perto do teatro, cercado pelos inimigos entre

[1] H.F.V.D.
[2] H.F.A.M.
[3] H.F.V.D.
[4] Latim, *"cavea":* parte do teatro ou de um anfiteatro onde se sentam os espectadores. Por extensão, "teatro". D.L.L.B.

o sangue e os feridos, será socorrido pela multidão (escapando) de quatro (bombas).

A história:

"Na quinta-feira, 14 de janeiro de 1858, o imperador e a imperatriz deveriam ir ao Opéra assistir ao recital de despedida do barítono Massol... Às oito e meia, a carruagem dos soberanos chegava à Rue le Peletier. Ouviram-se três violentas explosões... Os gritos de pavor se misturaram aos gemidos de agonia dos lanceiros, agentes, curiosos, todos caídos por terra... Napoleão sai da carruagem, com o chapéu rasgado, o nariz *esfolado*... A imperatriz está com o vestido branco e o casaco manchados de *sangue*... Foram cinqüenta e seis *feridos,* dos quais oito morreram.

"Orsini reuniu seus medíocres acólitos, Simon Bernard, cirurgião corrompido, que lhe forneceu os explosivos, Pieri, um escroque, e dois rapazes de família, Gómez e Rudio... No dia 14 de janeiro, terminaram os preparativos. Das *quatro* bombas que prepararam, jogam apenas três." [1]

TENTATIVA DE ASSASSINATO DE NAPOLEÃO III. O CONGRESSO DE PARIS (25 de fevereiro de 1856).

IV.73

Le nepveu grand par force prouvera
Le pache [2] fait du coeur pusillanime [3]
Ferrare [4] et Ast [5] le Duc [6] esprouvera,
Par lors qu'au soir sera la pantomime [7].

Tradução:

O grande sobrinho provará sua força por uma paz concluída com excesso de prudência; aquele que virá do Piemonte e das Marcas porá o soberano à prova, na noite da representação teatral.

[1] L.S.E.O.A.
[2] Latim, *"pax, pacis":* "paz". D.L.L.B.
[3] Diz-se de uma pessoa cuja prudência e timidez são tão grandes, que a levam à covardia. D.L.7 V.
[4] Cidade das Marcas.
[5] Asti: cidade do Piemonte.
[6] "Guia", "príncipe", "soberano". D.L.L.B.
[7] Representação teatral. D.L.7 V.

A história:

"A paz será estabelecida por um Congresso reunido em Paris. A reunião se inicia em 15 de fevereiro de 1856... A 30 de março o tratado de paz é assinado no Jardin des Plantes, com a pena de uma águia. Essa paz, que conclui um empreendimento de grande risco, é omissa no que se refere à questão do Oriente, ainda não pacificado... Como já foi dito, a França tirou uma grande vantagem desse tratado. *O valor dos seus soldados* a recoloca à frente das nações... Ou seja, a *situação pessoal de Napoleão III adquire uma importância* que, desde a queda do Império, nenhum soberano francês conseguira conquistar... Reunido para pôr fim a uma guerra, *o Congresso de Paris preparou outra.* Não foram precisos mais de três anos para que ela fosse declarada".

"Na quinta-feira, 14 de janeiro de 1858, o imperador e a imperatriz deveriam ir ao Opéra assistir ao recital de despedida do barítono Massol. O espetáculo começou com o segundo ato de *Guilherme Tell.* Às oito e meia, precedida por um pelotão de lanceiros, a carruagem dos soberanos chegava à Rue Le Peletier. No momento em que faz a volta para parar na frente do teatro, ouvem-se, quase sem intervalo, três explosões."

"Felice Orsini desde a infância conspira para libertar seu país. Ele leva *as Marcas* a se revoltarem contra os austríacos. Recruta cúmplices para assassinar Napoleão III... Enquanto se instrui o processo, o Império atravessa uma dupla crise, interna e externa, de cuja gravidade não se tinha uma noção exata... Luís Napoleão recebeu nas Tulherias, a 16 de janeiro, os grandes representantes do Estado, que foram felicitá-lo por ter escapado às bombas. Escuta, pálido e sério, os discursos dos presidentes do Senado e do Legislativo... Morny, deixando de lado seu estilo formal, usa uma linguagem indignada: 'As populações perguntam como os governos vizinhos e amigos são impotentes para destruir esses verdadeiros laboratórios de assassinos'. Uma alusão direta à Bélgica, ao *Piemonte,* e, sobretudo, à Inglaterra, que ofereceu refúgio a todos os banidos e permitiu que continuassem a urdir suas tramas livremente." [1]

[1] L.S.E.O.A.

NAPOLEÃO III PERTO DE BUFFALORA (3 de junho de 1859). ENTRADA DE NAPOLEÃO III E DE VÍTOR EMANUEL EM MILÃO (6 de junho de 1859). ARMISTÍCIO DE VILLAFRANCA (9 de julho de 1859). A SANTA ALIANÇA (RÚSSIA, ÁUSTRIA, PRÚSSIA, FRANÇA, INGLATERRA).

VIII.12

Apparoistra auprès de Buffalore,
L'hault[1] et procere[2] entré dedans Milan,
L'Abbé[3] de Foix[4] avec ceux de Sainct Morre[5],
Feront la forbe[6] habillez en vilain[7].

Tradução:

O imperador aparecerá perto de Buffalora, a nobre e primeira personagem (o rei da Itália) fará sua entrada em Milão, mas o proprietário de Febo[8] (Napoleão III) e os membros da Santa Aliança dirão uma mentira odiosa.

A história:

"A Santa Aliança: o Czar Alexandre, o imperador da Áustria e o rei da Prússia foram os primeiros a assinar esse acordo, em 26 de setembro de 1815... Luís XVIII e o príncipe regente da Inglaterra apoiaram o tratado"[9].

"Napoleão, hospedado num hotel em São Martino, espera que Mac-Mahon chegue a Magenta para começar a batalha. Bate meio-dia, ele escuta o canhão do general *na direção de Buffalora.*"[10]

[1] Latim, *"altus"*: "nobre", "elevado". D.L.L.B.
[2] Latim, *"proceres"*: os primeiros cidadãos (por nascimento e posição). D.L.L.B.
[3] Latim, *"abbas"*: derivado do siríaco *"abba"*, "pai". D.L.7 V.
[4] Gastão III, conde de Foix, foi apelidado de *Phoebus*... Depois de Gastão III, todos os outros membros da família passaram a usar o sobrenome Febo. D.L.7 V.
[5] Latim, *"mos, moris"*: "lei", "regra". *"Pacis impossere morem"*: "decidir a paz". Virgílio. D.L.L.B.
[6] "Engano". D.A.F.L.
[7] Sinônimos: "feio", "odioso", "mesquinho". D.L.7 V.
[8] "Montado no seu alazão Febo, Napoleão III..." L.S.E.O.A.
[9] H.F.A.M.
[10] H.F.A.M.

"Quando a Batalha de Magenta abriu aos aliados toda a Lombardia, o exército francês *entrou em Milão* sob aclamações e festas. O Imperador Napoleão III e o Rei Vítor Emanuel avançam, *a cavalo, à frente* das tropas vitoriosas."[1]

"Os austríacos se retiraram para além do Ádige... A Prússia apressa sua mobilização. O Czar Alexandre envia à imperatriz seu ajudante-de-campo com a seguinte mensagem: 'Apressai-vos a fazer a paz, do contrário sereis atacada no Reno. Não podemos contar com a intervenção da Inglaterra em caso de conflito com a Prússia...' Desiludido, o imperador resolve dirigir-se diretamente ao seu adversário, Francisco José. Ele vai *trair* Cavour... Napoleão vai ao encontro do jovem imperador, perto de Villafranca... Quando Napoleão, depois de passar por *Milão,* atravessa a capital piemontesa, é recebido com uma frieza dramática. A Itália nunca o perdoará por ter *cortado* suas esperanças... De volta à França, encontra surpresa e tensão. Depois de vitórias tão comemoradas, o abandono de Veneza soa como uma *retirada.*"[2]

A ANEXAÇÃO DOS ESTADOS PONTIFÍCIOS (1870). VÍTOR EMANUEL E CLOTILDE DE SAVÓIA. OS FRANCESES EM TURIM E NOVARA (1859).

I.6

L'oeil[3] de Ravenne[4] sera destitué
Quand à ses pieds les aisles failliront:
Les deux de Bresse[5] auront constitué[6],
Turin, Versel[7] que Gaulois fouleront.

[1] H.F.A.M.
[2] L.S.E.O.A.
[3] Nostradamus usa geralmente a palavra "olho" ou "olhos" no sentido de "poder".
[4] Pepino, o Breve, atravessa os Alpes e ataca os lombardos, povo germânico que se tinha estabelecido no vale do Pó. Pepino toma aos lombardos o território que era chamado Emirado de Ravena, e o dá ao papa. Foi a semente do que mais tarde se chamou os Estados da Igreja, desaparecidos somente em 1870. H.F.A.M.
[5] A Bresse se dividia em pequenas senhorias, das quais a principal era a de Baugé, entregue em 1292 à casa de Savóia. D.H.B.
[6] "Dar uma constituição", "organizar". D.L.7 V.
[7] Verceil: fortaleza na alta Itália, nos antigos Estados sardos (Novara). D.H.B.

Tradução:

O poder temporal do papa será destituído quando as asas (da águia, Napoleão III) caírem aos seus pés, quando os dois de Savóia (Vítor Emanuel II e sua filha Clotilde de Savóia) derem uma Constituição (à Itália) e quando os franceses pisarem sobre o solo de Turim e de Novara.

A história:

"Vítor Emanuel II defendeu energicamente os direitos do Estado contra a Igreja, e reforçou sua aliança com o governo imperial francês, através do casamento de sua filha Clotilde de Savóia *('les deux de Bresse')* com o Príncipe Napoleão, aliança mantida pela França durante a guerra contra a Áustria; com essa aliança ganhou, primeiro, a Lombardia (junho de 1859), depois a Toscana, Parma, Módena, e a Romanha, que se renderam a ele. Os povos do reino de Nápoles e dos *Estados Pontifícios,* consultados por meio do voto, se entregaram a ele, e Vítor Emanuel tornou-se rei da Itália, tendo por capital Florença. Em setembro de 1870, ele entra em Roma, que passa a ser a capital do reino da Itália"[1].

"O marechal-de-campo austríaco Giulay atravessa o Ticino, em 19 de abril, e marcha sobre *Turim,* numa média de seis quilômetros por dia. A dois passos da capital piemontesa, ele pára, e volta para Mortara. Maravilhosa oportunidade para Napoleão. Essa falha permite que o exército francês, tendo passado por Susa e Gênova, se concentre em Alexandria, onde os piemonteses se juntam a eles... Na noite de 3 de junho, os *franceses acampam* num triângulo bastante extenso, de Turbigo a Trécate e *Novara.* Não sabem onde os austríacos estão. O estado-maior informa, apenas, que estão acampados em volta de Magenta."[2]

[1] D.H.B.
[2] L.S.E.O.A.

A TORRE DE SOLFERINO (14 de junho de 1859). REANEXAÇÃO DA SAVÓIA À FRANÇA. TRATADO DE TURIM (1860). O PRINCÍPIO DAS NACIONALIDADES.

V.42

Mars eslevé à son plus haut beffroy[1],
Fera retraire[2] les Allobrox[3] de France:
La gent Lombarde fera si grande effroy,
A ceux de l'Aigle compris[4] sous la Balance[5].

Tradução:

A guerra atingirá seu ponto culminante na Torre (de Solferino), e forçará a Savóia a voltar à França. A Lombardia será assolada pelos homens do imperador e tomada sob o pretexto de direito.

A história:

"A capital *lombarda,* onde os velhos lembram ainda a passagem tempestuosa de Bonaparte, se enche de bandeiras francesas e italianas... Do campanário da Igreja de Castiglione, com a luneta nos olhos, Napoleão procura avistar tudo. A fim de partir em dois o adversário, ele manda levar a maior parte da tropa para o centro. Na *Torre* de Solferino, a famosa Spia[6] da Itália ergue-se, retangular e vermelha, *no cimo* de um maciço rochoso. *A luta sem trégua* prolonga-se por duas horas... No centro, depois de *lutas encarniçadas,* tomam *os picos* escarpados de Solferino, o cemitério e a *Spia...*"

"Piores do que em Montebelo e em Magenta, *os horrores da carnificina* são inspecionados por Napoleão, no dia seguinte, nos arredores de Solferino."[7]

[1] Do alto alemão *"becvrit":* "torre de defesa". Torre da cidade, em que ficavam os guardas para vigiar os campos. D.L.7 V.
[2] Latim, *"retraho":* "forço a voltar". D.L.L.B.
[3] Seu nome reapareceu durante a Revolução, com os departamentos alóbrogos por savoianos. D.L.7 V.
[4] Latim, *"comprehendo":* "tomo", "apodero-me". D.L.L.B.
[5] Política: equilíbrio dos Estados, relativamente à distribuição dos territórios das alianças. D.L.7 V.
[6] Solferino: ruínas de um velho castelo com uma *torre* chamada Spia da Itália. D.L.7 V.
[7] L.S.E.O.A.

"Depois de muitos reveses, a Savóia foi cedida à França em 1860, pelo rei da Sardenha, e esse ato foi confirmado pelo *voto* do *povo*."[1]

"Na capital francesa aparece um opúsculo anônimo atribuído à pena do conselheiro de Estado da Guéronnière, corrigido pela mão do imperador. Essa brochura, intitulada *Napoleão III e a Itália,* expõe ousadamente seus pontos de vista e intenções... Defende *a teoria das nacionalidades* e termina com os votos de uma Itália confederada, da qual tenha sido banida toda a influência estrangeira."

VÍTOR EMANUEL II, REI DA ITÁLIA (1860). FLORENÇA, A CAPITAL.

V.39

Du vray rameau[2] des fleurs de lys yssu,
Mis et logé héritier d'Hetrurie[3]:
Son sang antique de longue main tyssu[4]
Fera Florence florir en l'armoirie.

Tradução:

Nascido do verdadeiro ramo da flor-de-lis, colocado e hospedado na Etrúria, seu sangue antigo tecido por longa mão fará florir suas armas em Florença.

A história:

"Vítor Emanuel II, rei da Itália (1820-1878), descendia, em linha direta, de Carlos Manuel II (1634-1675), duque de Savóia e Piemonte, filho de Cristina da França, filha de Henrique IV, e do filho deste último, Tomás Francisco, que se casou com Maria de *Bourbon,* filha de Carlos, conde de Soissons"[5].

"O pai de Vítor Emanuel II, Carlos Alberto (1789-1849), foi obrigado a fugir devido à intervenção austríaca de 21 de março de 1821. Exilado na *Toscana,* caiu em desgraça durante longo tempo. Chamado para ocupar o trono,

1 D.H.B.
2 Os Bourbons, cujas armas são três flores-de-lis.
3 Toscana: Túscia e Etrúria, para os antigos. D.H.B.
4 Particípio passado do verbo "tecer". D.L.7 V.
5 C.U.C.D.

em 1831, na falta de *herdeiro* direto, fez várias reformas importantes. Em 1817, tinha se casado com Maria Teresa de Toscana."[1]

"Vítor Emanuel II, auxiliado pela França na guerra contra a Áustria, ganhou com essa aliança, primeiro, a Lombardia (junho de 1859), e depois a *Toscana,* Parma, Módena, e a Romanha, que se renderam a ele. Os povos do reino de Nápoles e dos Estados Pontifícios (menos a cidade de Roma), consultados por meio do voto, se entregaram a ele, e Vítor Emanuel tornou-se *rei da Itália,* tendo *por capital Florença*... Durante todo o seu reinado, gozou de grande popularidade; e, como soberano, conservou-se fiel ao governo parlamentar, estabelecido no Piemonte sob o reinado de Carlos Alberto."[2]

VÍTOR EMANUEL II E CAVOUR. A UNIDADE ITALIANA (1859-1861). VÍTOR EMANUEL II EM FLORENÇA, A CAPITAL.

V.3

Le successeur de la Duché viendra,
Beaucoup plus oultre que la mer de Toscane,
Gauloise branche la Florence tiendra[3]
Dans son giron d'accord nautique Rane[4].

Tradução:

O sucessor do ducado da Toscana virá ocupar bem mais do que as costas toscanas. Um ramo francês se instalará em Florença, com a aprovação daquele que a Inglaterra tivera no seu regaço.

A história:

"Em vez de se retirar para suas fronteiras e renunciar a qualquer ambição, Vítor Emanuel II, que *sucedeu* a Carlos Alberto, começa a preparar o retorno das tropas piemontesas à planície da Lombardia...

1 D.H.B.
2 D.H.B.
3 No que se refere à origem francesa de Vítor Emanuel II e Florença como capital, cf. V.39.
4 Latim, *"rana"*: "rã". As rãs representam todos os povos da história. D.L.7 V.

"Ao lado de Vítor Emanuel estava, desde 1833, Camillo Cavour, um piemontês que há muito tempo tinha morado em *Londres,* Paris e Genebra... Londres, depois de uma primeira temporada em Paris, lhe tinha inspirado uma grande admiração pela habilidade de que os ingleses haviam dado prova ao enfrentar os grandes problemas de uma sociedade industrial, pelo bom senso, pelo pragmatismo...

"Em dois anos, de março de 1859 a junho de 1861, surgiu um novo Estado na Europa (bem além do mar da Toscana). Estendia-se por duzentos e cinqüenta e nove mil trezentos e vinte quilômetros quadrados e tinha vinte e quatro milhões setecentos e setenta mil habitantes." [1]

O PONTIFICADO EXCEPCIONAL DE PIO IX (1846-1878). A ANEXAÇÃO DE BOLONHA POR VÍTOR EMANUEL II (1859).

VIII.53

Dedans Bologne voudra laver ses fautes
Il ne pourra au temple [2] du Soleil [3]:
Il volera [4] faisant choses si hautes,
En hiérarchie n'en fut onq un pareil.

Tradução:

Ele desejará lavar suas faltas em Bolonha, que não poderá guardar para a Igreja por causa do Bourbon (Vítor Emanuel II). Ele agirá por si mesmo para fazer coisas tão importantes que farão dele um papa como jamais houve igual na hierarquia católica.

A história:

"Em 1848 soa o brado de guerra nacional contra a Áustria, a Sardenha, o Piemonte, bem como a revolta das províncias ocupadas de Veneza e da Lombardia. Pio IX se recusa a declarar guerra à Áustria e põe um freio ao movimento

[1] H.I.S.R.
[2] Poético: a Igreja Católica. D.L.7 V.
[3] Referência aos laços de parentesco de Vítor Emanuel II com os Bourbon. Cf. V.39.
[4] "Voar com suas próprias asas"; "agir por si mesmo". D.L.7 V.

popular *('ses fautes')*. Seu ministro, Pellegrino Rossi, tinha sido assassinado em 15 de novembro de 1848, o Quirinal tinha sido atacado e a Guarda Suíça desarmada... o papa empreende uma viagem por seus Estados, de 1857 a 1863 *('Bologne')*. Somente a presença do Corpo Expedicionário Francês mantém o poder temporal. Em 1860, desencadeia o conflito com o Piemonte. Este começa por ocupar o norte do Estado Pontifício (Bolonha). O papa lança contra ele uma excomunhão solene, Antonelli protesta contra o título de rei da Itália que Vítor Emanuel *('le Soleil')* tinha adotado em 26 de fevereiro de 1861" [1].

"Em 1859, a cidade e a província de Bolonha são subtraídas à autoridade do papa e reconhecem o rei da Sardenha, Vítor Emanuel.

"Pio IX se *reserva ('volera')* às questões religiosas, das quais se ocupa com grande atividade. *Três grandes atos* marcam *('choses si hautes')*, no campo religioso, todo o pontificado de Pio IX: a explicação da Imaculada Conceição, em dezembro de 1854; a publicação da Encíclica *Quanta Cura,* em dezembro de 1864, com o anexo, conhecido sob o nome de Sílabo; e a abertura no Vaticano, em 1869, do Concílio Ecumênico, o primeiro a se realizar depois de Trento (1545-1563), onde foram proclamados, em 18 de julho de 1870, o pleno poder do papa sobre a Igreja e a infalibilidade dos seus julgamentos solenes... Morreu em 10 de fevereiro de 1878, e a notícia de sua morte foi, no mundo inteiro, objeto de testemunhos unânimes de respeito e veneração. *('N'en fut onq un pareil.')*" [2]

O DESPACHO DE EMS (13 de julho de 1870). DE BAZAINE EM METZ (18 de agosto) À CAPITULAÇÃO (27 de outubro de 1870).

X.7

Le grand conflit qu'on appreste à Nancy,
L'Aémathien [3] dira tout je soubmets:

[1] D.D.P.
[2] D.H.B.
[3] Macedônia: dividia-se em um grande número de províncias ou regiões: a *Emácia,* berço e centro da monarquia, por isso seu nome é muitas vezes estendido a toda a Macedônia; a Migdônia... seu povo era muito corajoso e incansável... Filipe II *reconquistou as provín-*

L'Ile Britanne par vin, sel en solcy,
Hem.[1] mi.[2] deux Phi.[3] longtemps ne tiendra Metz.

Tradução:

A grande guerra que se prepara na Lorena fará com que o rei diga: eu me submeto a tudo, a Inglaterra preocupa-se apenas com seu comércio; depois do despacho de Ems, Metz não resistirá por muito tempo, apesar de duas vezes quinhentos mil (soldados).

A história:

"O Rei Guilherme estava na estação de águas em Ems... Graças a concessões mútuas, deixando sua recusa para o futuro, o rei tinha declarado que daria sua aprovação, sem reservas, à renúncia. Mais uma vez, a paz parecia assegurada. Nesse mesmo momento, em Berlim, Bismarck *preparava* a catástrofe, com sangue-frio. Tinha recebido um telegrama do rei, que relatava os incidentes desde o início da viagem até o *envio* do ajudante-de-campo a Benedetti... O texto mutilado por Bismarck foi imediatamente transmitido aos representantes da Prússia no estrangeiro. Os cálculos de Bismarck estavam exatos. Na Alemanha houve uma explosão de fúria contra a França. A 19 de julho, a declaração de guerra foi oficialmente notificada em Berlim.

"Formando, a princípio, um único exército, sob o comando de Napoleão III, os duzentos mil homens foram depois divididos em dois exércitos, o da Alsácia (sessenta e sete mil homens) e o da *Lorena* (cerca de cento e trinta mil), sob o comando de Bazaine...

"A derrota de Froeschwiller levou à perda da Alsácia. O exército de Mac-Mahon, desorganizado, atravessa novamente o Vosges, no passo de Saverne, e vai para *Nancy*. No mesmo dia da Batalha de Froeschwiller, o I Exército alemão entrava na *Lorena,* derrotando em Forbach as tropas do General Frossard. Em seguida a esse duplo revés, Bazaine, nomeado generalíssimo, lança o exército sobre *Metz*...

cias antigas, anexou novas províncias e submeteu toda a Grécia ao seu domínio... Alexandre realizou seus objetivos, mas, depois de sua morte, seu império se desmembrou. D.H.B. Nostradamus estabelece um paralelo entre a história da Macedônia e a da Alemanha.

[1] *Hems* é a antiga Eméssia. D.L.7 V.

[2] Abreviatura da palavra latina *"missio":* "ato de enviar", "envio". D.L.L.B.

[3] Vigésima primeira letra do alfabeto grego. Como número, *phi* vale quinhentos mil. D.G.F.

"Além do exército de Bazaine, bloqueado em *Metz,* restavam à França noventa e cinco mil homens em tropas regulares, dispersos entre Paris e os departamentos... No dia 19 de setembro, os alemães conseguem atacar Paris. Para defender a cidade, Trochu dispunha de mais de *quinhentos mil homens*... Nos departamentos, Gambetta improvisou exércitos com uma rapidez verdadeiramente incrível. Em apenas alguns meses, recruta, arma, equipa e lança na batalha *seiscentos mil homens.* Esses exércitos improvisados, como o de Paris, eram medíocres. A maior parte das tropas alemãs foram imobilizadas às portas de Paris e *Metz.* A conduta estúpida e criminosa de Bazaine lhes roubou essa última chance de sucesso. No dia 27 de outubro, Bazaine entrega *Metz.*

"A 18 de janeiro de 1871, consumou-se em Versalhes a unificação da Alemanha. Os príncipes da Alemanha do sul entraram na confederação, que recebeu o nome de *Império* Alemão.

"A França perdia a Alsácia, menos Belfort, o norte da Lorena, e *Metz.*"[1]

"O *comércio* exterior *britânico* coloca-se à frente de todos os outros: em 1872, tem uma renda de mais de quinhentos e quarenta e sete milhões de libras esterlinas, mais do que o comércio francês, alemão e italiano reunidos..."[2]

A PARTIDA DE GAMBETTA NUM BALÃO (1870). O CERCO DE PARIS. A RENDIÇÃO.

III.50

La république de la grande cité,
A grand rigueur[3] ne voudra consentir:
Roy[4] sortir hors par trompette[5] cité,
L'eschelle au mur, la cité repentir.

[1] H.F.A.M.

[2] H.R.U.

[3] "Extrema severidade", "austeridade", "dureza". D.L.7 V.

[4] Latim, *"rego":* "governo". D.L.L.B. "Aquele que governa".

[5] Soar a trombeta: fazer qualquer coisa com grande barulho, com grande alarde, por alusão ao toque de trombeta com que os antigos anunciavam as celebridades. D.L.7 V.

Tradução:
A república de Paris não consentirá na austeridade necessária; o chefe do governo sairá da cidade com grande ruído, a cidade será cercada e se arrependerá.

A história:
"O governo da defesa nacional foi constituído; compunha-se de onze deputados de Paris, entre os quais Gambetta... A 19 de setembro de 1870, os alemães conseguem *chegar às portas* de Paris. Paris tinha se tornado o pivô da defesa nacional, e todos os esforços envidados durante cinco meses nas províncias tinham como objetivo levantar o *bloqueio* da capital... Nos departamentos, onde restavam apenas vinte e cinco mil homens, a resistência parecia impossível. Mas, enquanto o governo permanecia em Paris, um dos seus membros, Gambetta, *escapou em um balão,* e chegou a Tours para organizar a defesa. Gambetta foi a alma da defesa nacional...

"Paris estava sob dupla ameaça: a fome e a revolução. Os partidos revolucionários se agitavam. Em 31 de outubro, a Guarda Nacional de Belleville havia tentado derrubar o governo. Depois de Buzenval, houve nova tentativa de levante, em 22 de janeiro. Esse fato, chegando ao conhecimento de Bismarck, fez com que, no dia 23, quando Jules Favre foi a Versalhes solicitar um armistício para abastecer Paris, o comandante das tropas alemãs não lhe desse ouvidos. Impôs uma verdadeira *capitulação,* o desarmamento das tropas regulares, ocupação de todos os fortes, contribuição de duzentos milhões. No dia 28 de janeiro, os franceses foram forçados a aceitar essas condições: *a queda de Paris* e o Armistício de Versalhes marcaram o fim da guerra." [1]

GARIBALDI, SUA FORÇA E SEU FIM NA MISÉRIA.

VII.19

Le fort Nicene [2] ne sera combattu
Vaincu sera par rutilant metal:

[1] H.F.A.M.
[2] Niceno, mitologia grega: sobrenome de várias divindades consideradas como garantia de vitória. D.L.7 V. Nostradamus joga com o duplo significado: vencedor e nascido em Nice.

Son faict sera un long temps débatu,
Aux citadins [1] estrange [2] espouvantal [3].

Tradução:
O poderoso vencedor de Nice não será combatido; será vencido pelo dinheiro. Seus atos serão por muito tempo objeto de debate; esse estrangeiro semeará o terror entre os burgueses.

A história:
"Europa do século XIX, Europa das revoluções. O campo está livre para o jovem de Nice, Garibaldi, que sonha com aventuras, com o socialismo e com a liberdade... Garibaldi irá influenciar os negócios da Europa... Sem transigir, conduz sua política, organiza seu exército, faz suas campanhas, segue sua doutrina e impõe sua presença no cenário europeu".

"Os deputados conservadores ('burgueses') continuarão a lutar contra ele... Era algo comparável ao ódio de Versalhes pelos internacionalistas que lutavam ao lado dos membros da Comuna. Uma mescla de *medo e horror* da revolução, da subversão e do socialismo que tomou livre curso durante a 'semana sangrenta'.

" 'Nenhuma potência européia se levantou em defesa da França, que por tantas vezes tomara nas mãos os destinos da Europa (bravos à esquerda). Nem um rei, nem um Estado, ninguém! Um homem apenas. (Sorrisos irônicos à direita, bravos à esquerda.) As potências não foram em sua defesa, mas um homem foi, e *esse homem era uma potência ('le fort Nicene').* E o que tinha esse homem? Sua espada, que já tinha libertado um povo e podia salvar outro. Ele chegou, *combateu.* Não pretendo ferir os sentimentos de ninguém, mas posso dizer, sem faltar com a verdade, que *somente ele,* entre todos os generais que lutaram pela França, *jamais foi vencido.'* Esse vôo altamente poético de Victor Hugo provocou uma celeuma incrível. De pé nos bancos, os *deputados da direita* erguiam os punhos para o orador.

"Os direitos autorais dos seus romances *Clilia* e *Can-*

[1] Chamavam-se "burgueses" não todos os habitantes de um burgo, e, por derivação, de uma cidade, mas aqueles entre eles suscetíveis de tomar parte na administração da cidade. D.L.7 V.
[2] Nice não era francesa em 1804, quando Garibaldi nasceu, e só veio a pertencer à França em 1860, pelo tratado de Turim.
[3] Sentido figurado: objeto que inspira um terror ilusório. D.L.7 V.

toni esgotaram-se rapidamente. O herói publica um terceiro, em 1873, intitulado *Os Mil,* que teve pouco sucesso. Teve de se resignar a vender o iate, presente dos seus admiradores ingleses. Conseguiu oitenta mil liras, uma quantia considerável. Mas confia o dinheiro ao seu companheiro de armas, Antonio Bo, para ser depositado no banco, em Gênova. O amigo do peito prefere fugir para a América, com o *pequeno pecúlio ('rutilant métal').* Os jornais italianos souberam do caso e publicaram artigos patéticos: 'Garibaldi está na mais negra miséria'; 'Italianos, ajudemos Garibaldi'. Um enviado especial desenha um retrato do velho *condottiere,* que 'Todas as manhãs, apoiado em sua bengala, e muitas vezes em muletas, empurra penosamente um carrinho carregado de melões cuja venda lhe dará, no máximo, o lucro de cinco liras."[1]

GARIBALDI E A EXPEDIÇÃO DOS MIL. A CONQUISTA DA SICÍLIA E NÁPOLES (1860). CAMPANHA DE NÁPOLES. CONCESSÃO DA SAVÓIA À FRANÇA (1860).

VII.31

De Languedoc, et Guienne plus de dix
Mille voudront les Alpes repasser:
Grans Allobroges[2] marcher contre Brundis[3]
Aquin[4] et Bresse[5] les viendront recasser[6].

Tradução:

Com mais de dez, vindos do Languedoc e da Guyenne, os Mil tentarão entrar na Itália. O duque da Savóia marchará contra os ocupantes da Itália meridional (Brindisi). Recuperarão a Savóia e Nápoles.

A história:

"Vítor Emanuel II, neto de Vítor Amadeu II, apoiado pela França na guerra contra a Áustria, devia a essa aliança, em primeiro lugar, a Lombardia (junho de 1859), depois a Toscana, Parma, Módena e a Romanha, que se rendeu a ele e que ele pôde anexar aos seus Estados, cedendo Nice e a *Savóia* à França. Depois da expedição de Garibaldi à Sicília e à Itália meridional *('Aquin'* e *'Brindisi')* (1860), que ele encorajou e apoiou, a princípio secretamente, depois, abertamente, os povos do reino de *Nápoles ('Aquin')* e os Estados Pontifícios (menos a cidade de Roma), consultados por sufrágio universal, se rendem, e ele se torna, assim, rei da Itália"[1].

"*Os Mil.* O reino de *Nápoles* estava agitado desde 1859. Os ideais unitários e liberais predominavam, e sua propagação levou à revolta que eclodiu em Palermo em 3 de abril de 1860. Era o que Garibaldi esperava. O pequeno exército que ele reuniu em Gênova *('les Alpes'),* em 5 de maio de 1860, compunha-se de *mil e oitenta e cinco* homens. Toda a Itália estava representada. Alguns estrangeiros se uniram a eles, entre os quais um inglês, um jovem russo e alguns *franceses:* Ulric de Fontvielle[2], um estudante, Burès, Cluseret[3], Durand, Maxime du Camp[4], Lockroy[5], Henri Fouquier[6], e, finalmente, Flotte, comandante de um pelotão francês *('plus de dix')...* Desembarcou a 11 de maio, em Marsala, com *mil e quinze homens.* No dia 15, derrotou os napolitanos em Calatafimi e entrou de surpresa em Palermo, no dia 27. Depois de três dias de combate, a intervenção do corpo consular amenizou a retirada dos *napolitanos.* Garibaldi os derrotou novamente em Milazzo. A 28 de julho, Messina se rendeu. A partir de 21 de agosto, começou a atravessar o estreito de Messina. Praticamente sem combater, chegou a Salerno, depois a Nápoles. Nesse momento, o governo piemontês (Vítor Emanuel II, duque

---

[1] G.P. e M.R.
[2] Povo da Gália Transalpina: a maior parte da Savóia. D.H.B. Vítor Amadeu II, duque da Savóia, recebeu, em 1713, o título de rei da Sicília. D.H.B.
[3] Brindisi, latim, *Brundisium:* cidade da Itália, no Adriático. D.H.B. "Os povoados meridionais da *bota,* bem como a Sicília, formavam o reino de Nápoles ou das Duas Sicílias, o mais extenso, do ponto de vista territorial. Nápoles, a capital, era a primeira cidade da península." G.P. e M.R.
[4] Cidadezinha do reino de Nápoles.
[5] Bresse se dividia em pequenas senhorias, sendo a principal a de Baugé, entregue, em 1292, à casa de *Savóia.* Foi cedida por Carlos Manuel I a Henrique IV, pelo Tratado de Lyon, em 1601. D.H.B.
[6] Latim, *"recedo, recessum":* "volto", "recupero". D.L.L.B.

[1] D.H.B.
[2] Família de Toulouse, capital do *Languedoc.* D.L.7 V.
[3] Fomentou um movimento de revolta em Marselha e foi deputado por Toulon. D.L.7 V.
[4] Família originária de Bordeaux, capital da *Guyenne.* D.L.7 V.
[5] Deputado em Bouches-du-Rhône (Aix). D.L.7 V.
[6] Nascido em Marselha.

da Savóia), que tinha apoiado Garibaldi secretamente, interveio e começou a dupla campanha diplomática e militar que terminou com a anexação de Nápoles."[1]

REUNIÃO DOS MIL EM GÊNOVA (1859)

IV.16

La cité franche[2] de liberté fait serve[3]
Des profligez[4] et resveurs fait Azyle:
Le Roy changé à eux non si proterve[5],
De cent seront devenus plus de mille.

Tradução:

A cidade cuja liberdade fora reduzida à escravidão e invadida deu abrigo a homens depravados e utopistas. Tendo mudado de rei ousadamente, de cem passaram a mil.

A história:

"Garibaldi havia estabelecido seu quartel-general num bairro de *Gênova,* Quarto, na casa de seu velho amigo Augusto Vecchi, que tinha lutado com ele em Roma... Foi principalmente a fábrica Ansaldo, em *Gênova,* que forneceu o equipamento e apoiou secretamente as operações... Cavour não estava satisfeito com essa agitação. Temia especialmente que as potências estrangeiras acusassem o Piemonte (Gênova) de ser muito complacente *('fait asile')* para com os revolucionários... Na noite de 5 de maio de 1860, tudo estava pronto. Garibaldi, certa vez, na ponte do Piemonte, perguntou: 'Quantos somos?' *'Mais de mil,* com os marinheiros...' Para ser exato, convém precisar que aqueles que passaram à posteridade como os *Mil* eram, na verdade, *mil cento e quarenta e nove,* mas Garibaldi não perdeu tempo contando-os... Em primeiro lugar, os garibaldinos tomaram de assalto o telégrafo de Marsala (Sicília), de onde

---

1 D.L.7V.
2 Em 1805, o Estado de Gênova foi incorporado ao Império Francês *('de liberté fait serve')* e formou os departamentos de Gênova dos Apeninos e de Montenotte. Em 1814, Gênova foi doada ao rei da Sardenha pelo Congresso de Viena. D.H.B.
3 Latim, *"servus":* "escravo". D.L.L.B.
4 Latim, *"profligatus":* "perdido", "depravado". D.L.L.B.
5 Latim, *"proterve":* "ofensa", "ousadia", "atrevimento". D.L.L.B.

transmitiram mensagens falsas para enganar o inimigo... Garibaldi proclamou-se ditador em nome de Vítor Emanuel, *'rei da Itália'* "[1].

GARIBALDI EM MAGNAVACCA E RAVENA. PIO IX E O PODER TEMPORAL. A UNIDADE DA ALEMANHA ATRAVÉS DE DUAS GRANDES GUERRAS (1866 e 1870).

IX.3

Le magna vaqua[2] à Ravenne grand troubles,
Conduicts par quinze[3] enserres à Fornase[4]:
A Rome naistra deux monstres[5] à teste double,
Sang, feu, déluge, les plus grands à l'espase.

Tradução:

Ele (Garibaldi) provocará grandes perturbações em Magnavacca e em Ravena. Conduzidos por quinze barcas, eles se refugiarão na FER(me) de ZAN(ett)o: nascerão em Roma dois prodígios, devido a um poder duplo (espiritual e temporal, do papa); depois o sangue, a guerra, a revolução atingirão as maiores nações, devido ao problema de espaço.

A história:

"Garibaldi intima o prefeito de Cesenatico a lhe dar *treze* barcas... Uma hora depois, os austríacos entram na cidade. As treze barcas se afastam rapidamente. Na noite seguinte, passam ao largo de *Ravena*... As barcas foram avistadas ao largo dos pântanos de Comacchio por um navio de guerra austríaco. O Capitão Scopinich ordena aos garibaldinos que se rendam. Eles se recusam e o inimigo se lança em sua perseguição. Os austríacos ganham terreno; resolvem, então, se dirigir para a costa. Metralhadas pelos ca-

---

1 G.P. e M.R.
2 Cidade da Itália na embocadura do Pó.
3 O livro de Paolo e Monica Romani sobre Garibaldi fala de treze barcas; parece que, de acordo com Nostradamus, havia mais duas.
4 Anagrama e abreviatura da fazenda *("ferme")* de Zanetto, onde Garibaldi se refugiou.
5 Latim, *"monstrum":* "presságio divino", "prodígio", "coisa incrível". D.L.L.B.

nhões inimigos, as treze barcas tomam o rumo de *Magnavacca,* mas apenas três chegam ao destino. Finalmente, apenas trinta homens põem os pés em terra, entre eles Garibaldi, Anita, Ugo Bassi... Os austríacos e a polícia pontifícia haviam organizado uma batida para prender os fugitivos. Bonnot lhes explica que era impossível chegar a Veneza porque todas as estradas que iam para o norte estavam vigiadas pelos austríacos. Segundo ele, era melhor tentar a sorte nas vizinhanças de *Ravena,* onde os patriotas eram numerosos. Acrescentou que deviam deixar Anita para trás, pois ela não sobreviveria à viagem. Ele pensava em levá-la para o norte da ilha, para a *fazenda de Zanetto...*"[1]

"Poucos papas suscitaram julgamentos tão contraditórios como Pio IX; de um lado uma veneração lisonjeira, de outro, uma franca hostilidade. É necessário procurar as razões nas agitações da Itália e no *Kulturkampf* alemão, que desencadearam o dogma da infalibilidade e o Sílabo *('deux monstres')* de 1864... Com o distanciamento histórico, podemos pensar que faltou a Pio IX a energia para dissociar os *dois planos,* temporal e espiritual, da monarquia pontifícia."[2]

"Na Alemanha, como na Itália, a questão da unidade tinha sido colocada a partir de 1815. Os patriotas liberais haviam tentado tirar proveito da crise revolucionária de 1848 para fundar a unidade alemã. Mas, entre os trinta e oito Estados alemães, havia duas *grandes* potências: a Áustria e a Prússia... Com *duas grandes guerras,* aprovadas por Bismarck, este realizou a unidade da Alemanha: a guerra de 1866 contra a Áustria; a guerra de 1870 contra a França."[3]

A GUERRA DE 1870
E O FIM DO PODER TEMPORAL DO PAPA.
O ANTICLERICALISMO.

I.15

Mars nous manasse[4] par la force bellique,
Septente fois fera le sang espandre:

[1] G.P. e M.R.
[2] D.D.P.
[3] H.F.A.M.
[4] *"Manace",* variante de *"menace":* "ameaça". D.A.F.L.

Auge[1] et ruyne de l'Ecclesiastique[2],
Et plus ceux qui d'eux rien voudront entendre.

Tradução:

A guerra nos ameaça com sua força belicosa e fará correr sangue em (18)70. O Eclesiástico será desprezado e arruinado, e haverá muitos que nem vão querer ouvir falar dele.

A história:

"A 8 de dezembro de 1869, Pio IX abriu o XX Concílio Ecumênico (Concílio Vaticano), durante o qual foi proclamada a infalibilidade do papa (18 de julho de 1870). No dia seguinte, a França declara *guerra* à Prússia. A 22 de julho, o papa, com uma última esperança, tenta intervir entre Guilherme I e Napoleão III. No dia 2 de setembro, Napoleão III se rende em Sedan, e em seguida a Itália comunica ao governo francês sua intenção de ocupar Roma. Pio IX se recusa a renunciar ao Estado Pontifício, como o intimam, e a Áustria se recusa a enviar o auxílio que ele pede contra os invasores. A Prússia também se coloca ao lado dos invasores. Enfim, a 20 de setembro de 1870, o General Cadorna *bombardeia ('ruyne')* a Porta Pia; o papa, depois de uma heróica defesa de suas tropas, manda hastear a bandeira branca da rendição, enquanto nesse mesmo dia, o poder temporal do papa era anulado no Capitólio. Deixava de existir o Estado Pontifício e Pio IX era, na realidade, um prisioneiro. Os monarcas e os governos do mundo não se interessaram *('desprezo')* pela anexação do Patrimônio de São Pedro. A 21 de março de 1871, o governo promulga a lei chamada de Garantias, que o papa, com muita razão, qualifica de absurda, astuciosa e injuriosa, visto que as *medidas contra a Igreja,* a repressão e os maus-tratos continuavam. Em Roma circulavam piadas heréticas sobre a sua pessoa"[3].

[1] Provérbio: "Mais vale carregar o bebedouro *('auge')*". Usado para exprimir desprezo por um emprego, um trabalho. D.L.7 V.
[2] Observar o *e* maiúsculo para designar o papa.
[3] D.D.P.

PIO IX À FRENTE DA IGREJA (16 de junho de 1846). A AJUDA DA FRANÇA (1848-1870). SEU PODER TEMPORAL ANULADO NO CAPITÓLIO (20 de setembro de 1870).

VI.13

Un dubieux[1] ne viendra loin du règne,
La plus grand part le voudra soustenir:
Un Capitole ne voudra poinct qu'il règne,
Sa grande charge ne pourra maintenir.

Tradução:

Um (papa), que será muitas vezes indeciso, subirá ao poder. A maior parte (império francês de Napoleão III) desejará apoiá-lo. No Capitólio, não desejarão que ele reine e ele não poderá manter sua grande força (poder temporal).

A história:

"Pio IX tinha o defeito de só saber reagir por meio de efusões sentimentais, quando era necessário o raciocínio lúcido de um homem de Estado para dominar um movimento que se precipitava. Assim, o *dilema ('dubieux')* entre sua função pontifícia e a de soberano interessado na felicidade do povo o lançou numa *confusão* cada vez maior, especialmente quando soou o brado de guerra nacional contra a Áustria... A 24 de novembro de 1848, Pio IX, vendo-se na situação de quase prisioneiro, fugiu para Gaeta, em território napolitano. Em Roma, foi declarado *destituído* de seus direitos temporais e proclamaram a República Romana. Pio IX roga às potências que o ajudem... A França, onde Luís Napoleão tinha sido eleito presidente poucos dias depois da fuga do papa, resolve intervir. No dia 2 de julho de 1849, os franceses tomam Roma; a 12 de abril de 1850, Pio IX, *convidado pela França ('la plus grand part le voudra soustenir'),* faz sua entrada na Cidade Eterna..."

"A 20 de setembro de 1870, o poder temporal do papa é anulado no *Capitólio.*"[2]

[1] Latim, *"dubius":* "que hesita entre duas partes", "irresoluto", "incerto". D.L.L.B.
[2] D.D.P.

O CONCÍLIO DO VATICANO (1870). NAPOLEÃO III EM MILÃO (1859). O BOMBARDEIO DA PORTA PIA, EM ROMA (20 de setembro de 1870).

III.37

Avant l'assaut l'oraison prononcée[1],
Milan prins d'Aigle par ambusche[2] déceus,
Muraille antique par canons enfoncée,
Par feu et sang à mercy peu receus.

Tradução:

Antes do ataque meditarão sobre a doutrina; a águia (Napoleão III), que ocupara Milão, será vítima de uma maquinação. As antigas muralhas (de Roma) serão derrubadas por canhão. Devido à luta de fogo e sangue, poucos terão direito à misericórdia (do papa).

A história:

"A capital lombarda, onde os velhos lembram ainda a vitoriosa passagem de Bonaparte, se cobre de bandeiras francesas e italianas. Napoleão III e Vítor Emanuel, lado a lado, fazem sua entrada na cidade em 8 de junho de 1859. *Milão* os recebe bem"[3].

"A presença da Força Expedicionária Francesa mantém o poder temporal do Papa Pio IX. Em 1860, tem início o conflito com o Piemonte; este começa por ocupar o norte do Estado Pontifício. O papa lança contra ele uma solene excomunhão *('à mercy peu receus').* Em virtude da Convenção de Setembro, assinada no dia 15 de setembro de 1864 *à revelia* do papa (maquinação), e pela qual o Piemonte se comprometia a não atacar os territórios pontifícios, Napoleão retira suas últimas tropas de Roma, que fica, assim, sem defesa contra o Piemonte. A legislação italiana se mostra cada vez mais hostil à Igreja. As tropas de Garibaldi, que devastavam *('par feu et sang')* o Estado Pontifício, foram derrotadas em 3 de dezembro de 1866, em Montana, pelas tropas pontifícias; as tropas francesas voltaram a ocupar Roma para proteger o papa.

[1] "Fazer oração": "meditar sobre a doutrina cristã e nossos deveres". D.L.7 V.
[2] "Maquinação", "cilada", "engano". D.L.7 V.
[3] L.S.E.O.A.

"Em 8 de dezembro de 1869, Pio IX abre o XX Concílio Ecumênico (Concílio Vaticano) *('oraison prononcée')*, durante o qual foi *proclamada* a infalibilidade do papa (18 de julho de 1870). No dia 2 de setembro, Napoleão III se rende em Sedan, e em seguida a Itália comunica ao governo francês sua intenção de ocupar Roma... Enfim, a 20 de setembro de 1870, o General Cadorna *bombardeia a Porta Pia ('muraille antique par canons enfoncée')*; o papa, depois da heróica defesa de suas tropas, manda hastear a bandeira branca da rendição, enquanto, nesse mesmo dia, o poder temporal do papa era anulado no Capitólio." [1]

A TRAIÇÃO DE BAZAINE. METZ E SEDAN. GARIBALDI (1870).

II.25

La garde étrange trahira forteresse
Espoir et umbre de plus hault mariage:
Garde déceuë, fort prinse dans la presse
Loire, Saone, Rosne, Gar à mort outrage.

Tradução:

A guarda da fortaleza trairá estranhamente com a esperança secreta de uma aliança mais forte; a guarda será desiludida, a cidadela presa em um torno, os exércitos do Loire, do Saône, do Ródano e de Garibaldi serão arrasados de modo ultrajante pela morte.

A história:

"Bazaine, sem querer retirar as defesas de Metz, não se movimenta durante dois dias. Protege-se sob a autoridade do imperador, sem dar uma ordem, sem mesmo tentar destruir as quatro pontes do Mosela, por onde o inimigo deveria passar... Para *cercá-lo entre os fortes* de Metz, Moltke, que, aparentemente, já o conhecia, não achou necessário imobilizar todo o efetivo dos exércitos de Steinmetz e Frederico Carlos... Sete tropas, ou seja, duzentos mil homens acampados nas colinas que *rodeiam a cidadela*, garantiam o *bloqueio*, à espera de sua rendição... O campo de Châlons, desprovido de qualquer organização defensiva,

---

1 D.D.P.

ficou ameaçado. Mac-Mahon viu-se forçado a tomar uma decisão. Ordena a evacuação do campo e manda que as tropas se dirijam para Reims. Solução provisória: ele espera ainda poder *dar uma mão* a Bazaine...

"Oitenta e três mil prisioneiros na rendição, mais de vinte e três mil vindos de combates anteriores. A Batalha de Sedan tinha custado três mil *mortos* e catorze mil feridos... O III e o IV Exércitos da Alemanha chegam às portas de Paris. O governo tenta fazer alguma coisa, reunindo as tropas desfalcadas, enquanto Thiers percorre os países da Europa pedindo auxílio, intervenção que é recusada por todos, delicadamente. Somente *Garibaldi*, adversário da França imperial, vai em socorro da França republicana. Os exércitos improvisados *nas províncias* conseguem algum sucesso. Mas Bazaine, depois de confusas negociações com Bismarck e um ensaio de intriga apoiado pela imperatriz, *se rende*, entregando, até, suas bandeiras." [1]

A DERROTA DE SEDAN. A TERCEIRA REPÚBLICA.

II.44

L'aigle poussée entour des pavillons [2],
Par autres oyseaux d'entour sera chassée
Quand bruit des cymbres [3], tubes [4] et sonnaillons [5]
Rendront le sens de la Dame insensée.

Tradução:

O imperador, tendo avançado até o campo de batalha, será caçado por outras águias (germânicas) vizinhas, quando o soar das trompas e das sinetas da cavalaria alemã devolverá à República as faculdades perdidas.

A história:

"O rei da Prússia, descendo pelo bosque da Marfée, chegou a Fresnois. Acreditava que Napoleão não estivesse

---

1 L.S.E.O.A.
2 Alojamento portátil de forma arredondada ou quadrada, que servia, antigamente, de acampamento para os soldados. D.L.7 V.
3 Povo germânico da margem direita do Elba. D.L.7 V.
4 Latim, *"tuba"*: "trompa militar". D.L.L.B.
5 "Sineta": no plural, conjunto de sinetas com que são ornamentados os arreios dos cavalos, das mulas, etc. D.L.7 V.

mais em Sedan. Quando foi informado do contrário, mostrou-se surpreso e reclamou várias vezes: '*O imperador está aqui!*'

"Depois disso, foi o salve-se quem puder, a derrota. Excetuando algumas companhias dispersas no sopé do monte Illy, os regimentos da Divisão Liebert, que continuam a luta, todas as unidades, *todas as armas,* espantosamente misturadas, refluem ao campo aberto de Sedan. A infantaria prussiana ataca, fazendo inúmeros prisioneiros. São duas horas: a batalha terminou, todo o exército foi vencido, o *império está perdido.*"

"A imperatriz, abandonada nas Tulherias, vê, da janela, a multidão na Rue Rivoli, iluminada pelas tochas, as bandeiras envoltas em crepe. O clamor faz tremer os vidros: 'Abaixo o Império! *Viva a República!*'... Os republicanos têm agora seu momento de vingança; não abrirão mão. Esperaram *dezoito anos*... A guerra na qual o regime precipitou o país, o modo pelo qual ele a conduziu, não permitem perdão. O Império foi condenado por seus atos. Sem piedade, os republicanos se encarregam de sua execução."[1]

NAPOLEÃO III NAS ARDENNES. A TERCEIRA REPÚBLICA.

V.45

Le grand Empire sera tost desolé,
Et translaté[2] près d'arduenne[3] silve[4]
Les deux batards[5] par l'aisné décollé[6],
Et regnera Aenobarb[7], nez de milve[8].

[1] L.S.E.O.A.
[2] Latim, *"translatus":* "transportado". D.L.L.B.
[3] Latim, *"Arduenna":* as Ardennes. D.L.L.B.
[4] Latim, *"silva":* "floresta". D.L.L.B.
[5] "Bastardos": nascidos de pais não casados. D.L.7 V.
[6] Latim, *"decollo":* "privo de alguma coisa". D.L.L.B.
[7] Domitius Aenobarbus: família patrícia de Roma que tirou seu sobrenome de "barba de bronze", porque a barba negra de um dos seus membros tornou-se *vermelha,* de repente. Domitius Aenobarbus era marido de Agripina e pai de Nero. De natureza violenta, habituado a orgias, declarou que dele e de Agripina só poderia nascer um monstro. D.H.C.D. Nostradamus estabelece um paralelo com a República Francesa, que acrescentou a cor *vermelha* à bandeira francesa. Resultado das idéias "socialistas" do século XVIII que ela disseminou pela Europa, ela termina por dar origem ao comunismo.
[8] Latim, *"milva":* fêmea do milhafre, fig. "harpia", termo injurioso. D.L.L.B.

Tradução:

O grande Império será logo devastado. O imperador irá para as proximidades da floresta das Ardennes. As duas personagens oriundas de regimes opostos (o Império e a República) privadas da monarquia pelo mais velho (o pretendente legitimista), reinará, então, a República, Marianne, a harpia.

A história:

"Napoleão parece em vias de se enganar mais uma vez, em vista de seu estranho despacho a Tronchu, perguntando se os soldados italianos deveriam se dirigir para Belfort ou para Munique! Ele quer voltar. O imperador, *nas Ardennes,* lhe pede que fique onde está...

"As conseqüências da *catástrofe que se abateu sobre o Segundo Império* pesaram de tal modo sobre a França, que quase não foi possível aos franceses considerar essa época e suas personagens com a serenidade exigida pela história."[1]

"*Monarquista* por origem, Thiers se tornou *republicano* pela razão. Thiers, em maio de 1873, atacou três deputados francamente republicanos. A Assembléia manifestou seu descontentamento. Thiers pediu demissão. A Assembléia elegeu, imediatamente, para substituí-lo, o Marechal MacMahon. Os monarquistas começaram, então, a trabalhar pela volta da monarquia. O clero encabeça a mais vigorosa campanha em favor do conde de Chambord, que já era chamado de Henrique V... As negociações foram interrompidas, e a restauração com Chambord passou a ser considerada impossível."[2]

[1] L.S.E.O.A.
[2] H.F.A.M.

DIVISÃO ENTRE OS ORLEANISTAS E LEGITIMISTAS (1871). AS CORTES MARCIAIS POSTERIORES À COMUNA.

VI.95

Par detracteur calomnié a puisnay [1],
Quand istront [2] faicts enormes et martiaux.
La moindre [3] part dubieuse [4] à l'aisné,
Et tost au regne seront faicts partiaux.

Tradução:

O representante do ramo mais velho será caluniado por um detrator, quando serão usadas as cortes marciais para atos excessivos; o menor partido (os orleanistas) terá dúvidas quanto ao mais velho; os partidos chegarão, então, rapidamente ao poder.

A história:

"A República, proclamada em Paris em 4 de setembro de 1870, teve um começo difícil. Não pôde evitar *a derrota.* Os republicanos eram ainda pouco numerosos no país e mal organizados; contudo, beneficiaram-se com a *divisão* dos monarquistas, divididos em legitimistas e orleanistas, e organizaram uma República provisória, presidida por Thiers. . . Os monarquistas tiraram Thiers do poder, acusando-o de se ter passado completamente para o lado da República. Sob a presidência do Marechal Mac-Mahon, preparavam a restauração da monarquia, mas foram prejudicados pela divisão, o que permitiu aos republicanos votar as leis constitucionais de 1875, que organizavam definitivamente a República" [5].

"As cortes *marciais* funcionam em Paris com uma atividade incrível. Logo cedo (domingo, 28 de maio de 1871), forma-se uma longa fileira de soldados na frente do Châtelet, onde se instala uma corte marcial permanente. De tempos em tempos, vê-se sair um grupo de quinze a vinte indivíduos condenados à morte. . ." [6]

---

1 *"Puiné":* o segundo em ordem de nascimento na família; "caçula". D.L.7 V.
2 *"Istre"*, forma de *"issir":* "sair". D.A.F.L.
3 Menor em dimensão, quantidade ou valor. D.L.7 V.
4 Latim, *"dubiosus":* "duvidoso". D.L.L.B.
5 D.H.3.
6 Aimé Dupuy: *1870-1871, la guerre, la commune et la presse.* A. Collin, 1959.

"Os primeiros atos do governo republicano foram para decidir a volta das Câmaras para Paris. Mas a vitória dos republicanos não pôs fim à luta *dos partidos.*" [1]

A QUEDA DE NAPOLEÃO III (4 de setembro de 1870). MAC-MAHON EM VERSALHES (1871) E SEU SETENATO (1873-1879). A CONSTITUIÇÃO DE 1875 (fevereiro-julho).

VI.52

En lieu du grand qui sera condamné [2],
De prison hors, son amy en sa place:
L'espoir Troyen [3] en six mois joint [4], mort né,
Le Sol à l'urne seront prins fleuves en glace.

Tradução:

No lugar do grande (imperador) que será rejeitado, uma vez saído da prisão, seu amigo tomará o poder em seu lugar; a esperança monárquica será abortada em seis meses, natimorta; a monarquia será abandonada, por causa de um voto, depois que os rios estiverem recobertos de gelo.

A história:

"A rendição do imperador e do exército de Sedan tiveram como conseqüência imediata a queda do Império".

"A partir de 5 de janeiro de 1871, os alemães despejaram uma chuva de obuses sobre os fortes e os bairros da margem esquerda do Sena. . . Paris estava sob a dupla ameaça da fome e da revolução. . . Não tinham madeira nem carvão *para um dos invernos mais rigorosos do século,* quando o vinho já congelava nos tonéis." [5]

---

1 H.F.A.M.
2 Latim, *"damno":* "condeno", declaro culpado", "rejeito". D.L.L.B.
3 *La Franciade:* poema épico inacabado de Ronsard: Francus, filho de Heitor, príncipe *troiano,* escapou da fúria dos gregos, depois do saque de Tróia. . . O destino o leva a fundar um novo império. . . Jacinta, que é profetisa, devia procurar Francus e fazer desfilar ante ele todos os reis dos francos que descenderiam dele, desde Faramundo até Carlos Magno. D.L.7. V. Nostradamus toma os troianos como símbolo da monarquia francesa.
4 Latim, *"junctus":* "unido", "ligado". D.L.L.B.
5 H.F.A.M.

"Mac-Mahon, ferido no começo da Batalha de Sedan, a 1.º de setembro, foi enviado como *prisioneiro* para a Alemanha. Depois dos Acordos de Paris, ele comanda o exército de Versalhes, que retoma a capitão das mãos da Comuna." [1]

"A 27 de outubro de 1873, as negociações foram interrompidas e a restauração com Chambord passou a ser considerada impossível. Os monarquistas não renunciaram, entretanto, à *esperança* de estabelecer a monarquia. Mac-Mahon recebeu a presidência por sete anos (19 de novembro de 1873)... No fim de 1874, depois da renovação geral dos Conselhos Municipais, que foi como um *plebiscito a favor ou contra a República,* não se podia duvidar de que a França era, majoritariamente, republicana. Então, no começo de 1875, a Assembléia resolveu iniciar o exame das leis constitucionais. Votou, sucessivamente, três leis (fevereiro-julho de 1875 [2]). Estas formaram o que se chamou a Constituição de 1875; são as mesmas que, um pouco modificadas em 1884, regem a França atualmente... A Constituição de 1875 *fundou* na França o *regime parlamentar."* [3]

"A Assembléia Nacional se dividiu em 31 de dezembro de 1875. As *eleições* para o Senado deram uma pequena maioria aos monarquistas, mas, na Câmara, a maioria republicana ganhou por duzentos votos. Mac-Mahon, para se adaptar à Constituição, formou um ministério republicano." [4]

A PAZ DE FRANKFURT (10 de maio de 1871). A ANEXAÇÃO DA ALSÁCIA E DA LORENA. ROMA, CAPITAL DA ITÁLIA (26 de janeiro de 1871).

VI.87

L'élection faicte dans Francfort,
N'aura nul lieu [5], Milan s'opposera,
Le sien plus proche semblera si grand fort,
Qu'outre le Rhin es Marechs [6] chassera.

---

[1] D.L.7 V.
[2] Seis meses.
[3] H.F.A.M.
[4] H.F.A.M.
[5] "Não ter lugar": "não ser recebido", "não ser admitido". D.L.7 V.
[6] *"Maresche"* ou *"Maresc":* alemão, *"Marsch";* inglês, *"marsh".* D.A.F.L. Daí, *"marche":* "fronteira militar de um Estado". D.L.7 V.

Tradução:

A eleição feita, (a França) não será recebida em Frankfurt; Milão se oporá (a Roma); seu vizinho mais próximo se tornará tão grande e tão poderoso, que estenderá suas fronteiras para além do Reno.

A história:

"A Paz de *Frankfurt:* durante o armistício, procedeu-se à *eleição* de uma Assembléia Nacional, que resolveu negociar a paz. As preliminares da paz foram assinadas em *Versalhes,* a 26 de fevereiro, e ratificadas em 1.º de março, em *Bordeaux.* A França perdeu a Alsácia, menos Belfort, o norte da *Lorena,* incluindo Metz. Essas preliminares foram transformadas em paz definitiva pelo Tratado de Frankfurt, em 10 de maio de 1871... Assim, dessa guerra terrível, a Alemanha saía unificada, *poderosa, preponderante* na Europa" [1].

"Desde 25 de janeiro de 1871, o príncipe-herdeiro e a Princesa Margarida passam a morar em Roma. O Senado, por noventa e quatro contra trinta e nove, vota a transferência da capital... Depois de uma longa provação e expiação, diz o rei, a Itália se rendeu a ela mesma e a Roma. 'Reconhecendo a independência absoluta da autoridade espiritual, podemos estar certos de que Roma, capital da Itália, continuará a ser a sede pacífica e respeitada do pontificado.' "

A ANEXAÇÃO DA ALSÁCIA-LORENA (1871). DERROTA DE BOURBAKI EM MANS, DE FAIDHERBE EM CAMBRAI, E DO EXÉRCITO DO LESTE NA FRONTEIRA SUÍÇA.

X.51

Des lieux plus bas du pays de Lorraine,
Seront des basses Allemagnes unies:
Par ceux du siège Picard, Normans, du Maisne [2],
Et aux cantons [3] se seront réunis.

---

[1] H.F.A.M.
[2] Antiga província da França, limitada ao norte pela Normandia, a leste por Orléans, ao sul por Anjou e Touraine e a oeste pela Bretanha; tinha por capital Le Mans. D.H.B.
[3] Na Suíça, cada um dos Estados que formavam a Confederação. D.L.7 V.

Tradução:

Os territórios situados abaixo da Lorena (Alsácia) serão reunidos ao sul da Alemanha, por causa dos combatentes (alemães) no cerco (de Paris), na Picardia, na Normandia e até o Maine, e das tropas francesas que se reunirão na Suíça.

A história:

"Os últimos combates: sem desesperar, Gambetta organizou uma nova investida. Três exércitos estavam operando em dezembro e janeiro: o Exército do Norte, comandado por Faidherbe, o II Exército do Loire, comandado por Chanzy, o Exército do Leste, comandado por Bourbaki. Chanzy colocou-se na margem direita do Loire, manobrando sempre de modo a poder lançar-se sobre Paris, se a vitória o favorecesse. Temendo perder seu exército, aproxima-se do Loire, indo depois em direção ao Sarthe. Vencido *em Mans* (10-11 de janeiro), tenta reorganizar seu exército em Mayenne.

"No norte, Faidherbe provou ter a mesma disposição. Vencedor em Bapaume a 3 de janeiro, a derrota de Saint-Quentin (18 de janeiro) faz com que volte para *Cambrai ('Picardia').*

"O Exército do Leste tinha o objetivo de acabar com o bloqueio de Belfort... Rechaçado para Besançon, depois para a fronteira suíça *('aus cantons réunis'),* cercado por dois exércitos alemães, o Exército do Leste pôde evitar a capitulação *atacando a Suíça,* onde foi derrotado (1.º de fevereiro de 1871).

"No entanto, para apressar a rendição de Paris *('siège'),* os alemães, preocupados com a longa resistência, resolveram bombardear a cidade...

"As preliminares da paz, negociadas por Thiers e Jules Favre, foram assinadas a 26 de fevereiro e ratificadas em 1.º de março, pela assembléia reunida em Bordeaux. A França perdia a Alsácia, menos Belfort *('lieux plus bas du pays de Lorraine'),* o norte da Lorena, incluindo Metz..." [1]

[1] H.F.A.M.

A DERROTA DE BOURBAKI (1.º de fevereiro de 1871). A PAZ DE FRANKFURT (10 de maio de 1871).

V.82

Au conclud pache hors de la forteresse
Ne sortira celui en désespoir mis:
Quand ceux d'Arbois [1] de Langres, contre Bresse [2]
Auront monts Dolle [3], bouscade [4] d'ennemis.

Tradução:

Na conclusão da paz fora de (Frank)furt, aquele que foi reduzido ao desespero não poderá sair, quando os de Arbois, vindos de Langres, contra Bresse, encontrarão nos montes do Jura uma emboscada inimiga.

A história:

"O Exército do Leste — cem mil homens concentrados ao redor de Bourges — tinha por objetivo acabar com o bloqueio de Belfort, onde Denfert-Rochereau resistia desde 3 de novembro. Mas, como o Exército de Châlons, ele manobrou com tanta lentidão que deu tempo aos alemães para se organizarem. Vitorioso em Villersexel [5] (9 de janeiro de 1871), Bourbaki não conseguiu avançar sobre *Héricourt* [6] (15-17 de janeiro). Repelido para *Besançon,* depois para a fronteira suíça, *cercado por dois exércitos alemães,* o Exército do Leste só conseguiu evitar a capitulação atacando a Suíça, onde foi derrotado (1.º de fevereiro de 1871)".

"As preliminares da paz, negociadas por Thiers e Jules Favre, foram assinadas a 26 de fevereiro e ratificadas em 1.º de março pela assembléia reunida em *Bordeaux.* Essas preliminares foram transformadas em paz definitiva pelo Tratado de *Frankfurt,* em 10 de maio de 1871." [7]

[1] Capital de um cantão do *Jura.*
[2] Região situada na margem esquerda do Saône, nos departamentos de Ain, Saône, Loire e *Jura.* D.L.7 V.
[3] Capital de um distrito do *Jura.*
[4] Latim, *"boscum":* "bosque", "emboscada" (lugar onde se coloca uma tropa para atacar o inimigo de surpresa). D.L.7 V.
[5] Capital de um cantão da Haute-Saône.
[6] Capital de um cantão da Haute-Saône. Depois da derrota de Héricourt, começou a desastrosa retirada do Exército do Leste, através do *Jura.* D.L.7 V.
[7] H.F.A.M.

A COMUNA E A GUERRA CIVIL
(18 de março-28 de maio de 1871)

II.77

Par arcs [1] feux, poix[2] et par feux repoussés [3],
Crys, hurlements sur la minuict ouys:
Dedans sont mis par les remparts cassez [4],
Par canicules les traditeurs [5] fuys.

Tradução:
Pela curva (trajetória) do fogo, rechaçados pelos incêndios devido ao óleo, os gritos e os lamentos serão ouvidos na noite; entrarão pelas fortalezas vazias e os traidores fugirão devido ao calor extremo.

A história:
"Mais ou menos às dez horas, alguns homens empunharam as armas; os outros acompanharam. A morte dos generais Lecomte e Clément Thomas, fuzilados durante a tarde, por um bando de assassinos e *soldados amotinados,* irritou os ânimos, tornando impossível qualquer conciliação. Foi o primeiro episódio de uma violenta guerra civil que durou dois meses. Em Paris, Thiers não tenta resistir. Retira-se para Versalhes, deixando o campo livre aos *revoltosos,* abandonando, até mesmo, *os fortes.* A Comuna organiza a luta contra o governo de Versalhes. A guerra teve um caráter de violência único. Quando Thiers conseguiu formar, com os prisioneiros chegados da Suíça e da Alemanha, um forte exército de cento e cinqüenta mil homens, iniciou o segundo cerco de Paris. O cerco durou cinco semanas. No domingo, 21 de maio, mais ou menos às quatro horas, os fuzileiros navais encontraram *uma porta abandonada* em Auteuil, perto do Sena.

"O exército entrou em Paris. Numa crise de fúria e de destruição, os *federados,* sentindo-se perdidos, *incendiaram* as Tulherias, o Tribunal de Contas, o Palácio da Justiça, a Prefeitura, a Câmara Municipal, a Estação de Lyon, algumas das inúmeras casas residenciais. O Sena corria entre dois muros de *fogo.* Os *obuses incendiários,* lançados das montanhas do leste, choviam sobre o centro da cidade. Os reféns foram assassinados (24-26 de maio). Diante de tanta violência, as tropas não davam quartel. Segundo os dados oficiais, a batalha fez seis mil e quinhentas vítimas, mortas em combate ou fuziladas. Trinta e seis mil prisioneiros foram *levados* ao Conselho de Guerra, e treze mil foram condenados à pena política de deportação." [1]

[1] Latim, *"arcus":* "curvaturas". D.L.L.B.
[2] Mineralogia: nome geralmente dado aos betumes; distinguem-se quatro tipos de betume: a nafta ou *petróleo,* etc. D.L.7 V.
[3] Latim, *"repello, repulsus":* "repelir", "afastar", "recalcar". D.L.L.B.
[4] Latim, *"cassus":* "vazio". D.L.L.B.
[5] Latim, *"traditor":* "traidor". D.L.L.B.

BAZAINE E O ABANDONO DE METZ (1870).
MORTE DE NAPOLEÃO III (1873).

IV.65

Au deserteur de la Grand forteresse,
Après qu'aura son lieu abandonné:
Son adversaire fera grand prouësse
L'empereur tost mort sera condamné.

Tradução:
Quando o desertor da grande fortaleza tiver abandonado o lugar, o inimigo fará grandes proezas e o imperador morrerá logo depois.

A história:
"Mac-Mahon, advertido de que Bazaine não tinha saído de *Metz,* resolveu abandoná-lo à sua sorte... À uma e meia do dia 14 de agosto, Napoleão deixa Metz, precedido pelos Cem Guardas. O exército, pouco depois, o acompanha, numa longa coluna... Cai a noite e eles continuam a caminhar. Bazaine ordena a *retirada...* Do seu quartel-general em Ban-Saint-Martin, bairro de Metz, o marechal, em 19 de agosto, garante ao imperador que ordenou apenas uma mudança do *front* para impedir que o exército fosse cercado. Pretende tomar a direção norte e continuar por Sedan e Mazières para chegar a Châlons. Assim, conscientemente, ele engana o imperador, e, convencendo-o de que pretendia ainda acompanhá-lo, se joga no abismo. *Sedan,* a palavra está escrita no seu despacho. Bazaine, por sua *men-*

[1] H.F.A.M.

tira, tornou-se a isca da armadilha final que *vai perder Napoleão*...

"O governo da Defesa, contra a vontade de Gambetta, cheio de patriotismo, e que queria continuar a luta, solicita, enfim, a suspensão da luta e Paris se rende... A Alsácia, um terço da Lorena, Estrasburgo e Metz, cinco milhões, esse o preço exigido pelo Skylock prussiano. *Os alemães vitoriosos desfilam nos Champs-Élysées*... Dezoito meses mais tarde, a 7 de janeiro de 1873, Napoleão III, prestes a tentar voltar da ilha de Elba, *sucumbe,* em Chislehurst, do mal de que há tanto tempo sofria." [1]

A BELLE ÉPOQUE (1900). REIMS, PALCO DA GUERRA (1914-1918).

III.18

Après la pluye de laict assez longuette,
En plusieurs lieux de Reims [2] le ciel touché [3],
O quel conflit de sang près d'eux s'appreste,
Peres et fils Roys n'oseront approché.

Tradução:
Depois de um período de calma bastante longo, vários lugares ao redor de Reims serão atingidos pelo céu: Oh, que conflito sangrento se prepara para eles; pais e filhos, governantes não ousarão se aproximar desses lugares.

A história:
"Quarenta e quatro anos, quase dia a dia, depois de Froeschwiller e Saint-Privat, e os exércitos franceses e alemães se defrontavam novamente... Essa guerra, a maior e mais *sangrenta* de todas, surgiu como um imenso cataclismo" [4].

"A guerra de 1914, longa e violenta, dará, retrospectivamente, aos anos 1900, um sabor de *idade de ouro.* A

[1] L.S.E.O.A.
[2] Capital do departamento do *Marne.* Local de numerosas batalhas. *Reims* sofreu bastante na Primeira Guerra Mundial, como todo o resto do país. Devastada, em parte, foi reconstruída sem que se desse grande importância à urbanização. A.E.
[3] "Toque": "golpe", "ação de atacar". D.L.7 V.
[4] L.C.H.3.

vida fácil da burguesia próspera permite que falemos em *Belle Époque.* Mas foi ela que justificou a expressão." [1]

"Os *preparativos* em 1913: a Alemanha se arma extraordinariamente e gasta somas enormes para aperfeiçoar e adquirir material bélico. Diretamente visada, a França respondeu, em 7 de agosto de 1913, votando uma lei que elevava para três anos a duração do serviço militar."

"Essa guerra do século XX foi a mais cruel de todas as guerras cruéis."

"Em Flandres e na Picardia, os planos de Ludendorff foram frustrados pela presteza do exército francês; em 27 de maio de 1918, com um novo ataque de surpresa, os alemães vencem a linha de frente da França, entre Soissons e *Reims,* no Chemin des Dames. O efeito moral foi devastador... Ludendorff resolveu dar um golpe decisivo em Foch, atacando numa frente de noventa quilômetros, de um lado, e do outro, *Reims*... Pela segunda vez, uma vitória do *Marne* decidia a sorte da guerra.

"Esse triunfo de emocionante grandeza, a França o conquistou com enormes sacrifícios. De todos os países beligerantes, foi o que mais contribuiu com sua cota de *sangue:* mais de um milhão e meio de mortos, quase três milhões de feridos. Os campos mais férteis transformaram-se num *deserto* sem árvores, sem relva, sem casas. As grandes cidades, como *Reims,* Arras, Soissons, Verdun, Saint-Quentin, eram montes de ruínas."

A GUERRA DE 1914-1918. A GRIPE ESPANHOLA (1918).

IX.55

L'horrible guerre qu'en Occident s'appreste,
L'an ensuyvant viendra la pestilence [2]
Si fort terrible que jeune, vieil et beste,
Sang, feu, Mercur [3], Mars, Jupiter [4], en France.

[1] H.F.A.M.
[2] "Peste", doença contagiosa em geral. D.L.7 V.
[3] Filho de Júpiter, mensageiro dos deuses, deus da eloqüência, do comércio e dos *ladrões.* D.L.7 V.
[4] Divindade principal dos romanos, deus *soberano do céu* e do mundo. "Jupiteriano": de natureza imperiosa, dominadora. D.L.7 V.

Tradução:

A horrível guerra que se prepara no Ocidente; no ano seguinte, virá uma epidemia tão terrível, que atingirá os jovens, os velhos, os animais, quando o fogo, o sangue, a pilhagem, a guerra, a aviação chegarem à França.

A história:

"A epidemia de 1918 levou à morte quase quinze milhões de pessoas, no mundo inteiro" [1].

"O conflito, que começou no dia 2 de agosto de 1914, foi resultado das rivalidades imperialistas entre as grandes potências *européias,* de há meio século... A guerra se desencadeou em diversos pontos do globo, em terra, no ar, no mar, sendo que os *fronts* principais estavam na Europa... [2] *('en Occident'!)* Os alemães queriam a destruição completa do adversário e atacaram maciçamente, em 21 de fevereiro de 1916, na zona de Verdun. Foi o início da batalha mais violenta e *sangrenta* dessa guerra. Seu resultado: mais de setecentos mil mortos e feridos." [3]

"Lança-chamas e granadas davam uma característica particularmente cruel aos combates. Mas a arma mais terrível era o gás asfixiante, usado pela primeira vez pelos alemães em 22 de abril de 1915... Outra arma: o *aeroplano,* que, a princípio, era usado para vigiar as manobras do inimigo. Logo, sua missão foi o domínio do espaço aéreo..." [4]

O EXÉRCITO ALEMÃO EM 1914-1918. AS CONDIÇÕES DA PAZ.

IV.12

Le camp [5] plus grand de rouste mis en fuite,
Guaires [6] plus outre ne sera pourchassé:
Ost [7] recampé et légion [8] réduicte
Puis horst de Gaule le tout sera chassé.

---

1 E.U.
2 E.U.
3 A.E.
4 A.E.
5 Terreno sobre o qual um exército ergue seus alojamentos; por extensão, exército em geral. D.L.7 V.
6 *"Guaires", "gaires", "guères":* "bastante". D.A.F.L.
7 "Exército", "campo", "tropa". D.A.F.L.
8 Latim, *"legio":* "tropa", "exército". D.L.L.B.

Tradução:

O maior exército (alemão), posto em fuga e derrotado, não será perseguido além (do Reno). Porque as tropas acamparão mais uma vez (depois de 1870), o exército ficará reduzido. Todo ele será expulso da França.

A história:

"Por ser o risco da guerra seu destino e sua própria existência, os principais beligerantes usaram todos os seus recursos materiais e morais. Calcula-se em *catorze milhões* o número de alemães mobilizados, e em mais de *oito milhões* o de franceses, de 1914 a 1918".

"Da Argonne ao mar do Norte, a ofensiva foi imbatível. Apesar da resistência desesperada, o inimigo enfraquecia visivelmente, *recuava* em todas as frentes... Eram as seguintes as cláusulas principais do armistício de 11 de novembro de 1918: evacuação, em quinze dias, dos territórios ocupados na França, na Bélgica e na Alsácia-Lorena; evacuação em um mês de toda a *margem esquerda do Reno,* que seria ocupada pelos Aliados, com cabeças-de-ponte na *margem direita,* em Mogúncia, Coblença e Colônia."

"Não foi difícil chegar a um acordo quando foi imposta à Alemanha a supressão do serviço militar obrigatório e a *redução do exército alemão* a cem mil homens."

"Uma das condições, a mais importante para a França, estava implícita no próprio armistício: como reparação imediata da violação do direito estabelecido em 1871, a Alsácia-Lorena voltava para a França." [1]

A GRANDE GUERRA (1914-1918). PERDAS EM HOMENS. A DESVALORIZAÇÃO DA MOEDA.

VII.25

Par guerre longue l'exercite [2] expuiser
Que pour soldats ne trouveront pecune [3]:
Lieu d'or, d'argent, cuir on viendra cuser [4],
Gaulois aerain [5], signe croissant de Lune.

---

1 H.F.A.M.
2 Latim, *"exercitus":* "exército". D.L.L.B.
3 Latim, *"pecunia":* "fortuna", "riqueza", "moeda". D.L.L.B.
4 Latim, *"cudere argentum":* "cunhar moedas". D.L.L.B.
5 Latim, *"aes":* "moeda", "dinheiro". D.L.L.B.

Tradução:

Por uma longa guerra, o exército sofrerá tantas perdas, que não haverá dinheiro para os soldados. O couro será usado em lugar do ouro e do dinheiro; a moeda francesa terá a forma da lua crescente.

A história:

"A guerra exige ininterruptamente *mais armas e mais munição.* Os beligerantes tinham pensado em uma guerra curta e violenta; porém, viram-se comprometidos com uma *guerra de longa duração.* Desde setembro de 1914, dos dois lados, começaram a surgir as *crises de material* e de munição".

"Conseqüências financeiras da guerra: não é fácil precisar as despesas que a guerra impôs aos beligerantes. Mas temos os dados da dívida do Estado: a dívida interna era, em 1919, de quase oito bilhões de libras, na Inglaterra; de duzentos e dezenove bilhões de francos, na França. Quanto ao *papel-moeda* emitido durante a guerra, em caráter de emergência, não pôde mais ser *convertido em ouro.* Deveriam reduzir a quantidade em circulação (deflação)? Ou, ao contrário, manter a inflação e desvalorizar a moeda corrente? Deveriam voltar ao *padrão ouro?* Esses os problemas que, ao lado de muitos outros, se apresentavam ao setor financeiro."

"A França teve de abandonar a política que praticava desde o fim da guerra, e de renunciar a obter sozinha a execução de um tratado que os principais signatários abandonavam, de um modo ou de outro. Essa nova atitude se explica pelo estado das finanças de um país cujos cofres estavam vazios e cuja moeda estava oscilante.

"A guerra durou quatro anos e três meses. A França teve um milhão e trezentos e noventa e três mil mortos, quase três milhões de feridos (um morto por vinte habitantes)." [1]

[1] L.M.C.

GAND, CIDADE DAS ALIANÇAS E DOS TRATADOS (1576, 1678, 1792, 1795, 1918). A TOMADA DE ANTUÉRPIA E AS INUNDAÇÕES (8 de outubro de 1914).

X.52

Au lieu ou LAYE et Scelde [1] se marient
Seront les nopces de longtemps maniées:
Au lieu d'Anvers ou la crappe [2] charient,
Jeune vieillesse conforte [3] intaminées [4].

Tradução:

Na confluência do Leie com o Escalda (Gand) serão assinadas alianças durante longo tempo. Em Antuérpia, onde os cursos d'água carregarão lixo (cadáveres). Os jovens e os velhos ainda não dizimados sustentarão (o combate).

A história:

"Em 1576, foi assinada a famosa Paz de Gand, pela qual as províncias do norte e do sul dos Países Baixos *uniram-se* contra os espanhóis *('alianças').* Gand foi tomada em 1678 por Luís XIV, em 1745 por Lowendahl, em 1792 e 1795 pelos exércitos da República. No tempo do Império, tornou-se a capital do departamento de Escaut *(Scelde).* Luís XVIII retirou-se para Gand durante os Cem Dias (1815). Neste mesmo ano, a Inglaterra e os Estados Unidos assinaram com Gand um tratado de paz" [5].

"A 11 de novembro de 1918, às cinco horas da manhã, o armistício foi assinado. O cessar-fogo da grande guerra soou às onze horas. Naquela manhã, o *front* passava perto de Gand. . ." [6]

"Os dois comandos tentaram sua última cartada: as tropas do exército, esforçando-se para cobrir a maior extensão possível, dirigem-se para o norte, no que foi chamado "corrida para o mar". Essas grandes batalhas deram aos franceses Amiens, Arras, e aos alemães, Lille, Roubaix, Tourcoing. Ingleses e franceses auxiliaram o exército belga,

[1] "Escaut", "Scaldis" ("Scelde"). A cidade de Gand fica na confluência do Leie com o Escalda. D.H.B. e A.U.
[2] *"Crape":* "lixo". D.A.F.L.
[3] "Confortar", "sustentar". D.A.F.L.
[4] Latim, *"intaminatus":* "puro", "não contaminado". D.L.L.B.
[5] D.H.B.
[6] H.F.A.C.A.D.

que, depois de abandonar *Antuérpia* (8 de outubro de 1914), dirigiu-se para o Yser. Os alemães retomaram em nove dias os fortes de *Antuérpia;* 'a pistola apontada para o coração da Inglaterra' caiu em mãos terríveis; as tropas que Von Falkenhayn usou na Batalha de Flandres eram constituídas de formações novas: estudantes, professores, alistados, de dezesseis a cinqüenta anos *('jeune vieillesse'), impacientes para desfechar os últimos golpes.* Depois dos violentos combates em Dixmude sobre o Yser, pequeno rio costeiro, a batalha estourou e se estendeu sobre o terreno alagado pela inundação *('crappe charrient')* e debaixo de chuva torrencial." [1]

"Por ocasião da declaração da guerra, a 4 de agosto de 1914, os jovens alemães aplaudiram com entusiasmo." [2]

A REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE (1917). AS INTERVENÇÕES DOS ESTRANGEIROS NA RÚSSIA (1917-1922). A PROCLAMAÇÃO DA URSS (1922).

Presságio 62

Courses [3] de LOIN, ne s'apprester conflits,
Triste entreprise, l'air pestilent, hideux:
De toutes parts les Grands seront afflits,
Et dix et sept assaillir vint et deux.

Tradução:

As incursões hostis virão de longe, de homens que não estarão preparados para o conflito, por causa de um triste empreendimento (a revolução), que tornará o ar irrespirável e odioso; de todos os lados, chefes de Estado serão afligidos e atacarão (os russos) de 1917 a 1922.

A história:

"A Revolução Bolchevique determinou um curso completamente diverso para a história da Rússia, uma reviravolta nas estruturas políticas, administrativas, econômicas e sociais... A realidade do novo regime só se tornou evidente em outubro de 1917. Vinte anos de lutas internas

[1] *Prologue à notre siècle — Histoire universelle,* tomo XI. A. Jourcin. Librairie Larousse, 1968.
[2] E.U.
[3] Arte militar: "incursões hostis". D.L.7 V.

constituem um *período trágico ('triste entreprise')* da história da Rússia, ex-império que, em 1922, transformou-se na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas... A partir de outubro, o novo governo teve de lutar não somente contra a oposição no próprio país, mas também contra a *intervenção estrangeira:* a Rússia retirou-se da guerra pelo Tratado de Brest-Litovski (3 de março de 1918), os exércitos franceses, ingleses, americanos e japoneses apoiaram a guerra civil até novembro de 1920, com um prolongamento no *Extremo Oriente* até novembro *de 1922"* [1].

"A Revolução Russa começou sem violência, mas um atentado contra Lênin e a guerra civil desencadearam o *Terror.* De 1919 a 1920, as vítimas de execuções, da fome *('hideux'), das epidemias ('l'air pestilent')* chegaram a cerca de sete milhões de pessoas. Lênin lançou as palavras de ordem: 'morte ou vitória'." [2]

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO (1917). O MISTÉRIO DO MASSACRE DOS ROMANOV.

Presságio 89, outubro

Voici le mois par maux tant a doubter [3],
Mors, tous seigner [4] peste, faim, quereller:
Ceux du rebours [5] d'exil viendront noter [6],
Grands, secrets, morts, non de contreroller [7].

Tradução:

Eis o mês (outubro) notável pelas desgraças que trará. Todos aqueles da bandeira vermelha trarão a morte, a doença, a fome e a guerra civil. Os seus oponentes serão condenados ao exílio, e não será possível controlar a morte dos grandes, que permanecerá secreta.

A história:

"Em outubro de 1917, a situação interna da Rússia

[1] E.U.
[2] L.M.C.
[3] Exemplo de aférese.
[4] Latim, *"signum":* "bandeira vermelha". D.L.L.B. Origem de *"seignière":* "pedaço de pano", "echarpe". D.A.F.L.
[5] Em sentido figurado: "ao contrário do que deve ser". D.L.7 V.
[6] Latim, *"notare":* "censurar", "condenar". D.L.L.B.
[7] Forma antiga de *"contrôler"* ("controlar"). D.A.F.L.

era *catastrófica.* A inflação do papel-moeda e o peso das dívidas do Estado levavam a uma inevitável insolvência financeira...

"O *levante de outubro* (15 de outubro a 1.º de novembro): quando Kerenski deixou Petrogrado para comandar as tropas que chegavam do *front,* marinheiros, soldados, trabalhadores da *Guarda Vermelha* tomaram o Palácio de Inverno, dissolveram o Parlamento, prenderam os membros do governo provisório. As tropas que avançavam sobre Petrogrado, pouco dispostas a combater, viram seu avanço contido como dois meses atrás; seus chefes começaram a dialogar com os bolcheviques; Kerenski conseguiu escapar de ser preso. No entanto, em Petrogrado, e depois em Moscou, as tentativas dos oficiais para restabelecer o governo não tiveram sucesso. No plano político, a Revolução Bolchevique era vitoriosa no dia 1.º de novembro." [1]

"Em julho de 1918, quando estavam nas mãos dos comunistas, o czar da Rússia, Nicolau II, sua mulher, Alexandra, e seus cinco filhos *('grands')* desapareceram e nunca mais foram vistos. Oficialmente, foram *mortos* a tiros de fuzil e a golpes de baioneta na casa onde se encontravam prisioneiros. Porém, nos cinqüenta anos seguintes, o *mistério* e as contradições relativos a esse caso aumentaram cada vez mais, mascarando a verdade, criando lendas, aumentando a confusão... Embora a versão do massacre tenha sido questionada seriamente, nossas descobertas não nos esclareceram sobre o verdadeiro destino dos Romanov *('non de contreroller')."* [2]

A INTERNACIONAL E O MARXISMO NA RÚSSIA. O ALCANCE DAS IDÉIAS COMUNISTAS. AS PRISÕES.

I.14

De gent esclave [3], chansons, chants et requestes,
Captifs par Princes et Seigneurs aux prisons:

[1] E.U.
[2] L.D.R.
[3] Eslavônia: antigo nome da Rússia, país de eslavos. D.H.B.

A l'advenir par idiots sans testes,
Seront receus par divines oraisons.

Tradução:

Os cantos e os pedidos dos russos, quando os chefes de Estado enviarão os homens para a prisão, serão aceitos como discursos divinos pelos homens sem cérebro e estúpidos.

A história:

"De 3 a 19 de julho de 1921, reuniu-se em Moscou o Congresso da Internacional Sindical Vermelha. No II Congresso da Internacional Comunista, os sindicalistas russos, italianos, franceses, espanhóis, búlgaros, iugoslavos, publicaram uma declaração *('pedidos'),* que, denunciando a pseudoneutralidade sindical (o apolitismo) e a prática reformista dos dirigentes da Federação Sindical Internacional conclamava os revolucionários a militar nos sindicatos reformistas" [1].

"Expurgos em massa: enquanto se multiplicavam as *prisões* por crimes anti-revolucionários, entre 1936 e 1937, os expurgos se estendiam além do quadro do Partido, para atingir todos aqueles que tinham qualquer ligação com as vítimas, por mais discreta que fosse.

"As grandes *prisões:* três das cinco principais prisões de Moscou foram reservadas aos presos políticos, embora muitos tivessem ficado junto com presos comuns... Foram instalados diversos campos de trabalhos forçados. O campo Kargopol, por exemplo, na região de Arkhanguelsk, era formado por vários campos pequenos num raio de cinqüenta e cinco quilômetros, e continha cerca de *trinta mil prisioneiros,* em 1940. Tinha sido fundado em 1936 por seiscentos prisioneiros que tinham sido jogados do trem no meio da floresta: levados pela necessidade, construíram eles próprios os alojamentos e as prisões." [2]

[1] E.U.
[2] L.G.T.

A UNIÃO SOVIÉTICA SE CONSTITUI GRAÇAS A DUAS GUERRAS (1914 e 1939). A QUEDA DO CZAR — STÁLIN NO PODER.

V.26

La gent [1] esclave par un heur [2] martial,
Viendra en haut degré tant eslevée:
Changeront prince, naistra un provincial,
Passer la mer, copie [3] aux monts levée.

Tradução:

A Rússia alcançará tanto poder depois da guerra que mudará seu príncipe por uma personagem nascida na província; depois, seu poder chegará até o mar e conduzirá suas tropas para além das montanhas.

A história:

"Quando, pelo Tratado de Brest-Litovski (3 de março de 1918), a Rússia se retirou da guerra, os exércitos franceses, ingleses, americanos e japoneses apoiaram a guerra civil até novembro de 1920, com um prolongamento no Extremo-Oriente até novembro de 1922. Rejeitando (*'heurt martial'*) a intervenção estrangeira e os restos dos exércitos brancos, dizimados em solo russo, o governo bolchevique, ainda assim, se encontra em grande dificuldade. Os três primeiros anos da revolução foram caracterizados por um abuso do período do 'comunismo de guerra' ".

"Iossif (José) Vissarionovitch Djugatchvili nasceu em Gori, na *Geórgia,* em 1878 *('un provincial').* Stálin!

"Passando da posição defensiva para uma situação de força, a URSS entrou na Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939, ao lado da Alemanha, com a qual assinara, em 23 de agosto, um pacto de não-agressão, e participou da partilha da Polônia, que lhe permitiu anexar as províncias polonesas ocidentais, habitadas pelos bielo-russos e ucranianos, reanexados, em novembro, às repúblicas soviéticas da Bielo-Rússia e da Ucrânia. Obrigou a Romênia a lhe ceder a Bessarábia e a Bucovina do Norte (28 de junho

1 Latim, *"gens":* "raça", "população". D.L.L.B.
2 "Oportunidade", "acontecimento feliz". D.L.7 V.
3 Latim, *"copia":* "corpo do exército", "tropas", "forças militares". D.L.L.B.

de 1940). A 22 de junho de 1941, com o ataque alemão, começou para a Rússia 'a grande guerra nacional do povo soviético contra os invasores alemães', que, por suas conseqüências, marcaria uma mudança na sua história *('haut degré tant élevé par un heur martial')."* [1]

A GUERRA DOS BÁLCÃS (1908-1919). MUSTAFÁ KEMAL (1920).

II.49

Les Conseillers du premier monopole [2],
Les conquérants séduits [3] par la Melite [4]
Rodes, Bisance pour leurs exposant [5] pole [6],
Terre faudra [7] les poursuivants de fuite.

Tradução:

Os conselheiros jurídicos do primeiro presidente serão postos de lado em Malta pelos conquistadores (os aliados), por causa do abandono das cidades de Rodes e Constantinopla; depois, esses territórios faltarão aos seus perseguidores, que serão postos em fuga.

A história:

"Em setembro de 1911, a Itália, desejando apossar-se da Tripolitânia, declara guerra ao Império Otomano e desembarca tropas em Trípoli, enquanto sua frota conquista *Rodes* e o Dodecaneso. A luta foi dura na Tripolitânia, e representou apenas o ensaio da guerra dos Bálcãs, que os levou a *ceder* a Turquia... A 18 de outubro de 1912, os Estados balcânicos declaram guerra à Turquia... A frota grega se encarrega do mar Egeu...

"A capitulação da Bulgária (29 de setembro de 1918) segue-se imediatamente à da Turquia; um armistício é assinado a 30 de outubro de 1918 em Moudros, tendo como

1 E.U.
2 Qualquer direito detido exclusivamente por uma pessoa ou por um pequeno número de pessoas. D.L.7 V.
3 Latim, *"seductus":* "posto de lado", "afastado". D.L.L.B.
4 Habitante de Malta.
5 Latim, *"expositus":* "abandonado". D.L.L.B.
6 Grego: "πόλις": "cidade". D.G.F.
7 Futuro de *"faillir":* "faltar". D.A.F.L.

cláusulas principais a liberdade dos estreitos e a *ocupação de Constantinopla.*

"A 4 de setembro de 1919, reúne-se o Congresso Nacional de Sivas. Mustafá Kemal é eleito seu presidente *('le premier'),* e toma posição claramente hostil em relação às potências e ao governo de Istambul. A 16 de março de 1920, os ingleses fazem com que as tropas aliadas ocupem o Ministério da Guerra e da Marinha, a direção da Polícia e a dos Correios, enquanto os *deputados e as pessoas ilustres ('Conseillers')* favoráveis a Mustafá Kemal são presos e *exilados em Malta*...

"A Conferência de Lausanne, aberta em 21 de novembro de 1922, terminou com a assinatura da paz, em 24 de julho de 1923. Foi uma vitória para os turcos, que obtiveram como fronteira na Trácia o rio Maritza e recuperaram as ilhas de Imbros e Tênedos... Os Aliados evacuaram *Istambul* seis semanas depois da ratificação da paz."[1]

A REVOLUÇÃO TURCA (1920). O IMPÉRIO OTOMANO PERDE O EGITO. SEU DESMEMBRAMENTO.

I.40

La trombe[2] fausse dissimulant folie,
Fera Bisance un changement de loix,
Hystra[3] d'Égypte, qui veut que l'on deslie
Edict changeant monnoye et alloi[4].

Tradução:

Uma falsa revolução, escondendo a loucura, mudará as leis da Turquia. O Egito sairá (do império), que será desmembrado. Seus editos mudarão as moedas e as paridades.

A história:

"O Congresso de Berlim (13 de junho de 1878) é uma nova e grave etapa no desmembramento do Império Otomano; se no Oriente só tinha perdido o *Egito,* ao qual a Inglaterra impunha cada vez mais o seu domínio, na Europa possui apenas pequenos territórios, restos miseráveis de um domínio que os nacionalismos locais, com o apoio das grandes potências, destruíram aos poucos.

"A *revolução* de Mustafá Kemal: criando um partido único, anulando a oposição, Mustafá Kemal recobrou a confiança do povo turco ('falsa revolução').

"Na política interna, os fatos marcantes são a abolição da poligamia, a supressão das ordens religiosas e a interdição do uso do fez (agosto-novembro de 1925); a instituição de *novos códigos — civis ('nouvelles lois'),* criminal e comercial —, elaborados com base nos códigos suíço, italiano e alemão; a aplicação de tarifas aduaneiras protetoras... Em 1931, o Banco Central da República foi definitivamente organizado: sucedeu ao Banco Otomano como banco do Estado e instituiu a emissão ('moeda')."[1]

[1] H.D.T.
[2] Latim, *"tropa":* "revolução". D.L.L.B.
[3] Futuro de *"issir":* "sair". D.A.FL.
[4] *"Aloi":* "ouro", "dinheiro". D.L.7 V.

O LAGO LÉMAN (GENEBRA, EVIAN), CENTRO DE CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS. A SDN, A ONU, A CRUZ VERMELHA.

I.47

Du Lac Leman les sermons fascheront,
Des jours seront reducts[2] par des semaines
Puis mois, puis an, puis tous défailleront
Les Magistrats damneront leurs lois vaines.

Tradução:

Os discursos do lago Léman serão causa de desavença; os dias serão seguidos pelas semanas, depois pelos meses e pelos anos, e depois tudo terminará e os legisladores amaldiçoarão suas leis inúteis.

A história:

"O problema da proteção às vítimas de guerra, no fim da Segunda Guerra Mundial, foi colocado com uma amplitude jamais vista. Alguns princípios que figuravam nas *Convenções de Genebra* de 22 de agosto de 1864, revisados em 1905, e depois em 1929, não pareciam muito adequados ao caráter de guerra total que apresentaram os conflitos de 1914-1918, e, especialmente, os de 1939-1945. Havia ne-

[1] H.D.T.
[2] Latim, *"reducto":* "reconduzo". D.L.L.B.

cessidade de novos textos *('sermons')*. Preparados pela Conferência Internacional da Cruz Vermelha, em Estocolmo, em agosto de 1948, foram submetidos à Conferência de Genebra, onde se reuniram, de 21 de abril a 12 de agosto de 1949, todos os Estados que haviam aderido aos convênios que se iam revisar. A 12 de agosto de 1949, foram assinados quatro convênios: o *convênio de Genebra* para a proteção dos feridos e doentes das forças armadas em campanha; o *convênio de Genebra* para o auxílio aos feridos e doentes das forças armadas sobre o mar; o *convênio de Genebra* relativo ao tratamento dos prisioneiros de guerra e o *convênio de Genebra* relativo à proteção dos civis em tempo de guerra. Alguns princípios gerais são comuns aos quatro convênios. São proibidos em qualquer tempo e em qualquer lugar: a prisão de reféns [1] *('lois vaines')*, a execução sem julgamento, a tortura, bem como qualquer tratamento cruel e desonroso... Apesar das melhorias trazidas aos princípios relativos aos direitos de guerra, as Convenções de Genebra de 1949 não resolveram numerosas dificuldades quanto à sua aplicação no mundo contemporâneo devido à extrema ambigüidade dos conceitos, antes distintos, de conflito interno e de conflito internacional, e das implicações dos princípios de guerra revolucionária e subversiva" [2].

AS SETE MUDANÇAS DE ALIANÇA DA INGLATERRA EM DUZENTOS E NOVENTA ANOS. AS GUERRAS FRANCO-ALEMÃS CONSAGRAM A UNIÃO DA FRANÇA COM A INGLATERRA.

III.57

Sept fois changer verrez gens [3] Britannique
Taints en sang en deux cens nonante ans:
France non point par appui germanique
Ariès [4] doubte son pole [5] Bastarnan [6].

---

[1] Cf. a prisão de reféns no Irã, levada a cabo pelos mais altos escalões do governo a 14 de novembro de 1979.
[2] E.U.
[3] Latim: "nação", "população", "país". D.L.L.B.
[4] Nome latino do aríete: máquina de guerra. D.L.7. V.
[5] Em sentido figurado: "o que dirige", "fixo como o pólo". D.L.
[6] Bastarnes: povo que desde o século II d.C. habitava a região do alto Vístula até o baixo Danúbio. Segundo Tácito, era uma raça germânica. D.L.7 V.

Tradução:

Veremos a nação britânica mudar sete vezes em duzentos e noventa anos, que serão tingidos de sangue, em suas relações com a França, que não terá mais o apoio da Alemanha; duvidará de seu pólo de atração devido à máquina de guerra da Alemanha.

A história:

1628: Cerco de La Rochelle.

1.
1657: Aliança da França com Cromwell.

2.
1667: Guerra de Sucessão na Espanha. Turenne ocupa Flandres. A Inglaterra forma, contra a França, a Tríplice Aliança, com a Suécia e a Holanda. Paz de Aix-la-Chapelle (1668).

3.
1670: Tratado com a Inglaterra, contra a Holanda.

4.
1688: Guerra da Liga de Augsburgo. Guilherme de Orange, rei da Inglaterra, entra para a Liga contra Luís XIV: Espanha, Suécia, Holanda, Áustria, o duque da Savóia. Paz de Ryswick (1697).

5.
1716: O Abade Dubois vai a Haia com a missão de ajudar os ingleses a convencer os holandeses a que assumam o pacto contra a Espanha: a Tríplice Aliança, assinada em 4 de janeiro de 1717.

6.
1744: Luís XV declara guerra à Inglaterra e à Áustria.

7.
1914-1918: Os ingleses combatem ao lado da França, contra a Alemanha.

1918 — 1628 = duzentos e noventa anos.

MAIS DE TREZENTOS ANOS DE PODERIO INGLÊS (1600-1945). OCUPAÇÃO DE PORTUGAL PELOS INGLESES (1703).

X.100

Le grand empire sera par Angleterre
Le Pempotam [1] des ans plus de trois cens:
Grandes copies [2] passer par mer et terre
Les Lusitains [3] n'en seront pas contens.

Tradução:

A Inglaterra será um grande império e terá todo o poderio durante trezentos anos. Fará passar grandes tropas por mar e por terra, o que não agradará a Portugal.

A história:

"O discreto governo de Elizabeth entrega-se ao mercantilismo. As companhias de comércio se multiplicam. A mais importante é a Companhia das Índias, fundada em 1600. O bem-estar e o luxo imperam nas classes abastadas... Se o *expansionismo* inglês do século XVII, longe de diminuir, se espalha pelo mundo todo, a nível interno do continente, esse século de revoluções inicia um longo período de crise, que, finalmente superado, permite à Grã-Bretanha o estabelecimento de mecanismos políticos eficazes e a aquisição de características *duradouras* ('trezentos anos') de sua personalidade física e moral" [4].

"A guerra termina numa Europa onde ingleses e americanos competem com os soviéticos (1945). A determinação que permitiu aos ingleses, vencendo seus problemas e contradições de antes da guerra, resistir heroicamente, não podia mais dissimular as mudanças que haviam afetado a *posição da Grã-Bretanha no cenário mundial.* Ante os novos gigantes (América, URSS e, logo, a China de Mao Tsé-tung), a Inglaterra está *enfraquecida nos seus recursos* e na sua economia (1600-1945 — 'mais de trezentos anos')." [5]

"Depois de Pedro II, Portugal se inclina para a Inglaterra, que, em 1703, consolida sua preponderância, com o Tratado de Methuen. Logo os ingleses tinham tudo nas mãos, e rebaixaram os portugueses a seus feitores. O marquês de Pombal tenta *questionar o poder;* seus esforços são em vão. Napoleão, na sua luta contra a Inglaterra, força Portugal a fechar os portos aos ingleses. Depois, tendo assinado um tratado secreto com a Espanha, em 1807, em Fontainebleau, para dividir o país com essa potência, ele inicia a conquista; mas a Inglaterra defende Portugal como se fosse *sua província.* Por ocasião da paz geral de 1815, a família real portuguesa continua no Brasil, e o embaixador inglês, Beresford, governa de fato o país. Em 1820, irrompe a *revolução* no Porto..." [1]

---

[1] Palavra formada a partir da palavra grega "πας" ("tudo"), e da palavra latina *"potens"* ("possante"); equivalente a "onipotente".
[2] Latim, *"copiae":* "corpos de soldados", "tropas". D.L.L.B.
[3] Portugal: parte da antiga Lusitânia. D.H.B.
[4] H.R.U.
[5] E.U.

NASCIMENTO DE FRANCO, NA GALIZA; SUA PARTIDA DO MARROCOS PARA O PODER (1936). A REVOLTA DAS ASTÚRIAS (outubro de 1934).

X.48

Du plus profund de l'Espagne enseigne [2],
Sortant du bout et des fins de l'Europe [3]:
Trouble passant auprès du pont [4] de Laigne [5],
Sera deffaicte par bande sa grand troppe.

Tradução:

Das profundezas da Espanha (a oeste) [6] nascerá um oficial que surgirá do começo e dos confins da Europa (Gibraltar) no momento em que a revolução chegar perto do mar de Llanes; e o grupo de revolucionários será humilhado pelo seu grande exército.

---

[1] D.H.B.
[2] Nome dado, antigamente, ao oficial porta-bandeira e a certos oficiais da guarda do rei. D.L.7 V.
[3] Estreito de Gibraltar, entre a península Ibérica e o Império do Marrocos. D.H.B.
[4] Grego: "ποντός": "mar". D.G.F. O litoral das *Astúrias* é rico em portos de pesca, daí o porto de Llanes. A.E.
[5] Afrancesamento da cidade de Llanes.
[6] Galiza: província da Espanha situada no *ângulo* noroeste da península. D.H.B.

A história:

"Por não haver vaga na Academia Naval, o *galego* Francisco Franco entrou, aos quinze anos, para a Academia de Infantaria de Toledo. De 1912 a 1926 serviu, quase sem interrupção, no *Marrocos*. Aos trinta e três anos, era o mais jovem *general da Europa*... Em outubro de 1934, *reprimiu a revolta* das esquerdas unidas, nas *Astúrias*. Depois de ser chefe supremo do estado-maior *('enseigne')*, em maio de 1935 foi enviado às Canárias como capitão-general, depois da vitória da Frente Popular nas eleições de fevereiro de 1936. A 19 de julho, assumiu o comando do *exército* africano, em Tetuã, e exigiu imediatamente do Eixo aviões para transportar suas tropas para a metrópole *('sortant du bout et des fins de l'Europe')*... Depois de seu revés, em novembro de 1936, nas proximidades de Madri, *venceu* os exércitos republicanos e entrou em Madri no dia 1.º de abril de 1939" [1].

FRANCO NOMEADO CHEFE DO GOVERNO EM BURGOS (1.º de outubro de 1936). PRIMO DE RIVERA — ALIADO DE FRANCO NO FASCISMO.

IX.16

De castel [2] Franco sortira l'assemblée [3].
L'ambassadeur [4] non plaisant fera scisme,
Ceux de Ribière [5] seront en la meslée:
Et au grand goulphre [6] desnieront l'entrée.

[1] E.U.
[2] Latim, *"castellum"*: "praça forte". D.L.L.B. Burgos: cidade da Espanha, capital da *Castela* Velha, cidade fortificada. D.H.B. Jogo de Nostradamus, utilizando o duplo significado de *"castel"*: cidade fortificada e Castela.
[3] "Junta", "conselho", "assembléia", na Espanha e em Portugal. D.L.7 V.
[4] Agente diplomático enviado para representar um soberano, um Estado. D.L.7 V.
[5] Afrancesamento de Rivera. O *b* e o *v* são duas labiais intercambiáveis. Exemplo: "Lefèvre", "Lefèbre".
[6] Diz-se das desgraças ou misérias que atingem alguém; "cair num abismo". D.L.7 V.

Tradução:

Franco sairá de uma junta em uma praça forte de Castela. O enviado, que não agradará, fará o fa(scismo), os de (Primo) Rivera estarão com ele; recusarão entrar no grande abismo de desgraças (a Alemanha).

A história:

"Uma junta de generais o nomeia generalíssimo em *Burgos,* no dia 12 de setembro, e depois, chefe do governo, em 1.º de outubro. Depois de ter sido chefe supremo do estado-maior, foi *enviado* às Canárias como capitão-general, depois da vitória da Frente Popular nas eleições de fevereiro de 1936... Caudilho, chefe, concentrando em suas mãos todos os poderes, e responsável somente perante Deus e a história (regime do caudilhismo, muitas vezes confundido com o *fascismo)*...

"Fascista contra a vontade e liberal ignorado, Primo de *Rivera* realizou em Valladolid, em 4 de março de 1934, a fusão da Falange e das JONS (Juntas Ofensivas Nacionais Sindicalistas), tornando-se, em pouco tempo, seu único líder. Os atentados dos quais os falangistas foram vítimas obrigaram-no a autorizar seus seguidores a exercer represálias (terrorismo falangista) *('en la mêlée'!)."* [1]

"Durante a Segunda Guerra Mundial, o General Franco, apesar de sua ligação com o poderoso Eixo, permaneceu neutro e *não permitiu* que exércitos alemães *passassem* pela Espanha." [2]

O AUXÍLIO DAS POTÊNCIAS DO EIXO A FRANCO. A GUERRA DA ESPANHA (1936-1939). OS MAQUIS DO SUDOESTE CONTRA OS ALEMÃES (junho de 1944).

III.8

Les Cimbres [3] joints avec leurs voisins,
Depopuler viendront presque l'Espagne

[1] E.U.
[2] A.E.
[3] Povo germânico, habitante da margem direita do Elba. D.L.7V.

Gens amassez [1], Guienne [2] et Limosins
Seront en ligue, et leur feront campagne [3].

Tradução:

Os alemães, aliados aos seus vizinhos (italianos), despovoarão quase até a Espanha. Os homens reunidos na Guyenne e em Limousin formarão uma liga e se porão em campanha contra eles.

A história:

"*A Itália* tinha enviado à *Espanha* de Franco material de guerra e tropas expedicionárias; a *Alemanha,* técnicos e aviões (a Legião Condor)... É difícil avaliar o número dos que morreram por causa de suas idéias políticas, nos dois campos, mas podemos afirmar, sem exagero, que foi *extremamente elevado.* Juntando o número de combatentes mortos, obteremos aproximadamente... setecentos e cinqüenta mil mortos... As potências do Eixo *(Alemanha e Itália)* haviam sido as grandes protetoras dos franquistas" [4].

"A 6 de junho de 1944 começa a libertação da França, na Normandia. Os alemães chamam os reservas espalhados na retaguarda. Entre eles, a divisão blindada SS Das Reich, estacionada na região de Toulouse. Devia fazer o trajeto que a separava do novo *front* em três dias, no máximo. Mas isso sem contar com a *Resistência francesa.* Duas formações FFI *('ligue'),* a Brigada Hervé e a Brigada Alsácia-Lorena, esperam na travessia de *Dordogne,* de Charente e da *Haute-Vienne.* A luta se travou, a partir de 7 de junho, no *Lot,* na Ponte de Souillac, e depois, no dia 8, em Cressensac. Nesse mesmo dia, a divisão lança sua infantaria para abrir passagem por fora da região de *Dordogne,* o que provoca um atraso de trinta horas. Depois, ela se volta para o leste, na direção de *Limoges.* Exasperadas, temendo dali em diante os "terroristas", as SS constituíam, para a população civil dos locais por onde passavam, uma ameaça sempre prestes a se

[1] "Ajuntar", "reunir". D.L.7 V.
[2] A Guyenne forma, atualmente, no todo ou em parte, sete departamentos: Gironde, Landes, *Dordogne, Lot,* Aveyron, Lot-et-Garonne, Tarn-et-Garonne. D.L.7 V.
[3] A palavra *"campagne"* ("campanha") é um termo usado para designar o serviço e a situação dos militares em tempo de guerra, por oposição aos tempos de paz: "fazer campanha". D.L.7 V.
[4] H.E.F.D.P.

traduzir em violência. A 10 de junho de 1944, *perto de Limoges,* deu-se o drama de Oradour-sur-Glane." [1]

O FIM DA REPÚBLICA ESPANHOLA (1939). OS MASSACRES DOS PADRES. A TOMADA DE SEVILHA (1936).

VI.19

La vraye flamme engloutira la dame [2]
Que voudra mettre les Innocens [3] à feu,
Près de l'assaut l'exercite [4] s'enflamme,
Quand dans Seville monstre [5] en bœuf [6] sera veu.

Tradução:

A verdadeira chama (da guerra) destruirá a República, que matará os inocentes. Os batalhões de combates se inflamarão depois de se ver uma calamidade sob a forma de uma personagem, em Sevilha.

A história:

"A revolta começou no dia 17 de julho de 1936, em Melilla. Franco foi de avião das Canárias para o Marrocos, assumindo o comando das tropas... O golpe de Estado foi bem sucedido em Saragoça e em Castela Velha, bem como na Galiza, e a *República ('la dame')* conserva o litoral cantábrico. Na Andaluzia, os militares conseguiram controlar apenas algumas cidades isoladas, mais importantes. *Sevilha,* com o General Queipo de Llano, Cádiz, Córdoba e Granada... Toda a costa de Mediterrâneo fica nas mãos dos republicanos. O exército e a Guarda Civil tinham sido favoráveis à revolta, mas não os *batalhões de combate;* eles foram detidos pelas grandes organizações trabalhadoras...

"No lado republicano, o governo Giral não pôde impe-

[1] *Historama,* número 272.
[2] Utilização constante de uma personagem feminina para designar a República.
[3] Observar o I maiúsculo, para designar os padres.
[4] Latim, *"exercitus":* "exército". D.L.L.B.
[5] "Flagelo", "calamidade". D.L.L.B.
[6] Em sentido figurado: "grosseiro", "brutal". D.L.7 V.

dir uma verdadeira revolução. Exceto no País Basco, o culto católico não foi mais celebrado, e *milhares de eclesiásticos* morreram *('Innocens')*. . .

"Tomando a ofensiva em fins de dezembro de 1938 no *front* da Catalunha, os nacionalistas chegaram em seis semanas à fronteira. Na zona Madri-Valência, os partidários da rendição ganharam dos partidários da guerra, e tudo terminou em 31 de março de 1939."

"O lado vencedor da guerra civil formou um *novo Estado* ao redor de seu líder, Francisco Franco *('engloutira la dame')*."[1]

O NASCIMENTO DE HITLER NA ÁUSTRIA-BAVIERA (1889). SUA LUTA CONTRA A UNIÃO SOVIÉTICA. O MISTÉRIO DA SUA MORTE.

III.58

Auprès du Rhin des montagnes Noriques[2]
Naistra un grand de gens trop tard venu,
Qui deffendra[3] Saurome[4] et Pannoniques[5],
Qu'on ne sçaura qu'il sera devenu.

Tradução:

Perto do Reno nascerá, nos Alpes Nóricos, um grande chefe de homens que nascerão muito tarde; ele se defenderá contra os russos e os húngaros; e não se saberá o que foi feito dele.

[1] E.U.
[2] O Nórico, hoje parte da *Baviera*, da *Áustria* e da Síria. Os Alpes Nóricos estendem-se através da Caríntia, a região de Salzburgo e a Áustria, até as planícies de Ordemburgo, na Hungria. D.H.B.
[3] Latim, *"defendo"*: "repelir", "afastar", "defender-se contra". D.H.B.
[4] Sauromatas ou sármatas, da Sarmácia: nome vago atribuído pelos antigos a uma vasta região localizada a oeste da Cítia e que se estendia pela Europa e pela Ásia entre o mar Báltico e o mar Cáspio. Distinguiam-se a Sarmácia européia, entre o Vístula e o Tânais, compreendendo todas as regiões que hoje formam a *Rússia* e a Polônia. . . D.H.B.
[5] Antigo nome da Hungria.

A história:

"Hitler, filho de um fiscal da alfândega, nasceu em Braunau sobre o Inn, cidade da fronteira *austro-bávara*, em 1889"[1].

"Na luta contra a *União Soviética*, o Terceiro Reich podia contar com o apoio da Romênia, da *Hungria* e da Eslováquia. . . A participação do Regente Horthy foi mais modesta, porque *Budapeste* não tinha nenhuma conta a acertar com Moscou; apenas um esquadrão ligeiro *húngaro*, composto de uma brigada motorizada e duas brigadas de cavalaria, participou dessa primeira fase da campanha."[2]

"Quando souberam que o Marechal Jukov, comandante-em-chefe soviético, daria uma entrevista coletiva à imprensa no dia 9 de junho, todos se dirigiram para lá. Ele abordou a questão que, para todos, era mais importante do que qualquer outra: a morte de Hitler. Porém, ele o fez de modo surpreendente: 'As circunstâncias são muito *misteriosas*', disse ele. 'Não identificamos o corpo de Hitler. Nada posso dizer de definitivo sobre seu destino. . . Encontramos muitos corpos, entre eles poderia estar o de Hitler, mas não podemos afirmar que esteja morto. . .' No dia 10, dia seguinte ao da entrevista à imprensa, Jukov encontrou, em Frankfurt, o comandante supremo americano; Eisenhower colocou a questão de forma muito direta: 'O que sabem os russos sobre o cadáver de Hitler?' Jukov respondeu também categoricamente: 'Os soldados russos não encontraram nenhum vestígio do cadáver de Hitler'."[3]

A INFÂNCIA POBRE DE HITLER (1889). SEUS DISCURSOS E SUA POLÍTICA EM RELAÇÃO À RÚSSIA.

III.35

Du plus profond de l'Occident d'Europe[4]
De pauvres gens un jeune enfant naistra,

[1] D.S.G.M.
[2] L.D.G.
[3] D.S.H.
[4] A Áustria é um país oriental no interior da Europa Ocidental.

Qui par sa langue séduira grande trouppe,
Son bruit au règne d'Orient plus croistra.

Tradução:

Da região mais a leste da Europa Ocidental, uma criança nascerá de pais pobres. Ele seduzirá grandes multidões com seus discursos e fará muito barulho no caminho do poder a leste (URSS).

A história:

"Filho de um fiscal da alfândega, nasceu em Braunau sobre o Inn, cidade da fronteira austro-bávara, em 1889. Depois de modestos estudos secundários, começou sua vida, não como um vagabundo ou desempregado, mas como um pequeno burguês boêmio, vivendo da *magra herança dos pais*"[1].

"Segundo Allan Bullock, Hitler foi o maior *demagogo* da história. Não é por acaso que as páginas do *Mein Kampf* sobre *conquista das massas ('séduira grande troupe')* para os ideais nacionalistas são as melhores do livro... A aplicação desse carisma sobre as *massas* pressupõe os talentos do *orador* de massas *('langue')*, dotado de um sentido, quase animal, de suas necessidades profundas. Hitler possuía essas qualidades em um grau extraordinário.

"A pior armadilha reside no mito com o qual Hitler acabou por se identificar, o da raça superior, mantida pura a qualquer preço, e que deve encontrar no *leste* seu espaço vital. Daí essa obstinação em jogar todas as suas cartas *sobre a Rússia,* essa *obstinação ('bruit')* de transformar em atos, nesse país, sua ideologia assassina."[2]

A ÁUSTRIA, PONTO DE PARTIDA DAS IDÉIAS NAZISTAS.

III.67

Une nouvelle secte de Philosophes,
Méprisant mort, or, honneurs et richesses,

[1] D.S.G.M.
[2] E.U.

Des monts Germains ne[1] seront limitrophes[2],
A les ensuyvre auront appuy et presses.

Tradução:

Uma nova seita de filósofos que desprezam a morte, o ouro, as honras e as riquezas nascerá nas fronteiras da Alemanha, e os que a seguirem terão apoio e audiências.

A história:

"A influência de *Viena:* a mais dura e mais frutífera escola de sua vida, disse Hitler. Ele afirmava dever a Viena os fundamentos de sua concepção geral da sociedade, bem como seu método de análise científica. Na verdade, o jovem Adolf Hitler já tinha recebido o essencial dessas bases em Linz, no curso de história do Dr. Poetsch, pangermanista e anti-semita, violentamente hostil aos Habsburgos. Porém, na capital da *Áustria-Hungria,* a vida cotidiana trazia uma justificativa concreta às suas teses pangermânicas e anti-semitas *('limitrophes des monts Germains')*"[3].

"Goering assume definitivamente o comando das SA na primavera de 1923. Passando cada seção pelo crivo, elimina os elementos menos seguros, aqueles que considera mais prejudiciais ao partido do que aos seus inimigos. Os outros devem jurar fidelidade cega ao partido e fazer uma verdadeira profissão de fé. Goering os faz assinar um documento onde não disfarça o papel que vão desempenhar: 'enquanto for membro da seção de assalto do NSDAP, comprometo-me a estar sempre pronto, em qualquer momento e *com o risco de minha vida,* se for necessário, a combater pelos objetivos da causa e obedecer totalmente aos meus superiores e ao Führer'. Devotados ao seu chefe de corpo e alma, os que assinam esse juramento serão os executantes do NSDAP, seu batalhão de choque. Serão também os elementos principais da força política de Hitler."[4]

[1] Embora o valor exato do advérbio *"ne"* seja o de tornar negativo o sentido do verbo que modifica, o uso manda que seja empregado, sem ser completado por nenhuma outra palavra negativa, em certas proposições completivas que permanecem afirmativas na maior parte das línguas vivas, e que são, na verdade, quase sempre mais afirmativas do que negativas no pensamento. D.L.7 V.
[2] Do latim *"limes":* "fronteiras", "limites". "Colocado nos limites." D.L.7 V.
[3] E.U.
[4] "As SA, batalhão de choque do Partido Nazista." André Taillefer, *Histoire pour tous,* número 9, novembro-dezembro de 1978.

"Hitler logo nota o jovem Himmler, SS de vinte e cinco anos, e o nomeia diretor dos serviços de propaganda, em 1926, um ano depois de sua entrada para as SS. Parece que esse posto é um excelente trampolim para subir rapidamente na hierarquia nazista *('appui et presse').*"[1]

AS SEITAS NAZISTAS NA ALEMANHA

III.76

En Germanie naistront diverses sectes,
S'approchant fort de l'heureux paganisme,
Le coeur captif et petites receptes[2]
Feront retour à payer le vray disme.[3]

Tradução:
Muitas seitas verão o dia na Alemanha, que farão lembrar o alegre paganismo; o espírito cativo e seus recursos muito fracos os farão dizimar todos à sua volta.

A história:
As seitas: as SA, a Associação da Juventude do NSDAP, as SS, a Juventude Hitlerista, a Ahnenerbe, a Sociedade de Thule, etc.

"O casamento religioso é substituído pelas núpcias ancestrais. O chefe de unidade SS preside e, depois que os esposos trocam seus anéis, ele lhes oferece como presente pão e sal. Tudo é feito para que o novo casal se afaste da Igreja e seja orientado para um novo culto, *uma espécie de neopaganismo germânico."*

"A 30 de janeiro, aniversário da tomada do poder, o aspirante recebia um cartão de identidade provisório das SS. A 20 de abril, aniversário de Hitler, recebia o cartão de identidade definitivo, vestia o famoso uniforme à prova de balas e prestava juramento ao Führer: 'Eu te juro, Adolf Hitler, meu chefe, fidelidade e bravura. Prometo, a ti e a todos os que designares para me comandar, *obediência até a morte'."*[4]

---

[1] "SA e SS: os dois pilares da aparelhagem nazista." Bernard Quentin, em *Histoire pour tous,* número 9, novembro-dezembro de 1978.
[2] Latim, *"recepta":* "coisa recebida". D.L.L.B.
[3] "Despojar", "dizimar". D.A.F.L.
[4] "Os ritos de iniciação das Waffen-SS." Philippe Aziz, em *Histoire pour tous,* número 9, novembro-dezembro de 1978.

HITLER NO PODER GRAÇAS À REPÚBLICA DE WEIMAR (1933). O PRIMEIRO VOLUME DE "MEIN KAMPF" (1925).

V.5

Sous ombre saincte d'oster de servitude,
Peuple et cité l'usurpera lui-mesme:
Pire fera par fraux[1] de jeune pute[2],
Livre au champ[3] lisant le faux proësme[4].

Tradução:
Sob a santa aparência de libertar os povos da servidão, ele próprio usurpará o poder do povo e da cidade. Realizará o pior, por velhacaria, graças a uma nova República, seguindo, para o combate, as idéias falsas da primeira parte do seu livro.

A história:
"Em Munique, uma tentativa de golpe malsucedida, mal-executada (8 e 9 de novembro de 1923), leva à interdição do Partido Nacionalista e à prisão do seu Führer, condenado a cinco anos (dos quais cumpriu apenas treze meses) na fortaleza de Landsberg. Esse cativeiro, muito confortável, foi oportuno, permitindo-lhe escrever, finalmente, tudo o que pensava: *o primeiro volume de* Mein Kampf *('le faux proësme du livre')* apareceu em 1925.

"Organizando seu corpo de tropa (Antifa, grupos de autoproteção), os comunistas representam, na *República* de Weimar *('jeune pute')* agonizante, uma força que contribui para enfraquecer o regime e que *beneficia* definitivamente os nacionalsocialistas. Hostilidade ao Tratado de Versalhes, à República de Weimar, à democracia burguesa, ao grande capital, tudo isso se encontra, misturado com outras tendências, na ideologia nacionalsocialista. Em Munique, em feve-

---

[1] Latim, *"fraus":* "má fé", "engano", "ato de enganar", "logro". D.L.L.B.
[2] Latim, *"puta":* "moça". D.L.7 V. Como pela palavra *"garse"* (V.12), Nostradamus designa por um termo feminino, freqüentemente injurioso, a República.
[3] Diz-se de toda espécie de luta e do lugar onde a mesma ocorre. D.L.7 V.
[4] "Proêmio" *("proème"):* prólogo, prelúdio de uma obra. D.L.7 V.

reiro de 1925, tem lugar a "segunda fundação" do partido, sob a direção de Hitler, recentemente libertado... Os cento e sete deputados eleitos em setembro de 1930 comprovam a extensão do movimento e o sucesso de uma *propaganda* que vai encontrar na crise econômica um apoio considerável, levando ao triunfo de 1933."[1]

TOMADA DO PODER POR HITLER (1933). SEUS TREZE ANOS DE PODER, TAL COMO O IMPERADOR CLÁUDIO (1933-1945).

VI.84

Celuy qu'en Sparte Claude ne peut regner,
Il fera tant par voye séductive:
Que du court long, le fera araigner,[2]
Que contre Roy fera sa perspective.

Tradução:

Aquele que, como Cláudio, não tem aquilo que é preciso para reinar na Alemanha, fará tanto por meio de sedução, que pequenos discursos ele transformará em longos discursos e realizará uma ação contra o governo.

A história:

Nostradamus estabelece um paralelo entre Esparta e a Alemanha nazista, de um lado, e o Imperador Cláudio e Hitler, do outro.

"Licurgo formou o Estado espartano... Instituiu a Assembléia Popular, que devia se pronunciar somente com 'sim' ou 'não'... Deu ao Estado um caráter militar, mantido por uma severa disciplina, com educação e refeições em comum. Concentrou em suas mãos todo o poder executivo... *O Estado espartano foi organizado em função da conquista;* assim, a sua história não é mais do que uma seqüência interminável de guerras. Colocou contra sua rival (Atenas) quase toda a Grécia..."[3]

"Cláudio I, césar romano, doentio, desajeitado e tímido, foi *abandonado* na infância *aos escravos libertos*...

[1] E.U.
[2] "Discorrer." D.A.F.L.
[3] D.L.7 V. Cf. *O General de Gaulle: o segundo Trasibulo.*

A Bretanha foi conquistada por ele. *Atravessou o Reno* e pacificou a margem direita do Danúbio *(Áustria)*. No Oriente, reconquistou a Armênia e a Trácia *(os Bálcãs); na África,* conquistou a Mauritânia. No interior, Cláudio teve de lutar contra as *conspirações republicanas*. Ele as *afogou em sangue*... Cláudio reinou durante *treze anos*."[1] Como Hitler: *1933-1945*.

"A 30 de janeiro de 1933, Hitler aceitou a tarefa de formar o governo. Substitui a ditadura em duas etapas. A 1.º de fevereiro, o Reich é dissolvido... O novo Reich vota em Hitler, para quatro anos, dando-lhe os plenos poderes que ele exige. É *o fim da República* de Weimar... Depois de alguns meses de governo, Hitler é atacado pelas críticas da *oposição*. Hitler fica preocupado. Na noite de 30 de junho de 1934, Noite dos Longos Punhais, inicia *a repressão*... Hitler concentra em suas mãos todos os poderes. Nascido na Áustria, em 1889, conheceu a pobreza, *esteve em asilos*... Instável, com crises de euforia e depressão, *orador dotado de um extraordinário magnetismo,* ele envolve os ouvintes."[2]

AS DECLARAÇÕES DE PAZ (1938)

I.34

L'oyseau de proye volant à la fenestre[3]
Avant conflit fait aux Français parure[4].
L'un bon prendra, l'autre ambigu sinistre[5],
La partie faible tiendra par bon augure.

Tradução:

A águia, fazendo o que decidiu fazer, antes da guerra, honrará os franceses. Alguns acreditarão nela, outros, da esquerda, tomarão uma posição ambígua. A parte mais fraca resistirá, felizmente.

[1] D.L.7 V. Cf. *O General de Gaulle: o segundo Trasibulo.*
[2] L.M.C.
[3] "Entrar", "entrar pela janela": fazer uma coisa apesar dos obstáculos criados pela vontade de alguém. D.L.7 V.
[4] Em sentido figurado: "aquilo que embeleza", "aquilo que honra". D.L.7 V.
[5] Latim, *"sinister"*: "esquerda". D.L.L.B.

A história:

"*Ofensiva de paz* de Berlim e Moscou: *o Reich e a URSS* decidem conferenciar sobre as medidas necessárias, para o caso de suas propostas de paz não serem aceitas pela França e pela Inglaterra. Pretendem, assim, estabelecer uma *paz* durável na Europa central, porque decidiram partilhar a Polônia entre si".

"A propaganda comunista: os chefes comunistas sabem apenas uma coisa: traduzir para o francês as mentiras do Sr. Stálin... Oh! é preciso render aos bolcheviques a homenagem que merecem. Sabem fazer sua propaganda de modo admirável. Pois, afinal, nós, que conhecemos os preços da indústria e da imprensa, podemos calcular aproximadamente o quanto custam os jornais diários, as centenas de semanários, os milhares de jornais especializados. É isto que explica a *impossibilidade em que se encontram os chefes comunistas* de romper seus elos com Moscou. Pois, afinal, em território francês, eles teriam todas as vantagens declarando-se *independentes.*" [1]

OS ACORDOS DE MUNIQUE (1938). O PACIFISMO INGLÊS E A GUERRA (1939).

VI.90

L'honnissement [2] puant abominable,
Après le faict sera félicité:
Grand excusé [3], pour n'estre favorable [4],
Qu'à paix Neptune ne sera incité.

Tradução:

A infâmia abominável e infecta sucederá ao ato que todos louvarão e que será apenas um grande pretexto sem benevolência, a ponto de a Inglaterra não ser incitada à paz.

A história:

"A 6 de dezembro de 1938, no Quai d'Orsay, Von Ribbentrop, pela Alemanha, e Georges Bonnet, pela França,

[1] *L'Intransigeant,* 30 de setembro de 1939.
[2] "Ódio", "infâmia". D.A.F.L.
[3] Latim, *"excuso":* "alego", "pretexto". D.L.L.B.
[4] Latim, *"favorabilis":* "benevolente". D.L.L.B.

assinam a declaração franco-alemã que parece pôr fim à hostilidade tradicional entre as duas nações. A paz na Europa parecia garantida... Na verdade, sem especificar nomes, mas num tratado feito livremente, o autor de *Mein Kampf,* representado pela assinatura de Von Ribbentrop, se comprometia a nunca fazer reivindicações sobre a Alsácia e a Lorena. No Quai d'Orsay, *todos se felicitavam* devido à passagem do artigo 3 da declaração conjunta, reservada exclusivamente aos compromissos internacionais da Terceira República. Tratava-se, no caso, do tratado de aliança franco-polonês de 1921, e do pacto franco-soviético de 1934" [1].

"No Extremo Oriente, como na Europa, a Inglaterra já tinha dado, há muito tempo, prova de desejar a *paz* e de ser hostil a toda ação direta... Em 1939, a lição dos fatos foi compreendida. A impotência da Sociedade das Nações convenceu-a da necessidade de recorrer aos sistemas de aliança tradicionais. A ameaça da hegemonia alemã na Europa e japonesa no Extremo Oriente, os armamentos navais alemães, italianos, nipônicos suscitavam temores generalizados. O mais *pacifista* dos homens de Estado, Neville Chamberlain, modifica completamente sua atitude a partir de 15 de março de 1939. O decreto da obrigatoriedade do serviço militar, de 26 de abril, em *plena paz,* pela primeira vez na história do reino, foi bem aceito pela opinião pública. Se, em agosto de 1939, o governo multiplica seus esforços para evitar a guerra, é sem a mínima hesitação que decide cumprir seus compromissos com a Polônia. A decisão inglesa de 1939 vence as hesitações de 1914. A guerra que começa a 1.º de setembro de 1939, a 3 para o Reino Unido, foi, em parte, fruto de uma grande cegueira e de um *pacifismo* que não soube se basear na capacidade de organização internacional para a manutenção da paz. Em 1939, desmorona todo um grande sonho de pacifismo *('non incité'),* e Neville Chamberlain confessa isso diante do Parlamento." [2]

[1] L.D.G.
[2] H.R.U.

MORTE DE PIO XI (1939) E PONTIFICADO DE PIO XII (1939-1958)

V.56

Par le décès du très vieillard pontife,
Sera esleu Romain de bon aage:
Qu'il sera dict que le Siege debiffe [1]
Et long tiendra et de picquant ouvrage.

Tradução:

Depois da morte do papa muito velho, será eleito um papa de meia-idade. Será acusado de prejudicar a Santa Sé e dirigirá durante longo tempo a obra "curiosa".

A história:

Pio XI nasceu em 1857 e morreu em fevereiro de 1939, com a idade de oitenta e dois anos.

"Eugenio Pacelli, nascido em *Roma,* numa família da antiga aristocracia *romana,* e nomeado cardeal e secretário de Estado de Pio XI em 1929, sucedeu-o depois de sua morte, em 1939, com o nome de Pio XII, aos *sessenta e três anos* de idade. Pio XII foi incontestavelmente uma figura de primeiro plano, cuja *política e cuja posição foram julgadas sob diversas perspectivas.* Enfrentou problemas consideráveis com energia, *desenvolvendo uma imensa atividade...* Seu pontificado também foi marcado por vários atos e documentos, aos quais ele procurou dar uma grande importância doutrinária... Em muitos pontos, Pio XII é ainda hoje um *papa discutido."* [2]

Morreu em 1958, depois de dezenove anos de pontificado.

MORTE DE PIO XI (fevereiro de 1939). OS CINCO ANOS DE GUERRA (1940-1945). ELEIÇÃO DE PIO XII.

V.92

Après le Siège tenu dix et sept ans,
Cinq changeront en tel révolu terme:

[1] "Pôr em mau estado." D.L.
[2] E.U.

Puis sera l'un esleu de même temps [1]
Qui des Romains ne sera trop conforme.

Tradução:

Depois de um pontificado de dezessete anos, cinco anos verão as mudanças pondo um termo à revolução. Depois será eleito, nesse momento, (um papa) que não será muito parecido com os romanos.

A história:

Pio XI foi eleito papa em 6 de fevereiro de 1922. Morreu em 10 de fevereiro de 1939, depois de um pontificado de dezessete anos e quatro dias.

"Pio XII, nascido em *Roma,* numa família da antiga aristocracia *romana..."* [2].

CHURCHILL AFASTADO DA POLÍTICA (1939). O PACTO GERMANO-SOVIÉTICO (22 de agosto de 1939). GUERRA ENTRE A ALEMANHA E A RÚSSIA (22 de junho de 1941).

V.4

Le gros mastin [3] de cité déchassé,
Sera fasché de l'estrange alliance,
Après avoir aux champs le cerf [4] chassé,
Le loup et l'Ours se donront défiance.

Tradução:

O grande dogue inglês (Churchill), depois de ser afastado da City, ficará aborrecido com a estranha aliança (o pacto germano-soviético). Depois de haver derrotado a Polônia no campo (de batalha), a Alemanha e a Rússia se desafiarão.

[1] "Parecido pela forma." D.L.7 V.
[2] E.U.
[3] *"Dogue":* a palavra *"dogue"* só aparece na França a partir do século XVII. O dogue é considerado como um *grande mastim* originário da *Inglaterra.* D.L.7 V.
[4] Simbolismo. É sobretudo nas lendas e nos monumentos cristãos que o cervo desempenha um papel importante. D.L.7 V. Daí, o cervo significando a Polônia ultracristã.

A história:

"Durante toda a sua vida, Churchill foi uma personagem de *grande* originalidade. Tudo nele era poderoso ou exagerado *('le gros mastin')*... Toda a vida foi um lutador incansável... Nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, apesar de sua presença ativa no Parlamento e no Ministério, parecia ter sido definitivamente *afastado* dos conselhos governamentais do Partido Conservador" [1].

"A partir de 9 de setembro de 1939, inicia-se a Batalha da Polônia, com a Wehrmacht atacando o exército polonês, levando-o do leste para o oeste. A 17 de setembro, em obediência ao *pacto germano-soviético, o Exército Vermelho* invade a *Polônia* oriental... Em 28 de setembro, realiza-se a quinta partilha da Polônia, desta vez entre a Alemanha e a Rússia *('l'Ours')*... Toda a esperança de libertação dos povos repousa, desde então, na Inglaterra, que ficou sozinha na luta. Hitler não conseguiu conquistá-la ou fazê-la capitular, e nem mesmo conseguiu que aceitasse um compromisso de paz. A resolução de *Churchill* era inquebrantável." [2]

"Embora a Rússia tenha seguido escrupulosamente, em benefício da Alemanha, as cláusulas econômicas do *pacto germano-soviético,* Hitler resolveu expulsá-la da Europa, antes de se voltar contra a Inglaterra para a decisão final. A 21 de junho de 1941, sem declaração de guerra, a Wehrmacht ataca o Exército Vermelho." [3]

"Era conveniente que a aliança germano-soviética fosse definida antes de agosto. Tanto mais que a reconciliação espetacular do Terceiro Reich com a Rússia bolchevique produzira em Londres e em Paris um verdadeiro tremor de terra." [4]

---

[1] E.U.
[2] E.U.
[3] E.U.
[4] L.D.G.

A ANEXAÇÃO DA ESLOVÁQUIA (15 de março de 1939). DESEMBARQUE ALEMÃO NA TRIPOLITÂNIA (fevereiro de 1941).

IX.94

Foibles galeres seront unis ensemble,
Ennemis faux le plus en rempart:
Faible assaillies Vratislave [1] tremble,
Lubecq [2] et Mysne [3] tiendront barbare [4] part.

Tradução:

Quando os navios de guerra mais poderosos forem reunidos, o mais forte (o Reich alemão) se protegerá contra os falsos inimigos (os húngaros). Os fracos serão atacados e Bratislava tremerá. Os de Lübeck e Mísnia (os alemães) ocuparão uma parte da África do Norte.

A história:

"A fraqueza da marinha alemã: o Vice-Almirante Kurt Assmann, que se tornou o historiador da estratégia naval alemã, escreveu: 'A situação era inversa à de 1914. Naquele tempo, possuíamos uma frota poderosa, que podia enfrentar o Grande Exército, mas nenhuma posição estratégica lhe fornecia uma base de partida. Agora, tínhamos essa base estratégica, mas nenhuma frota que pudesse partir dela' ".

"A 9 de março de 1939, as negociações entre Praga e *Bratislava* sobre a questão da autonomia eslovaca estavam em ponto morto. O Presidente Hacha resolveu destituir Monsenhor Tiso e os Ministros Durcansky e Pruzinsky, por atividades separatistas atentatórias à unidade do Estado. A esse ato de autoritarismo, Hitler respondeu, mandando redigir para o governo da Tchecoslováquia um projeto de *ultimato* com sete pontos... Nessa atmosfera explosiva, no dia 15 de março, temendo a agressão da Hungria *('faux ennemis'),* a *Assembléia de Bratislava* proclama a independência da Eslováquia, pedindo ao chanceler-Führer que *garantisse ('le plus fort en rempart')* a existência do novo

---

[1] Bratislava, capital da Eslováquia.
[2] Cidade da Alemanha a quinze quilômetros do mar Báltico.
[3] Cidade alemã no mar do Norte.
[4] Barbaria: região da África setentrional que compreende os Estados da Tripolitânia, Túnis, Argel, Marrocos. D.H.B.

Estado e tomasse todas as medidas necessárias para assumir a *proteção* de suas fronteiras."

"De 1.º de fevereiro a 30 de junho de 1941, cerca de oitenta e um mil setecentos e oitenta e cinco soldados do Eixo desembarcam em *Trípoli,* com cerca de quatrocentos e cinqüenta mil toneladas de material, munição e combustível... Assim, passaram pela África do Norte os DB Ariete e os DM Trento do exército italiano, bem como a 5.ª Divisão Ligeira que formava o primeiro escalão do Deutches Afrikakorps ('os de Lübeck')..." [1]

A ANEXAÇÃO DA POLÔNIA (1939). A INVASÃO DA FRANÇA PELA HOLANDA E PELA BÉLGICA. A RESTITUIÇÃO DA ALSÁCIA-LORENA À REPÚBLICA (1919).

III.53

Quand le plus grand emportera le pris [2]
De Nuremberg, d'Ausbourg et ceux de Basle [3],
Par Agrippine [4] chef [5] Frankfort repris,
Traverseront par Flamant jusqu'en Gale.

Tradução:

Quando o maior (Hitler) levar o (país) prisioneiro (a Polônia), os germânicos atravessarão Flandres (Holanda e Bélgica) até a França, depois de o artigo mais importante (Tratado) de Frankfurt ter sido cumprido pela República (anexação da Alsácia-Lorena pela Alemanha).

A história:

"Livrando-se da *Polônia,* Hitler se volta para o ocidente; modifica seu plano de ataque à *Bélgica* e à *Holanda;* decide renunciar à operação da 7.ª Divisão Aérea na margem direita do Mosa, bem como a outra alternativa que consistia em bombardear a cabeça-de-ponte de Gand. A partir desse

[1] L.D.G.
[2] "Utilizado como prisioneiro", "capturado".
[3] Cidades habitadas por povos germânicos.
[4] Mulher de Domitius Aenobarbus, sempre, para Nosdradamus, o símbolo da República.
[5] Em sentido figurado: "artigo", "divisão", "importância". D.L.7 V.

momento, com exceção do destacamento previsto para as pontes do canal Albert e a construção de Eben-Emael, o conjunto dos aeroportos alemães foi reservado para atacar ou aterrissar no *reduto de defesa holandesa,* ou Vesting Holland. Não era conveniente transferir para o sul de Liège o centro de operações do ataque" [1].

"O Tratado de Versalhes foi assinado em 28 de junho de 1919 — na mesma Galeria dos Espelhos que, em 18 de janeiro de 1871, fora testemunha da proclamação do Império alemão de Bismarck; desejava-se que a assinatura da paz tivesse um caráter de cerimônia expiatória... Sob o ponto de vista territorial, a Alemanha restituía a Alsácia-Lorena à França" [2].

A LINHA MAGINOT E O RENO. PARIS OCUPADA (14 de junho de 1940).

IV.80

Près du grand fleuve, grand fosse [3], terre egeste [4]
En quinze pars sera l'eau divisée:
La cité prinse, feu, sang, cris, conflit mettre,
Et la plus part concerne [5] au collisée [6].

Tradução:

Perto do grande rio (Reno) será cavada uma grande trincheira, a rede hidrográfica será dividida em quinze partes. A cidade (Paris) será tomada e o conflito trará fogo e sangue; e a maior parte dos franceses serão envolvidos no confronto.

A história:

"O plano original da ofensiva dava o papel principal ao grupo dos exércitos estacionados mais ao norte, o Grupo B, comandado por Von Bock. Devia executar um movimento amplo, voltando-se para os Países Baixos, apoiado

[1] L.D.G.
[2] H.F.A.M.
[3] Latim, *"fossa":* "trincheira". D.L.L.B.
[4] Latim, *"egestu penitus cavare terras":* "cavar retirando a terra". D.L.L.B.
[5] Latim, *"concerno":* "misturo". D.L.L.B.
[6] Latim, *"collisio"*: "colisão", "choque". D.L.L.B.

pelo Grupo A (Von Runstedt), que estava no centro de operações alemão, em frente às Ardennes, e pelo Grupo C (Leeb), posicionado na ala esquerda, na frente da *Linha Maginot.* Era uma repetição da ofensiva alemã de 1914; portanto, não deveria surpreender os Aliados. Além disso, foram enviadas forças blindadas a uma região cortada por *numerosos canais e pequenos rios".*

"Os carros e veículos blindados formavam uma coluna de cento e sessenta quilômetros, estendendo-se até oitenta quilômetros sobre a outra margem do Reno! O plano teve um sucesso extraordinário... Hitler queria evitar uma nova deterioração da guerra, como tinha acontecido depois da Batalha do Marne, em 1914; queria, a todo custo, levar suas forças blindadas à segunda fase da ofensiva, a batalha para tomar *Paris* e a *França*... Em onze dias tudo estava acabado. No dia 14 de junho, os alemães *entravam em Paris."* [1]

A INVASÃO DOS PAÍSES BAIXOS E DA BÉLGICA (10 de maio de 1940)

VI.30

Par l'apparence de faincte [2] sainctеté,
Sera trahy aux ennemis le siège:
Nuict qu'on cuidait [3] dormir en seureté,
Près de Braban [4] marcheront ceux de Liège.

Tradução:

Sob pretexto de fingida santidade, o país será cercado pelos inimigos, por traição, enquanto os homens acreditavam dormir em segurança à noite. As tropas que estarão em Liège marcharão através da Bélgica.

A história:

"A 6 de dezembro de 1938, os senhores Georges Bonnet, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Francesa, e Joachim von Ribbentrop, que exercia a mesma

[1] H.A.B.
[2] "Fingida". D.A.F.L.
[3] "Acreditar". D.A.F.L.
[4] Ducado dividido em três províncias: o Noordbraband, formando a maior parte dos Países Baixos; a província de Bravant, na Bélgica; a província de Antuérpia, na Bélgica. D.L.7 V.

função dentro do Reich alemão, assinaram, num dos salões do Quai d'Orsay, uma *declaração conjunta* que, baseada nos Acordos de Munique, *parecia* pôr um ponto final na tradicional hostilidade entre as duas nações... Sem especificar nomes, na verdade, mas num tratado feito livremente, o autor de *Mein Kampf,* representado pela assinatura de Von Ribbentrop, se comprometia a nunca fazer reivindicações sobre a Alsácia e a Lorena... Assim, pensava-se, em Paris, que Hitler e Ribbentrop haviam desistido de recorrer novamente aos golpes de força e negociações unilaterais que, por três vezes, em menos de três anos, tinham ameaçado incendiar o continente" [1].

"O exército alemão que invadiu os *Países Baixos* e a França na manhã de 10 de maio de 1940 compreendia oitenta e nove divisões, mais quarenta e sete de reserva... A primeira vitória foi a destruição dos sistemas de defesa holandeses e belgas. Isso foi possível através de comandos que tomaram os pontos vitais da ofensiva, além do famoso forte de Eben-Emael, no *canal Albert ('Liège')*... Os carros blindados da Wehrmacht atravessaram rapidamente as Ardennes, e cruzaram a fronteira francesa em 12 de maio... A 5 de junho, o exército alemão retomou a ofensiva e atravessou o Somme, na direção sul. Em onze dias, tudo estava terminado. A 14 de junho, os alemães entraram em Paris." [2]

O GENERAL DE GAULLE: O SEGUNDO TRASIBULO

"E o chefe e governador será atirado do centro e colocado no lugar alto do ar, ignorando a conspiração do segundo Trasibulo, que havia planejado tudo isso."

Carta a Henrique, rei da França, segundo.

A história:

Nostradamus faz um paralelo entre a Guerra do Peloponeso e a de 1938-1945, onde Esparta representa a Alemanha nazista, e Atenas, a França democrática; Tebas, potência democrática vizinha e aliada de Atenas, representa a Inglaterra, de onde partirá o apelo lançado pelo General de Gaulle a 18 de junho de 1940.

[1] L.D.G.
[2] H.A.B.

"Enquanto na ágora os mestres de eloqüência da brilhante democracia ateniense se entregavam a disputas estéreis, Esparta, sempre invejosa do brilho civilizado de sua rival, ativa seus preparativos militares. O Estado espartano foi organizado para a conquista, e sua história se resume numa longa seqüência de guerras. A severa disciplina era mantida com esse objetivo. A juventude recebia educação e se submetia a treinamento nos campos comunitários. Os recém-nascidos que vinham ao mundo com deformidades eram impiedosamente sacrificados para conservar intactas as qualidades físicas da raça."

"No dia que os espartanos chamaram 'o dia de liberdade', e os atenienses, o dia da desolação e do luto, viram-se alguns atenienses, coroados de flores, tomarem parte na festa, e outros se aproximarem dos vencedores para testemunhar-lhes sua alegria pela humilhação de sua pátria... O diplomata demorou demais para conseguir o tratado que poderia salvar o seu povo; então, recorreu à antiga Constituição. Propôs confiar plenos poderes, para revisar as leis, a um comitê de trinta membros. O exército do Peloponeso não tinha deixado Atenas: mantinha a disciplina." Enquanto isso, era organizado um corpo de três mil cidadãos para proteger os Trinta, ao passo que os outros estavam desarmados. Eram exilados aqueles cujos sentimentos pareciam duvidosos ao novo regime, que se reservava o direito de prendê-los e executá-los onde quer que estivessem. Tebas, potência democrática vizinha, irritada com as pretensões da Lacedemônia, ordena que os banidos sejam recebidos em seu território, protegidos e auxiliados. Trasibulo, general ateniense, estava entre eles. Partiu com setenta homens, decidido a prosseguir a luta.

Enquanto isso, os sicofantas, informantes por profissão, aos quais a lei pagava para que traíssem quem quer que fosse, roubaram os frutos das figueiras consagradas a Atenas, com a esperança de proveitos mais substanciosos, e se colocaram a serviço do inimigo, a fim de abandonar seus compatriotas que tinham permanecido fiéis à democracia. Mas a tropa de Trasibulo aumentou. Ele toma a Fortaleza de Phylé. Em represália, os Trinta mandam levar trezentos habitantes a Elêusis e a Salamina para serem massacrados. "Já não se tratava mais de tirania, mas de demência." Esses atos serviam apenas para aumentar as forças de Trasibulo. Quando estava com mil homens, ele marchou sobre o Pireu e tomou a cidade fortificada de Muníquia. Os Trinta e os

Três Mil, "que pretendiam conservar seus privilégios, pediram o auxílio de Esparta para salvar Atenas, diziam eles, das mãos dos tebanos". Esta é libertada por Trasibulo, que entra com seus homens na cidade e oferece sacrifício a Minerva, em ação de graças pela vitória inesperada. Com sua coragem, ele havia proporcionado um benefício à sua pátria. "Depois dos deuses", diria mais tarde Demóstenes, "é a Trasibulo que a República deve a sua salvação." (Setembro de 403 a.C.)

"Atenas estava livre, mas seu comércio destruído, sua população dizimada, a terra inculta, a marinha em piores condições do que no tempo de Sólon e o tesouro tão esgotado que não podia pagar as despesas dos sacrifícios, nem pagar aos tebanos os duzentos talentos adiantados a Trasibulo... o governo oligárquico foi julgado por seus atos: o crime era a traição. Todos queriam voltar à democracia moderada que Sólon havia fundado." [1]

"É preciso compreendê-lo e vê-lo, quando ele cita Sólon: 'Perguntaram certo dia a Sólon...' Ele tem o ar divertido do universitário que começa a conhecer um pouco esses apotegmas da *Viagem do jovem Anacarse*. O Sábio desaparece entre a multidão. Discutem em volta de mim; ele não falou da Alemanha, da região do Ruhr... não! falou das leis, do Senado e de Sólon. Viremos a página, esperemos para o belo álbum da história o próximo capítulo." [2]

O GOVERNO DE VICHY. A OCUPAÇÃO (1940-1944). O GENERAL DE GAULLE EM LONDRES (18 de junho de 1940). O DESEMBARQUE: ROUEN E CHARTRES.

III.49

Règne [3] Gaulois tu seras bien changé,
En lieu estrange est translaté l'empire:
En autres mœurs et lois seras rangé,
Roan, et Chartres te feront bien du pire.

[1] H.F.V.D.
[2] Artigo de Ch. d'Ydevalle sobre o discurso do General de Gaulle em Bayeux. *Carrefour*, 20 de junho de 1946.
[3] Latim, *"regnum"*: "governo". D.L.L.B.

Tradução:

Governo francês, estarás bem mudado; o Império será transferido para terras estrangeiras; serás submetido à obediência a outros costumes e leis. Os que virão por Rouen e por Chartres te farão pior ainda [1].

A história:

"A sorte do *império francês* está em jogo. Não existe ninguém na França que queira ou que possa tentar uma revolta, agora que Pétain e uma equipe de derrotistas tomaram o poder. Se a África do Norte e o *império francês* devem ser salvos, a ajuda só pode vir de *Londres*... Vou voltar à Inglaterra com De Gaulle e ajudá-lo a realizar seu plano. Ele tinha razão. É essencial que, sem um momento de demora, seja lançado o apelo à resistência inglesa, em resposta imediata ao pedido de armistício de Pétain" [2].

"Depois, é o avanço em direção ao Sena, onde os alemães nem pensaram em resistir, tratando de evacuar o mais depressa possível o país que haviam ocupado por quatro anos. Quatro exércitos aliados participaram dessa perseguição: o I Exército canadense, pela costa da Mancha, atravessa o Sena perto de Elbeuf, avança em direção a *Rouen,* que atingirá em 27 de agosto... O III Exército americano dirige-se para *Paris:* partindo de Alençon e de Le Mans, seus homens chegam, ao norte, a Verneuil, Dreux, Mantes, e, ao sul, a *Chartres* e Rambouillet, que será a última etapa. Depois da retomada de Paris e da travessia do Sena, a campanha muda definitivamente de aspecto." [3]

PÉTAIN, HITLER E STÁLIN. OS VINTE MESES DE OCUPAÇÃO TOTAL.

VIII.65

Le vieux frustre du principal espoir,
Il parviendra au chef de son empire
Vingt mois tiendra le règne à grand pouvoir
Tiran cruel en délaissant un pire.

[1] Em sentido figurado: "submeter ao dever", "submeter à obediência".
[2] "Comment j'ai emmené le Général de Gaulle en Angleterre", Edward Spears, em *Dossier Historama,* número 23.
[3] H.L.F.R.A.

Tradução:

O velho (marechal) frustrado da principal esperança, (Hitler) chegará ao auge de seu poder e dominará pela força durante vinte meses, tirano cruel, deixando um pior depois dele.

A história:

"A 11 de novembro de 1942, a França livre é ocupada pelos alemães".

"A 6 de junho de 1944, os Aliados desembarcam na Normandia." [1]

De 11 de novembro de 1942 a 6 de junho de 1944 são *dezenove meses e vinte e cinco dias!*

"O V Plano (1951-1955) russo favorece os bens de consumo. Ao mesmo tempo, acentua-se o endurecimento do regime. A luta contra o cosmopolitismo se caracteriza pela perseguição contra os israelitas em particular."

"O assassinato de Kirov em Leningrado, em 1936, é o sinal de uma série de convulsões. A pena capital se abate sobre os que não pertencem à linha do regime. Estende-se aos mais altos funcionários... O alcance da repressão só se compara à calma espantosa com que os acusados confessam (*'un pire'!*)" [2].

AS FASES DA VIDA DE HITLER: 1889, 1915, 1921, 1939, 1945.

Sextilha 53

Plusieurs mourront avant que Phoenix [3] meure,
Jusques six cents septante [4] est sa demeure,
Passé quinze ans, vingt et un, trente-neuf,
Le premier est subjet à maladie,

[1] P.C.H.F.
[2] L.M.C.
[3] A fênix da lenda *vivia muitos séculos.* Tinha o tamanho de uma *águia;* quando sentia que o seu fim estava próximo, *construía um ninho* de ramos untados com resinas odoríferas, expunha-os ao calor do sol e ali *deixava-se consumir.* D.L.7 V.
[4] De abril de 1889 a março de 1945: seiscentos e setenta meses.

Et le second ao fer [1] danger de vie,
Au feu à l'eau [2] est subjet trente-neuf.

Tradução:

Muitos homens morrerão antes que a Fênix morra (Hitler). Depois de cinqüenta e cinco anos e dez meses, ele encontrará sua (última) morada, quando tiverem passado os anos de 1915, 1921, 1939. Em 1915, ele será atacado por uma doença; em 1921, terá uma força guerreira perigosa para sua vida; em 1939, será sujeito a um dilúvio de fogo.

A história:

"Adolf Hitler nasceu em abril de 1889 em Braunau sobre o Inn... Quando era cabo, foi duas vezes *ferido* (1915)...[3]

"O ano de *1921* é um ano de sucesso para o partido, que conta, a partir de então, com mais de seis mil membros, dos quais uma grande parte entra para as SA, chamadas pelos jornais de Munique de *'Guarda de Hitler'* [4].

"Enquanto percorre a Alemanha para aliciar partidários (são três mil, no fim de *1921),* o Capitão Roehm, seu ajudante, funda a organização *paramilitar* das SA, ou seção de assalto... Ele liquida a *oposição* de direita na Noite dos Longos Punhais, 30 de junho de 1934. Várias centenas de pessoas são massacradas, entre elas, Schleicher, que tentava reagrupar os militares que permaneciam ainda *reticentes* quanto a Hitler. Roehm, o muito *poderoso* e muito independente chefe das SA..." [5]

"Durante as últimas semanas, *março*-abril de 1945, o líder da guerra, perseguido, comete suicídio com um tiro na boca." [6]

"Afinal, à tarde, chega uma das últimas notícias do mundo exterior: a captura e execução de Benito Mussolini e de Clara Petacci. O Duce e sua amante são pendurados pelos pés, em Milão... Eva Hitler se apavora: 'Vão nos

[1] "Usar o ferro e o fogo": empregar todos os meios violentos para alcançar um objetivo. "Levar o ferro e a chama a uma região": arrasá-la com morte e incêndio. D.L.7 V.
[2] No estilo bíblico: "o dilúvio". D.L.7 V.
[3] E.U.
[4] "As primeiras manobras das SA". Yves Naud, em *Histoire pour tous,* número 9, novembro-dezembro de 1978.
[5] A.E.
[6] E.U.

fazer a mesma coisa?' 'Eles não o farão', responde Hitler, 'nossos corpos serão *consumidos* pelo fogo até que nada reste deles, nem mesmo as cinzas'." [1]

OS "LEBENSBORN" [2]. "MEIN KAMPF."

VIII.27

La voye auxelle [3] l'un sur l'autre fornix [4]
Du muy [5] de fer hor mis brave [6] et genest [7]:
L'escript d'empereur le fenix,
Veu en celuy ce qu'a nul autre n'est.

Tradução:

Os meios pelos quais são feitas as relações carnais entre um e não importa que outro, no movimento de ferro (SS) exceto os bem-nascidos. O livro do imperador, a Fênix no qual se vêem coisas que não são vistas em nenhum outro lugar.

A história:

"Nos *Lebensborn,* campos de concepção, onde jovens escolhidas pelos mesmos critérios estavam às ordens, os SS *procriavam sem casamento* os filhos de *raça pura,* imediatamente entregues aos bons cuidados da organização (seis mil a sete mil por ano)".

"Vindos da juventude hitlerista, os candidatos às SS deviam ser dignos da idéia que os nazistas faziam da elite germânica — altura: mais de um metro e setenta e cinco centímetros; saúde e dentição perfeitas; beleza 'ariana', hereditariedade nórdica remontando, para os chefes, a 1750, *coragem* instantânea e obediência incondicional." [8]

"Nenhum teórico estava preparado, ou era capaz, real-

[1] L.G.E.S.G.M.
[2] "Campos de concepção."
[3] Latim, *"auxillium":* "ajuda", "socorro". D.L.L.B.
[4] "Fornicação": relações carnais entre pessoas que não são casadas, nem entre elas e nem com terceiros, e que não estão ligadas por nenhum voto. D.L.7 V.
[5] Forma do presente e perfeito de *"mouvoir"* ("mover").
[6] "Intrépido", *"corajoso",* "grande", "famoso", "notável". D.L.7 V.
[7] Grego: "γευέσθαι": infinitivo aoristo de "γίγνομαι": "nascer". D.G.F.
[8] D.S.G.M.

mente, de traduzir o mito em realidade. Hitler, o autodidata sem antolhos nem preconceitos, com uma alma de gelo, alimentado de um darwinismo grosseiro que invocava a natureza e sua 'crueldade', estava pronto para efetuar essa transposição com uma lógica implacável." [1]

HITLER E O TERCEIRO REICH. OS FORNOS CREMATÓRIOS E OS MASSACRES. A PROSPERIDADE E O DESASTRE DA ALEMANHA.

IX.17

Le tiers premier pis que ne fit Néron [2],
Vuider vaillant que sang humain répandre:
Rédifier fera le forneron [3]
Siècle d'or mort, nouveau Roy grand esclandre.

Tradução:

A primeira (personagem) do Terceiro (Reich) fará pior do que Nero. Ele será também valente para derramar o sangue humano; ele mandará construir fornos; a prosperidade terá fim e esse novo chefe será causa de grandes escândalos.

A história:

"Hitler, *chanceler ('le premier')* da Alemanha em 1933, legalmente nomeado pelo Presidente Hindenburg, em 1934, por plebiscito, assume um poder absoluto como Führer e chanceler do novo regime, o Terceiro Reich. Conseguiu eliminar o desemprego (seis milhões e duzentos mil desempregados, em 1932), restabeleceu *a prosperidade ('siècle d'or'),* conduziu bem a política habitacional, de serviços sociais e de grandes realizações, o que lhe garantiu o apoio popular" [4].

"As 'Conversas Francas' do tempo de guerra, cheias de ódio contra os judeus e contra o cristianismo ('Nero'!), pro-

[1] E.U.
[2] Nero assistiu a um imenso incêndio, que devorou a maior parte de Roma; acusado de tê-lo provocado, lançou a acusação sobre os cristãos, e fez com que fossem mortos com as piores torturas. D.H.B. Para Nostradamus, os judeus vão ser o bode expiatório de Hitler, como os cristãos foram de Nero.
[3] Latim, *"fornus"* ou *"furnus":* "forno". D.L.L.B.
[4] D.S.G.M.

metem aos russos vencidos a pior das servidões, em contraste com a vida *paradisíaca ('siècle d'or')* que o colono alemão levava."

"Em 1945, livros e filmes se intitulavam abertamente *Alemanha, ano zero.* Porque o país vencido parecia tão *destruído ('siècle d'or mort'),* tão desamparado, que tudo tinha de ser feito de novo... Os *fornos* crematórios permitem que se compreendam certas afirmações de 1945... Em 8 de maio de 1945, a capitulação incondicional da Alemanha marca o resultado do *grande massacre* ordenado e realizado por Hitler... As cidades estão em ruínas. Os *mortos,* os prisioneiros, os mutilados eram *milhões.* São atirados no caos criado pela guerra total feita por Hitler outros milhões de alemães, expulsos dos países da Europa central e dos territórios confiados à Polônia. A Alemanha ocupada estava na *miséria.*" [1]

AS PERSEGUIÇÕES DE HITLER, O NOVO NERO. O ATENTADO DE 20 DE JULHO DE 1944.

IX.53

Le Néron [2] jeune dans les trois cheminées [3],
Fera de paiges [4] vifs pour ardoir [5] jetter,
Heureux qui loin sera de tels menées,
Trois de son sang le feront mort guetter.

Tradução:

O novo Nero fará jogar nos três fornos (Auschwitz, Dachau e Birkenau) os jovens, para queimá-los vivos. Feliz será aquele que estiver longe desses atos. Três do seu sangue (três alemães) o vigiarão para fazê-lo perecer.

A história:

"As grandes linhas do plano de exterminação foram determinadas durante uma conferência que teve lugar em 20 de janeiro de 1942, perto de Berlim, sob a presidência de Reinhard Heydrich, ajudante de Himmler. O discurso

[1] E.U.
[2] Cf. IX.17.
[3] Derivado de *"caminus":* "forno". D.L.7 V.
[4] "Homem jovem." D.A.F.L.
[5] "Queimar." D.A.F.L.

verbal exato: 'A solução final do problema judeu na Europa será aplicada a onze milhões de pessoas, mais ou menos'.

"Desde então, sob a chefia de Rudolph Eichmann, a Europa inteira foi vasculhada, os judeus reunidos pacientemente e enviados, a maior parte, para Auschwitz, onde eram exterminados. Segundo o diretor do campo, três milhões de deportados morreram em Auschwitz. Em todos os campos, os corpos dos torturados eram queimados nos fornos crematórios *('cheminées')*...

"No fim da guerra existiam vários grupos de oposição, de concepções diversas e, muitas vezes, divergentes. O mais importante foi o que organizou um atentado contra Hitler. Era chefiado por Karl Goerdeler, ex-burgomestre de Leipzig, e pelo General Beck. O Coronel von Stauffenberg *('trois de son sang')* colocou no grande quartel-general de Hitler uma bomba de pouco poder, no dia 20 de julho de 1944. O atentado fracassou: Hitler ficou apenas ligeiramente ferido." [1]

HITLER NO PODER. A GUERRA CONTRA OS ESTADOS. O ATENTADO DE STAUFFENBERG CONTRA HITLER (20 de julho de 1944).

IX.76

Avec le noir Rapax et sanguinaire
Issu du peautre [2] de l'inhumain Néron [3]:
Emmy [4] deux fleuves main gauche militaire,
Sera meurtry [5] par joyne chaulveron [6].

Tradução:

Com (a águia) rapace, negra e sanguinária, nascida no catre do desumano Nero, preso entre dois rios [7] por causa das forças militares da esquerda (as tropas russas), (Hitler) será ferido por um jovem (Stauffenberg), que o queimará.

[1] E.U.
[2] "Catre", "monte de palha". D.A.F.L.
[3] Cf. IX.17.
[4] "No meio." D.A.F.L.
[5] "Ferir", "pôr em perigo", "prejudicar". D.L.7 V.
[6] Do verbo *"chalder"*: "aquecer". D.A.F.L.
[7] Rastenburg, onde teve lugar o atentado contra Hitler, se situa entre o Vístula e o Niemen, eqüidistante dos dois rios.

VI.67

Au grand Empire parviendra tost un autre
Bonté distant [1] plus de félicité:
Regi par un yssu non loing du peautre,
Corruer regnes grande infelicité.

Tradução:

No grande império alemão (o Reich), um outro chefe logo chegará ao poder. A bondade se afasta e ele não terá felicidade. A Alemanha será governada por uma personagem oriunda do catre (de Nero), que se lançará contra o país, provocando muitas desgraças.

A história:

"Stauffenberg tinha saído há uns dez minutos, quando, às doze e quarenta e dois, uma violenta explosão ecoou no salão de conferências, derrubou paredes e o teto, *queimou* os destroços, que caíam sobre as pessoas. Entre a fumaça e a confusão, os gritos dos feridos e os guardas que acorriam de todos os lados, Hitler saiu cambaleante pelo braço de Keitel. A explosão tinha arrancado uma das pernas de sua calça, ele estava coberto de poeira e tinha diversos *ferimentos ('meurtry')*. Seus cabelos estavam *queimados,* o braço direito pendia inerte, uma perna *queimada;* a queda de uma viga tinha ferido os seus dedos e os tímpanos haviam sofrido com a explosão" [2].

O PODER DE HITLER, EM OUTUBRO DE 1939.

Sextilha 21

L'autheur des maux commencera régner [3]
En l'an six cens et sept [4] sans espargner
Tous les subjets qui sont à la sangsue [5],
Et puis après s'en viendra peu à peu,

[1] Latim, *"distans"*: "afastado". D.L.L.B.
[2] H.A.B.
[3] Latim, *"regnum"*: "reino", "império", "domínio", "poder". D.L.L.B.
[4] De abril de 189 a outubro de 1939: seiscentos e sete meses.
[5] Latim, *"sanguisuga"*: "que suga o sangue", "sanguessuga". D.L.L.B. Palavra utilizada por Nostradamus para designar a Revolução: a sugadora de sangue.

Au franc pays rallumer son feu,
S'en retournant d'où elle est issue.

Tradução:

Aquele que provocará grandes desgraças verá o início do seu poder em outubro de 1939, sem poupar os revolucionários, e pouco a pouco reacenderá a guerra na França, para retornar ao lugar de onde saiu (a Alemanha).

A história:

"Livrando-se da Polônia, Hitler se volta para o ocidente. No seu diário, o antigo chefe do estado-maior, general do OKH, faz um resumo do tipo de argumento em que o Führer baseava a sua convicção: 'o Führer tentou utilizar a impressão criada por nossa *vitória* na Polônia para chegar a um acordo. Em caso de insucesso, o fato de que o tempo trabalha dando mais vantagem ao inimigo do que a nós obriga-nos a intervir no ocidente...

" 'Primeiro, o provável abandono da neutralidade, pela Bélgica, é uma ameaça para o Ruhr, o que nos obriga a *abrir espaço*...

" 'Segundo, a ajuda britânica aumenta e está a ponto de atacar; daí a necessidade de estudar as modalidades de ofensiva, concebida de modo que, desfechada entre 20 e 25 de outubro, através da Holanda e da Bélgica, destrua as forças militares aliadas; nós é que devíamos garantir um espaço suficiente, no norte da *França,* para estender o sistema de nossas bases aéreas e navais. Os generais Von Brauchitsch e Hadler, no dia *19 de outubro,* apresentaram o primeiro plano de operações, chamado Fall Gelb." [1]

" 'Hitler tomara horror ao marxismo desde que, segundo ele, descobrira uma doutrina judia, inventada por um tal de Marx, difundida na Áustria pelos Austerlitz, David e Adler'." [2]

[1] L.D.G.
[2] E.U.

A ESTRANHA GUERRA:
DO ESMAGAMENTO DA POLÔNIA
(setembro de 1939) À INVASÃO DA FRANÇA
(janeiro de 1940).

Sextilha 14

Au grand siège encore grands forfaits,
Recommençant plus que jamais
Six cens et cinq [1] sur la verdure,
La prise et reprise sera,
Soldats es [2] champs jusqu'en froidure
Puis après recommencera.

Tradução:

No grande cerco (de Varsóvia) haverá muitos crimes, e recomeçarão mais do que nunca, em setembro de 1939, com o exército em campanha (verdura). A cidade será tomada e retomada; os soldados não estarão mais em campanha até o frio, depois a guerra recomeçará.

A história:

"Em 28 de setembro de 1939, Varsóvia se rendia, depois de duas semanas de uma resistência que pode ser qualificada de heróica. O bombardeio aéreo provocara o incêndio em suas indústrias moageiras, e a sua usina de filtragem e bombeamento estava quase toda destruída".

"As chuvas torrenciais do fim do outono de 1939 haviam obrigado Hitler a suspender, no último momento, a ofensiva desfechada em *12 de novembro.* Até *16 de janeiro de 1940,* por não menos de treze vezes, as condições meteorológicas o obrigaram a ceder."

"Na tarde de 10 de janeiro de 1940, o Führer reuniu às pressas o Marechal Goering, o Coronel-General von Brauchitsch, o Grande-Almirante Raeder e seus chefes do estado-maior em seu escritório, na nova chancelaria. Comunicou-lhes sua decisão de desfechar a ofensiva no ocidente no dia 17, ao amanhecer, quando o sol se erguesse sobre Aix-la-Chapelle, às oito horas e dezesseis minutos da manhã. As condições meteorológicas eram o motivo dessa brusca

[1] De abril de 1889 a setembro de 1939: seiscentos e cinco meses.
[2] Prefixo que exprime a idéia de roubo, extração. D.A.F.L. Literalmente: "fora do campo".

decisão, explicou ele. Vinda do leste, aproximava-se uma massa de alta pressão que, a partir do dia 12 ou 13, traria, no espaço de uns dez dias, tempo claro e seco aos Países Baixos, com os termômetros descendo a *dez ou a quinze graus abaixo de zero.*" [1]

HITLER NOS CHAMPS-ÉLYSÉES

Sextilha 25

Six cens et six, six cens et neuf [2],
Un Chancelier gros comme un bœuf [3],
Vieux comme le Phoenix du monde,
En ce terroir plus ne luyra,
De la nef [4] d'oubly passera,
Aux champs Elisiens faire ronde.

Tradução:

Setembro de 1939, janeiro de 1940, um Chanceler grosseiro e brutal, velho como a Fênix do mundo, acabará por não mais brilhar na França, seu poder passará ao esquecimento, quando ele tiver desfilado nos Champs-Élysées.

A história:

"Capítulo oito: *1.º de setembro de 1939:* começa a Segunda Guerra Mundial" [5].

"Os planos de agressão alemães desenvolvem-se... Ante a iminência do ataque, a *12 de janeiro de 1940,* Hitler envia mais um memorando ao OKH..." [6]

"A 14 de junho, os primeiros elementos do XVIII Exército alemão entram na capital da França, declarada cidade aberta... Na entrada dos *Champs-Élysées,* perto dos cavalos de Marly, camuflados por sacos de areia, os oficiais

[1] L.D.G.
[2] Do nascimento de Hitler (abril de 1889) a setembro de 1939 há seiscentos e seis meses, ou seja, cinqüenta anos e seis meses. E até janeiro de 1940 há seiscentos e nove meses, ou seja, cinqüenta anos e nove meses.
[3] "Grande", "brutal". D.L.7 V.
[4] Latim, *"navis":* "navio". *"Navis Reipublicæ":* "o barco do Estado". Cícero. D.L.L.B.
[5] L.D.G.
[6] L.D.G.

alemães e um representante das forças italianas, com roupas civis, esperam o *desfile* das tropas na Place de la Concorde."

"Hitler: a imagem clássica do grande político (Richelieu, Napoleão, Bismarck) tem um magnetismo e uma distinção natural. Ora, essa imagem de Hitler é tremendamente falsa. Seu espírito irremediavelmente vulgar, *grosseiro e cruel* (que encontramos nas 'Conversas Francas' dos tempos de guerra, exatamente como o revelava *Mein Kampf),* choca e repudia." [1]

O ARMISTÍCIO DE VILLA INCISA (22 de junho de 1940). O ARMISTÍCIO DE RETHONDES (20 de junho de 1940). A LINHA DE DEMARCAÇÃO. A OCUPAÇÃO.

I.78

D'un chef vieillard naistra sens hébété [2],
Dégénérant [3] par scavoir et par armes,
Le chef de France par sa sœur redoubté,
Champs divisez, concedez aux gens d'armes.

Tradução:

O bom senso de um velho chefe será embotado, perdendo o brilho de seu mérito em sua sabedoria e sua arte militar; o chefe da França será temido por sua irmã (latina: a Itália). Depois, o território será dividido e abandonado aos soldados.

A história:

"E a *semicaquexia* de Pétain explicava tudo: que ele não estivesse a par das coisas, que não compreendesse nem a metade do que estava acontecendo, que muitas vezes outros tivessem de agir por ele. O advogado estava convencido de que, mostrando assim o seu cliente, ajudava a sua defesa. Enquanto ele falava, Pétain parecia tão furioso quanto a acusação. 'Ele está alegando senilidade', disse ele, irritado" [4].

[1] E.U.
[2] "Embotar", "tornar estúpido". D.L.7 V.
[3] Em sentido figurado: perder o brilho do nascimento, da nobreza, da mente.
[4] P.G.B.

"O Armistício de Villa Incisa: em Bordeaux ignorava-se, naturalmente, que Mussolini tinha, afinal, se convertido às idéias de Hitler sobre a neutralização da frota francesa. Por isso, a 22 de junho, às dezoito horas e dez minutos, com *a aprovação do Marechal Pétain,* o Almirante Darlan enviou aos almirantes Esteva, Duplat e Gensoul o seguinte telegrama: 'Se o armistício franco-alemão for concluído, só deverá entrar em vigor após a conclusão do armistício franco-italiano, para o qual ainda se pode tentar fazer chantagem. No caso de as condições italianas serem inaceitáveis, penso lançar a frota francesa numa ação de pequeno porte contra os alvos militares e os pontos estratégicos do litoral italiano'... O armistício franco-italiano foi assinado na Villa Incisa, no interior de Roma, em 22 de junho, às dezenove horas e trinta e cinco minutos." [1]

A QUEDA DA TERCEIRA REPÚBLICA
(22 de junho de 1940)

Sextilha 54

Six cens et quinze, vingt, grand Dame [2] mourra,
Et peu après un fort long temps plouvra [3]
Plusieurs pays, Flandres et l'Angleterre
Seront par feu et par fer affligez,
De leurs voisins longuement assiégés
Contraints seront de leur faire la guerre.

Tradução:

Em 20 do seiscentésimo décimo quinto mês, a República morrerá. E pouco depois a guerra durará por muito tempo. Vários países, e especialmente Flandres e a Inglaterra, sofrerão um dilúvio de fogo e ferro; cercados pelos alemães, serão obrigados a fazer guerra.

A história:

Se ao nosso ponto de partida, 1889, acrescentarmos seiscentos e quinze meses, teremos 20 de junho de 1940. Deixemos a história falar:

---

[1] L.D.G.
[2] "Grande Dama": Marianne, símbolo da República.
[3] Aqui encontramos novamente "água" no sentido de perturbação, agitação.

"*A queda da Terceira República.* Segundo os termos do armistício assinado em 22 de junho, dois terços da França são ocupados pelos alemães; o resto é submetido à autoridade do governo francês de Vichy. Investido de plenos poderes pelas Câmaras, Pétain instaura o ESTADO FRANCÊS..."

"A multiplicação das frentes de batalha e as primeiras dificuldades (junho de 1940 — começo de 1943): Hitler pensa em obrigar a *Inglaterra* a render-se, submetendo-a a *intensos bombardeios.* Entrada de novas potências na guerra..." [1] Diga-se de passagem que as duas cidades mais castigadas pelas V1 e V2 foram *Londres* e *Antuérpia ('Flandres et l'Angleterre').*

LIBERTAÇÃO DA ITÁLIA PELOS AMERICANOS, INGLESES E FRANCESES (1943-1944).

V.99

Milan, Ferrare, Turin et Aquilleye [2],
Capue, Brundis [3] vexez par gent Celtique,
Par le Lyon et phalange aquilée [4],
Quand Rome aura le chef vieux Britannique.

Tradução:

Milão, Ferrara, Turim e Aquiléia, Cápua e Brindisi serão atormentadas pelos franceses, pelo Leão britânico e pelo exército da águia (americano), quando o velho chefe britânico (Montgomery) tomar Roma.

A história:

"Em vista do perigo que corria o *V Exército americano ('phalange aquilée'),* Alexander mandou chamar *Montgomery ('le vieux chef britannique'),* pedindo-lhe que fizesse o possível para pegar em flagrante delito os atacantes da cabeça-de-ponte... Quanto ao VIII Exército britânico, encarregado do setor da Apúlia, o armistício de Cassibile permitiu que desembarcasse calmamente seu V Corpo de Exército nos portos bem equipados de Tarento e *Brindisi...* Apesar da evacuação de Nápoles, a 1.° de outubro, ele ataca as

---

[1] *La classe d'histoire en 3.ème,* G. Désiré Vuillemin, Éd. Dunod.
[2] Aquiléia: cidade de Veneza.
[3] "Brundisium": Brindisi. D.L.L.B.
[4] Latim, *"aquila"*: "águia". D.L.L.B.

tropas do Eixo que se dirigiam a Roma, por Cassino e Formia... A partir de 22 de novembro, o Corpo Expedicionário Francês *('gent Celtique')* começa a desembarcar na Itália... Sua 2.ª DIM foi desligada do VI Corpo de Exército, que teve de deixar a região de Mignano, e o General Lucas a engaja à sua direita, uns dez quilômetros ao norte de Venatro (vilarejo vizinho de Cápua)" [1].

"A 4 de junho de 1944, as tropas aliadas entram em Roma."

DESEMBARQUE DO CORPO EXPEDICIONÁRIO FRANCÊS NA ITÁLIA (inverno de 1944). OS COMBATES SANGRENTOS DE MONTE CASSINO E A TOMADA DE ROMA. DIVERGÊNCIAS ENTRE OS COMANDOS ALIADOS.

V.63

De vaine emprinse [2] l'honneur indue plainte,
Galliots [3] errans [4] par latins, froid, faim, vagues,
Non loing du Tymbre de sang la terre tainte,
Et sur humains seront diverses plagues [5].

Tradução:

Será deplorado um empreendimento vão e inútil, provocado por uma questão de honra; os barcos (de desembarque) se dirigem para a costa italiana, as ofensivas (os ataques) terão lugar no inverno, na crise de fome; a terra se tingirá de sangue perto do Tibre e os homens serão atingidos por vários ferimentos.

A história:

"O General Clark nos pôs ao corrente das patéticas peripécias do seu desembarque em Salerno. Esteve muito perto de ser devolvido ao mar por um corpo blindado alemão. Conseguiu resistir graças *à frota de apoio ('galiots')*, sob o comando do Almirante Sir Cunningham, que não

---

[1] L.D.G.
[2] Por *"entreprise"* ("empreendimento"). Síncope.
[3] "Galeota": pequeno barco. D.A.F.L.
[4] "Viajante", "caminhante". D.A.F.L.
[5] Latim, *"plaga"*: "ferimento", "ferida", "contusão". D.L.L.B.

hesitou em chegar o mais perto possível do litoral... A 1.º de outubro chegamos a Pompéia. Era bem pouco esse primeiro grupo de homens que eu ia arriscar na rude campanha de *inverno ('froid')*. Contava apenas com sessenta e cinco mil homens. As operações de dezembro de 1943 tinham tido como resultado o enfraquecimento da posição chamada *'de Inverno'*, instalada como cobertura da posição principal de resistência, chamada 'Gustav', pela qual o Marechal Kesselring, nosso adversário na Itália *('latins')*, pretendia impedir o avanço dos Aliados na direção de Roma... No começo de janeiro de 1944, a Batalha de Anzio permitiu aos franceses do CORPO EXPEDICIONÁRIO FRANCÊS obter uma posição estratégica. Mas trouxe sacrifícios *inúteis ('indue')*... A estrada descia sobre o Rapido, que tínhamos de acompanhar em grande parte do caminho, e a travessia foi *terrivelmente trágica ('de sang la terre tainte')* durante a campanha de inverno... *As grandes hecatombes* tinham o objetivo de empurrar a trincheira Gustav para o Belvedere...

"Durante o resto das operações e o avanço para o norte, o Corpo Expedicionário Francês continuou em sua posição, ou seja, *a leste do Tibre ('non loin du Tibre')*, nas montanhas... Em Carpinetto, o estado-maior de um grupo de soldados, que preferiu acampar num castelo, antes ocupado pelos alemães, que haviam deixado lá seu cartão de visitas, foi pelos ares em plena madrugada, com a explosão de uma mina que matou todo ou quase todo o estado-maior *('diverses plagues')."* [1]

OS ALEMÃES EM PARIS (1940). O ATAQUE DA UNIÃO SOVIÉTICA (22 de junho de 1941). AS TROPAS ALIADAS NA NORMANDIA E NOS ALPES (1944).

III.33

En la cité où le loup entrera,
Bien près de là les ennemis seront:

---

[1] L.C.I.

Copie [1] estrange grand pays gastera,
Aux murs [2] et Alpes les amis passeront.

Tradução:

Na cidade onde entrará o alemão (Paris), os inimigos estarão bem perto; as tropas estrangeiras prejudicarão um grande país (Rússia). Pelas falésias (da Normandia) e pelos Alpes passarão os Aliados.

A história:

"O armistício com a Alemanha foi assinado em 21 de junho de 1940, em Rethondes; o armistício com a Itália, em Roma, a 24 de junho. Entraram em vigor no dia 25 de junho... *Desfile em Paris:* em passo cadenciado e cantando, as tropas alemãs atravessaram a Place de la Concorde, completamente vazia".

"O *Muro* do Atlântico não é uma ficção. Não é também o sistema de fortificação sem falhas descrito por Goebbels. Boulogne, Havre, Cherburgo estão extremamente organizados. Construíram-se algumas fortificações no Passo de Calais, mas o resto é apenas um esboço, um desenho." [3]

"A Wehrmacht se encontra entre dois teatros de operações; em fins de abril, um mês antes do desembarque, tinha cinqüenta e duas divisões na França, seis na Holanda, seis na Bélgica e vinte e quatro *na Itália* ('os Alpes'), contra duzentas e duas na *Rússia ('grand pays gastera')."* [4]

DEPOIS DA SICÍLIA, O DESEMBARQUE NA CALÁBRIA (3 de setembro de 1943).

IX.95

Le nouveau faict conduira l'exercite [5],
Proche apamé [6] jusqu'auprès du rivage:

[1] Latim, *"copia":* "tropas". D.L.L.B.
[2] "Falésia": nos calcários homogêneos e moles, são *muralhas* verticais. D.L.7 V.
[3] *Historama,* número 271. "Overlord, la plus gigantesque opération amphibie de tous les temps". Raymond Cartier.
[4] H.L.F.R.A.
[5] Latim, *"exercitus":* "exército", "corpo de tropas". D.L.L.B.
[6] Latim, *"Apamestini":* habitante de Apameste, na *Calábria.* D.L.L.B.

Tendant secours de Milannoise eslite
Duc yeux [1] privé à Milan fer de cage.

Tradução:

Um novo conflito armado conduzirá o exército perto de Apameste (na Calábria) até o rio, apesar de uma tentativa de socorro da elite militar de Milão. Depois, o Duce, privado do poder, irá para Milão numa gaiola de ferro (um caminhão).

A história:

"A 3 de setembro, aproveitando o apoio militar que lhe fornecia uma divisão naval comandada pelo Vice-Almirante Willis, da Marinha Real, o XIII Corpo do Exército britânico *aportou na costa da Calábria,* a noroeste de Reggio..."

"Hitler transferiu para a frente do leste a 24.ª Pz.D. (Divisão Panzer) e a Divisão SS Leibstandarte. Kesselring cedeu três divisões de infantaria ao X Exército, e o que restava do ex-grupo do Exército B, *mantido na alta Itália ('Milannoise eslite'),* foi transformado no XIV Exército, sob o comando do General von Mackenser." [2]

"Às seis horas, Geminazza partiu de Dongo, onde Audisio dirigira a execução dos quinze fascistas presos em Rocca di Musso. Colocaram os corpos de Mussolini e Claretta numa das viaturas de Geminazza, que partiu, sob a chuva, pela estrada de Azzano. O *caminhão de mudanças ('fer de cage')* esperava no cruzamento. Jogaram os dois cadáveres sobre os outros quinze. A 29 de abril de 1945, no começo da manhã, o caminhão de mudança chegou a *Milão,* depois de ter atravessado várias barreiras americanas. Parou na frente de uma garagem em construção, na Piazzale Loreto." [3]

[1] Com o sentido de "poder", como "o olho do dono".
[2] L.D.G.
[3] M.C.H.

LIBERTAÇÃO DA CÓRSEGA (setembro de 1943).
PEDIDO DE ARMISTÍCIO AOS ALIADOS
EM LISBOA (agosto de 1943).
A QUEDA DA REPÚBLICA SOCIALISTA ITALIANA,
DEPOIS DA LINHA GÓTICA.
OS SETENTA E DOIS MORTOS DA LIBERTAÇÃO
DA CÓRSEGA.

IX.54

Arrivera au port de Corsibonne [1],
Près de Ravenne qui pillera la dame [2]
En mer profonde légat de la Vlisbonne [3],
Sous roc cachez raviront septante ames [4].

Tradução:

(O alemão) chegará ao porto de Bonifácio, na Córsega, enquanto a República (Socialista Italiana) será saqueada perto de Ravena. A embaixada enviada a Lisboa cairá na água. Os que estarão escondidos nas montanhas matarão setenta homens.

A história:

"A questão dos italianos estava resolvida, mas restavam dezenas de milhares de alemães na ilha, sem contar os que, evacuados da Sardenha, passavam para a Córsega pelo estreito de *Bonifácio,* para embarcar em Bastia. Toda a campanha da Córsega estava lá... Do lado oriental, os alemães tinham *Bonifácio,* Porto-Vecchio ao sul, Ghisonnaccia ao centro, o campo de pouso de Borgo e Bastia ao norte. Os primeiros elementos da 90.ª Divisão de Granadeiros-Panzer *desembarcaram em Bonifácio,* vindos da Sardenha... Mas, por onde atacar Bastia? Pelas montanhas: durante a noite, os soldados galgam penosamente os *rochedos* e atravessam o matagal. Ao amanhecer, próximo do cume do monte Secco, o 47.º Gum cai numa verdadeira cilada. Em poucos minutos, perde vinte e cinco oficiais e soldados... Assim, em vinte e sete dias, a Córsega foi libertada pelos franceses.

1 Palavra inventada por Nostradamus, a partir das palavras "Córsega" e "Bonifácio", por exigência de rima.
2 Geralmente usada por Nostradamus para designar a República.
3 Exemplo de prótese: uma letra adicionada à palavra "Lisbonne" (Lisboa).
4 Pode-se perdoar a Nostradamus este número aproximado de mortos.

O General Henry Martin conseguiu cumprir sua missão com um mínimo de perdas: *setenta e dois mortos* e duzentos e vinte feridos. Estava longe do banho de sangue anunciado por alguns!" [1]

"Mesmo quando os alemães conseguiram se reunir ao norte de Florença e se instalaram para o inverno na Linha Gótica, entre Rimini (a quarenta quilômetros ao norte de Ravena) e La Spezia, as violências prosseguiram, quase na mesma escala, atrás do *front.*" [2]

"A 17 de julho de 1943, Bastiani tenta algumas negociações junto ao Vaticano. É bem recebido pelo Cardeal Maglione. Os dois resolvem enviar um *emissário a Lisboa* para fazer contato com os Aliados. Esse emissário, um banqueiro, Fummi, qualificado, para a ocasião, como administrador dos bens da Santa Sé, deveria chegar a Londres via *Lisboa.* Infelizmente, esperou durante longos dias na capital portuguesa pelo visto britânico, enquanto os acontecimentos se precipitavam em Roma, *tornando inútil a sua missão ('en mer profonde').*" [3]

LUTA CONTRA A ALEMANHA E A ITÁLIA.
SUA RUÍNA ECONÔMICA.
A RUÍNA DO ESTADO FRANCÊS E DO
TERCEIRO REICH.
CONFERÊNCIA DE TEERÃ. A ONU.

IV.59

Deux assiegez en ardante [4] fureur,
De soif [5] estaincts [6] pour deux plaines [7] tasses [8],
Le fort limé [9], et un vieillard resveur,
Aux genevoix de Nira [10] monstre trasse.

1 "La libération de la Corse par le colonel Adolphe Goutard", em *Historama.*
2 M.C.H.
3 M.A.B.
4 Latim, *"ardeus":* "violento". D.L.L.B.
5 "Desejo ardente." D.L.7 V.
6 Latim, *"extinguo":* "extingo". D.L.L.B.
7 De *"planus":* "plano". D.A.F.L.
8 "Bolso." D.A.F.L.
9 "Magoar." D.A.F.L.
10 Anagrama de "IRAN".

Tradução:

Dois (países) sitiados (Alemanha e Itália), por causa do seu furor violento, terão seus bolsos completamente esvaziados (ruína econômica). O mais forte (Alemanha) será arrasado, assim como o velho sonhador (Pétain). Em Genebra, serão mostrados os pontos (do tratado) de Teerã.

A história:

"Em 27 de novembro de 1943, o presidente americano, o primeiro-ministro britânico e suas comitivas partiram de avião, de madrugada, para *Teerã,* onde devia se realizar a Conferência EUREKA... A primeira sessão da conferência se iniciou num salão da embaixada soviética, em 28 de novembro, às quatro e meia da tarde. Um pouco antes, Stálin tivera um encontro particular com Roosevelt, e este lhe expusera suas idéias de reestruturação a nível mundial... Quanto a modificações na Constituição e à instituição de uma *nova ordem internacional,* as discussões entre Stálin, Churchill e o presidente dos Estados Unidos jamais atingiram um diapasão agudo simplesmente porque o primeiro-ministro britânico e o presidente dos Estados Unidos ratificaram até o menor desejo de seu aliado soviético... O Presidente Roosevelt, a seu pedido, expôs suas idéias sobre a futura organização mundial que, uma vez conquistada a paz, *substituiria a antiga Liga das Nações...* Seria um engano dissociar Teerã de Yalta e de Potsdam" [1].

"A Conferência de Yalta (4 a 11 de fevereiro de 1945) estabeleceu as bases da futura Organização das Nações Unidas." [2]

DESEMBARQUE NA NORMANDIA
(6 de junho de 1944)

I.29

Quand le poisson terrestre et aquatique [3]
Par force vague au gravier [4] sera mis,

[1] L.D.G.
[2] V.C.A.H.U.
[3] "Anfíbio": que vive, que anda na terra e na água. D.L.7 V.
[4] *"Grève":* "praia", "costa". D.A.F.L.

Sa forme [1] estrange suave et horrifique,
Par mer aux murs [2] bien tost les ennemis.

Tradução:

Quando as máquinas anfíbias, por inúmeras ofensivas, desembarcarem na praia, sua formação feita de estrangeiros (americanos) será agradável (para os franceses) e aterrorizante (para os alemães), e logo chegará aos inimigos por mar até as falésias.

A história:

"Os defensores do ponto de apoio W-5 viram surgir da água, meio submersos, monstros informes que pareciam rastejar: os carros *anfíbios!* Com a água escorrendo de suas costas, avançavam agora pela *areia...* Uma segunda *leva* de carros acompanhou a primeira..." [3]

"Na praia de Ouistreham, um monumento lembra o primeiro desembarque das tropas *Aliadas* em solo francês. Tem a seguinte inscrição: 'Nesta praia, na madrugada do dia 6 de junho de 1944, as tropas do Marechal Montgomery e o comando francês do Capitão Kieffer puseram primeiro os pés na França'. É uma inscrição bem característica. Para os ingleses, um marechal. Para os franceses, um capitão. Pode haver prova mais impressionante da condição a que foram reduzidos militarmente os nossos compatriotas?" [4]

"Uma parte dos elementos do 5.º Corpo de Exército ('estrangeiros') *americano* desembarcados em Omaha Beach tinha por missão atravessar Grandcamp. A ponta do Hoc é formada por *falésias de calcário* que avançam pelo mar, cerca de sete quilômetros a leste de Vierville. Essas falésias têm trinta metros de altura. Lá embaixo, há *uma praia* de seixos com vinte metros de profundidade." [5]

[1] Sinônimo: "conformação", "configuração". D.L.7 V.
[2] "Falésia": nos calcários homogêneos e moles, são *muralhas* verticais. D.L.7 V.
[3] Paul Carell, em *Histoire pour tous,* número 7, julho-agosto de 1978.
[4] H.L.F.R.A.
[5] Georges Blond, em *Histoire pour tous,* número 7, julho-agosto de 1978.

DESEMBARQUE NA PROVENÇA (agosto de 1944). PROTESTOS EM MÔNACO CONTRA A GUERRA.

X.23

Au peuple ingrat [1] faictes les remonstrances,
Par lors l'armée se saisira d'Antibe:
Dans l'arc Monech [2] feront les doléances [3],
Et à Frejus l'un l'autre prendra ribe [4].

Tradução:

Serão feitas queixas ao povo descontente, quando o exército se apossar de Antibes. Serão ouvidas queixas em Mônaco e em Fréjus; um ocupará a margem que era do outro (da Alemanha).

A história:

"A concentração das unidades de desembarque começou na noite de 10 de agosto de 1944... O problema consistia em fazer convergir no momento previsto os dois mil navios, que constituíam a maior armada jamais levada ao Mediterrâneo, para a costa da Provença... Em uma declaração preliminar, o General Lattre não consegue dissimular a emoção que lhe inspira o solo francês e a preocupação com os problemas que terá de enfrentar. A França é também a terra dos franceses, tão castigados nestes últimos quatro anos, tão angustiados, tão divididos: 'Trata-se da França, de lutarmos na França, de libertar a França. É extremamente difícil, pois não será suficiente combater; será preciso, sobretudo, se fazer amar. E eu lhes *dou um aviso ('remonstrances'):* contenham os seus sentimentos. Orgulhosos, com razão, de seus esforços e do sacrifício de muitos dos seus companheiros, poderão esperar reconhecimento'...

"Quando, no dia seguinte, 16 de agosto, os grandes chefes desembarcaram, eis, segundo o Almirante Hewitt, as circunstâncias dessa primeira *abordagem ('prendre ribe'):* 'Quando chegamos à praia *('ribe'),* o General Patch e eu nos

1 Latim, *"ingratus":* "descontente". D.L.L.B.
2 Latim, *"Monœci arx",* fortaleza do porto de Monécus, na Ligúria, Mônaco. D.L.L.B.
3 "Queixas", "mágoas". D.L.7 V.
4 Provençal, *"rivo",* do latim *"ripa":* "margem", "borda", margem de um rio, do mar. D.P.

detivemos para permitir que o Almirante Lemonnier fosse o primeiro a tocar o solo de sua terra natal'. Em uma carta que o secretário de Estado americano da Defesa, Forrestal, escreveu ao Almirante Lemonnier, depois de ter assistido com ele à recepção da comunidade de Saint-Raphäel, encontramos uma ponta de humor: 'Meu caro almirante, não esquecerei tão cedo e nem facilmente a cena memorável que testemunhei esta tarde, na praça de Saint-Raphäel...' "

"Na costa, o exército secreto compreendia os três mil homens do grupo Lécuyer, que haviam combatido, especialmente, em Nice e em Antibes." [1]

"A preocupação com as atividades humanitárias surgiu com Alberto I de *Mônaco,* que fundou o Instituto Internacional da Paz, em 1903. Desde então, as iniciativas monegascas não cessaram de se manifestar, através da organização de conferências internacionais (por exemplo, para a humanização dos conflitos, em 1934)." [2]

O RECUO DO COMUNISMO (1942). O RAPTO DE PÉTAIN (20 de agosto de 1944).

IV.32

Es lieux et temps chair au poisson donra lieu [3]
La loi commune sera faite au contraire [4],
Vieux tiendra fort puis osté du milieu,
Le Pantacoina Philon [5] mis fort en arrière [6].

Tradução:

Nesses lugares e nesses tempos, oscilarão, por fraqueza, entre dois partidos opostos; farão oposição às leis democráticas. O velho (marechal) tomará o poder, depois será tirado do meio (Vichy), e o comunismo recuará consideravelmente.

1 H.L.F.R.A.
2 E.U.
3 "Não sabemos se é carne ou peixe": diz-se de uma pessoa que, por fraqueza, oscila entre dois partidos opostos. D.L.7 V.
4 "Ir contra alguma coisa": "opor-se". D.L.7 V.
5 Grego: "πάντα αοίγαφίλωυ": "tudo é comum entre amigos".
6 Ablativo absoluto.

A história:

"A 20 de junho de 1940, às duas horas da tarde, Pétain se encontrava com os ministros que havia convocado para o conselho daquela tarde: eram dois. Os outros arrumavam suas malas. Os membros do governo deviam embarcar para Port-Vendres. Os homens que rodeavam Bordeaux, *sem poder tomar uma decisão,* eram os parlamentares, quase trezentos, presentes nessa cidade. Não apoiar a continuação da luta poderia se tornar, mais tarde, um ponto desfavorável. Que fazer?"

" 'Prepare um texto que me dê os poderes executivos'. A delegação lhe leva o texto no dia seguinte. Tinha a forma de um *contra*projeto, diferente do Projeto Laval: *Suspensão das leis constitucionais de 1875,* até a conclusão da paz, plenos poderes a Pétain... 'Maior poder sobre o Estado do que o de Luís XIV', dizia o marechal, conhecedor de história. O Estado era ele, e na verdade *não havia mais Parlamento* encarregado de controlá-lo, de criticá-lo." [1]

"Na manhã de 20 de agosto de 1944, o marechal foi *raptado* pelos alemães, e encaminhado, sob escolta militar, para Sigmaringen, sem tentar a fuga." [2]

"A resistência soviética desorganizada: ao norte dos Pântanos do Pripiat, a resistência soviética, desde as primeiras horas daquele dia calorento, foi surpreendida em vários pontos, e *vencidos* os reforços que se dirigiam para a frente de batalha... Mas, antes que essas medidas pudessem ter algum efeito, a situação evoluiu a *passos gigantescos ('fort en arrière')* entre o mar Negro e o Báltico, e não em favor da defesa... Alguns dias mais tarde, o governo soviético e a administração central deixaram Moscou e se estabeleceram em Kuibichev, na margem esquerda do Volga." [3]

A TRAIÇÃO DE PÉTAIN (20 de agosto de 1944)

IV.61

Le vieux mocqué et privé de sa place
Par l'estranger qui le subornera [4]

[1] P.G.B.
[2] H.L.F.R.A.
[3] L.D.G.
[4] Latim, *"subornare":* "levar a uma má ação", "corromper", "instigar secretamente", "ganhar". D.L.L.B.

Mains [1] de son fils mangées devant sa face
Les frères à Chartres, Orléans, Rouen, trahira.

Tradução:

O velho (marechal) será ridicularizado e tirado do seu posto pelo inimigo, que o levará a uma má ação, o poder que ele criou, destruído sob seus olhos; quando os irmãos de armas (os Aliados) estiverem em Chartres, Orléans e Rouen, ele trairá.

A história:

"Mais ao sul, o II Exército britânico toma a ofensiva em 16 de agosto, atravessando o Dives e tomando, sucessivamente, Lisieux, Pont-l'Évêque, Louviers; ao sul de *Rouen,* ele chega até o Sena. O III Exército americano se dirige para Paris; partindo de Alençon e Le Mans, seus homens chegam, ao norte, a Verneuil, Dreux, Mantes, e, ao sul, a *Chartres* e Rambouillet, que será a última etapa... Em 15 e 16 de agosto, executando seu plano, o III Exército entra em *Orléans* e *Chartres".*

"Na manhã de *20 de agosto,* o marechal foi *raptado* pelos *alemães,* e encaminhado, sob escolta militar, para Sigmaringen, sem tentar a fuga."

"A acolhida entusiástica feita ao marechal, por ocasião das suas últimas visitas às cidades francesas, em particular a Paris, em 26 de abril de 1944, e a Saint-Étienne, em 6 de junho de 1944, no mesmo dia do desembarque, prova que seu prestígio pessoal superou a falência *da sua política.* Mas essa percentagem elevada de marechalistas não constituía, em 1944, *uma força política...* Todos os esforços feitos por Pétain e Laval para garantir a continuação do governo de Vichy dissolveram-se em completa irrealidade." [2]

"A 12 de agosto de 1945, o Procurador-Geral Mornet toma a palavra: 'Senhores, há quatro anos — o que estou dizendo? Há quatro anos, e hoje ainda, a França é vítima de um equívoco temível, que pode lançar a dúvida em nossas mentes, equívoco que, em favor de um nome ilustre, serve de cobertura à *traição.* Oh, senhores! Eu sei o que significa essa palavra que acabo de pronunciar, uma palavra que soa penosamente aplicada a este homem que vêem aqui'." [3]

[1] Latim, *"manus":* "autoridade", "força", "poder". D.L.L.B.
[2] H.L.F.R.A.
[3] P.G.B.

A ZONA DE OCUPAÇÃO DE ROUEN A BORDEAUX.
O MURO DO ATLÂNTICO.
A LIBERTAÇÃO. ROUEN (1944).

III.9

Bordeaux, Rouen et la Rochelle joincts,
Tiendront autour la grand mer Occéane,
Anglois Bretons et les Flaments conjoincts,
Les chasseront jusqu'auprès de Rouane.

Tradução:

Bordeaux, Rouen e La Rochelle reunidas (na ocupação) manterão a costa oceânica francesa (o muro Atlântico); os anglo-americanos, os franceses e os belgas unidos a empurrarão até Rouen.

A QUEDA DO ESTADO FRANCÊS (1944).
A PARTIDA DE PÉTAIN PARA SIGMARINGEN.
PÉTAIN NA ILHA DE YEU (1945).

III.47

Le vieux monarque déchassé de son règne
Aux Orients son secours ira querre [1]:
Pour peur des croix ployera son enseigne
En Mitylène [2] ira par port [3] et par terre.

Tradução:

O velho chefe de Estado expulso do poder irá procurar socorro no leste (Sigmaringen): com medo das cruzes (gamadas), ele dobrará sua bandeira e terminará, por Port(-Joinville) e por terra, na ilha dos moluscos (Yeu).

A história:

"Eis que entra em cena o portador da pior *ameaça.* É o Barão von Neubronn. Se o marechal se recusar a cumprir as ordens, a cidade de Vichy será bombardeada pela

1 Latim, *"quaero":* "procuro". D.L.L.B.
2 Latim, *"mitylus":* "molusco", "concha". D.L.L.B. A principal atividade da ilha de Yeu é a mitilicultura.
3 Nostradamus nos deixa a escolha entre Portalet e Port-Joinville, onde o Marechal Pétain desembarcou.

aviação e pela artilharia *alemãs*... 'Não tenho o direito de deixar bombardear as mulheres e as crianças de Vichy', disse Pétain. 'Devo ceder diante dessas ameaças'...

"A 16 de novembro de 1945, mais ou menos às nove horas da manhã, o navio-aviso *Amiral-Mouchez,* tendo partido, na véspera, de Pallice, estava a sete ou oito milhas a sudoeste da *ilha de Yeu,* para a qual se dirigia... Agora Pétain observava atentamente aquela ilha que lhe ia servir de prisão. A atracação em *Port-Joinville* não ia ser fácil... Pétain foi transferido para o Forte de *Port*alet em 15 de agosto, logo depois de sua condenação." [1]

O NASCIMENTO DE MUSSOLINI,
ENTRE RIMINI E PRATO (1883).
A OPOSIÇÃO DA ESQUERDA DO MONTE AVENTINO (1942).
O FIM DE MUSSOLINI
E DO FASCISMO NA PIAZZA COLONNA (1943).
ASSASSINATO DOS FASCISTAS
E DE SEUS ASSASSINOS (1945).

IX.2

Du haut du mont Aventin [2] voix ouye,
Vuidez, vuidez de tous les deux costez:
Du sang des rouges sera l'ire assomie [3],
D'Arimin [4] Prato [5], Columna [6] debotez [7].

Tradução:

Aqueles que irão se retirar para o monte Aventino farão ouvir suas vozes; dos dois lados, todos serão destruídos; a cólera dos vermelhos será sobrecarregada com o sangue dos

1 P.G.B.
2 Retiro no monte Aventino: irritados com a tirania dos patrícios, os plebeus emigraram em massa e se estabeleceram no monte Aventino. Esse episódio histórico deu origem à expressão: "retirar-se para o monte Aventino", ou seja, romper violentamente, cessar todas as relações, até ser conseguido êxito completo. D.L.7 V.
3 "Carregar", "sobrecarregar". D.A.F.L.
4 Latim, *"Ariminum":* Rimini, cidade da Úmbria. D.L.L.B.
5 Prato: cidade da Toscana. O vilarejo de Predappio está situado no eixo Rimini—Prato, eqüidistante das duas cidades, a cerca de cinqüenta quilômetros.
6 Latim, "coluna"; em italiano, *"colonna".* Observar o *c* maiúsculo.
7 "Expulsar." D.A.F.L.

vermelhos. Aquele que é originário de Rimini—Prato e os da Piazza Colonna serão expulsos.

A história:

"Mussolini começa a escrever sua biografia: 'Nasci em 29 de julho de 1883, em Vernano dei Costa, perto da aldeia de Dovia, que fica próxima à aldeia de Predappio' "[1].

"A 10 de junho de 1924, o deputado *socialista* Matteoti foi raptado em Roma por um grupo de fascistas. Seu corpo foi encontrado em um matagal a vinte quilômetros da cidade, em 16 de agosto. Em sinal de protesto, os deputados da *oposição* abandonaram a Câmara e se *retiraram para o Aventino.*"[2]

"Depois de esperar em vão por uma mensagem de Mussolini, Scorza, em desespero de causa, foi à sede do partido, na Piazza *Colonna,* onde decretou a mobilização de todos os fascistas de Roma. Não havia nem cinqüenta fascistas para responder ao apelo. A multidão começou a invadir as casas dos principais militantes do partido. Incendiaram os escritórios de todas as organizações fascistas. Um bando de manifestantes precipitou-se sobre o Palácio Veneza para reclamar o homem que oprimira o país durante vinte anos, mas ninguém tentou forçar a porta da Mappamondo e todos partiram, agitando as bandeiras *vermelhas.* Na Via del Tritone, na Piazza *Colonna,* na Via Nazionale e na Piazza del Popolo, a multidão cantava e dançava: 'O fascismo está morto!', gritavam por toda parte, felizes."[3]

"A 27 de abril de 1945, os principais dirigentes dos Voluntários da Liberdade reuniram-se em Milão. Entre eles, destacamos Luigi Longo, o devotado militante do Partido Comunista, Walter Audisio, antigo voluntário das Brigadas Internacionais na Espanha. Já tinha sido expedida a ordem para a execução de Mussolini, dada por Palmiro Togliatti, agindo como dirigente do Partido Comunista. Os comunistas do Comitê Milanês previam que outros grupos sairiam à procura do Duce... Moretti e Cavali eram comunistas fervorosos. Menos de dez minutos depois da partida de Bellini, Audisio, Lampredi e Moretti saíram precipitadamente de Dongo. O fim de todos esses homens é exemplar. Alguns autores afirmam que Michele Moretti foi morto. Giuseppe Fran-

[1] M.C.H.
[2] H.I.S.R.
[3] H.I.S.R.

gi exultou com a morte de Mussolini, e morreu em circunstâncias estranhas. Luigi Canali desapareceu. Sua amante, Giuseppina Tuissi, informada de seu desaparecimento, também desaparece. Sua amiga Anna Bianchi, preocupada com a sorte de Giuseppina, desaparece, por sua vez, e seu cadáver foi retirado do lago de Como; foi assassinada a golpes de bastão. O pai de Anna jurou encontrar e matar seus assassinos, mas ele é quem foi assassinado."[1] Os mortos do lado "vermelho".

"O primeiro tiro desfechado por Audisio, com a arma de Moretti, matou Claretta. O segundo atingiu Mussolini... Às seis horas, Geminazza partiu de Dongo, onde Audisio dirigira a execução dos quinze fascistas presos em Rocca di Musso. O caminhão de mudanças esperava no cruzamento. Jogaram os dois cadáveres sobre os outros quinze."[2] Os mortos do lado fascista.

MUSSOLINI E O CARDEAL SCHUSTER (1945). EXECUÇÕES NA PIAZZALE LORETO, EM MILÃO.

VI.31

Roy trouvera ce qu'il désiroit tant,
Quand le Prelat sera reprins[3] à tort,
Response au Duc le rendra mal content,
Qui dans Milan mettra plusieurs à mort.

Tradução:

O chefe encontrará aquele que tanto desejava encontrar (para prender Mussolini), quando o cardeal for acusado injustamente por causa de sua resposta, que desagradará ao Duce; e ele mandará matar muitos em Milão.

A história:

"A 13 de março de 1945, Mussolini manda seu filho Vittorio levar ao *Cardeal* Schuster, arcebispo de *Milão,* uma carta pedindo certas garantias para a população civil, no caso de os alemães evacuarem a Itália e as forças fascistas tomarem posição nos Alpes. O Cardeal Schuster considerou

[1] M.C.H.
[2] H.I.S.R.
[3] "Culpar." D.L.7 V.

esse gesto perfeitamente inútil, mas transmitiu a mensagem aos Aliados, por intermédio do núncio apostólico de Berna. Quando a mensagem chegou ao quartel-general instalado em Caserta, os Aliados *responderam* com uma recusa em recebê-la, acreditando que os alemães já houvessem aceito uma capitulação nesses termos. Mussolini recusava-se a tomar em consideração as exigências dos Aliados"[1].

"Depois de vários incidentes, às três horas da madrugada, Valerio pára em Milão, na Piazzale Loreto, no mesmo lugar em que, em 9 de agosto de 1944, os alemães haviam fuzilado, em represália, depois de um atentado, quinze presos políticos italianos, detidos em Milão. Os corpos foram descarregados nesse lugar... Às onze horas, seis dos cadáveres foram pendurados por cordas numa barra, no posto de gasolina: Mussolini, Clara, Pavolini, Zerbino, Barracù e Porta... Pouco depois, às onze horas e dez minutos, levam para a praça o antigo secretário do partido, Achille Starace... Seis guerrilheiros o fuzilam pelas costas. Seu corpo é também içado ao lado dos outros, que ficam balançando."[2]

MASSACRES EM MILÃO E FLORENÇA. O DUCE EM MILÃO, A CAPITAL (19 de abril de 1945). QUEDA DO FASCISMO EM ROMA, NA PIAZZA COLONNA (setembro de 1944).

X.64

Pleure Milan, pleure Lucques, Florence,
Que ton grand Duc sur le char[3] montera:
Changer le Siege pres de Venise s'advance,
Lorsque Colonne a Rome changera.

Tradução:

Chorarão em Milão, em Luca e em Florença quando teu grande Duce partir no carro. A sede do governo mudará quando houver um ataque perto do (Palácio) Veneza, quando, em Roma, haverá uma mudança na Piazza Colonna.

[1] H.C.H.
[2] M.A.B.
[3] Carro de quatro rodas. D.L.7 V.

A história:

"Os fascistas se entregaram a represálias, em menor escala do que os alemães, sem dúvida, mas, muitas vezes, com a mesma selvageria. Por exemplo, foram os ss que executaram cerca de setecentas pessoas em Marzabotto...[1] Encontrava-se nessas organizações fascistas uma corja mais perigosa do que entre os guerrilheiros mais indisciplinados... Mesmo quando os alemães conseguiram se reunir ao norte de *Florença* e se instalaram para o inverno na Linha Gótica, entre Rimini e La Spezia[2], as violências prosseguiram, quase na mesma escala, atrás do *front*".

"A 16 de abril de 1945, confiou a Mellini: 'Agora que Roma está perdida', disse ele, 'a República italiana só pode ter *uma capital: Milão'*. Prepara-se para partir para Milão em 19 de abril, com uma escolta de soldados alemães. Instala seu escritório no Palácio Monforte, a prefeitura de Milão."

"Um bando de manifestantes precipitou-se sobre o Palácio *Veneza* para reclamar o homem que oprimira o país durante vinte anos. Na *Piazza Colonna,* sede do partido, a multidão cantava e dançava, como se fosse uma festa: 'O fascismo está morto!', gritavam por toda a parte, felizes. Nessa noite, em *Roma,* não havia um único homem para defender o partido, sob o risco de perder a vida."

"A 29 de abril de 1945, o caminhão de mudanças chegou a *Milão,* depois de haver atravessado várias barreiras americanas. Parou na Piazza Loreto. Ali os alemães haviam fuzilado quinze reféns nove meses atrás. Jogaram os cadáveres para fora do caminhão. Um homem que passava teve o trabalho de os alinhar mais ou menos em ordem; colocou Mussolini um pouco afastado dos outros. Depois surgiram os jovens, que começaram a dar-lhe pontapés selvagemente... Uma voz autoritária exclamou: 'Vamos enforcá-los!' "[3]

[1] Vilarejo ao norte de Florença.
[2] Essa trincheira passa por Lucca e Florença.
[3] M.C.H.

A QUEDA DO REICH (1945). A CONTRA-OFENSIVA SOVIÉTICA. O DESEMBARQUE NA SICÍLIA (10 de julho de 1943).

VIII.81

Le neuf empire en desolation
Sera changé du pôle aquilonnaire [1]
De la Sicile viendra l'émotion [2]
Troubler l'emprise [3] à Philip tributaire.

Tradução:

O novo império (alemão) será lançado na desolação e sofrerá mudanças vindas do norte (URSS): a partir da Sicília, serão perseguidos (os alemães), e o empreendimento de Philippe (Pétain), que pagava tributo, será perturbado.

A história:

"Durante os dois anos que se seguiram à invasão da *Rússia,* Hitler ficou absorvido, quase completamente, pela guerra na frente leste. Mas, em 1943, a perda da África do Norte e a queda da *Itália* fizeram com que se lembrasse de que estava em guerra contra uma aliança mundial".

"Na noite de 30 de abril de 1945, Goebbels e Bormann tentaram, em vão, negociar com os *russos.* A resposta foi: *capitulação* incondicional." [4]

"As exigências alemãs: os vencedores dispunham de milhões de prisioneiros e exercem sobre Vichy uma chantagem eficaz. A França já *tinha pago,* para as tropas de ocupação, seiscentos e trinta e um bilhões oitocentos e oitenta e seis milhões de francos, ou seja, cento e sessenta bilhões de francos novos."

"O ataque dos Aliados se evidencia agora. Em julho de 1943, com a Operação Husky, tomam a *Sicília* e fazem duzentos mil prisioneiros." [5]

---

[1] Aquilão: vento do norte, violento e impetuoso. D.L.7 V. Simboliza a Rússia, o império do norte.
[2] Latim, *"emoveo":* "retiro", "afasto", "persigo", "dissipo". D.L.L.B.
[3] Antigamente, *"entreprise"* ("empreendimento"). D.L.7 V.
[4] H.A.B.
[5] L.M.C.

O TRIBUNAL DE NUREMBERG (1945-1946). A GUERRA FRIA.

II.38

Des condamnez sera fait un grande nombre,
Quand les monarques seront conciliez:
Mais l'un d'eux viendra si mal encombre [1]
Que guerre ensemble ne seront raliez.

Tradução:

Haverá um grande número de condenados quando os chefes de Estado fizerem a conciliação. Mas um entre eles provocará tanto embaraço que aqueles que haviam feito a guerra juntos deixarão de ser aliados.

A história:

"A 20 de novembro de 1945, teve lugar a primeira audiência do Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, encarregado de julgar os dirigentes alemães considerados criminosos de guerra. Esse tribunal, composto de representantes das quatro potências *aliadas* (EUA, URSS, Grã-Bretanha e França), iria tomar conhecimento dos crimes contra a paz. O Tribunal de Nuremberg julgou vinte e quatro grandes dirigentes políticos, militares e econômicos da Alemanha hitlerista e seis grupos e organizações do Terceiro Reich. As sessões se estenderam até 1.º de outubro de 1946. *Numerosos* outros processos criminais julgaram os crimes de guerra dos responsáveis de posição menos elevada, na Alemanha . . .

"Os *condenados* à morte foram executados em 16 de outubro de 1946, entre uma e três horas da madrugada; os condenados à prisão foram para Spandau, perto de Berlim.

"A 2 de fevereiro de 1953, na sua primeira mensagem sobre a conjuntura da União, Eisenhower anunciou que decidira neutralizar Formosa; pretendia também denunciar os Acordos de Yalta concluídos por Roosevelt. A atitude americana causa bastante inquietação." [2]

---

[1] "Obstáculo", "embaraço", "dano". D.A.F.L.
[2] V.C.A.H.U.

AMIZADE FRANCO-ALEMÃ
DEPOIS DAS GUERRAS DE 1870, 1914, 1939.
AS FASES DA AMIZADE FRANCO-ALEMÃ:
1950, 1962, 1963, 1967.

VIII.3 *bis*

Las quelle fureur! hélas quelle pitié,
Il y aura entre beaucoup de gens:
On ne vit onc une telle amitié,
Qu'auront les loups à courir diligens[1].

Tradução:

Oh! Que furor e que piedade haverá entre muitos homens! Jamais se viu tal amizade como a que terão os alemães.

A história:

"Em duas entrevistas dadas a um jornalista americano (8 e 21 de março de 1950), Adenauer propôs à França uma *união franco-alemã,* uma verdadeira fusão, com um Parlamento único, uma economia e nacionalidade comuns".

"De 4 a 12 de agosto de 1962, o General de Gaulle faz uma visita oficial à Alemanha Federal. Viagem triunfal: De Gaulle encontrava as palavras para conquistar o coração de um povo que, apesar de ter recuperado seu poder econômico, continua marcado pelo complexo de culpa que lhe foi imposto em 1945."

"O tratado franco-alemão, que previa consultas periódicas entre os dois governos e uma cooperação orgânica nos domínios da defesa, da economia e da cultura, foi assinado em 22 de janeiro de 1963."

"Nos dias 12 e 13 de julho de 1967, De Gaulle e Kissinger se encontram em Bonn e decidem criar duas comissões comuns, uma para a cooperação econômica e técnica, e outra para a troca de opiniões sobre os problemas políticos e estratégicos."[2]

---

1 Latim, *"diligens":* "que ama", "afeiçoado". D.L.L.B.
2 V.C.A.H.U.

A VOLTA DOS JUDEUS À PALESTINA (1939-1948).
AS GUERRAS ÁRABE-ISRAELENSES.

II.19

Nouveaux venus lieu basty sans défence,
Occuper la place par lors inhabitable,
Prez, maisons, champs, villes, prendre à plaisance[1]
Faim, peste, guerre, arpen long labourable.

Tradução:

Homens recém-chegados atacarão as cidades sem defesa e ocuparão lugares até então inabitados. Tomarão com prazer as casas, os campos e as cidades. Depois a fome, a doença e a guerra se abaterão sobre essa terra fértil depois de tanto tempo (1939).

A história:

"Quando a Segunda Guerra Mundial começou, era a seguinte a situação do sionismo: a população judaica passara de oitenta e cinco mil (onze por cento do total) a quatrocentos e dezesseis mil (vinte e nove por cento), e o número de *colônias* judaicas, de setenta e nove para duzentos. *A agricultura* estava consideravelmente desenvolvida; assim, a superfície dos laranjais tinha passado de mil a quinze mil *hectares".*

"Fora uma minoria árabe de cerca de dez por cento, a quase totalidade da população era composta de *imigrantes* judeus ali chegados há menos de um século."

"Sejam quais tenham sido as causas determinantes da *guerra* de junho de 1967, é preciso lembrar o seu efeito psicológico sobre árabes e judeus. Os primeiros afirmavam que o desejo de eliminar os resultados de um fato anteriormente ocorrido (1956-1957) foi considerado pela opinião internacional, influenciada pelo Ocidente, como uma agressão, ao passo que o ataque de surpresa dos israelenses em 1.º de junho de 1967 foi tido como um ato de legítima defesa."[2]

Esta quadra de Nostradamus deve ser comparada ao capítulo XXXVIII da profecia de Ezequiel:

"Depois de muitos dias, serás visitado; nos últimos anos tu virás ao país que foi antes salvo pela espada, e *juntarás*

---

1 "Prazer", "alegria", "voluptuosidade". D.L.7 V.
2 E.U.

muitos povos, e os levarás para as montanhas de Israel, que estiveram *desabitadas* por muito tempo; quando esse país for retirado para longe dos outros povos, todos o *habitarão com segurança*... E tu dirás: construirei nesse país *cidades sem muralhas* (os *kibutzim),* invadirei aqueles que estão repousando... para pôr a mão sobre os lugares desertos que terão sido feitos habitáveis..."[1]

A INSURREIÇÃO HÚNGARA EM BUDAPESTE (23 de outubro de 1956). SUFOCAMENTO DA INSURREIÇÃO PELAS TROPAS SOVIÉTICAS (4 de novembro de 1956).

II.90

Par vie et mort changé regne d'Ongrie,
La loy sera plus aspre que service[2]:
Leur grand cité d'urlements pleincts et crie,
Castor et polux[3] ennemis dans la lice[4].

Tradução:

O poder será mudado na Hungria pela vida e pela morte; a lei será mais impiedosa que os costumes. A grande cidade (Budapeste) ficará cheia de gemidos e gritos. Os irmãos serão inimigos no teatro da luta (a capital).

A história:

"Na Hungria, a resistência muito demorada do antigo governo de Stálin provoca o *pior:* há uma revolta em *Budapeste,* em 23 de outubro de 1956, e ela se torna tão ampla que a volta ao poder de Imre Nagy (Castor) não é bastante para acalmá-la... Sob a pressão de Imre Nagy, que formou um governo de coalizão, a 1.º de novembro, ela anuncia que pretende se desligar do Pacto de Varsóvia e pede à ONU que a reconheça solenemente como Estado neutro. No dia seguinte, Budapeste foi completamente cercada pelos tanques soviéticos, que entram em ação no dia 4,

---

1 *La Sainte Bible,* por J. F. Ostervald, 1823.
2 "Uso", "utilidade que se tira de algumas coisas". D.L.7 V.
3 Dois irmãos, filhos de Júpiter.
4 Campo fechado para torneios; por extensão, palco de uma luta. D.L.7 V.

enquanto um antigoverno, fiel a Moscou, é formado por János Kádar (Pólux). Os conflitos recomeçam em Budapeste, onde os revoltosos, apesar de uma feroz resistência, são logo esmagados. O número de mortos, durante todos esses dias de revolta, foi de mais de vinte e cinco mil. Imre Nagy, que tinha se refugiado na embaixada da Iugoslávia, foi retirado pela polícia no dia 21, e deportado para a Romênia. Mais de quinze mil pessoas foram deportadas pelos soviéticos. Mais de cento e cinqüenta mil refugiados conseguiram passar para o ocidente ('lugar mudado'). Budapeste mostra que a procura de caminhos diferentes na direção do socialismo não significará, em nenhum caso, para os homens do Krêmlin, uma ruptura dos elos ('lei') impostos, desde 1945, aos países da Europa Oriental... A continuação do conflito obrigou o governo de Kádar a proclamar a *lei marcial* em 8 de dezembro; todos os conselhos revolucionários operários foram dissolvidos"[1].

A CONQUISTA DA ÁFRICA DO NORTE PELA TERCEIRA REPÚBLICA (1881-1911). A QUEDA DA QUARTA REPÚBLICA (13 de maio de 1958).

III.59

Barbare empire[2] par le tiers[3] usurpé[4],
La plus grand part de son sang mettra à mort:
Par mort sénile par luy le quart[5] frappé,
Pour peur que sang par le sang[6] ne soit mort.

Tradução:

A Terceira (República) se apossará do império berbere e matará grande parte dos seus. Por causa da senilidade, a Quarta (República) será levada à morte por ele (o império berbere), por medo de que aqueles que derramaram seu sangue não sejam mortos por nada.

---

1 V.C.A.H.U.
2 Barbaria: Estados berberes, região da África do Norte que compreende os Estados de Trípoli, Túnis, Argel e Marrocos. D.H.B.
3 Que vem em *terceiro lugar,* que se junta a dois outros. D.L.7 V.
4 Latim, *"usurpo":* "desejo", "aproprio-me". D.L.L.B.
5 Antigamente, "quarto". D.L.7 V.
6 *"Sanguine* barbarorum *modico."* Tácito: "Os bárbaros perderam pouca gente". D.L.L.B.

A história:

"A África foi o domínio principal da expansão colonial francesa. Desde a Monarquia de Julho, a França aí *possuía a Argélia.* Mas a Argélia é apenas a parte central da região montanhosa do Atlas. Ela continua a leste, na Tunísia, a oeste, no Marrocos, e as *três regiões* são tão estreitamente ligadas pela natureza que não é possível dominar completamente a Argélia sem *conquistar* os dois países vizinhos. Assim se explica a importância alcançada pela questão da Tunísia, e, depois, do Marrocos, na política francesa... As incessantes *pilhagens* feitas pelos montanheses tunisianos, os krumirs, no território argelino, serviram de pretexto para a entrada de um exército francês na Tunísia (abril de 1881). A Tunísia parecia tranqüila; as tropas voltaram para a França. Imediatamente houve um levante geral, cujo centro foi Kairuan, uma das cidades santas dos muçulmanos. A repressão foi imediata..."

"O Acordo de Algeciras não podia resolver definitivamente a questão argelina. Surgiram novos incidentes, a partir de 1907. Os franceses foram massacrados pelos nativos e a França *ocupou* Casablanca (1907-1908). Em 1911, as tropas francesas estenderam sua penetração até Fez..."

"Argélia, Tunísia e Marrocos, desde então estreitamente unidos, são uma nova França em formação na África."[1]

"A crise da Argélia cresce porque Guy Mollet, ante a hostilidade que lhe manifestam os franceses da Argélia, a 5 de fevereiro de 1956, renuncia às reformas que havia prometido realizar, e porque o presidente do conselho aprova uma iniciativa infeliz de um oficial irresponsável, que resolve, por sua própria conta, fazer aterrissar em Argel o avião *marroquino* que transportava os dirigentes da FLN. Esse ato inútil irrita o rei do *Marrocos* e da *Tunísia*... Quando Mollet foi derrubado, em 21 de maio de 1957, e quando o seu sucessor, Félix Gaillard, não fez melhor do que ele, era natural que se pensasse que a Quarta República dera prova de *incapacidade. Instabilidade e fraqueza* levaram à impotência... O General de Gaulle pede investidura à Assembléia. A 1.º de junho de 1958, ele é investido com plenos poderes. A República sai vitoriosa."[2]

---

[1] H.F.A.M.
[2] L.M.C.

A GUERRA DOS SEIS DIAS (5 a 10 de junho de 1967). OCUPAÇÃO DE GAZA, DA CISJORDÂNIA E DE GOLAN POR ISRAEL.

III.97

Nouvelle loy terre neuve occuper,
Vers la Syrie, Iudée et Palestine:
Le grand Empire barbare corruer[1],
Avant que Phebes[2] son siècle détermine.

Tradução:

Por uma nova lei, os novos territórios serão ocupados na direção da Síria, da Judéia e da Palestina. O poder árabe desabará antes do solstício de verão (21 de junho).

A história:

"A guerra árabe-israelense (5 a 10 de junho de 1967): numa expedição relâmpago contra o Egito, a Jordânia e a Síria, os exércitos israelenses *ocupam* toda a península do Sinai[3] até o Canal de Suez, a Cisjordânia[4] e as colinas de Golan[5]...

"Na manhã do dia 5, a aviação israelense ataca os aeroportos egípcios e destrói a maior parte dos aviões inimigos; o exército egípcio é *vencido ('corruer')* nas primeiras horas de combate. Senhores de *Gaza* e de El-Arich, os israelenses marcham pelo deserto do Sinai e, no dia 7, ocupam o porto de Charm-el-Cheikh, chegando até o Canal de Suez. Do lado jordaniano, encontram maior resistência; entretanto, a antiga cidade de Jerusalém e toda a *Cisjordânia* ('Judéia') são *conquistadas. O mundo árabe* é vencido pela extensão e pela rapidez do ataque israelense... A Rússia acusa Israel de agressão, e, a seu pedido, a Assembléia Geral das Nações Unidas se reúne no *dia 19 ('avant que Phebes...')* O problema número um é agora o dos *territórios árabes ocupados* por Israel. A partir do dia 11, o General Dayan declara que

---

[1] Latim, *"corruo"*: "caio", "desabo". D.L.L.B.
[2] Febe: Diana ou a Lua, irmã de Febo, o Sol. D.L.L.B.
[3] Gaza: cidade do Oriente Próximo, na *Palestina* meridional. E.U.
[4] Judéia: parte meridional da Palestina, entre o mar Morto e o Mediterrâneo, e cuja maior parte constitui, atualmente, a parte meridional da *Cisjordânia,* território que Israel conquistou da Jordânia durante a Guerra dos Seis Dias, em 1967. A.E.
[5] Território sírio.

Israel conservará Gaza, Charm-el-Cheikh, a antiga cidade de Jerusalém e a Cisjordânia. Os israelenses afirmam que não pretendem voltar às fronteiras anteriores ao dia 5 de junho de 1967, pois não se trata de fronteiras, mas de linhas de demarcação traçadas pelos Armistícios de 1949, que não foram reconhecidas *juridicamente ('nouvelle loy')* pelos Estados árabes. A 27 de junho, o Knesseth adota uma "lei fundamental' para a proteção dos lugares santos. O governo decide anexar a antiga cidade de Jerusalém."[1]

A VOLTA DOS JUDEUS À PALESTINA (1948). GOLDA MEIR E O SIONISMO. A RENÚNCIA DE GOLDA MEIR (1974).

VIII.96

La Synagogue[2] stérile sans nul fruit,
Sera receuë entre les infidèles[3]:
De Babylon[4] la fille[5] du poursuit,
Misère et triste lui tranchera les aisles.

Tradução:

O sionismo[6] estéril, sem nenhum fruto, será recebido entre os árabes. Vinda da Babilônia (Nova York), a mulher (chefe) dos perseguidos (Golda Meir) perderá seu poder por infortúnio e tristeza.

A história:

"Golda Meir: nascida em Kíev (Ucrânia), emigrou para os Estados Unidos com a família, em 1906. Tornou-se conhecida como militante responsável pela seção local do Partido Trabalhista Sionista... A partir de 1924, ela se une ao Histadrouth e, em 1928, é nomeada secretária da organização feminina dessa entidade... Durante a Segunda Guerra Mundial, Golda Meir militou ao lado de David Ben Gurion, lutando para o *retorno dos judeus* a Sion em 1946, e quando Moshe Sharett, chefe do departamento político da Agência Judaica, e outros ativistas são presos pelos ingleses, ela toma o seu lugar *('la fille du poursuit'),* em princípio provisoriamente, e luta para a libertação dos ativistas e dos imigrados judeus presos... Pouco antes de Ben Gurion proclamar a criação do Estado de Israel, ela foi enviada à ONU para fazer uma última defesa em favor do reconhecimento de *um Estado judeu na Palestina*... Em outubro de 1973, Israel enfrentou, numa guerra homicida, as forças egípcias e sírias apoiadas por diversos contingentes árabes. O governo de Golda Meir *sofreu, então, ataques* da direita israelense e críticas dos oficiais superiores sobre o despreparo militar do país. Porém, as eleições de 31 de dezembro reconduziram Golda Meir ao poder. Em março de 1974, as *críticas* ao governo de Golda Meir e do General Dayan tornaram-se mais veementes, e o primeiro-ministro israelense *renunciou* um mês depois *('misère et triste')"*[1].

N. B. Nostradamus estabelece um paralelo entre a primeira volta dos judeus, cativos na Babilônia, e a segunda, a partir das Babilônias modernas: Londres, Paris, Nova York.

1 V.C.H.A.U.
2 A sinagoga parece ter surgido, entre os judeus exilados na Babilônia, da necessidade que sentiam, longe do Templo, de orar e se reunir. Na volta do exílio, foi construída a primeira sinagoga em Jerusalém, no adro do Templo. D.L.7 V.
3 "Que não tem a verdadeira fé religiosa." D.L.7 V. Os árabes, por oposição aos judeus.
4 A grande Babilônia moderna: modo de designar os grandes centros como Londres, Paris, etc. D.L.7 V.
5 Os poetas dão freqüentemente o nome de "mulher jovem" a seres animados ou não, indicando, por meio de um determinativo, o lugar, a origem, os hábitos favoritos; chamam assim, às mulheres de Israel, de filhas de Sion. D.L.7 V.
6 Movimento político-religioso, fundado por Theodor Herzl no fim do século XIX, com o objetivo de criar na Palestina um Estado onde pudessem se reunir os israelitas espalhados pelo mundo todo. A.E.

A GUERRA DO YOM KIPPUR (outubro de 1973). O ATAQUE DE SURPRESA DO EGITO A ISRAEL.

Sextilha 31

Celuy qui a, les hazards surmonté,
Qui fer, feu, eau, n'a jamais redouté,
Et du pays bien proche du Basacle[2],
D'un coup de fer tout le monde estouné,
Par Crocodil[3] estrangement donné,
Peuple ravi de voir un tel spectacle.

1 E.U.
2 Lugar onde se colocam os peixes para *conservá-los* vivos. D.L.7 V.
3 A espécie mais antiga que se conhece é o crocodilo do Nilo. Era adorado pelos antigos *egípcios.* D.L.7 V.

Tradução:

O povo que superou os perigos, que jamais temeu guerra ou revolução, no país muito próximo do ponto de partida do cristianismo, será surpreendido por um ato de guerra estranhamente cometido pelo Egito, cuja população se alegra com tal espetáculo.

A história:

"Seis de outubro de 1973. São treze horas e cinqüenta minutos. O Conselho de Ministros está ocupado com a ratificação do conjunto de decisões e medidas tomadas pela manhã por Golda Meir, Dayan e Eleazar. A porta da sala do conselho se abre de repente. É o General Israel Lior: o inimigo acaba de atacar... *A surpresa é total:* ataque simultâneo dos egípcios, ao sul, e dos sírios, ao norte... Cinco divisões egípcias, bem equipadas e treinadas pelos soviéticos, dominam os pontos estratégicos da linha Bar-Lev e, sob a proteção aérea dos mísseis, conquistam de cinco a dez quilômetros no Sinai. Os tanques blindados israelenses são destruídos pelos mísseis antitanques teleguiados, com alcance de três quilômetros, cuja utilização intensiva pelos *egípcios* coloca em causa toda a arte militar moderna: a superioridade dos blindados sobre a infantaria... Mil e duzentos tanques egípcios tomam parte no ataque... [1]

"Le Raïs fala sobre o Egito, há milênios um país pacífico, levado à guerra pela injustiça e pela ocupação. Acentua: 'Se não fomos bons soldados foi porque jamais gostamos de combater. Desta vez é diferente. Temos de vingar uma humilhação'." [2]

A GUERRA DO YOM KIPPUR (6 de outubro de 1973). O ATAQUE SURPRESA DOS EGÍPCIOS.

Sextilha 35

Dame par mort grandement attristée,
Mère et tutrice au sang qui l'a quittée,
Dame et seigneurs, faicts enfants orphelins,

[1] *L'Express* de 13 a 19 de janeiro de 1975. "Israël, la mort en face." Jacques Derogy, Jean-Noël Gurgand, Edições R. Laffont.
[2] *Le Point,* número 60, 12 de novembro de 1973, artigo de Marwan Hamade.

Par les aspics [1] et par les Crocodiles,
Seront surpris forts, Bourgs, Chasteaux, Villes,
Dieu tout-puissant les garde des malins.

Tradução:

A dama (Golda Meir) ficará muito triste com a morte (dos soldados israelenses); a mãe e tutora (do Estado hebreu) deixará o poder por causa do sangue que foi derramado. Com seus ministros, será apontada como responsável pelos órfãos; por causa dos egípcios que atacarão de surpresa as fortificações (a Linha Bar-Lev), as vilas e as cidades. Mas Deus todo-poderoso os protegerá da infelicidade.

A história:

"No dia 6 de outubro, Israel se reúne nas sinagogas para o Kippur, a Expiação... Ao meio-dia, tocam as sirenas. Israel fora atacado simultaneamente ao norte e ao sul: pela Síria e pelo *Egito*... Durante as primeiras horas do dia 6 de outubro, embora as linhas de Golan estejam desguarnecidas, os tanques sírios não conseguem chegar à Galiléia, enquanto apenas três mil soldados defendem o canal contra *dezenas de milhares de egípcios ('aspics et crocodiles'):* em lugar de se felicitar pela defesa interna, os israelenses se perguntam: 'Como pode ter acontecido... durante o Kippur?' Alguns ainda comentam, com uma ponta de humor negro: 'Ainda bem que os árabes nos atacaram no dia em que *fazíamos* penitência. *Deus não podia nos recusar o milagre'. ('Dieu tout-puissant les garde des malins')...* O governo rejeitara desdenhosamente as repetidas advertências do serviço secreto do Pentágono. O estado-maior dormia atrás da *Linha Bar-Lev,* como os franceses, em 1939, atrás da Linha Maginot *('forts')*... Em Jerusalém e em Tel Aviv, onde *choram ('attristée')* seus dois mil *mortos* (número considerável para um país de três milhões de habitantes); nos hospitais, onde há três mil feridos; na frente de batalha, onde mais de cento e cinqüenta mil reservistas montam guarda, crescem as críticas... A 10 de abril de 1974, durante a páscoa judaica, Golda Meir, fatigada, exausta, envia seu pedido de renúncia ao presidente" [2].

[1] Serpente de Cleópatra: nome vulgar das áspides. D.L.7 V. Essa alusão a Cleópatra designa os egípcios como crocodilos.
[2] Em *Le Spectacle du Monde,* número 147, junho de 1974.

REVOLUÇÃO, GUERRAS, FOME NO IRÃ (1979). A QUEDA DO XÁ (1978-1979). O AIATOLÁ KHOMEINI EM NEAUPHLE-LE-CHÂTEAU.

I.70

Pluye[1], faim, guerre en Perse non cessée,
La foy trop grande[2] trahira le Monarque[3]:
Par la finie en Gaule commencée,
Secret[4] augure[5] pour à un estre parque.

Tradução:
A revolução, a fome, a guerra não cessarão no Irã; o fanatismo religioso trairá o xá cujo fim começará na França, por causa de um profeta que estará vivendo em um lugar retirado (Neauphle-le-Château).

A história:
"Com seus manifestantes *fanáticos* empunhando o estandarte da sua *fé,* e aceitando por ele enfrentar de peito aberto as armas de fogo dos soldados do xá, o Irã deu, durante a semana passada, um exemplo dos mais espetaculares do incrível despertar muçulmano... Mechhed e Qom, no Irã, Al Nadjaf e Karbala, no Iraque: esses são os santuários dos muçulmanos xiitas. A estes juntam-se, atualmente, sem mesquitas, nem minaretes de ouro, nem cúpulas turquesa, uma terceira cidade santa, assombrada ainda com esse privilégio: Neauphle-le-Château. Como medersa (seminário corânico), tem apenas uma simples casa no subúrbio. Mas é lá que o Aiatolá[6] Khomeini se prosterna ou se acocora..."

"Neste ano, o apelo ao Aiatolá Khomeini lançado na véspera do moárreme, convidando os fiéis a se empenharem numa espécie de *guerra santa,* levou as paixões ao paroxismo. 'Não hesitem em derramar seu sangue para proteger o Islã e

1 Como as palavras "onda", "água", Nostradamus utiliza a palavra "chuva" para designar "revoluções".
2 O fanatismo religioso é cego, irrefletido, inconsciente; zelo exagerado pelo triunfo de uma doutrina religiosa. D.L.7 V.
3 Persa, *"Schah":* "rei", "soberano". D.L.7 V.
4 Latim, *"secretum":* "lugar retirado", "retiro". D.L.L.B.
5 Latim, *"augur":* sacerdote que previa o futuro, "profeta". D.L.L.B.
6 Significa: "sinal de Deus".

derrubar a tirania', exortou, do seu *retiro* de Neauphle-le-Château, o *profeta exilado* dos xiitas."[1]

"'O Irã caminha para uma *guerra* fratricida', predisse o general revolucionário Hadavi. Dirigente religioso dos árabes iranianos, o Aiatolá Khafani profetiza *amargas tragédias...* O General Rahini fica indignado: 'É odioso ver as regiões iranianas em fogo e sangue, enquanto o exército repousa nas casernas.'"[2]

A QUEDA DO XÁ DO IRÃ (16 de janeiro de 1979). O GOVERNO MILITAR (6 de novembro de 1978). TOMADA DO PODER PELOS SACERDOTES (3 de fevereiro de 1979).

X.21

Par le despit[3] du Roy soustenant[4] moindre;
Sera meurdry[5] lui présentant[6] les bagues[7]
Le père au fils voulant noblesse poindre[8]
Fait comme a Perse jadis feirent les Magues[9].

Tradução:
Por causa do seu desprezo, o xá, em estado de menor resistência, será lesado quando exibir seu exército, o pai querendo manifestar a nobreza do filho. Depois será feito no Irã o que jamais foi feito pelos sacerdotes (tomar o poder).

1 *Le Point,* número 325, 11 de dezembro de 1978.
2 *Le Spectacle du Monde,* número 209, agosto de 1978.
3 "Desprezo." D.A.F.L.
4 Latim, *"sustineo":* "resisto". D.L.L.B.
5 "Ferir", "pôr em perigo", "prejudicar". D.L.7 V.
6 "Exibir", "mostrar". D.L.7 V.
7 "Armas." D.A.F.L.
8 "Manifestar." D.L.7 V.
9 Do grego "μαγος": "mago", "sacerdote", para os persas. D.G.F. Na Pérsia, os magos levavam vida austera e penosa. As virtudes que possuíam ou que lhes atribuíam valeram-lhes uma autoridade ilimitada sobre o espírito do povo e dos *nobres.* O próprio rei vangloriava-se de ser seu discípulo e de se aconselhar com eles. Há motivos para crer que a casta dos magos foi todo-poderosa enquanto durou a monarquia meda. D.L.7 V. Nostradamus usa a palavra "mago" para designar os sacerdotes, os aiatolás.

A história:

"Segunda-feira, 6 de novembro de 1978: o General Azhari, comandante do exército de terra, é nomeado chefe do governo. A entrada em peso dos militares modifica radicalmente a situação. Ainda ontem, conservando-se nos bastidores e intervindo apenas para conter a onda de descontentamento, o *exército* passa a ocupar o *primeiro papel nos acontecimentos*"[1].

"Em 1967, quando se preparava para se fazer coroar imperador e fazer de Farah a imperatriz, Mohamed Reza Pahlevi declarava: '*Quero deixar ao meu filho* uma nação jovem, evoluída, orgulhosa e moderna, perfeitamente estável e cada vez mais voltada para o futuro e para a cooperação com os povos do mundo inteiro...' Seu pai lhe confiou, nesses últimos anos, missões de representação, nas quais foi bem sucedido. Em 1971, por ocasião das festas de Persépolis, o xá dera a entender que passaria *o poder a seu filho.*"[2]

"Terça-feira, 16 de janeiro de 1979, partida do xá para o Egito. Domingo, 21 de janeiro de 1979, renúncia de Tehrani, presidente do Conselho de Regência. Quinta-feira, 1.º de fevereiro de 1979, volta do Aiatolá Khomeini a Teerã. Sábado, 3 de fevereiro de 1979, o Aiatolá Khomeini anuncia a criação de um 'Conselho Nacional Islâmico'. Irã: duzentos mil *mollahs* em pé de guerra."[3]

O AIATOLÁ KHOMEINI NO IRAQUE (1963-1978). A REPÚBLICA ISLÂMICA (1979).

VIII.70

Il entrera vilain, meschant, infâme,
Tyrannisant la Mésopotamie[4]:
Tous amis faict d'adulterine[5] dame[6],
Terre horrible noir[7] de phisionomie.

[1] *Le Spectacle du Monde,* número 201: "La révolution des ayatollahs", de Régis Faucon.
[2] "Le front commun contre la dynastie", em *Spectacle du Monde,* número 203, fevereiro de 1979.
[3] Artigo no *Le Figaro-magazine* de 19 de janeiro de 1980.
[4] Hoje Iraque, região compreendida entre o Tigre e o Eufrates. D.H.B.
[5] Latim, *"adulterinus"*: "falsificado", "falso". D.L.L.B.
[6] Essa palavra é freqüentemente usada por Nostradamus para designar a República, simbolizada por uma personagem feminina.
[7] Em sentido figurado: "atroz", "perverso", "odioso". D.L.7 V.

Tradução:

A personagem terrível, malvada e infame entrará no Iraque para impor sua tirania. Serão todos amigos de uma falsa República (a República Islâmica); a terra ficará horrorizada com essa fisionomia odiosa.

A história:

"Os *mollahs* chamam os fiéis para a revolta contra a *tirania* ímpia. O xá é pessoal e diretamente visado. 'Xá, nós o mataremos!', gritam as multidões fanáticas, em procissão, depois de ouvir os discursos na mesquita. Nem mesmo em 1963, por ocasião da primeira onda de agitação no Irã desencadeada pelo Aiatolá Ruholá Khomeini, exilado depois no *Iraque,* a revolta atingira tamanha proporção"[1].

"A República Islâmica concebida pelo Aiatolá Khomeini demonstrou sua incapacidade para governar o Irã. Impopular na maior parte do país, mantém-se apenas com o apoio do fanatismo ('tirania') da classe mais evoluída da população, completamente submetida ao poder dos *akhonds,* os membros do clero."[2]

[1] "Iran, deux mondes face à face." Jacques Ermont, em *Le Spectacle du Monde,* número 199, outubro de 1978.
[2] Em *Le Spectacle du Monde.*

III. Nostradamus profeta

O CLIMA ANTES DA GUERRA

A PAZ E A GUERRA

A crise econômica mundial.
A crise e a revolução na Itália depois dos Jogos Olímpicos.
O conflito na França.
A "Europa dos Nove" e a China.

OS CONFLITOS DO SÉCULO XX ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE: 1914-1918, 1939-1945. A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL (1999).

VIII.59

Par deux fois hault, par deux fois mis a bas,
L'Orient aussi l'Occident faiblira,
Son adversaire après plusieurs combats,
Par mer chassé au besoing faillira.

Tradução:

Duas vezes elevado a potência, duas vezes abatido, o Ocidente, assim como o Oriente, se enfraquecerá. Seu adversário, depois de vários combates, será perseguido por mar e vencido pela penúria.

PROCURA DA PAZ E DA GUERRA. A GUERRA NA FRANÇA.

IX.52

La paix s'approche d'un côté et la guerre
Oncques ne fut la poursuite si grande,

Plaindre homme, femme, sang innocent par terre
Et ce sera de France à toute bande.

Tradução:

De um lado, preparam-se para assinar a paz, e do outro, para fazer a guerra. Jamais as duas serão tão procuradas. Depois serão lamentados os homens, as mulheres; o sangue inocente correrá sobre a terra, e, especialmente, em todas as partes da França.

NEGOCIAÇÕES DE PAZ: URSS-EUA

VIII.2 *bis*

Plusieurs viendront et parleront de paix,
Entre Monarques et Seigneurs bien puissants;
Mais ne sera accordé de si près,
Que ne se rendent plus qu'autres obéissants.

Tradução:

Os chefes de Estados muito poderosos falarão de paz (EUA-URSS); mas a paz não será feita, pois os chefes não serão mais sábios do que os outros.

AS FALSAS PROCLAMAÇÕES DE PAZ. DESRESPEITO AOS TRATADOS. A GUERRA EM BARCELONA.

VI.64

On ne tiendra pache[1] aucun arresté,
Tous recevans iront par tromperie:
De paix et tresve, terre et mer protesté,
Par Barcelone classe prins d'industrie[2].

Tradução:

Não serão respeitadas as decisões dos tratados de paz. Os homens de Estado se encontrarão com enganos. Por terra e por mar serão feitas proclamações de paz. O exército será posto em atividade até Barcelona.

[1] Latim, *"pax"*: "tratado de paz". D.L.L.B.
[2] Latim, *"industria"*: "atividade". D.L.L.B.

OS MENOS PODEROSOS EM CONFRONTO COM OS GRANDES

VIII.4 *bis*

Beaucoup de gens voudront parlementer,
Aux grands Seigneurs qui leur feront la guerre:
On ne voudra en rien les écouter,
Hélas! si Dieu n'envoye paix en terre!

Tradução:

Muitos povos (pequenos) vão querer fazer tratados (de paz) com as grandes potências que lhes farão guerra. Mas não serão ouvidos. Oh! Se Deus não enviar a paz à terra!

OS MITOS PACIFISTAS, CAUSA DE GUERRAS.

I.91

Les Dieux feront aux humains apparences,
Ce qu'ils seront autheurs de grand conflict.
Avant ciel veu serein, espée et lance,
Que vers main[1] gauche sera plus grand afflict.

Tradução:

Os mitos enganarão os homens porque serão a causa de grandes guerras, antes das quais os homens verão o céu sereno, depois as armas terrestres ("espadas") e aéreas ("lanças") serão ainda mais destruidoras para as forças da esquerda.

DA SEGUNDA À TERCEIRA GUERRA MUNDIAL. GRANDES BATALHAS NAVAIS.

II.40

Un peu après non point long intervalle:
Par terre et mer sera faict grand tumulte:
Beaucoup plus grande sera pugne[2] navalle,
Feux, animaux, qui plus feront d'insulte.

[1] Latim, *"manus"*: "força". D.L.L.B.
[2] Latim, *"pugnum"*: "combate". D.L.L.B.

Tradução:
Depois de um intervalo pouco importante, uma grande guerra será deflagrada em terra e no mar. Os combates navais serão os mais importantes. A ferocidade (dos homens) será pior do que a própria guerra.

A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL SUCEDE À SEGUNDA. A UTILIZAÇÃO DOS FOGUETES ATÔMICOS.

II.46

Après grand troche [1] humain plus grand s'appreste,
Le grand moteur [2] les siècles renouvelle;
Pluye, sang laict, famine fer et peste,
Au ciel vu feu, courant longue étincelle [3].

Tradução:
Depois de uma grande reunião de homens (soldados), prepara-se uma maior; Deus renova os séculos. A revolução e efusão de sangue, depois da doçura da vida, trarão fome, guerra e epidemia; será visto o fogo no céu e um grande foguete.

O CLIMA REVOLUCIONÁRIO NAS PROVÍNCIAS FRANCESAS. A GUERRA NA FRANÇA.

XII.56

Roy contre Roy et le Duc contre Prince,
Haine entre iceux, dissenssion horrible:
Rage et fureur sera toute province [4],
France grand guerre et changement terrible.

[1] "Ajuntamento", "grupo", "assembléia". D.A.F.L.
[2] Por analogia: pessoa que governa, que reina: "Deus é o princípio primeiro e o motor universal de todas as criaturas" (Bossuet). D.L.7 V.
[3] Pequeno fragmento de matéria em combustão que se solta de um corpo. D.L.7 V. Alusão aos foguetes de ogivas múltiplas. M.I.R.V.
[4] Movimentos revolucionários na Córsega, na Bretanha, no País Basco.

Tradução:
Um chefe de Estado vai agredir outro. Haverá conflito e ódio entre eles. A raiva e a violência se estenderão a todas as províncias, depois uma grande guerra trará à França terríveis transformações (daí, a mudança da capital).

ESCASSEZ DE OURO E DE PRATA. ALTA DO CUSTO DE VIDA.

III.5

Près loing defaut de deux grands luminaires [1],
Qui surviendra entre l'Avril et Mars:
Ô quel cherté! Mais deux grands débonnaires [2]
Par terre et mer secourront toutes pars.

Tradução:
Pouco tempo depois da falta dos dois metais (ouro e prata), que sobrevirá em abril e março, que carestia de vida será conhecida! Mas dois chefes de Estado de raça nobre trarão socorro, por terra e por mar.

A CRISE ECONÔMICA. O FIM DO SISTEMA MONETÁRIO.

VIII.28

Les simulachres [3] d'or et d'argent enflez,
Qu'après le rapt lac [4] au feu furent [5] jettez,
Au descouvert [6] estaincts [7] tous et troublez,
Au marbre [8] escripts, perscripts [9] interjettez.

[1] Latim, *"lumen"*: "brilho de um metal". D.L.L.B.
[2] "De boa raça", "nobre". D.A.F.L.
[3] Latim, *"simulacrum"*: "imagem", "representação". D.L.L.B.
[4] Latim, *"lac", "lactis"*: "leite". D.L.L.B. Símbolo de doçura.
[5] Latim, *"furens, entis"*: "furioso". D.L.L.B.
[6] Chama-se hoje em dia *découvert* o déficit da balança de pagamentos.
[7] *"Estanc"*: "cansado", "esgotado". D.A.F.L.
[8] Almofariz: vaso de paredes espessas, em *mármore ("marbre")* ou em outro material, onde se amassa, pulveriza ou esmaga com a ajuda de um pilão.
[9] Latim, *"perscribo"*: "pago com papel-moeda". D.L.L.B.

Tradução:

As representações do ouro e da prata vítimas da inflação, depois do vôo da doce vida, serão atiradas em um fogo em fúria; esgotados e perturbados pela dívida pública, os papéis e as moedas serão destruídos.

DECADÊNCIA DO PODER DEVIDO À INFLAÇÃO. CORRUPÇÃO DOS COSTUMES. PARIS EM GRANDE CONFUSÃO.

VI.23

Despit[1] de règne nunismes[2] descriés[3],
Et seront peuples esmeus contre leur Roy:
Paix, fait nouveau, sainctes loix empirées[4]
RAPIS[5] onc fut en si tresdur arroy[6].

Tradução:

O poder será desprezado por causa da desvalorização da moeda e o povo se revoltará contra o chefe de Estado. Será proclamada a paz; por um fato novo, as leis sagradas serão corrompidas. Jamais Paris estará em tamanha desordem.

A ABUNDÂNCIA DE DINHEIRO. A ILUSÃO DO PODER.

VIII.14

Le grand crédit, d'or d'argent l'abondance
Aveuglera par libide[7] l'honneur:
Cogneu sera l'adultère l'offence,
Qui parviendra à son grand deshoneur.

Tradução:

A importância do crédito e a abundância de ouro e

1 "Desprezo." D.A.F.L.
2 Latim, *"nomisma"*: "moeda" (de ouro ou de prata). D.L.L.B.
3 "Depreciar." D.A.F.L.
4 "Piorar", "estragar", "corromper", "deteriorar". D.A.F.L.
5 Anagrama de Paris.
6 Por *"désarroi"* ("desordem"); exemplo de aférese.
7 Latim, *"libido"*: "desejo", "corrupção". D.L.L.B.

prata cegarão os homens desejosos de honrarias. O pecado da ilusão será conhecido por aquele que chegará a sua grande desonra.

A CRISE ECONÔMICA E A INCÚRIA DOS HOMENS POLÍTICOS

VII.35

La grande poche[1] viendra plaindre pleurer,
D'avoir esleu: trompez seront en[2] l'aage.
Guière avec eux ne voudra demeurer,
Deceu sera par ceux de son langage.

Tradução:

Será lamentada a riqueza perdida e chorarão por eleger (os homens políticos responsáveis), que se enganarão de tempos em tempos. Poucos homens os seguirão, todos desiludidos dos seus discursos.

O FIM DA CIVILIZAÇÃO DE CONSUMO. A INFLAÇÃO. A VIOLÊNCIA. A EXPLICAÇÃO DAS PROFECIAS DE NOSTRADAMUS.

III.26

Des Roys et Princes dresseront simulachres[3],
Augures, creux eslevez aruspices[4]:
Corne[5] victime dorée, et d'azur[6], d'acres[7]
Interpretez[8] seront les exstipices[9].

1 "Ter o bolso vazio"; "estar sem dinheiro". D.L.7 V.
2 Latim, *"in aetate"*: "de tempos em tempos". D.L.L.B.
3 Latim, *"simulacrum"*: "imitação". D.L.L.B.
4 Latim, *"harupex"*: "adivinho", "profeta". D.L.L.B.
5 A abundância era uma divindade alegórica, que não tinha templo, se bem que simbolizasse a riqueza, o bem-estar, etc., pela sua saúde de ferro e pela cornucópia cheia de flores e frutos que trazia nas mãos. D.L.7 V.
6 Em sentido figurado: "calma", "paz", "inocência". Alusão à cor azul do céu, que só aparece quando ele está calmo, limpo, claro. D.L.7 V.
7 Latim, *"acer"*: "áspero", "duro", "violento". D.L.L.B.
8 Latim, *"interpretor"*: "interpretar" (um autor), "traduzir", "explicar". D.L.L.B.
9 Latim, *"extipex"*: adivinho que *lia* nas vísceras das pessoas. D.L.L.B.

Tradução:

Os chefes de Estado e de governos fabricarão imitações (do ouro) (moldes de papel-moeda); serão vistos os profetas que farão prognósticos vazios de sentido (os discursos dos homens políticos e dos economistas). A cornucópia da abundância (a sociedade de consumo) será vítima, e a violência sucederá à paz. As profecias serão explicadas.

AS PROCLAMAÇÕES DE PAZ E A GUERRA. EXECUÇÃO DE TREZENTOS MIL PRISIONEIROS.

I.92

Sous un la paix partout sera clamée,
Mais non long temps pille et rebellion,
Par refus ville[1], terre et mer entamée,
Mort et captifs le tiers d'un million.

Tradução:

Sob uma (personagem), a paz será proclamada, mas pouco tempo depois haverá pilhagem e revolução. Por causa da resistência de Paris, a terra e o mar serão invadidos e trezentos mil prisioneiros serão mortos.

A REVOLUÇÃO NA ITÁLIA

VIII.16

Au lieu que HIERON[2] fait sa nef fabriquer,
Si grand déluge sera et si subite,
Qu'on n'aura lieu ne terres s'ataquer,
L'onde monter Fesulan[3] Olympique.

Tradução:

No lugar onde Deus fundou sua Igreja (Roma), haverá uma revolução tão grande e tão súbita que nenhum lugar,

[1] Quando Nostradamus usa a palavra "cidade" *("ville")* sem outra especificação, trata-se de Paris. Também utiliza "a grande cidade".
[2] Grego: "ιερός": "santo", "sagrado", "divino". D.F.G. Alusão à frase de Cristo: "Tu és Pedra e sobre esta pedra assentarei a minha Igreja".
[3] Faesula, cidade da Etrúria (Toscana); Fiesole. D.L.L.B.

nenhuma terra será poupada. A revolução atingirá a Toscana (Florença) depois dos Jogos Olímpicos.

RUÍNA MORAL E SANGRENTA DE ROMA. A LITERATURA SUBVERSIVA. OS ATENTADOS.

X.65

Ô vaste Rome ta ruine s'approche
Non de tes murs de ton sang et substance:
L'aspre par lettres fera si horrible coche,
Fer pointu mis à tous jusqu'au manche.

Tradução:

Ó vasta Roma, tua ruína se aproxima, não a dos teus muros, mas a do teu sangue e a de tua substância. A maldade fará um atentado tão terrível por meio da literatura que todos serão perseguidos.

DIVERGÊNCIAS NA FRANÇA. LUTAS INTERNAS EM MARSELHA.

XII.59

L'accord et pache sera du tout rompuë:
Les amitiés polluées par discorde,
L'haine envieillie, toute foy[1] corrompuë.
Et l'espérance, Marseille sans concorde.

Tradução:

O acordo de paz será completamente quebrado. As alianças serão rompidas pela discórdia. O velho ódio virá corromper toda a confiança e toda a esperança. Não haverá concórdia em Marselha.

[1] Latim, *"fides":* "confiança". D.L.L.B.

A "EUROPA DOS NOVE" E A CHINA. IMPOTÊNCIA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.

Presságio 41, julho

Predons[1] pillez chaleur, grand seicheresse,
Par trop non estre cas non veu, inoui:
A l'estranger la trop grande caresse,
Neuf pays Roy. L'Orient esblouy.

Tradução:

Os ladrões farão pilhagem durante uma grande seca, que constituirá um acontecimento jamais visto. Os países estrangeiros (do Leste) serão tratados com pouca energia. Os chefes de governo da "Europa dos Nove" serão seduzidos pelo Oriente (China).

[1] "Ladrão", "bandido". D.A.F.L.

A Terceira Guerra Mundial

A invasão da Itália

Fuga de João Paulo II de Roma.
João Paulo II vai para a França — às margens do Ródano.
Bombardeio das cidades do Gers.
O cometa.
Revolução no País Basco e na Itália.
Morte do papa.
A pilhagem do Vaticano.
Guerra na Itália, na Grécia e no mar Vermelho.

JOÃO PAULO II FOGE DA INVASÃO RUSSA. A RESISTÊNCIA AO INVASOR.

IX.99

Vent[1] Aquilon[2] fera partir le siège,
Par mur jetter cendres, platras chaulx et poussière:
Par pluye après qui leur fera bien piège,
Dernier secours encontre leur frontière.

Tradução:

O movimento das forças russas fará o papa partir de Roma. Lançará por terra, reduzindo-os a cinzas, os muros de gesso, de cal e de poeira; mas a revolução que virá em seguida será para eles uma armadilha; um último socorro irá ao seu encontro, em suas fronteiras.

---

1 Em sentido figurado: "impulso", causa que provoca ou produz um efeito geral. D.L.7 V.
2 Vento do norte, violento e impetuoso. O norte. D.L.7 V. Símbolo da Rússia: o império do norte, do mar Báltico a Vladivostok.

JOÃO PAULO II NAS MARGENS DO RÓDANO. A ALIANÇA DO GALO COM OS ESTADOS UNIDOS.

VIII.46

Pol[1] mensolée[2] mourra à trois lieues du Rosne
Fuis les deux prochains tarasc détroits:
Car Mars fera le plus horrible trosne,
De Coq et d'Aigle[3] de France frères trois.

Tradução:

(João) Paulo II, o trabalho do sol, morrerá perto do Ródano, depois de fugir para perto dos desfiladeiros de Tarascon (e Beaucaire); pois a guerra fará coisas terríveis ao trono (de São Pedro); depois, ele terá, na França, três aliados do rei da França e dos Estados Unidos.

BOMBARDEIO DAS CIDADES DO SUDOESTE

VIII.2

Condom et Aux et autour de Mirande,
Je vois du ciel feu qui les environne:
Sol[4], Mars conjoint au Lyon, puis Marmande,
Foudre grand gresle, mur tombe dans Garonne.

Tradução:

Vejo as cidades de Condom, Auch e Mirande e suas vizinhanças cercadas pelo fogo que vem do céu; o papa, em Lyon, levado pela guerra, depois os bombardeios de Marmande e os imóveis desabando sobre o Garona.

---

[1] Nostradamus, como sempre, dá um duplo significado à palavra *"Pol":* o nome Paulo, de João Paulo II, e o começo da palavra "Polônia", para mostrar sua origem.
[2] A palavra é escrita duas vezes com um *a:* IX.85 e X.29. Vocábulo inventado por Nostradamus, formado de duas palavras latinas: *"manus"* — "obra do homem", "trabalho", "indústria" — e *"sol"* — "sol". Corresponde à divisa de João Paulo II, na profecia de Malaquias: *"de labore solis"*, "trabalho do sol".
[3] A águia americana. Cf. 99: *"Phalange aquilée"*.
[4] Alusão à divisa *"de labore solis"* de Malaquias.

BOMBARDEIOS NO GERS. TREMOR DE TERRA.

I.46

Tout aupres d'Aux, de Lestore et Mirande,
Grand feu du ciel en trois nuits tombera:
Cause adviendra bien stupende[1] et mirande[2],
Bien peu après la terre tremblera.

Tradução:

Perto de Auch, de Lectoure e de Mirande serão efetuados grandes bombardeios incendiários durante três noites. A causa será assustadora e maravilhosa, e pouco tempo depois haverá um tremor de terra.

JOÃO PAULO II PERTO DE TARASCON. LIBERTAÇÃO: DE SALON ATÉ MÔNACO.

IV.27

Salon, Mansol[3], Tarascon[4] de SEX[5], l'arc[6]
Où est debout encore la piramide[7]
Viendront livrer[8] le Prince Dannemarc,
Rachat[9] honny au temple d'Artémide[10].

Tradução:

Perto de Salon, "o trabalho do sol" (João Paulo II) em Tarascon; desde Aix-en-Provence até Mônaco, que é ainda o começo do rochedo, (os franceses) virão libertar o príncipe da Dinamarca. O salvador será vilipendiado na Turquia.

---

[1] Latim, *"stupendus":* "espantoso", "maravilhoso". D.L.L.B.
[2] Latim, *"mirandus":* "digno de espanto", "admirável", "maravilhoso". D.L.L.B.
[3] Cf. VIII.46.
[4] Cf. VIII.46.
[5] Cf. V.57.
[6] *"Arx Monoeci":* Mônaco. D.L.L.B.
[7] Por extensão, colina ou montanha em forma de pirâmide. D.L.
[8] Exemplo de aférese.
[9] "Redentor." D.A.F.L.
[10] Diana, em grego, Ártemis; seu templo mais célebre foi, sem dúvida, o de Éfeso. M.G.R. Éfeso situa-se na Ásia Menor, hoje, Turquia. A.V.L.

INVASÃO DA GIRONDA, NO SUDOESTE. O CONFLITO CHEGA A MARSELHA. TOMADA DO VATICANO.

IX.85

Passer Guienne, Languedoc et le Rosne,
D'Agen tenans de Marmande et la Roole[1]:
D'ouvrir par foy[2] parroy[3] Phocen tiendra son trosne.
Conflit aupres sainct pol de Manseole[4].

Tradução:

(A invasão) passará pela Guyenne, o Languedoc, até o Ródano. De Agen os invasores vindos de Marmande e da Réole virão abrir, pelo terror, as margens de Marselha, pois ocuparão o trono (de São Pedro), e o conflito chegará perto do lugar onde estará refugiado (João) Paulo II, "o trabalho do sol".

OS PARTIDÁRIOS DE JOÃO PAULO II PRESOS NA BIGORRE

X.29

De Pol MANSOL[5] dans caverne caprine[6],
Caché et pris extrait hors par la barbe[7]:
Captif mené comme beste mastine[1],
Par Begourdans[2] amenée près de Tarbe.

Tradução:

(Os acompanhantes) de (João) Paulo II, "o trabalho do sol", refugiados na ilha de Capri, serão feitos prisioneiros e levados pelos revolucionários. Serão conduzidos à prisão como animais domésticos, passando pela Bigorre, perto de Tarbes (Lourdes?).

O PAPA EM LYON. SUA PASSAGEM POR CAPRI E MÔNACO. SUA MORTE.

II.35

Dans deux logis de nuict le feu prendra
Plusieurs dedans estouffez et rostis:
Près de deux fleuves pour seul il adviendra,
Sol[3], l'Arq[4] et Caper[5], tous seront amortis[6].

Tradução:

O fogo se alastrará de noite por dois imóveis (ministérios?), onde muitos serão queimados e sufocados. O papa chegará sozinho perto de dois rios (Lyon); depois de sua passagem por Capri e Mônaco, todos serão mortos.

O PAPA DEIXA ROMA E A ITÁLIA. O FIM DO SEU PONTIFICADO.

V.57

Istra du mont Gaulsier[7] et Aventin[8],
Qui par le trou advertira[9] l'armée,

---

[1] Cidade às margens do Garona, sessenta e sete quilômetros a sudeste de Bordeaux e a dezoito quilômetros de Langon. A.V.L. Cf. I.90 e XII.65.
[2] *"Pour foui"*, expressão que designa o horror que se sente por alguma coisa suja e nojenta. Do celta, *"fouy"*. D.P.
[3] Ou *"perer"*: "areal".
[4] Cf. VIII.46.
[5] Cf. VIII.46.
[6] Capri: ilha do golfo de Nápoles, conhecida por suas margens escarpadas, onde os turistas vão para admirar a Gruta Azul que deve seu nome a um curioso efeito da decomposição da luz solar. D.L.7 V.
[7] Abreviação de *Aenobarbe,* que representa, para Nostradamus, as forças revolucionárias de destruição. Domitius Aenobarbus era o pai de Nero; culpado de todos os crimes, reconheceu sua culpa, pois lhe atribuem estas palavras: "De Agripina e de mim só pode nascer um monstro". D.L.7 V. Entendemos, então, por que Nostradamus chamou Hitler de *Nero.* Apesar do sucesso eleitoral de Brüning, ele estava ameaçado. O exército incitava Hindenburg contra ele, dizendo que Brüning tinha sido eleito pelos *vermelhos.* H.D.A. E é Hindenburg que vai oferecer a chancelaria a Hitler.

[1] Raça de cão doméstico. D.L.7 V.
[2] Habitantes da Bigorre; cidade principal, Tarbes. D.L.7 V.
[3] Alusão à divisa de João Paulo II: *"de labore solis"*.
[4] *"Monoeci Arx."* Mônaco. D.L.L.B.
[5] Capri.
[6] "Amortecer", "deixar como morto".
[7] A Gália Cisalpina, Itália do norte. D.H.B.
[8] Aventino, uma das sete colinas de Roma. D.L.7 V.
[9] Latim, *"adverto"*: "virar", "dirigir um objeto para". D.L.L.B.

Entre deux rocs[1] sera prins le butin
De SEXT[2] mansol faillir la renommée.

Tradução:
Ele sairá de Roma e passará pelas montanhas da Itália do norte por causa daquele que dirigirá seu exército para um túnel (Suíça). Entre dois rochedos (Beaucaire e Tarascon) serão apreendidos os bens. A partir de Aix-en-Provence fracassará o renome do "trabalho do sol" (João Paulo II).

COMBATES NO JURA E NOS ALPES. MORTE DE JOÃO PAULO II EM LYON.

VIII.34

Après victoire du Lyon[4] au Lyon,
Sus la montagne de JURA secatombe[5].
Delues[6] et brodes[7] septiesme million.
Lyon, Ulme[8] a Mausol[9] mort et tombe.

Tradução:
Depois da vitória do chefe violento em Lyon, haverá uma hecatombe nos montes Jura, um sétimo milhão de soldados será aniquilado nos Alpes. "O trabalho do sol" (João Paulo II) encontrará sua morte e sua sepultura em Lyon.

MORTE DO PAPA EM LYON. NA FRANÇA, A ESQUERDA NO PODER.

II.97

Romain Pontife garde de t'approcher
De la cité que deux fleuves arrose[10]:

[1] Cf. *"les deux tarasc détroits"*, VIII.46.
[2] *"Aquae Sextiae"*: Aix-en-Provence. D.L.L.B.
[3] Cf. VIII.46.
[4] Pessoa violenta, furiosa. D.L.7 V.
[5] Grego: "ἑχατόμβη": "hecatombe". O *s* substitui o *h*.
[6] Latim, *"deleo, delui"*: "aniquilar", "destruir". D.L.L.B.
[7] Latim, *"Brodiontii"*: "brodioncianos", povo dos Alpes. D.L.L.B.
[8] Anagrama de *"mule"*: sapatos brancos do papa. D.L.7 V.
[9] Cf. VIII.46
[10] Lyon é banhada pelo Ródano e pelo Saône.

Ton sang viendra auprès de là cracher,
Toy et les tiens quand fleurira la Rose[1].

Tradução:
Papa romano, não te aproximes da cidade que é banhada por dois rios (Lyon). Teu sangue e o dos teus correrá perto desse lugar, quando a esquerda subir ao poder.

O ASSASSINATO DE JOÃO PAULO II, À NOITE. JOÃO PAULO II: UM PAPA EMPREENDEDOR, PRUDENTE, BOM E DOCE.

X.12

Esleu en Pape d'esleu sera mocqué,
Subit soudain esmeu[2] prompt[3] et timide[4]:
Par trop bon doux a mourir provoqué,
Crainte estreinte la nuit de sa mort guide.

Tradução:
Aquele que for eleito papa será ridicularizado por seus eleitores. Essa personagem empreendedora e prudente será subitamente reduzida ao silêncio. Provocarão a sua morte por causa de sua grande bondade e de sua doçura. Oprimidos pelo medo, conduzi-lo-ão à morte durante a noite.

A MORTE DE JOÃO PAULO II EM LYON, A 13 DE DEZEMBRO. SUA PASSAGEM POR MONTÉLIMAR.

IX.68

Du mont Aymar[5] sera noble[6] obscurcie,
Le mal viendra au joinct de Saone et Rosne:

[1] Emblema do Partido Socialista.
[2] *"Esmuir"*: "ficar mudo". D.A.F.L.
[3] Latim, *"promptus"* (tratando-se de pessoa): "ativo", "resoluto", "empreendedor". D.L.L.B.
[4] Latim, *"timidus"*: "prudente", "circunspecto". D.L.L.B.
[5] "Montélimar", por síncope, o que permite a Nostradamus ganhar um pé para o seu verso.
[6] Os papas, devido aos seus brasões, podem ser considerados nobres. Mas Nostradamus faz aqui alusão à nobreza de coração de João Paulo II.

Dans bois cachez soldats jour de Lucie[1],
Qui ne fut onc un si horrible throsne.

Tradução:
Depois de Montélimar, o papa perderá seu brilho. Sua infelicidade virá na confluência do Saône e do Ródano (Lyon), por causa dos soldados escondidos no bosque em 13 de dezembro. Nada tão terrível jamais aconteceu ao trono (de São Pedro).

A ESQUERDA NO PODER. A TURBULÊNCIA REVOLUCIONÁRIA.

V.96

Sur le milieu du grand monde[2] la rose[3],
Pour nouveaux faicts sang public espandu:
A dire vray, on aura bouche close[4]:
Lors au besoing tard viendra l'attendu.

Tradução:
Quando o socialismo estiver no poder no meio dos burgueses, o sangue do povo correrá por causa de novos atos. Para dizer a verdade, a liberdade de expressão desaparecerá. Então, (o salvador) esperado chegará tarde por causa da penúria.

FUGA DO PAPA PARA O OCIDENTE. PERSEGUIÇÕES RELIGIOSAS.

VII.8

Flora[5], fuis, fuis le plus proche Romain,
Au Fesulan[6] sera conflict donné:

1 Santa Luzia é festejada em 13 de dezembro.
2 Conjunto de pessoas notáveis por sua posição, sua fortuna, sua educação, seus hábitos de luxo e elegância. A alta sociedade. D.L.7 V.
3 Emblema do Partido Socialista.
4 "Fechar a boca de alguém"; "fazer calar com autoridade". D.L.7 V.
5 Flora, mulher de Zéfiro, o vento do ocidente.
6 Latim, *"Faesulae"*: hoje Fiesole, cidade da Toscana. D.H.B.

Sans espandu, les plus grands prins à main,
Temple ne sexe ne sera pardonné.

Tradução:
Tu, o romano mais próximo (o papa), foge, foge para o ocidente, o conflito chegará a Fiesole; o sangue será derramado e os maiores serão capturados. Nem as igrejas nem os sexos serão poupados.

A FUGA DE ROMA DO PAPA POLONÊS

X.3

En après cinq troupeau[1] ne mettra hors,
Un fuytif[2] pour Penelon[3] laschera[4]:
Faux murmurer secours venir par lors,
Le chef, le siège lors abandonnera.

Tradução:
Depois de cinco (dias ou meses)[5] a Igreja será eliminada; uma personagem fugirá abandonando o polonês: haverá boatos de socorro, o chefe (da Igreja) abandonará, então, a (Santa) Sé.

UM COMETA VISÍVEL DURANTE SETE DIAS. PEDIDO DE AUXÍLIO DO CHEFE DE ESTADO INGLÊS. O PAPA FOGE DE ROMA.

II.41

La grande estoille par sept jours bruslera
Nuë fera deux soleils apparoir
Le gros mastin[6] toute nuict hurlera
Quand grand Pontife changera de terroir.

1 Rebanho de Jesus Cristo: a Igreja. D.L.7 V.
2 "Fugitivo" (forma erudita); muitas vezes, tem sentido pejorativo. D.A.F.L.
3 "Os países que formaram a Polônia foram reunidos sob o nome de *Polènes,* Polonês." D.H.B. *"Pénelon"* é o anagrama de *"Polenne".*
4 "Deixar", "abandonar". D.A.F.L.
5 Provavelmente, cinco meses depois do começo da Terceira Guerra Mundial.
6 Esse símbolo já foi atribuído por Nostradamus a um dirigente inglês, ou seja, Churchill. Cf. V.4.

Tradução:

O cometa brilhará durante sete dias. O céu mostrará dois sóis; o chefe inglês berrará toda a noite quando o papa mudar de país.

A CAPTURA DO PAPA DURANTE UMA VIAGEM. O ASSASSINATO DO SEU PROTEGIDO.

V.15

En navigant captif prins grand pontife;
Grand après faillir les clercs tumultuez:
Second[1] esleu absent son bien debife[2],
Son favori[3] bastard a mort tué.

Tradução:

O grande pontífice será feito prisioneiro durante uma viagem. O papa morrerá, em seguida, e os religiosos farão um tumulto. Aquele que foi o segundo eleito, estando ausente (do Vaticano), verá seus bens em mau estado, e seu favorito de origem humilde será morto.

DIVERGÊNCIAS ENTRE TRÊS CHEFES DE ESTADO, DURANTE A PASSAGEM DO COMETA. O PAÍS BASCO E ROMA ENVOLVIDOS NA REVOLUÇÃO.

II.43

Durant l'estoille chevelue apparante,
Les trois grands princes seront faits ennemis
Frappez du ciel paix terre trémulent[4],
Pau, Timbre[5] undans[6], serpent sur le bort mis.

Tradução:

Durante a passagem do cometa, os três grandes chefes

[1] João Paulo II, depois de João Paulo I.
[2] "Pôr em mau estado." D.A.F.L. Cf. V.56.
[3] Pode ser o secretário de Estado.
[4] Latim, *"tremo"*: "tremo". D.L.L.B.
[5] O Vaticano fica às margens do Tibre.
[6] Latim, particípio presente de *"undo"*: "estar agitado", "ferver".

de Estado serão inimigos; serão atacados do céu e a terra tremerá. Os Basses-Pyrénées e o Tibre ficarão agitados. Satã se instalará nas suas margens.

O IRAQUE CONTRA O OCIDENTE. O PAPA ÀS MARGENS DO RÓDANO. A ITÁLIA OCUPADA.

VII.22

Les Citoyens de Mésopotamie[1]
Irez encontre amis de Tarragone[2]:
Jeux, ritz, banquets, toute gent endormie,
Vicaire[3] au Rosne, prins cité, ceux d'Ausone[4].

Tradução:

Os iraquianos marcharão contra os aliados da Espanha, enquanto os homens se divertem, riem, fazem banquetes, todo o povo dorme; o papa foge para as margens do Ródano, a cidade do Vaticano é ocupada, bem como a Itália.

A PILHAGEM DO VATICANO. O PAPA ÀS MARGENS DO RÓDANO.

VIII.62

Lorsqu'on verra expiler[5] le sainct temple,
Plus grand du Rhosne et sacres prophanes:
Par eux naistra pestilence si ample,
Roy faict injuste[6] ne fera condamner.

Tradução:

Quando se der a pilhagem do Vaticano, o maior (o papa) estará às margens do Ródano e as coisas sagradas serão profanadas por aqueles (os inimigos) que serão causa de uma grande calamidade. O chefe do governo condenará seus atos cruéis.

[1] Região entre o Tibre e o Eufrates. Hoje, Iraque. D.H.B.
[2] Tarragona, cidade da Espanha (Catalunha).
[3] Vigário de São Pedro, de Jesus Cristo, título dos papas. D.L.7 V.
[4] Ausônia: antiga região da Itália, por extensão, Itália. D.L.L.B.
[5] Latim, *"expilo"*: "pilho", "roubo", "despojo". D.L.L.B.
[6] Latim, *"injustus"*: "duro", "malvado". D.L.L.B.

MORTE, POR ENVENENAMENTO, DE UM CHEFE DE ESTADO INIMIGO. CHUVA DE METEORITOS.

II.47

L'ennemy grand vieil dueil[1] meurt de poyson,
Les souverains par infinis subjuguez:
Pierres pleuvoir, cachez, soubs la toison,
Par mort articles en vain sont alleguez.

Tradução:

Quando o grande velho inimigo que traz a infelicidade for envenenado, os soberanos serão submetidos por (tropas) incontáveis. Os aerólitos escondidos na cauda do cometa choverão sobre a Terra quando forem invocados em vão os artigos (os Tratados de Genebra) sobre os direitos da guerra (a morte).

A QUEDA DOS INVASORES. O COMETA.

II.62

Mabus[2] puis tost alors mourra, viendra,
Des gens et bestes une horrible défaite,
Puis tout à coup la vengeance on verra,
Cent[3], main, soif, faim, quand courra la comète.

Tradução:

O invasor cruel morrerá bem cedo, depois de ter provocado uma horrível hecatombe de homens e animais. Depois, subitamente, virá a vingança. Por causa de discursos sem sentido, a força reinará; conhecerão a sede e a fome, quando o cometa percorrer o céu.

---

[1] *"Duel"*: "dor", "aflição", "infelicidade".
[2] Em várias edições encontramos *"malus"*: "malvado", "mau", "nocivo". D.L.L.B.
[3] Latim, *"cento"*: "discurso sem sentido". D.L.L.B. Alusão às convenções internacionais de Genebra.

A APARIÇÃO DE UM COMETA PERTO DA URSA MENOR, EM JUNHO. GUERRA NA ITÁLIA, NA GRÉCIA E NO MAR VERMELHO. MORTE DO PAPA.

VI.6

Apparoistra vers le Septentrion[1]
Non loing de Cancer[2] l'estoille cheveluë:
Suse[3], Sienne[4], Boëce[5], Eretrion[6],
Moura de Rome grand, la nuit disparuë.

Tradução:

O cometa aparecerá perto da Ursa menor, próximo ao dia 21 de junho. Susa, Toscana, a Grécia e o mar Vermelho tremerão. O papa de Roma morrerá na noite em que o cometa desaparecer.

A MORTE DO PAPA. O COMETA. RUÍNA ECONÔMICA. A ITÁLIA, UM PAÍS AGITADO.

II.15

Un peu devant monarque trucidé,
Castor Pollux[7] en nef, astre crinite[8],
L'erain[9] public par terre et mer vuidé,
Pise, Ast, Ferrare, Turin[10], terre interdite.

---

[1] Latim, *"septentrio, septentriones"*: constelação de sete estrelas situada perto do pólo norte, a Ursa Menor. D.L.L.B.
[2] O Sol entra no signo de Câncer a 21 de junho. D.L.7 V.
[3] Situada no encontro de duas grandes estradas do monte Cenis e do monte Genebra, Susa é, por isso, a porta da Itália. D.H.B.
[4] Siena, cidade estratégica da Toscana. D.H.B.
[5] *"Boeotia"*: Beócia, condado da Grécia. D.L.L.B.
[6] *"Erythraeum mare"*: o mar Vermelho. D.L.L.B.
[7] Dois irmãos, filhos de Júpiter.
[8] Latim, *"crinita stella"*: "estrela cabeluda", "cometa". D.L.L.B.
[9] Latim, *"aes, aeris"*: "prata", "dinheiro". D.L.L.B.
[10] A Toscana, o Piemonte e a Romanha. A.V.L.

Tradução:
Um pouco antes de o papa ser morto, a Igreja terá tido dois irmãos (João Paulo I e João Paulo II), aparecerá então o cometa; o dinheiro público será pilhado em terra e no mar; Pisa, Asti, Ferrara e Turim serão regiões interditas.

A queda da Quinta República

Conflito entre o bloco soviético
e os muçulmanos
A fuga do chefe de Estado.

A FUGA DO CHEFE DE ESTADO. MORTE DO INIMIGO.

IV.45

Par conflit Roy, regne abandonnera
Le plus grand chef faillira au besoing
Morts profligez, peu en reschappera
Tous destrangez, un en sera tesmoing.

Tradução:
Por causa do conflito, o chefe de Estado abandonará o poder. O maior chefe de Estado (Rússia) sucumbirá por penúria e, dos seus, poucos escaparão à morte. Serão todos massacrados; uma personagem será testemunha.

O TIRANO MORTO EM TERRAS MUÇULMANAS. A GUERRA DE REPRESÁLIA CONTRA O OCIDENTE. A QUEDA DA REPÚBLICA.

I.94

Au port Selin[1] le tyran mis à mort,
La liberté non pourtant recouvrée:

[1] Grego: "Σελήνη": "Lua". D.G.F. O quarto crescente dos muçulmanos.

Le nouveau Mars par vindicte et remort,
Dame[1] par force de frayeur honorée.

Tradução:

O tirano será morto no porto muçulmano, mas isso não fará com que seja recobrada a liberdade. Uma nova guerra será deflagrada por espírito de vingança e de represália; a República será ameaçada pela força.

A QUEDA DA REPÚBLICA. AS TROPAS MUÇULMANAS NA ITÁLIA. O GOVERNO DE OCUPAÇÃO NA ITÁLIA.

VI.42

A[2] Logmyon[3] sera laissé le regne,
Du Grand Selyn[4] qui plus fera de faict:
Par les Itales estendra son enseigne
Sera régi par prudent[5] contrefaict.

Tradução:

O poder será abandonado pela República Francesa por causa das forças muçulmanas, que farão muitos ataques e estenderão seu poder até a Itália, que será governada por uma personagem que se fará de inteligente.

1 Significa normalmente a República, simbolizada por Marianne, personagem feminina.
2 Latim, *"a"* ou *"ab":* "por". D.L.L.B. Utilizado, muitas vezes, por Nostradamus nesse sentido; uma de suas mais incríveis armadilhas filosóficas.
3 Ogmius ou Ogmios, deus da eloqüência, entre os gauleses. D.H.B. Para Nostradamus: o regime republicano francês.
4 Grego: "Σελήνη": "Lua". O quarto crescente dos muçulmanos.
5 Latim, *"prudens":* "clarividente", "inteligente". D.L.L.B.

O FIM DA QUINTA REPÚBLICA. CONFLITO ENTRE OS RUSSOS E SEUS ALIADOS MUÇULMANOS.

I.3

Quand la lictière du tourbillon[1] versée,
Et seront faces de leurs manteaux couverts[2]
La république par gens nouveaux vexée[3]
Lors blancs et rouges jugeront à l'envers.

Tradução:

Quando o leito da revolução for virado e quando (os revolucionários) se resignarem à infelicidade, a República será lesada no momento em que os brancos (os muçulmanos) e os vermelhos (as forças do Leste) entrarem em desacordo.

1 Latim, *"turbo":* "revolução". D.L.L.B.
2 "Envolver-se no manto": "resignar-se", "esperar estoicamente a infelicidade que nos ameaça". D.L.7V.
3 Latim, *"vexo":* "perturbo", "ponho em perigo", "leso". D.L.L.B.

O Oriente Médio e o Terceiro Conflito

O papel de Malta.
O chefe de Estado líbio.
Israel.

GUERRAS NA PALESTINA. CONFLITOS ENTRE ÁRABES E ISRAELENSES.

II.95

Les lieux peuplez seront inhabitables,
Pour champs avoir grande division:
Regnes livrez à prudens incapables,
Entre les frères mort et dissention.

Tradução:
Os lugares habitados se tornarão inabitáveis (poluição atômica?) para os territórios muito divididos (Palestina). Os poderes serão entregues a governantes incapazes. A morte e as dissenções reinarão entre irmãos (árabes e judeus).

A ORIGEM ORIENTAL DO TERCEIRO CONFLITO MUNDIAL

I.9

De l'Orient viendra le cœur Punique[1]
Fascher Hadrie et les hoirs[2] Romulides,
Accompagné de la classe Libique,
Tremblez Mellites[3] et proches isles vuides.

[1] "Fé púnica": má fé. D.L.
[2] Em termos jurídicos: "herdeiro". D.L.7 V.
[3] Latim, *"Melita":* Malta. D.L.L.B.

Tradução:
Do Oriente virá o ato pérfido que atingirá o mar Adriático e os herdeiros de Rômulo (os italianos), com a frota da Líbia, tremei, habitantes de Malta e seu arquipélago.

O CORONEL KHADAFI SUBLEVA O MUNDO ÁRABE CONTRA O OCIDENTE. O GRANDE REI: PERSONAGEM CULTA CONTRA OS ÁRABES.

III.27

Prince libinique puissant en Occident,
François d'Arabe viendra tant enflammer
Scavant aux lettres sera condescendent,
La langue Arabe en François translater.

Tradução:
Um chefe de Estado líbio poderoso no Ocidente virá inflamar tantos árabes contra os franceses, depois virá uma personagem culta e complacente que mandará traduzir a língua árabe para o francês.

AS FORÇAS MUÇULMANAS ANTICRISTÃS NO IRAQUE E NA SÍRIA

III.61

La grande bande et secte crucigère[1],
Se dressera en Mésopotamie[2]:
Du proche fleuve compagnie lege,
Que telle loy tiendra pour ennemie.

Tradução:
O grande bando e seita anticristã dos muçulmanos se erguerá no Iraque e na Síria perto do Eufrates[3], com um exército blindado (cavalaria) e considerará a lei (cristã) como inimiga.

[1] Por *"crucifigere",* em latim: "crucificar", "pôr na cruz". D.L.L.B. Exemplo de síncope.
[2] Corresponde ao Iraque e ao norte da Síria. A.U.
[3] O Eufrates é comum aos dois países.

PERSEGUIÇÕES NOS PAÍSES MUÇULMANOS DA ÁSIA, ESPECIALMENTE NA TURQUIA.

III.60

Par toute Asie grande proscription[1],
Mesme en Mysie, Lysie et Pamphylie[2]:
Sang versera par absolution[3],
D'un jeune noir[4] remply de felonnie.

Tradução:
Haverá grandes confiscos (dos bens dos cristãos) em toda a Ásia, especialmente na Turquia, onde o sangue será derramado sob pretexto de liberdade para um jovem chefe muçulmano cheio de deslealdade.

CONFERÊNCIA ENTRE ÁRABES E JUDEUS

II.34

L'ire insensée du combat furieux
Fera à table par frères le fer luyre,
Les départir mort blessé curieux,
Le fier duelle viendra en France nuyre.

Tradução:
A insana cólera do combate furioso fará brilhar o ferro entre irmãos sentados à mesma mesa; para os apartar, será preciso que um deles seja ferido de morte de modo curioso; seu duelo feroz será nocivo para a França.

A ITÁLIA OCUPADA. A ESPANHA NO CONFLITO. O CHEFE DE ESTADO LÍBIO.

V.14

Saturne et Mars en Leo[5] Espagne captive,
Par chef libyque au conflict attrapé,

[1] Latim, *"proscriptio"*: "confisco", "ato de coloçar fora da lei". D.L.L.B.
[2] Regiões da Turquia, na Ásia. A.V.L.
[3] Latim, *"absolutio"*: "liberação". D.L.L.B.
[4] Nome dado à dinastia muçulmana dos Abássidas, porque adotou a cor preta para suas vestes e sua bandeira. D.L.7 V.
[5] Por Leão, uma das quinze grandes divisões antigas da Espanha. D.H.B. Exemplo de apócope.

Proche de Malte, Heredde[1] prinse vive,
Et Romain sceptre sera par coq[2] frappé.

Tradução:
Na época em que a guerra atingir o Leão, a Espanha prisioneira será levada ao conflito pelo chefe de Estado da Líbia; a Itália será tomada subitamente. Depois, o poder (vermelho) instalado em Roma será destruído pelo rei francês.

A INVASÃO RUSSO-MUÇULMANA NO RENO E NO DANÚBIO. COMBATES EM MALTA E NO GOLFO DE GÊNOVA.

IV.68

En l'an bien proche esloingné de Vénus,
Les deux plus grands de l'Asie et d'Affrique:
Du Ryn et Hister[3] qu'on dira sont venus,
Cris, pleurs à Malte et costé Lygustique[4].

Tradução:
No ano em que estiverem prestes a se afastar do engano, as duas maiores potências da Ásia (URSS) e da África (os países árabes) chegarão até o Reno e o Danúbio. Haverá, então, gritos e choro em Malta e no golfo de Gênova.

A INVASÃO DA ITÁLIA. A COSTA MEDITERRÂNEA. OS TREMORES DE TERRA.

X.60

Je pleure Nisse, Mannego, Pize, Gennes,
Savone, Sienne, Capue, Modene, Malte:

[1] Latim, *"heres edis"*: "herdeiro". D.L.L.B. Os italianos. Cf. I.9, *"les hoirs romulides"*: "os herdeiros de Rômulo".
[2] Emblema da França, mas também do ramo mais novo dos Orléans.
[3] Nome antigo do Danúbio, D.H.B.
[4] Latim, *"Ligusticus sinus"*: o golfo de Gênova. D.H.B.

Le dessus sang et glaive par estrennes[1],
Feu, trembler terre, eau, malheureuse nolte[2].

Tradução:
Eu choro Nice, Mônaco, Pisa, Gênova, Savona, Siena, Cápua, Módena e Malta, que serão cobertas de sangue pela opressão das armas. A guerra, os tremores de terra e a revolução provocarão uma desgraça jamais vista.

RUPTURA DA PAZ NO ORIENTE MÉDIO.
FRANÇA E PORTUGAL ENVOLVIDOS
NO CONFLITO.

II.60

La foy Punique en Orient rompue,
Grand Iud[3], et Rosne Loire, et Tag changeront
Quand du mulet[4] la faim sera repue,
Classe espargie, sang et corps nageront.

Tradução:
A má fé muçulmana provocará uma ruptura no Oriente Médio. Devido a uma grande personagem da Judéia, o Ródano, o Loire e o Tejo verão mudanças quando a febre do ouro for derrubada; a frota será destruída, o sangue e os corpos dos marinheiros nadarão.

BOATOS DE GUERRA EM ISRAEL.
RESISTÊNCIA NOS PIRENEUS.

VI.88

Un regne grand demourra desolé,
Aupres de l'Hebro[5] se feront assemblées.
Monts Pyrénées le rendront consolé,
Lorsque dans May seront terres tremblées.

---

1 "Estreitamento", "opressão", "compressão". D.A.F.L.
2 Latim, *"noltis"*, arcaico, por *"non vultis"*: "não queremos". D.L.L.B.
3 Latim, *"Judaei"*: "os judeus". D.L.L.B.
4 Alusão histórica: o rei da Macedônia dizia que não havia fortaleza inexpugnável onde se pudesse fazer subir um burro carregado de ouro. Filipe também discorreu sobre o poder irresistível do ouro. D.L.7 V.
5 Cidade fortificada da antiga Palestina, na tribo de Judá, ao sul de Jerusalém. D.H.B.

Tradução:
Um grande país será destruído quando as tropas se encontrarem perto de Hebron (Israel); será consolado do lado dos Pireneus quando em maio houver tremores de terra.

A GUERRA SE ESTENDE DE ISRAEL À
EUROPA OCIDENTAL

III.12

Par la tumeur[1] de Heb, Po, Tag, Timbre et Rome,
Et par l'estang Leman et Aretin[2]:
Les deux grands chefs et citez de Garonne,
Prins, morts, noyez. Partir humain butin.

Tradução:
Os conflitos de Hebron (Israel) chegarão ao Pó, ao Tejo, ao Tibre, a Roma, ao lago Léman e à Toscana. Os dois dirigentes das cidades da Garone (Bordeaux e Toulouse) serão feitos prisioneiros, mortos e afogados. Será levado o espólio humano.

CONFLITO NO MAR ADRIÁTICO.
O EGITO ENTRA NA GUERRA.

II.86

Naufrage à classe près d'onde Hadriatique,
La terre tremble, esmüe sus l'air en terre mis,
Égypte tremble augment Mahométique,
L'Héraut[3] soy rendre à crier est commis.

Tradução:
Uma frota naufragará perto do mar Adriático; a terra tremerá quando uma frota aérea for abatida. O Egito aumentado com as tropas muçulmanas tremerá. Será exigida a rendição do comandante-em-chefe.

---

1 Latim, *"tumor"*: "conflito", "agitação". D.L.L.B.
2 Habitante de Arezzo (Itália), na Toscana. D.L.7 V.
3 Funcionário público antigamente encarregado de declarar a guerra, e cuja pessoa era sagrada. D.L.7 V.

Monsenhor Lefèvre e os conservadores (Os tonsurados)

Suspenso *a divinis*.
O seminário de Albano.
O seminário de Écône.
Os tradicionalistas e a Espanha.
Morte de Monsenhor Lefèvre.
A volta de alguns tradicionalistas à Igreja.
Os golpes do Vaticano contra os tradicionalistas.
O cisma e o antipapa.
O tratado de paz assinado perto de Veneza.

MONSENHOR LEFÈVRE SUSPENSO "A DIVINIS". O SEMINÁRIO DE TENDÊNCIA CONSERVADORA DE ALBANO.

Presságio 54, setembro

Privés seront Razes[1] de leurs harnois[2],
Augmentera leur plus grande querelle,
Père Liber[3] deceu fulg.[4] Albonois,
Seront rongés sectes à la moelle.

Tradução:
Os tonsurados serão privados de seus atributos, o que aumentará seu espírito belicoso. Aquele que se afastara do papa será desiludido, e os homens de Albano serão atingidos pela ira (do Vaticano). As seitas serão roídas até o âmago.

[1] Tonsura: círculo raspado na cabeça dos padres. D.L.7 V.
[2] Familiar: "vestimenta". D.L.7 V.
[3] Latim, *"Liber a patre"*: "liberado do poder paterno". D.L.L.B. Donde: "liberado da autoridade do papa".
[4] Latim, *"fulgor"*: "raio". D.L.L.B.

OS CONSERVADORES. O COMETA E A GUERRA.

Presságio 52

Longue crinite[1] le fer le Gouverneur
Faim, fièvre ardente, feu et de sang fumée:
A tous estats Joviaux[2] grand honneur[3],
Seditions par Razes allumée.

Tradução:
Quando aparecer o grande cometa, o chefe do governo será atingido pela guerra; a fome, a doença, a fumaça do fogo da guerra e o sangue serão vistos em todos os países do Ocidente com todos os seus ornamentos externos, quando uma sublevação for chefiada pelos tonsurados (os conservadores).

O SEMINÁRIO DE ÉCÔNE E MONSENHOR LEFÈVRE

Presságio 50, abril

Du lieu esleu Razes n'estre contens,
Du lac Léman[4] conduite non prouvée:
Renouveller on fera le vieil temps,
Espeuïllera la trame[5] tant couvée[6].

Tradução:
Os tonsurados não ficarão contentes com a eleição no Vaticano. A conduta dos homens do lago Léman não será aprovada, porque eles renovarão os costumes dos tempos antigos[7]; a intriga secretamente desenvolvida os fará serem despojados.

[1] Latim, *"crinitus"*: "cabeludo". D.L.L.B. Cf. II.15: *"astre crinite"*.
[2] Do latim, *"jovialis"*, relativo a Júpiter; o planeta Júpiter é considerado pelos astrólogos como fonte de felicidade. D.L.7 V. Nostradamus designa assim os países ocidentais e seus recursos.
[3] Latim, *"honor"*: "ornamento", "beleza externa". D.L.L.B.
[4] O seminário de Écône se encontra em Riddes, na Suíça, às margens do Ródano, a uns trinta quilômetros do lago Léman.
[5] "Complô", "intriga". D.L.7 V.
[6] "Desenvolver secretamente." D.L.7 V.
[7] Os conservadores recusam as reformas do Concílio Vaticano II, e só aceitam a missa de Pio V, papa de 1566 a 1572.

OS CONSERVADORES CONTRA O CONCÍLIO

Presságio 99, julho

En péril monde et Rois féliciter,
Razes esmeu [1], par conseil [2] ce qu'estoit
L'Église Rois pour eux peuple irriter [3]
Un montrera après ce qu'il n'estoit.

Tradução:
O mundo estará em perigo, embora os chefes de Estado se felicitem [4]. Os tonsurados se revoltarão por causa da decisão do Concílio. Os cardeais incitarão o povo contra eles. E um deles mostrará, em seguida, sua verdadeira face.

OS GRANDES ERROS DE MONSENHOR LEFÈVRE. OS PARTIDÁRIOS PRIVADOS DE TODOS OS PODERES.

Presságio 88, setembro

De bien en mal le temps se changera
Le pache [5] d'Aust [6] des plus Grands esperance:
Des Grands deul [7] L V I S [8] trop plus trebuchera,
Cognus Razez pouvoir ni cognoissance.

Tradução:
Os tempos de bem-estar se tornarão tempos de desgraça, embora a paz do sul faça nascer as maiores esperanças. Os grandes (os cardeais) deplorarão os atos de Monsenhor Lefèvre, que cometerá muitos erros. Seus partidários não terão nem poder nem reconhecimento.

---

[1] Latim, *"movere":* "sublevar", "revoltar-se". D.L.L.B.
[2] Latim, *"consilium":* "assembléia deliberativa". D.L.L.B.
[3] Latim, *"irritare":* "encolerizar", "excitar", "provocar". D.L.L.B.
[4] Alusão aos Acordos de Camp David, entre Begin, Sadat e Carter.
[5] Latim, *"pax":* "paz". D.L.L.B.
[6] *"Auster":* palavra latina que servia para designar o vento do meio-dia. D.L.7 V. Nostradamus profetiza os Acordos de Camp David, assinados entre dois países do sul, por oposição à URSS, império do Aquilão, ou seja, do norte.
[7] Do verbo *"doloir":* "sofrer", "deplorar", "lamentar-se". D.A.F.L.
[8] Abreviação de Lefè Vre; mesmo nome que Faivre, Fabri, Fauri, etc. *Dictionnaire étymologique des noms de famille.* A. Dauzat.

MORTE DE MONSENHOR LEFÈVRE E DO PAPA

Presságio 57, dezembro

Les deuils laissez, supremes alliances,
Raze Grand mort refus fait en à l'entrée:
De retour estre bien fait en oubliance,
La mort du juste à banquet [1] perpétrée.

Tradução:
Abandonada a tristeza, são feitas grandes alianças, o grande tonsurado morrerá, sendo-lhe recusada a volta ao seio da Igreja. Será por fim esquecido; a morte do justo (o papa) será comemorada pela comunhão (com missas).

O FIM DA DIVISÃO DO MOVIMENTO CONSERVADOR. SUPRESSÃO DOS ATRIBUTOS ECLESIÁSTICOS.

Presságio 101

Tout innonder [2] à la Razée perte,
Vol de mur, mort de tous biens abondance:
Eschappera [3] par manteau [4] de couverte,
Des neufs et vieux sera tournée chance.

Tradução:
A revolução provocará a derrota do movimento tradicionalista quando os bens imóveis forem roubados e tiver fim a sociedade de consumo. O movimento tradicionalista desaparecerá pela supressão do hábito sacerdotal; a sorte dos noviços e dos velhos mudará.

---

[1] O banquete sagrado: a comunhão. D.L.7 V.
[2] Água, onda são tomados como símbolos dos movimentos revolucionários.
[3] "Esvair-se", "desaparecer". D.L.7 V.
[4] Manto de bispo *("Bischofsmantel"),* usado na Idade Média, e que os alemães usaram até mais ou menos 1530. Era uma pelerine de malha. D.L.7 V.

O ÊXODO PROVOCADO PELA GUERRA. A REAÇÃO DO VATICANO CONTRA OS CONSERVADORES.

Presságio 98

Au lieu mis la peste et fuite naistre,
Temps variant vent. La mort de trois Grands:
Du ciel grand foudres estat[1] des Razes paistre[2],
Vieil[3] près de mort bois peu dedans vergans[4].

Tradução:
As pessoas fugirão dos lugares atingidos pela guerra e pela doença. O vento da história mudará o curso do tempo e os três grandes chefes de Estado morrerão. O grande pastor mandará os raios do céu contra os tonsurados. O sistema envelhecido, à morte, declinará, pouco a pouco.

ALGUNS CONSERVADORES VOLTAM À IGREJA

Presságio 75, setembro

Remis seront en leur pleine puissance,
D'un point d'accord conjoints, non accordez:
Tous defiez plus aux Razes fiance,
Plusieurs d'entre eux à bande debordez.

Tradução:
Os tradicionalistas serão reabilitados e voltarão à Igreja, por meio de um acordo. Os que não aceitarem esse acordo não serão dignos de confiança. Não se confiará mais nos tradicionalistas, e muitos serão expulsos da confraria.

---

[1] Latim, *"exstare"*: "mostrar-se", "ser visível". D.L.L.B.
[2] Latim, *"pastor"*: "pastor". D.L.L.B. Como "o grande profeta" (II. 36), o grande pastor é o papa.
[3] Cf. I.7: *"Par le Rousseau sennez les entreprises"*.
[4] Latim, *"vergo"*: "declino", "vergo", "estou em declínio". D.L.L.B.

O CISMA NA IGREJA CATÓLICA. O PRÍNCIPE CHARLES FERIDO EM LONDRES.

VI.22

Dedans la terre du grand temple Celique[1],
Neveu[2] à Londres par paix fainte[3] meurtry,
La barque alors deviendra schismatique
Liberté fainte sera au corn[4] et cry.

Tradução:
No território do Vaticano, enquanto o neto será ferido em Londres por uma falsa paz, a barca (de Pedro) sofrerá um cisma, e uma falsa liberdade será proclamada com grande insistência.

O CISMA DURANTE A GUERRA

IV.40

Les forteresses des assiéges serrez,
Par poudre à feu profondes en abysme
Les proditeurs[5] seront tous vifs serrez[6],
Onc aux Sacristes n'advint si piteux scisme.

Tradução:
Os sitiados serão fechados dentro das fortalezas, que serão atacadas por armas incendiárias; os traidores serão presos vivos. Jamais houve um cisma tão triste na Igreja.

---

[1] "Celeste." D.A.F.L. *"Temple"*: poeticamente, a Igreja Católica. D.L.7 V.
[2] Antigamente, "neto". D.A.F.L. O Príncipe Charles da Inglaterra é o neto do último rei da Inglaterra, Jorge VI.
[3] *"Faindre"* ou *"feindre"*, em francês: "fingir".
[4] *"À cor et à cri"*, em francês: "insistentemente", "com muito ruído".
[5] Latim, *"proditor"*: "traidor", "pérfido". D.L.L.B.
[6] "Lugar fechado." Também, "barra para fechar", "fechadura". D.A.F.L.

O CISMA E O ANTIPAPA. O TRATADO DE PAZ ASSINADO PERTO DE VENEZA.

VIII.93

Sept mois sans plus obtiendra prélature [1]
Par son décez grand schisme fera naistre:
Sept mois tiendra un autre la préture,
Près de Venise paix, union renaistre.

Tradução:
Só obterá a prelatura (o trono de São Pedro) durante sete meses, e fará nascer um grande cisma ao morrer. Outro que não o papa ocupará o trono de São Pedro durante sete meses, e depois a paz será assinada perto de Veneza e a unidade da Igreja será recuperada.

O CISMA E O PAPA ESTRANGEIRO

V.46

Par chapeaux rouges querelles et nouveaux scismes
Quand on aura esleu le Sabinois [2]
On produira contre lui grands sophismes
Et sera Rome lésée par Albannois.

Tradução:
Por causa dos cardeais, haverá muitas brigas, e um novo cisma, quando for eleito o estrangeiro. Serão enunciados contra ele grandes sofismas, e o Vaticano será prejudicado pelos homens de Albano.

OS CONSERVADORES E A ESPANHA

VIII.94

Devant le lac où plus cher fut jetté
De sept mois et son ost [3] tout déconfit,

---
[1] Corpo de prelados romanos ou funcionários do Vaticano. D.L.7 V.
[2] Os sabinos eram estrangeiros, para os romanos.
[3] "Tropa", "multidão". D.A.F.L.

Seront Hispans par Albannois gastez
Par délay perte en donnant le conflit.

Tradução:
Perto do lago Léman, onde foi lançada (uma heresia) muito querida (o calvinismo), depois de sete meses seus partidários ficarão confusos. Os espanhóis serão contaminados pelos homens de Albano (os tradicionalistas) e o conflito será a causa de sua perda.

O FRACASSO DAS TENTATIVAS DE MONSENHOR LEFÈVRE. SUA MORTE, EM UMA CASA MODESTA.

Presságio 68, fevereiro

Pour Razes Chef ne parviendra à bout,
Edicts changez, les serrez mis au large:
Mort Grand trouvé moins de foy, bas dedo [1]
Dissimulé, transi frappé à bauge [2].

Tradução:
O chefe dos tonsurados não conseguirá seus objetivos; tendo sido as regras mudadas (pelo Concílio), os que foram acossados (pelo papa) serão liberados. O chefe será encontrado morto (chefe dos tradicionalistas) no momento em que, a fé tendo enfraquecido, será admoestado, e ele se esconderá, e morrerá numa casa miserável.

---
[1] Por *"debout"*. Em outras edições, aparece a palavra *"debout"* ("em pé").
[2] "Casa miserável." D.L.7 V.

A invasão. As operações militares.

As definições-chave

A URSS: o urso, a Eslavônia, o aquilão, a tramontana, os normandos, o Borístenes, os vermelhos.

O Pacto de Varsóvia: o abutre, o açor, os sete países.

João Paulo II: Memmel (o Neman), Pol Mansol, o Grande Pontífice, o nobre, Penelon (Polenne), vigário, o carneiro, solo.

O mundo muçulmano: os bárbaros, púnico, Aníbal.

Os países muçulmanos citados: Argélia, Tunísia, Marrocos, Líbia, Pérsia (Irã), Mesopotâmia (Iraque), Carmânia (Afeganistão), Bizâncio (Turquia).

A guerra

A guerra entre os paralelos 45 e 48 e o Trópico de Câncer.
As advertências de João Paulo II em Saint-Denis.
Os russos no Afeganistão, ponto de partida.
A invasão da Grã-Bretanha.
Os russos na Iugoslávia.
A invasão da Itália.
A invasão da Suíça.
A invasão da França; as cidades atingidas: Bordeaux, Langon, Nantes, Tours, Reims, Paris, Lyon, Marselha, La Seyne-sur-Mer, Agde, Narbonne, Béziers, Carcassonne, Toulouse, Pau, Bayonne.
A invasão da RFA e da Áustria.
A ocupação de Paris e Roma.
O ataque à Espanha e a Portugal.
A invasão da Grécia pelas tropas iranianas.
O Iraque contra o Ocidente. Sua derrota.
Destruição de Tours.
Istambul destruída pela França.
Combates no mar Negro.
A Tunísia, a Argélia e a Turquia sublevadas pelo Irã.

O papel de Portugal.
O papel de João Paulo II.

O EIXO DA GUERRA: O PARALELO 45: BORDEAUX, GENEBRA, BAKU. A DESTRUIÇÃO DE GENEBRA.

VI.97

Cinq et quarante degrez ciel bruslera
Feu approcher de la grand'cité neuve [1].
Instant grand flamme esparse [2] sautera,
Quand on voudra des Normans [3] faire preuve [4].

Tradução:

O fogo da guerra se propagará ao longo do paralelo 45 e se aproximará da grande cidade nova (Genebra). Num instante, a grande chama atravessará a divisa (por sobre os mares), quando se retomar a guerra contra os russos.

A GUERRA DO PARALELO 48 AO TRÓPICO DE CÂNCER. A POLUIÇÃO DAS ÁGUAS.

V.98

A quarante huict degré climatérique [5],
A fin de Cancer [6] si grande sècheresse,
Poisson en mer, fleuve, lac cuit hectique [7],
Bearn, Bigorre par feu ciel en détresse.

---

1 Genebra significa "terra nova". Está situada no paralelo 46.
2 "Disseminado", "disperso", "separado", "dividido". D.L.7 V. Provavelmente uma alusão aos MIRV, foguetes de ogivas múltiplas.
3 Os homens do norte. D.H.B. Os russos, o império de Aquilão.
4 "Fazer sofrer", "submeter a provas dolorosas". D.L.7 V.
5 Grego: "χλιματήρ": "patente", "grau". D.G.F. O paralelo 48 delimita as fronteiras entre a China e a Rússia. É também o paralelo de Paris e Kíev.
6 O Trópico de Câncer atravessa o Saara ex-espanhol, a Mauritânia, a Argélia, a Líbia, o Egito, a Arábia Saudita e o golfo de Omã, na entrada do golfo Pérsico.
7 "Contínuo." Febre héctica, estado habitual de febre com depauperamento progressivo do organismo, em certas doenças de progressão lenta.

Tradução:

Desde o paralelo 48 até os confins do Trópico de Câncer, haverá uma grande aridez. Os peixes morrerão no mar, nos rios e nos lagos, castigados por um calor contínuo. O Béarn e a Bigorre conhecerão a angústia, por causa dos bombardeios incendiários.

A DERROTA DO OCIDENTE. AS ADVERTÊNCIAS DO PAPA. A MENSAGEM DE NOSTRADAMUS, DESPREZADA PELA ESQUERDA E PELA ALEMANHA. A VOLTA DA MONARQUIA.

Sextilha 46

Le pourvoyeur mettra tout en desroutte
Sangsuë [1] et loup, en mon dire n'escoutte
Quand Mars sera au signe du Mouton [2]
Joint à Saturne, et Saturne à la Lune,
Alors sera ta plus grande infortune,
Le Soleil lors en exaltation.

Tradução:

O provedor (russo) derrotará o Ocidente. Nem os homens saídos da revolução (homens da esquerda) nem os alemães escutarão minha mensagem quando os perigos da guerra forem assinalados pelo papa durante o seu pontificado, e sob a República; então, França!, conhecerás teu maior infortúnio. Depois, a monarquia voltará.

1 A revolução, a bebedora de sangue.
2 O carneiro simboliza a inocência, a doçura, a virgindade. A arte cristã fez do cordeiro a figura simbólica, por excelência, do Filho de Deus, imolado pelos pecados do mundo. O cordeiro tornou-se assim atributo do *Bom Pastor.* D.L.7 V.

A DEFECÇÃO DE DOIS PAÍSES DO PACTO DE VARSÓVIA. O PAPA, PARIS E A PROVENÇA AGREDIDOS, APESAR DA POLÔNIA.

II.88

Le circuit du grand fait ruyneux,
Au non septiesme du cinquiesme sera:
D'un tiers [1] plus grand l'estrange belliqueux
Mouton [2], Lutèce, Aix ne garantira.

Tradução:

O curso da grande guerra que trará a ruína fará com que aqueles que chamamos os sete (países do Pacto de Varsóvia) passem a ser apenas cinco. O país estrangeiro envolvido na guerra, o maior e representando um terço (do conjunto), não poderá garantir a segurança do papa, de Paris e de Aix-en-Provence.

UTILIZAÇÃO DAS ARMAS QUÍMICAS. DESCOBERTA DE NOVAS JAZIDAS DE PETRÓLEO. AS DECLARAÇÕES DE JOÃO PAULO II EM SAINT-DENIS. ATAQUE DA MARINHA MUÇULMANA.

Presságio 125, julho

Par pestilence et feu fruits d'arbres périront,
Signe [3] d'huile [4] abonder. Père Denys non guères [5]:

1 As superfícies respectivas dos países do Pacto de Varsóvia são: RDA, 108 178 quilômetros quadrados; Tchecoslováquia, 127 876 quilômetros quadrados; Romênia, 237 500 quilômetros quadrados; Bulgária, 110 912 quilômetros quadrados; Hungria, 93 032 quilômetros quadrados; *Polônia,* 312 677 quilômetros quadrados, num total de 990 175 quilômetros quadrados. A Polônia representa, portanto, um terço do total dos satélites da Rússia.
2 Cf. Sextilha 46.
3 Latim, *"signum":* "indícios", "traços". D.L.L.B.
4 Damos o nome de óleos minerais a diversos hidrocarburetos líquidos; o óleo de xisto, de nafta, de petróleo... D.L.7 V.
5 "Em Saint-Denis, o encontro com o mundo operário. É com uma condenação implacável contra a energia nuclear que João Paulo II conclui o seu discurso: 'Nosso mundo contemporâneo', declara enfaticamente, 'vê crescer a ameaça terrível da destruição de uns pelos

Des grands mourir. Mais peu d'étrangers failliront,
Insult [1], marin Barbare, et dangers de frontières.

Tradução:

Pelo fogo e pela pestilência, os frutos das árvores serão destruídos, quando se descobrirá grande abundância de sinais de petróleo. O (Santo) Padre em (Saint-)Denis não será escutado. Os chefes de Estado morrerão [2], mas poucos estrangeiros encontrarão a morte. A marinha muçulmana ameaçará as fronteiras com seu ataque.

OS PREPARATIVOS E AS ARTIMANHAS DAS TROPAS MUÇULMANAS. JOÃO PAULO II EM SAINT-DENIS. INDIFERENÇA DO OCIDENTE.

Presságio 11, setembro

Pleurer le ciel ail [3] cela fait faire,
La mer s'appreste. Annibal [4] fait ses ruses:
Denys [5] mouille [6] classe [7] tarde ne taire [8],
N'a sceu secret et à quoy tu t'amuses.

Tradução:

Ver chorar o céu provoca um grito de dor. As frotas

outros, especialmente pelo acúmulo dos engenhos nucleares... Assim, em nome da força moral que se encontra nela, a grande sociedade de trabalhadores deve procurar saber por que a força moral e criadora foi transformada em uma força destruidora, o ódio, enquanto novas formas de egoísmo coletivo deixam prever a ameaça da possibilidade de uma luta de todos contra todos e de uma monstruosa autodestruição'." Artigo de J. M. Durand-Souffland, no *Le Monde,* número 10 992 de terça-feira, 3 de junho de 1980.

[1] Latim, *"insulto":* "ataco". D.L.L.B.

[2] Tito, Brejnev, o Aiatolá Khomeini e outros mais.

[3] "Ai": grito de dor que comumente se repete. D.L.7 V.

[4] Aníbal: general cartaginês, filho de Amílcar. Seu pai o fez jurar, desde sua infância, um ódio implacável aos romanos. D.H.B. Nostradamus, entre outros, usa as palavras "cartaginês", "púnico" ou "Aníbal" para designar o mundo muçulmano. Cf. III.93.

[5] Nostradamus utiliza três vezes a palavra "Denis", sempre com o sentido de Saint-Denis. Cf. IX. 24.

[6] Alusão às viagens de helicóptero de João Paulo II, mas também às intempéries.

[7] Latim, *"classis":* "frota", "exército". D.L.L.B.

[8] "Não se manifestar." D.L.7 V.

de guerra se preparam. O chefe muçulmano faz suas armadilhas. (O papa) chega a (Saint-)Denis [1]. O exército tardará a se manifestar porque não sabia o que se tramava em segredo, enquanto durante esse tempo todos se divertiam.

DOIS PAÍSES SE UNEM E SE SEPARAM. O EGITO CASTIGADO PELA GUERRA.

V.23

Les deux contens [2] seront unis ensemble,
Quand la plupart à Mars seront conjoint:
Le grand d'Affrique en effrayeur et tremble,
Duumvirat [3] par la chasse [4] desioinct [5].

Tradução:

Os dois países que lutavam se unirão quando a maioria dos países estiver empenhada na guerra. O grande país da África (o Egito) tremerá e essa união se desfará por causa da derrota dos primeiros.

FOGUETES UTILIZADOS CONTRA O OCIDENTE E O JAPÃO. A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL. O PODER DOS VERMELHOS.

Sextilha 27

Celeste feu du costé d'Occident,
Et du midy, courir jusqu'au Levant [6],

[1] "Em Saint-Denis, o encontro com o mundo operário... Uma multidão disciplinada, numerosa e paciente. São quatro e meia da tarde. Duas horas ainda para esperar, de pé, as pernas inchadas; vez ou outra, a força impiedosa da água no rosto, os fortes aguaceiros que fazem abrir os guarda-chuvas...", no *Le Monde,* número 10 992, terça-feira, 3 de junho de 1980.

[2] Latim, *"contendere":* "lutar". D.L.L.B. O Iraque e o Irã?

[3] Latim, *"duumviratus", "duumvirs":* nome dos dois magistrados que compunham um tribunal. D.L.L.B.

[4] Usado comumente para significar "perseguir", "caçar", "correr atrás". D.L.7 V.

[5] Latim, *"disjunctus":* "desunido", "separado". D.L.L.B.

[6] Império do Sol Nascente: o Japão.

Vers demy morts sans poinct trouver racine[1]
Troisième aage, à Mars le belliqueux,
Des Escarboucles on verra briller feux,
Aage Escarboucle[2], et à la fin famine.

Tradução:
O fogo vindo do céu (foguetes) atingirá o Ocidente e, desde o sul, (o mundo muçulmano) chegará até o Japão. Os vermes morrerão de fome, sem nem mesmo uma raiz para se alimentar. Essa será a Terceira Guerra Mundial, que fará luzir os fogos de guerra dos vermelhos que reinarão, e no fim conhecerão a fome.

PERSEGUIÇÕES RELIGIOSAS NA POLÔNIA

V.73

Persécutée de Dieu sera l'Église
Et les saincts temples seront expoliez,
L'enfant, la mère mettra nud en chemise,
Seront Arabes aux Polons ralliéz.

Tradução:
A Igreja Católica será perseguida na Polônia e as igrejas serão desapropriadas. A mãe (a Igreja) será desnudada por seus próprios filhos e os árabes serão aliados dos poloneses (Pacto de Varsóvia).

A CRISE ECONÔMICA. GUERRA CONTRA O OCIDENTE E CONTRA A IGREJA CATÓLICA.

II.65

Le parc[3] enclin[4] grande calamité,
Par l'Hesperie[5] et Insubre[6] fera,

[1] Imagem para designar a miséria.
[2] Escarlate ou grená é um vermelho-papoula ou vermelho-sangue. D.L.7 V.
[3] Latim, *"parcus"*: "econômico". D.L.L.B.
[4] Latim, *"inclino"*: "baixo", "declino". D.L.L.B.
[5] Grego: "Εσπερις": "Ocidente". D.G.F.
[6] A região de Milão. D.H.B.

Le feu en nef, peste et captivité,
Mercure[1] en l'Arc[2] Saturne fenera[3].

Tradução:
Com a economia em baixa, haverá uma grande calamidade no Ocidente; na Itália, a guerra, a calamidade e o cativeiro atingirão a Igreja. A pilhagem arruinará Mônaco.

CORRUPÇÃO NA INGLATERRA. EXTENSÃO DO CONFLITO À GRÃ-BRETANHA.

IV.33

Jupiter[4] joinct plus Venus qu'à la Lune,
Apparoissant de plenitude blanche:
Venus cachée sous la blancheur Neptune,
De Mars frappée par la gravée[5] branche[6].

Tradução:
O mundo estará por muito mais tempo sob a influência da palavra venenosa e da luxúria do que sob os princípios republicanos, que aparecerão na plenitude da candura. A devassidão se ocultará sob a candura, na Inglaterra, que será abalada pela grande extensão do conflito.

TRABALHO DE SAPA NA SOCIEDADE INGLESA. A GRÃ-BRETANHA SURPREENDIDA PELA GUERRA.

Presságio 12, outubro

Venus, Neptune poursuivra l'entreprise,
Serrez[7] pensifs, troublez les opposans:

[1] Filho de Júpiter, mensageiro dos deuses, deus da eloqüência, do comércio e dos ladrões. D.L.7 V.
[2] Latim, *"Monoeci Arx"*: "Mônaco". D.L.L.B.
[3] Latim, *"feneror"*: "arruinar". D.L.L.B.
[4] Deus soberano do céu e do mundo. Personificação da luz e dos fenômenos celestes. D.L.7 V.
[5] Latim, *"gravis"*: "pesado", "oneroso". D.L.L.B.
[6] Em sentido figurado: "extensão". D.L.7 V.
[7] "Fechados", "aprisionados". D.A.F.L.

Classe en Adrie, citez[1] vers la Tamise,
Le quart bruit[2] blesse de nuict les reposans.

Tradução:
A palavra venenosa e a devassidão continuarão sua tarefa na Grã-Bretanha. Os pensadores serão aprisionados e os oponentes serão atormentados. Uma frota no mar Adriático será posta em movimento na direção da Tunísia. O ruído (da guerra) tirará do seu sono, à noite, um quarto dos habitantes.

ATAQUE DA INGLATERRA DEPOIS DA INVASÃO DA ALEMANHA. A GUERRA E A REVOLUÇÃO.

Sextilha 50

Un peu devant ou après l'Angleterre
Par mort de loup mise aussi bas que terre,
Verra le feu resister[3] contre l'eau,
Le ralumant avec telle force
Du sang humain, dessus l'humaine escorce[4]
Faute de pain, bondance de couteau[5].

Tradução:
Mais cedo ou mais tarde, a Inglaterra será arruinada por causa da queda da Alemanha, e verá a guerra pôr termo à revolução; a guerra recomeçará com tanta intensidade, que o sangue humano correrá sobre a terra, faltarão mantimentos e haverá armas em abundância.

OS MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS NA GRÃ-BRETANHA E NA ITÁLIA

III.70

La Grande Bretagne comprise l'Angleterre,
Viendra par eaux[6] si haut inonder,

[1] Latim, *"cito"*: "ponho em movimento". D.L.L.B.
[2] "Disputa", "briga". D.L.7 V.
[3] Latim, *"resisto"*: "paro", "impeço". D.L.L.B.
[4] A crosta terrestre.
[5] Poético: "punhal". D.L.7 V.
[6] Símbolo da revolução.

La ligne neusve d'Ausonne[1] fera guerre,
Que contre eux ils se viendront bander[2].

Tradução:
A Grã-Bretanha, que compreende a Inglaterra, será fortemente submergida pela revolução. A nova liga italiana fará a guerra e os italianos farão esforços para resistir.

INVASÃO DA GRÃ-BRETANHA PELOS RUSSOS

II.68

De l'Aquilon les efforts seront grands,
Sur l'Océan sera la porte ouverte:
Le regne en l'Isle sera réintégrand,
Tremblera Londres par voille descouverte.

Tradução:
Os esforços (de guerra) da Rússia serão grandes; ela terá acesso ao oceano Atlântico. O governo será restabelecido na Inglaterra, e Londres, coberta de barcos, tremerá.

AS ILHAS BRITÂNICAS SITIADAS. A FOME.

III.71

Ceux dans les Isles de long temps assiegez
Prendront vigueur force contre ennemis,
Ceux par dehors morts de faim profligez
En plus grand faim que jamais seront mis.

Tradução:
Os habitantes das ilhas Britânicas ficarão sitiados por muito tempo. Resistirão corajosamente. O inimigo morrerá de fome por causa daqueles que virão do estrangeiro; conhecerão a maior fome de todos os tempos.

[1] Povo da Itália. Muitas vezes, a denominação de Ausônia se estende a toda a Itália. D.H.B.
[2] "Fazer esforço para resistir." D.L.7 V.

O ATAQUE ÀS ILHAS BRITÂNICAS.
COMBATE ENTRE FRANCESES E MUÇULMANOS.

II.78

Le grand Neptune du profond de la mer,
De gent Punique et sang Gaulois meslé:
Les Isles à sang pour le tardif ramer [1],
Plus luy nuira que l'occult mal celé.

Tradução:

A Inglaterra será atacada do fundo do mar (ataque submarino); os sangues francês e muçulmano serão misturados. As ilhas Britânicas serão ensangüentadas por terem se esforçado tarde demais, o que lhes será mais nocivo do que ocultar a infelicidade (ao povo).

A INVASÃO DA AQUITÂNIA E DA INGLATERRA.
INVASÃO DAS TROPAS MUÇULMANAS.

II.1

Vers Aquitaine par insuls Britanniques,
De par eux mesmes grandes incursions:
Pluyes, gelées feront terroirs iniques [2],
Port Selyn [3] fortes fera invasions.

Tradução:

Sobre a Aquitânia e nas ilhas Britânicas haverá grandes desembarques de tropas. Os movimentos revolucionários e um inverno rigoroso levarão à desgraça esses territórios, pois serão submetidos a grandes invasões vindas de um porto muçulmano.

---

[1] "Ter muito trabalho", "cansar-se". D.L.7 V.
[2] Latim, *"iniquus"*: "desgraçado". D.L.L.B.
[3] Grego: "Σελήνη": "Lua". D.G.F. O quarto crescente muçulmano. O porto do mundo muçulmano, de onde partirá a invasão, está ainda para ser determinado.

O CERCO DE LONDRES.
CAPTURA DO CHEFE DE ESTADO INGLÊS.

VIII.37

La forteresse aupres de la Tamise,
Cherra [1] par lors, le Roy dedans serré,
Auprès du pont [2] sera veu en chemise,
Un devant mort, puis dans le fort barré [3].

Tradução:

As fortificações perto do Tâmisa desmoronarão, o chefe do governo ficará sitiado. Será despojado perto do mar, um morrerá antes, depois ele será preso no forte.

A GUERRA NO VALE DO RÓDANO.
OCUPAÇÃO DA INGLATERRA.

V.62

Sur les rochers sang on verra plouvoir.
Sol Orient, Saturne Occidental:
Pres d'Orgon [4] guerre, à Rome grand mal voir,
Nefs parfondrées et prins le Tridental [5].

Tradução:

O sangue choverá sobre os maciços montanhosos, enquanto o rei virá do Oriente, para restabelecer o Ocidente. A guerra atingirá Orgon, o papa será desonrado em Roma, os barcos serão afundados e a Inglaterra, ocupada.

---

[1] Futuro de *"cheoir"*: "cair". D.A.F.L.
[2] Grego: "ποντός": "mar". D.G.F.
[3] "Fechar com grades." D.L.7 V.
[4] Centro principal do cantão de Bouches-du-Rhône, na margem esquerda do Durance. D.H.B.
[5] Linguagem figurada: o tridente de Netuno designa o rei dos mares. D.L.7 V. Símbolo da Inglaterra.

INVASÃO DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA E DA ITÁLIA PELOS RUSSOS. A IUGOSLÁVIA ENTREGUE AO MASSACRE.

II.32

Laict[1], sang grenouilles[2] escoudre[3] en Dalmatie[4],
Conflict donné, peste près de Balennes[5],
Cry sera grand par toute Esclavonie[6],
Lors naistra monstre[7] pres et dedans Ravenne.

Tradução:

Depois do leite do bem-estar, o sangue do povo correrá na Iugoslávia, quando o conflito for deflagrado, bem como uma calamidade perto de Ballenstedt. O brado (de guerra) será grande por toda a Rússia. Então, nascerá um flagelo perto de e em Ravena.

INVASÃO DA ITÁLIA E DA IUGOSLÁVIA. CRISE DO PETRÓLEO.

II.84

Entre Campagne[8], Sienne[9], Flora, Tustie[10],
Six mois neuf jours ne pleuvra une goute,

[1] Usado por Nostradamus como símbolo do bem-estar. Antigo símbolo bíblico.
[2] A rã simboliza todos os povos da história e todos os homens corajosos, que jamais estão contentes com a sua situação. D.L.7 V.
[3] "Correr", "escoar". D.A.F.L.
[4] Região da Europa situada entre o Adriático, a oeste, e os montes da Libúrnia, a leste. Fazia parte da grande região ilíria. D.H.B.
[5] Afrancesamento de Ballenstedt: cidade do ducado de Anhalt, no Gretel. D.H.B. Essa cidade está situada a alguns quilômetros da fronteira da República Federal da Alemanha e da República Democrática Alemã, no leste da Alemanha.
[6] Eslavônia: sob o Império Romano, fazia parte da Panônia (Humgria). Deve seu nome aos *slavi,* povo sármata que aí se estabeleceu no século VII. D.H.B. Designa a Rússia.
[7] Latim, *"monstrum":* "flagelo". D.L.L.B.
[8] Campânia: província da Itália. Cidade principal: Nápoles. Compreende as seguintes províncias: Terra di Lavoro, Benevento, Nápoles, Salerno, Avelino. D.L.7 V.
[9] Província de Siena: província da Itália, na Toscana. D.L.7 V.
[10] Túscia: compreendia a Etrúria e a Úmbria. D.H.B.

L'estrange langue en terre Dalmatie,
Courira sus, vastant la terre toute.

Tradução:

Entre as províncias da Campânia, de Siena e da Úmbria, no Ocidente, haverá seis meses e nove dias de penúria total (petróleo?). Será ouvida na Dalmácia uma língua estranha (russo ou árabe?), que se espalhará e devastará toda a terra.

A GUERRA MUÇULMANA NO MAR NEGRO E NA IUGOSLÁVIA. O APOIO DE PORTUGAL: DESEMBARQUE AMERICANO?

IX.60

Conflict Barbar en la Cornere noire,
Sang espandu trembler la Dalmatie
Grand Ismael mettra son promontoire[1]
Ranes[2] trembler, secours Lusitanie[3].

Tradução:

O conflito será iniciado pelos muçulmanos no mar Negro, e o sangue que eles derramarão fará tremer a Iugoslávia, onde o grande chefe muçulmano chegará ao seu ponto culminante. O povo tremerá, depois o socorro virá de Portugal.

ATAQUE RUSSO À IUGOSLÁVIA E NO ADRIÁTICO. O CHEFE DE ESTADO TURCO. SOCORRO VINDO DA ESPANHA E DO SEU REI.

IX.30

Au port de PUOLA[4] et de Saint Nicolas[5],
Péril Normande[6] au goulfre Phanatique[7]

[1] Latim, *"promontorium":* "ponto culminante". D.L.L.B.
[2] Latim, *"rana":* "rã". D.L.L.B. Mesmo significado que em II.32.
[3] Antigo nome de Portugal.
[4] Pula, ou Pola, por epêntese; cidade iugoslava no Adriático, ao sul de Trieste. Belo *porto* militar. D.H.B. e A.U.
[5] Patrono da Rússia, festejado em 6 de dezembro.
[6] Ou *"northmans",* isto é, homens do norte. D.H.B.
[7] Golfo Flanático, no Adriático, entre a Ístria e a Ilíria, na Iugoslá-

Cap.[1] de Bisance rues crier hélas,
Secours de Gaddes[2] et du grande Philippique[3].

Tradução:
Em Pula, vindo da Rússia (a 6 de dezembro?), o perigo dos homens do norte (os russos) descerá sobre a Iugoslávia. O chefe da Turquia pedirá socorro, depois o socorro virá da Espanha, com o descendente de Filipe V.

A TURQUIA ENTREGUE À PILHAGEM A PARTIR DA IUGOSLÁVIA

VII.83

Le plus grand voile[4] hors du port de Zara[5]
Près de Bisance fera son entreprise:
D'ennemi perte et l'amy ne sera,
Le tiers à deux fera grand pille et prise.

Tradução:
A maior frota aérea sairá do porto de Zara para fazer a guerra na Turquia. Fará uma grande matança de inimigos e não será aliada (dos turcos); fará uma grande pilhagem e despojará dois terços do país.

A INVASÃO MUÇULMANA

Presságio 60, abril

Le temps purge[6], pestilence, tempeste,
Barbare insult. Fureur, invasion:

via, hoje golfo de Kvarner. D.H.B. Nostradamus retirou a letra *l* por síncope. Pula situa-se na entrada desse golfo.
[1] Latim, *"caput"*: "chefe". D.L.L.B.
[2] Antigo nome de Cádiz, cidade da Espanha. D.H.B.
[3] Filipe V, chefe da casa dos Bourbon da Espanha. D.H.B. Nostradamus se refere ao rei da Espanha.
[4] Usado por Nostradamus para designar os aviões, cujos primeiros foram de tela.
[5] Porto da Dalmácia, na Iugoslávia, no mar Adriático. D.H.B.
[6] Latim, *"purgamen"*: "lixo", "imundície". D.L.L.B.

Maux infinis par ce mois nous appreste,
Et les plus Grands, deux moins, d'arrision[1].

Tradução:
O tempo será de licenciosidade, pestilento e violento, devido a um furioso ataque muçulmano e a uma invasão. Grandes calamidades se preparam em abril e as grandes personagens serão ridicularizadas, exceto duas delas.

O FIM DOS BONS TEMPOS. A PILHAGEM FEITA PELOS MUÇULMANOS.

X.97

Triremes pleines tout aage captifs,
Temps bon à mal, le doux pour amertume:
Proye à Barbares trop tost seront bastifs[2],
Cupide de voir plaindre au vent la plume[3].

Tradução:
Os barcos levarão prisioneiros de todas as idades. O tempo bom se transformará em tempo de desgraça; a amargura substituirá a doçura: logo, os muçulmanos começarão a pilhagem, desejosos de ver (a França) e os franceses se lamentando e flutuando ao vento.

COMBATE DAS FORÇAS ALEMÃS E ESPANHOLAS CONTRA OS MUÇULMANOS

Presságio 29

Guerre, tonnerre, maints champs depopulez,
Frayeur et bruit, assault à la frontière:
Grand Grand failli, pardon aux Exilez,
Germains, Hispans par mer Barba, bannière.

Tradução:
A guerra e os bombardeios despovoarão muitos territórios no terror e no ruído; as fronteiras serão atacadas. O

[1] Latim, *"irrisio"*: "zombaria". D.L.L.B.
[2] "Dispor", "contar com". D.A.F.L.
[3] *"Mettre la plume au vent"*: "flutuar ao vento". D.L.7 V.

grande chefe sucumbirá e os exilados serão perdoados. Os alemães e os espanhóis atacarão, no mar, as forças muçulmanas.

A COSTA DO MEDITERRÂNEO ENTREGUE À PILHAGEM

II.4

Depuis Monach jusqu'auprès de Sicile,
Toute la plage demourra désolée,
Il n'y aura fauxbourg, cité ne ville,
Que par Barbares pillée soit et volée.

Tradução:
De Mônaco até a Sicília, o litoral será destruído. Nem uma cidade ou vila escapará à pilhagem das tropas muçulmanas.

INVASÃO DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA, DO LITORAL MEDITERRÂNEO E ATLÂNTICO. RECONHECIMENTO DA INOPERÂNCIA DAS CONVENÇÕES DE GENEBRA.

V.85

Par les Sueves [1] et lieux circonvoisins,
Seront en guerre pour cause des nuées [2]:
Camp marins locustes [3] et cousins [4],
Du Léman fautes seront bien desnuées [5].

[1] Nome dado, pelos romanos, aos povos da Grande Germânia... A sede principal da liga suévica, formada no século III, era o sudoeste da Germânia, desde o Reno até o Meno, o Saale e o Danúbio. D.H.B. Hoje, território da República Federal da Alemanha.
[2] "Multidão incalculável." D.L.7 V.
[3] Latim, *"locusta"*: "gafanhotos". D.L.L.B. Nostradamus designa, com esta palavra, os aviões. Cf. Apocalipse IX.
[4] Gênero de insetos dípteros... No seu primeiro estágio, são aquáticos. D.L.7 V. Navios de guerra.
[5] "Desnudar", "despojar". D.A.F.L.

Tradução:
A República Federal da Alemanha e suas vizinhas (Suíça, Holanda, França e Bélgica) estarão em guerra por causa da enorme multidão (os russos). Os portos de guerra estarão cobertos de aviões e de navios e as falhas do lago Léman (os Tratados e Convenções de Genebra) serão desnudadas.

BOMBARDEIOS NA ITÁLIA

IV.48

Planure [1], Ausonne [2] fertille, spacieuse,
Produira [3] taons si tant de sauterelle,
Clarté solaire deviendra nubileuse,
Ronger [4] le tout, grand peste venir d'elles.

Tradução:
Uma tal quantidade de aviões avançará sobre a planície fértil do Pó que o sol será obscurecido. Esses aviões trarão destruição e calamidade.

PILHAGEM E SAQUE NA COSTA DO MEDITERRÂNEO

III.82

Érins [5], Antibor, villes autour de Nice
Seront vastées, fort par mer et par terre
Les sauterelles [6] terre et mer vent propice,
Prins, morts, troussez, pillez, sans loy de guerre.

[1] Latim, *"planura"*: "planície". D.L.L.B.
[2] Latim, *"Ausonia"*: antiga região da Itália; por extensão, a Itália. D.L.L.B.
[3] Latim, *"produco"*: "faço avançar", "lanço para a frente". D.L.L.B.
[4] Atacar e destruir sucessivamente.
[5] As ilhas de Lérins (exemplo de aférese), ilhas francesas no Mediterrâneo, na costa do Var, em frente à ponta que avança a leste, no golfo de Nápoles. D.H.B.
[6] Cf. Apocalipse IX, 3 e 7: "Da fumaça sairão gafanhotos que se espalharão sobre a terra... Esses gafanhotos serão iguais a cavalos preparados para o combate..." A cavalaria, ou seja, os tanques.

Tradução:
As ilhas de Lérins, Antibes e as cidades vizinhas de Nice serão devastadas por forças vindas por terra e por mar, com tanques trazidos por terra e por mar, e o vento (da história) lhes será favorável. Os habitantes serão feitos prisioneiros, massacrados, pilhados, saqueados, sem respeito pelas leis de guerra.

PILHAGENS DOS MUÇULMANOS NO MEDITERRÂNEO, CÓRSEGA, SARDENHA E ITÁLIA

VII.6

Naples, Palerme, et toute la Cecile,
Par main barbare sera inhabitée,
Corsique, Salerne[1] et de Sardeigne l'Isle,
Faim, peste, guerre, fin des maux intemptée[2].

Tradução:
Nápoles, Palermo e toda a Sicília serão despovoadas pelas forças muçulmanas, assim como a Córsega, a Sardenha e Salerno, onde reinarão a fome, a doença e a guerra; depois caminhará para o fim das desgraças.

INVASÃO DE AGDE POR MAR, DESEMBARQUE DE UM EXÉRCITO DE UM MILHÃO DE HOMENS. DERROTA NAVAL DO OCIDENTE NO MEDITERRÂNEO.

VIII.21

Au port de Agde trois fustes[3] entreront,
Portant l'infect[4] non foy et pestilence.
Passant le pont[5] mil milles[6] embleront[7],
Et le pont rompre à tierce résistance.

---

1 Salerno, cidade da Itália, no antigo reino de Nápoles.
2 Latim, *"intento":* "dirijo", "conduzo para". D.L.L.B.
3 Embarcação de borda baixa, a vela e a remo. D.A.F.L.
4 Latim, *"inficio":* "misturo", "impregno", "penetro". D.L.L.B.
5 Grego: "ποντός": "mar". D.G.F.
6 Mil vezes mil: um milhão.
7 Exemplo de aférese.

Tradução:
Três navios de guerra entrarão no porto de Agde, trazendo com eles a invasão sem fé e sem lei, e a epidemia. Um milhão de soldados se reunirão para atravessar o mar e a resistência no mar será quebrada três vezes.

DERROTA DE UM EXÉRCITO FRANCO-ESPANHOL NOS PIRENEUS. A GUERRA NA SUÍÇA E NA ALEMANHA. O RÓDANO E O LANGUEDOC ATINGIDOS PELO CONFLITO.

IV.94

Deux grands frères seront chassez d'Espagne
L'aisné vaincu sous les monts Pyrénées
Rougir mer, Rosne, sang Léman d'Alemagne,
Narbon, Blyterres[1], d'Agath contaminées[2].

Tradução:
Dois grandes aliados serão perseguidos para fora da Espanha. O mais velho dos dois (Juan Carlos I) será vencido aos pés dos Pireneus. O mar será tomado pela frota vermelha e o sangue correrá nas margens do Ródano sobre o lago Léman e na Alemanha. Narbonne, Béziers e Agde serão contaminadas.

A GUERRA NO LANGUEDOC. DERROTA DO EXÉRCITO FRANCÊS.

I.5

Chassez seront sans faire long combat,
Par le pays seront plus fort grevez[3]:
Bourg et cité auront plus grand débat[4],
Carcas, Narbonne auront cœur esprouvez.

---

1 Béziers, conquistada pelos romanos mais ou menos em 120 a.C., foi colonizada em 53 por Júlio César, do qual recebeu o nome de Julia Biterra. D.H.B. A letra *l* foi juntada por epêntese.
2 Latim, *"contamino":* "sujo", "infecto". D.L.L.B.
3 "Dizimar", "atormentar", "oprimir". D.A.F.L.
4 "Resistência", "luta". D.A.F.L.

Tradução:
O exército francês será derrotado sem longo combate. Os mais poderosos serão dizimados em todo o país. As cidades e as vilas serão presas de lutas maiores. O centro das cidades de Carcassonne e de Narbonne será duramente castigado.

INVASÃO A PARTIR DA SUÍÇA ATÉ A BACIA FLUVIAL PARISIENSE. DERROTA DOS ALEMÃES, DOS SUÍÇOS E DOS ITALIANOS.

IV.74

Du lac Lyman et ceux de Brannonices[1],
Tous assemblez contre ceux d'Aquitaine,
Germains beaucoup, encore plus Souisses,
Seront defaicts avec ceux d'humaine[2].

Tradução:
Desde a Suíça até o Eure, as tropas se reunirão para marchar contra o sudoeste da França. Os alemães (do oeste) e principalmente os suíços serão dizimados com aqueles que são a origem do humanismo (os italianos).

O PODER INSTALADO EM SAVÓIA. OCUPAÇÃO DO LANGUEDOC PELAS TROPAS DO PACTO DE VARSÓVIA.

III.92

Le monde proche du dernier période[3],
Saturne encor tard sera de retour:

[1] *"Brannovices"*, nome dos aulercos, povo da Gália (entre o Sarthe e o Eure). D.L.L.B.
[2] O primeiro centro do humanismo é Florença... Da Itália, o humanismo se estendeu por todo o ocidente da Europa desde o fim do século XV. D.L.7 V.
[3] O último período, o fim. O poder desse império chegava ao seu último período. D.L.

Translat empire devers[1] nations Brode[2],
L'œil[3] arraché à Narbon par Autour[4].

Tradução:
O mundo ocidental se aproxima do seu fim; a época da renovação demorará ainda para chegar. O poder será transferido para as proximidades de Savóia, tendo sido roubado de Narbonne pelo Pacto de Varsóvia.

FUGA DOS HABITANTES DE PERPIGNAN. CONTRA-ATAQUE OCIDENTAL NO MEDITERRÂNEO.

VI.56

La crainte armée de l'ennemy Narbon,
Effroyera si fort les Hespériques[5]:
Parpignan vuidé par l'aveugle darbon[6],
Lors Barcelon par mer donra les piques[7].

Tradução:
O medo do exército inimigo em Narbonne aterrorizará terrivelmente os ocidentais (americanos). Perpignan será abandonada por causa da perda do poder em Narbonne; então, perto de Barcelona, os foguetes serão enviados por mar (submarinos nucleares).

GUERRA NOS PIRENEUS E NO LANGUEDOC

IX.63

Plainctes et pleurs, cris et grands hurlements,
Pres de Narbon à Bayonne et en Foix:

[1] "Para os lados de." D.L.7 V.
[2] "Depois que os alóbrogos, que os provençais, por corruptela e síncope, chamam de *'brodes'*, foram vencidos por Fábio Máximo nas margens do Isère." *Histoire de Provence,* César Nostradamus. Simon Rigaud, Lyon, 1614. A Savóia. D.H.B.
[3] "Poder", no sentido de "direito de tomar conta".
[4] Gênero de ave de rapina, D.L.7 V. Mesmo significado que o "abutre": o Pacto de Varsóvia.
[5] Grego: "'Εσπερίς": "Ocidente".
[6] Por "De Narbo": anagrama. Cf. III.92.
[7] Alusão à extremidade pontuda dos foguetes.

O quels horribles calamitez changemens,
Avant que Mars revolu quelques fois.

Tradução:

Serão ouvidos lamentos, choro, gritos e grandes queixas perto de Narbonne e dos Basses-Pyrénées, até Ariège. Oh! As mudanças serão espantosas antes que a época da guerra passe.

O CHEFE MILITAR DA ALEMANHA ORIENTAL NOS PIRENEUS E NO LANGUEDOC. O REI CAPETO EM DIFICULDADE.

IX.64

L'Æmathion[1] passer mont Pyrénées,
En Mars Narbon ne fera résistance:
Par mer et terre fera si grand menée,
Cap n'ayant terre seure pour demeurance.

Tradução:

O chefe alemão (RDA) passará pelos Pireneus; Narbonne não resistirá durante a guerra. Haverá aí grandes ações em terra e no mar, e o Capeto não terá terra em que possa ficar em segurança.

ATAQUE POR PORTUGAL ATÉ OS PIRENEUS

III.62

Proche del duero[2] par mer Cyrenne[3] close,
Viendra percer les grands monts Pyrénées.
La main plus courte et sa percée gloze[4]
A Carcassonne conduira ses menées.

[1] Cf. X.7.
[2] Douro, rio da Espanha e de Portugal; atravessa Portugal de leste para oeste. D.H.B.
[3] Cirene, capital da Cirenaica, hoje Curin ou Grennah, cidade da Líbia. D.H.B. e A.U.
[4] *"Gloz"*, *"glos"*, nominativo de *"glot"*, adjetivo, e de *"gloton"*: "malvado", "desordeiro", "canalha". D.A.F.L.

Tradução:

Perto do Douro, pelas costas da Líbia, que estarão fechadas, ele irá atravessar os Pireneus. Com poucos homens e por golpe de astúcia, conduzirá as operações até Carcassonne.

TRAIÇÃO DE UM HOMEM POLÍTICO. SUA MORTE. ATAQUE AO LANGUEDOC.

III.85

La Cité prise par tromperie et fraude,
Par le moyen d'un beau jeune attrapé,
Assaut donné, Raubine[1] près de l'AUDE,
Luy et tous morts pour avoir bien trompé.

Tradução:

Paris será ocupada graças a uma traição e a uma manobra fraudulenta, por meio da utilização de um belo rapaz (político), que será apanhado. A região dos Robines de Narbonne será atacada; esse homem político e os seus encontrarão a morte por causa de sua traição.

AS TROPAS MUÇULMANAS NA ITÁLIA

X.33

La faction cruelle à robe longue
Viendra cacher souz les pointus poignards:
Saisir Florence le duc et lieu diphlongue[2],
Sa descouverte[3] par immeurs[4] et flangnards[5].

Tradução:

A facção cruel dos muçulmanos virá, escondendo as

[1] Nome dado, no sul, aos pequenos canais, e que passou a ser nome geográfico de diversos canais de navegação: os Robines de Narbonne, de Vic, de Aigues-Mortes. Diz-se também *"Roubine"*. D.L.7 V.
[2] Do grego "δίς": "duas vezes", "em duas vezes", e "φλογόω": "queimar". D.G.P.
[3] Arte militar: "movimento de uma tropa destacada para examinar o terreno ou a disposição das tropas inimigas". D.L.7 V.
[4] Do latim, *"im"* e *"mos, moris"*: "lei", quer dizer, "sem lei".
[5] De *"flasnier"*: "enganar". D.A.F.L.

armas sob os mantos longos. Seu chefe tomará Florença e fará queimar esse lugar em duas vezes, depois de ter enviado na frente homens enganadores e sem lei (espiões).

INVASÃO DA ITÁLIA PELAS TROPAS MUÇULMANAS

II.30

Un qui les dieux d'Annibal[1] infernaux,
Fera renaistre, effrayeur des humains:
Oncq'plus d'horreur ne plus dire iournaulx,
Qu'avint viendra par Babel[2] aux Romains.

Tradução:

Uma personagem que ressuscitará os deuses terríveis dos cartagineses assombrará os homens. Os jornais não poderão mais dizer que foi infligido aos romanos maior horror por causa de sua confusão.

INVASÃO DE PORT-DE-BOUC PELAS TROPAS MUÇULMANAS. CHEGADA DE UMA FORÇA OCIDENTAL.

I.28

La tour de Boucq[3] craindra fuste Barbare,
Un temps, longtemps après barque hespérique.
Bestail, gens, meubles, tous deux feront grand tare
Taurus[4] et Libra, quelle mortelle picque.

Tradução:

Port-de-Bouc temerá a frota muçulmana durante um

[1] General cartaginês. Seu pai o fez jurar ódio mortal aos romanos... Reiniciou a guerra contra os romanos, tomando e saqueando, no período de paz e contrariando os tratados, a cidade de Sagunto, aliada de Roma (219 a.C.). Pensando que não era possível vencer os romanos fora de Roma, atravessou a Gália e invadiu a Itália. D.H.B. Nostradamus estabelece um paralelo entre a história da Roma antiga e a da Roma atual.
[2] Significa "confusão". D.L.7 V.
[3] Port-de-Bouc, cidade no fundo do golfo de Fos. D.L.7 V.
[4] Astrologia: segundo signo do zodíaco, regido, no horóscopo, por Vênus. Esse signo simboliza a fecundidade e as forças criadoras. D.L.7 V.

tempo; muito depois virá uma frota ocidental. Os animais, os homens e os bens serão prejudicados pelas duas (frotas). Que atentado mortal à fecundidade e à justiça!

O PACTO DE VARSÓVIA E OS RUSSOS. INVASÃO DA FRANÇA.

X.86

Comme un gryphon[1] viendra le Roy d'Europe,
Accompagné de ceux de l'Aquilon:
De rouges et blancs[2] conduira grande troppe
Et iront contre le Roy de Babylone[3].

Tradução:

O chefe da Europa (do leste) virá como um abutre, acompanhado pelos russos. Conduzirá uma grande tropa dos países comunistas e dos países muçulmanos, que irão contra o governo de Paris.

DESEMBARQUE DO EXÉRCITO TURCO NA ESPANHA. OCUPAÇÃO DA ALEMANHA OCIDENTAL.

VIII.51

Le Bizantin faisant oblation[4],
Apres avoir Cordube[5] à foy reprinse:
Son chemin long repos pamplation[6],
Mer passant proy[7] par Colongna[8] prinse.

[1] *"Griffon"*, do latim *"gryphus"*: "abutre". Nome vulgar de diversas aves de rapina. D.L.7 V. As armas da Polônia apresentam uma ave de rapina.
[2] Alusão ao albornoz branco dos muçulmanos.
[3] A grande Babilônia, a Babilônia moderna: em geral, os grandes centros, como Londres, Paris. D.L.7 V.
[4] Latim, *"oblatio"*: "oferecimento". D.L.L.B.
[5] Latim, *"Corduba"*: "Córdoba". D.L.L.B.
[6] Palavra criada a partir de "πάν", "tudo", e *"ampliatio"*, "ampliação". D.L.L.B.
[7] Alusão ao abutre, ave de rapina, para designar o Pacto de Varsóvia. Cf. X.86.
[8] *"Agrippinensis Colonia"*: "colônia de Agripino", no Reno (Colônia). D.L.L.B. República Federal da Alemanha.

Tradução:

O chefe turco fará uma oferta (de paz) depois de ter retomado Córdoba para a fé muçulmana; interromperá sua expansão depois de um longo caminho, quando, passando pelo mar, a República Federal da Alemanha for ocupada pelo Pacto de Varsóvia.

INVASÃO DA EUROPA OCIDENTAL PELOS RUSSOS

VIII.15

Vers Aquilon grands efforts par hommasse,
Presque l'Europe et l'univers vexer [1],
Les deux eclypses mettra en telle chasse [2]
Et aux Pannons [3] vie et mort renforcer.

Tradução:

Na Rússia serão feitos grandes esforços (de guerra) por uma massa de homens que virão abalar a Europa (Ocidental) e quase todo o universo. Entre dois eclipses, essa massa de homens porá em fuga (as tropas ocidentais), e os húngaros receberão reforços de vida e de morte.

O PRESENTE DO IRÃ AOS OCIDENTAIS. ATAQUE DA FRANÇA E DA ITÁLIA, PARTINDO DO AFEGANISTÃO.

III.90

Le grand Satyre [4] et Tigre [5] d'Hircanie [6],
Don présenté à ceux de l'Occean,

[1] Latim, *"vexo":* "agito fortemente", "abalo", "sacudo". D.L.L.B.
[2] "Caçar"; "ir", "fugir". D.L.7 V.
[3] Panônia: antigo nome da Hungria.
[4] Personagem atrevida, cínica. D.L.7 V.
[5] Rio da Ásia que termina no golfo Pérsico, no Irã.
[6] Hircânia: região da antiga Ásia que se estendia ao longo da costa do mar Cáspio. Pertencia ao império persa. D.H.B. Hoje, é território iraniano.

Un chef de classe istra [1] de Carmanie [2]
Qui prendra terre au Tyrren [3] Phocean [4].

Tradução:

A grande personagem cínica do Tigre e do Irã dará um presente aos da Aliança do Atlântico; depois, um chefe de exército partirá do Afeganistão para desembarcar no mar Tirreno e em Marselha.

INVASÃO RUSSA NO AFEGANISTÃO. A RESISTÊNCIA DOS AFEGÃS; SUA DESTRUIÇÃO.

X.31

Le sainct empire [5] viendra en Germanie [6],
Ismaëlites trouveront lieux ouverts:
Anes [7] voudront aussi la Carmanie [8],
Les soustenans [9] de terre tous couverts.

Tradução:

Os russos irão ao Afeganistão; os muçulmanos encontrarão os lugares abertos. Os afegãs procurarão conservar o Afeganistão, mas sua resistência será vencida.

[1] *"Istre",* forma de *"issir":* "sair". D.A.F.L.
[2] Província do antigo império persa. Atualmente, forma o território do Afeganistão. D.L.7 V.
[3] Nápoles, base estratégica da OTAN *(l'Ocean!).*
[4] Nostradamus junta um *"an"* à palavra *"Phocée",* por paragoge, e por exigência da rima.
[5] Império da Rússia, o mais vasto Estado do globo... a religião ortodoxa domina na Rússia, o czar é o dirigente desde Pedro, o Grande; é secundado na administração de assuntos religiosos pelo Santo Sínodo. D.H.B. Existe a expressão "a Santa Rússia".
[6] Cf. nota 4.
[7] Segundo Estrabão, alguns povos da Carmânia levavam jumentos para a guerra. Nostradamus designa por esta palavra os afegãs que resistem à invasão russa.
[8] Província do antigo império dos persas, formando, atualmente, o território do Afeganistão. É a Germânia dos antigos. D.L.7 V. Alusão à invasão do Afeganistão e da Alemanha.
[9] Latim, *"sustineo":* "resisto". D.L.L.B.

UTILIZAÇÃO DE ARMAS NUCLEARES CONTRA A RÚSSIA

II.91

Solei levant un grand feu on verra,
Bruit et clarté[1] vers Aquilon tendans[2],
Dedans le rond[3] mort et cris l'on orra[4],
Par glaive[5] feu, faim, morts les attendans.

Tradução:

No Oriente será visto um grande fogo; barulho e chamas (da guerra) chegarão até a Rússia. Haverá mortos num círculo (bomba A ou H) e serão ouvidos gritos. Com a guerra, o fogo e a fome, os homens morrerão.

ALIANÇA RUSSO-MUÇULMANA

X.69

Le fait luysant de neuf vieux eslevé,
Seront si grands par midy Aquilon:
De sa seur[6] propre[7] grandes alles[8] levé
Fuyant meurtry au buisson[9] d'ambellon[10].

Tradução:

O fato notável da elevação (ao poder) de um novo (depois do desaparecimento) de um velho chefe, (os esforços) serão tão grandes por parte dos muçulmanos e da Rússia, que ele formará grandes tropas aéreas (asas) na cidade vizinha (Pacto de Varsóvia), e, ferido, se retirará, apesar de sua fraqueza.

---

1 "Luz", "tocha". D.L.7 V.
2 Latim, *"tendo"*: "estendo".
3 "Círculo", "linha circular". D.L.7 V.
4 Futuro de *"oïr"*, *"ouir"*: "ouvir". D.A.F.L.
5 "Gládio." Símbolo da guerra, dos combates. D.L.7 V.
6 Latim, *"soror"*, adj.; *"soror civitas"*: "uma cidade vizinha". D.L.L.B.
7 Latim, *"propior"*: "mais próximo", "vizinho". D.L.L.B.
8 Latim, *"ales"*: "alado", "que tem asas". D.L.L.B.
9 "Salvar-se através das moitas *('buissons')"*: retirar-se com escapatórias de uma discussão onde se está levando a pior. D.L.7 V.
10 Latim, *"imbellis"*: "imprópria para a guerra", "fraca", "sem defesa". D.L.L.B.

REVOLUÇÃO EM PARIS. A TURQUIA SUBLEVADA PELO IRÃ CONTRA O OCIDENTE.

X.86

Par les deux testes, et trois bras[1] séparés,
La grand cité sera par eaux vexée[2]:
Des Grands d'entre eux par exil esgarés,
Par teste Perse Bysance fort pressée.

Tradução:

Por causa de dois chefes separados de seus três auxiliares, Paris será sacudida pela revolução. Um certo número de seus chefes (ministros) será afastado para o exílio, no momento em que a Turquia for pressionada (contra o Ocidente) pelo chefe do Irã.

A FROTA FRANCESA NO MEDITERRÂNEO. AS TROPAS MUÇULMANAS NO ADRIÁTICO. SUA DERROTA.

III.23

Si France passe outre mer Lygustique,
Tu te verras en isles et mers enclos:
Mahommet contraire, plus mer Hadriatique,
Chevaux et Asnes[3] tu rongeras les os[4].

Tradução:

Se a frota francesa ultrapassar as costas da Ligúria, ficará encerrada entre as ilhas (Sardenha, Córsega e Sicília) e o mar. As tropas muçulmanas se lançarão contra ela, e mais ainda no mar Adriático. Ela acabará por arruinar as tropas muçulmanas completamente.

---

1 Pessoa, considerada do ponto de vista do trabalho, da ação, da luta, que tem como instrumento natural os braços. D.L.7 V.
2 Latim, *"vexo"*: "abalo", "sacudo". D.L.L.B.
3 Cf. X.31.
4 "Roer alguém até os ossos": "arruinar pouco a pouco e completamente". D.L.7 V.

RUMORES DE GUERRA NA RÚSSIA

Presságio 26

Par la discorde effaillir au défaut,
Un tout à coup le remettra au sus [1]:
Vers l'Aquilon seront les bruits si haut,
Lesions [2], pointes [3] à travers, par dessus.

Tradução:
Pela discórdia, (o povo francês) será vencido. Uma personagem subitamente o reerguerá. Na direção da Rússia haverá grande rumor (de guerra), que levará à destruição por meio de foguetes através do céu e por sobre ele.

ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM O IRÃ

Sextilha 8

Un peu devant l'ouvert commerce,
Ambassadeur viendra de Perse,
Nouvelle au franc pays porter,
Mais non receu, vaine espérance,
A son grand Dieu sera l'offence,
Feignant de le vouloir quitter.

Tradução:
Um pouco antes de assinar os acordos comerciais, um embaixador virá do Irã para trazer uma notícia para a França. Mas não será recebido e sua esperança será vã. Ele considerará isso como ofensa ao seu bom Deus e fingirá que quer deixar o país.

[1] "Em cima." D.A.F.L.
[2] "Prejuízo", "malfeito". D.A.F.L.
[3] "Extremidade afinada." D.L.7 V. Alusão aos foguetes, cuja ponta é aguçada.

O HEXÁGONO ATACADO DE CINCO LADOS. A TUNÍSIA E A ARGÉLIA SUBLEVADAS PELO IRÃ. O ATAQUE À ESPANHA.

I.73

France a cinq pars [1] par neglect assaillie,
Tunis, Argal esmeuz [2] par Persiens:
Léon, Seville, Barcelonne faillie,
N'aura la classe [3] par les Vénitiens.

Tradução:
A França será atacada por cinco lados por causa de sua negligência. A Tunísia e a Argélia serão sublevadas contra ela pelo Irã. León, Sevilha e Barcelona sucumbirão e não poderão ser socorridas pelo exército italiano.

UM INGLÊS E SEIS ALEMÃES ILUSTRES CAPTURADOS PELOS MUÇULMANOS. INVASÃO DA ESPANHA POR GIBRALTAR. O NOVO E TEMÍVEL CHEFE IRANIANO.

III.78

Le chef d'Escosse, avec six d'Allemagne,
Par gens de mer Orientaux captif:
Traverseron le Calpre [4] et Espagne,
Present en Perse au nouveau Roy craintif.

Tradução:
O chefe da Grã-Bretanha e seis chefes alemães serão capturados por mar pelos orientais, que atravessarão Gibraltar e a Espanha, depois de fazerem uma oferta ao novo chefe temível do Irã.

[1] Cinco lados do hexágono, fora os Pireneus.
[2] Latim, *"emovere":* "deslocar", "abalar", "remover". D.L.L.B.
[3] Latim, *"classis":* "frota", "exército". D.L.L.B.
[4] Do latim *Calpe,* monte da Bética: Gibraltar. D.L.L.B. Exemplo de epêntese.

DESEMBARQUE DAS TROPAS MUÇULMANAS EM TOULON E MARSELHA

I.18

Par la discorde negligence Gauloise,
Sera passage à Mahomet ouvert:
De sang trempez la terre et mer Senoise,
Le port Phocen [1] de voiles et nefs couvert.

Tradução:

Por causa da discórdia e da negligência dos franceses, os muçulmanos encontrarão passagem aberta. A terra e o mar de Seyne serão inundados de sangue. O porto de Marselha será coberto de aviões e navios.

INVASÃO RUSSA. DESOLAÇÃO NA ITÁLIA.

IV.82

Amas s'approche venant d'Esclavonie [2]
L'Olestant [3] vieux cité ruynera:
Fort désolée verra sa Romainie,
Puis la grand flamme estaindre ne sçaura.

Tradução:

Grandes massas de tropas se aproximarão, vindas da Rússia. O destruidor arruinará a velha cidade (Paris). A Itália ficará desolada, e ele não saberá apagar o grande fogo (da guerra) que ele acenderá.

---

[1] Phocée, antigo nome de Marselha.
[2] Cf. nota, II.32.
[3] Grego, inf. aoristo de " 'ολλνμι, 'ολεσθαι": "fazer perecer". D.G.F. Nostradamus criou, a partir do tempo de verbo grego, um particípio presente que emprega como substantivo.

A DESTRUIÇÃO DE TOURS. COMBATES DE NANTES ATÉ REIMS. FIM DA GUERRA EM NOVEMBRO.

IV.46

Bien defendu le faict par excellence,
Garde toy Tours de ta prochaine ruine,
Londres et Nantes par Reims fera deffence,
Ne passe outre au temps de la bruyne.

Tradução:

O ato (de guerra) será interrompido no ponto mais alto. Acautela-te, Tours, de tua ruína próxima! A Inglaterra e a França se defenderão até Reims, e (a guerra) não passará do mês de novembro.

INVASÃO DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA E DA ÁUSTRIA. A ASSEMBLÉIA EUROPÉIA.

I.82

Quand les colonnes de bois grande [1] tremblée,
D'Austere [2] conduicte, couverte de rubriche [3],
Tant vuidera dehors grande assemblée,
Trembler Vienne et le pays d'Autriche.

Tradução:

Quando as grandes florestas (os países do Pacto de Varsóvia) tremerem (a passagem dos carros blindados), o exército será conduzido para a República Federal da Alemanha, que será coberta pelo Exército Vermelho; a grande Assembléia (européia) será expulsa; Viena e a Áustria serão invadidas.

---

[1] A floresta polonesa, a última floresta primitiva da Europa.
[2] Latim, *Austerania,* ilha na costa da Alemanha. D.L.L.B. Hoje, ilha de Arneland, na República Federal da Alemanha.
[3] Latim, *"ruber":* "vermelho". D.L.L.B. Cf. *"classe rubre".* IV.37.

O EXÉRCITO VERMELHO NO RENO.
INVASÃO DA ALEMANHA, DA ÁUSTRIA
E DA ITÁLIA.

V.94

Translatera en la Grand Germanie [1],
Brabant et Flandres, Gand, Bruges et Bologne [2]:
La trefve feinte [3], le grand Duc d'Arménie [4]
Assaillira Vienne et la Cologne [5].

Tradução:

O grande general armênio atravessará a República Federal da Alemanha, Brabante, Flandres, Gand, Bruges e Bolonha, depois de haver simulado a paz, e atacará a Áustria e a região de Colônia.

INVASÃO DA REPÚBLICA FEDERAL
DA ALEMANHA, DA SUÍÇA E DA FRANÇA.
OCUPAÇÃO DE PARIS.

V.12

Auprès du Lac Leman sera conduite,
Par garse [6] estrange cité voulant trahir [7],
Avant son meurtre [8] a Augsbourg la grande fuite,
Et ceux du Rhin la viendront invahir.

Tradução:

(O exército) será conduzido até perto do lago Léman por uma república estrangeira (soviética), tentando tomar Paris à força. Antes de cometer esse grande malefício, os

1 A República Federal da Alemanha é maior do que a República Democrática Alemã. São 248 774 quilômetros quadrados e 108 178 quilômetros quadrados, respectivamente. A.U.
2 Cidade da Itália, a mais importante da Romanha. D.H.B.
3 Exemplo de ablativo absoluto.
4 Provavelmente, um comandante do Exército Vermelho, de origem armênia.
5 Cidade da República Federal da Alemanha, no Reno.
6 Nostradamus costuma usar esta palavra para designar a República, personagem feminina. Cf. *"dame"*.
7 Latim, *"trabo"*: "tiro à força", "roubo". D.L.L.B.
8 "Grande malefício." D.L.7 V.

habitantes da Baviera fugirão e os que alcançarem o Reno (os russos) irão invadir Paris.

INVASÃO DE MARSELHA E DO NORTE DA ITÁLIA.
A IUGOSLÁVIA E O GOLFO PÉRSICO:
PONTOS DE PARTIDA.

IX.28

Voille Symacle [1] port Massiliolique [2],
Dans Venise port marcher aux Pannons [3]:
Partir du goulfre [4] et Synus Illyrique [5]
Vast à Socille, Lygurs [6] coups de canons.

Tradução:

As frotas aliadas entrarão em Marselha. O exército de terra entrará em Veneza, vindo da Hungria. As tropas partirão do golfo (Pérsico) e da costa da Iugoslávia para devastar a Sicília e o norte da Itália com a artilharia.

A DESTRUIÇÃO DE ISTAMBUL PELA FRANÇA.
LIBERTAÇÃO DE PRISIONEIROS DOS
MUÇULMANOS POR PORTUGAL.

VI.85

La grande cité de Tharse [7] par Gaulois
Sera destruite: captifs tous a Turban [8]
Secours par mer du grand Portugalois,
Premier d'esté le jour du sacre Urban [9].

Tradução:

Istambul será destruída pelos franceses; todos os que

1 Grego: "συμμαχος": "aliado". D.G.F.
2 Latim, *Massilia:* antigo nome de Marselha. D.H.B.
3 Panônia, antigo nome da Hungria. D.H.B.
4 O golfo Pérsico: o golfo por excelência. D.H.B.
5 Ilíria: a Dalmácia, parte da Iugoslávia, no mar Adriático. D.H.B.
6 Povos do norte da Itália. D.H.B.
7 Anagrama de *Thrase*. A maior cidade da Trácia é Istambul.
8 Cobertura para a cabeça usada por todos os povos muçulmanos. D.L.7 V.
9 Santo Urbano, papa de 222 a 230. Festa em 25 de maio. D.L.7 V.

forem capturados pelos muçulmanos serão socorridos pelo grande chefe português, entre 25 de maio e 21 de junho (solstício de verão).

GUERRA ENTRE A GRÉCIA E A TURQUIA. DERROTA DA TURQUIA.

IV.38

Pendant que Duc [1], Roy, Royne [2] occupera,
Chef Bizantin captif en Samothrace [3]:
Avant l'assaut l'un l'autre mangera,
Rebours ferre [4] suyvra de sang la trace.

Tradução:
Enquanto o rei, comandante-em-chefe do exército, ocupar o lugar da República, o chefe da Turquia será prisioneiro na Grécia, pois, antes do ataque, um combaterá o outro e, repelido, será alcançado devido ao rastro de sangue que deixará.

CATÁSTROFE NO MAR NEGRO. FOME NA GRÉCIA E NA ITÁLIA.

II.3

Pour la chaleur solaire [5] sus la mer,
De Negrepont [6] les poissons demy cuits,
Les habitans les viendront entamer [7],
Quand Rhod [8] et Gennes leur faudra le biscuit.

Tradução:
Por causa de um calor semelhante ao do sol, os peixes do mar Negro ficarão meio cozidos, e seus habitantes virão

1 Latim, *"dux":* "comandante de um exército". D.L.L.B.
2 "Rainha", como "dama", é usado geralmente por Nostradamus para simbolizar a República, personagem feminina.
3 Ilha do mar Egeu, na costa da Trácia. D.H.B.
4 Latim, *"fero":* "carrego". D.L.L.B.
5 Talvez uma explosão atômica.
6 Latim, *"niger":* "negro", e "πoντός": "mar".
7 "Perpetrar um atentado contra", "destruir". D.L.7 V.
8 Possessão da Grécia desde 1947. A.E.

destruí-los quando os gregos e os italianos precisarem de alimento.

A GUERRA NO MEDITERRÂNEO ORIENTAL

V.16

A son hault pris plus la lerme [1] sabée [2],
D'humaine chair par mort en cendre mettre,
A l'Isle Pharos [3] par Croisars perturbée,
Alors qu'à Rhodes paroistra dur espectre [4].

Tradução:
Por seu preço muito alto, (a vida) terá gosto de lágrimas, porque a carne humana será reduzida a cinzas. A ilha de Faros (Egito) será perturbada pelos cristãos, ao passo que na Grécia aparecerá o espectro da guerra.

ARÁBIA, TURQUIA, GRÉCIA E HUNGRIA NO CONFLITO

V.47

Le grand Arabe marchera bien avant,
Trahy sera par le Bisantinois:
L'antique Rodes lui viendra au devant,
Et plus grand mal par autre Pannonois.

Tradução:
O grande chefe árabe se porá a caminho muito antes, e será traído pelo chefe turco; a antiga Grécia irá ao encontro dele e ser-lhe-á feito um grande mal pelos húngaros (Pacto de Varsóvia).

1 Forma antiga de *"larme"* ("lágrima"). D.A.F.L.
2 Latim, *"sapio":* "ter gosto de". D.L.L.B.
3 Pequena ilha na costa do Egito, vizinha do porto de Alexandria. A.V.L.
4 Em sentido figurado: "espantalho"; o espectro da guerra.

O REI DE BLOIS, O LIBERTADOR.
ALIANÇA COM O PAPA,
OS ESPANHÓIS E OS IUGOSLAVOS.
A QUEDA DOS SETE PAÍSES DO LESTE.

X.44

Par lors qu'un Roy sera contre les siens,
Natif de Blois subjuguera Ligures [1]:
Mammel [2], Corduble [3] et les Dalmatiens,
Des sept [4] puis l'ombre à Roy estrennes [5] et lémures [6].

Tradução:

Quando o governo tiver os seus contra ele, a personagem originária de Blois subjugará os ocupantes do norte da Itália, com a ajuda do Polonês (o Papa), da Espanha e dos iugoslavos; depois o rei voltará, e, providencialmente, colocará os sete (países) à sombra.

A QUEDA DOS SETE PAÍSES DO LESTE,
NA TURQUIA.
PERSEGUIÇÕES RELIGIOSAS LEVADAS
A EFEITO PELOS TURCOS.

VII.36

Dieu, le ciel tout le divin verbe à l'onde,
Porté par rouges sept razes [7] à Bisance:
Contre les oingts trois cents de Trebisconde [8],
Deux loix mettront, et horreur, puis crédence [9].

Tradução:

Deus, todo o verbo divino entregue à revolução; levados

[1] Ligúria: região da antiga Itália; formava a parte sudoeste da Gália Cisalpina. D.H.B.
[2] Memel ou Neman. D.H.B. O Neman, até o século XVIII, ficava no centro da Polônia.
[3] Latim, *Cordoba:* Córdoba, cidade da Espanha.
[4] Os sete países do bloco do leste: URSS, Romênia, Polônia, República Democrática Alemã, Bulgária, Hungria, Tchecoslováquia.
[5] "Sorte", "fortuna". D.A.F.L.
[6] Latim, *"lemures":* "sombras dos mortos", "espectros". D.L.L.B.
[7] "Demolir", "abater", "arrasar". D.L.7 V.
[8] Trabzon, porto da Turquia na Ásia, no mar Negro.
[9] "Crença." D.A.F.L.

pelos vermelhos, os sete países serão vencidos na Turquia. Trezentos turcos farão leis contra os cardeais, e os farão sofrer horrores; depois a fé será restabelecida.

AS CAMPANHAS DE LIBERAÇÃO
CONTRA OS VERMELHOS.
O PAPA POLONÊS.

VI.49

De la partie de Mammer [1] grand Pontife,
Subjuguera les confins du Danube:
Chasser les croix, par fer raffe [2] ne riffe [3],
Captifs, or, bagues plus de cent mille rubes [4].

Tradução:

Originário da Polônia, o grande papa repelirá para além do Danúbio (o mar Negro) aqueles que perseguirão os cristãos e que, com a guerra, os roubarão e pilharão; ele recuperará as riquezas e fará cem mil prisioneiros vermelhos.

A URSS FAZ O ORIENTE TREMER.
JOÃO PAULO II E A IGREJA CATÓLICA.
BATALHAS NA TURQUIA.

VI.21

Quand ceux du pole artic [5] unis ensemble,
En Orient grand effrayeur et crainte:
Esleu nouveau, soustenu le grand temple [6],
Rodes, Bizance de sang barbare teinte.

Tradução:

Quando os territórios árticos forem unidos *(União* So-

[1] Memel, outro nome do Neman. D.H.B. O Neman, até o século XVIII, ficava no centro do território polonês.
[2] Forma antiga de *"rafler":* "roubar", "pilhar".
[3] Forma antiga de *"rifler":* "pilhar". D.A.F.L.
[4] Latim, *"rubeus":* "vermelho". D.L.L.B.
[5] O império de Aquilão, a URSS e todos os territórios que ela ocupa desde o Báltico até Vladivostok.
[6] Poeticamente: a Igreja Católica. D.L.7 V.

viética), haverá grande medo e temor no Oriente. Quando um novo papa for eleito, para sustentar a Igreja Católica, Rodes e a Turquia ficarão tintas de sangue muçulmano.

A INVASÃO DA ITÁLIA EM PERÚGIA E RAVENA

VIII.72

Champ perusin ô l'énorme deffaicte,
Et le conflit tout auprès de Ravenne:
Passage[1] sacre lors qu'on fera la feste,
Vainceur vaincu cheval manger l'avenne.

Tradução:

Oh, a enorme derrota na Campanha de Perúgia e a guerra perto de Ravena! O que é sagrado sofrerá quando o vencedor celebrar sua vitória e quando seu cavalo comer a aveia do vencido.

DERROTA DO EXÉRCITO FRANCÊS NA ITÁLIA. FUGA DOS ROMANOS. DERROTA DA FRANÇA. BATALHA NOS ALPES SUÍÇOS E NO ATLÂNTICO.

II.72

Armée Celtique en Italie vexée,
De toutes parts conflit et grande perte,
Romains fuis, ô Gaule repoussée[2],
Près de Thesin, Rubicon[3] pugne incerte.

Tradução:

O exército francês será derrotado na Itália. O conflito se estenderá por todos os lados e provocará grande desgaste. Fujam, habitantes de Roma! A França será abalada quando tiver um combate incerto perto do Ticino (Suíça) e do Adriático.

---

[1] Latim, *"passare":* "sofrer". D.L.L.B.
[2] Latim, *"repello":* "golpeio". D.L.L.B.
[3] Rubicão: pequeno rio da Itália, tributário do Adriático. D.H.B.

INVASÃO DA ITÁLIA PELAS TROPAS MUÇULMANAS

Presságio 31

Pluye, vent, classe Barbare Ister[1], Tyrrhene,
Passer holcades[2] Ceres[3], Soldats munies:
Reduits bien faicts par Flor, franchie Sienne,
Les deux seront morts, amitiez unies.

Tradução:

A revolução, a tempestade, o exército muçulmano, do mar Tirreno até o Danúbio, levarão as tropas por mar até Ceres, com soldados equipados. A paz será ameaçada em todo o Ocidente por aqueles que irão atravessar os mares até Siena, enquanto os dois chefes unidos pela amizade serão mortos.

UTILIZAÇÃO DE ARMAS QUÍMICAS. O GOVERNO SOVIÉTICO NA FRANÇA. A ITÁLIA DEVASTADA.

IV.58

Soleil ardant dans le gosier coller,
De sang humain arrouser en terre Etrusque:
Chef seille[4] d'eau, mener son fils filer[5],
Captive dame conduite en terre Turque.

Tradução:

As queimaduras se estenderão pelá garganta. A Itália será inundada de sangue humano. O chefe da foice (Rússia) revolucionária se preparará para dirigir seu regime. Os chefes da república serão conduzidos cativos para a Turquia.

---

[1] Rio da Europa, o atual Danúbio. D.H.B.
[2] Do grego " 'ολκάς, άδος": navio de transporte, qualquer navio. D.G.F.
[3] Burgo da Itália, província de Turim. D.L.7 V.
[4] Contração de *"sëeille":* "foice". D.A.F.L.
[5] "Preparar", tratando-se do futuro. D.L.7 V.

INVASÃO DE MARSELHA ATÉ LYON. INVASÃO PELA GIRONDE E PELA BACIA DA AQUITÂNIA.

I.72

Du tout Marseille les habitans changéz,
Course et poursuite aupres de Lyon,
Narbon, Toloze, par Bourdeaux outragée,
Tuez captifs presque d'un million.

Tradução:
Em toda Marselha os habitantes serão mudados, serão perseguidos até Lyon. Narbonne e Tolouse serão atingidas pela invasão que virá de Bordeaux. Quase um milhão de cativos serão mortos.

INVASÃO DE MARSELHA POR MAR

X.88

Pieds et cheval à la seconde veille [1],
Feront entrée vastant tout par la mer.
Dedans le port entrera de Marseille,
Pleurs, crys, et sang, onc nul temps si amer.

Tradução:
A infantaria e os tanques (a cavalaria) entrarão em Marselha entre nove horas da noite e meia-noite, devastando tudo por mar. Haverá tanto choro, gritos e sangue, que jamais se verá um tempo tão duro.

[1] Latim, *"vigilie":* "vigília"; uma das quatro divisões da noite. A primeira, das seis às nove horas, a segunda, das nove à meia-noite. D.L.L.B.

A INVASÃO DA COSTA MEDITERRÂNEA, DE BARCELONA A MARSELHA. OCUPAÇÃO DAS ILHAS.

III.88

De Barcelonne par mer si grande armée,
Tout Marseille de frayeur tremblera,
Isles saisies, de mer ayde fermée,
Ton traditeur [1] en terre nagera [2].

Tradução:
Será visto no mar um grande exército de Barcelona até Marselha, que tremerá de pavor. As ilhas (Baleares, Córsega, Sardenha, Sicília) serão ocupadas. Uma possibilidade de ajuda vinda do mar será fechada (Gibraltar). E aquele que te traiu será amortalhado.

TRÊS PAÍSES ALIADOS COMEÇAM A GUERRA

VIII.17

Les bien aisez subit seront desmis [3],
Le monde mis par les trois frères en trouble.
Cité marine saisiront ennemis,
Faim, feu, sang, peste, et de tous maux le double.

Tradução:
Os ricos serão subitamente dominados. O mundo será envolvido na guerra por três aliados. Os inimigos se apossarão de Marselha, que sofrerá fome, incêndio, a ameaça, a doença e de todos esses males o dobro.

[1] Latim, *"traditor":* "traidor". D.L.L.B.
[2] Uma personagem culpada de traição.
[3] Latim, *"demissus":* "derrotado", "abaixado", "diminuído". D.L.L.B.

INVASÃO NO OESTE E NA PROVENÇA

I.90

Bourdeaux, Poitiers au son de la campagne [1],
A grande classe [2] ira jusqu'à l'Angon [3],
Contre Gaulois sera leur tramontane [4],
Quand monstre [5] hideux naistra [6] près de Orgon.

Tradução:

Será ouvido o sino em Bordeaux e Poitiers; o grande exército irá até Langon; o império de Aquilão marchará contra os franceses quando um flagelo espantoso nascer perto de Orgon.

INVASÃO NO SUDOESTE

XII.65

A tenir fort par fureur contraindra,
Tout cœur trembler. Langon advent [7] terrible:
Le coup de pied mille pieds se rendra [8];
Guirond, Guaron, ne furent plus horribles.

Tradução:

Ele obrigará, por seu furor, a resistir e fará tremer todos os corações. Em Langon terá lugar uma horrível invasão, que percorrerá uma grande distância. Jamais houve acontecimentos tão horríveis na Gironde e na Garonne.

---

1 Latim, *"campana":* "sino". D.L.L.B.
2 Latim, *"classis":* "frota", "exército". D.L.L.B.
3 Porto no Garona, antigo Alingo. D.H.B.
4 Do italiano *"tramontana":* norte, depois vento do norte, assim chamado, no Mediterrâneo, porque, em relação à Itália, o norte está além dos Alpes. D.L.7 V.
5 Latim, *"monstrum":* "presságio divino", "coisa estranha", "flagelo". D.L.L.B.
6 Latim, *"nascor":* "nascer", "ter origem", "começar". D.L.L.B.
7 Latim, *"adventus":* "chegada", "vinda", "presença"; *"adventus gallicus":* "invasão dos gauleses". D.L.L.B.
8 Dar um passo até um certo lugar; ir até esse lugar prolongando a caminhada. D.L.7 V.

INVASÃO DO SUDOESTE DA FRANÇA,
DEPOIS DA ITÁLIA, TOULOUSE E BAYONNE.

VIII.86

Par arnani [1] Tholoser Ville Franque,
Bande infinie par le mont Adrian [2],
Passe riviere, Hutin [3] par pont [4] la planque [5],
Bayonne entre tous Bichoro criant.

Tradução:

Desde a Úmbria até Toulouse e Villefranche, um grande exército passará, atravessando as montanhas que margeiam o Adriático; atravessará os rios depois de ter combatido no mar, para entrar em Bayonne, todos os habitantes de Bigorre gritando de pavor.

A GUERRA NA BORGONHA, EM AGOSTO.
OS MASSACRES E AS EXECUÇÕES,
ENTRE MARÇO E JUNHO.

I.80

De la sixieme claire splendeur celeste [6],
Viendra tonnerre si fort en la Bourgongne,
Puis naistra monstre de tres hideuse beste
Mars, Avril, Mai, Juin grand charpin [7] et rongne [8].

Tradução:

No fim de agosto, a tempestade da guerra será intensa na Borgonha, depois nascerá um flagelo por causa de uma pessoa horrível e bestial, que provocará um grande massacre e grandes execuções.

---

1 Anagrama de Narnia, vila da Umbria, às margens do Nar. D.L.L.B. Hoje, Narni.
2 As montanhas da Iugoslávia e da Itália.
3 Por *"hustin":* "disputa", "luta", "confusão". D.A.F.L.
4 Grego: "ποντός": "mar". D.G.F.
5 "Lugar", "moradia", "casa". D.L.7 V.
6 Virgem: nome de uma das constelações zodiacais, a sexta, a partir de Áries. É o sexto signo do Zodíaco, no qual o Sol, saindo de Leão, entra mais ou menos em 22 de agosto; um mês depois, o Sol entra em Libra. D.L.7 V.
7 "Dilacerar", "mutilar". D.A.F.L.
8 "Cortar a cabeça." D.A.F.L.

GRANDES BATALHAS NAVAIS NO ATLÂNTICO

III.1

Après combat et bataille navalle,
Le grand Neptune [1] à son plus haut befroy [2]
Rouge adversaire de peur deviendra pasle
Mettant le Grand Occean en effroy.

Tradução:

Em seguida a um combate naval, a Inglaterra conhecerá o maior alarme. Depois, o adversário soviético empalidecerá de pavor, após haver semeado o terror no Atlântico (ou a Aliança do Atlântico).

A FRANÇA ALIADA DA INGLATERRA. INVASÃO DA PROVENÇA E DO LANGUEDOC.

II.59

Classe Gauloise par appuy de grande garde,
Du grand Neptune et ses tridens soldats,
Rongée Provence pour soustenir grande bande,
Plus Mars Narbon par javelots et dards.

Tradução:

O exército francês, com o apoio da grande Guarda (Royal Guards) da Inglaterra e de seus soldados, verá a Provença devastada para se defender de uma grande tropa, e a guerra será ainda mais rigorosa em Narbonne, atingida pelos foguetes e obuses.

OCUPAÇÃO DE PARIS PELOS RUSSOS

Presságio 34, 1559. Sobre o ano citado.

Poeur, glas grand pille passer mer, croistre eregne [3],
Sectes, sacrez outre mer plus polis:

[1] Deus do mar. Simboliza sempre a Inglaterra.
[2] Torre onde fica o sino de alarme. D.L.
[3] *"Esregner"*: "destronar". D.A.F.L.

Peste, chant [1], feu, Roy d'Aquilon l'enseigne,
Dresser trophée [2] cité d'HENRIPOLIS [3].

Tradução:

Medo, alarme quando (o inimigo) passar pelo mar para fazer grande pilhagem; o "sem trono" começará a crescer e, apesar das seitas, será sagrado além-mar pelos homens mais brilhantes; epidemia, lamentos de dor, incêndio, o chefe da Rússia se regozijará com sua vitória na cidade de Henrique IV (Paris).

ATAQUE E CERCO DE PARIS. O COMUNISMO PROVOCA A QUEDA DA REPÚBLICA.

I.41

Siège à Cité et de nuict assaillie,
Peu eschappez, non loin de mer conflit,
Femme de joie retour fils deffaillie,
Poison es lettres caché dedans le plic.

Tradução:

Paris será cercada e atacada de noite, e poucos conseguirão escapar. Não muito longe haverá uma batalha naval. Com a volta do seu filho, a República cairá por causa de documentos venenosos que estavam escondidos.

ATAQUE DE PARIS E OCUPAÇÕES DE ROMA. GRANDES BATALHAS NAVAIS.

V.30

Tout à l'entour de la grande Cité,
Seront soldats logez par champs et ville,

[1] Diz-se, num determinado sentido, de uma peça cantada, de palavras ou tons que se fazem ouvir modulados: canto de alegria, de dor, de vitória. D.L.7 V.
[2] "Vitória", "sucesso". D.L.7 V.
[3] Palavra inventada por Nostradamus: "Henri" e a palavra grega "πόλις", "cidade". Alusão à célebre frase pronunciada por Henrique IV: "Paris vale uma missa".

Donner l'assaut Paris, Rome incité [1]
Sur le pont [2] lors sera faict grand pille.

Tradução:
Ao redor de toda a cidade de Paris os soldados se alojarão nos campos e na cidade; quando Paris for atacada e Roma for invadida, será então feita grande pilhagem no mar.

O EXÉRCITO FRANCÊS DE LIBERTAÇÃO. COMBATE CONTRA O EXÉRCITO VERMELHO NA ITÁLIA.

IV.37

Gaulois par sauts monts viendra penetrer,
Occupera le grand lieu de l'Insubre [3],
Au plus profond de son ost [4] fera entrer,
Gennes, Monech pousseront classe rubre [5].

Tradução:
Os franceses atravessarão as montanhas em saltos sucessivos e ocuparão a região de Milão. Farão entrar o seu exército no interior e, desde Gênova e Mônaco, expulsarão o Exército Vermelho.

UM CHEFE DA IGREJA FOGE DA FRANÇA. ALIANÇA TURCO-TUNISIANA.

VI.53

Le grand Prelat Celtique à Roy suspect,
De nuict par cours sortira hors du regne:
Par Duc fertile à son grand Roy Bretagne,
Bisance à Cypres et Tunes insuspect [6].

[1] Latim, *"incito":* "lançar-se", atirar-se contra". D.L.L.B.
[2] Grego: "ποντός": "mar".
[3] A região milanesa. D.H.B.
[4] "Exército", "campo militar". D.A.F.L.
[5] Latim, *"ruber":* "vermelho". D.L.L.B.
[6] Latim, *"insuspecte":* "sem suspeita". D.L.L.B.

Tradução:
O chefe de Estado suspeitará do grande prelado francês. Deixará o país de noite. A abundância chegará na Bretanha com o grande rei-soldado. Chipre e Tunísia não suspeitarão da Turquia.

PAPEL IMPORTANTE DA ARGÉLIA NO CONFLITO. DESEMBARQUE DOS RUSSOS. INVASÃO DA SUÍÇA PELOS GRISÕES.

X.38

Amoura legre [1] non loin pose le siege,
Au saint barbare [2] seront les garnisons:
Ursins Hadrie pour Gaulois feront plaige,
Pour peur rendus de l'armée aux Grisons [3].

Tradução:
O quartel-general se estabelecerá perto de Amoura e de Argel, onde se encontrarão as guarnições dos soldados de Maomé. Depois, os jovens soldados russos desembarcarão na França, vindos do Adriático, e chegarão à Suíça, nos Grisões, para aterrorizar o exército.

ATAQUE AÉREO EM MARSELHA E GENEBRA. A GRÉCIA INVADIDA PELO IRÃ.

II.96

Flambeau ardant au ciel soir sera veu,
Pres de la fin et principe [4] du Rosne,
Famine, glaive, tard le secours pourveu,
La Perse tourne envahi Macedoine [5].

[1] Trocadilho criado por Nostradamus com Amoura, cidade da Argélia, ao sul de Argel, no maciço dos Uled Djellal no departamento de Argel (A.V.L.), e a cidade de Argel.
[2] O profeta Maomé.
[3] Grisões: um dos cantões suíços, banhado pelo Reno e pelo Inn; contém cinco grandes vales: Alto Reno e Baixo Reno, Engandin, Albula e o Prettigau. D.H.B.
[4] O Ródano nasce na Suíça, no Valais, perto do monte São Gotardo, corre para oeste até o lago Léman, que atravessa, desembocando em Genebra. D.H.B.
[5] Macedônia: reino da antiga Grécia. D.H.B.

Tradução:

Um foguete será visto à noite no céu perto da embocadura e da nascente do Ródano. A fome, a guerra reinarão, e o socorro virá muito tarde, quando o Irã se puser a caminho para invadir a Macedônia.

INVASÃO DA SUÍÇA ATRAVÉS DOS TÚNEIS

Jardin[1] du monde auprès de cité neuve[2]
Dans le chemin des montagnes cavées[3],
Sera saisi et plongé dans la cuve,
Beuvant par force eaux soulphre envenimées.

Tradução:

O país mais rico do Ocidente, perto de Neufchâtel, será tomado e dominado através das montanhas, pelos túneis, e sua população será forçada a beber água poluída.

INVASÃO PELO NORTE DA ITÁLIA E PELA SUÍÇA. A CRISE ECONÔMICA.

IV.90

Les deux copies aux murs ne pourront joindre,
Dans cet instant trembler Milan, Ticin[4]:
Faim, soif, doutance si fort les viendra poindre
Chair, pain, ne vivres n'auront un seul boucin[5].

Tradução:

Os dois exércitos ocidentais não poderão se unir para a defesa. Nesse momento tremerão em Milão e em Ticino, onde a fome, a sede e a inquietação atingirão os habitantes, que não terão carne, nem pão, nem meios para viver.

---

[1] Em sentido figurado: "país fértil". D.L. "Jardim do mundo", alusão à Suíça, cofre-forte do Ocidente.
[2] Neufchâtel, Neuenburg em alemão, Novisburgum em latim, significa literalmente "cidade nova". Cidade da Suíça no sopé do Jura. D.H.B.
[3] Latim, *"cavo":* "cavo", "escavo". D.L.L.B. As montanhas escavadas: o maciço dos Alpes.
[4] Latim, *"Ticinus".* D.L.L.B.
[5] Provençal, *"boucon":* "bocado", "pedaço". D.P.

INVASÃO DA FRANÇA PELA SUÍÇA

VI.79

Pres du Tesin les habitans de Loyre
Garonne et Saone, Seine, Tain et Gironde,
Outre les monts dresseront promontoire,
Conflict donné, Pau granci[1], submergé onde.

Tradução:

Perto de Ticino (Suíça) os inimigos passarão para além das montanhas, onde instalarão bases estratégicas para atacar os habitantes do Loire, da Garonne, do Saône, de Seine, de Tain, e da Gironde. A guerra será deflagrada, a cidade de Pau será protegida, a revolução destruirá tudo.

INVASÃO DA SUÍÇA ATÉ OS BAIXOS PIRENEUS

II.26

Pour la faveur que la cité fera,
Au grand qui tost perdra camp de bataille
Puis le rang[2] Pau Thesin versera[3],
De sang, feux mors[4] noyez[5] de coups de taille[6].

Tradução:

Por causa de um favor que a França fará ao grande país (EUA), que desde o começo da guerra abandona o campo de batalha, depois o exército (russo) se dirigirá de Ticino para os Baixos Pireneus, onde o sangue correrá e onde os habitantes sofrerão o tormento do fogo e serão passados pelas armas.

---

[1] "Proteção", "garantia". Outra forma de "garantir". D.A.F.L. Exemplo de síncope.
[2] Formação militar composta de homens colocados uns ao lado dos outros. D.L.7 V.
[3] Latim, *"verto":* "dirijo-me para", "tomo uma direção". D.L.7 V.
[4] "Mordedura." D.A.F.L.
[5] Latim, *"necare":* "matar". D.L.7 V.
[6] "Cortante", "parte cortante de uma arma". D.L.7 V.

INVASÃO E PILHAGEM DA SUÍÇA

IV.9

Le chef du camp au milieu de la presse,
D'un coup de flesche sera blessé aux cuisses [1],
Lors que Genève en larmes et en detresse
Sera trahy [2] par Lozan et par Soysses.

Tradução:

O chefe do exército sitiado será atingido em sua defesa, quando os habitantes de Genebra estarão sofrendo e chorando e serão pilhados por uma invasão através da Suíça e por Lausanne.

PILHAGEM DAS RIQUEZAS DA FRANÇA E DA SUÍÇA

IV.42

Geneve et Langres par ceux de Chartres et Dole [3]
Et par Grenoble captif au Montlimard,
Seysset [4], Losanne, par frauduleuse dole [5],
Les trahiront [6] par or soixante marc.

Tradução:

Genebra e Langres atacadas por aqueles que ocuparão Chartres e o Jura suíço e que, chegando em Grenoble, terão tomado Montélimar, bem como Seissel e Lausanne; serão despojadas de seu ouro por uma manobra fraudulenta.

---

1 *"Cuissel":* "couraça", "armadura que cobre a coxa". D.A.F.L.
2 "Levar à força", "roubar". *"Trahere pagos":* "saquear aldeias". D.L.L.B.
3 Montanha do Jura (suíço), cantão de Vaud, na fronteira da França. D.L.7 V.
4 Seissel: cidade principal do cantão de Ain, e também nome de outra cidade principal do cantão da Haute-Savoie. D.H.B.
5 "Dolo": "manobra fraudulenta". D.L.7 V. "Fraudulento", "enganador". D.A.F.L.
6 *"Trahere pagos":* "saquear cidades". D.L.L.B.

A GUERRA EM LYON, NO ROUSSILLON.

VIII.6

Clarté fulgure [1] à Lyon apparante,
Luysant [2], print Malte, subit sera estainte,
Sardon [3], Mauris [4] traitera décevante [5],
Genève à Londres [6] a Coq trahison fainte.

Tradução:

O clarão de incêndio que se verá em Lyon, tendo Malta sido tomada com grande ruído, se apagará subitamente. Um tratado enganador será assinado no Roussillon com os muçulmanos, devido a uma traição feita ao rei pelos ocupantes da Suíça e da Inglaterra.

A GUERRA LEVADA À SUÍÇA, À INGLATERRA E À ITÁLIA, OS PAÍSES MAIS ATINGIDOS.

VI.81

Pleurs, cris et plaincts, hurlements, effrayeurs,
Cœur inhumain, cruel noir [7], et transy [8]:
Léman, les Isles, de Gennes les majeurs,
Sang espancher, frofaim [9], à nul mercy.

Tradução:

O choro, os gritos, as lamentações, os clamores de terror se farão ouvir por causa de uma personagem desumana, cruel, odiosa e terrível, na Suíça, nas ilhas Britânicas e entre os dirigentes da Itália, onde ela fará correr sangue, trará o frio e a fome; não terá misericórdia por ninguém.

---

1 Latim, *"fulgur":* "claridade", "clarão do raio". D.L.L.B.
2 Em sentido figurado: "aparecer", "manifestar-se com ruído". D.L.7 V.
3 Sardônios: povo da província de Narbonne. Sua região formou o Roussillon. Hoje departamento dos Pyrénées-Orientales. D.H.B.
4 Latim, *"maurus":* "mouro". D.L.L.B.
5 Latim, *"decipere":* "enganar". D.L.L.B.
6 Londres, Londinum, em latim; London, em inglês.
7 Em sentido figurado: "atroz", "perverso", "odioso". D.L.7 V.
8 *"Transir":* "fazer tremer de medo". D.L.7 V.
9 "Misericórdia." D.A.F.L.

TERROR NA SUÍÇA

Presságio 4, fevereiro

Près du Leman la frayeur sera grande,
Par le conseil, cela ne peut faillir:
Le nouveau Roy fait apprester sa bande,
Le jeune meurt faim, poeur fera faillir.

Tradução:

O pavor será grande perto do lago Léman, por causa de uma resolução (da ONU), e isso é inevitável. O novo chefe manda preparar seu exército, quando o jovem chefe morrer de fome, todos sucumbirão de medo.

FUGA DOS HABITANTES DA SUÍÇA E DA SAVÓIA

XII.69

EIOVAS proche esloigner, lac Léman,
Fort grands apprest, retour, confusion:
Loins les nepveux [1], du feu grand Supelman [2],
Tous de leur fuyte.

Tradução:

Será preciso afastar-se dos lugares próximos de Savóia e do lago Léman. Serão feitos grandes preparativos (de guerra), que provocarão confusão. É preciso ficar longe dos alemães, e da grande guerra no Léman, de onde todos os habitantes fugirão.

[1] Hist.: título dado pelos imperadores da Alemanha aos eleitores seculares do império. D.L.7 V.
[2] "Sobre o Léman."

MORTE DOS GENEBRESES E DO SEU CHEFE DE ESTADO

X.92

Devant le pere l'enfant sera tué,
Le pere apres entre cordes de jonc
Genevois peuple sera esvertué [1],
Gisant le chef au milieu comme un tronc [2].

Tradução:

A criança será morta na frente do pai, que será, em seguida, aprisionado. Os habitantes de Genebra serão destruídos, seu chefe, decapitado.

DESTRUIÇÃO DE GENEBRA. A SUÍÇA E O IRÃ.

IX.44

Migrés, migrés de Genève trestous,
Saturne [3] d'or en fer se changera
Le contre RAYPOZ [4] exterminera tous
Avant l'advent le ciel signes fera.

Tradução:

Saiam todos da cidade, habitantes de Genebra! A idade de ouro se transformará em idade da guerra. Aquele que se revoltar contra o chefe iraniano exterminará a todos. Antes desse acontecimento haverá sinais no céu.

[1] Latim, *"everto"*: "abato", "destruo", "arruíno". D.L.L.B.
[2] Latim, *"truncus"*: "corpo mutilado", "tronco sem cabeça". D.L.L.B.
[3] Deus do tempo.
[4] Anagrama de Zopyra (Zópiro): um dos sete senhores persas que assassinaram o falso Esmérdis e que fizeram Dario I rei. D.L.7 V.

DESTRUIÇÃO DE PARIS E DE GENEBRA.
FUGA DA POPULAÇÃO.

II.6

Auprès des portes et dedans deux citez
Seront deux fléaux onc n'aperceu un tel,
Faim, dedans peste, de fer hors gens boutez,
Crier secours au Grand Dieu immortel.

Tradução:
Perto das vilas e nas duas cidades (Paris e Genebra), haverá dois flagelos como jamais foram vistos. A fome e a doença reinarão nessas cidades, os homens serão expulsos e implorarão ao grande Deus imortal.

DESTRUIÇÃO DE GENEBRA.
DERROTA DAS TROPAS MUÇULMANAS.

II.64

Seicher de faim, de soif, gent Genevoise,
Espoir prochain viendra au defaillir,
Sur point tremblant sera loy Gebenoise [1],
Classe au grand port ne se peut accueillir.

Tradução:
Os habitantes de Genebra morrerão de fome e de sede; (a Suíça) sucumbirá sem esperança próxima. Nesse ponto da guerra, a lei muçulmana será abalada. Marselha não poderá receber o exército.

CATÁSTROFE EM LAUSANNE

VIII.10

Puanteur grande sortira de Lausanne
Qu'on ne sçaura l'origine du faict,
L'on mettra hors toute la gent lointaine
Feu veu au ciel, peuple estranger deffaict.

Tradução:
Sairá de Lausanne um cheiro do qual não se conhecerá

[1] Latim, *"Gebanitae"*: gebanitas, povos da Arábia Feliz. D.L.L.B.

a origem. Afastará toda a população da cidade, enquanto será visto o fogo no céu (foguete) e um país estrangeiro vencido (Alemanha ou Itália).

A INVASÃO DA SUÍÇA ATÉ PARIS.
QUEDA DO CHEFE DO ESTADO.

VIII.7

Verseil, Milan donra intelligence,
Dedans Tycin sera faicte la playe [1]:
Courir par Seine, eau, sang, feu par Florence,
Unique cheoir d'hault en bas faisant maye [2].

Tradução:
Haverá acordos secretos com o inimigo no norte da Itália. O ataque do exército terá lugar em Ticino, para correr até o Sena, onde reinará a revolução; o sangue e a guerra atingirão Florença. O chefe do Estado perderá o poder regozijando-se.

COMBATE PERTO DE ORGON E DA
CHAPADA DE ALBION.
DERROTA DO IRAQUE EM SOLO FRANCÊS.

III.99

Aux champs herbeux d'Alein [3] et du Varneigue [4],
Du mont Lebron [5] proche de la Durance,
Camp des deux parts conflit sera si aigre,
Mesopotamie [6] defaillira [7] en la France.

Tradução:
Na planície de Alleins e de Vernègues e na chapada de

[1] Poético: "brecha", "quebra". D.L.7 V.
[2] *"Mayo"*: Maia, mãe de Mercúrio, cuja festa é celebrada nos primeiros dias de maio. D.P. "Maio": "alegria", "bom tempo". D.A.F.L.
[3] Alleins, comuna de Bouches-du-Rhône. D.L.7 V. Perto de Orgon.
[4] Vernègues, nas Bouches-du-Rhône, perto da Rodovia Nacional 7.
[5] Lubéron ou Léberon: montanha da França meridional (Baixos Alpes e Vaucluse), abaixo do vale do Durance. D.L.7 V. A chapada de Albion faz parte do maciço do Lubéron.
[6] Mesopotâmia: região situada entre o Tigre e o Eufrates. Hoje, Iraque. D.H.B.
[7] "Perder as forças." D.L.7 V.

Albion, perto do Durance, o conflito será muito violento para os dois campos, e o Iraque perderá seu exército na França.

TRANSPORTE DE OURO PELO RÓDANO

V.71

Par la fureur d'un qui attendra[1] l'eau,
Par la grand rage tout l'exercite esmeu
Chargé des nobles[2] à dix-sept bateaux
Au long du Rosne, tard messager venu.

Tradução:

Pelo furor de uma personagem, a revolução se expandirá. Com uma grande fúria todo o exército será posto em movimento. Uma frota de dezessete navios carregados de ouro subirá o Ródano, tendo chegado o mensageiro muito tarde.

A INVASÃO DE LYON
ANUNCIADA POR UM SATÉLITE

III.46

Le ciel (de Plencus[3] la cité) nous présage
Par clers[4] insignes et par estoiles fixes[5],
Que de son change subit s'approche l'aage,
Ne pour son bien ne pour les malefices.

Tradução:

O céu nos anuncia por sinais luminosos e por satélite que o momento de uma mudança chegou a Lyon, nem para o bem nem para o mal da cidade.

---

1 Latim, *"attendo"*: "tendo", "dirijo-me para". D.L.L.B.
2 Numismática: Em 1344, Eduardo III da Inglaterra fez a primeira emissão de ouro inglês, e mandou cunhar os "nobres de ouro", cujo peso foi, em seguida, modificado. A libra de ouro dava para fabricar quarenta e cinco nobres. D.L.7 V.
3 Munácio Planco, orador e general romano... Fundou, ou descobriu, Lugdunum (Lyon), quando era procônsul das Gálias. D.H.B.
4 Forma primitiva de *"clair"* ("claridade"). D.A.F.L.
5 São chamados assim os astros dotados de luz própria, e que ocupam, ou parecem ocupar, sempre a mesma posição no espaço. D.L.7 V.

A destruição de Paris

OCUPAÇÃO DE PARIS
PELO EXÉRCITO VERMELHO.
SUA DESTRUIÇÃO: MUITOS MORTOS.

VI.96

Grande Cité à soldats abandonnée,
Onc n'y eust mortel tumult si proche,
O qu'elle hideuse mortalité s'approche,
Fors une offense ny sera pardonnée.

Tradução:

Paris será abandonada aos soldados (inimigos). Jamais se viu conflito igual perto da cidade. Oh, que pavorosa mortandade dela se aproxima!

PARIS EM FOGO

V.8

Sera laissé le feu vif, mort caché,
Dedans les globes[1] horrible espovantable,
De nuict a classe cité en poudre[2] lasché,
La cité à feu, l'ennemy favorable.

Tradução:

Aquele que estiver escondido morrerá queimado vivo nos espantosos e horríveis turbilhões de chamas. A cidade

---

1 Latim, *"globus"*: "massa". *"Globi flammarum"*: "turbilhão de chamas". Virgílio. D.L.L.B.
2 Latim, *"pulvis"*: "poeira", "pó". D.L.L.B.

será reduzida a poeira, de noite, pela frota (aérea). A cidade em chamas será favorável ao inimigo.

PARIS, SALVA EM 1945, E DESTRUÍDA NO TERCEIRO CONFLITO MUNDIAL.

Sextilha 3

La ville sens dessus dessous
Et renversée de mille coups
De canon: et fort dessous terre:
Cinq ans tiendra: le tout remis,
Et laschée à ses ennemis,
L'eau leur fera après la guerre.

Tradução:
A cidade na maior confusão, atacada por mil bocas de canhões e fortemente sob a terra (metrô). Ela resistirá cinco anos (1940-1945), tudo ficará no lugar, depois ela será abandonada aos inimigos contra os quais a revolução fará guerra.

UM FOGUETE CONTRA PARIS. PERTURBAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS NA CIDADE.

VI.34

De feu volant la machination [1],
Viendra troubler au grand chef assiegez;
Dedans sera telle sedition,
Qu'en desespoir seront les profligez.

Tradução:
Um engenho de guerra aéreo e incendiário virá perturbar o chefe dos sitiados. Haverá, no interior, tamanha revolta, que os infelizes ficarão desesperados.

[1] Latim, *"machinatio"*: "aparelho mecânico", "máquina". D.L.L.B.

DESTRUIÇÃO DE PARIS

VI.4

Le Celtique fleuve changera de rivage,
Plus ne tiendra la cité d'Aggrippine [1]
Tout transmué, hormis le vieil langage,
Saturn, Leo, Mars, Cancer en rapine [2].

Tradução:
As margens do rio francês (o Sena) mudarão de aspecto. Paris não se manterá mais. Tudo será transformado, exceto a língua francesa, pois a época será de totalitarismo, de guerra e de miséria e pilhagem.

DESTRUIÇÃO DE PARIS

III.84

La grand Cité sera bien désolée,
Des habitants un seul n'y demourra,
Mur sexe, temple et vierge violée,
Par fer, feu, peste, canon peuple mourra.

Tradução:
Paris será devastada. Nenhum dos seus habitantes permanecerá. Os edifícios, as igrejas serão destruídos, as mulheres e as moças serão violadas. Pelo ferro da guerra, pelo fogo, pela doença e pela artilharia, o povo de Paris morrerá.

[1] Nostradamus chama Paris de "cidade de Agripina" comparando a República Francesa da Revolução de 1789 a Agripina, e o comunismo, nascido da Revolução, a Nero. E, assim como Agripina foi assassinada por seu filho Nero, a República Francesa será morta por seu filho, o comunismo, que fará incendiar Paris como Nero mandou incendiar Roma.
[2] As palavras "de rapina" designam um delito que consiste em roubo acompanhado de violência, cometido por um bando de homens armados.

A REGIÃO PARISIENSE TORNADA INABITÁVEL.
INVASÃO DA INGLATERRA.

VI.43

Long temps sera sans estre habitée,
Où Seine et Marne [1] autour vient arrouser,
De la Tamise et martiaux temptée [2],
De ceux les guardes en cuidant repousser.

Tradução:
A confluência do Sena e do Marne ficará muito tempo sem ser habitada, quando os soldados que atacarem a Inglaterra quiserem combater a defesa.

O REI CONTRA OS INVASORES DE PARIS.
UM FOGUETE INCENDIARÁ PARIS.
O GOVERNO MILITAR INVASOR ODIADO.

VI.92

Prince sera de beauté tant venuste [3],
Au chef menée, le second faict trahy:
La cité au glaive de poudre face [4] aduste [5],
Par trop grand meurtre le chef du Roy haï.

Tradução:
O príncipe será de uma beleza muito agradável e fará uma intriga contra o chefe do governo; assim, o segundo (governo) será traído. A cidade de Paris, entregue ao massacre, queimará devido a um foguete incendiário. O chefe do governo (vermelho) será odiado por causa de suas mortes muito importantes.

[1] Paris situa-se na confluência do Sena e do Marne.
[2] Latim, *"tempto"*: "ataco". D.L.L.B.
[3] Latim, *"venustus"*: "encantador", "agradável". D.L.L.B.
[4] Latim, *"fax"*: "tição". D.L.L.B.
[5] Latim, *"adustus"*: "queimado". D.L.L.B.

A conspiração

O ATAQUE MUÇULMANO

VIII.73

Soldat Barbare le grand Roy frappera,
Injustement non esloigné de mort,
L'avare [1] mère du faict cause sera
Conjurateur et regne en grand remort.

Tradução:
As tropas muçulmanas atacarão o grande chefe cuja morte, injusta, não estará longe; a cupidez da mãe (a República) será a causa do acontecimento. O conspirador e o poder ficarão muito atormentados.

OS TRÊS ANOS E SETENTA DIAS
DO REGIME VERMELHO.
A CONSPIRAÇÃO.

VI.74

La déchassée [2] au regne tournera,
Ses ennemis trouvez des conjurés:
Plus que jamais son temps triomphera
Trois et septante à mort trop asseurés.

Tradução:
A esquerda chegará ao poder. Descobrir-se-á que os inimigos são os conspiradores. Mais do que nunca seu tempo triunfará, mas ela morrerá ao fim de três anos e setenta dias.

[1] Latim, *"avarus"*: "avarento", "ávido por dinheiro".
[2] Passo de dança para a *esquerda,* em oposição ao *chasse,* que é feito para a direita. D.L.7 V.

O FIM DO SISTEMA REPUBLICANO COM UMA CONSPIRAÇÃO. A SENILIDADE DAS IDÉIAS DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU.

I.7

Tard arrivé l'exécution faite,
Le vent contraire, lettres au chemin prises:
Les conjurez XIIII d'une secte,
Par le Rousseau senez les entreprises.

Tradução:

(O salvador) chegará tarde, a execução (do regime) será executada, o vento (da história) será contrário e os documentos serão apreendidos. Catorze conjurados de um partido tornarão senis os empreendimentos começados por Jean-Jacques Rousseau.

O FIM DO CHEFE VERMELHO. OS CONSPIRADORES.

V.17

De nuict passant le Roy près d'une Androne [1],
Celui de Cypres [2] et principal guette,
Le Roy failly, la main fuit long du Rosne,
Les conjurez l'iront à la mort mettre.

Tradução:

Passando à noite perto de um estreito (o Bósforo?) que o chefe de Chipre vigia, o chefe (inimigo) cairá quando suas forças fugirem ao longo do Ródano; os conjurados, então, o matarão.

[1] Provençal, *"androuno"*: "passagem estreita", "viela". D.P.
[2] Antigo Cypras: Chipre.

A vitória do Ocidente

Fim da Quinta República e cumprimento da profecia de Nostradamus em 1999.
Derrota dos russos pelos muçulmanos.
Derrota dos muçulmanos no mar Adriático.
Frota afundada no mar Vermelho.
Morte do líder muçulmano no mar Vermelho.
A Rússia e a Turquia.
A queda dos sete países do leste europeu.
O rei da Espanha contra as tropas muçulmanas.
Grande concentração de tropas na fronteira armênio-iraniana.
Três anos e sete meses de guerra.
Dois anos de ocupação total.
"O Império desmorona."
A libertação de Marselha.
A libertação do sudoeste pelos americanos.
Proclamação da República da Occitânia.
Destruição das forças comunistas em Toulouse.
Movimentos dos vermelhos no sudoeste (1982).
Os movimentos revolucionários em Toulouse.
As tropas muçulmanas detêm-se em Drôme.
Derrota das tropas muçulmanas.
Aliança da Romênia, da Inglaterra, da Polônia e da República Democrática Alemã.
Retirada das tropas muçulmanas para a Tunísia.
Derrota das tropas russas nos Alpes (Chambéry).
Vitória final na Armênia.
Fim da guerra em novembro (1985 ou 1986?).

A QUINTA REPÚBLICA: UM POUCO MAIS DE VINTE ANOS. A VOLTA DA MONARQUIA ATÉ 1999. O FIM E O CUMPRIMENTO DA PROFECIA DE NOSTRADAMUS (1999).

I.48

Vingt ans du règne de la Lune passéz [1],
Sept mille ans autre tiendra sa Monarchie
Quand le soleil prendra ses jours lasséz [2],
Lors accomplir et mine [3] ma prophétie.

Tradução:
Depois de vinte anos de poder republicano, um outro restabelecerá a monarquia até o sétimo milênio (1999). Quando o Bourbon conhecer a infelicidade, então minha profecia estará terminada e cumprida.

PORTUGAL: PONTO DE PARTIDA DA LIBERTAÇÃO DA FRANÇA. COMBATES NO SUDOESTE E NO LANGUEDOC.

X.5

Albi et Castres feront nouvelle ligue,
Neur [4] Arriens [5] Libon et Portugues:
Carcas, Tholose consumeront leur brique,
Quand chef neuf monstre [6] de Laurague [7].

Tradução:
Será criado um novo partido no Tarn, depois um novo

[1] Começo da Quinta República: setembro de 1959; fim: setembro de 1984, o mais tardar.
[2] Latim, *"lassae res"*: "má sorte". D.L.L.B.
[3] Por *"terminer"* ("terminar"). Exemplo de aférese.
[4] Por *"neuf"*: "novo". D.A.F.L.
[5] Arriano, historiador grego, homem de Estado e guerreiro. Expulsou os alanos e foi nomeado cônsul em recompensa aos seus serviços. D.H.B. Nostradamus estabelece um paralelo entre Arriano e o líder francês que expulsará o exército de ocupação da República Democrática Alemã. D.H.B.
[6] Latim, *"monstrum"*: "flagelo", "calamidade". D.L.L.B.
[7] Região situada nos departamentos de Haute-Garonne e de Aude. D.H.B.

Arriano, a partir de Lisboa, em Portugal, destruirá seus enviados até Carcassone e Toulouse, quando o novo chefe fizer uma calamidade no Lauraguais.

QUEDA DO BLOCO RUSSO-MUÇULMANO

III.95

La loy Moricque [1] on verre déffaillir,
Après une autre beaucoup plus séductive:
Boristhènes [2] premier viendra faillir,
Par dons et langue une plus attractive.

Tradução:
A lei muçulmana cairá, depois de outra lei bem mais sedutora (a lei comunista). A Rússia cairá em primeiro lugar e será atraída pelos benefícios e pela linguagem (dos franceses).

DERROTA NAVAL DAS TROPAS RUSSO-MUÇULMANAS. A DEFESA DO GRANDE PAPA.

V.44

Par mer, le rouge sera prins de pyrates,
La paix sera par son moyen troublée:
L'ire et l'avare [3] commettra [4] par sainct acte,
Au Grand Pontife sera l'armée doublée.

Tradução:
No mar, as forças soviéticas serão vencidas, assim como os muçulmanos que perturbaram a paz. A cólera e a cupidez se unirão contra as ações da Igreja. Os efetivos do exército de proteção do grande papa serão duplicados.

[1] *"Mores"* ou *"Maures"*: "mouros", os muçulmanos.
[2] Borístenes, antigo nome do Dniepr, rio da Rússia européia. D.H.B.
[3] Latim, *"avaritia"*: "avareza". D.L.L.B.
[4] Latim, *"committo"*: "ajunto", "reúno", "junto". D.L.L.B.

GRANDES BATALHAS NO MAR NEGRO.
AS TROPAS IRANIANAS NA TURQUIA.
DERROTA NAVAL ÁRABE NO ADRIÁTICO.

V.27

Par feu et armes non loin de la marnegro [1],
Viendra de Perse occuper Trebisonde [2]:
Trembler Phato [3], Methelin [4], sol alegro,
De sang Arabe d'Adrie couvert onde.

Tradução:

Por fogo e pelas armas da guerra não longe do mar Negro, as tropas do Irã ocuparão Trabzon. A foz do Nilo e a Grécia tremerão, por causa da habilidade do Bourbon, que cobrirá de sangue árabe o Adriático.

OS COMBATES ENTRE A INGLATERRA E A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ.
A GUERRA NA FRANÇA.
OCUPAÇÃO DE MARSELHA.
A VITÓRIA DO OCIDENTE.

X.58

Au temps du deuil que le félin monarque [5]
Guerroyera le jeune Aemathien [6]
Gaule bransler pérecliter la barque.
Tenter [7] Phossens [8] au Ponant [9] entretien [10].

Tradução:

No momento em que o chefe inglês fizer a guerra ao jovem chefe alemão, a França será abalada. A Igreja ficará

---

[1] Latim, *"mar":* "mar", e *"negro",* de *"niger":* "negro". D.L.L.B.
[2] Cidade da Turquia, na Ásia, no mar Negro. D.H.B.
[3] Phatnitique: um dos antigos braços do Nilo, hoje o braço de Damieta. D.H.B.
[4] Antigamente, Mitilene, antiga capital da ilha de Lesbos; era uma das principais cidades gregas da Ásia. D.H.B.
[5] Alusão ao leopardo das armas da Inglaterra.
[6] Simboliza o espírito de conquista e de guerra da Alemanha. Cf X.7.
[7] Latim, *"teneo, tentum":* "tomo", "ocupo". D.L.L.B.
[8] Os fócios: marselheses.
[9] Palavra usada antigamente no Mediterrâneo para designar o oceano ou o Ocidente, em oposição ao Levante.
[10] "Conservar em bom estado", "tornar durável". D.L.7 V.

em perigo. Marselha será ocupada, depois o Ocidente resistirá.

A VITÓRIA DO OCIDENTE

Presságio 8, junho

Loin près de l'Urne [1] le malin [2] tourne arrière,
Qu'au grand Mars feu donra empeschement:
Vers l'Aquilon au midy le grand fiersl [3],
FLORA [4] tiendra la porte en pensement [5].

Tradução:

Quando estiver próxima a Era de Aquário, o Diabo voltará para trás e o fogo da grande guerra será impedido. Da Rússia aos países muçulmanos, ao grande orgulhoso, o Ocidente conservará a liberdade de pensamento.

DECADÊNCIA DO OCIDENTE. A GUERRA.

Presságio 32, novembro

Venus [6] la belle entrera dedans FLORE,
Les exilez secrets [7] lairront [8] la place:
Vesves beaucoup, mort de Grand on déplore,
Oster du regne, le Grand Grand ne menace.

Tradução:

Quando a palavra venenosa e os prazeres sexuais sedutores se introduzirem no Ocidente, os exilados partirão para lugares mais retirados. Haverá muitas viúvas e será deplora-

---

[1] Latim, *"Urna":* atributo de Aquário. D.L.L.B.
[2] Nome masculino: "Diabo", "Demônio"; geralmente, o Diabo é representado por uma serpente. D.L.7 V.
[3] "Orgulhoso." D.L.7 V.
[4] O Zéfiro era, na verdade, o vento do ocidente. Os poetas gregos e latinos o celebravam porque refrescava os climas quentes em que habitavam. Seu sopro, doce e poderoso ao mesmo tempo, dava vida à natureza. Os gregos lhe deram Clóris por esposa, e os latinos, a deusa FLORA. M.G.R.
[5] "Ato de pensar." D.L.7 V.
[6] *"Venin"* ("veneno"), latim, *"venus":* desejo sexual personificado por Vênus, deusa do amor. D.L.7 V.
[7] Latim, *"secretum":* "retiro", "lugar retirado". D.L.L.B.
[8] *"Lairai",* futuro de *"laier":* "deixar". D.A.F.L.

da a morte de uma grande personagem, que será derrubada do poder, embora a grandeza dessa personagem não ameaçasse ninguém.

LIBERTAÇÃO DA FRANÇA A PARTIR DE NANTES. UMA GRANDE FROTA ESTACIONADA NO MAR VERMELHO. CALAMIDADE NA ALEMANHA PROVOCADA PELA RÚSSIA E PELA TURQUIA.

VI.44

De nuict par Nantes Lyris apparoistra,
Des arts marins susciteront la pluye:
Arabiq [1] goulfre grand classe parfondra,
Un monstre en Saxe naistra d'ours et de truye [2].

Tradução:
A paz será anunciada à noite a partir de Nantes; (os franceses) desencadearão os bombardeios a partir dos navios. Uma grande frota será afundada no mar Vermelho, quando nascer na Alemanha um flagelo por causa da Rússia e da Turquia.

OS EXÉRCITOS FRANCO-BELGAS CONTRA AS TROPAS MUÇULMANAS. A MORTE DO CHEFE MUÇULMANO NO MAR VERMELHO.

VIII.49 [3]

Satur [4] au bœuf [5] iove [6] en l'eau, Mars en fleiche,
Six de Fevrier mortalité donra:

1 Mar Vermelho ou golfo Arábico. D.H.B.
2 Latim, *"troja"*, que aproximamos da expressão *"sus Trojanus"*, "porco troiano", ou seja, "recheado", por alusão ao cavalo de Tróia. D.L.7 V. Nostradamus designa assim a Turquia, pois a cidade de Tróia se situava na Ásia Menor.
3 Um grande número de exegetas, pouco se importando com a indicação precisa de Nostradamus, atribuíram este texto aos acontecimentos sangrentos de 6 de fevereiro de 1934. A não ser a data, nada indica que se trata de tais fatos.
4 Saturno, Cronos na Grécia: "o tempo".
5 Em sentido figurado: "brutal". D.L.7 V.
6 Jupiter, Jovis: "ar", "céu", "atmosfera". D.L.L.B.

Ceux de Tardaigne [1] à Bruge [2] si grand breche [3],
Qu'à Ponterose [4] chefe Barbarin mourra.

Tradução:
Quando for tempo de violência e o clima, de revolução, a guerra aumentará. Em 6 de fevereiro haverá mortandade. Os franceses e os belgas farão uma grande brecha no *front* inimigo e o chefe muçulmano morrerá no mar Vermelho.

VITÓRIA DO OCIDENTE. COMBATES CONTRA AS TROPAS MUÇULMANAS.

IV.39

Les Rhodiens [5] demanderont secours,
Par le neglet de ses hoyrs delaissée,
L'Empire Arabe ravalera [6] son cours [7]
Par Hespéries [8] la cause redressée.

Tradução:
Os gregos pedirão socorro, devido à negligência de seus herdeiros, que os abandonarão. A expansão do império árabe será contida e o Ocidente estará à frente da situação.

VITÓRIA DO OCIDENTE. QUEDA DOS SETE PAÍSES DO LESTE.

IV.50

Libra verra regner les Hesperies,
Du ciel et terre tenir la Monarchie,
D'Asie forces nul ne verra peries
Que sept ne tiennent par rang la hiérarchie [9].

1 Tardenois: antigamente pequena região da França, no Soissonnais. Hoje, faz parte do departamento do Aisne. D.H.B.
2 Bruges: cidade da Bélgica, capital da Flandres Ocidental. D.H.B.
3 Por analogia, brecha aberta no *front* inimigo. D.L.7 V.
4 Palavra inventada a partir de "πουτός", "mar", e *"rose"*.
5 Rodes: ilha do mar Egeu, que voltou ao domínio grego em 1947.
6 "Fazer descer", "abater", "rebaixar".
7 "Marcha", "progressão", "desenvolvimento". D.L.7 V.
8 Grego: "Έσπερις": "Ocidente". D.G.F.
9 Os sete países do Pacto de Varsóvia: URSS, República Democrática Alemã, Polônia, Romênia, Hungria, Tchecoslováquia, Bulgária.

Tradução:
A justiça verá reinar os ocidentais, a monarquia dominará o céu e a terra, mas as forças da Ásia não serão destruídas enquanto os sete países mantiverem a hierarquia.

REVOLUÇÃO NOS PAÍSES DO LESTE. CHUVA DE METEORITOS SOBRE A TERRA E O MAR. QUEDA DOS SETE PAÍSES DO PACTO DE VARSÓVIA.

II.18

Nouvelle pluye[1], subite, impétueuse,
Empeschera subit deux exercites:
Pierres, ciel, feux faire la mer pierreuse,
La mort de sept terre et marins subite.

Tradução:
Uma nova revolução, súbita e violenta, perturbará bruscamente os dois exércitos (em seu avanço). Aerólitos em profusão cairão do céu, petrificarão o mar e provocarão a queda súbita dos sete países (do Pacto de Varsóvia) na terra e no mar.

INCÊNDIO DE PARIS. INVASÃO DA SARDENHA PELOS MUÇULMANOS. VITÓRIA DO OCIDENTE.

II.81

Par le feu du ciel la cité presque aduste[2],
L'urne[3] menace encore Ceucalion[4],

[1] Símbolo constante da revolução, no texto de Nostradamus.
[2] Latim, *"adustus":* "queimado". D.L.L.B.
[3] Recipiente que servia aos antigos para carregar água, recolher votos, conservar as cinzas dos mortos. D.L.7 V. Tomado, por Nostradamus, como símbolo da revolução (água) e da morte.
[4] Erro tipográfico: por Deucalion (Deucalião) (cf. X.6 e presságio 90), filho de Prometeu. Sob seu reinado, houve o famoso dilúvio. Júpiter, vendo crescer a maldade dos homens, resolveu submergir o gênero humano. A superfície da terra foi inundada, exceto uma única montanha da Fócida, onde parou a pequena embarcação que transportava Deucalião, o mais justo dos homens. M.G.R.

Vexée Sardaigne par la Punique fuste[1],
Après le Libra[2] lairra[3] son Phaëton[4].

Tradução:
Por um fogo caído do céu, a cidade é quase totalmente incendiada; a revolução e a morte ainda ameaçam o homem justo. A Sardenha será arrasada por uma frota muçulmana, depois do que, a guerra cederá lugar à justiça.

O REI DA ESPANHA CONTRA OS MUÇULMANOS

X.95

Dans les Espagnes viendra Roy très puissant
Par mer et terre subjugant le midy:
Ce mal fera, rebaissant le croissant,
Baisser les aesles à ceux du vendredy[5].

Tradução:
Um rei muito poderoso virá à Espanha subjugar os países do sul (África do Norte), por mar e por terra; fará cair o poder do Crescente (árabes) e abaixar as asas dos adoradores da sexta-feira.

A DERROTA DOS MUÇULMANOS

V.80

Logmion[6] grande Bisance approchera,
Chassée sera la barbarique ligue[7]:

[1] Italiano, *"fusta":* espécie de embarcação de baixo bordo, a vela e a remo. D.L.7 V.
[2] Latim, Libra: Balança, a constelação. D.L.L.B. Símbolo da justiça.
[3] Futuro de *"laïer":* "deixar". D.A.F.L.
[4] Nome grego do planeta Júpiter. Os ciclopes deram a Júpiter o relâmpago, a tempestade e o trovão, a Plutão, um capacete, e a Netuno, um tridente. Com essas armas, os três irmãos venceram Saturno. Tomado como símbolo da guerra.
[5] Sexta-feira, dia santo dos muçulmanos.
[6] Ogham, Ogmios ou Ogmius, deus da eloqüência e da poesia entre os gauleses; era representado sob a forma de um velho, armado com um arco e uma clava, atraindo inúmeras pessoas por meio dos filetes de âmbar e de ouro que saíam de sua boca. D.H.B.
[7] Aliança, confederação de vários Estados; liga ofensiva e defensiva. D.L.7 V. "E será a seita bárbara muito afligida e dizimada por todas as nações." Carta a Henrique, rei da França, segundo.

Des deux loix l'une l'estinique[1] lachera,
Barbare et franche en perpétuelle brigue[2].

Tradução:
A personagem eloqüente se aproximará da grande Turquia; a aliança muçulmana será vencida; das duas leis muçulmanas, uma (a xiita) será abandonada; haverá perpétuos tumultos entre muçulmanos e franceses.

O REI DA FRANÇA NA ITÁLIA. COMBATES NOS ALPES.

V.50

L'an que les frères du lys seront en l'aage,
L'un deux tiendra la Grande Romanie,
Trembler les monts, ouvert latin passage[3],
Pache marcher[4] contre fort d'Arménie.

Tradução:
No ano em que o momento dos irmãos Bourbon (os reis da França e da Espanha) tiver chegado, um deles (o rei da França) ocupará a Itália; os montes (Alpes) tremerão, a passagem para a Itália estará aberta. A paz tardará a vir por causa das forças armênias.

---

1 Latim, *"ethnicus"*: "pagão". D.L.L.B. As duas seitas muçulmanas: os sunitas, da palavra árabe *"sunnah"* ("tradição"), porque seus adeptos pretendem conservar viva a tradição; e os xiitas, seita muçulmana oposta à dos sunitas. O nome de "xiitas" ("facciosos", "heréticos") foi dado pelos sunitas, que se consideram os únicos ortodoxos. D.H.B.
2 "Tumulto", "rixa". D.A.F.L.
3 Garganta do monte Cenis, do Tende ou do Mont-Blanc.
4 Latim, *"marcens pax"*: "paz enervante". D.L.L.B.

REUNIÕES DE GRANDES TROPAS NO IRÃ E NA ARMÊNIA. DERROTA DAS TROPAS MUÇULMANAS.

III.31

Aux chands de Mede[1], d'Arabe et d'Arménie,
Deux grands copies[2] trois fois s'assembleront:
Près du rivage d'Araxes[3] la mesgnie[4]
Du grand Soliman en terre tomberont.

Tradução:
Nos territórios do Irã, da Arábia e da Armênia, dois grandes exércitos se reunirão; o exército será concentrado na fronteira irano-armênia, depois os soldados do grande chefe muçulmano tombarão por terra.

DURAÇÃO DA TERCEIRA GUERRA MUNDIAL: TRÊS ANOS E SETE MESES. REVOLTA DE DUAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS. VITÓRIA NA ARMÊNIA.

IV.95

Le règne a deux laissé bien peu tiendront,
Trois ans sept mois passés[5] feront la guerre:
Les deux vestales[6] contre rebelleront
Victor[7] puisnay[8] en Armonique terre.

---

1 Média: parte da Ásia Menor. A planície, fértil ao pé das montanhas, tornou-se estéril no leste e no sudoeste, e, finalmente, formou-se no centro do planalto iraniano o que foi chamado de "grande deserto da Média". D.L.7 V.
2 Latim, *"copiae"*: "corpo de exército", "tropa". D.L.L.B.
3 Araks: rio na fronteira entre a Armênia russa e o Irã; desemboca no mar Cáspio.
4 *"Mesgnie"* ou *"maisnie"*: "tropa". D.A.F.L.
5 Cf. Apocalipse 13: "Depois, vi surgir do mar uma besta com dez chifres e sete cabeças (os sete países do Pacto de Varsóvia)... A besta que eu vi parecia um leopardo; seus pés eram como os de um urso (URSS), e sua boca como a goela de um leão... e foi-lhe dado o poder de agir durante *quarenta e dois meses...*"
6 Vestais: nome dado às sacerdotisas de Vesta... sua roupa consistia em uma túnica de renda cinzenta e branca, recoberta por uma grande capa *púrpura.* D.L.7 V. Nostradamus sempre indica a República por uma personagem feminina.
7 Latim, *"Victor"*: "vitorioso", "vencedor". D.L.L.B.
8 *"Puîné"*: que veio ao mundo depois do nascimento de um irmão ou de uma irmã. Pessoa nascida depois de outra. D.L.7 V.

As duas personagens às quais o poder foi deixado o guardarão por pouco tempo. A guerra durará pouco mais de três anos e sete meses. Duas repúblicas do Pacto de Varsóvia se rebelarão contra (a Rússia), e o filho mais moço (o rei da França, em relação ao rei da Espanha) será o vencedor na Armênia.

OS DOIS ANOS DE OCUPAÇÃO SOVIÉTICA. O FIM DO IMPÉRIO SOVIÉTICO.

X.32

Le grand empire chacun an devait estre,
Un sur les autres le viendra obtenir:
Mais peu de temps sera son regne et estre
Deux ans aux naves [1] se pourra soustenir.

Tradução:
O grande império (soviético), que se tornará mais temível a cada ano, dominará os países, uns depois dos outros, mas seu poder e sua existência não serão muito longos. Não se manterá mais do que dois anos, graças à sua marinha.

GRANDE MUDANÇA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. LIBERTAÇÃO DE MARSELHA.

III.79

L'ordre fatal [2] sempiternel par chaine,
Viendra tourner par ordre conséquent:
Du port Phocen [3] sera rompuë la chaine [4]
La cité prinse, l'ennemy quant et quant [5].

Tradução:
A ordem universal, sempre encadeada, será mudada pela ordem que a sucederá. A escravidão de Marselha acabará, depois de a cidade ter sido ocupada por tantos e tantos inimigos.

[1] Latim, *"navis"*: "qualquer embarcação", "navio", "barco". D.L.L.B.
[2] Ordem universal, lei que, segundo Malebranche, regula todas as determinações de Deus, como deve também regular as dos homens. D.L.7 V.
[3] "Fócio": "marselhês". Fócia: nome grego de Marselha.
[4] "Cadeia": "dependência", "escravidão". D.L.7 V.
[5] Latim, *"quantum"*: "uma grande quantidade". D.L.L.B.

DESEMBARQUE ANGLO-AMERICANO EM BORDEAUX. LIBERTAÇÃO DO SUDOESTE. PROCLAMAÇÃO DE UMA REPÚBLICA DA OCCITÂNIA.

IX.6

Par la Guyenne infinité d'Anglois,
Occuperont par nom d'Anglaquitaine:
Du Languedoc I. palme [1] Bourdelois,
Qu'ils nommeront après Barboxitaine [2].

Tradução:
Uma grande quantidade de anglo-saxões americanos desembarcará na Guyenne, e a ocuparão chamando-a de Aquitânia Anglo-Americana. Vitoriosos do Languedoc até Bordelais, chamarão essa região de "República da Occitânia".

DESEMBARQUE NA COSTA DA GUYENNE. AS BATALHAS DE POITIERS, LYON, MONTLUEL E VIENA.

XII.24

Le grand secours venu de la Guyenne
S'arrestera tout auprès de Poitiers:
Lyon rendu par Mont Luel [3] et Vienne [4],
Et saccagez par tous gens des mestiers [5].

[1] Em sentido figurado: sinal de vitória.
[2] Palavra composta de Barbe, ou seja, Aenobarbo, Domitius Aenobarbus, marido de Agripina — que simboliza a República —, e da palavra Occitânia.
[3] Montluel: centro do cantão de Ain. D.H.B.
[4] Centro principal da região do Isère, na confluência do Gère e do Ródano. D.H.B.
[5] "Soldados."

Tradução:
O grande socorro vindo da Guyenne parará perto de Poitiers. O exército de libertação chegará a Lyon, por Montluel e Viena, que serão saqueadas pelos soldados.

OCUPAÇÃO DE TOULOUSE. PROFANAÇÃO DA CATEDRAL.

III.45

Les cinq estranges entrez dedans le Temple,
Leur sang viendra la terre prophaner,
Aux Thoulousains sera bien dur exemple,
D'un qui viendra ses lois exterminer.

Tradução:
Os cinco chefes estrangeiros entrarão na catedral, onde seu sangue profanará o solo; será um terrível exemplo para os toulousianos, por causa daquele que virá dizimar suas leis.

MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS NO SUDOESTE. A REPÚBLICA DA OCCITÂNIA.

I.79

Bazar [1], Lestore, Condon, Auch, Agine,
Esmeus par loix, querelle et monopole:
Car Bourd, Tholose Bay mettra en ruyne,
Renouveler voulant leur tauropole [2].

Tradução:
Bazas, Lectoure, Condom, Auch e Agen se revoltarão contra as leis e as discussões políticas de Paris, pois a guerra arruinará Bordeaux, Toulouse e Bayonne, que procurarão formar uma República.

---

1 Por Bazas, centro principal da Gironde.
2 Grego: "ταvροπόλος": adorada como Táuride, Diana ou Hécate. D.G.F. A Lua, símbolo da República.

AS FORÇAS COMUNISTAS DIZIMADAS EM TOULOUSE

IX.46

Vuydez, fuyez de Tholose les rouges,
Du sacrifice faire expiation:
Le chef du mal dessous l'ombre [1] des courges [2]
Mort estrangler carne [3] omination [4].

Tradução:
Abandonem Toulouse, fujam dela, comunistas! Expiarão suas ações. O chefe que trouxe a infelicidade sob a aparência de simplicidade será morto conforme um presságio humano.

ANIQUILAMENTO DAS FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS EM NÎMES E TOULOUSE

IX.9

Quand lampe [5] ardente [6] de feu inextinguible,
Sera trouvée au temple des Vestales [7]:
Enfant [8] trouvé, feu, eau [9] passant par crible [10],
Nismes eau périr, Tholose cheoir les hales [11].

Tradução:
Quando um foguete incendiário que provoca um fogo inextinguível se encontrar em Roma, coisa que será considerada abominável, a guerra estará no fim; os revolucionários serão dizimados e perecerão em Nîmes; as igrejas de Toulouse desabarão.

---

1 "Sob a sombra de": "sob pretexto de", "sob a aparência de". D.L.7 V.
2 Provençal: *"coucoureou":* "néscio", "imbecil", "idiota". D.P.
3 Latim, *"carnea lex":* "lei humana". D.L.L.B.
4 Latim, *"ominatio":* "presságio". D.L.L.B.
5 Latim, *"lampas":* "fogo do céu", "bólido". D.L.L.B.
6 Latim, *"ardens":* "inflamado", "ardente". D.L.L.B.
7 Em Roma, a casa das vestais ficava entre o fórum e o palácio, ao lado do pequeno templo de Vesta. D.L.7 V.
8 Latim, *"infans":* "abominável", "terrível". D.L.L.B.
9 Símbolo da revolução, como as palavras "onda", "turbilhão", "chuva".
10 "Dizimar." D.L.7 V.
11 Do antigo saxão, *"halla":* "palácio", "templo". D.L.7 V.

DESTRUIÇÃO EM AUDE POR FOGUETES OU METEOROS. A GUERRA CIVIL ENTRE REVOLUCIONÁRIOS DE PERPIGNAN E TOULOUSE. A MORTE DO LÍDER REVOLUCIONÁRIO.

VIII.22

Gorsan [1], Narbonne, par le sel [2] advertir [3],
Tucham [4], la grâce Parpignan trahie [5],
La ville rouge n'y voudra consentir,
Par haulte [6] voldrap [7] gris [8] vie faillie.

Tradução:

Coursan e Narbonne serão atingidas por um foguete, por causa dos revolucionários; Perpigan procurará se atribuir a honra (do movimento revolucionário), mas Toulouse se oporá, e a personagem sangüinária será morta por aquele que carregará um estandarte nobre (o rei da França, o libertador).

---

1 Coursan: cidade de Aude, a sete quilômetros de Narbonne, na Rodovia Nacional 113.
2 Grego: "σέλας": "espécie de meteoro", "luminosidade", "claridade". D.G.F.
3 Latim, *"adverto":* "ajo contra", "executo punição". D.L.L.B.
4 A revolta dos *tuchins:* o *tuchinat* foi um verdadeiro motim. Os *tuchins* das cidades combateram, especialmente, os agentes do duque de Berry, mas se esforçaram também para organizar a resistência contra os ingleses (alusão às tropas americanas de libertação). A insurreição se alastrou rapidamente pelos domínios dos senescais de Béziers e Carcassonne, na *Toulousiana,* e no Rouergue, até Auvergne, o Limousin e o Poitou. Os *tuchins* do campo atacaram os castelos e destruíram grande número deles, bem como os nobres, comerciantes e os ricos, que eram massacrados em sua passagem (1382-1384). D.L.7 V. Nostradamus estabelece um paralelo entre os *tuchins* e os movimentos revolucionários no sudoeste da França.
5 Latim, *"Rei sibi gratiam trahere":* "atribuir-se a honra de alguma coisa". D.L.L.B.
6 Latim, *"altus":* "nobre". D.L.L.B.
7 Palavra formada a partir de *"Volt":* "imagem", "ídolo", e *"drapeau":* "bandeira". D.A.F.L.
8 Alusão ao burrico de Robespierre. Diziam que o burrico de Robespierre era a guilhotina, bêbado do sangue que tinha bebido. D.L.7 V.

OS MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS NO SUDOESTE DA FRANÇA. PILHAGENS E ROUBO. REVOLTA CONTRA ESSES MOVIMENTOS.

IX.72

Encore seront les saincts temples pollus [1]
Et expillez par Senat Tholosain:
Saturne deux trois [2] siècles revollus [3];
Dans Avril, May, gens de nouveau levain.

Tradução:

As igrejas serão de novo profanadas e pilhadas pelos membros de uma assembléia toulousiana. A época (da pilhagem) voltará seis séculos mais tarde (1982); depois, em abril e maio, os homens se revoltarão novamente (para resistir).

OS PARTIDOS CONTRA O COMUNISMO

IX.51

Contre les rouges sectes se banderont [4]
Feu, eau, fer, corde [5] par paix se minera [6]
Au point mourir ceux qui machineront,
Fors un que monde sur tout ruynera.

Tradução:

Os partidos resistirão às forças comunistas, durante a guerra e a revolução; o espírito de paz se enfraquecerá. Os traidores morrerão, exceto um dentre eles, que trará a ruína sobre a terra.

---

1 Latim, *"polluo":* "profanar". D.L.L.B.
2 Por "duas vezes três" = "seis".
3 A revolta dos *tuchins* em 1382 + seis séculos = 1982. Cf. VIII. 22.
4 "Resistir." D.L.7 V.
5 Latim, *"cor, cordis":* "inteligência", "espírito", "bom senso". D.L.L.B.
6 "Consumir", "deteriorar", "enfraquecer progressivamente". D.L.7 V.

REVOLUÇÃO E SAQUE EM TOULOUSE

IX.37

Pont et molins[1] en Decembre versez,
En si hault lieu montera la Garonne[2]:
Murs, édifices, Tholose renversez,
Qu'on ne saura son lieu autant matronne.

Tradução:
As pontes e os moinhos de Toulouse serão destruídos em dezembro; a revolução será tão intensa nas margens do Garona que as casas e os edifícios públicos serão destruídos, a ponto de as mães de família não reconhecerem mais suas casas.

OCUPAÇÃO DE CARCASSONNE PELOS RUSSOS

IX.71

Aux lieux sacrez animaux veu à trixe[3],
Avec celui qui n'osera le jour:
A Carcassonne pour disgrace propice,
Sera posé pour plus ample séjour.

Tradução:
Os russos serão vistos nas igrejas com a personagem que não terá coragem de se mostrar à luz do dia. Depois de uma desgraça favorável ela se estabelecerá por maior tempo em Carcassonne.

---

1 Forma antiga de *"moulin"* ("moinho"). D.A.F.L.
2 "Água", "onda", "chuva", "inundação" simbolizam sempre a revolução.
3 Grego: "θρίς, τρίχος": "cabelo", "pêlo", "lã". D.G.F. Os ursos são grandes animais pesados, cobertos de um *pêlo espesso*. D.L.7 V.

ALIANÇA ENTRE A ROMÊNIA, A INGLATERRA, A POLÔNIA E A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ. O COMBATE CONTRA OS MUÇULMANOS NA BACIA DO MEDITERRÂNEO.

V.51

La gent de Dace[1], d'Angleterre, et Polonne,
Et de Boësme[2] feront nouvelle ligue:
Pour passer outre d'Hercules la colonne[3]
Barcins[4], Tyrrans dresser cruelle brigue[5].

Tradução:
Romênia, Inglaterra, Polônia e a República Democrática Alemã farão uma nova aliança, para passar além do Gibraltar (no Mediterrâneo) e atacar os muçulmanos, que terão provocado um cruel tumulto para impor sua tirania.

O FIM DA GUERRA. A DECADÊNCIA DA ITÁLIA. AS TROPAS MUÇULMANAS, VINDAS DO DANÚBIO E DE MALTA, SÃO DETIDAS EM DRÔME.

Presságio 15, janeiro

L'indigne[6] orné[7] craindra la grande fornaise,
L'esleu premier, des captifs n'en retourne:
Grand bas du monde, l'Itale non alaise[8]
Barb, Ister[9], Malte. Et le Buy[10] ne retourne.

---

1 Antigo nome da Romênia. D.H.B.
2 Boêmia, hoje na República Democrática Alemã. A.V.L.
3 As Colunas de Hércules: o Gibraltar. D.H.B.
4 Barca: família poderosa de Cartago, cujo chefe era Amílcar Barca, e que se tornou famosa especialmente pelos feitos de Aníbal e Asdrúbal. Sempre foi inimiga dos romanos. D.H.B. Como com as palavras "Aníbal" e "Púnico", Nostradamus se refere, neste caso, aos muçulmanos.
5 "Tumulto." D.A.F.L.
6 Latim, *"indignus"*: "infame", "indigno". D.L.L.B.
7 Latim, *"orno"*: "equipo", "armo". D.L.L.B.
8 Grego: " 'αίσιος": "feliz". D.G.F.
9 Hister: antigo nome do Danúbio. D.H.B.
10 Le Buis: centro principal de um cantão de *Drôme*.

Tradução:
O infame chefe militar temerá a grande fornalha. O primeiro escolhido não será um dos prisioneiros que voltaram. A grande potência (URSS) estará por baixo no mundo, a Itália sofrerá uma desgraça por causa dos muçulmanos vindos pelo Danúbio e por Malta. Eles recuarão a partir de Drôme.

A RÚSSIA E A GUERRA NA EUROPA. A RÚSSIA E A TURQUIA.

V.70

Des régions subjectes à la Balance[1]
Feront troubler les monts par grande guerre.
Captif tout sexe deu[2] et tout Bisance,
Qu'on criera à l'aube terre à terre.

Tradução:
As regiões subordinadas à URSS perturbarão as montanhas (os Alpes) com uma grande guerra, e farão prisioneiros dos dois sexos em toda a Turquia, de modo que de madrugada gritarão de um país ao outro.

NEGOCIAÇÕES PARA A ENTRADA DA INGLATERRA NO MERCADO COMUM (Julho de 1970)

IV.96

La sœur aisnée de l'Isle Britannique,
Quinze ans[3] devant le frère aura naissance,

[1] É o sétimo signo do zodíaco. Os egípcios consagraram Balança e Escorpião ao deus do mal, Tifão, que, não contente com essa homenagem astronômica, fazia imolar em sua honra os homens ruivos. D.L.7 V. Tripla alusão aos sete países do leste, à revolução, a Tifão e aos vermelhos.
[2] Contração de *"de le"*. D.A.F.L.
[3] De 1.º a 12 de dezembro de 1969 realizou-se a Reunião de Cúpula dos Seis, em Haia. Discutiram-se as condições da entrada da Inglaterra no Mercado Comum, e as negociações começaram em julho de 1970... De volta a Paris, o Presidente Pompidou declara que essa reunião contribuiu para derrubar as *desconfianças injustificadas ("promis verrifique")*. V.C.A.H.U. 1970 + quinze anos = agosto de 1984, que marcará, então, uma reviravolta na guerra e a queda da Rússia.

Par son promis moyennant verrifique,
Succedera au regne de balance[1].

Tradução:
A irmã mais velha dos ingleses (os Estados Unidos) sucederá ao poder soviético. Quinze anos mais cedo, o irmão inglês nascerá (na Europa), com a garantia de promessas verificáveis.

A GUERRA DO REI DA FRANÇA CONTRA A RÚSSIA

V.61

L'enfant du Grand n'estant à sa naissance
Subjuguera les hauts monts Appenis[2],
Fera trembler tous ceux de la balance[3],
Et des monts feux jusques à Mont-Senis.

Tradução:
O herdeiro do grande (poder monárquico), estando no começo do seu poder, subjugará a Itália, fará tremer a URSS e levará a guerra até o monte Cenis.

O EXÉRCITO RUSSO DERROTADO EM CHAMBÉRY E NA MAURIENNE

X.37

Grande assemblée près du lac du Borget[4],
Se rallieront près de Montmelian[5]:
Passant plus oultre pensifs feront projet,
Chambry, Moriane[6] combat Saint-Julian[7].

Tradução:
Grandes tropas serão reunidas perto do lago de Bourget

[1] Cf. V.70 e V.61.
[2] Nostradamus, por síncope, retirou uma letra da palavra "Apennins" ("Apeninos"), para rimar com "Mont-Cenis" ("monte Cenis").
[3] Cf. V.70 e V.46.
[4] Lago do departamento da Savoie, perto de Chambéry e de Aix-les-Bains. D.L.7 V.
[5] Cidade da Savoie, a quinze quilômetros de Chambéry. D.H.B.
[6] Vale da Maurienne: dá acesso à Itália pela encosta do monte Cenis.
[7] Cidadezinha perto de Saint-Jean-de-Maurienne.

e se reagruparão perto de Montmélian. Não podendo ir mais longe, os chefes militares, perplexos, farão projetos e serão derrotados em Chambéry e em Saint-Julien-de-Maurienne.

A RECONQUISTA, DE BARCELONA ATÉ VENEZA. DERROTA DAS TROPAS MUÇULMANAS E SUA RETIRADA PARA A TUNÍSIA.

IX.42

De Barcelonne, de Gennes et Venise,
De la Secille peste Monet[1] unis:
Contre Barbare classe prendront la vise[2],
Barbar poulsé bien loing jusqu'à Thunis.

Tradução:

Desde Barcelona e Gênova até Veneza, desde a Sicília até Mônaco, reinará a pestilência; reconhecerão o exército muçulmano e o afastarão para longe, até a Tunísia.

DERROTA DA MARINHA OCIDENTAL PELO EXÉRCITO VERMELHO. PERSEGUIÇÃO AO CLERO. VITÓRIA DO OCIDENTE EM NOVEMBRO.

IX.100

Navalle pugne[3] nuict[4] sera supérée[5],
Le feu, aux naves à l'Occident ruine:
Rubriche[6] neusve, la grand nef[7], colorée,
Ire a vaincu, et victoire en bruine[8].

---

1 *"Monoeci Arx":* Mônaco. D.L.L.B.
2 *"Visere copias hostium":* "reconhecer o exército inimigo". D.L.B.
3 Latim, *"pugna":* "luta entre dois exércitos", "combate", "batalha". D.L.L.B.
4 Esta quadra é atribuída, pelos exegetas, à batalha de Trafalgar, que foi travada das onze horas da manhã às cinco horas da tarde! Cf. D.L.7 V.
5 Latim, *"supero":* "ter vantagem" (na guerra), "vencer". D.L.L.B.
6 Latim, *"ruber":* "vermelho". D.L.L.B. Cf. I.82 e IV.37.
7 A Igreja Católica.
8 Cf. VI.25, golpe de Estado de 18 de brumário.

Tradução:

Uma batalha naval será travada à noite, e a guerra arruinará a marinha do Ocidente (EUA). Um novo exército vermelho fará correr sangue no Vaticano; os vencidos serão dizimados, mas acabarão obtendo a vitória, em novembro.

O último e o maior dos reis da França (1983-1986 a 1999)

Nostradamus dá a esse rei vários nomes, títulos ou atributos, que convergem, todos, para a idéia de legitimidade:
1. "CHIREN": anagrama de HENRIC, do latim Henricus, Henrique.
2. "O rei de Blois": seus condes eram originários da família de Hugo Capeto[1].
3. "O Galo": a primeira medalha onde se via um galo foi cunhada em 1601, quando Luís XIII nasceu[2].
4. "Hércules": Hércules geralmente simboliza a força e a coragem[3].

AS ETAPAS DO SEU REINADO:

Chegada a Roma.
A guerra contra a Líbia.
A reconquista da França, desde a Espanha até a Itália.
Ele se estabelece em Avignon, capital.
- A guerra no mar Negro.
- Ele reconcilia os franceses.
- Derrota do exército vermelho na Itália.
Derrota das forças russo-muçulmanas nos Alpes.
- Sagração em Reims.
- Aliança e defesa da Igreja Católica.
Libertação do Ocidente, até Israel.
Luta contra as forças muçulmanas.
Sua presença no Egito.

[1] D.H.B.
[2] *Le Coq*, L. Arnould de Gremilly, coll. Symboles. Flammarion, 1958.
[3] D.L.7 V.

ENTRADA DO REI DA FRANÇA EM ROMA.
ALIANÇA DO PAPA COM O REI DA FRANÇA.

VI.28

Le Grand Celtique entra dedans Rome
Menant amas d'exilez et bannis:
Le grand pasteur mettra à port[1] tout homme
Qui pour le Coq estoyent aux Alpes unis.

Tradução:
O grande francês entrará em Roma levando um grande número de exilados e banidos. O grande papa abrigará todos os homens que apoiaram o rei da França nos Alpes.

GUERRA DO REI DA FRANÇA CONTRA A LÍBIA.
PERSEGUIÇÃO DA HUNGRIA ATÉ GIBRALTAR.

V.13

Par grand fureur le Roy Romain Belgique
Vexer voudra par phalange barbare:
Fureur grinssant[2] chassera gent Libyque,
Depuis Pannons[3] jusques Hercules[4] la hare[5].

Tradução:
Tomado de grande furor, o rei, vindo de Roma, irá à Bélgica, conturbada pelas tropas muçulmanas. Com fúria e cólera, perseguirá os líbios e os levará para além da Hungria, até Gibraltar.

[1] Latim, *"portes"*: "abrigo", "retiro". *"In portu esse"*: "estar fora de perigo". D.L.L.B.
[2] Em sentido figurado: "ser tomado de cólera". D.L.7 V.
[3] Panônia: antigo nome da Hungria.
[4] As Colunas de Hércules: nome dado pelos antigos ao lugar onde deveriam terminar os Trabalhos de Hércules, ou seja, os dois pontos da África e da Europa que marcam, a leste, um de cada lado, a entrada do estreito de Gibraltar.
[5] *"Harer"*: "perturbar", "atormentar". D.A.F.L.

O REI CONTRA OS REVOLUCIONÁRIOS. SUA CHEGADA NA PROVENÇA.

Sextilha 40

Ce qu'en vivant le père n'avait sceu,
Il acquerra ou par guerre ou par feu,
Et combattra la sangsue[1] irritée[2],
Ou jouyra de son bien paternel
Et favory du grand Dieu Éternel,
Aura bien tost sa Province héritée.

Tradução:

Aquilo que seu pai não conheceu durante a vida, a guerra e o incêndio o farão conhecer, e combaterá a revolução estéril. Beneficiar-se-á dos bens de seu pai e, favorito do grande Deus eterno, herdará rapidamente a Provença.

A GUERRA NA NORUEGA, NA ROMÊNIA E NA INGLATERRA. O PAPEL DO DIRIGENTE FRANCÊS NA ITÁLIA.

VI.7

Norneigre[3] et Dace[4], et l'isle Britannique,
Par les unis frères seront vexées[5]:
Le chef Romain issu du sang Gallique,
Et les copies[6] aux forêts repoussées.

Tradução:

A Noruega, a Romênia e a Grã-Bretanha serão prejudicadas pelos aliados unidos (União Soviética e Pacto de Varsóvia)[7]. Depois, o chefe romano, de sangue francês, afastará as tropas aliadas para além das florestas.

---

[1] A revolução: sugadora de sangue, "sanguessuga".
[2] Latim, *"irritus"*: "inútil", "vão", "estéril". D.L.L.B.
[3] Anagrama de NERIGON, ao qual Nostradamus junta, por paragoge, o antigo nome da Noruega. D.H.G.
[4] Os traços do domínio romano são ainda visíveis na região da Dácia: os valáquios e os moldávios se chamam romênios. D.G.B. A Romênia.
[5] Latim, *"vexo"*: "perturbo", "atrapalho". D.L.L.B.
[6] Latim, *"copiae"*: "tropa", "exército". D.L.L.B.
[7] "Em 14 de maio de 1955, é assinado o tratado de amizade, cooperação e assistência mútua: o Pacto de Varsóvia, entre a URSS, a Albânia, a Hungria, a Polônia, a República Democrática Alemã, a Romênia e a Tchecoslováquia. Foi instituído um comando militar *único.*" V.C.A.H.U. Lembramos que a Albânia se retirou do Pacto, e a Romênia é o país mais contestador.

O PAPEL DA SOCIEDADE SAUDITA TAG NA LIBERTAÇÃO DA FRANÇA

VIII.61

Jamais par le découvrement[1] du jour[2],
Ne parviendra au signe sceptrifère,
Que tous ses sièges ne soient en séjour,
Portant au Coq don du TAG[3] armifère.

Tradução:

Ele jamais chegará ao poder monárquico pela descoberta daquilo que fará compreender (suas origens), enquanto todas as cidades não estiverem libertadas, quando o TAG oferecer ao rei seus armamentos.

O REI DE BLOIS CONTRA OS RUSSOS. PILHAGEM DAS BALEARES.

VII.10

Par le grand Prince limitrophe du Mans[4],
Preux et vaillant chef de grand exercite[5]:
Par mer et terre de Gallois et Normans[6],
Caspre[7] passer Barcelonne pillé Isle.

Tradução:

O grande príncipe originário de Blois, que será o chefe corajoso e valente de um grande exército, (conduzirá a guer-

---

[1] Ato de descobrir. D.L.
[2] Em sentido figurado: "aquilo que esclarece", "aquilo que faz compreender". D.L.7 V.
[3] A sociedade do saudita Akkram Ojjeh, grande amigo da França, chama-se TAG, e tem sede em Genebra.
[4] Loir-et-Cher, onde se encontra Blois, limita com Sarthe.
[5] Latim, *"exercitus"*: "exército". D.L.L.B.
[6] Ou *"northmans"*, "homens do norte". D.H.B. Nostradamus chama assim os russos, habitantes do país de aquilão, o vento do norte.
[7] Capraria: Cabrera, uma das Baleares, ao sul de Maiorca.

ra) por terra e por mar, entre os franceses e os russos, que, a partir de Barcelona, irão às Baleares para pilhá-las.

HENRIQUE V SE ESTABELECE EM AVIGNON

VIII.38

Le Roy de Blois[1] en Avignon régner,
Une autre fois le peuple en monopole,
Dedans le Rosne par murs fera baigner
Jusques à cinq[2] le dernier près de Nole[3].

Tradução:
O rei de Blois reinará em Avignon, que servirá de capital ao povo francês; o Ródano banhará os muros de sua morada. Será o último até o quinto (Henrique V) e irá até perto de Nole (na Itália).

OCUPAÇÃO DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA PELO PACTO DE VARSÓVIA. INVASÃO ATRAVÉS DO VALE DO LOIRE.

VIII.52

Le Roy de Bloys dans Avignon regner,
D'Amboise et seme[4] viendra le long de Lyndre.
Ongle à Poitiers, saincts aisles ruyner,
Devant Boni[5].

Tradução:
O rei de Blois reinará em Avignon. Os sete países virão pelo Indre até Amboise: (o urso russo) mostrará suas garras

[1] Antes de Gregório de Tours, Avignon já era um lugar importante. Seus condes eram originários da família de *Hugo Capeto.* D.H.B. Nostradamus indica, assim, a ascendência capetiana do rei.
[2] Cf. "O Loreno V", presságio 76.
[3] Cidade da Itália (Terra di Lavoro), trinta e sete quilômetros a sudeste de Cápua. D.H.B.
[4] *"Sedme",* do latim *"septimum":* "sétimo". D.A.F.L. A Rússia e os seis países do Pacto de Varsóvia.
[5] Latim, *"Bonna":* "Bonn". D.L.L.B. Capital da República Federal da Alemanha.

em Poitiers e arruinará a força aérea do Ocidente; mas, antes, ele terá ocupado Bonn.

AVIGNON, CAPITAL DA FRANÇA

III.93

Dans Avignon tout le chef de l'Empire
Fera arrest pour Paris désolé:
Tricast[1] tiendra l'Annibalique[2] ire,
Lyon par change sera mal consolé.

Tradução:
A capital será mudada para Avignon, porque Paris será destruída. O Tricastin será a causa da cólera muçulmana. Lyon não se conformará com a mudança da capital.

AVIGNON, CAPITAL DA FRANÇA

I.32

Le grand empire sera tost translaté
En lieu petit qui bientost viendra croistre
Lieu bien infime d'exiguë comté[3]
Où au milieu viendra poser son sceptre.

Tradução:
O grande império (francês) será transferido para um pequeno lugar, que crescerá rapidamente. Um lugar bem pequeno de um condado onde (o rei) estabelecerá seu poder.

[1] Tricastin: no Bas-Dauphiné, dividido entre os departamentos de Drôme (cantões de Saint-Paul-Trois Châteaux, Grignan et Pierrelate) e de Vaucluse (cantão da Bollène). D.L.7 V. É onde se encontra a usina de enriquecimento de urânio financiada pelo Irã.
[2] Aníbal, general cartaginês, filho de Amílcar. Seu pai o fez jurar ódio eterno aos romanos, desde sua infância. D.H.B. Nostradamus usa as palavras "cartaginês", "púnico" ou "Aníbal" para designar o mundo muçulmano.
[3] Condado Venaissin: *pequena região* do sul da França... Algumas vezes, erroneamente chamado de *Condado* de Avignon. D.H.B.

GRANDES TRANSFORMAÇÕES NA FRANÇA. A CAPITAL NA PROVENÇA.

IV.21

Le changement sera fort difficile,
Cité, province au change gain sera:
Cœur haut, prudent mis, chassé luy habile,
Mer, terre, peuple son estat changera.

Tradução:

A mudança será muito penosa. A província (ou a Provença) ganhará com a mudança da capital. O (rei) de coração nobre e sábio mudará a situação do povo na terra e no mar.

MUDANÇA DO REI PARA AVIGNON. AS OFERTAS DAS OUTRAS CIDADES DERROTADAS.

V.76

En lieu libere[1] tendra son pavillon[2]
Et ne voudra en citez prendre place:
Aix, Carpen, l'Isle[3] volce[4], mont Cavaillon,
Par tout ces lieux abolira sa trasse.

Tradução:

Numa região libertada estabelecerá sua sede, e não quererá se instalar nas seguintes cidades: Aix, Carpentras, L'Isle-sur-Sorgue, Cavaillon, e nem mesmo no Languedoc, de onde apagará os traços de sua passagem.

---

1 Avignon continuou sob o domínio da Santa Sé até 1791, quando foi anexada à França, junto com o Condado Venaissin. Essa anexação foi confirmada em 1797 pelo Tratado de Tolentino. D.H.B.
2 Alojamento desmontável, redondo ou quadrado, que servia, antigamente, de acampamento dos soldados. D.L.7 V.
3 L'Isle-sur-Sorgue: centro principal de um cantão do Vaucluse, vinte e dois quilômetros a leste de Avignon.
4 *Volcas:* povo da Gália na Narbonne; ocupavam grande parte do Languedoc. D.H.B.

HENRIQUE V VITORIOSO. HENRIQUE V REINA SOBRE A FRANÇA E A ITÁLIA.

VIII.60

Premier en Gaule, premier en Romanie,
Par mer et terre aux Anglais et Paris
Merveilleux faits par celle grand mesnie[1]
Violant[2], terax[3] perdra le NORLARIS.

Tradução:

(Henrique V) será a primeira personagem na França e na Itália. Na terra e no mar, para os ingleses e os parisienses, atos excepcionais serão realizados por essa grande casa (a casa dos Bourbon), e a Lorena causará o fim do monstro (o urso russo), atacando-o.

HENRIQUE V, DESCENDENTE DOS CAPETOS E DOS GUISE. SEUS FEITOS NO MAR NEGRO.

VII.24

L'ensevely sortira du tombeau,
Fera de chaînes lier le fort du pont[4],
Empoisonné avec œufs du Barbeau[5],
Grand de Lorraine par le Marquis[6] du Pont[7].

Tradução:

O descendente do Capeto enterrado (Luís XVI) sairá da sombra e porá fim ao poderio marítimo (soviético), que

---

1 De *"mansionem":* "casa", "mansão". "Conjunto de pessoas que habitam uma casa", "família". D.A.F.L.
2 Latim, *"violo":* "cometo violência", "ataco". D.L.L.B.
3 Grego: "τέρας": "prodígio", "monstro". D.G.F.
4 Grego: "πόντός": "mar". D.G.F.
5 Bar-le-Duc, pátria do duque de Guise, conhecido como o "Cicatriz". As armas da cidade têm dois peixes-moela (ou peixes barbados). D.L.7 V.
6 Preposto encarregado da guarda das províncias militares das fronteiras do império. Era, originalmente, um chefe militar encarregado de uma *marka* ou fronteira.
7 Reino do Ponto: Estado situado na parte setentrional da Ásia Menor, às margens do Ponto Euxino (o mar Negro). D.L.7 V. Hoje, Armênia.

será envenenado pelo descendente dos Guise. O grande Loreno será a garantia das fronteiras do mar Negro.

O LORENO V PÕE FIM ÀS DISSENSÕES

Presságio 76, outubro

Par le legat[1] du terrestre et marin,
La grande Cape a tout s'accomoder[2]:
Estre à l'escoute tacite LORVARIN[3],
Qu'à son advis ne voudra accorder.

Tradução:
Por causa do embaixador da potência terrestre e marítima, o grande Capeto se reconciliará com todos; o Loreno V saberá escutá-los sem nada dizer, e só agirá de acordo com suas próprias opiniões.

LIBERTAÇÃO DO VATICANO POR HENRIQUE V

X.27

Par le[4] cinquiesme et un grand Herculès,
Viendront le temple[5] ouvrir de main bellique
Un Clément, Jule[6] et Ascans[7] reculés,
Lespe[8], clef[9] aigle, n'eurent onc si grand picque.

[1] Latim, *"legatus"*, substantivo masculino: "enviado", "deputado", "embaixador". D.L.L.B.
[2] "Acomodar-se", "reconciliar-se". D.L.7 V.
[3] Ducado da Lorena: o ducado da Alta Lorena teve como primeiro duque Frederico de Alsácia, irmão de Aldaberão, bispo de Metz e cunhado de Hugo Capeto (959). D.H.B. Nostradamus chama assim Henrique V, para acentuar sua ascendência capetiana. LORVARIN é anagrama de LORRAIN V.
[4] Muitas edições trazem *"Carle"* em lugar de *"Par le"*.
[5] Poético: Igreja Católica.
[6] Juliers: cidade da Alemanha. Hoje na República Federal da Alemanha.
[7] Ascaniano: uma das mais antigas famílias alemãs, tronco da família de Anhalt. Dela saíram soberanos de Brandemburgo e do Saxe. D.H.B. Território da República Democrática Alemã.
[8] Muitas edições trazem *"L'Espagne"* ("a Espanha") em vez de *"Lespe"*.
[9] Atributos do papado. As chaves eram um dos tipos de presentes que os pontífices davam aos soberanos, por ocasião de certas festividades. D.L.7 V.

Tradução:
O quinto (Henrique), que será também uma personagem grande e poderosa, reabrirá o Vaticano com uma força militar. Um papa chamado Clemente será eleito, quando as duas Alemanhas tiverem recuado. Jamais a Espanha e o papado terão sofrido um ataque tão grande de uma força militar (águia).

O REI DA FRANÇA, DA ITÁLIA E DA DINAMARCA. LIBERTAÇÃO DA ITÁLIA E DO MAR ADRIÁTICO.

IX.33

Hercules[1] Roy de Rome et d'Annemarc,
De Gaule trois le Guion[2] surnommé:
Trembler l'Itale et l'unde de Sainct Marc[3],
Premier sur tous Monarque renommé.

Tradução:
Hércules (rei da França) será rei de Roma e da Dinamarca. Por três chefes (de guerra ou de partidos) será chamado "O Guia da França". A Itália e o mar Adriático tremerão. Ele, o mais importante de todos os chefes de Estado, será um monarca famoso.

A RECONQUISTA DA FRANÇA. DERROTA DE UM LÍDER DO PACTO DE VARSÓVIA. O PAPEL DAS DIVISÕES BLINDADAS.

IX.93

Les ennemis du fort bien esloignez,
Par chariots conduict le bastion:
Par sur les murs de Bourges esgrongnez[4]
Quand Hercules battra l'Haemathion[5].

[1] Nostradamus chama de Hércules o último rei, para significar a força da personagem e os "trabalhos" que realizará.
[2] "Guia", "chefe". D.A.F.L.
[3] O leão de São Marcos: leão alado, símbolo da República de Veneza, cujo padroeiro é São Marcos. D.H.B.
[4] "Reduzir a pedaços", "partir". D.A.F.L.
[5] Essa palavra designa sempre um dirigente alemão. Cf. X.7.

Tradução:
Os inimigos serão rechaçados, e a defesa, assegurada pelos tanques; serão feitos em pedaços, em Bourges, quando o rei da França vencer o líder alemão (República Democrática Alemã).

O REI DA FRANÇA É RECONHECIDO. SUA VITÓRIA CONTRA O DIRIGENTE ALEMÃO. A DERROTA DO MUNDO MUÇULMANO.

Presságio 38, abril

Roy salué Victeur, Imperateur [1],
La foy faussée le Royal faict cogneu:
Sang Mathien, Roy faict superateur [2]
De gent superbe [3] humble par pleurs venu.

Tradução:
O rei será reconhecido como vencedor e como líder: depois de uma traição, sua origem real será conhecida. Será vencedor pelo sangue de um líder alemão. Os muçulmanos se tornarão humildes devido à sua desgraça.

A GUERRA NA GRÉCIA. INCÊNDIO DE ISTAMBUL POR OBRA DO REI DA FRANÇA.

IV.23

La legion [4] dans la marine classe
Calcine [5], Magne [6], souphre et poix [7] bruslera,
Le long repos de l'asseurée place,
Port Selin [8], Hercle feu les consumera.

---

[1] Latim, *"imperator"*: "aquele que comanda", "chefe". D.L.L.B.
[2] Latim, *"superator"*: "vencedor". D.L.L.B.
[3] Latim, *"superbes"*: "violento", "tirânico", "orgulhoso". D.L.L.B. Cf. II.79: *"La gent cruelle et fière"*.
[4] Latim, *"legio"*: "tropas", "exércitos". D.L.L.B.
[5] Calcedônia, cidade de Bitínia, no Bósforo, em frente a Bizâncio. D.H.B.
[6] *Maïna* ou *Magne*, região da Grécia (Moréia). D.H.B.
[7] Mineralogia, nome geralmente dado aos betumes; distinguem-se alguns tipos de betumes: nafta, petróleo, etc. D.L.7 V. Provavelmente, uma alusão ao napalm.
[8] Grego: "Ζελήνη": "Lua". D.G.F. O Crescente muçulmano.

Tradução:
Um exército transportado por mar incendiará a Trácia e a Moréia, depois de uma longa tranqüilidade nessas regiões; Hércules (rei da França) incendiará o porto muçulmano (Istambul).

A RESTAURAÇÃO DE UM BOURBON. O FIM DO REGIME REVOLUCIONÁRIO.

Sextilha 4

D'un rond [1], d'un lis [2] naistra un si grand Prince,
Bien tost, et tard venu dans sa Province [3],
Saturne en Libra en exaltation [4]:
Maison de Venus en decroissante force,
Dame en après masculin soubs l'escorce [5],
Pour maintenir l'heureux sang de Bourbon.

Tradução:
De um Capeto, da flor-de-lis (dos Bourbon) nascerá um grande príncipe, vindo cedo e tarde, ao mesmo tempo, à Provença; os tempos da justiça voltarão; o estabelecimento da mentira e da luxúria verá sua força diminuir, depois do reino da República, sob aparência masculina, para conservar a felicidade do sangue dos Bourbon.

MORTE DO CHEFE DE ESTADO. SUBSTITUIÇÃO POR UM JOVEM PRÍNCIPE.

IV.14

La mort subite du premier personnage
Aura changé et mis un autre au règne:
Tost, tard venu à si haut et bas aage,
Que terre et mer faudra qu'on le craingne.

---

[1] Latim, *"rota"*: o carro do Sol. D.L.L.B. Símbolo dos Capetos.
[2] Nome do emblema real. D.L.7 V.
[3] A província romana: a Provença. D.L.L.B.
[4] Latim, *"exalto"*: "elevo", "exalto". D.L.L.B.
[5] "Aparência", "exterior". D.L.7 V.

Tradução:
A morte súbita do chefe de Estado provocará uma mudança, e outro tomará o poder, vindo cedo e tarde, ao mesmo tempo, muito jovem; apesar de sua origem antiga, ele fará tremer a terra e o mar.

HENRIQUE V — UM LÍDER MUNDIAL

VI.70

Un chef du monde le grand CHIREN[1] sera:
PLUS OULTRE apres aymé craint redoubté:
Son bruit et los les cieux surpassera,
Et du seul titre Victeur fort contenté.

Tradução:
O grande Henrique será um líder do mundo. Será sempre mais amado, temido e respeitado. Sua fama e seus louvores passarão por baixo dos céus, e ele se contentará com o título de vencedor.

HENRIQUE V, REI DA FRANÇA.

IX.41

Le grand CHYREN soy saisir d'Avignon[2],
De Rome lettres en miel plein d'amertume
Lettre ambassade partir de Chanignon[3],
Carpentras pris par duc noir rouge plume.

Tradução:
O grande Henrique se apossará de Avignon quando receber de Roma cartas amargas; uma missão diplomática partirá de Canino, quando Carpentras for tomada por um general negro de penacho vermelho.

---

[1] Anagrama de HENRIC, do latim *Henricus:* Henrique.
[2] Cf. *"En Avignon tout le chef de l'Empire"*.
[3] Afrancesamento do nome da cidade italiana de Canino.

DERROTA DO EXÉRCITO VERMELHO NA ITÁLIA. O DIRIGENTE INIMIGO PRISIONEIRO DO REI HENRIQUE.

IV.34

Le grand mené captif d'estrange terre,
D'or enchaîné au Roy CHYREN offert:
Qui dans Ausone[1] Milan perdra la guerre,
Et tout son ost[2] mis a feu et a fer.

Tradução:
O grande líder de um país estrangeiro (Rússia?), levado como prisioneiro, será apresentado como prisioneiro do seu ouro ao Rei Henrique. Na Itália, em Milão, ele será derrotado e todo o seu exército será entregue ao fogo e ao ferro da guerra.

INVASÃO DA ÁUSTRIA, DA ALEMANHA E DA FRANÇA. DERROTA DAS TROPAS RUSSO-MUÇULMANAS NOS ALPES

V.68

Dans le Dannube et du Rhin viendra boire,
Le grande Chameau[3] ne s'en repentira:
Trembler du Rosne, et plus fort ceux de Loire,
Et près des Alpes Coq le ruinera.

Tradução:
O grande chefe russo-muçulmano virá beber no Danúbio e no Reno. Os habitantes das margens do Ródano tremerão e, mais ainda, os do Loire. Depois, perto dos Alpes, o rei o arruinará.

---

[1] Latim, *Ausonia:* antiga região da Itália. Por extensão, a Itália.
[2] "Exército", "campo militar". D.A.F.L.
[3] Os camelos, aparentemente, são originários da Ásia Central... É o animal mais útil para o transporte na Ásia Central, no *Turquestão,* no *Afeganistão,* na Mongólia, no sul da *Sibéria* e no norte da *Pérsia.* D.L.7 V. Nostradamus se refere a um comandante das tropas russo-muçulmanas. Cf. X.37.

O FIM DA REVOLUÇÃO. O REI RECEBIDO EM AIX E SAGRADO EM REIMS.

IV.86

L'an que Saturne en eau sera conjoinct,
Avecques Sol, le Roy fort et puissant,
A Reims et Aix sera receu et oingt,
Après conquestes meurtrira innocens.

Tradução:

No ano em que a revolução e a monarquia se unirem, o rei forte e poderoso será recebido em Aix e sagrado em Reims; depois, pelas conquistas, ele matará os inimigos inofensivos.

O REI DA FRANÇA PÕE FIM À GUERRA E LIBERTA O SUDOESTE

VII.12

Le grand puisnay fera fin de la guerre,
Aux dieux assemble les excusez[1]:
Cahors, Moissac iront loin de la serre[2]
Refus[3] Lectore, les Agenois razez.

Tradução:

O que nasceu em segundo lugar (Henrique V, depois de Juan Carlos I) porá fim à guerra, e, com a graça de Deus, reunirá aqueles que haviam sido banidos. Estes libertarão Cahors e Moissac. Os ocupantes de Lectoure serão vencidos e Agen será arrasada.

O GRANDE REI ORGANIZA UM EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO. COMBATES NO LANGUEDOC.

I.99

Le Grand Monarque que fera compagnie
Avec deux Roys unis par amitié:

[1] Latim, *"excussus"*: "banido", "rejeitado", "repelido". D.L.L.B.
[2] Ato de fechar, submeter a uma pressão. D.L.7 V.
[3] Latim, *"refusus"*: "repelir", "recusar". D.L.L.B.

O quel souspir fera la grand mesgnie[1]
Enfans Narbon à l'entour, quelle pitié!

Tradução:

O grande rei organizará um exército. Os dois reis (França e Espanha) se unirão por amizade. Oh! que suspiro (de alívio) dará o grande exército! Que pena das crianças nas cercanias de Narbonne!...

O QUARTEL-GENERAL DO REI DA FRANÇA EM ARIÈGE

IX.10

Moyne moynesse d'enfant[2] mort exposé,
Mourir par ourse et ravy par verrier[3]
Par Fois et Pamyes le camp sera posé,
Contre Tholose Carcass dresser forrier[4].

Tradução:

Um religioso e uma religiosa verão uma criança ameaçada. Ela será morta pelos russos, depois de capturada por um chefe italiano. O acampamento do exército de libertação será estabelecido em Ariège e um oficial, enviado do rei, se lançará contra Toulouse e Carcassonne (ocupadas).

O REI DA FRANÇA CHEGA AOS PIRENEUS. A MONARQUIA E O FIM DO SUFRÁGIO UNIVERSAL.

IX.73

Dans Fois[5] entrez Roy cerulée[6] Turban,
Et régnera moins evolu[7] Saturne:

[1] "Tropa." D.A.F.L.
[2] Somente os acontecimentos revelarão a identidade da criança em questão.
[3] As grandes fábricas de vidro existiam no Império Romano, e, depois, na Idade Média (na Itália). E.U.
[4] Oficial que precede um príncipe em viagem, encarregado de providenciar o alojamento da corte. D.L.7 V.
[5] Cidade principal de Navarra.
[6] "Azulado", "azul". D.A.F.L. Cor dos duques de França. D.L.7 V.
[7] Latim, *"evolutus"*: "passado", "decorrido". D.L.7 V.

Roy Turban blanc Bisance cœur ban [1],
Sol, Mars, Mercure [2] près la hurne [3].

Tradução:
O rei da França, com emblema azul, reinará durante pouco tempo. O chefe turco de turbante branco será banido do seu país: a monarquia reinará depois da guerra e do desaparecimento do sufrágio universal.

LIBERTAÇÃO DOS PIRENEUS ATÉ ROMA

VI.1

Autour des Monts Pyrénées grand amas,
De gent estrange secourir Roy nouveau:
Près de Garonne du grand temple du Mas [4]
Un Romain chef le craindra dedans l'eau.

Tradução:
Em volta dos Pireneus serão reunidas grandes tropas estrangeiras (americanas), que virão em socorro do novo rei, perto do Garona, em Mas-d'Agenais, que um chefe de Roma deverá temer durante a revolução.

A RECONQUISTA DA ESPANHA ATÉ A ITÁLIA

X.11

Dessus Jonchère [5] du dangereux passage,
Fera passer le posthume [6] sa bande [7],

[1] Substantivo verbal de *"bannir"* ("banir"). D.L.7 V.
[2] Deus dos ladrões. D.L.7 V.
[3] A urna, símbolo do sufrágio universal.
[4] Mas-d'Agenais: centro principal de um cantão de Lot-et-Garonne, às margens do Garona. Supõe-se que nas proximidades tenha existido o templo galo-romano de Vernemet. D.L.7 V.
[5] Afrancesamento de Junquera, cidadezinha da Espanha (Catalunha, província da Girona), na vertente meridional dos Alberes. D.L.7 V.
[6] Latim, *"posthumus"*: o último, nascido depois da morte do pai. D.L.L.B.
[7] Tropa organizada para combater sob uma mesma bandeira. D.L.7 V.

Les monts Pyrens passer hors son bagage [1],
De parpignan courira [2] Duc [3] à Tende [4].

Tradução:
Por sobre a perigosa passagem da Junquera, o último (dos Bourbon) fará passar sua tropa e atravessará os Pireneus com seus armamentos, e seguirá o general (inimigo) até o vale de Tende.

O JOVEM PRÍNCIPE RESTAURA A PAZ. SUA SAGRAÇÃO.

IV.10

Le jeune prince accusé faussement,
Mettra en trouble le camp [5] et en querelles:
Meurtry le chef pour le soustenement [6]
Sceptre appaiser: puis guerir escrouëlles [7].

Tradução:
O jovem príncipe será acusado injustamente, e provocará distúrbios e perturbações em todo o território. Matará o chefe (inimigo) por sua coragem; restaurará a paz por seu poder, e depois curará as escrófulas (será sagrado).

[1] "Anel", "armas". D.A.F.L.
[2] "Perseguir", "procurar impedir o curso de".
[3] Latim, *"dux"*: "chefe de um exército", "general". D.L.L.B.
[4] Uma das passagens da cadeia dos Alpes Marítimos, entre Nice e Coni. D.H.B.
[5] Latim, *"campus"*: "território". D.L.L.B.
[6] Latim, *"sustinentia"*: "paciência", "coragem".
[7] O rei da França e o da Inglaterra, supostamente, tinham o poder de curar as escrófulas. Na França, depois da cerimônia da sagração, o rei tocava, pela primeira vez, os doentes. Punha as mãos sobre eles dizendo: "O rei te toca, Deus te cura". Esse costume subsistiu até Luís XIV, que chegou a tocar cerca de mil doentes. D.L.7 V.

O REI SAGRADO PELO PAPA. SUA LUTA CONTRA AS FORÇAS DA ESQUERDA, NA ITÁLIA.

V.6

Au Roy l'Augur[1] sur le chef la main mettre,
Viendra prier pour la paix Italique:
A la main gauche viendra changer de sceptre[2],
De Roy viendra Empereur pacifique.

Tradução:
O papa colocará a mão sobre a cabeça do rei (para sagrá-lo) e pedirá pela paz na Itália. Ele mudará o poder das forças da esquerda e esse rei terá governo pacífico.

O FIM DA REPÚBLICA COM A GUERRA. O FIM DE GRANDES REPÚBLICAS: A RÚSSIA.

Presságio 10, maio

Au menu peuple par débats et querelles,
Et par les femmes et défunts grande guerre:
Mort d'une Grande. Celebrer escrouëlles.
Plus grandes Dames expulsées de la terre.

Tradução:
O zé-povinho (o proletariado) será agitado por debates e discussões por causa das mulheres e dos mortos da grande guerra. A República (uma grande: Marianne) morrerá. Será celebrada a sagração e muitas grandes repúblicas (URSS, por exemplo) serão eliminadas da Terra.

O FIM DA REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE

VIII.18

De FLORE[3] issuë de sa mort sera cause,
Un temps devant par jeusne et vieille bueyre[4]

[1] Latim: "profeta". D.L.L.B. Observar o *A* maiúsculo. Usado por Nostradamus para designar o papa. Cf. II.36: "Do grande profeta..."
[2] "Autoridade exercida de modo absoluto." D.L.7 V.
[3] Mulher de Zéfiro, o vento do Ocidente.
[4] *Occitan:* "confusão", "perturbação". D.P.

Car les trois Lys luy feront telle pause,
Par son fruit sauve comme chair cruë mueyre[1].

Tradução:
Sua origem ocidental será a causa de sua morte (a revolução), um momento antes da volta de uma antiga confusão, pois as três flores-de-lis (os Bourbon) lhe farão tal oposição que seu filho salvo (Luís XVII) será transformado em carne viva.

ORIGEM CAPETIANA DO REI. O REI PERSEGUE OS MUÇULMANOS E DEVOLVE À IGREJA SEU ESTADO PRIMITIVO.

V.74

De sang Troyen naistra cœur Germanique,
Qui deviendra en si haute puissance:
Hors chassera gent estrange Arabique,
Tournant l'Église en pristine prééminence.

Tradução:
De sangue capetiano, o rei nascerá com sentimentos pró-germânicos, e alcançará tão grande poder, que expulsará os muçulmanos da França e devolverá à Igreja seu estado primitivo.

HENRIQUE V LIBERTA OS CRISTÃOS PRISIONEIROS DOS ÁRABES

II.79

La barbe crespe et noire par engin[2]
Subjuguera la gent cruelle et fière:
Un grand Chyren ostera du longin[3]
Tous les captifs par Seline bannière.

[1] *"Muer":* "mudar". D.A.F.L.
[2] Latim, *"ingenium":* "inteligência", "espírito". D.L.L.B.
[3] Latim, *"longinque":* "ao longe". D.L.L.B.

Tradução:

Ele subjugará com seu gênio a raça cruel e orgulhosa de barba crespa e negra. O grande Henrique libertará, num lugar distante, todos os prisioneiros da bandeira do Crescente.

O REI EM MÔNACO. DERROTA DO PACTO DE VARSÓVIA.

VIII.4

Dedans Monech[1] le Coq sera receu,
Le Cardinal de France apparoistra:
Par Logarion[2] Romain sera deceu,
Foiblesse à l'Aigle, et force au Coq naistra.

Tradução:

O rei será recebido em Mônaco; um cardeal francês aparecerá. O chefe romano (o papa) ficará desiludido com o discurso de um chefe inglês, a águia (do Pacto de Varsóvia) se enfraquecerá e a força do rei começará a se manifestar.

DESEMBARQUE DO REI EM MÔNACO. ELE INSTALA SEU ESTADO-MAIOR EM ANTIBES E EXPULSA AS TROPAS MUÇULMANAS.

X.87

Grand roy viendra prendre port près de Nisse
Le grand empire de la mort si en fera
Aux Antipolles[3] posera son genisse[4]
Par mer la Pille[5] tout esvanouyra.

Tradução:

O grande rei desembarcará perto de Nice (Mônaco) e

---

1 Mônaco. D.H.B.
2 Palavra formada de duas palavras gregas: "λογος": "discurso", e "Αριων": "Arion", nome do cavalo que Netuno fez surgir da terra com um golpe de tridente. D.L.7 V.
3 *Antipolis:* Antibes. D.H.B.
4 Por *"génie"* ("gênio"). Paragoge, em função da rima.
5 Cf. II.4.

agirá contra o grande império (soviético); revelará seu gênio em Antibes e expulsará os piratas do mar.

A RECONQUISTA ATÉ ISRAEL

Sextilha 30

Dans peu de temps Medecin du grand mal,
Et la Sangsuë[1] d'ordre et rang inégal,
Mettront le feu à la branche d'Olive[2],
Poste[3] courir[4], d'un et d'autre costé,
Et par tel feu leur Empire accosté
Se ralumant du franc finy salive[5].

Tradução:

Em pouco tempo, aquele que trará o remédio para a grande catástrofe (a Terceira Guerra Mundial) e os países da revolução (os países do leste), desiguais em natureza e em posição, levarão a guerra a Israel; depois ele os perseguirá em suas posições de todos os lados, e o império (soviético) será atingido pelo fogo da guerra, que, recomeçando, porá fim, na França, ao regime dos discursos políticos.

O GRANDE HENRIQUE E OS MUÇULMANOS. UM EXÉRCITO ESPANHOL EM SOCORRO DE ISRAEL.

VIII.54

Soubs la couleur du traicté mariage,
Fait magnanime par grand Chyren[6] selin[7]:
Quintin, Arras recouvrez au voyage,
D'Espagnols faict second banc[8] macelin[9].

---

1 "A sugadora de sangue", "sanguessuga".
2 Monte das Oliveiras, colina vizinha à cidade de Jerusalém, na qual se passaram algumas cenas da Paixão. D.L.7 V.
3 "Posição." D.A.F.L.
4 "Perseguir." D.L.7 V.
5 Alusão às campanhas eleitorais.
6 Anagrama de HENRICUS: Henrique.
7 Grego: "Σελήνη": "Lua". D.F.G. O Crescente muçulmano.
8 Latim, *"bancus":* peixe marítimo desconhecido. D.L.L.B.
9 Latim, *"macellum":* "mercado" (onde se vendem carnes, ovos, *peixe,* legumes). D.L.L.B. Alusão aos lugares santos, ponto de partida do cristianismo. Cf. *"Le basacle",* sextilha 31.

Tradução:

Sob pretexto de uma aliança, o grande Henrique terá uma atitude magnânima para com os muçulmanos. Saint-Quentin e Arras serão libertadas durante seu périplo. E uma segunda ação de guerra será levada a cabo pelos espanhóis, em Israel.

RIVALIDADE ENTRE OS REIS DA FRANÇA E DA ESPANHA. DERROTA DAS FORÇAS MUÇULMANAS. LIBERTAÇÃO DA INGLATERRA E DA ITÁLIA.

VI.58

Entre les deux monarques eslongnez,
Lorsque le Sol par Selin[1] clair perdue:
Simulte[2] grande entre deux indignez,
Qu'aux Isles et Sienne la liberté, rendue.

Tradução:

Entre os dois reis (França e Espanha), que estarão afastados um do outro, quando o Bourbon apagar o brilho (poder) das forças do Crescente, haverá grande rivalidade, indigna deles, quando as ilhas Britânicas e a Itália forem libertadas.

LIBERTAÇÃO DA ITÁLIA PELO REI DA FRANÇA E SUA LUTA CONTRA AS FORÇAS MUÇULMANAS

IV.77

SELIN[3] Monarque l'Italie pacifique,
Regnes unis, Roy Chrestien du monde:
Mourant voudra coucher en terre blésique[4],
Après pyrates avoir chassé de l'onde.

---

[1] Grego: "Σελήνη": "Lua", "luar". D.G.F.
[2] Latim, *"simultas":* "rivalidade". D.L.L.B.
[3] Grego: "Σελήνη": "Lua". D.G.F. Crescente dos muçulmanos.
[4] Blaisois ou Blésois: pequena região, que tinha como capital Blois. D.H.B.

Tradução:

O rei da França levará a paz à Itália, derrotando os muçulmanos. Os países se unirão. Ele será um rei cristão mundial e pedirá para ser enterrado em Blois, depois de haver derrotado, nos mares, as frotas muçulmanas.

SECESSÃO NA ITÁLIA. APOIO DO REI DA FRANÇA.

VI.78

Crier victoire du grand Selin[1] Croissant,
Par les Romains sera l'Aigle clamé,
Ticcin, Milan, et Gennes ny consent,
Puis par eux mesmes Basil[2] grand réclamé.

Tradução:

A vitória dos muçulmanos será anunciada com grandes brados. Os romanos pedirão o auxílio da águia (americanos). Ticino e o norte da Itália recusarão esse auxílio, mas depois reclamarão a presença do grande rei (da França).

O SUCESSOR DE JOÃO PAULO II. ALIANÇA ENTRE O PAPA E O REI DA FRANÇA.

Sextilha 15

Nouveau esleu patron du grand vaisseau[3],
Verra long temps briller le cler flambeau
Qui sert de lampe[4] à ce grand territoire,
Et auquel temps armez sous son nom,
Joinctes à celles de l'heureux de Bourbon
Levant, Ponant, et Couchant sa mémoire.

Tradução:

Quando um novo chefe do grande barco da Igreja for

---

[1] Grego, "Σελήνη", D.G.F. A lua crescente, símbolo dos muçulmanos.
[2] Grego: "βασιλεύς": "rei". D.G.F.
[3] O barco de São Pedro.
[4] Origem metafórica da vida ou da luz. D.L.7 V.

eleito, brilhará por muito tempo essa chama luminosa que é o símbolo da vida no mundo. Nessa época, os exércitos se reunirão sob seu nome e serão aliados aos do rei da França, cuja memória permanecerá nos países do Leste, nos países árabes e africanos e na América.

DESENTENDIMENTOS ENTRE OS TRÊS GRANDES: ESTADOS UNIDOS, RÚSSIA E CHINA. O FIM DO REINADO DO REI DA FRANÇA.

Presságio 44, outubro

Icy dedans se parachevera
Les trois Grands hors [1] le BON BOURG sera loing
Encontre d'eux l'un d'eux conspirera,
Au bout du mois on verra le besoin [2].

Tradução:
Aqui (na França) seu reino se acabará. As três grandes potências (Estados Unidos, Rússia e China) farão acordos e o Bourbon estará longe. Um dos três (a China) conspirará contra os dois outros, e, no fim de outubro, serão vistas suas obras.

O FIM DO PROTESTANTISMO NA SUÍÇA. A MORTE DO GRANDE REI.

VIII.5

Apparoistra temple [3] luisant orné [4]
La lampe et cierge [5] à Borne [6] et Breteuil [7]

[1] "Maquinação", "astúcia". D.A.F.L.
[2] "Obra", "tarefa". D.L.7 V.
[3] Poético: a Igreja Católica. D.L.7 V.
[4] Latim, *"ornatus"*: "distinto", "honrado", "considerado". D.L.L.B.
[5] Alusão à lâmpada e aos círios acesos no altar, durante a missa.
[6] Cidadezinha dos Países Baixos. D.L.7 V. Região de maioria protestante.
[7] Centro de um cantão do Oise, na nascente do *Noye,* na Picardia. D.L.7 V.

Pour la Lucerne [1] le canton destorné [2],
Quand on verra le grand Coq au cercueil.

Tradução:
A Igreja Católica brilhará e será honrada; serão realizadas missas na Holanda e na Picardia. Na Suíça haverá mudança de ideologia religiosa, quando o grande rei morrer.

O REI DA FRANÇA RECEBIDO NO CAIRO

X.79

Les vieux chemins seront tous embellis.
L'on passera à Memphis [3] somentrées [4]:
Le Grand Mercure [5] d'Hercules fleur de lys,
Faisant trembler terre, mer et contrées.

Tradução:
Os antigos caminhos serão enfeitados no acesso ao Cairo [6], cuja população será avisada da presença do poderoso rei da flor-de-lis, que fará tremer muitos países, em terra e no mar.

[1] Cidade da Suíça, centro do cantão de Lucerna, noventa e quatro quilômetros a sudeste de *Basiléia.* D.H.B.
[2] "Mudar de direção." D.L.7 V. Nostradamus indica o fim da "heresia" protestante citando os lugares geográficos precisos que têm relação com a vida de Calvino: "João Calvino, fundador da Reforma na França, nasceu em *Noyon,* na Picardia, em 1509, e morreu em Genebra, em 1564... No outono de 1554, retirou-se para Estrasburgo, depois para *Basiléia.* Nesta cidade, termina em 1535 seu livro, a *Instituição cristã...* Ao mesmo tempo, ocupa-se da divulgação externa da sua doutrina; correspondia-se com a França, os *Países Baixos,* a Escócia, a Inglaterra e a Polônia". D.L.7 V.
[3] Cidade do antigo Egito, na margem esquerda do Nilo, ao sul das célebres pirâmides de Gizé. Quando o Egito se tornou um único império, foi, durante algum tempo, sua capital. D.H.B.
[4] "Advertir." D.A.F.L.
[5] É representado por um belo jovem. D.H.B.
[6] Cf. V.81.

O REI DA FRANÇA NO EGITO.
QUEDA DO MURO DE BERLIM.
OS RUSSOS EM PARIS, EM SETE DIAS.

V.81

L'oyseau Royal sur la cité solaire [1]
Sept mois devant fera nocturne augure
Mur d'Orient cherra tonnerre esclaire,
Sept jours aux portes les ennemis à l'heure.

Tradução:

O rei, no Cairo, fará uma sombria advertência sete meses antes (do fim da guerra). O muro (da Europa) do leste (Berlim) cairá sob a tempestade e o fogo da guerra, bem como os inimigos que haviam atingido Paris em sete dias.

[1] Latim, *Solis Urbs:* Heliópolis. D.L.L.B. Heliópolis, ou seja, Cidade do Sol, cidade do Baixo Egito, situada onze quilômetros a nordeste do Cairo. D.H.B.

O importante papel da África do Sul no Terceiro Conflito Mundial

A RÚSSIA E O PACTO DE VARSÓVIA
CONTRA A ÁFRICA DO SUL.
COMBATES NA PALESTINA.

Sextilha 56

Tost l'Éléphant [1] de toutes parts verra
Quand pourvoyeur au Griffon [2] se joindra,
Sa ruine proche, et Mars qui toujours gronde
Fera grands faits aupres de terre saincte,
Grands estendars [3] sur la terre et sur l'onde,
Si [3] la nef a esté de deux frères enceinte.

Tradução:

A África do Sul verá de todas as partes (os acontecimentos), quando o provedor (russo) se juntar ao Pacto de Varsóvia. Sua ruína se aproxima e a guerra causará grandes acontecimentos perto da Terra Santa (Israel). Haverá em Israel, na terra e no mar, grandes forças militares, quando a Igreja adotar dois irmãos (João Paulo I e João Paulo II).

[1] Olifant (do latim, *"elephantus":* "elefante"): nome dado a várias montanhas e rios da África austral, por causa dos elefantes encontrados em grande número, nessa região, pelos europeus que a visitaram. Os montes Olifant se encontram na parte ocidental da Cidade do Cabo, perto de um pequeno rio, Olifant, que desemboca no Atlântico. D.L.7 V.
[2] Cf. X.86: "Como um grifo, o rei da Europa virá".
[3] Insígnia de guerra. D.L.7 V.
[4] Latim: "no caso de", "com a condição de", "quando". D.L.L.B.

A EUROPA ORIENTAL E O EXÉRCITO SUL-AFRICANO

Sextilha 29

Le Griffon [1] se peut apprester
Pour à l'ennemy resister,
Et renforcer bien son armée,
Autrement l'Éléphant [2] viendra
Qui d'un abord le surprendra,
Six cens et huict, mer enflammée.

Tradução:
A Europa Oriental (o Pacto de Varsóvia) pode se preparar para resistir ao inimigo e reforçar seu exército, pois as tropas vindas da África do Sul virão surpreendê-la.

DERROTA DO BLOCO ORIENTAL

Sextilha 39

Le pourvoyeur du monstre sans pareil,
Se fera voir ainsi que le Soleil,
Montant le long la ligne Méridienne,
En poursuivant l'Éléphant et le loup [3],
Nul Empereur ne fit jamais tel coup,
Et rien plus pis à ce Prince n'advienne.

Tradução:
O provedor (russo) de um flagelo sem igual se mostrará ao mesmo tempo que o Bourbon, subindo na direção do meridiano, perseguindo a África do Sul e a Alemanha. Nenhum imperador (Hitler, por exemplo) jamais deu tal golpe, mas nada de pior poderá acontecer ao chefe.

---

[1] Cf. X.86 e sextilha 56.
[2] Cf. sextilha 56.
[3] A África do Sul (o Cabo) e a Alemanha estão situadas no mesmo meridiano.

O fim da civilização ocidental

O penúltimo papa: sua fixação e morte no monte Aventino.

O Anticristo. Seu nascimento na Ásia.

Sua eleição.

GUERRAS DO ANTICRISTO

Invasão da França (Rouen e Evreux).
O fim do reinado de Henrique V.
Ruína econômica de Israel.
Aliança dos amarelos com os muçulmanos.
Aliança dos brancos com os negros.
Queda da Europa.
Conquista da Espanha.
Perseguições religiosas.
Queda de Roma e do Vaticano.
Captura do último papa.
O fim da monarquia e a queda da Igreja Católica.

A SANTA SÉ MUDA DE LUGAR

VIII.99

Par la puissance des trois Roys temporels,
En autre lieu sera mis le saint-siège:
Où la substance de l'esprit corporel [1],
Sera remis et reçu pour vray siège.

---

[1] "Corporal": o linho bento que o padre estende sobre o altar para depositar o cálice e a hóstia, durante a missa. Essa peça litúrgica, que representa o sudário de Jesus Cristo, era, originalmente, bem maior do que hoje. D.L.7 V.

Tradução:
Por causa do poder de três chefes de Estado, a Santa Sé será instalada em outro lugar (não no Vaticano) e a missa será celebrada novamente.

O SUCESSOR DE JOÃO PAULO II SE INSTALA E MORRE NO MONTE AVENTINO

II.28

Le penultième du surnom de prophète [1],
Prendra Diane [2] pour son jour et repos
Loing vaguera [3] par frenetique [4] teste,
En delivrant un grand peuple d'impos.

Tradução:
O penúltimo papa se estabelecerá no monte Aventino, e aí morrerá; o trono de São Pedro ficará vago por causa de um chefe louco vindo de longe, que libertará um grande povo (chinês) dos impostos.

O ANTICRISTO, FILHO DE UM MONGE BUDISTA OU ZEN. O ANTICRISTO, UM GÊMEO.

I.95

Devant moustier [5] trouvé enfant besson [6].
D'héroicq [7] sang de moyne vetutisque [8],
Son bruit par secte, langue et puissance son,
Qu'on dira soit eslevé le vopisque [9].

---

1 Latim, *"propheta":* "sacerdote que prevê o futuro". D.L.L.B. O papa é um sacerdote. Cf. II.36.
2 O templo de Diana, em Roma, ficava no monte Aventino. D.L.7 V.
3 "Vagar." D.A.F.L. "Estar vago, desocupado." D.L.7 V.
4 "Tomado de loucura furiosa." D.L.7 V.
5 Forma popular de *"monastère":* "monastério". D.E.N.F.
6 "Gêmeo." D.A.F.L.
7 "Nobre", "elevado", "épico". D.L.7 V.
8 Latim, *"vetustico":* "envelheço". D.L.L.B.
9 Latim, *"vopiscus":* "gêmeo que sobrevive".

Tradução:
Um gêmeo será encontrado num monastério, originário do sangue nobre de um monge muito velho. Seu ruído será grande por seu partido, sua língua e o poder de sua voz; por isso, pedirão que seja levado ao poder o gêmeo sobrevivente.

NASCIMENTO DO ANTICRISTO NA ÁSIA. SUA PENETRAÇÃO ATÉ A FRANÇA.

V.84

Naistra du gouphre et cité immesurée,
Nay de parents obscurs et ténébreux [1]:
Quand la puissance du grand Roy revérée,
Voudra destruire par Rouen et Evreux.

Tradução:
Ele nascerá da infelicidade e numa cidade incomensurável (cidade chinesa ou japonesa), filho de pais obscuros e pérfidos; quando o poder do grande rei (da França) for reconhecido, ele destruirá (o Ocidente) até Rouen e Evreux.

INVASÃO DA FRANÇA E DA ITÁLIA, VINDA DA ÁSIA.

II.29

L'Oriental sortira de son siège
Passer les monts Apennins voir la Gaule.
Transpercera le ciel les eaux les neiges
Et un chacun frappera de sa gaule [2].

Tradução:
O chefe asiático sairá de seu país para atravessar os Apeninos e chegar à França. Atravessará o céu (invasão aérea), os rios e as montanhas, e sobrecarregará os países de impostos.

---

1 "Secreto", "pérfido". D.L.7 V.
2 "Imposto." D.L.7 V.

ATAQUE AÉREO CONTRA O PALÁCIO DO REI DA FRANÇA. SETE MESES DE GUERRA SANGRENTA. INVASÃO EM ROUEN E EVREUX. A QUEDA DO REI.

IV.100

De feu celeste au Royal édifice
Quand la lumière de Mars deffaillera
Sept mois grand guerre, mort gent de maléfice,
Rouën, Evreux au Roy ne faillira.

Tradução:
O palácio do rei será destruído por um foguete quando as luzes da guerra declinarem. Grande será a guerra durante sete meses, e provocará a morte do povo com suas calamidades, e a invasão até Rouen e Evreux provocará a queda do rei.

O NASCIMENTO DO ANTICRISTO. FOME NO PLANETA.

III.42

L'enfant naistra à deux dents en la gorge,
Pierre en Tuscie [1] par pluy tomberont,
Peu d'ans après ne sera bled ni orge,
Pour saouler ceux qui de faim failliront.

Tradução:
A criança nascerá com dois dentes na garganta, haverá na Itália (Toscana) chuva de pedras (bombardeios?). Alguns anos mais tarde, não haverá trigo nem cevada para satisfazer os homens, que morrerão de fome.

[1] Uma das dezessete províncias da diocese da Itália no século IV: compreendia a Etrúria e a Umbria, e tinha como cidade principal Florença. D.H.B.

O ANTICRISTO: O MAIOR INIMIGO DA ESPÉCIE HUMANA.

X.10

Tasche de murdre [1] enormes adultères [2],
Grand ennemy de tout le genre humain:
Que sera pire qu'ayeuls, oncles ne peres [3],
En fer, feu, eau, sanguin et inhumain.

Tradução:
Marcado pelas mortes e pelos crimes abomináveis, o grande inimigo do gênero humano será pior do que todos os seus precedentes. Com o ferro e o fogo da guerra e da revolução, ele fará correr o sangue de modo desumano.

NASCIMENTO DO ANTICRISTO. UTILIZAÇÃO DE INSETICIDAS DESFOLHANTES. A FOME. DEPORTAÇÕES NA ÁSIA (CAMBOJA—VIETNAM).

II.7

Entre plusieurs aux isles desportez,
L'un estre nay a deux dents en la gorge:
Mourront de faim les arbres esbrotez [4],
Pour eux neuf Roy, nouvel edict leur forge.

Tradução:
Muitos homens serão deportados para as ilhas, entre eles um que nascerá com dois dentes na garganta. Os homens morrerão de fome por causa dos desfolhantes. Um novo chefe lhes imporá novas leis.

[1] Forma primitiva de *"meurtre"* ("assassinato"). D.A.F.L.
[2] Latim, *"adulterium"*: "comércio criminoso". D.L.L.B.
[3] Inclusive Hitler!
[4] Provençal, *"esbroutar"*: "podar". D.P.

ELEIÇÃO DO ANTICRISTO.
SEU DOMÍNIO SOBRE OS MAIORES ESTADOS.

VIII.41

Esleu sera Renard[1] ne sonnant mot[2],
Faisant le sainct public vivant pain d'orge[3],
Tyrannizer après tant a un cop?
Mettand à pied des plus grands sur la gorge[4].

Tradução:
Um homem astucioso será eleito sem nada dizer; passará por santo, vivendo vida simples. Depois, subitamente, exercerá sua tirania, colocando os maiores Estados sob uma tirania absoluta.

O ANTICRISTO.
OS PAÍSES COMUNISTAS DA ÁSIA ENVOLVIDOS NA GUERRA (1999).

X.66

Le chef de Londres par regne l'Americh,
L'isle d'Escosse t'empiera par gelée[5]:
Roy Reb[6] auront un si faux Antechrist,
Que les mettra trestous dans la meslée.

Tradução:
O chefe do governo inglês será apoiado pelo poder dos Estados Unidos, quando o frio tornar o solo da Escócia duro como pedra; os chefes vermelhos terão à sua frente um Anticristo tão pervertido que levará todos à guerra.

---

1 Em sentido figurado: "homem astucioso". D.L.7 V.
2 "Não dizer uma palavra", "calar-se". D.L.7 V.
3 "Muito grosseiro." D.L.7 V.
4 "Pôr o pé na garganta": "exercer uma tirania absoluta". D.L.7 V.
5 Alusão a um inverno particularmente rigoroso.
6 Latim, *"robeus"*: "vermelho". D.L.L.B.

OS VINTE E SETE ANOS DE GUERRA DO ANTICRISTO
(1999-2026)

VIII.77

L'antechrist trois bien tost annichilez,
Vingt et sept ans sang durera sa guerre:
Les heretiques[1] morts, captifs exilez,
Sang corps humain eau rougie greler terre.

Tradução:
O Anticristo aniquilará logo três países. A guerra que ele conduzirá durará vinte e sete anos. Seus oponentes serão mortos, e os prisioneiros, deportados. O sangue dos corpos tingirá de vermelho a água, a terra será crivada de golpes (foguetes, bombardeios).

ALIANÇA ENTRE OS MUÇULMANOS E OS ASIÁTICOS.
INVASÃO DA EUROPA.
PERSEGUIÇÃO DOS CRISTÃOS.

VI.80

De Fez le regne parviendra à ceux d'Europe,
Feu leur cité, et lame tranchera:
Le grand d'Asie terre et mer à grand troupe,
Que bleux[2], pers[3], croix à mort déchassera.

Tradução:
O poder do Marrocos chegará até a Europa, incendiará as cidades e massacrará seus habitantes. O grande chefe asiático lançará novos exércitos por terra e por mar, os amarelos, de pele pálida, perseguirão os cristãos para destruí-los.

---

1 Por extensão, quem professa opiniões contrárias às geralmente aceitas. D.L.7 V.
2 Não indica uma cor bem definida. "Pálido." Do latim, *"flavus"*, "amarelo". D.A.F.L.
3 "Lívido", "pálido". D.A.F.L.

GRANDES MUDANÇAS COM O FIM DA REPÚBLICA. ATAQUE AÉREO.

I.56

Vous verrez tard et tost faire grand change,
Horreurs extrêmes et vindications.
Que si la Lune conduicte par son ange,
Le ciel [1] s'approche des inclinations [2].

Tradução:
Assistireis, cedo ou tarde, a grandes mudanças, horrores terríveis e vinganças, até que a República esteja morta; as mudanças serão, então, causadas pelo céu.

INVASÃO AMARELA ATRAVÉS DA RÚSSIA E DA TURQUIA

V.54

Du pont Euxine [3], et la grand Tartarie [4],
Un Roy sera qui viendra voir la Gaule,
Transpercera Alane [5] et l'Arménie,
Et dans Bizance lairra [6] sanglante Gaule [7].

Tradução:
Do mar Negro e da China, um chefe virá até a França, depois de ter atravessado a Rússia e a Armênia, e deixará seu pavilhão vermelho-sangue na Turquia.

O FIM DO REI DA FRANÇA. O PODERIO DO LÍDER ASIÁTICO.

X.75

Tant attendu ne reviendra jamais,
Dedans l'Europe, en Asie apparoistra:

[1] Alusão a X.72: "Do céu virá um grande rei amedrontador".
[2] Latim, *"inclinatio"*: "mudança", "variação", "vicissitude". D.L.L.B.
[3] O Ponto Euxino, antigo nome do mar Negro. D.H.B.
[4] A Tartária asiática se dividia em Tartária chinesa (Mongólia, Manchúria, Dzungaria), a leste, e Tartária independente (ou Turquestão), a oeste. D.H.B.
[5] Latim, *"Alani"*: povo da Sarmácia (antigo nome da Rússia). D.L.L.B.
[6] Futuro de *"laïer"*, *"laisser"* ("deixar"). D.A.F.L.
[7] Marinha: "mastro de pavilhão". D.L.7 V.

Un de la ligue yssu du grand Hermes [1]
Et sur tous Roys des Orients croistra.

(O rei Bourbon) que fora tão esperado não voltará jamais à Europa. Uma personagem aparecerá na Ásia para fazer pilhagem e estenderá seu poder a todos os Estados asiáticos.

O ANTICRISTO CONTRA HENRIQUE V. RECUO DA POTÊNCIA COMUNISTA. NOVO TERROR MUÇULMANO.

IX.50

MENDOSUS [2] tost viendra a son haut regne,
Mettant arrière un peu le Norlaris:
Le Rouge blesme [3] le masle à l'interegne [4]
La jeune crainte et frayeur Barbaris.

Tradução:
O enganador subirá logo ao poder, pondo o Loreno para trás. O poder comunista, enfraquecido entre os dois conflitos, será novamente temido e assustará os muçulmanos.

O FIM DO BOURBON. RUÍNA ECONÔMICA DE ISRAEL.

Sextilha 34

Princes et Seigneurs tous se feront la guerre,
Cousin germain le frère avec le frère,
Finy l'Arby [5] de l'heureux de Bourbon,
De Hierusalem les Princes tant aymables,
Du fait commis enorme et execrable
Se ressentiront sur la bourse sans fond.

[1] Mercúrio, em latim, deus dos ladrões. Embaixador plenipotenciário dos deuses, assiste aos tratados, sanciona-os, ratifica-os e não se omite diante das declarações de guerra entre cidades e povos. M.G.R.
[2] Latim, *"mendosus"*: "que tem defeitos", "defeituoso", "vicioso", "falso". D.L.L.B.
[3] "Enfraquecer-se." D.L.7 V.
[4] Terceiro conflito mundial e guerras do Anticristo (1999).
[5] Latim, *"arbiter"*: "mestre", "árbitro supremo". D.L.L.B.

Tradução:
Todos os chefes de Estado e de governo farão a guerra, irmãos e primos lutarão entre si. A arbitragem suprema do feliz Príncipe Bourbon terminará. Os chefes tão amáveis de Israel, por causa de um ato enorme e execrável, sofrerão a ruína econômica.

CONQUISTA DA ESPANHA PELAS TROPAS MUÇULMANAS

V.55

De la Felice [1] Arabie contrade [2],
Naistra puissant de la loy Mahométique,
Vexer l'Espagne conquester la Grenade,
Et plus par mer à la gent Ligustique.

Tradução:
Partindo do território da rica Arábia, nascerá um poderoso chefe muçulmano, que prejudicará a Espanha, pela conquista de Granada e, depois, da Itália, por mar.

O ÚLTIMO CONFLITO DO SÉCULO XX (1999)

I.51

Chefs d'Aries [3], Jupiter [4] et Saturne [5],
Dieu éternel quelles mutations,
Puis par long siecle son maling temps retourne
Gaule et Italie, quelles émotions.

Tradução:
Que mudanças serão provocadas pelos chefes de guerra,

[1] Latim, *"felix"*: "fecundo", "rico", "opulento". D.L.L.B. (O petróleo.)
[2] Forma primitiva de *"contrée"* ("região"). D.A.F.L.
[3] Nome latino da constelação do Carneiro; máquina de guerra que os antigos usavam para derrubar as muralhas. D.L.7 V.
[4] Júpiter era objeto de culto entre todos os povos da Itália; personificava a luz, os fenômenos celestes. D.L.7 V.
[5] Ou Crono, símbolo do tempo. Na mitologia: tempo de Saturno e de Réia, Idade de Ouro que durou durante todo o tempo em que Saturno governou o universo.

antes da volta da luz e da Idade de Ouro; depois, passado um longo século (século XX), o tempo maligno (da destruição) voltará. Que perturbações, na França e na Itália.

O COMUNISMO ASIÁTICO CONTRA A EUROPA E A ÁFRICA NEGRA

VI.10

Un peu de temps les temples des couleurs,
De blanc et noir des deux entremeslée:
Rouges et Jaunes leur embleront les leurs
Sang, terre, peste, faim, feu d'eau affollée.

Tradução:
Durante algum tempo as Igrejas recuperarão seu brilho. Os brancos e os negros se unirão. Os vermelhos e os chineses se unirão entre si e a terra ficará em desordem pelo sangue, a doença, a fome, a guerra e a revolução.

A CHINA INVADE A EUROPA

Pesságio 40, junho

De maison sept par mort mortelle suite,
Gresle, tempeste, pestilent mal, fureurs:
Roy d'Orient d'Occident tous en fuite,
Subjuguera ses jadis conquereurs [1].

[1] "Em 1839, a China se apoderou de caixas de ópio indianas, e a Inglaterra iniciou a Guerra do Ópio. O Tratado de Nanquim cedia à Inglaterra a ilha de Hong Kong e abria ao seu comércio cinco portos chineses. Esses portos foram abertos em 1844 (Tratado de WAMPOA) ao comércio com os *Estados Unidos,* a *França* e, depois, outros *Estados ocidentais.* Sob o governo de Hien-fong (1851-1862), o assassinato de missionários cristãos provocou a intervenção *franco-inglesa,* a tomada de Cantão (1857) e de T'ien-tsin (26 de junho de 1858). O tratado venceu, *Pequim foi ocupada* em 1860 e a China foi obrigada a assinar o segundo Tratado de T'ien-tsin (24 de outubro de 1860). Ao norte, a China cedia aos russos (1858-1860) os territórios do Amur-Ussuri e do litoral... em 1871, a Rússia ocupou Kuldja e todo o vale do Ili. De 1882 a 1885, a China entrou em guerra contra a França pela recuperação de Tonquim; pelos Tratados de T'ien-tsin (11 de maio de 1884 e 4 de abril de 1885), renunciou às suas pre-

Tradução:
Por haverem semeado a morte, os sete países da Europa Oriental conhecerão a conseqüência fatal. Serão dizimados pelos bombardeios, pela tempestade, a epidemia e a fúria do inimigo. O chefe da Ásia porá em fuga todos os ocidentais e subjugará seus antigos conquistadores.

A INVASÃO DA FRANÇA EM JULHO DE 1999. ATAQUE AÉREO.

X.72

L'an mil neuf cent nonante neuf sept mois,
Du ciel [1] viendra um grand Roy d'effrayeur
Ressusciter le grand Roy d'Angoulmois [2],
Avant après Mars regner par bonheur.

Tradução:
Em julho de 1999, um grande chefe amedrontador virá pelos ares fazer reviver o grande conquistador do Angoûmois. Antes e depois da guerra, reinará a felicidade.

O FIM DO REINADO DE HENRIQUE V. A QUEDA DA IGREJA CATÓLICA.

I.4

Par l'univers sera fait un Monarque,
Qu'en paix et vie ne sera longuement.
Lors se perdra la piscature barque [3],
Sera régie en plus grand détriment [4].

tensões em Tonquim e abriu ao comércio francês as províncias limítrofes dessa região... Enfim, a China estava dividida entre o Japão, a *Rússia,* a *Alemanha,* a *Inglaterra* e a *França."* D.L.7 V. (Seus antigos conquistadores!)
1 Cf. Os gafanhotos do Apocalipse.
2 O Angoûmois foi conquistado pelos visigodos e logo ameaçado pelos hunos, raça mongólica comandada por Átila.
3 Barca de São Pedro ou nave da Igreja; faz parte dos símbolos que eram usados pela Igreja nos primeiros tempos. D.L.7 V. Alusão também à frase de Cristo a Pedro: "Eu te farei pescador de homens".
4 "Desastre." D.L.7 V.

Tradução:
Um monarca será sagrado pelo mundo, mas não viverá muito tempo em paz. Será quando a Igreja desmoronará, governada na maior calamidade.

INVASÃO DA TURQUIA E DO EGITO, VINDA DA ÁSIA. QUEDA DA IGREJA CATÓLICA.

V.25

Le prince Arabe, Mars, Sol, Venus, Lyon [1],
Regne d'Église par mer succombera:
Devers la Perse bien près d'un million,
Bizance, Égypte, ver. serp. [2] invadera [3].

Tradução:
O chefe árabe começará a guerra e a subversão contra a soberania monárquica; o poder da Igreja sucumbirá por uma invasão marítima. Quase um milhão de soldados entrarão no Irã, e Satã invadirá a Turquia e o Egito.

A QUEDA DOS PAÍSES DA EUROPA OCIDENTAL

X.99

La fin le loup, le lyon, bœuf [4] et l'asne [5],
Timide dama [6] seront avec mastins [7].
Plus ne cherra [8] à eux la douce manne,
Plus vigilance et custode [9] aux mastins.

1 Emblema de soberania. D.L.7 V.
2 Latim, *"versus serpens":* "serpente retorcida". Alusão ao Apocalipse, XII, 9: "E ele caiu, o grande dragão, a antiga serpente, chamada de Diabo, foi precipitado sobre a terra, e seus anjos caíram com ele".
3 Latim: "atacar", "atravessar", "invadir". D.L.L.B.
4 Boi de Lucânia, nome dado ao elefante pelos romanos. D.L.7 V. Já vimos que o elefante representa a África do Sul: sextilhas 26, 39 e 56.
5 Cf. III.23 e X.31.
6 Latim, *"dama":* "gamo". Gênero de mamífero ruminante, da família dos cervídeos. D.L.7 V. Cf. V.4.
7 Cf. V.4 Não é por acaso que Nostradamus reúne, novamente em uma quadra, o cervo (a Polônia) e os mastins (os ingleses).
8 "Cair", "tombar". D.A.F.L.
9 Latim, *"custos":* "guarda", "sentinela". D.L.L.B.

Tradução:

Quando se vir o fim da Alemanha, da Inglaterra e da África do Sul e das tropas muçulmanas, a tímida Polônia se aliará à Inglaterra. Não terão bem-estar e os ingleses não serão mais vigiados e protegidos.

PERSEGUIÇÃO AOS RELIGIOSOS. ALTA DO CUSTO DE VIDA.

I.44

En bref seront de retour sacrifices,
Contrevenans seront mis à martyre,
Plus ne seront moines, abbés, novices,
Le miel sera beaucoup plus cher que cire.

Tradução:

O sacrifício dos crentes começará; os que se opuserem ao poder serão torturados. Não haverá mais nem monges, nem abades, nem noviços, e se conhecerá a carestia de vida.

INCÊNDIO DE ROMA. EXPULSÃO DE UM CARDEAL PELO PAPA. ESCÂNDALOS COMETIDOS PELO CLERO.

III.17

Mont Aventin[1] brusler nuict sera veu,
Le ciel obscur tout à un coup en Flandres,
Quand le Monarque chassera son neveu[2],
Leurs gens d'Église commettront les esclandres.

Tradução:

Será visto o incêndio de Roma durante a noite. O céu ficará escuro subitamente, na Bélgica, quando o papa expulsar um cardeal, e os eclesiásticos cometerão escândalos.

---

[1] Aventino: uma das sete colinas de Roma. D.L.7 V.
[2] Cardeal-sobrinho. Cardeal que é sobrinho do papa. D.L.7 V.

O ASSASSINATO DO PAPA. A MORTE DO CAPETO. DESEMBARQUE NA COSTA DO VAR.

VII.37

Dix envoyez, chef de nef mettre à mort,
D'un adverty[1], en classe guerre ouverte:
Confusion chef, l'un se picque et mord[2],
Leryn[3], Stecades[4] nefs, cap[5] dedans la nerte[6].

Tradução:

Dez homens serão enviados para assassinar o papa, mas um deles se oporá; a guerra será iniciada pelo exército. Na confusão, o chefe (do grupo) se suicidará e morrerá, os barcos desembarcarão nas costas do Var e o Capeto será, então, posto em terra.

QUEDA DE ROMA E DO VATICANO

I.69

La grand montagne ronde de sept stades[7],
Après paix, guerre, faim, inondation,
Roulera loing, abismant grand contrades[8],
Mesmes antiques, et grand fondation.

Tradução:

A grande cidade das sete colinas, depois de um período de paz, conhecerá a guerra, a fome e a revolução, que se estenderá até muito longe, arruinando as grandes regiões, e mesmo as ruínas antigas e a grande fundação (o Vaticano).

---

[1] Latim, *"adversor":* "oponho-me a", "contrário". D.L.L.B.
[2] De *"mordrir":* "matar". D.A.F.L.
[3] Ilhas francesas no Mediterrâneo, na costa do departamento do Var, em frente à ponta onde termina, a leste, o golfo de La Napoule. D.H.B.
[4] Staechades, ilhas de Hyères: são quatro ilhas que se situam na costa do departamento do Var. Parquerolles, Port-Cros, Bagneaux e ilha do Levant ou Titan. D.H.B.
[5] O Capeto. Cf. Luís XVI e Varennes. IX.20.
[6] Ou Herta, a Terra, divindade dos germanos. D.L.L.B.
[7] "Nível." D.L.7 V. "Nenhuma cidade do mundo oferece tantos monumentos *antigos* e modernos acumulados em um espaço tão pequeno... Construída sobre *sete* colinas, aos poucos invadiu muitas outras e terminou por ocupar doze *montanhas*." D.H.B.
[8] *"Contrede":* forma primitiva de *"contrée"* ("região"). D.A.F.L.

QUEDA DE ROMA E DO VATICANO.
PRISÃO DO PAPA.

II.93

Bien près du Tymbre presse la Lybitine [1],
Un peu devant grande inondation:
Le chef du nef prins, mis à la sentine [2],
Chasteau [3], palais en conflagration.

Tradução:
Bem perto do Tibre, a morte ameaça. Um pouco antes, haverá uma grande revolução. O chefe da Igreja será feito prisioneiro e expulso. O Castelo (de Santo Ângelo) e o Palácio (do Vaticano) serão queimados.

FIM DA MONARQUIA E
QUEDA DA IGREJA CATÓLICA

X.55

Les mal'heureuses nopces celebreront,
En grande joye mais la fin mal'heureuse:
Mary et mere nore [4] desdaigneront,
Le Phybe [5] mort, et nore plus piteuse [6].

Tradução:
Os homens se felicitarão com alianças infelizes que lhes trouxeram alegria, mas, no fim, trarão infelicidade. Os homens desdenharão a Virgem Maria e a Igreja. A monarquia se extinguirá e a Igreja ficará num estado mais miserável.

---

[1] Latim, *"Libitina":* deusa que presidia aos funerais; por extensão, a morte. D.L.L.B.
[2] Latim, *"sentina":* "restos", "lixo". D.L.L.B.
[3] O Castelo de Santo Ângelo fica em frente ao Vaticano. D.L.7 V.
[4] *"Nora",* por *"nurus".* D.A.F.L. "Nora", esposa do filho. D.L.L.B. Esposa de Jesus Cristo. Igreja de Jesus Cristo. D.L.7 V.
[5] Febo, Apolo, deus do Sol. D.L.7 V. Como de costume, Nostradamus designa assim a monarquia.
[6] Compreendemos aqui a terrível frase de Nostradamus na "Carta a César": "Os homens de partido, de governo ou de *religião* vão achá-lo tão pouco adequado aos seus ouvidos que não deixarão de condenar aquilo que será visto e reconhecido nos séculos vindouros..."

Epílogo: Modéstia

"O homem é um caniço, o mais fraco da natureza, mas um caniço pensante."

Blaise Pascal

Se consideramos a extensão dos conhecimentos necessários para compreender a obra de Nostradamus, somos levados a crer que não existe pessoa no mundo capaz de tal façanha. Esse monumento de conhecimentos faz-nos sentir pequenos.

Quanto mais avançava no meu trabalho, mais se acumulavam as descobertas, nesta ou naquela quadra, mais se impunha a certeza da autenticidade e seriedade das centúrias, mais me parecia estar a ponto de descobrir a "chave" do enigma, e mais me sentia pequeno, ignorante e insuficientemente equipado para apreender a espantosa inteligência que emana de toda a obra de Nostradamus.

Se, na carta que escreveu em 1.º de março de 1555 ao seu filho espiritual e tradutor, eu tivesse a audácia de me atribuir uma passagem qualquer, seria sem dúvida a seguinte: "e não quero falar aqui dos anos que ainda não chegaram, mas dos teus meses de guerra, durante os quais não serás capaz, com tua compreensão débil ainda, de apreender o que serei obrigado a te deixar depois de minha morte".

Ao realizar este trabalho, não tenho a mínima pretensão, como tiveram alguns, infelizmente, de haver decifrado e decodificado de modo definitivo a mensagem de Michel de Notredame. Sinto somente que incorporei ao edifício uma modesta contribuição, elaborada com a maior sinceridade e com uma honestidade intelectual que, espero, não seja posta em dúvida.

Terminado o livro, tenho uma sensação de algo imperfeito, apesar do esforço despendido durante vinte anos para preparar os instrumentos de trabalho, acumular a documentação, ler numerosas obras de história, memorizar, decorando — o único método que realmente provou ser eficaz —, o vocabulário de Nostradamus e um grande número de quadras e sextilhas.

Com a maior lucidez, reconheço as imperfeições do meu trabalho, as margens de erro — e Deus sabe que são gran-

des! —, as interpretações subjetivas. Assim, é muito provável que certas quadras que atribuí à Terceira Guerra Mundial na verdade se refiram à guerra do Anticristo, que começará em 1999; esse tipo de erro não é improvável, uma vez que os muçulmanos serão aliados dos russos no terceiro conflito mundial, e dos chineses, na guerra do Apocalipse. Desse modo, as quadras que se referem ao mundo muçulmano não podem ser facilmente situadas no tempo com exatidão.

Este livro apresenta mais ou menos a metade das mil cento e sessenta quadras e sextilhas da obra completa de Nostradamus. As quadras restantes serão objeto de um segundo livro. Os textos aqui traduzidos são, em sua maioria, os mais precisos, e nos dão uma idéia do conjunto, tanto a nível da linguagem como do espírito do profeta.

As quadras e sextilhas aqui incluídas nos dão as indicações necessárias para conhecer os fatos do passado e do futuro previstos por Michel de Notredame.

Depois de traduzir e comparar com a história mais de duzentas quadras que se referem a fatos passados, perguntei a mim mesmo por algum tempo por que Nostradamus havia incluído em sua obra detalhes históricos cuja utilidade não pode ser reconhecida à primeira vista.

São três as razões que provavelmente justificam esse fato. Para começar, Nostradamus queria, dessa forma, impor ao seu tradutor uma considerável quantidade de trabalho, demonstrando assim que o homem não pode se enriquecer com facilidade. Em seguida, como foi obrigado a tornar obscura a sua mensagem, devido ao contexto religioso do século XVI, os detalhes históricos teriam menor probabilidade de ser compreendidos ou identificados. E isso garantiu, por quatro séculos, a impossibilidade de decodificação, permitindo que a mensagem chegasse até o século XX. Enfim, e esta talvez seja a razão principal, a profusão de detalhes espantosos que encontramos nas quadras é uma prova quase irrefutável da autenticidade, do valor e da precisão de suas profecias. Assim, o exército francês comandado por Mac-Mahon em *Buffalora,* o desembarque de Garibaldi em *Magnavacca,* a fuga para *Varennes,* o número de grandes navios (os "três-pontes", os porta-aviões da época) da frota de Nelson, em Trafalgar, a duração da vida de Hitler (seiscentos e setenta meses), etc., são detalhes que impossibilitam a contestação das centúrias.

De modo geral, os que contradizem Nostradamus

são aqueles que não conhecem a obra mas que a contestam porque o pouco que sabem vai contra as suas convicções e compromissos pessoais ou — e estes são imperdoáveis — por terem consultado livros onde o texto foi alterado arbitrariamente e cuja tradução é tão imperfeita que se torna impressionante verificar a precisão do texto original, uma vez realizado o trabalho filológico e histórico indispensáveis.

Quando penso no trabalho que tive para traduzir a metade do texto, com todas as imperfeições que reconheço existirem, pergunto-me como tantas pessoas se julgam capazes de discutir, criticar e contestar esse monumento de cultura que é a profecia de Michel de Notredame.

O fenômeno, tão comum no Ocidente do século XX, de criticar e contestar *a priori* seja lá o que for, antes de uma avaliação completa, constitui uma barreira ao espírito criativo. Destouches escreveu: "a crítica é fácil, a arte, difícil".

Para tentar compreender Nostradamus, realizei um verdadeiro trabalho de formiga — o que não exclui a criatividade — e, na verdade, essa devia ser a regra geral.

Dois principais defeitos humanos são responsáveis pelo espírito destruidor: o orgulho e a inveja. Se o indivíduo não se considerasse sempre superior ao seu semelhante, sob qualquer pretexto (meio social, diplomas, nascimento, raça, etc.), abriria as portas para o conhecimento, em vez de fechar a mente com sua pretensão.

A mensagem deste livro certamente não agradará a todos, devido ao modo pelo qual a história aparece, vista através do espírito e da obra de Nostradamus, independentemente de compromissos e conceitos políticos, filosóficos, ideológicos e religiosos.

Meu pai, ao anunciar, em 1938, a guerra franco-alemã, a derrota da Alemanha e o trágico fim de Hitler, foi tachado de germanófobo, o que levou à apreensão e destruição do seu livro.

Assim, hoje, corro o risco de ser acusado de sovietófobo ou de anticomunista primário, quando o sovietismo, na história da Rússia, não passa de um episódio relativamente curto, comparado aos dez séculos do regime czarista, que começou quando Vladimir, o Grande, introduziu o cristianismo na Rússia, em 988. Da mesma forma, o sistema republicano francês apresenta somente, somando o tempo de duração das cinco Repúblicas, cerca de cento e quinze anos,

comparado aos treze séculos do sistema monárquico (496-1792), começado no dia em que Clóvis se fez sagrar em Reims por São Remi.

Gostaria que o leitor, independentemente de raça, credo ou convicção política ou religiosa, tentasse, por um instante, fazer tábua rasa de tudo o que considera como Verdade, a sua verdade, e que abrisse o espírito para uma visão transcendental da história, que, talvez, só a profecia possa nos dar; porque ela não está nem no tempo, nem no espaço, mas na relação tempo-espaço, ante a qual o homem não passa de um fraco. Para chegar a uma reflexão livre de idéias preconcebidas, é preciso meditar sobre a análise da guerra do Peloponeso feita pelo historiador grego Tucídides mais ou menos em 411 a.C.

"Tucídides mostra o que é a guerra, por que ela ocorre, o que faz e o que continuará fazendo, a menos que os homens aprendam a se conduzir melhor. Atenienses e espartanos lutaram por uma única razão. . . porque eram poderosos, e, assim, foram forçados (são essas as palavras de Tucídides) a aumentar seu poder. Os dois adversários combateram, não por serem diferentes — Atenas, uma democracia, e Esparta, uma oligarquia —, mas por serem parecidos. A guerra nada teve a ver com divergências de idéias ou de conceitos do bem e do mal. A democracia é o bem, e o governo das massas é o mal para alguns? Colocar a questão significava, para Tucídides, fugir ao problema. Não existia uma potência que fosse representante do bem. . . O poder, independentemente de quem o exercia, era o Demônio, o corruptor dos homens. . . Tucídides foi, provavelmente, o primeiro a perceber, ou pelo menos a exprimir em palavras, essa nova doutrina, que seria do mundo inteiro."[1]

Não falamos hoje das duas potências (EUA e URSS), como o que foram Esparta e Atenas em seu tempo? E, depois de Tucídides, os exemplos de rivalidade entre as potências têm se multiplicado; antagonismos na maior parte das vezes disfarçados sob diferenças religiosas ou ideológicas.

Tomar o partido de uma das potências, cuja rivalidade nos oprime cada vez mais, é tomar o partido da guerra. Deixando-nos enganar pelo aspecto político ou ideológico

[1] Edith Hamilton: *The great age of greek literature.* Nova York, 1942.

do problema, permitimos que os chefes de Estado, devorados pela ambição e pelo desejo de poder, aumentem seus contingentes militares e, para garantir sua loucura de hegemonia, façam com que os povos se matem entre si, povos que, tenho certeza, no seu íntimo, aspiram exclusivamente à paz.

Quando vamos deixar de nos vangloriar de vitórias como as de Austerlitz, Iena, Eylau (a carnificina na neve!), que, para nossos inimigos, foram derrotas como foram para nós, franceses, Trafalgar e Waterloo, com seu cortejo fúnebre, para os dois campos, de violações, massacres, corpos ensangüentados, fantoches sinistros do desespero, frutos nauseabundos da tragédia humana no jardim dos suplícios?

Quando vamos deixar de erguer monumentos aos mortos? Como o Arco do Triunfo, que foi erigido para imortalizar as vitórias que Napoleão I deu à França? Um triunfo obtido à custa de mortos e de sofrimentos indescritíveis será um triunfo?

Quando vamos nos decidir a glorificar a vida, com tudo o que ela traz de bom para o homem?

O homem, entre todos os mamíferos, permanecerá como o mais feroz, matando por prazer, e não por necessidade?

Montesquieu escreveu nas *Cartas persas:* "Temes que inventemos um modo mais cruel de destruição do que os que conhecemos? Não. Se fosse descoberto um sistema fatal, seria imediatamente proibido pelos direitos dos homens". É o exemplo típico da antiprofecia que o cartesianismo pregava aos pensadores do século XVIII, tendo à sua frente Jean-Jacques Rousseau, que, para Nostradamus, foi o principal responsável pelos dramas do século XX. Suas utopias, retomadas pelos pensadores dos séculos XIX e XX (Proudhon, Saint-Simon, Karl Marx), foram "recuperadas" pelos homens de Estado ambiciosos e lhes têm servido de arma importante para saciar sua ambição desenfreada. Esquecemos, por acaso, que um tal Adolf Hitler criou, na Alemanha, um regime chamado Nacional*socialismo?* Socialismo! Socialismo! Quantos crimes foram cometidos e continuam a ser perpetrados em teu nome!

Minha atenção se volta completamente para os humildes, para as pessoas simples, essencialmente boas, que acreditam num socialismo que, certamente, não está longe da mensagem de Jesus Cristo, vindo, no seu tempo, para sacudir os poderosos do mundo e atirar-lhes em rosto as monstruosas responsabilidades que têm sobre a infelicidade dos povos. Será por acaso que, independentemente dos partidos a que

os políticos pertençam, seus discursos não contenham um grão de sinceridade? O desejo de poder e o amor ao próximo não se casam bem. Daí, talvez, possamos deduzir o sentido profundo da frase de Cristo: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". César é o poder, Deus é o amor...

Meu pai, em 1937, mergulhado na decodificação das quadras de Nostradamus, escreveu:

"Se durante sessenta anos ainda o homem se empenhar em toda a superfície do miserável grão de poeira que nós habitamos, na ronda infinita do céu, em acumular e aperfeiçoar as máquinas de destruição e de morte, no ritmo já iniciado, os massacres despovoarão a terra, confirmando não só a palavra dos profetas do Antigo Testamento, como a de Nostradamus: 'pois das três partes do mundo, mais do que duas desaparecerão' "[1].

A arma atômica ainda não existia, e a destruição apocalíptica de Hiroxima foi o começo da realização dessa "visão profética" inspirada ao meu pai pelo quadro das catástrofes apresentado pelas centúrias.

A pesquisa, a descoberta e a construção de armas nucleares, químicas, bacteriológicas continuam em ritmo acelerado, embora os países que as possuem tenham assinado a sua interdição, em 1925, na Convenção de Genebra.

Em 14 de julho de 1790 a deusa "RAZÃO" foi consagrada no altar do ateísmo e levou as idéias da Revolução Francesa a vários países, que, pouco a pouco, se reuniram para formar a Liga das Nações e, depois, a Organização das Nações Unidas. Ora, todos os países que se defrontaram na última guerra são membros dessa organização: EUA contra a Coréia do Norte; EUA contra o Vietnam; Turquia contra Chipre; URSS e Cuba contra Angola e Etiópia. Os movimentos de libertação nacional têm costas largas! E a pacificação também.

Hitler começou a guerra em busca da hegemonia, correndo em socorro das minorias alemãs da Europa. Sejam feitas por monarquias, ditaduras ou repúblicas, todas as guerras têm o mesmo objetivo: o poder. E o mesmo resultado: a infelicidade dos povos.

Poderíamos perguntar por que a profecia de Nostradamus focaliza especialmente as catástrofes pelas quais os homens são responsáveis. De fato, o número de quadras ou sextilhas que se referem a um ou outro acontecimento é proporcional a seu aspecto destruidor e amedrontador. Assim, a França de Luís XIV, sem a Lorena, Mulhouse, a Savóia, Nice, a Córsega e o Condado Venaissin, com seus vinte milhões de habitantes e um exército de trezentos mil homens, é menos interessante para Nostradamus do que a França do século XX. Em 1914, a França tinha quarenta e um milhões de habitantes. Deixou nos campos do Marne um milhão e quatrocentos mil mortos. A Alemanha, com cinqüenta e oito milhões de habitantes, perdeu dois milhões de homens. No total, a guerra de 1914-1918 fez oito milhões e setecentos mil mortos. A Segunda Guerra Mundial fez trinta e seis milhões.

A essas guerras modernas, com seu preço assustador em vidas humanas, devemos juntar os milhões de indivíduos que "escaparam" mutilados, estropiados, deficientes, envenenados por gás, queimados, dementes e sem possibilidade de se adaptar a uma vida normal. E o que dizer da destruição em massa de populações civis: Hiroxima, cento e sessenta mil mortos; Dresden, trezentos mil; campos de concentração, extermínio de milhões de judeus, ciganos, armênios, vietnamitas, cambodjanos, etc. Números! Números terríveis! Impessoais! Impiedosos! E que não precisam de interpretação ou comentários...

No limiar do século XXI, depois das sombrias previsões do Dr. de Fontbrune, somos obrigados a constatar que o curso das destruições, cada vez mais massivas, não cessou e não cessa de fazer pesar sobre a espécie humana uma terrível ameaça de aniquilamento. O século XX já foi testemunha da entrega de grande parte da humanidade a chefes de Estado sem fé, animados por um materialismo vil e insensível, que torna a rivalidade entre as potências mais acerba e perigosa do que nos séculos anteriores. Talvez isso explique por que a visão de Nostradamus se centralizou nesse período, no qual as nações, sobretudo as mais poderosas, com suas armas monstruosas e apocalípticas, confrontam-se com uma fúria destruidora jamais vista. Do aríete à bomba de nêutrons há uma terrível constante, representada por um movimento uniforme acelerado na criação de máquinas letais.

Portanto, a questão fundamental é saber se o homem, depois de progressos científicos milenares, realizou algum progresso no domínio do humano, no sentido do homem criado à imagem de Deus.

[1] "Carta a Henrique, rei de França, segundo." Adyar, 1937.

É bastante doloroso constatar que essa imagem não passa de uma caricatura grosseira e que o homem está ainda muito longe do Deus de amor do qual nos veio falar Jesus Cristo, há quase dois mil anos.

Se o homem, com o seu materialismo, ficar entregue a si mesmo, estará cortejando a própria morte.

Contudo, não devemos nos desesperar. Se dependêssemos apenas da análise lógica feita pelos futurólogos, políticos, demógrafos, sociólogos e economistas, o horizonte do homem estaria inteiramente nublado. A humanidade não teria outra perspectiva a não ser a destruição total. O pessimismo absoluto seria a regra, e nada poderia permitir-nos esperar uma melhoria da situação planetária, que só poderia nos conduzir à explosão final.

Nesse panorama apocalíptico resta-nos, como esperança, a mensagem profética enviada ao homem além de suas loucuras. Sejam os profetas do Antigo Testamento ou os do Novo, seja Cristo ou Michel de Notredame, todos anunciam o estabelecimento do "Reino", onde haverá a paz universal entre os homens.

"Haverá uma grande aflição; tão grande, que nunca houve igual, desde o começo do mundo, e jamais haverá uma parecida. Se esses dias não forem abreviados, nenhum homem escapará; mas serão abreviados por causa dos eleitos... Pois outros falsos profetas [1] e falsos Cristos surgirão e farão sinais e prodígios para *seduzir os próprios eleitos*, se for possível... Pois uma luz intensa como a de um relâmpago virá do Oriente e será avistada do Ocidente, como aconteceu com a vinda do Filho do Homem." [2]

O profeta Malaquias [3] confirmou também isso ao atribuir ao último papa o seguinte comentário, em latim: *"In persecutione extrema sacrae Romanae Ecclesiae, sedebit Petrus Romanus qui pascet oves in multis tribulationibus; quibus transactis, civitas septicollis diruetur, et Judex tremendus judicabit populum"* ("Na última perseguição da Santa Igreja Romana, estará sentado Pedro, o Romano, que apascentará o rebanho entre terríveis atribulações. Passadas as atribula-

[1] Russel, Moon, Georges Roux — o Cristo de Montfavet — e todos aqueles que fundaram, em nome de Cristo, seitas, capelas ou igrejas.
[2] Mateus XXIV, 21, 22, 24, 27.
[3] Autor da célebre profecia dos papas.

ções, a cidade das sete colinas (Roma) será destruída e o terrível Juiz julgará o povo") [1].

Em outras palavras, o Cristo virá no fim dos tempos profetizados para impor sua ordem aos fabricantes de canhões, como a impôs, outrora, aos mercadores do templo.

Todas as profecias se centralizam na história de Israel, pregadora do Antigo Testamento, e na história da Igreja Católica, com sua filha mais velha, a França, guardiã do Novo Testamento. Vou revelar, sem tirar conclusões apressadas, algumas "coincidências" curiosas: o símbolo de Israel é uma estrela com seis pontas, e a França moderna é representada por um hexágono sobre o qual pode ser traçada a estrela de seis pontas. A bandeira de Israel é azul e branca; a bandeira nacional da França, antes de 1790, era um escudo azul com três flores-de-lis sobre fundo branco.

Neste fim de século, a importância planetária desses dois países, ao redor dos quais têm curso os mais importantes problemas internacionais, não tem relação com o seu poder material e econômico. Três cidades são mais comentadas do que quaisquer outras: Jerusalém, com seus lugares santos, Roma, com o papa, e Paris, sempre ouvida, seja qual for o chefe de Estado que governe a França. Essas três cidades são os três pilares da civilização ocidental judaico-cristã, cujos primeiros milênios já passaram; começa agora, dentro de uns cinqüenta anos, o sétimo milênio ou a Era de Aquário, que trará ao homem a paz universal e a prosperidade espiritual e material.

A importância desse aspecto positivo da mensagem é tal que Nostradamus a acentua na "Carta a seu filho César".

"Pois, segundo os signos do céu [2], a Idade de Ouro voltará, depois de um período revolucionário que inverterá todas as coisas, e do qual o mundo se aproxima, e que, a partir do momento em que escrevo, começará a se desenvolver, antes de cento e setenta e sete anos, três meses e onze dias, e que trará a corrupção das idéias e dos costumes, guerras e um longo período de fome..."

[1] Abade Joseph Maître: *Les papes et la papauté*, Liv. P. Lethielleux. Paris, 1902.
[2] A passagem do Sol de Peixes para Aquário, representada por uma cornucópia de abundância, os peixes vivos na água, símbolo da revolução.

As datas indicadas pelo profeta são: março de 1555, quando escreveu a "Carta a César", e 1732, data da primeira visita de Jean-Jacques Rousseau a Paris.

Vivemos o fim de um mundo e não o fim do mundo, como pretendem os exploradores da morbidez humana. Essa morte de uma civilização, entre tantas outras, permitirá o nascimento de uma nova civilização, liberta das aberrações da precedente. Foi o que disse Henry Miller quando, em 1945, escreveu:

"Um novo mundo está para nascer, um novo tipo de homem começa a florescer. A grande massa da humanidade condenada, em nossos dias, a sofrer mais dolorosamente do que jamais sofreu, paralisada de medo, fechou-se em si mesma, abalada até a alma, e só ouve, vê e sente através das relações cotidianas do corpo. Assim morrem os mundos. Primeiro morre a forma. Mas, enquanto uns poucos puderem pensar com lucidez, a forma jamais morrerá, enquanto o espírito não morrer".

Toda civilização se acha imortal. E estou certo de que os romanos dos anos 200 e 250 a.C. não podiam imaginar, excetuando os seus profetas, que alguns séculos mais tarde visitaríamos as ruínas do que foi o seu imenso e brilhante império.

Concluindo, as profecias de Nostradamus, como as dos grandes profetas do Antigo Testamento e os do Apocalipse, não são teorias mórbidas de catástrofes ininterruptas ou imprecações contra o homem, mas uma mensagem de esperança. O que seria do futuro do homem sem essa mensagem divina? O homem sem Deus, adorador da deusa "Razão", deveria, como foi prometido, estabelecer o reinado dos Direitos do Homem. Depois de dois séculos dessa chamada "nova ordem mundial", seria preciso uma grande dose de desonestidade para dizer que o homem, sua razão, e, sobretudo, seu orgulho conseguiram melhorar a situação da humanidade. Podemos supor que o Papa João Paulo II tenha feito essa análise, quando assumiu a defesa dos Direitos do Homem, e, com seu cajado de Pastor de todos os povos da Terra, foi a Saint-Denis, e à UNESCO, para advertir o homem quanto ao seu materialismo destruidor. Ele realiza a verdadeira obra do profeta, como convém a um papa, à semelhança de Pedro, a quem Cristo confiou a missão de evangelizar os homens. Por isso, Nostradamus usa a palavra *profeta* para designar o papa.

Aprendi história, quando estudante, em manuais de espantosa mediocridade, dotados de imenso poder alienante. A tal ponto que, quando me formei, pouca coisa tinha ficado do que me haviam ensinado, e, o que é mais grave, somente idéias falsas; os historiadores da direita e da esquerda falseiam os fatos históricos para acomodá-los às suas ideologias. Os êmulos de Tucídides, infelizmente, são raros.

Neste momento, quando o historiador Alain Decaux entra para a Academia Francesa e denuncia a sabotagem do ensino de história na França, quero exprimir um desejo: que este livro transmita aos jovens franceses um amor pela história comparável ao que me transmitiu a profecia de Nostradamus.

Apesar das atribulações anunciadas pelos profetas, acredito no Homem e na sua capacidade de perfeição, especialmente neste ano de 1980, quando as nuvens surgem no horizonte anunciando a tempestade. Por isso, lembro o pensamento que Shakespeare atribui a Hamlet:

"Que obra-prima é o homem! Nobre na sua inteligência! Infinito em suas faculdades! Em sua força e em seus movimentos, como é expressivo e admirável! Por sua ação, se assemelha aos anjos! Por seu pensamento, se assemelha a um deus! É a maravilha do mundo!...

E o que é o homem, se o seu bem supremo, o objetivo último de sua vida, for comer e dormir? Um animal, apenas. É evidente que aquele que nos criou com uma inteligência tão ampla, com esse olhar no passado e no *futuro,* não nos deu essa capacidade, essa inteligência divina, para que elas criem mofo em nós, inativas".

Bibliografia sobre Nostradamus

Abreviaturas

B.N.: Biblioteca Nacional (França).
B.M.A.: Biblioteca Municipal de Aix-en-Provence.
B.M.L.: Biblioteca Municipal de Lyon.

Allaines, Henri d': *Actualité de l'Apocalypse,* La Colombe, Paris, 1963.

Alleau, René: "Nostradamus, le plus grand prophète de l'histoire", na revista *Sallonensa,* Salon, 1957.

Alliaume, Maurice: *Magnus Rex de Nostradamus et son drapeau,* editado pelo autor em Chartres, 1948.

———. *Prédictions vraies de Nostradamus et Mandragore,* editado pelo autor em Chartres, 1949.

———. *Tableau miraculeux de Rubens cryptographiquement prédit par Nostradamus représentant au réel la naissance de Louis XIII, mais au figuré celle du masque de fer,* Chartres, 1958.

Amadou, Robert: "Le devin et son art", *Le Crapouillot,* número 18, 1952.

Amiaux: *Nostradamus,* Sorlot, Paris.

Anquetil, Georges: *L'anti-Nostradamus,* Maison des Écrivains, Paris, 1940.

Artigny, Abade de: *Nouveaux mémoires d'histoire, de critique et de littérature,* 1794.

Astruc, Jean: *Mémoires pour servir à l'histoire de la faculté de Montpellier,* 1767.

Auclair, Raoul: *Les centuries de Nostradamus,* Deux Rives, Paris, 1958.

———. *Le crépuscule des nations,* La Colombe, Paris.

———. *Les centuries de Nostradamus ou le dixième livre sibyllin,* Nouvelles Éditions Latines, 1957.

Barbarin, Georges: *Les derniers temps du monde, de l'Antéchrist au Jugement Dernier,* Histoire et Tradition, Éd. Dervy, Paris, 1951.

Bareste, Eugène: *Éditions des centuries,* Maillet, Paris, 1840-1942. (B.M.A.)

Bartoshek, Norbert: *Nostradamus und seine berühmten Prophezeiungen,* 1946.

Belland, Dr.: *Napoléon, premier empereur des français, prédit par Nostradamus,* Paris, 1806.

Beltikhine, G.: "Un document chiffré: le secret des centuries" em *Inconnues,* número 12, Lausanne, 1956.

Bertrand, Michel: *Histoire secrète de la Provence,* Histoire secrète des Provinces Françaises, Albin Michel, Paris, 1798.
Bjorndahl-Veggerby, Paul: *Nostradamus et les ruines gallo-romaines à Martres-Tolosane,* Éd. Leisner, Copenhague, 1976.
Blanchard e Reynaud-Plense: *La vie et l'œuvre de Michel Nostradamus,* Imp. Léon Guillaumichon, Salon, 1933. (B.M.A.)
———. *Histoire de Salon,* Salon, 1935.
Boniface, A.: *Buonaparte prédit par des prophètes et peint par des historiens, des orateurs et des poètes ou morceaux en prose et en vers sur les circonstances actuelles, recueillis par A. Boniface,* Hautel, Paris, 1814.
Bonnelier, Hippolyte: *Nostradamus, roman historico-cabalistique.* A. Ledoux, Paris, 1833, dois volumes.
Bonnet, Jean: *Résumé des prophéties de Nostradamus. Les événements et les symboles,* seguido de: *Commentaires de la Bible par Nostradamus et de détermination des dates dans Nostradamus,* Jean Bonnet, Paris, 1973.
Bonnot, Jean de: *Les oracles de Michel de Nostredame dit Nostradamus.* Comentários de Anatole le Pelletier e Serge Hutin. Paris, 1976, dois volumes.
Boroch, Erick Karl: *Der Prophet Nostradamus,* 1912.
Boswell, Rolfe: *Nostradamus speaks,* 1941.
Bouche, Honoré: *La chorographie et l'histoire de Provence,* Charles David, Aix-en-Provence, 1664.
Bouchet, Marguerite: *Les oracles de Michel de Nostredame,* Les Livres Nouveaux, Paris, 1939.
Boulenger, Jacques: *Nostradamus,* Excelsior, Paris, 1933.
Bousquet, Raoul: *Nostradamus, sa famille et son secret,* Fournier Valdes, Paris, 1950.
———. "La maladie et la mort de Nostradamus", em *Aesculape,* novembro de 1950.
Boutin, André: *Michel de Nostre-Dame, astrologue et médecin,* tese de doutorado em medicina, Librairie Le François, Paris, 1941.
Bouys, Théodore: *Nouvelles considérations sur les oracles et particulièrement sur Nostradamus,* Paris, 1806.
Boyer, Jean: "Deux peintres oubliés du XVII^e^ siècle, Étienne Martellange et César Nostradamus", em *Bulletin de la Société de l'Histoire de l'Art Français,* 1971, pp. 13-20.
Bricaud, Joanny: *La guerre et les prophéties célèbres,* Paris, 1916.
Buget, P. F.: "Étude sur Nostradamus", em *Bulletin du bibliophile.* Librairie Techner, Paris, 1860.
Buset, Claude: *Nostradamus et autres prophètes du Père et de l'Esprit,* La Pensée Universelle, Paris, 1974.

Cadres, Geoffroy: *L'étrange docteur Nostradamus,* La Pensée Universelle, Paris, 1978.
Candolle (conde de): *Armorial de César de Nostredame,* Arles, 1899 (B.M.A.).
Cavanagh, John: *Michel de Nostradamus,* 1923.
Cave, Térence C.: "Peinture et émotion dans la poésie religieuse de César de Nostredame", em *Gazette des Beaux-Arts,* tomo LXXV, janeiro de 1970. (B.M.A.)
Centurio, N.: *Nostradamus, der Prophet der Weltgeschichte.* Richar Schikowski, Berlim, 1955.
Chabauty (Abade E.A.): *Lettres sur les prophéties modernes et concordance de toutes les prédictions jusqu'au règne de Henry V,* Henri Houdin, Poitiers, 1872.
Chavigny, (A. de): *Les pléiades du Sieur de Chavigny, Beaunois, divisées en VII livres, prises et tirées des anciennes prophéties et conférées avec les oracles du tant célèbre et renommé Michel de Nostradame, jadis conseiller et médecin de trois Rois très chrestiens. Où est traité du renouvellement des siècles, changement de l'Empire et advancement du nom Chrestien...* Lyon, Pierre Rigaud, 1604, duas partes em um volume in-oitavo vel.
Chavigny, J. A. (de): *Commentaires du Sieur de Chavigny sur les Centuries et Prognostications de feu Michel de Nostredame du Breuil,* Paris, 1956. *La première face du Janus français extraite et colligée des centuries de Michel Nostradamus, par les héritiers de Pierre Roussin,* Lyon, 1594. (B.M.L.)
———. *Vie et testament de Michel Nostradamus,* Paris, 1789.
———. "Bref discours sur la vie de Michel de Nostredame", em *Revue de l'Agenois,* 1876.
Cheethm, Erika: *The Phophéties of Nostradamus.* Capricorn Books, Putnam's Sons, Nova York, 1973. *(As profecias de Nostradamus,* Nova Fronteira, 1976.)
Chollier, Antoine: *Les prophéties de Maistre Michel Nostradamus,* Allier, Grenoble, 1940.
Chomorat, Michel: *Nostradamus entre Rhône et Saône,* Éd. Ger, Lyon, 1971.
———. *Supplément à la bibliographie lyonnaise de Nostradamus.* Centro Cultural de Buenc, Lyon, 1976. (Cem exemplares numerados de 1 a 100.)
———. "Nouvelles recherches sur les 'prophéties', de Michel Nostradamus" em *Revue Française d'Histoire du Livre,* número 22, 1.º trimestre 1979.
———. *Bibliographie lyonnaise de Nostradamus,* seguida de um inventário dos manuscritos relativos à família Nostradamus. Centro Cultural de Buenc, Lyon, 1973.
Colin de Larmor: *La Guerre de 1914-1918 vue en 1555 par Nostradamus,* La Roche-sur-Yon, 1922.
———. *Merveilleux quatrains de Nostradamus,* Nantes, 1925. (B.M.A.)
Colin-Simard: "Rois et reines au rendez-vous des astrologues", em *Historia,* número 157, 1959.
Corvaja, Mireille: *Les prophéties de Nostradamus,* Vecchi, Paris, 1975.
Couillard, Antoine: *Les contredits aux prophéties de Nostradamus,* Charles l'Angelier, Paris, 1560.
Crescimbeni, Giovanni-Mario: *Istoria della volgar poesia — TII: Le vite dei piu celebri poeti provenzali, scritte in lingua francese da G.M. Crescimbeni.* B. U. Montpellier (ver Jean de Nostredame).
Cristiani, (Chanoine): *Nostradamus, Malachie et Cie,* Le Centurion, 1955.
———. "Un curieux homme: Nostradamus", em *Ecclesia,* número 73, 1955.
Crouzet, François: *Nostradamus, poète français,* Idée Fixe, Julliard, Paris, 1973.

Daudet, L.: "Nostradamus", em *Revue Universelle,* 1925, tomo I. (B.M.A.)

David-Marescot, Yves et Yvonne: *Prédictions et prophéties.* Idégraf et Vernoy, Genebra, 1979.
D. D.: *The "Prophéties" of Nostradamus concerning the kings and queens of Great Britain,* Londres, 1715.
Delcourt, Marie: *L'oracle de Delphes,* 1954.
Demar-Lator: *Nostradamus et les événements de 1914-1916,* Paris, 1916. (B.N.)
Deperlas, Félix: *L'avenir ou les grands personnages et les grands événements de ce temps,* Paris, 1885.
———. *Révélations de la providence,* Paris, 1885.
Desconhecido (autor): *La première invective du Seigneur Hercules, Le François, contre Nostradamus,* Michel Jove, Lyon, 1558.
———. *Huictain contre Nostradamus,* Roux, Lyon, 1557.
———. *Déclaration des abus, ignorances, séditions de Michel Nostradamus,* Pierre Roux et Jean Tremblay, Avignon, 1558. (Estes três livros estão na B.M.L.)
Dupont-Fournieux, Y.: *Les derniers jours des derniers temps.* (Prefácio do Dr. de Fontbrune), La Colombe, Paris, 1959.

Édouard, P.: *Texte original et complet des prophéties de Michel Nostradamus,* Les Belles Éditions, Paris, 1939.
Édouard et Mezerette: *Texte original des prophéties de Nostradamus de 1600 à 1948 et de 1948 à l'an 2000,* Les Belles Éditions, Paris, 1947.
Erlanger, Ph.: "La reine du massacre", em *Historia,* número 340, março de 1975.

Fervan, Jean: *La fin des temps,* La Bourdonnais, Paris, 1937.
Fontbrune (Dr. de): *Les prophéties de Nostradamus dévoilées. Lettres à Henry Second,* Adyar, 1937.
———. *Les prophéties de Maistre Michel Nostradamus expliquées et commentées,* Michelet, Sarlat, 1938, 1939, 1940, 1946, 1958 e 1975, J.-Ch. de Fontbrune de Aix-en-Provence, distribuído pelo Groupe des Presses de la Cité.
Fontbrune (Dr. Max de): *Ce que Nostradamus a vraiment dit,* prefácio de Henry Miller. Éd. Stock, 1976.
Fontbrune (Dr. de): *La prédiction mystérieuse de Prémol,* Michelet, Sarlat, 1939, esgotado.
———. *La divine tragédie de Louis XVII,* Michelet, Sarlat, 1949, alguns exemplares disponíveis com J.-Ch. de Fontbrune, 3, Avenida Gambetta em Aix-en-Provence.
Fontbrune (Dr. de): *L'étrange XX^e^ siècle vu par Nostradamus,* Michelet, Sarlat, 1950, esgotado.
———. "Pourquoi je crois en Nostradamus", em *Ecclesia,* número 82, 1956.
———. "Le Docteur Nostradamus vous parle", em *Les Cahiers de Marottes et Violons d'Ingres,* número 10, Paris, 1953.
———. "Nostradamus", em *Synthèses,* número III, agosto de 1955.
Foretich, Rodolphe: *La prophétie des papes, analysée à la lumière des prédictions de Nostradamus,* Salvador, 1961. (B.N.)
Forman, Henry-James: *Les prophéties à travers les siècles,* Payot, 1938.
Frontenac, Roger: *La clé secrète de Nostradamus,* Denoël, Paris, 1850.
Fulke: *Contra inutiles astrologorum praedictiones, Nostradamus,* Cunningham, 1560. (British Museum.)

Garçon, Maurice: "Il y a 450 ans Nostradamus naissait", em *Historia,* número 85, 1953.
Garencieres, Theophilus: *The true prophecies of "Prognostications" of Michael Nostradamus,* Londres, 1672.
Gauquelin, Michel: "Les astres ont-ils changé le cours de l'histoire?", em *Historia,* número 203, 1963.
Gay-Rosset, Claude: "Michel de Nostredame, une rencontre du quatrième type", em *Midi-Mutualité,* número 12, janeiro-fevereiro de 1979, Marselha.
Gimon, Louis: *Chroniques de la ville de Salon depuis son origine jusqu'en 1792 adaptées à l'histoire,* Aix-en-Provence, 1882.
Girard, Samuel: *Histoire généalogique de la Maison de Savoie,* 1660.
Gravelaine, Joëlle (de): *Prédictions et prophéties,* Hachette, Paris, 1965.
Guérin, Pierre: *Le véritable secret de Nostradamus,* Payot, Paris, 1971.
Guichardan, S.: *La chasse aux prophéties,* Bonne Presse, Limoges, 1941.
Guichenou, Joseph: *Catalogue de tableaux au Musée Calvet,* Avignon, 1909.
Guynaud, Balthazard: *Concordance des prophéties depuis Henri II jusqu'à Louis le Grand,* Jacques Morel, Paris, 1693.

Hades: *Que sera demain?,* La Table Ronde, Paris, 1966.
Haitze, Pierre Joseph de: *La vie de Nostradamus,* Aix-en-Provence, David, 1712.
———. *Vie et testament de Nostradamus,* 1789.
Haitze, Pierre Joseph de: *La vie de Nostradamus,* Aix-en-Provence, 1911.
Harold, R. A.: *Les prophètes et les prophéties de l'Apocalypse à nos jours,* La Caravelle (Bruxelas), e Avenir (Paris), 1948.
Hildebrand, Jakob: "Nostradamus", *Süddeutsche Monatshefte,* 1932.
Holtzauer, Jean-Louis: "Nostradamus, un praticien sous la Renaissance", em *Laboratoires* SOBIO, Labo, 92, Levallois, 1975.
Hutin, Serge: *Les prophéties de Nostradamus avec présages et sixains,* Pierre Bellefond, Paris, 1962, 1972, 1978. Poche-Club, Paris, 1966. Hachette, Paris, 1975.
———. *Les prophéties de Nostradamus,* Club Géant Historique. Les éditions de la Renaissance, Paris, 1966.

Iacchia, U.: *La Tunisie vue par Nostradamus,* Imp. d'Art, Túnis.
IAF: *Le substrat mathématique de l'œuvre de Nostradamus,* Psyché, Paris, 1949.
I. M.: *Les vrayes centuries de M. Michel Nostradamus expliquées sur les affaires de ce temps,* Ed. I. Boucher, 1652.
Ionescu, Vlaicu: *Le message de Nostradamus sur l'Ère Prolétaire,* edição do autor, distribuída por Dervy Livres, Paris, 1976.
———. "Nostradamus et la gnose", em *Atlantis,* número 301, janeiro-fevereiro de 1979.

Jacquemin, Suzanne: *Les prophéties des derniers temps,* La Colombe, Paris, 1958.
Jant (Chevalier de): *Prédictions tirées des centuries de Nostradamus qui, vraisemblablement, peuvent s'expliquer à la guerre entre la France et l'Angleterre contre les provinces unies,* 1673.

———. *Prophéties de Nostradamus sur la longueur des jours et la félicité du règne de Louis XIV,* 1673.
Jaubert, Étienne: *Éclaircissement des véritables quatrains de Nostradamus et vie de M. Nostradamus,* Amsterdam, 1656.

Kerdeland, Jean (de): *De Nostradamus à Cagliostro,* Self, Paris, 1945.
Klinckowstroem, (G. C. von): *Die ältesten Ausgaben des "Prophéties" des Nostradamus,* 1913.
Kniepf, Albert: *Die Weissagungen des altfranzösischen Sehers Michel Nostradamus und der Weltkrieg,* Hamburgo, 1915.
Krafft, Karl E.: *Nostradamus prezice viitorul Européi,* Bucareste, 1941.

Labadie, Jean: *Peut-on dire l'avenir?,* Aubanel, Avignon, 1941.
Lamont, André: *Nostradamus sees all,* 1942.
Lamotte, Pierre: *De Gaulle révélé par Nostradamus il y a quatre siècles,* Le Scorpion, Paris, 1961. (B.N.)
Langlois, Charles: *Les contradictions de Nostradamus,* 1560.
Laurent: *Prédictions jusqu'à l'an 2000. Phophéties du Christ, de Nostradamus, des Papes St. Malachie,* Laurent, 91 Brunoy.
Laver, James: *Nostradamus,* Penguin Books, 1942.
———. *Nostradamus, the future foretold,* Georges Mann, Maidstone, 1973.
Lee Mac Cann: *Nostradamus, the man who saw through time,* 1941.
Legrand, Jean René: "Pronostics pour l'an 1959", em *Initiation et Science,* número XLVII, 14.° ano, janeiro-março de 1959. Omnium Littéraire, Paris.
Leoni, Edgar: *Nostradamus, life and literature,* 1961.
Le Pelletier, Anatole: *Les oracles de Nostradamus, astrologue, médecin et conseiller ordinaire des rois Henry II, François II et Charles IX.* Le Pelletier, Imprimeur typographe, 40, Rue d'Aboukir, Paris, 1867, dois volumes.
Le Roux, Jean: *La clé de Nostradamus, isagoge ou introduction au véritable sens des prophéties de ce fameux auteur,* por Pierre Giffard, Rue Saint-Jacques-près-les-Maturins, Paris, 1710. (Museu d'Arbaud, Aix-en-Provence.)
Leroy, Edgar (Dr.): "Les origines de Nostradamus", em *Mémoires de l'Institut Historique de Provence,* tomo XVIII, Marselha, 1941.
———. *Sur un quatrain de Nostradamus.*
———. "Jaume de Nostredame et la Tour de Canillac", *Mémoires de l'Institut Historique de Provence,* tomo XIX, Marselha, 1942.
———. *Pierre de Nostredame de Carpentras,* comunicação ao Institut Historique de Provence, 1948.
———. "Nostradamus et le curé d'Argœuvres", em *Cahier de Pratique Médico-Chirurgicale,* Avignon, 1939, número 5.
———. *Saint-Paul de Mausole à Saint-Rémy de Provence,* Imp. Générale du Sud-Ouest, Bergerac, 1948.
———. *Nostradamus, ses origines, sa vie, son œuvre,* Imp. Trillaud, Bergerac, 1972.
———. *Romanin, les cours d'amour de Jehan de Nostredame,* Avignon, 1933. (B.M.A.)
———. *Saint-Rémy de Reims,* Marselha, 1973. (B.M.A.)
———. *Nostradamus, détective avant la lettre,* Avignon, 1949. (B.N.)
———. *Le latin du tabellion provençal Jaume de Nostredame, notaire à Saint-Rémy-de-Provence dans les actes de 1501 à 1513,* Avignon, 1961.
———. "Saint-Paul-Tricastin et Saint-Paul-de-Mausole, contribution à l'histoire d'une légende", *Bull. Philologique et Historique,* 1959.
Ligeoix-de-Combe: *La Troisième Guerre Mondiale d'après les prédictions de Nostradamus,* Bordeaux, 1961.
Loog, C. L.: *Die Weissagungen des Nostradamus,* 1921.
Loriot, Louis: "Entretien de Rabelais et de Nostradamus", Nogent-Le Rotrou, 1960 e Paris, 1907, em *Revue des Études Rabelaisiennes,* tomo V, pp. 176-184.

Mabille, Pierre: "Nostradamus, ses prophéties, son temps", em *Inconnues,* Lausanne, 1955.
Maby, Pascale: *Le dossier des prophètes, voyants et astrologues,* Les Chemins de l'Impossible, Albin Michel, Paris, 1977.
Mac Neice, Louis: *L'astrologie,* Tallandier, Paris, 1966.
Madeleine, Georges: *La prochaine guerre mondiale vue par Nostradamus,* Ed. Proventia, Toulon, 1952.
Maidy, Léon-Germain (de): *Sur une inscription liminaire attribuée à Nostradamus,* Nancy, 1917.
Marques da Cruz: *Profecias de Nostradamus,* Ed. Cultrix, São Paulo.
Marteau, Pierre: *Entretiens de Rabelais et de Nostradamus,* 1690.
Menestrier, François: *La philosophie des images énigmatiques,* Lyon, 1694.
Mericourt, M. J.: *Gesta Dei per Francos,* Paris, 1937.
———. *Nostradamus et la crise actuelle, Paris,* 1937.
Mondovi, Pierre: "Un provençal hors du commum: Nostradamus", em *Racines,* número 4, maio de 1979, Aix-en-Provence.
Monnier: *Résurrection merveilleuse en 1877 de Michel de Nostredame,* várias edições de 1889 a 1896.
Monterey, Jean: *Nostradamus, prophète du XX^e^ siècle,* La Nef, Paris, 1963.
Motret: *Essai d'explication de deux quatrains de Nostradamus.* Nevers, 1806.
Mouan, L.: *Aperçus littéraires sur César Nostradamus et ses lettres inédites à Peiresc,* Mémoires de l'Académie, tomo X, Aix, 1873. (B.M.A.)
Moult, Thomas-Joseph: "Prophéties perpétuelles, très anciennes et très certaines", *Almanach XVII^e^ Siècle.*
———. *Prophéties perpétuelles,* Éd. des Cahiers Astrologiques, Nice, 1941.
Moura, Jean et Louvet, Paul: *La vie de Nostradamus,* Gallimard, Paris, 1930.
Muraise, Éric: *Du roy perdu à Louis XVII,* Julliard, Paris.
———. *Saint-Rémy de Provence et les secrets de Nostradamus,* Julliard, Paris, 1969.
———. *Histoire et légende du grand monarque,* Les Chemins de l'Impossible, Albin Michel, Paris, 1975.

Necroman, Don: *Comment lire les prophéties de Nostradamus,* Maurice d'Hartoy, Paris, 1933.
Neyral, Georges: *La vraie vie de Michel de Nostredame,* tese em Toulouse, 1951.

Nicoullaud, Charles: *Nostradamus, ses prophéties,* Perrin et C[ie], Paris, 1914.
Nostradamus, César: *Poésies,* por Colomiez, Toulouse, 1606-1608.
———. *L'entrée de la Reine Marie de Médicis en sa ville de Salon,* Jean Tholosan, Aix-en-Provence, 1602.
———. *Histoire et chroniques de Provence,* Simon Rigaud, Lyon, 1614.
Nostradamus, Michel: *Les prophéties de M. Michel Nostradamus.* Principais edições:
Macé Bonhomme, Lyon, 1555;
Antoine du Rosne, Lyon, 1557-1558;
Barbe Régnault, Paris, 1560;
Pierre Rigaud, Lyon, 1566;
Benoist Rigaud, Lyon, 1568; in-oitavo. B.U. Montpellier número 48340;
Charles Roger, Paris, 1569;
Pierre Meunier, Paris, 1589;
Jean Poyet, Lyon, 1600 (B.N.);
Benoist Rigaud, Lyon, 1605;
Pierre Rigaud, Lyon, 1605 (B.N.);
Pierre Rigaud, Lyon, 1610 (B.N.), 1649;
Claude La Rivière, Lyon, 1611;
Vincent Sève, Beaucaire, 1610;
Pierre Chevillot, Troyes, 1611;
Simon Rigaud, Lyon, 1644;
Pierre de Ruau, Troyes, 1649 (B.N.);
Winckermans, Amsterdam, 1657;
Jean Balam, Lyon, 1665;
Jean Ribon, *vis-à-vis la Sainte Chapelle à l'image Saint Louis,* Paris, 1669;
Jean Huguetan, Lyon (século XVII);
Jean Ianson, Amsterdam, 1668;
Jean Besongne, Rouen, 1681;
Besson, Lyon, 1691;
Jean Viret, Lyon, 1697 (B.M.L.);
Lambert-Gentot, *Nouvelles et curieuses prédictions de M. Nostradamus, pour sept ans depuis l'année 1818 jusqu'à à l'année 1824,* Lyon, 1818;
Landriot, Riom, sem data de edição (XIX);
Fac-símile: Éd. Chevillot, 1611, Delarue, Paris;
Éd. d'Amsterdam (1668) por Éd. Adyar, Paris, 1936.
———. *Prognostication nouvelle et prédiction portenteuse pour l'an 1555 composées par Maistre M. Nostradamus,* Jean Brotot, Lyon.
———. *Démonstration d'une comette,* Jean Marcorelle, Lyon, 1571. (B.N.)
———. *Prognostication et prédiction des quatre temps pour 1572,* Melchior Arnoullet, Lyon, 1572. (D.N.)
———. *Prophéties par l'astrologue du très chrétien roy de France et de Madame la Duchesse de Savoye,* F. Arnoullet, Lyon, 1572. (B.N.)
Nostradamus, Michel: *Lettre de Maistre Michel Nostradamus de Salon-de-Craux-en-Provence à la royne, mère du roy,* Benoist Rigaud, Lyon, 1566.
———. *Almanach pour l'an 1573 avec les présages,* Pierre Roux, Avignon, 1562.

———. *Prophétie ou révolution merveilleuse des 4 saisons de l'an.* Michel Jove, Lyon, 1567.
———. *Traité de fardements et confitures,* Antoine Volant, Lyon, 1555.
———. *Paraphrase de C. Galen,* traduzida por Nostradamus, Antoine du Rosne, Lyon, 1557.
———. *Excellent et très utile opuscule de plusieurs exquises receptes.* Benoist Rigaud, Lyon, 1572.
———. *Almanach pour l'an 1567,* Benoist Odo, Lyon.
———. *La grant pronostication nouvelle avec la déclaration ample de 1559,* Jean Brotot, Lyon, 1558.
———. *Prophéties sur Lyon, La France et le monde entier dans les premières années du XX[e] siècle,* cinco fascículos, Lyon, P. Bousset et M. Paquet, 1907-1909.
———. *Almanach des prophéties,* P. N. Jausserand, Lyon, 1871-1872.
———. *Les merveilleuses centuries et prophéties de Nostradamus,* ilustrações em cores de Jean Gradassi, Ed. André Virel, Ed. Artisanales SEFER, oitocentos e oitenta exemplares, Nice, 1961.
———. *Les prophéties de Nostradamus,* texto completo, livro "Club des Champs Élysées", Éd. Baudelaire, Paris, 1967.
———. *Prophéties nouvelles de Michel Nostradamus trouvées dans sa tombe au moment de l'ouverture dans l'Église des Cordeliers de Salon pour 1820, 1821, 1822, 1823, 1824, 1825 et 1826.* Toulon, Imprimerie de Calmen, impressor do Rei, 11, Rue d'Angoulême.
———. *Les prophéties de Nostradamus* (texto completo). "Les cent un chefs d'œuvre du génie humain", Prodifu, 5, Rue du Cog Héron, 75001, Paris.
———. *Les prophéties de Nostradamus,* por conta do autor, por Marc Billerey. Mallefougasse (Alpes de Provence), 1973.
———. Edições não datadas (séculos XVI e XVIII): Antoine Baudraud et Pierre André, Lyon.
Nostredame, Jean (de): *Les vies des plus célèbres et anciens poètes provençaux qui ont fleuri du temps des comtes de Provence,* Basile Bouquet, Lyon, 1575.
Novaye (barão de): *Aujourd'hui et demain,* Paris, 1905.

Pagliani, Coraddo: "Di Nostradamus e idi sue una poco nota iscrizione Liminare torinen", em *Della Rassegna Mensile Municipale,* número 1, Turim, 1934.
Parisot, F.: *Le grand évènement précédé d'un grand prodige,* Typografie des Célestins, Bar-le-Duc, 1873.
Parker, Eugène: *La légende de Nostradamus et sa vie réelle,* Paris, 1923.
Patrian, Carlo: *Nostradamus, le profezie.* Edizioni Méditerranée, Roma, 1978. Via Flaminia, 158.
Pelaprat, Jean-Marie: "Varennes et 1792 sauvent Nostradamus", em *Historia,* número 397 bis, Voyance et Prophéties. Éd. Tallendier, Paris.
Pichon, Jean-Charles: *Nostradamus et le secret des temps,* Les Productions de Paris, 1959.
———. *Nostradamus en clair,* R. Laffont, Paris, 1970.
———. *Le royaume et les prophètes,* R. Laffont, 1963.
Piobb, P. V.: Fac-símile da edição de Amsterdam, Adyar, Paris, 1936.

———. *Le sort de l'Europe d'après la célèbre prophétie des papes de Saint-Malachie, accompagnée de la prophétie d'Orval et de toutes dernières indications de Nostradamus,* Dangles, Paris, 1939.
Privat, Maurice: *1938, année de relèvement.*
———. *1938, année d'échéance.*
———. *1939, année de reprise.* Médicis, Paris, 1938.
———. *Demain, la guerre.*
———. *1940, prédictions mondiales, année de grandeur française.* Éditions Médicis, Paris.
Putzien, Rudolf: *Friede unter Völkern? Die Weissagungen des M. Nostradamus und ihre Bedeutung fürs Atomzeitalter.* Drei Eichen Verlag. H. Kissener, Munique, 1958.

Reed, Clarence: *Great prophecies about the war.* Faber and Faber, Londres, 24, Russell Square, 1941.
Reynaud, Jean-Lucien: "Nostradamus n'a pas menti", conferência, Avray, 1948.
———. "Nostradamus délié", Avray, 1949.
Reynaud-Plense: "Les vraies prophéties de Nostradamus", Salon, 1939.
Robb, Steward: *Nostradamus on Napoléon,* The Oracle Press. Nova York, 1961.
———. *Nostradamus on Napoléon. Hitler and the present crisis.* Ch. Scribner Sons. Nova York, 1941.
———. *Prophecies on world events by Nostradamus,* Nova York, 1961.
Robert, Henry: *The complete prophecies of Nostradamus,* H. Roberts Great Neck, Nova York, 1971. Traduzido para o japonês por Kasuko Daijyo sob a direção de Hideo Uchida. Ed. Tama Tokio, 1975.
Rochetaille, P.: *Prophéties de Nostradamus. La clef des centuries; son application à l'histoire de la Troisième République,* Adyar, 1939.
Roisin, Michel (de): "Ulrich de Mayence, maître de Nostradamus", em *Aesculape,* número 5, 1969, 52.° ano.
———. "Plus fort que Nostradamus: Ulrich de Mayence", em *Constellation,* número 199, novembro de 1964.
Rollet, Pierre: *Interprétation des hiéroglyphes de Horapollo,* Ramoun Bérenguié, Aix-en-Provence, 1968.
Roudene, Alex: *Les Prophéties, vérité ou mensonge,* Mondes Magiques, L'Athanor, Paris, 1976.
Rouellond de la Rouellondière de Chollet: *La prophétie de Rouellond, manuscrit du XVIe siècle,* por Victor Pipeau, livreiro em Beauvais, 1861.
Rouvier, Camille: *Nostradamus,* Marselha, La Savoisienne, 1964.
Ruir, Émile: *Le grand carnage d'après les prophéties de Nostradamus de 1938 a 1947,* Médicis, Paris, 1938.
———. *L'écroulement de l'Europe, d'après les prophéties de Nostradamus,* 1939, Paris.
———. *Nostradamus, ses prophéties, 1948-2023,* Paris, 1948.
———. *Nostradamus. Les proches et derniers évènements,* Médicis, Paris, 1953.
Ruzo, Daniel: *Les derniers jours de l'Apocalypse,* Payot, 1973.

———. *Los últimos días del apocalipsis.* Michel Schultz, número 21, México 4 DF.

Sede, Gérard de: *Les secrets de Nostradamus,* Julliard, Paris, 1969.
Spica-Capela: *La clef des prédictions nostradamiques,* Soirées Astrologiques, 1941.

Tamizey de Larroque: "Les correspondants de Pieresc". *César Nostradamus, lettres inédites écrites de Salon à Peiresc en 1628-1629.* Typographie Marius Olive, Marselha, 1880.
Tarade, Guy: "La clef des centuries de Nostradamus", em *Pégase,* número 3, 1974.
———. *Les dernières prophéties pour l'Occident,* Les Énigmes de l'Univers, Robert Laffont, Paris, 1979.
Torne-Chavigny, H.: Reedição do livro das profecias de Nostradamus, edição de 1862 e aumentada em 1872.
———. *Prospectus: interprétation de 30 quatrains,* 1860.
———. *L'histoire prédite et jugée par Nostradamus,* três volumes, Bordeaux, 1860.
———. Cartazes: quadro da história predita e julgada, 1862.
———. *Prospectus des lettres du grand prophète: interprétation de 20 quatrains.*
———. *Les lettres du grand prophète.*
———. *Henri V à Anvers.*
———. *Nostradamus et l'astrologie.*
———. *Les blancs et les rouges.*
———. *La Salette et Lourdes.*
———. *La mort de Napoléon III.*
———. *Mac-Mahon et Napoléon IV.*
———. *Le roy blanc et la fusion.*
———. *Portraits prophétiques d'après Nostradamus.*
———. *Prophéties dites d'Olivarius et d'Orval.*
———. *L'Apocalypse interprétée par Nostradamus,* 1872.
———. *Almanach du grand prophète Nostradamus pour 1873.*
———. *Nostradamus éclairci ou Nostradamus devant Monseigneur Dupanloup,* Saint-Denis-du-Pin, 1874.
———. *Ce qui sera d'après le grand prophète Nostradamus,* seguido de *L'almanach pour 1878.*
———. *Influence de Nostradamus dans le gouvernement de la France,* 1878.
———. *Concordance de Nostradamus avec l'Apocalypse,* Veuve Dupuy, Bordeaux, 1861.
Touchard, Michel: *Nostradamus,* Grasset, 1972, e Éd. Celt, Histoire des Personnages Mystérieux et des Sociétés Secrètes, Paris, 1972.
Touchard, Michel: "Les prophéties de Michel Nostradamus. Le rêve fou", em *Historia,* fora de coleção, número 34, 1974.
Tronc de Condoulet: *Abrégé de la vie de Nostradamus,* seguido de *Nouvelle découverte de ses quatrains,* J. Adilbert, Aix-en-Provence (B.M.A.)

Van Gerdinge, René: "Le nez de Cléopâtre", em *Messidor,* número 29, Montfavet, Vaucluse.
Verdier (du): *Les vertus de notre Maistre Nostradamus,* Genebra, 1562.

Viaud, Jean: "1999, un tournant dans l'histoire des hommes", em *Constellation,* número 166, fevereiro de 1962.
Videl Laurent: *Déclaration des abus, ignorances et séditions de Michel Nostradamus,* Avignon, 1558.
Vignois, Élisée (du): *Notre histoire racontée à l'avance par Nostradamus,* Paris, 1910.
———. *L'Apocalypse, interprète de la Révolution, d'après Nostradamus,* Noyon, 1911.
Vogel, Cyrille: *Saint Césaire d'Arles,* 1937.
Voldben, A.: *After Nostradamus,* Neville Spearman, Londres, 1973.

Ward, Charles A.: *Oracles of Nostradamus,* Londres, 1891.
Willoquet, Gaston: La *vérite sur Nostradamus,* Éd. Traditionnelles, Paris, 1967.
Winckermans: *Éditions des Centuries,* Amsterdam, 1657.
Woolf, H. I.: *Nostradamus,* Londres, 1944.

Yram: *Prophéties connues et prédictions inédites,* prefácio de Papus, L'Édition d'Art, Paris.

Zevaco, Michel: *Nostradamus* (romance), Fayard, 1909, e Livre de Poche, número 3306.

Sumário

O AUTOR E SUA OBRA

Depois deste livro, o francês Jean-Charles de Fontbrune passou a ser justamente considerado o maior especialista em Nostradamus. Sua formação é filosófica e científica, e seu método de leitura e avaliação dos textos do "profeta" foi todo computadorizado.

Seu interesse pelos estudos nostradâmicos foi despertado no ambiente familiar: seu pai, Max de Fontbrune, médico de renome, era um estudioso de Nostradamus, em várias ocasiões, baseado nas profecias, ele analisou crises políticas e previu seu desfecho. Foi assim, por exemplo, em 1934, quando chocou militares franceses amigos seus, ao anunciar que Franco se tornaria ditador da Espanha.

Mas quem foi Nostradamus? Astrólogo e médico francês (Saint-Rémy-de-Provence, 1503 — Salon, 1566), Michel de Nostre-Dame tinha origem judaica e estudou medicina na cidade de Montpellier. A seguir, passou dez anos numa vida errante e misteriosa, terminando por fixar-se em Salon, próximo de Aix-en-Provence.

Bom médico, auxiliou com êxito o combate a uma epidemia e divulgou seu receituário numa obra intitulada "Fardements" ("Ungüentos"). Dedicou-se às ciências ocultas, baseando-se em conhecimentos que, segundo ele, adquirira em suas viagens anteriores.

Contornando com extrema habilidade os perigos que cercavam a vida dos magos e videntes, freqüentemente queimados em fogueiras como heréticos, divulgou suas profecias em um estilo extremamente simbólico e obscuro, que dava (e que continua a dar) origem a inúmeras interpretações.

Essas profecias, em número de sete, publicadas em 1555 sob o título de "Centuries astrologiques" ("Centúrias astrológicas"), foram posteriormente aumentadas por ele próprio ou por seus imitadores. Uma delas parecia prever a morte de Henrique II, o que lhe trouxe fama e fortuna, em

especial junto à nobreza. Foi médico e conselheiro da Rainha Catarina de Médici, para quem elaborava horóscopos e fazia previsões astrais.

Seu filho, César, foi brilhante pintor e escritor, protegido da corte de Luís XIII; o outro, Miguel, conhecido como o Moço, buscou seguir a carreira do pai, embora os fatos desmentissem com incômoda freqüência suas profecias. Tendo anunciado que a cidade de Pousin (Vivarais), sitiada pelas tropas do rei, seria destruída pelo fogo, tratou ele próprio de incendiá-la para assegurar o cumprimento da sua profecia. Surpreendido durante essa operação, foi preso e morto.